LIVRARIA ACADÉMICA
J. GUEDES DA SILVA
8, R. Mártires da Liberdade, 12
PORTO - PORTUGAL - TELEF. 25988

RB169,542

Presented to the

LIBRARY *of the*

UNIVERSITY OF TORONTO

by

Professor

Ralph G. Stanton

OBRAS ESPIRITUAES

DO ESPIRITUAL, E VENERAUEL PADRE

Fr. ANTONIO DAS CHAGAS,

PRIMEIRO MISSIONARIO APOSTOLICO
Franciſcano neſte Reyno de Portugal, Fundador do Seminario de Varatojo.

PRIMEIRA, E SEGUNDA PARTE

Dedicadas pelo meſmo Author.

A

CHRISTO

CRUCIFICADO.

LISBOA:

Na Officina de FRANCISCO BORGES DE SOUSA.
Anno MDCCLXII.

Com todas as licenças neceſſarias, e Privileg. Real.

OBRAS
ESPIRITUAES
DE
D. ANTONIO DAS CHAGAS.

LISBOA.

DEDICATORIA

DO MESMO VENERAVEL PADRE, consagrando as ſuas Faiſcas a hum Senhor Crucificado.

A QUEM? A quem ſenaõ a Vós, meu Deos, ſe haõ de votar, e offerecer eſtes pedaços da minha Alma, que com a luz da voſſa graça achei perdidos pelo mundo? A quem, ſenaõ a Vós eſtas cinzas do meu coraçaõ, que tiradas do fogo eterno ſobre eſſe Al-

tar da voſſa Cruz, do meu coraçaõ ſaõ holocauſtos, do meu engano ſaõ mementos? A Vós ſómente, meu Senhor, que ſois todas as minhas couſas, como tornaõ ao mar os rios, ſe reduzem eſtas minhas lagrimas, que filhas ſaõ deſſe Oceano. Eſte he o orvalho matutino, que na concha do voſſo peito ſe torna em perolas precioſas; eſtes os ultimos deſpojos, com que das batalhas do mundo trago as inſignias da victoria para trofeo das voſſas Aras. Eſtas as taboas do naufragio, que eſcapadas do mar do ſeculo para memoria do milagre no voſſo Templo dependuro. Eſta he a caſa da Oraçaõ, onde eſſe auxilio me deo Alma, onde a minha Alma ſe fez Ceo, onde huma morte ſe fez vida. Pequena paga, meu Senhor, huma faiſca por hum Ceo, huma lagrima por huma vida, hum ſó gemido por huma Alma! Bem ſei, meu Deos, e Senhor, ſeráõ outra mayor culpa os fumos deſte holocauſto, e deſta offerta a ninharia; porèm que victimas ſe eſperaõ de hum coraçaõ taõ pobre, que ſendo o mundo tudo nada, naõ teve mais que ſer do mundo? Mas ſe a voſſa miſericordia me fez de Vós taõ bem acceito, que muito he, que eu ja preſuma que os meus nadas ſaõ bem viſtos! Naõ olhais Vós os ſacrificios, ſenaõ a tençaõ que ſe offerece, e neſta ninguem tem mais que eu, pois tenho a Vós

cõmigo.

cõmigo. Hoje naõ ſó voſſas piedades haõ de ſer quem ha de acceitar eſtes troços da minha dor, que dos cadaveres da culpa, por ſer triunfos, ſaõ deſtroços: mas tambem quem ha de rever eſtes raſgos da minha penna, que com a tinta dos meus olhos eſcreveraõ as minhas culpas no papel do meu coraçaõ. Revejaõ pois voſſas piedades eſte papel, que de joelhos conſagro hoje a voſſos pés, ponha-ſe nelle a voſſa emenda, donde ſe tirem os meus erros, para que nelles me naõ cegue, e me veja ſempre nella. Primicias ſaõ de huma vontade, que nunca pode ver-ſe livre, ſenaõ depois que a tendes preza: que reviveo onde morre, para ſe morrer, onde ſe vive. Se ainda parecem flores os prantos deſta minha penna, quem duvîda, que dos Altares ſaõ primeiras boninas? Nem eu, meu Deos, tenho outros cravos, que pôr hoje em voſſas maõs; ſe por duras eſtas razoens parecem mais que pedras, eu ja hoje naõ poſſuo outras para joyas do voſſo peito: e ſe parecem ondas precipitadas, eu ja naõ tenho outras correntes, que deite agora a voſſos pés. E ſe eu pudera fazer tanto, que vos pudera fazer ſempre de cada Eſtrella do Ceo mundos, de cada ouçaõ da terra mares, de cada area do mar Ceos, e de todos multiplicados vos fizera tambem, meu Deos, das pedrinhas dos montes

Aras, dos troncos dos boſques Templos, dos ramos das arvores Córos, das folhas das plantas braços, dos atomos do ar coraçoens, dos argueiros da terra olhos, das hervinhas do campo Almas, e das flores do prado vidas: ſe veſtindo-me de todas juntas pudera voar a eſſes Ceos, e lá com todos os ſeus Eſpiritos todo me cobrira de azas, todo me fizera thronos, em hum, ſempre abraço da Alma, naõ houvera dia, nem hora, que com todos vos naõ amara, nem vivera momento, ou atomo, que os naõ occupara comvoſco, nem eſtivera inſtante, ou ponto, que comvoſco me naõ unira. Façaõ pois voſſas benignidades, que ſe edifiquem em minha Alma os muros de Jeruſalem: cayaõ da antiga Babylonia aquellas torres preſumidas, de que for baze o meſmo vento, e fundamento a meſma area. Proſtrados eſtaõ os Coloſſos, ja derrubadas as eſtatuas, e em fim os Idolos cahidos com as armas do deſengano, com os caſtigos da razaõ, com os golpes do eſcarmento. Feri agora, meu Deos, raſgai, Senhor, e meu bem todo, com as armas da voſſa Cruz, ou com o fuzil do voſſo amor, as entranhas deſte penedo taõ rebelde, e empedernido a tantos voſſos merecimentos, pois naõ ſómente dos meus olhos poderáõ aſſim naſcer rios, mas tambem do meu coraçaõ correr hum mar de levaredas.

Tomai

Tomai poſſe de huma Alma voſſa, pois neſſa Cruz tendes o Titulo, nem conſintais, meu Deos, que deixe hoje o meu engano o direito da voſſa graça, pelo aveſſo da minha culpa: a juſtiça do voſſo Sangue, pela trapaça deſte mundo. Naõ quero eu melhor Commenda, que verme com o voſſo Habito, e nem para tomá-lo hoje a peito tirarei outras inquiriçoens, mais que as memorias dos meus peccados: nem farei melhores provanças, que as experiencias dos meus vicios. Aqui proſtrado a voſſos pés, nos incendios do voſſo amor peço que arda eſte papel: naõ peço que mo defendais, rogo-vos ſim que mo emendeis. E ſe, por meu, parecer mal, ſejais bendito, Jeſus, que aſſim fareis hoje que o mundo ſe naõ engane mais cõmigo. Se ſentirem bem do que ha nelle, louvado ſejais, meu Senhor, e conheçaõ todos que, ſendo eu o meſmo erro, naõ conſentirá voſſa Bondade, que em mim ſe louvem voſſas obras. Louvem-vos todas as creaturas, e eu por todas as Eternidades.

A QUEM LER

PROLOGO

DO MESMO VENERAVEL PADRE, que se achou avulso entre os seus papeis.

PEço-te (pio Leytor) pelas Chagas, e Entranhas de meu Senhor Jesu Christo, que primeiro que leas este Livro, te ponhas em memoria de Deos, em cuja presença estás, e a quem na hora da morte, e dia do Juizo has de dar conta estreita de teus peccados, e dos beneficios, dos Sacramentos, e dos auxilios, com que a cada instante te acorda, e te chama para o Ceo por via da penitencia; e cuidando nisto brevemente, faze hum Acto de contriçaõ de todo o coraçaõ.

PROLOGO
AO LEYTOR.

DOu-te a primeira, e ſegunda Parte das Obras Eſpirituaes do Veneravel Padre Fr. Antonio das Chagas, das quaes huma pequena parte andava ja impreſſa em volume muito breve, mas que varias vezes reproduzio a eſtampa por ſatisfazer á devoçaõ. Pequena he entre as aves a abelha, e o ſeu fructo tem no doce o Principado, diz o Eſpirito Santo: *Brevis in volatilibus eſt apis, & initium dulcoris habet fructus illius.* Eccl. 11. Se atégora eſta doçura ſe te dava a matar deſejos, ja agora a lograrás a fartar vontade nos favos deſtes dous Tomos.

Extremis liber auctus umbilicis,
Ex templo in medium ruat coronam,
Et longas hominum eſuritiones
Sua lautitia, famemque paſcat.

Naõ tenho neceſſidade de te encarecer a bondade deſta Obra, como a naõ tem o Sol, e a Lua de teſtimunhas, para crermos que o Sol allumia de dia, e de noite a Lua: a ſua luz he o ſeu interprete: o ſeu eſplendor, ſem outro teſtimunho, lhe baſta para credito, como bem dizia Philo. A linguagem do Veneravel Padre he lingua do ſeu eſpirito, e he gloria da ſua penna. E poſto que nada eſcreveſſe com intento de ſahir á luz, naõ era juſto que, por eu poupar trabalho, comprehendeſſem as trevas tantas luzes ſuas, que vem a ſer illuſtraçoens noſſas.

Acharás neſta primeira, e ſegunda Parte variedade de materias, e tratados; e em todos gravidade, pieda-

piedade, e huma taõ Chriſtaã Filoſofia, que diſſera delles Jacobo Bilio, o que ja diſſe dos de S. Gregorio Nazianzeno : *Omnia gravitatis, pietatis, Philoſophiæque Chriſtianæ plena ſunt : nunc hominis naturam fragilem, & inconſtantem graphicè depingit : nunc ardentiſſimas ad Deum preces mittit : nunc optima, & ſaluberrima vitæ præcepta, regulaſque tradit.* Quanto fructo haja de cauſar eſta liçaõ, quero ſe conheça mais pela experiencia, que pelo meu encarecimento. Lê, aproveita-te, e Deos te guarde. Jacob? Confert. in Leſſ.

LICENÇAS.

DO SANTO OFFICIO.

PO'de-ſe reimprimir o livro, de que ſe trata, e depois voltará conferido para ſe dar licença que corra, ſem a qual naõ correrá. Lisboa 12. de Fevereiro de 1762.

Trigozo. *Lima.*

DO ORDINARIO.

PO'de-ſe reimprimir o livro, que ſe apreſenta, e depois voltará conferido, para ſe dar licença, ſem a qual naõ correrá. Lisboa 14. de Fevereiro de 1762.

Coſta.

DO PAÇO.

QUe ſe poſſa reimprimir, viſtas as licenças do Santo Officio, e do Ordinario, e depois de impreſſo tornará a eſta Meſa para ſe conferir, e taxar, e dar licença para correr. Lisboa 15. de Fevereiro de 1762.

Gomes de Carvalho. *Dr. Velho.* *Caſtello.*

Siqueira. *Affonſeca.* *Caſtro.*

SE-

SEGUNDAS LICENÇAS.

DO SANTO OFFICIO.

PO'de correr. Lisboa 8. de Julho de 1763.

Trigozo. *Mello.* *Thorel.*

DO ORDINARIO.

PO'de correr. Lisboa 8. de Julho de 1763.

D. J. A. de Lacedemonia.

DO DESEMBARGO DO PAÇO.

QUe poſſa correr, e taixaõ em quatrocentos e oitenta reis. Lisboa 13. de Julho de 1763.

Carvalho. *Dr. Velho.* *Affonſeca.* *Pacheco.*

INDEX

DOS LUGARES DA ESCRITURA, E materias, ſobre que ſe diſcorre neſtes Golpes, e Toques.

TRATADO I.

Dos Gemidos Eſpirituaes vertidos de hum pedernal humano a Golpes do Amor Divino.

GOLPE I.

De ſolatione deſolata eſt omnis terra : quia nullus eſt, qui recogitet corde. Jerem. 12. 11.

Como da falta da conſideraçaõ naſce a perdiçaõ do mundo, pag. 1.

GOLPE II.

Aſpexi terram, & vacua erat, & nihil ; & Cœlos, & non erat lux in eis. Jerem. 4. 23.

Como da falta das obrigaçoens dos que preſidem, e enſinaõ, procede a ruina das Almas, p. 7.

GOLPE III.

Viæ Sion lugent, eò quòd non ſint, qui veniant ad ſolemnitatem. Thren. 1. 4.

Os deſcaminhos dos peccadores ſaõ das lagrimas, que vertem os caminhos do Ceo, a cauſa, p. 11.

GOLPE IV.

Omnes declinaverunt, ſimul inutiles facti ſunt : non eſt qui faciat bonum, non eſt uſque ad unum. Pſalm. 13. 3.

A ruina dos eſtados naſce de faltarem a ſuas obrigaçoens cada huns, pag. 14.

GOLPE V.

Nullus eſt, qui agat pœnitentiam ſuper peccato ſuo. Idcirco cadent inter corruentes. Jerem. 8. 6. 12.

De quanto importa a todos fazer penitencia. p. 19.

GOLPE VI.

Væ tibi Corozain, væ tibi Bethſaida : quia ſi in Tyro, & Sidone factæ eſſent virtutes, quæ factæ ſunt in vobis, olim in cilicio, & cinere pœnitentiam egiſſent. Matth. 11. 21.

De quam pouco ſe aproveitaõ os Catholicos dos auxilios Divinos para fazerem penitẽcia. p. 22

GOL-

GOLPE VII.

Quid prodest homini, si universum mundum lucretur, animæ verò suæ detrimentum patiatur? Matth. 16. 26.

A quem perde a gloria, nada aproveita tudo o da vida, p. 26.

GOLPE VIII.

Præterit figura hujus mundi. 1. ad Corinth. 7. 31.

Da variedade, e inconstancia do mundo, e como por isso deve ser desprezado. p. 30.

GOLPE IX.

Veruntamen in imagine pertransit homo: sed & frustra conturbatur. Psal. 38. 7.

Da brevidade, inteireza, e fallencia da nossa vida. p. 33.

GOLPE X.

Veruntamen universa vanitas omnis homo vivens. Psalm. 38. 6.

Que os homens saõ huma universal vaidade, p. 36.

GOLPE XI.

Milvus in Cœlo cognovit tempus suum. Jerem. 8. 7.

Da ingratidaõ, com que os homens pagaõ a Deos á vista das mais creaturas irracionaes, p. 39.

GOLPE XII.

O' insensati Galatæ, quis vos fascinavit non obedire veritati? &c. Galat. 3. 1.

Do descuido, que tem os peccadores em buscar, e servir a Deos, p. 44.

GOLPE XIII.

Juxta est dies perditionis, & adesse festinant tempora. Deuter. 32. 35.

De como os peccadores perdem o tempo ao mesmo passo, que elle lhes vai fugindo. p. 48.

GOLPE XIV.

Si justus vix salvabitur, impius, & peccator ubi parebunt? 1. Petr. 4. 18.

Da ignorante confiança, que tem os peccadores de salvar-se sem penitencia, quando muitos Justos se vieraõ a perder por falta della, p. 52.

GOLPE XV.

Non relinquent in te lapidem super lapidem: eò quòd non cognoveris tempus visitationis tuæ. Luc. 19. 44.

Do peccado da ingratidaõ, e seu castigo. p. 56.

GOLPE XVI.

Lugebit terra, & mœrebunt Cœli. Jerem. 4. 28.

Do sentimento, que naõ só o peccador ha de ter da sua perdiçaõ, mas tambem as creaturas. p. 60.

GOLPE XVII.

Filii hominum usquequò gravi corde, &c. Psalm. 4. 3.

O amor dos homens ao caduco, e terreno, he a queixa de Deos offendido. p. 63.

GOLPE XVIII.

His plagatus sum in domo eorum, qui diligebant me. Zachar. 13. 6.

Quanto sente o Senhor as offensas dos Catholicos, e como

mo as suas queixas saõ para a nossa emenda, p. 67.

GOLPE XIX.

Populus meus, quid feci tibi, aut quid molestus fui tibi? responde mihi, Mich. 6. 3.

Continuaõ as queixas, que dá o Senhor das nossas culpas, por serem ingratidoens a seus beneficios, p. 71.

GOLPE XX.

Excutere de pulvere, consurge, sede Jerusalem, solve vincula colli tui captiva filia Sion. Isai. 52. 2.

Da grande piedade, com que o Senhor convida com sua graça, ainda as Almas dos peccadores mais estragados, p. 74.

GOLPE XXI.

Dixit Dominus: Ex Basan convertam, convertam in profundum maris. Psalm. 67. 23.

Os peccados, ou saõ de fraqueza, ou de ignorancia, ou de obstinaçaõ: os de obstinaçaõ impenitente naõ tem remedio em quanto ella dura, p. 77.

GOLPE XXII.

Derelinquat impius viam suam, & vir iniquus cogitationes suas, & revertatur ad Dominum, & miserebitur ejus, & ad Deum nostrum, quoniam multus est ad ignoscendum. Isai. 55. 7.

Como ha de ser a conversaõ do peccador a Deos, para ser verdadeira, p. 80.

GOLPE XXIII.

Appropinquate Deo, & appropinquabit vobis. Ex Epist. S. Jacob. 4. 8.

Do modo, e brevidade, com que o peccador convertido ha de chegar-se a Deos, p. 85.

GOLPE XXIV.

Videte vocationem vestram fratres; quia non multi sapientes, &c. 1. ad Cor. 1. 26.

Como se haõ de vencer os tres inimigos da Alma com o ter, com o saber, com o poder, &c. p. 92.

GOLPE XXV.

Multi sunt vocati, pauci verò electi. Matth. 20. 16.

Mostraõ-se ao peccador as razoens, porque saõ muitos os chamados por Deos, e poucos os escolhidos, p. 97.

GOLPE XXVI.

Non veni vocare justos, sed peccatores. Marc. 2. 17.

Declaraõ-se os modos, com que Deos está chamando sempre os peccadores, p. 102.

GOLPE XXVII.

Ergo, dum tempus habemus, operemur bonum. Ad Galat. 6. 10.

Como se naõ ha de perder tempo algum em obedecer aos brados, e chamamentos de Deos, &c. p. 107.

GOLPE XXVIII.

Multifariam, multisque modis loquens Deus patribus, &c. Ad Hebr. 1. 1.

Trata-se das muitas maneiras, com que Deos nos enfina a salvar-nos, p. 112.

GOL-

GOLPE XXIX.

Si pœnitentiam egerit gens illa à malo suo, &c. Jerem. 18. 8.

Como ha de ser a nossa emenda da vida para alcançar de Deos a misericordia, p. 115.

GOLPE XXX.

Pœnitentiam agite. Matth. 4. 17

Penitencia verdadeira qual seja, e quanto he necessaria, p. 120.

GOLPE XXXI.

Noli itaque erubescere testimonium Domini nostri. 2. ad Timot. 1. 8.

Como todo o Christaõ se naõ ha de envergonhar de servir a Deos, e ser virtuoso, p. 123.

GOLPE XXXII.

Deum, qui te genuit, dereliquisti, & oblitus es Domini Creatoris tui? Deuter. 32. 18.

Mostra-se como o peccador por hum nada, e menos que nada, desampara, e deixa a Deos, p. 128.

GOLPE XXXIII.

Fallax gratia, & vana est pulchritudo. Proverb. 31. 30.

Trata-se da vaidade, e engano da belleza, e formosura do mundo, p. 133.

GOLPE XXXIV.

Ecce motus magnus factus est in mari, ita ut navicula operiretur fluctibus, ipse verò dormiebat. Matth. 8. 24.

Como no meyo da tempestade dos vicios haõ de recorrer a Deos os peccadores, p. 137.

GOLPE XXXV.

Lapis, qui percusserat statuam, factus est mons magnus, & implevit universam terram. Dan. 2. 35.

Mostra-se como he facil ao peccador o crescer na virtude, se principia a emenda da vida, e a continùa, p. 140.

GOLPE XXXVI.

Qui perseveraverit usque in finem, hic salvus erit. Matth. 10. 22.

Sem perseverança na emenda da vida até o instante da morte, naõ ha salvaçaõ da Alma. p. 145.

TRA-

TRATADO II.

DOS CLAMORES DA TROMBETA DO CEO, inſpirados ao toque das Divinas Eſcrituras.

TOQUE I.

Montes Iſrael audite verbum Domini Dei: hæc dicit Dominus Deus montibus, & collibus, ruinis, & vallibus. Ezech. 6. 3.

Mais facilmente ouvem a Deos as creaturas inſenſiveis, que as racionaes, ſendo peccadoras, p. 147.

TOQUE II.

Omnes converſi ſunt ad curſum ſuum, quaſi equus impetu vadens ad prælium. Jerem. 8. 6.

Trata-ſe da furioſa cegueira, com que os peccadores correm a peccar, e a perder-ſe, p. 151.

TOQUE III.

Multiplicavit Ephraim altaria ad peccandum: facta ſunt ei aræ in delictum. Oſeæ. 8. 11.

Dos peccados dos Beneficiados, e Eccleſiaſticos, p. 154.

TOQUE IV.

Similiter eos, qui exaſperant; qui habitant in ſepulchris. Pſalm. 67. 7.

Dos peccados dos Religioſos, p. 157.

TOQUE V.

Pulvis es, & in pulverem reverteris. Gen. 3. 19.

De quanto importa a lembrança do que ſomos, e do que havemos de ſer, p. 158.

TOQUE VI.

Homo, ſicut fœnum dies ejus; tanquam flos agri, ſic efflorebit. Pſalm. 102. 15.

Conſidera-ſe a vileza do homem, e o pouco que dura a ſua vida, p. 167.

TOQUE VII.

Quid eſt homo, & quæ eſt gratia illius? Eccl. 18. 7.

Vê-ſe o nada que he o homem quanto ao ſer terreno, e immortal, ſem Deos, p. 171

TOQUE VIII.

Homo naſcitur ad laborem, & avis ad volandum. Job. 5. 7.

Trata-ſe do trabalho para que todos naſcemos em caſtigo da primeira culpa, p. 177.

TOQUE IX.

Militia eſt vita hominis ſuper terram. Job. 7. 1.

Da guerra contra os inimigos d'alma, e como ſe ha de fazer, p. 182.

TO-

TOQUE X.

Homo quidam descendebat ab Jerusalem in Jericho, & incidit in latrones, qui etiam despoliaverunt eum: & plagis impositis abierunt semivivo relicto. Luc. 10. 30.

Mostra-se como o declinar da graça de Deos he a total ruina, e qual seja, p. 188.

TOQUE XI.

Mendaces filii hominum in stateris: ut decipiant ipsi de vanitate in idipsum. Psalm. 61. 10.

Trata-se de quanto apreço fazem os peccadores do amor do mundo; e quam pouco estimaõ as cousas do Ceo, p. 193.

TOQUE XII.

Usquequo piger dormies? quando consurges è somno tuo? Prov. 6. 9.

Mostra-se quam perigosa he a dilaçaõ na emẽda da vida, p. 195

TOQUE XIII.

Videns autem Deus quòd multa malitia hominum esset in terra, &c. Genes. 6. 5.

A causa dos castigos de Deos he a continuaçaõ nos peccados, e falta de penitencia, p. 205.

TOQUE XIV.

Vos autem sicut homines moriemini. Psalm. 81. 7.

Trata-se da fragilidade da vida; e como em nascer, e morrer naõ ha entre os humanos differença, p. 210.

TOQUE XV.

Nescit homo finem suum; sed sicut pisces capiuntur hamo, & sicut aves laqueo comprehenduntur, sic capiuntur homines in tempore malo. Eccl. 9. 12.

Da miseravel ignorancia, com que os homẽs peccadores achaõ gosto na sua perdiçaõ, p. 216.

TOQUE XVI.

Sapientia hujus Mundi stultitia est apud Deum. 1. ad Cor. 3. 19.

Toda a sabedoria mundana he a mayor perdiçaõ, e por isso a mayor ignorancia, p. 222.

TOQUE XVII.

Homo nascitur ad laborem, & avis ad volandum. Job. 5. 7.

Mostra se como a vida de qualquer estado he trabalho; e como o trabalho por amor de Deos he regálo, p. 226.

TOQUE XVIII.

Praterit figura hujus Mundi. 1. ad Corinth. 7. 31.

Tudo o do mundo he mentira, engano, e vaidade; p. 230.

TOQUE XIX.

Homo natus de muliere, brevi vivens tempore, &c. Job. 14. 1.

Trata-se da multidaõ de miserias, que fazem a natureza humana vilissima, p. 234.

TOQUE XX.

Homo cùm in honore esset, non intellexit, &c. Psalm. 48. 13.

Mostra-se que cousa saõ as honra do mundo, e quanto cazo se ha de fazer dellas, p. 240.

TRA-

TRATADO III.

Despertador celestial da Alma adormecida na culpa. Pag. 247.

Hora est jam nos de somno surgere. Ad Roman. 13. 11.

INDEX

Do que contêm a segunda Parte deste livro.

VOzes de Deos, com que ferio intimamente as entranhas de hum peccador; e suspiros do mesmo peccador, a que deo nome de Faiscas o V. P. Fr. Antonio das Chagas; e saõ vinte e dous Soliloquios seus, que nos ensinaõ a fallar com Deos, p. 263.

Acto de resignaçaõ, e indifferença na vontade Divina, p. 318.

Varios Actos de Contriçaõ para pedir perdaõ dos peccados, p. 319., & seq.

Oraçaõ ao coraçaõ de Christo, p. 325.

Advertencia para os Missionarios, p. 326.

Via Sacra abbreviada, p. 328.

Exercicio para cada dia em verdadeiro espirito, p. 335.

Duas Oraçoens, que fazia o Veneravel Padre ao deitar, e levãtar da cama, p. 341. e 342.

Soliloquio do mesmo para se afervorar no serviço de Deos, p. 342.

Practicas com Deos nas sequidoës, e securas da Oraçaõ, p. 346.

Luzes espirituaes para encaminhar Almas, p. 348.

Escóla de Christo, e seus exercicios, p. 363.

Escada espiritual por onde chegamos dentro de nós a Sua Divina Mageſtade, p. 368.

Quinze perfeiçoens necessarias a quẽ quizer servir a Deos, p. 371.

Preparaçaõ para cõmũgar, p. 373

Palavras para rebater os demonios nas tentaçoens, p. 376.

Despedida de tudo, p. 377.

Semana Espiritual, p. 379.

Oraçaõ do Padre nosso illustrada, p. 441.

Espelho do espelho, em que se ha de ver a Alma, que quer chegar á perfeita uniaõ de Deos, p. 457.

Similhanças q̃ tem o verdadeiro amor de Deos cõ a morte, p. 459

Sinnes do perfeito amor de Deos, p. 462.

Exercicio de mortificaçaõ para toda a semana, p. 464.

Exercicio breve para a santa Oraçaõ, p. 466.

Oraçaõ para alcançar ardentemente o amor de Deos, p. 468.

Do ultimo fim, e summo Bem, p. 471.

TRA-

TRATADO I.

DOS GEMIDOS ESPIRITUAES VERTIDOS DE HUM PEDERNAL HUMANO a golpes do Amor Divino.

GOLPE I.

Deſolatione deſolata eſt omnis terra, quia nullus eſt qui recogitet corde. Jerem. 11. 12.

Como da falta de conſideraçaõ naſce a perdiçaõ do mundo.

GEMIDO I.

TODO o mundo ſe perde por falta de conſideraçaõ: mas ſe o mayor cuidado dos homens ſe encaminha a que os tenha o mundo em conta de homens de grande conſideraçaõ; ſe toda a vida do homem he huma guerra de diſcurſos; ſe o juizo humano he perpetuo campo de batalhas; e ſe em fim nada obra o homem ſem lho propor o entendimento, por ſer o entendimento huma potencia, que neceſſariamente obra, ja

seja aprehendendo, ja discorrendo, ja julgando: como diz o Espirito Santo por Jeremias, que os homens se perdem, porque naõ consideraõ? Oh mortaes, os que estais em peccado, terrivel cousa he esta, mas verdade sem duvida! Porque, se bem considerardes, que outra cousa saõ as vossas consideraçoens, senaõ falta de consideraçaõ? gastar hum peccador todas as horas do dia, e perder o somno da noite considerando nos creditos da sua ambiçaõ; nas marès da sua fortuna; nas maquinas da sua grandeza; no ruido da sua fama; nas vanglorias da sua honra; nos sonhos da sua vaidade; nas quimèras do seu aggravo; nos idolos do seu interesse; e em fim no seu deleite, que he mentira; na sua gentileza, que he ar; na sua lascivia, que he fogo; na sua fazenda, que he pezo; na sua vida, que he morte; e no seu regálo, que he nada? Que outra cousa he, senaõ falta de considerar, quanto se attreve contra Deos; quanto corrompe sua Ley nos máos usos dos bens da vida, da natureza, e da fortuna, desprezando igualmente os da graça; sem aclarar com a luz da razaõ as sombras da consciencia; sem ver o estado da sua alma, a cegueira do seu coraçaõ, as perturbaçoens do seu espirito; e em fim, sem lembrar-se efficazmente de que ha Deos, para ver, que cazo faz delle, e o que póde esperar por isso na hora da morte, no dia do Juizo, e nos annos eternos?

Ja, se sem damno da sua alma, se cansára cada qual dos homens em augmentar a honra, seguir a fortuna, avultar a fazenda, e dilatar a vida, (que bem se póde fazer em graça) santa cousa fora, pois Deos se serve, de que o mundo se multiplique em seus estados honestos, até que entre tantos, que se perdem, haja alguns, que acabem de encher o numero dos predestinados, para logo se acabar o mundo: mas como ha de ser, senaõ cuidando os homens do mundo, e muitos dos que o naõ parecem, ou deviaõ naõ ser do mundo; nem gastando o tempo mais, que na vida profana, vivem como se a alma se creara só para o corpo; o corpo para os deleites; a fazenda para os vicios; os vicios para a vida, e esta para a vaidade? que falta ha pois mayor para a consideraçaõ, que estas consideraçoens dos homens? Vive o lascivo, e naõ se emenda; o homicida, e naõ se teme; o ambicioso, e naõ se satis-

satisfaz; o vingativo, e naõ se humana; o adultero, e naõ se encobre; o sacrilego, e naõ se turba; o soberbo, e naõ se humilha; o blasfemo, e naõ se refrea; o vaõ, e naõ se desengana: e sabendo todos bastantemente, que naõ saõ caminhos do Ceo a lascivia, a ambiçaõ, a vingança, o homicidio, o adulterio, o sacrilegio, a soberba, a blasfemia, a vaidade, e os outros vicios; irem-se de seu vagar pelas estradas da maldade, correrem taõ precipitados pelos despenhadeiros da culpa; e dormirem a somno solto á sombra da sua morte, entre os riscos da consciencia, entre seus mesmos inimigos; que he, senaõ falta de juizo, lethargo do discurso, e falta de consideraçaõ? Considerar, e naõ considerar o que importa, parece obra do discurso, e he falta de entendimento; parece exercicio da razaõ, e he cegueira do juizo. A consideraçaõ he vista d'alma, ou os olhos saõ o entendimento; se a alma naõ vè o que lhe toca, ou lhe convem, he cega; se olha para o que lhe está bem, ou mal, e o sabe ver, só entaõ se póde dizer que tem vista: se pois a alma naõ vè os seus males, ou naõ póde ver os seus bens, como poderemos dizer que tem vista, ou consideraçaõ?

Naõ cuidaõ os homens dentro na sua alma, que isto se entende na Escritura Sagrada pelo coraçaõ; naõ considerarão com efficacia donde vierão, por onde andaõ, para donde vaõ, e para onde haõ de ir: se isto considerarão os homens, virão, que de Deos vierão, e que de outra parte nenhuma cousa tem; virão, que andaõ pelo caminho da perdiçaõ; que vaõ para os infernos, e que haviaõ de caminhar para o Ceo: se cuidarão nisto, se virão isto os homens, tornarão atraz, arrependerão-se, e considerarão mais em si, mettendo-se por dentro de si; e naõ andarão taõ fóra do mesmo Deos, quanto o andaõ da Ley de Deos: se cuidarão mais em si, virão, que, quanto á alma, está nelles o mesmo Deos, como em imagem sua; e que esta tanto he melhor imagem, e mais parecida com Deos, quãto nas virtudes se conforma mais com o original; e tanto mais fea, e deforme, quanto mais nos viciosos costumes se desemelha: se cuidarão em si quanto ao corpo, virão, que he hum vil, e baixo pó da terra; hum manancial de immundicias; hum compendio de miserias; huma fragilida-

Jerem. supra.

de inſtantanea; huma corrupçaõ perenne; hum cevadouro de bichos, e hum guizado da terra: e quanto á vida, virão, que Deos lha conſerva, e da ſua maõ eſtá pendente; que he hum vapor da terra; hum ſopro do vento; hum fumo aereo, huma nuvem ligeira; huma flor de feno; e huma ſombra fantaſtica, que tendo ſó de certa duraçaõ o preſente inſtante, a cada inſtante eſtá acabando; ſendo para a morte hum ligeiro correyo, que ſem parar de dia, e de noite ſempre caminha: e finalmente ſe cuidaraõ em ſi os homens, quanto ao mundo, que tanto amaõ, virão, que ſendo as ſuas honras vaidade; as ſuas pompas apparencias; as ſuas riquezas inconſtantes; as ſuas vaidades loucuras; as ſuas delicias fel; os ſeus contentamentos pranto; os ſeus divertimentos achaques; os ſeus allivios peſte; e as ſuas conſolaçoens triſteza; como ſeu capital inimigo com continuos enganos os rouba; com hum ſem numero de laços os prende; com hum ſem conto de redes lhes arma; e com huma immenſidade de malicias os perde.

Iſto he o que nos dá a entender o Eſpirito Santo por Jeremias: porèm de naõ cuidarem os homens nada niſto, naſce, que daquelles meyos, que ſe lhes diſpenſaraõ para os uſos da vida, fazem bem-aventurança, ſem lembrar-ſe do fim ultimo para que foraõ creados; e neſte eſquecimento, naſcido daquelle abuſo, ſe perdem. Aquelles rios, que eſquecidos de correr para o mar, ſe derramaõ pelos campos, perdem-ſe a ſi, e mais a elles: aſſim os homens, que devendo correr a Deos com o coraçaõ, o derramaõ pelas creaturas, igualmente ſe perdem: póde o rio tornar a ſer o que era, e muito mais, ſe tornar a ſeu curſo: tambem os homens, ſe tornarem a ſeu Deos, pódem ſer muito melhores que d'antes: mas ah, que ás agoas, que no principio puderaõ tornar-ſe a ſeu centro, a pouco cuſto do refluxo, ou fluxo da natureza, encharcando-ſe pela terra, ſe convertem em lagoas mortas; onde ſe ſomem, ou ſe corrompem viciоſamente entorpecidas as neves, que das entranhas do mar ſe communicaraõ aos valles; e os cryſtaes, com que para unir-ſe ao Oceano, ſe deſentranharaõ os montes!

Simile.

Jerem. ſupra.

Tanto mal faz hum ſó deſcuido da natureza, ou da culpa, que fazendo-ſe vida, o que ſó era inclinaçaõ, ſe muda em

em ſegunda natureza, o que parecia appetite; e acaba coſtume da malicia, o que apenas começou deſvio da razaõ: a pouco cuſto do geito ſe arranca em planta, aquella meſma, que a todo o empenho das forças ſe naõ póde abalar em arvore: o rio, que a pouco cuſto ſe pudera cortar na fonte para naõ chegar a ſer ribeyro, por mais que o cortem junto ao mar, naõ o tiraõ ja de ſer rio: aquelle incendio, que ſe pudera apagar de hum golpe quando começou faiſca, naõ baſtaõ muitos para o diminuir, logo que chegou a ſer chamma: por iſſo, quem deſpreza as couſas pequenas, pouco a pouco ſe vai inclinando para de todo cahir nas grandes: *Qui ſpernit modica, paulatim decidet.* Tudo o que a parede ſe inclina para a ruina, he começá-la; o mais he proſeguî-la, ou padecé-la.

Eccleſ. 16. 1.

Eis aqui em figura, o que ſaõ noſſos deſcuidos na realidade; começa ſe a memoria por hum divertimento a apartar de Deos; affaſta ſe logo o entendimento; alonga-ſe a vontade; ſeguem-na os ſentidos; e pondo a alma todo o ſeu ſentido nas couſas vaãs, e caducas, perde o cuidado das eternas: de que ſe ſegue, que ſuſpendendo-ſe, ou cegando-ſe o homem ſuperior, e a parte racional, ſe precipita a natureza taõ depravada deſde o ventre, para a parte inferior do homem ao animal, e ao ſenſitivo, abraçando aquelles meſmos perigos, de que fugira, ſe os olhos d'alma deſalumbrados naõ cegaraõ pelo ſeu mal, e puderaõ ver o ſeu bem.

Pois, ſe bem conſideramos, quem ſe atrevera a peccar? e ſe peccara, ſe naõ arrependera logo, ſe advertira, ſe conſiderara, quem he o que offende; a quem; porque; de que modo; donde; e quando. Quem? hum ſacco de terra, e de bichos; huma corrupçaõ vivente; hum lodo mais authorizado, porque o Senhor o tomou nas maõs, e lhe deo alentos de vida, dependente do meſmo Deos, naõ ſó nos antes, mas nos agoras, e nos depois. A quem offendeo? a hum Senhor de taõ alta mageſtade, de taõ infinito poder, de taõ grande ſabedoria, immenſidade, formoſura, providencia, e miſericordia; taõ reſpeitado dos Juſtos, taõ louvado dos Santos, dos Anjos taõ adorado, taõ querido dos Serafins, ſervido dos Ceos, e da terra; Senhor univerſal do mundo; e per ſi meſmo taõ amavel, taõ bom, taõ man-

ſo, e taõ amigo, que nos creou de nada; nos ſuſtenta de tudo; nos conſerva por amor, e nos ſervio de graça, redimindo-nos antes que foſſemos; amando-nos ſem merecer-lho; ſoffrendo-nos ſem obrigá-lo; e eſperando-nos ſem pedir-lho. Porque o offende? por hum goſto torpe de brutos, que começa deſalumbramento, continùa cegueira, creſce precipicio, pára ſemſaboria, e acaba condenaçaõ? por hum ponto de honra, que he ar: por hum intereſſe, que he vil: por hum capricho, que he loucura: por hum primor, que he perdiçaõ: por huma paixaõ, que he deſatino: e por tudo o mais que he vaidade. De que modo offende a Deos? com tanta facilidade, e com taõ leve promptidaõ por qualquer ninharia, como ſe fora algum Deos de barro, de quem ſe pudera zombar, e naõ fazer cazo. Aonde o offende? na ſua preſença, pois o temos ſempre á viſta, ou ſejamos bons, ou máos: nos lugares ſagrados, e profanos, aonde ſem pejo, ou eſcrupulo peccamos com taõ grande goſto, e vaidade de offendé-lo, como ſe lhe tiveramos o mayor odio do mundo, e nos importara muito fazer-lhe acintes, e liſongear ao demonio. Quando o offendemos? no tempo, que nos dá para tratar da ſalvaçaõ pelas vias da penitencia; dando-nos de eſpera, quanto nos dá de vida, para que nos emendemos hoje do que erramos hontem.

Quem pois naõ aborrecera o peccar, ſe ſe detivera em cuidar o grande odio, que Deos tem ao peccado, pois a ſeu proprio Filho, a quem amou ſobre tudo quanto ha, naõ perdoou, e caſtigou rigoroſiſſimamente, ſendo a meſma innocencia, por querer tomar ſobre ſi a carga de noſſas culpas? A quem pois ha de perdoar, ſe naõ perdoou a ſeu Filho? Foy caſtigada a innocencia por ſe nos inclinar, e unir; naõ o ſerá a malicia por ſe perverter, e apartar de Deos? Naõ eſcapou a ſaude de noſſas almas; e eſcapará a enfermidade de noſſas vidas? Quem pois naõ tremeria de Deos, ſe lhe ſoára nos ouvidos d'alma cada inſtante aquella trombeta, que póde ouvir-ſe a cada inſtante? Quem ſe naõ mettera por dentro, ſe puzera diante dos olhos a ultima hora da morte, que vem correndo, e póde chegar a cada paſſo? Quem ſe lembrára deſte mundo, ſe ſubira com o penſamento á gloria da Patria Celeſte? Quem naõ vivera como morto, ſe deſcera com o diſcurſo

ás

ás escuras penas do inferno, e se detivera em cuidá-las? Quẽ prezara os dias do seculo, se medira com o tremor os longos annos de tormentos daquella horrenda eternidade? Quem fizera cazo da vida, se estendera os olhos da Fé por aquelles campos eternos, que alegra, e lustra o Sol da graça; e puzera bem o sentido na vileza de huns bens apparentes, donde o que foy, ja naõ he; o que ha de ser, ainda naõ chegou; e o que está sendo, vai passando? Mas que se ha de esperar dos homens, que só ao mundo, e seus enganos entregaõ a sua vontade, a memoria, e entendimento? que se espera mais, que a perdiçaõ? se podendo ser maravilhas da graça pela misericordia por privilegio do discurso; saõ escandalos dos destinos, e injurias da misericordia por condiçaõ da vaidade, esquecimento da razaõ, quedas da graça, e ruina da natureza? ou por melhor dizer, porque anda a razaõ vadia, a discriçaõ vagabunda, e o entẽdimento ocioso: e podendo elle ser o melhor casamenteiro da vontade, a poucos passos do discurso deixa perdé-la pelo mundo, fazendo praça deste cego, toda a corte da profanidade: e por isso brada Jeremias contra a ruina, e perdiçaõ dos homens, nascida do seu esquecimento, e descuido: *Desolatione desolata est omnis terra, quia nullus est, qui recogitet corde.* Jerem. supra.

GOLPE II.

Aspexi terram, & vacua erat, & nihil; & Cœlos, & non erat lux in eis. Jerem. 4. 23.

Como da falta das obrigaçoẽs dos que presidem, e enfinaõ, procede a ruina das almas.

GEMIDO II.

OLhey para a terra, diz Jeremias, e de puro vaã me pareceo nada; pus os olhos nos Ceos, e naõ vi nelles luz: desorte, que de ter-se reduzido a terra ao nada, que dantes tinha sido, era causa a sua vaidade; e de estar o Ceo escurecido, eraõ occasiaõ as suas sombras. Pelas sombras se entendem na Escritura os peccados: *In regione umbræ mortis, id est, in densissima caligine ignorantiæ, & peccatorum*: e pelo nada o mesmo: *Peccatum nihil est*: a terra he figura dos homens do mundo: *Terra pro terra amatoribus fumitur*; o Ceo, dos que fazem

Alap. in Isai. 9. 2 August. tom. 9. tr. 1. in Joann. post med. Hug. Card. in Jerem. 22. 29. Hug. C. myst. in Jerem. hic. La- te S.

Bonav. t. 7. de Eccl. hier. p. 4. c. 4.

fazem vida de eſpirito ; ou ao menos tem eſtado de vida eſpiritual : *Cœlos, id eſt, Clericos, in quibus debent eſſe luminaria vitæ, & ſcientiæ.* Donde ſe ſegue, que da vaidade dos homens mundanos naſcia a ſua culpa; e da culpa dos outros homens Eccleſiaſticos, e Religioſos naſcia tambem o ſeu damno. Mas que razaõ teria o Profeta, quando affirma, que vio a terra, para dizer naõ ſó que era vãa, mas accreſcentar, que era nada ? Oh mortaes ! Oh peccadores! Ser vãa a terra, e ſer nada, naõ he mais, que huma meſma couſa : dizei-me pois, de que eſtais vaõs ? he por ventura de peccar ! como ſe fora para a vaidade o que ſó preſta para o pejo : eſtais ocos acazo das virtudes, que naõ tendes? naõ ter virtudes, e ter vaidade, he ſer inutil, e he ſer nada. Couſa nenhuma, e couſa inutil diſſe Moyſés, que era a terra depois de a haver Deos creado : *Terra autem erat inanis, & vacua* : depois de confeſſar que Deos lhe tinha dado o ſer: affirmou, que o ſeu ſer era hum vaſio, e huma vaidade, que nas couſas creadas naõ admitte a Filoſofia : *Vacua, id eſt, inutilis.* Iſto, que parece contradiçaõ, foy myſterio ; porque até aquelle tempo naõ tinha a terra as virtudes de produzir as flores, e fructos, que ao terceiro dia lhe foraõ dadas: e terra, que naõ tem virtude ; terra, que ſendo vãa, naõ dá fructos ; terra, que he como ſe naõ fora ; terra, que naõ faz couſa bõa, que ha de ſer, ſenaõ couſa vãa, couſa inutil, e hum puro nada ? Por eſta razaõ Jeremias, vendo a terra, lhe chamou vãa; porque ſendo eſta terra os homens, e naõ tendo elles virtudes, em que ſe pudeſſe pôr olhos, eraõ os homens terra inutil; eraõ homens, como ſe naõ foraõ ; e eraõ nada os mayores homens.

Genes. 1. 2.

Ibid. 1.

Hugo C. ibi.

Porèm que a terra foſſe nada, andar : foy obra da vaidade : que eſtiveſſe a terra vaſia ; paſſe : que he falta de virtudes ; mas que nos Ceos naõ viſſe luz ! que viſſe defeitos nos Ceos, que tem por natureza luzir, e por officio allumiar ! eſta ſó he a maravilha : que haja defeitos na terra, que muito he, ſe he taõ groſſeira, taõ varia, deſigual, e baixa ? que haja no mar dezaſſocegos, que muito he, ſe he taõ mudavel, e furioſo ? que tenha o vento liviandades, que admiraçaõ faz, ſe he taõ leve? que tenha o fogo grandes fumos, que eſpanto he, ſe eſtá taõ

taõ alto? mas que o Ceo haja de ter ſombras? que nos Ceos ſe naõ ache luz, ſendo os Ceos as fontes da luz, ſolar da claridade, e mar dos reſplandores? eſte he o mayor eſpanto. Como he poſſivel, que na terra, e nos homens, que amaõ a terra, naõ haja hum mundo de defeitos, ſe nos Ceos, em que ſe figuraõ os Prégadores, e os Prelados, os Miniſtros, os Generaes, os Governadores, homens grandes, os Principes, Reys, e Monarchas: *Cœli, id eſt, Apoſtoli, & Prædicatores: & Cœli, quia alti, & clari, ſignificant ordinem Prælatorum*, ſe naõ acha mais que defeitos; os Ceos, por cuja intelligencia ſe move a maquina do mundo; os Ceos, de cujos movimentos pende a conſervaçaõ do Orbe; os Ceos, por cujas influencias ſe inclinaõ todas as creaturas; os Ceos, por cujo reſplandor ſe governa todo o univerſo, naõ tem luz, que faça ſeu officio, allumiando as ignorancias? naõ tem movimento efficaz, com que perſuada o bom exemplo? tem defeitos naquella luz, que Deos lhes deo para luzir? tem defeitos na claridade, com que devem reſplandecer? tem defeitos no reſplandor, com que haviaõ de allumiar? A luz da verdade, a claridade da doutrina, o reſplandor do exemplo, e as outras luzes da razaõ naõ desfazem, e naõ confundem as ſombras da mentira, as nevoas do engano, a eſcuridade da culpa, e as outras trevas da maldade? Pois que muito he que a terra naõ tenha em que ſe pôr os olhos, nem tenha virtudes, ſe ſem a luz naõ ſe vê nada? que muito he, que tenha faltas, ſenaõ ha ja luz que as aclare, lhas deſcubra, ou lhas emende reprehendendo-as, e caſtigando-as, ou ao menos envergonhando-as? e iſto, porque os Ceos naõ reſplandecem como he juſto; naõ allumiaõ como devem; naõ influem como he razaõ; naõ ſe movem como era bem? deixaõ os Ceos; deixaõ os grandes; os que aconſelhaõ, e reprehendem; os que adminiſtraõ, e governaõ; os que reynaõ, e tudo querem; os que imperaõ, e tudo mandaõ; os que dizem, e pouco obraõ; os que podem, e nada fazem; deixaõ creſcer no mundo as ſombras, cobrir-ſe o Ceo de eſcuridades, imperar na terra a malicia, e reynar em tudo a cegueira, por defeitos de ſeu officio, por faltas da ſua obrigaçaõ, por máo objecto da doutrina, por máo exemplo da peſſoa, por máo uſo das dignidades, e naõ querem dar conta.

Literal. Moral. Hug. C in Pſal. 95. in fin.

conta a Deos, naõ ſó de ſi, mas tambem dos outros? oh engano, oh cegueira, oh miſeria! As fontes da luz vem-ſe eclipſadas; as Eſtrellas todas ſaõ errantes, e por iſſo os tempos ſe turbaõ; os Signos naõ daõ ſinaes de que ſe acabe cedo o mundo, e por iſſo naõ ha juizo; cada qual dos Planetas trata da ſua exaltaçaõ, ainda que de muitos outros ſeja cahida, e detrimento; os aſpectos naõ ſaõ benignos; os curſos naõ ſaõ mui rectos; e em fim os Ceos naõ ſaõ mui ſolidos: pois que ha de dizer o Profeta, ſenaõ, que he nada a vaidade, em que ſe tem tornado a terra, em comparaçaõ da culpa, q̃ tem os Ceos por naõ ter luz?

Para entender que ſe acabava o mundo, baſtou ao grãde Dionyſio Areopagita ver contra a ordem natural apagada em eclipſe eſcuro huma ó das tochas do Ceo; vio veſtir-ſe o dia de noites, porque o Sol naõ fez ſeu officio; vio cobrir-ſe a terra de ſombras, quando eſperava ver-lhes luzes; vio enlutar-ſe o Ceo de trevas, ſendo tempo de reſplandores; naõ o moveo a perſuadir-ſe, que a maquina do mundo eſpirava, o ver em conflicto os elementos; os penedos em pendencia; a terra em tremendos abalos; as ondas contendendo com as nuvens; os mares chocando com os ventos; porque naſcendo eſta guerra da natural antipathia, naõ reparava o Filoſofo na contenda das naturezas, ſenaõ nos defeitos do officio: pois trocado aſſim o governo, a ordem, e a obrigaçaõ, era damno mais infallivel a falta de huma obrigaçaõ, que a batalha de todo o mundo. Se pois o faltar huma ſó tocha do Ceo, era argumento de acabar-ſe, e desfazer-ſe eſta maquina do univerſo; como naõ ſerá argumento, de que ſe acaba todo o mundo moralmente conſiderado; iſto he, todos os homens, ſe deſtes Ceos moralizados, iſto he, dos que governaõ, e enſinaõ, vemos as tochas apagadas, as Eſtrellas cahidas, as luzes mortas, e as eſferas eſcuras? Deſtas eſferas ſupremas vemos o movimento ſem ordem; a muſica ſem conſonancia; a proporçaõ ſem harmonia; a fórma corrupta; os aſpectos ſem influencia: donde com fundamento podemos conſiderar, que com a viſta do eſpirito profetico via Jeremias a terra deſtes tempos desfeita em nada; e os Ceos deſte ſeculo convertidos em trevas: *Aſpexi terram, & vacua erat, & nihil; & Cœlos, & non erat lux in eis.*

In ejus Officio lect. 4. 9. Octobr. in Brev. Rom.

GOL-

GOLPE III.

Viæ Sion lugent, eò quòd non sint, qui veniant ad solemnitatem. Thren. 1. 4.

Os descaminhos dos peccadores saõ das lagrimas, que vertem os caminhos do Ceo, a causa.

GEMIDO III.

CHoraõ as vias de Siaõ, porque naõ ha quem vá por ellas ás festas de Jerusalem: choraõ os caminhos do Ceo, que isto saõ as vias de Siaõ, por naõ haver quem queira ir ás glorias da Celeste Patria; as ruas se vestiraõ de herva; as casas se fizeraõ tumulos, e a Cidade de Deos deserto nesta via de peregrinos; os caminhos choraõ, e naõ choraõ os que caminhaõ; caminhando ja todo o mundo pelas vias da perdiçaõ; a Corte de Deos se fez ermo; as vias do Ceo solidoens; e o mundo todo Babylonia: as estradas da salvaçaõ, que abrio no mundo Jesu Christo, se tornaraõ matas sylvestres; e cheas só de agrestes sylvas, para nenhum saõ ja estrada, para todos saõ aspereza. Esses outros caminhos difficeis, por onde sempre vaõ errando os peregrinos deste seculo, sendo sómente povoados, saõ passagem de todo o mundo.

Intricada a vaidade humana por seus confusos labyrinthos; embrenhado o gosto dos homens entre seus viçosos enredos, e precipitada a razaõ por mil riscos idolatrados, e por tantos erros bemquistos, gostosamente se embaraça, voluntariamente se arroja, e aprazivelmente se perde; como se fora a perdiçaõ suave emprego da caricia; e a cegueira, ancia, e a ruina, doce visco da liberdade.

Chora a Cidade celestial ver ja cahidos os seus muros, derrubadas as suas portas, destruidos seus edificios, e profanados os seus templos: que isto saõ na Igreja de Deos os Doutores, e Prégadores, que se cansaõ mais pela flor, que pelo fructo da doutrina: *Portæ ejus destructæ; id est, Doctores, & Prædicatores; qui dicuntur portæ, eò quòd debent aliis aditum præbere; sed aditus ille destruitur per curiositatem doctrinæ*: isto he, os Prelados, e cabeças dos Estados da Christandade, que tratãõ mais da temporal fortuna, que do augmento espiritual. Glos. in Jerem. supra moral.

Tres vias, dizem os contemplativos que ha para a jornada do Ceo: Purgativa, Illuminativa, e Unitiva: na primeira

meira se purgaõ as almas de todos os males da culpa; na segunda as allumia a graça de Deos para viver sem creaturas; na terceira se desapegaõ totalmente de si, para se unir bem com Deos: chora pois a via Purgativa, porque adoçada a natureza humana com os sabores da malicia, mais quer sentir, e padecer os males, e os sympromas da pena eterna, que beber por huma vez a amargosa purga do desengano: chora a via Illuminativa, porque os homens cegos pelo engano do mundo, naõ soffrem, que lhes fira os olhos o Sol da graça, querendo mais ser aves nocturnas neste valle escuro de lagrimas, que aguias da fé no mayor imperio das luzes: chora a via Unitiva, porque se desataõ as almas tanto dos vinculos do amor de Deos, que he sua origem, e seu fim, que chegaõ a gloriar-se em desunir-se, e separar-se desta suavissima uniaõ, por se prenderem sómente em huns laços torpes, que hoje saõ cadêas, á manhaã morte, o outro dia inferno: eis-aqui como as vias, e caminhos do Ceo choraõ; e o Senhor por todas as vias.

As vias, ou caminhos do Ceo, dizem os Doutores sagrados que saõ as virtudes: *Via Sion, virtutes, scilicet, ad supremam Jerusalem ducentes.* Gloss. sup. moral. David dizia, que eraõ duas, a misericordia, e a verdade: *Universæ viæ Domini misericordia, & veritas*: e em outra parte, que era a Ley de Deos: *Viam mandatorum tuorum.* Daniel de todas fez huma, que eraõ os juizos de Deos: *Omnes viæ ejus, judicia*: e o mesmo Senhor por S. Joaõ tambem nos disse, que elle mesmo era via: *Ego sum via.* Se pois as vias de Siaõ, e as vias do Ceo, que choraõ, saõ as virtudes, a verdade, a misericordia, a Ley de Deos, os seus juizos, e juntamente o mesmo Christo; segue-se infallivelmente, que choraõ as virtudes, a verdade, a misericordia, a Ley de Deos, os seus juizos, e o mesmo Christo finalmente: choraõ as virtudes, porque se andaõ rindo os vicios: chora a verdade, porque se idolatra a mentira: chora a misericordia, porque se exaspera a justiça: choraõ os juizos de Deos, porque os naõ teme a ignorancia? chora a Ley de Deos, porque encerrando-se toda no amor Divino, e do proximo, põem os homens o amor de Deos no mundo, e o do proximo em si mesmos: chora finalmente Christo, porque o deixaõ os pecca-

Psal. 24. 10. Psalm. 118. 32. Daniel. 4. 34. Joan. 14. 6.

peccadores pelo demonio; e sendo via taõ segura, lhe fogem por tantos desvios, seguindo os asperos caminhos, e os descaminhos escabrosos, da perdiçaõ, e da vaidade. O' mortaes, ó peccadores, naõ engeitados da misericordia, senaõ filhos da perdiçaõ; naõ espurios da Ley de Deos, porèm bastardos do Evangelho; naõ degradados da Igreja, mas desnaturalizados de Deos; naõ bandidos da Fé Catholica; porèm foragidos da graça, seara sempre do Senhor, mas zizania do seu trigo; esteril campo do seu verbo, com tudo sempre semeado; hervas, e arvores agrestes, mas regadas de suas nuvens; que fazeis, que naõ dais huma hora, a quem vos dá todos os dias? porque lhe naõ respondeis hum dia, se ha tantos annos, que vos chama? abrio-vos em suas entranhas as vias da misericordia, e quereis em odio de Deos, ser prova da sua justiça, só por dardes gosto ao demonio? Pelas vias do vosso engano caliginosas, e confusas; pelas estradas da malicia; pelos barrancos da cegueira; pelas veredas arriscadas de huma ignorancia empedernida, vos affastais, os que sois sabios, os que sois grandes, e entendidos, dos atalhos da salvaçaõ das vias da sabedoria, e dos caminhos da prudencia? Chora Deos amarguissimamente a vossa perdiçaõ: *Cum clamore valido, & lacrymis*; e naõ chorais a sua offensa? Manda que todos seus Ministros vaõ pelas estradas do mundo a buscar coixos, e aleijados; a persuadir surdos, e mudos; a encaminhar cegos, e enfermos para o convite celestial da eterna Bemaventurança: *Pauperes, ac debiles; cœcos, & claudos, &c.*, e vós teimosos, e obstinados, sem lhe quererdes pedir mesa, vos ides a torrar nas eternas fogueiras? Aonde está o voso aviso, se entre os horrores do castigo, e entre os tremores do peccado todavia quereis correr pelo escandalo das virtudes, com desprezo da Ley de Deos, com aggravo dos seus juizos, com queixas da misericordia, com indignaçaõ da justiça, e com injuria da verdade!

AdHebr. 5. 7.

Luc. 14. 21.

Bradaõ as lagrimas de Christo; grita o silencio da verdade; troaõ os eccos do juizo; lamentaõ os prantos da misericordia; retumba ó duro açoute da justiça; e clama a execuçaõ da Ley de Deos; e nada disto vos faz móssa nesses espiritos de marmore? naõ se move, nem se estremece a rocha viva desses peitos? naõ se derre-

AdHebr. 5. 7.

derrete, nem desfaz o duro bronze deſſas entranhas? naõ ſe arrancaõ ainda as raizes da cana vãa de voſſas almas, com que naõ ha deſapegar-vos da terra, onde eſtais mettidos? Impoſſivel he naõ chorar, e ſentir as culpas neſte ſeculo, ou no outro: donde pois iremos parar, ſe antes de chorar noſſas culpas arrependendo-nos agora, nos fizer entrar em juizo, quem nos póde tirar a vida, e dar-nos cada inſtante a morte! Naõ he melhor neſte deſterro, que he para nós valle de lagrimas, chorar a pena temporal, que lá no carcere do inferno, no theatro da eternidade padecermos a eterna morte, e em fim chorarmos para ſempre? Oh, pois, peregrinos do mundo, ſede hoje os ſeus deſenganados! porque ſe eſte valle deſconhecido tantas vezes vos enganou com as primaveras da vida, naõ he razaõ que até o ultimo valle, que achareis no outono da morte, vades cultivando os enganos, para recolher os caſtigos: e deſta ſorte ceſſaráõ de chorar contra vós os caminhos do Ceo, que atégora lamentaõ os voſſos deſcaminhos: *Viæ Sion lugent, &c.*

GOLPE IV.

Omnes declinaverunt, ſimul inutiles facti ſunt: non eſt, qui faciat bonum, non eſt uſque ad unum. Pſ. 13. 3.

A ruina dos eſtados naſce de faltarem a ſuas obrigaçoens cada huns.

GEMIDO IV.

MAs ay, que todos declinaraõ, e ſe perverteraõ! os máos, fazendo-ſe peyores; os bons, tornando-ſe máos; e os melhores, naõ ſendo taõ bons: vive o Chriſtaõ como idolatra; o Frade, como o ſecular; o Eccleſiaſtico, como o mundano; tal como o povo, o Sacerdote; tal como o mundano o Religioſo; tal o Chriſtaõ, como o Gentio. Que faz o Gentio, mais que adorar os ſeus idolos em affronta da Ley de Deos? Que faz o Chriſtaõ, mais que affrontar a Ley de Deos, fazendo de ſeus goſtos, idolos? Que faz o mundano, mais que amar os bens da terra, como ſe naõ houvera Ceo? Que faz o Eccleſiaſtico, mais que eſquecer-ſe do Ceo, tratando ſó dos bens da terra? Que faz o ſecular, mais que edificar para o ſeculo, e arruinar para a eterni-

eternidade? E que faz o Religioso, mais que fugir do eterno bem, por buscar as glorias do seculo, confundindo-se naquella, e acabando de arruinar este? Devia o secular lembrar-se de Deos huma hora, quando naõ fosse o mais do dia, porque era ser Christaõ: devia o Ecclesiastico empregar-se em Deos todo o dia, quando naõ fosse toda a noite, e isto era ser Ecclesiastico: devia o Religioso vagar para Deos noite, e dia, sem perder hora, nem ponto, que isto era ser Religioso; porque o Religioso, logo que o foy, devia morrer para o mundo; porque devia o Ecclesiastico, tanto que o chegou a ser, viver só para Deos; porque devia, ainda que o fosse, naõ vagar só para o demonio: mas que ha de ser, se estes, como cavallo sem freyo: *Omnes conversi sunt ad cursum suum, quasi equus impetu vadens ad prælium*; aquelles, como náo sem leme; e os outros, como cego sem guia, correm ao precipicio, buscaõ o naufragio, e seguem o desalumbramento?

Jerem. 8. 6.

Todos adoraõ o interesse, todos cortejaõ a maldade; todos idolatraõ o vicio: desde o sceptro até o cajado; da purpura, até o burel; da tiara, até o barrete, naõ só se empeyoraraõ os máos; naõ só se perverteraõ os bons; mas, ah, que declinaraõ até os melhores! *Conjuraſſe contra te, Domine, videtur univerſitas populi Chriſtiani à minimo uſque ad maximum.* Todos se fizeraõ peyores; porque o secular zomba da vida de Christaõ, e contenta-se com o nome; o Ecclesiastico busca na Igreja a dignidade, e naõ a santificaçaõ; quer a prebenda, e naõ a santidade; o Religioso busca no habito a Commenda, e naõ a Cruz de Christo; quer o titulo, e naõ a Cruz; e titulos sem Cruz seraõ letras, mas naõ passaõ de rotulos: prebendas sem santidade seraõ fartura, mas naõ bens da Igreja: Fé sem obras será carta de crença, mas naõ carta de seguro; será credito, mas naõ salvaçaõ.

S. Bern. tom. 1. Serm. 1. in Cóv. S. Pauli in med.

Oh lastima! oh miseria! que o gentio, o secular, e o mundano, sem ter razaõ, tenhaõ desculpa nos vicios, que tem o Christaõ, na vida, que faz o Ecclesiastico; no exemplo máo, que dá o Religioso! David, sendo secular, porque considerava, trazia a eternidade na memoria: o Publicano, sendo homem do mundo, porque confessou sua culpa, sahio justificado do templo: Seneca, sendo Gentio, porque

Psalm. 76. 6. Luc. 18. 14. Senec. epist. 71.

que conheceo a brevidade da vida, todo seu estudo punha, e toda sua vontade em vir a ter a melhor morte: se pois hum Gentio prega desenganos, quando se engana hum Christaõ; se hum mundano busca a Deos no Templo, quando tantos Ecclesiasticos se esquecem delle; se hum secular cuida na eternidade, que tantos Religiosos perdem, por naõ querer perder o tempo; como se dirá só, que todos declinaraõ, senaõ que se perverteraõ? Duvidaõ algũs se se salvou este Gentio; e naõ se duvida, de que se perdem muitos Christaõs: sabe-se, que se salvou aquelle mundano; e sabe-se que muitos Ecclesiasticos se perdem: coroou se no Ceo aquelle secular; e oh desventura! saber de certo, que se condenaõ muitos Religiosos, que se coroaraõ no mundo.

Fizeraõ-se juntamente inuteis: porque o Religioso naõ aproveitou ao secular com o seu retiro; porque o Ecclesiastico danou aos outros com o seu exemplo; porque o secular naõ estudou pelo seu engano; e podendo o secular prestar ao menos para si, o Ecclesiastico para os outros, e o Religioso para todos; todos se fizeraõ inuteis; naõ prestando para os outros, nem para si, nem para Deos; porque enganos mal conhecidos, saõ venenos idolatrados; exemplos escandalosos saõ peste authorizada; retiros sem santidade saõ medicinas sem virtude; saõ como luz sem calor, que naõ póde desfazer nevoas; saõ como chuva de pedra, que em vez de aproveitar, dana; saõ como flores rusticas, que em lugar de cheirar bem, cheiraõ mal: homens nescios, vede, que todos estamos feitos espectaculo dos Anjos, e dos homens: se os que sois Religiosos, danais com o exemplo a doutrina, de que importa ter lingua de ouro, e coraçaõ de chumbo? Se os que sois Ecclesiasticos, naõ tendes nos entendimentos, o que mostrais nos vestidos, que vos aproveita a tonsura, se andais mentindo a dignidade? Se os que sois Christaõs, desmentis nas vidas o que prometteis na ley, de que vos val o nome, se o infamaõ as obras? Inuteis saõ todas as obras daquelles, que estaõ em culpa, como diz a Sabedoria Divina: *Inutilia opera eorum*: por isso mandou o Senhor, que nas trevas exteriores fossem deitados os inuteis: *Inutilem servum ejicite in tenebras exteriores*. Inuteis saõ os peccadores, porque naõ fazem

Sap. 3. 11.

Matth. 25. 30.

fazem couſa bõa : ſer inutil, he naõ preſtar, naõ preſtar he viver em vaõ; por iſſo ſaõ vaõs os inuteis, e em fim peccadores, pois naõ preſtando para couſa alguma a Deos, a ſi, ou ao proximo, todos crem que tem grandes preſtimos nas vaidades deſte mundo: por iſſo naõ ſobem ao monte da ſuperior Jeruſalem, porque tem recebido em vaõ os favores, que Deos lhes fez; huns, cegos da ſombra da noite, que tal he do mundo a cegueira; outros dormindo a manhaã toda na cama do deſcuido humano; outros fazendo lhe mal o demonio domeyo dia; tal he a fragil preſumpçaõ da vangloria eſpiritual, ou do temporal luzimento; pois raro ſerá, ou nenhum, aquelle que chegue ao zenith do mayor orbe da fortuna, ou da alta eſfera do eſpirito, que com razaõ poſſa affirmar que vive ſem algum peccado.

O' Chriſtaõs, que viveis no ſeculo, todos ſois membros de Chriſto; mas ſe todos eſtais corruptos, affiſtulados, e leproſos, que vos importa que a cabeça, e coraçaõ eſtejaõ livres deſſes contagios, e venenos; ſe he força, que vos corte, e queime o meſmo, que vos conſervava? Edificio ſois de Jeſu Chriſto; fea couſa pareceria continuar com pedras toſcas aquella obra ſublime, fundada ſobre diamantes: ſe ainda aſſim foreis pedras, pudera ſer, que naõ cahireis; mas ſe ſois arêa ſem cal; ſe em fim ſois barro, e terra ſolta, como chegareis ſem ruina ao remate daquelles timbres, com que eſta obra ſe coroa?

O' Varoens Eccleſiaſticos, todos ſois ſagrados, e por taes vos reverenceyo; mas ſe nos templos conſagrados, e nas aras de Jeſu Chriſto viramos os vultos, e os idolos, que adorou a gentilidade, que taes ficaraõ eſtes templos! Vede, pois, dentro de voſſas almas, que tambem ſaõ templos de Deos, ſe fazeis ainda ſacrificios ás apocrifas divindades dos profanos goſtos do mundo, e á ſeus falſos, e vaõs deleites; e ſe nas aras de voſſos coraçoens he ainda adorado o infernal idolo da culpa.

O' Religioens, todas ſois Santas, e por taes vos amo, e venero: naſceſtes fontes, fizeſtes-vos rios; parece que vos engrandeceſtes: Mas ah que quanto na apparencia creceſtes, na ſubſtancia declinaſtes! naſceſtes quaſi todas nas ſolidoens, e deſertos; ſervio-vos de berço o ſepulcro, porque naſceſtes pelas covas: aquellas brenhas, e eſpeſſuras, que, apartadas do trato humano, eraõ mais aſperas, e agreſtes; foraõ a voſſa companhia; cada folha das voſſas arvores, que para o Ceo ſe levantava,

tava, era hum livro mui dilatado da celeſte Sabedoria para o diſcurſo, e para as ancias, com que a voſſa corrente pura ſe arrebatava para o centro, para o ſeu fim, e ſua origem: as mais groſſeiras penedias, que eraõ voſſo hoſpicio muito apenas, apenas vos davaõ ſufficiente paſſo: porèm agora para os voſſos paſſos naõ baſta ja todo eſſe campo de batalha para o ſocego, e quaſi eſteril para o fructo: as Cidades, e ſeus contornos ſaõ ja eſtreitos orbes para a ſede de voſſas agoas. que ambicioſas de ſerem mares, ſem darem as coſtas á terra, buſcaõ hoje no mundo as melhores barras: foſtes fontes, hoje ſois rios: ereis ribeiros, e ja ſois pégos: quem ſe mettia entaõ na fonte, lavava ſe de ſuas manchas; quem ſe mette agora no pégo, arriſcado vai a affogar-ſe: pobres corrieis algum tempo, porèm alegres, e aprazivèis mendigaveis por eſſes campos beijando as plantas deſſes boſques, a cuja ſombra entaõ vivieis, corrieis claras, e riſonhas; e até o voſſo murmurar era delicia dos penedos, e das aves, que vos ouviaõ; hoje riós, e caudaloſos com o cryſtal, e prata falſa dos que vos turvaõ mais que augmentaõ, deſagoando em vós ſeus tormentos; ides triſtonhos, e ſombrios; ſendo horror, e melancolia naõ ſó dos valles, mas até dos montes ſoberbos: a todos ſervieis de eſpelho; agora ſervis de eſpanto, quando lhe naõ ſirvais de ſuſto: nada vos tem eſcurecido mais, que eſtardes neſſas alturas, ſem quererdes chegar ao baixo, com que a humildade vos reprehende, e com que a vós vos cauſaõ medo voſſas proprias profundidades: todos ſei que ides para o Ceo, como os rios para o mar; mas ay, quanta agoa ſe vos ſome, e vos fica como empoçada pelos braços deſſas montanhas, pelos ſeyos deſſas campinas; pelas lojas deſſas caſas, quando fóra da mãy correis; e pelo occulto deſſes valles!

Deixai pois ja os embaraços com que ſe embarga o voſſo curſo, com que ſe alteraõ voſſas ondas, e ſe turvaõ voſſas correntes: inclinai-vos, e naõ declineis do caminho, que começaſtes, ſe nelle tendes precipicios, eſſes podem adiantar-vos, ſe ahi quizerdes abater-vos: naõ ſejaõ mais pégos ſem fundo eſſes theſouros cryſtallinos, podendo eſtar hoje areados do menos, que nos põem á margem: chegai-vos todas para o mar, ſeparadas das ſalobras agoas deſſes valles, e das immundas correntes deſſas ruas, e naõ queirais mais ter nome, ſe podeis ter uniaõ: naõ ſe diga que nenhum ſó ha entre tantos, que hoje correm com recto, e puro movi-

movimento: fiquem no seculo os do seculo: venerem o mundo os do mundo, quando naõ queiraõ melhorar se: naõ valha embora a immunidade aos que á Igreja se acolheraõ, se lhe profanaõ o sagrado; mas naõ vivaõ como no mundo, os que professaõ vida celeste; os que da terra fazem Ceo; e os que em fim devem ser espiritos, para que o mundo se edifique, para que a Igreja se sustente, e para que no Ceo se triunfe.

Torne cada estado ao estado de que declinou: se a declinaçaõ a todos fez inuteis, pare a declinaçaõ, e logo as utilidades seraõ muitas; porque seraõ muitas as bõas obras, de cuja falta se queixa o Espirito Santo por David: *Omnes declinaverunt, simul inutiles facti sunt, &c.*

GOLPE V.

Nullus est qui agat pœnitentiam super peccato suo, &c. Idcirco cadent inter corruentes.
Jerem. 8. 6. & 12.

De quanto importa a todos fazer penitencia.

GEMIDO V.

TOdos os homens, que cahem em alguns dos males, a que está sujeita a mortalidade da humana vida, acodem logo aos Medicos, ou aos remedios, por naõ deixar froxamente arruinar este vivente edificio, a cuja conservaçaõ intrinsecamente se inclina, e os persuade a natureza: todos os que entraõ a convalescer, cada dia fazem por dar mais hum passo, com que a saude se melhore; até que, esforçando se pouco a pouco, se chegaõ a fazer robustos: só nas doenças d'alma naõ ha quem busque a Deos, que he o Medico; nem a penitencia, que he a cura: só nas convalescenças do espirito naõ ha quem faça cousa alguma por ir melhorando na emenda; dando cada dia algum passo nos exercicios das virtudes; deixando se assim perecer nas enfermidades da culpa, naõ querendo convalescer, nem levantar se do peccado, em que mortalmente cahiraõ: todos abraçaõ o perigo de huma penosa eternidade; nenhum se cansa, ou affadiga por se livrar da eterna morte; como se fora digna de mayor estimaçaõ a enfermidade, que o remedio: taõ entrevados estaõ todos na ignorancia, ou na malicia, ou na humana fragilidade, que naõ ha hoje quem se atreva a dar hum passo para Deos por cobrar a saude d'alma: tudo he cahir, e perecer; e se da cama do peccado succede levantar-se algum, vemos que torna a recahir.

Almas Christaãs, que he isto

to? para qualquer accidente, para huma febre maligna, e para menos que febre, tantos cuidados, e fadigas, tantos paſſos, tantos diſpendios? e para a alma, que morre á falta de hum deſengano, que he balſamo; de hum jejum, que he dieta; de humas lagrimas, ou ſuſpiros, que he ſangria; de hum cilicio, que he defenſivo; de hum exame de conſciencia, que he xarope; de huma inteira confiſſaõ, que he purga, entregais de todo o coraçaõ ás febres da culpa, á modorra do deſcuido, aos ſymptomas da malicia, aos erpes da obſtinaçaõ, e as almas ao inferno? A cada inſtante perguntais nos latidos do pulſo á natureza o ſeu eſtado; e á conſciencia, que he pulſo d'alma, dando vos tantos latidos, quantos ſaõ ſeus remorſos, naõ quereis ouvir-lhe os clamores, que entre mortaes intercadencias, e entre mudos deſaſſocegos ſaõ gritos, com que a alma brada, e ays, com que o eſpirito geme, e lamenta a ſua eterna morte? Temeis a morte temporal, ſenaõ acudis depreſſa aos males do corpo; e naõ temeis a morte eterna, naõ acudindo aos males d'alma? Que he iſto, ſenaõ eſtares entregues ao lethargo de voſſos vicios; ſenaõ haver-ſe acabado em todos com o temor de Deos o horror do inferno? Que he, ſenaõ eſtarem todas as potencias alheas, ou amortecidas as operaçoens da razaõ; e faltar ja ao coraçaõ aquelles ſeus vitaes eſpiritos, por naõ terdes nada de eſpirito, e haver-vos todos feito carne? Pois deſenganai-vos, mortaes; porque, como diſſe o Senhor, ſe naõ fizerdes penitencia, para ſempre perecereis: *Niſi pœnitentiam habueritis, &c.* Luc. 13. 3.

Parece lhes aos peccadores, que lhes baſta a devoçaõ de hũ Santo, que por ſeus merecimentos, ſem cançar ſe com penitencias, ſe poderaõ ſalvar: ó mortaes, nenhum de todos os Santos por todos ſeus merecimentos vos póde dar a ſalvaçaõ, ſenaõ fizerdes penitencia. O meſmo Deos, ó homens, que de nada vos creou, ſem fazerdes alguma couſa da voſſa parte, naõ vos ha de ſalvar, ſem que da voſſa parte façais alguma couſa. Enfermidade d'alma he o peccado, de que a penitencia he remedio, ou para melhor dizer, morte, ſendo mortal a culpa, de que a alma reſuſcita ſó por milagre da penitencia: ſe he aſpero o remedio, vede qual ſerá a enfermidade? ſe penoſo o convaleſcer, que tal ſerá o recahir! ſe he cuſtoſo o reſuſcitar, que ſerá o perecer de todo!

Nenhum outro livramento tem, os que ſaõ grandes peccadores, mais que confeſſar a culpa;

pa: nenhum outro meyo tem eſtes criminoſos para eſcapar do carcere infernal, ſenaõ correr ſeu livramento com a carta de ſeguro confeſſativa da penitencia; com defeza na propria fragilidade, e na miſericordia de Deos: os que ſaõ bons, e os que ſaõ máos mataraõ ao Filho de Deos: *Omnes enim peccaverunt*: andamos todos auſentes, foragidos, e homiziados pelo deſerto deſte mundo, eſtaõ as culpas em aberto; e ha de colher nos Deos ás maõs, quando naõ queira neſta vida, na ultima hora da morte; naõ podemos livrar nos no tribunal de ſua juſtiça, ſem que a ſua miſericordia nos dê o perdaõ: ſe pois naõ rogarmos á miſericordia neſta vida, dizendo lhe a noſſa miſeria, ſenaõ ſómente a deſprezamos, mas nos gloriamos de offendé la; que havemos de eſperar depois? Carceres ſaõ os noſſos corpos aonde eſtaõ prezas noſſas almas; ſe do carcere ninguem ſahe, ſenaõ a juſtiçar, ſem dar ſatisfaçaõ a todos os crimes, que conta daremos nós a Deos, de eſtar no carcere toda a vida, naõ ſó dormindo com o livramento, mas multiplicando os crimes, e affrontas contra quem infallivelmente nos ha de ſentenciar a final ſem appellaçaõ nem aggravo? Que doudice pois ha mayor, que eſtarmos prezos em nós meſmos, e naõ ceſſarmos de offender a Juſtiça Divina, que de nós ſe ha de vingar!

Rom. 3. 23

Que fazemos pois, ó peccadores? nada fazemos, ſe penitencia naõ fazemos: todos devemos fazé-la, e nenhum ſe deve izentar: devem os Santos fazé-la; porque muito Santo era o Bautiſta, e ainda que viveo ſem culpa, naõ viveo ſem penitencia: devem fazé-la os Religioſos; pois Religioſo era hum S. Paulo, hum Santo Antaõ, e Hilariaõ, e fizeraõ aſpera penitencia: devem fazé la os Eccleſiaſticos, cuja cabeça era S. Pedro, e fez penitencia amargoſa: devem fazé-la os Reys poderoſos; porque grande, e poderoſo Rey era David, e fez mui larga penitencia: devem fazé-la os Generaes, e os ſoldados mais valoroſos; pois taes eraõ os Machabeos, e armavaõ ſe com os cilicios: devẽ fazé-la os mais perverſos, e os mayores inimigos de Deos; pois ſeu inimigo era Saulo, e fé lo a penitencia Apoſtolo, mediante o favor de Deos: devem as mulheres mais regaladas fazè-la, principalmente as mais perdidas; pois tal foy a Magdalena, e Santa Maria Egypciaca, e foraõ paſmo, maravilha, e admiraçaõ dos penitentes: todos eſtes chegaraõ a ſer Santos, e Santos da mayor eſfera, havendo ſido peccadores, por fazer penitencia publica, ainda que pareceſſe

eſcondida, e retirada pelas covas, com que os ermos os ſepultavaõ: e vós naõ a fazendo occulta dentro de vós, e em voſſas caſas, quereis ſalva vos, ſendo peccadores?

Deſcobriraõ ſe na Paleſtina os ſegredos mais eſcondidos nos occultos ſeyos da terra, cheyos de homens, que como troncos ſe expunhaõ deſpidos ao deſabrigo do rigor aſpero dostempos:encerravaõ ſe na aſpereza das vaſtas ſolidoens do Egypto, naõ ſó homens, mas mulheres, que depondo a fraqueza humana, e os reparos cõmuns da vida, pareciaõ pedras com alma,ou cadaveres com eſpirito: para enternecerem a Deos ſe empederniaõ contra ſi; poſtos em campo contra o mũdo, fazendo ſempre guerra á carne; e dando batalha ao demonio, faziaõ deſapparecer eſte em medos, aquella em eſpiritos, e o outro em pó, e cinza; e vós mettidos pelo mundo,atados nas prizoens da carne, e abraçados com o demonio, andais mui ledos, e correntes, parecendo-vos que baſta huma hora para alcançar a ſalvaçaõ, peitando a juſtiça deDeos com pedir lhe miſericordia?Homens cegos: homens ſem luz: como quereis que Deos vos ouça,que vos crea,que vos acuda no voſſo ultimo quartel, na voſſa derradeira hora, e no voſſo final ſuſpiro, ſe buſcando vos tantas vezes, ſe rogando vos tantos annos, ſe eſperando-vos tantos tempos, deſprezaſtes, e engeitaſtes a ſua miſericordia zombando de ſua juſtiça? O' mortaes, a penitencia naõ mata ſenaõ culpas: o peccado ſó tira a vida; tirai de vós a culpa,e peccado pela penitencia, e tirareis a morte pela obſtinaçaõ; porque ſó entaõ eternizareis a vida, quando perpetueis a penitencia, entaõ vos eſcapareis das eternas ruinas,comminadas por Deos á multidaõ dos impenitentes, quando arrependidos das culpas,emendares voſſas vidas; e ceſſará a queixa divina, q̃ dá por Jeremias,de naõ haver entre tãta multidaõ de peccadores quẽ faça penitencia: *Nullus eſt, qui agat pœnitentiam, &c.*

GOLPE VI.

Væ tibi Corozaïn, væ tibi Bethſaida: quia ſi in Tyro, & Sidone facta eſſent virtutes, quæ facta ſunt in vobis, olim in cilicio, & cinere pœnitentiam egiſſent. Matth. 11. 21.

De quam pouco ſe aproveitaõ os Catholicos dos auxilios divinos para fazerem penitencia.

GEMIDO VI.

AY de vós homens de Corozaim, e de Bethſayda, [di-

(dizia, e exclamava Chriſto) porque ſe os de Tyro, e Sidonia ſe deraõ taõ grandes auxilios, como a vósoutros ſe tem dado, cheyos de cinza, e cilicio tiveraõ feito penitencia: e ay de vós miſeraveis Chriſtaõs obſtinados em voſſas culpas; porque ſe em muitos barbaros, e idolatras fizera Deos as miſericordias, que comvoſco uſa, ja elles ſeriaõ Santos, com o que vós ſois peccadores; por ſeus altiſſimos juizos deixa Deos condenar a tantos, que ſe poderiaõ ſalvar, e agradecer lhe, melhor que vós, os favores, que deſprezais: e ſem embargo de tudo quer Deos ſalvar vos, ó Chriſtaõs, quando ſabe que quaſi todos naõ eſtudais mais que em perder-vos. Deixa Deos perecer ha tanto, e para toda a eternidade em tantos climas, e regioens, tantas naçoens, e tantas gentes, e offerece-vos cada hora, em que vos acha mais diſpoſtos para receber ſeus influxos, a efficacia de ſeus auxilios, ſem que tantas miſericordias achem em vós conreſpondencia, ſendo ella quem finalmente faz os auxilios efficazes. Oh que dura, e que eſtreita conta vos tomará diſto o Senhor! que caſtigos taõ rigoroſos tereis dos Ceos, e dos infernos! que açoute taõ cruel tereis por fugir dos braços de Deos para as cadêas do demonio! por reſiſtirdes aos impulſos, com que vos bate ás portas d'alma! por rebater-lhe aquelles golpes, com que vos fere os coraçoens! por retardar-vos no caminho donde vos chama para a patria! por deſviar-vos das eſtradas onde vos metteo a caminho! e por vos perderdes no porto, depois de atraveſſar os mares!

Menos infernos, e menos penas teraõ os Mouros, os Turcos, os Barbaros, os Gentios, os Idolatras, a quem faltou a luz da Fé, a abundancia dos Sacramentos, os gritos da miſericordia, e os ameaços da juſtiça, que por tantas bocas de Deos, quantas ſaõ as ſuas creaturas, vos enſinaõ, e vos advertem ſua bondade incomprehenſivel, e voſſa culpa abominavel. Servem a Deos todas as couſas; obedecem lhe as creaturas, que naõ tem razaõ, nem juizo; ſó o homem, que deve mais, pois deve a Deos mandar, que o ſirvaõ as creaturas, e couſas que creou, até em ſua propria offenſa; naõ ſerve a Deos, nem lhe obedece, quebrando ſeus Mandamentos; antes ſe lhe oppõem, e lhe reſiſte ás inſpiraçoens que lhe dá, gloriando ſe de ſer ingrato, eſcandaloſo, e fementido, pois vive alegre, vaõ, e uſano nas injurias da Ley de Deos, na pertinacia de ſeus vicios, e no goſ-

to da ſua culpa, como ſe naõ houvera naſcido, nem vivera para outra couſa, mais que para fazer acintes a Deos, e fazerſe Deos ſobre a terra.

Mandou Deos ao Sol, que alumiaſſe; ás Eſtrellas, que influiſſem; aos Ceos, que ſe moveſſem; aos elementos, que vos ſerviſſem; á terra, que vos deſſe fructos; ao mar, que vos deſſe paſſagem; ao ar, que vos deſſe reſpiraçaõ; ao fogo, que vos deſſe abrigos; e ainda aos Anjos, que vos guardaſſem: e ha muito mais de ſeis mil annos, que todas eſtas creaturas naõ fazem nenhuma outra couſa, mais que andarem obedecendo a Deos, e ſervindo vos ſem parar: e cuidaremos por ventura, que mandaria Deos a tantas creaturas celeſtes, e terreſtres, que nos ſerviſſem para offendé lo? que nos fizeſſem a vontade para nos entregarmos aos vicios, e faltar á Ley de Deos? Oh miſeria! Oh loucura! E vós ſem dar a Deos hum anno, hum mez, hum dia, ou huma hora viveis quietos na conſciencia? e naõ contentes ſó com iſto, quereis fazer-lhe cada hora hum milhaõ de abominaçoens, e huma eternidade de offenſas!

Quem he eſte, a quem obedece o mar, e o vento? perguntavaõ as gentes ſem luz, vendo ficar o mar ſocegado, e os horizontes quietos, logo que Chriſto deſde a barca lhes mandou que ſe ſerenaſſem: obedeceo o mar, e o vento aos imperios da voz de Chriſto no meſmo inſtante, em que os mandou: obedece-lhe a terra, o fogo, os rayos, os coriſcos tanto, que quaſi ſe naõ diſtinguem no tempo, o imperio, e obediencia; e ſó vós, ó peccadores, naõ lhe obedeceis ha tantos annos, que vos manda, fiados no que vos eſpera? ha tantos tempos, que vos chama, fiados em que vos buſca? O mar, figura da ſoberba, pois naõ ſoffre que hum ar lhe toque, guarda de Deos os Mandamentos, naõ paſſando as rayas do ſeu diſtricto: as ondas, ſymbolo da ira, pois com qualquer vento ſe alteraõ, a huma voz de Deos ſe amanſaõ, e tornaõ marè de roſas: o vento, imagem da inconſtancia, pois cada momento ſe muda, obedece a Deos pelos ares: o fogo, debuxo da altiveza, pois ſóbe lá ſobre as nuvens, a hum aceno de Deos ſe abate: o Ceo, ſolar das perfeiçoens, pois o pôs Deos ſobre as Eſtrellas, reſpeitando a ordem de Deos, anda ſempre em roda viva: a terra, retrato da firmeza, pois ſe conſerva ſempre immovel, treme á viſta deſte Senhor: e ſó vós naõ quereis tremer, obedecè lo, e ſervi-lo? Vós, cuja vida, e cujo ſer tem recebido as qualidades do mar, terra, vento, e fogo, e

dos

dos influxos celeſtes, naõ depondes ainda a ſoberba? ainda naõ quebrais a ira? naõ perdeis a inconſtancia? naõ abateis as altivezas? naõ cedeis a ſoberania, nem variais de condiçaõ, por ſer mais ſoberbos, que o mar, mais iradós, que as ondas, mais inconſtantes, que o vento; mais arrebatados, que o fogo; mais ſoberanos, que o Ceo; e mayor couſa, que a terra? O' homens, donde eſtá a differença, que vos faz diſtinguir dos brutos? donde mora aquella razaõ, que vos iguala com os Anjos? e donde a vida de Chriſtaõs, que nos faz ſer filhos de Deos? Ay de nós, prezos nos laços enganoſos de taõ varias profanidades! adormecidos no leito da culpa, como ſe naõ houvera morte! Eſtamos na caſa do vicio, como ſe naõ houvera inferno; e vivemos com o demonio, como ſe naõ houvera Deos?

O' homens pedras, naõ ſe vos eſpedaça a conſciencia com os golpes de ſeus delitos? naõ vos eſmorece o meſmo vicio com ſua viſta abominavel? naõ vos foge o ſangue com voſſa vida aborrecivel? ſe naõ ouſaõ voſſas maldades no meſmo trato dos perverſos andar com a cara deſcoberta: ſe naõ podem voſſos deleites nos meſmos olhos dos mundanos fazer-ſe mais, que ás eſcondidas: ſe naõ ſe atrevem voſſos penſamentos a pôr na praça as ſuas maquinas: ſe das meſmas voſſas palavras ſe temem voſſos penſamentos: como cuidais homens profanos, (vós, que vos temeis de vós meſmos, naõ ſómente dos outros homens, que tal vez ſaõ como vós ſois) como entendeis que naõ eſtais taõ arriſcados, que vos poſſais temer de Deos? de hum Deos, que ſuppoſto he benigno, ſabemos, que he Deos de vinganças! de hum Deos, que vos conta as palavras, que vos eſpreita os penſamentos, e vos eſtá vendo os coraçoens! Viveis no mundo, como em ſitio, ſem fiardes mais que de vós; quando fiais muito de vós, voſſas obras, e penſamentos, por eſconder do meſmo mundo quam máos, quam impios, e perverſos, e quam nocivos ſois ao mundo, para Deos, e para vós meſmos? E viveis contra o meſmo Deos taõ ſoltos, e taõ depravados, que na cara do meſmo Deos, e do meſmo Senhor, que eſtá ſempre preſente a tudo, vos atreveis, e deſpenhais a fazer taõ pouco caſo, naõ ſó dos foros da razaõ, dos eſtylos da natureza, mas do imperio do meſmo Deos! O' mortaes, da náo, que vai dar á coſta, que ſe eſpera, mais que o naufragio! daquelle bruto, que ſe arroja por barrancos, e por penhaſcos, que aguardais mais, que o precipicio! de quem buſca

ca por iguaria os venenos, bem que dourados, que se segue, se naõ a morte, e de quem por culpas, e vicios escandaliza sempre a Deos, que se espera, se naõ o inferno? O remedio, pois, que unicamente ha para escapardes deste eterno despenhadeiro, he a penitencia; aproveitando-vos melhor, que aquelles miseraveis povos (de quem Christo se queixa) de seus divinos, e continuos auxilios: *Va tibi Corozain &c.*

GOLPE VII.

Quid prodest homini, si universum mundum lucretur, animæ verò suæ detrimentum patiatur? Matth. 16.26.

A quem perde a Gloria nada aproveita tudo o da vida.

GEMIDO VII.

QUe vos importa, ó mortaes, serdes senhores do mundo, se as almas se haõ de condenar? Que val o imperio, e a grandeza, se sendo solar da vaidade, se faz theatro do castigo? Que importa a fama, e a fortuna, se em poucos tempos de vangloria, saõ infinitos seculos de estrago? Que val o sangue, e fidalguia, se até nascendo superiores, nas mesmas honras do sepulchro tudo faz hum, o pó, e cinza? De que serve a gála, e gentileza, se á primeira vista da morte todos saõ asco, e corrupçaõ? De que aproveitaõ os gostos; e deleites, se sendo enganos de hum momento, saõ penas de huma eternidade? De que servem pompas, e riquezas, se sendo faustos da ambiçaõ, acabaõ medos da ventura? De que val a authoridade, se a penas he Lua, que enche, quando he Estrella, que se eclipsa? De que montaõ os grandes lugares, se saõ estudos da ruina, quando edificios da grandeza? De que serve a força, e a saude, se sendo flores, que se murchaõ, saõ folhas, que depressa cahem? De que aproveitaõ os mais bens do mundo, se sendo thesouros da mentira, se fazem carceres da culpa? De que val a mesma discriçaõ, se errando o norte da verdade, pelos mesmos rumos do acerto se chega para o desatino! De que importa finalmente a mesma vida, se, sendo escandalo da morte, he cometa infeliz d'alma? O' mortaes, gloria, e fumo saõ no mundo hũa mesma cousa: glorias taõ raras, e de taõ pouca dura, porque haõ de ser de estima? alfayas saõ de pouco preço, por mais que lhes cresça o valor: a moeda da estimaçaõ, hum engano he, que se deixa, e huma condenaçaõ, que se leva: saõ fumos, que se sobem

ſobem ás nuvens para cahir em lagrimas: ſonhos ſaõ, que ſe ſoltaõ, ſendo mentiras, que nos prendem: luz de rayo, que nos derruba, ſendo reſplandor, que allumia: e em fim apparencia, que ſe rompe; ſendo tormento, que ſe veſte; e eſtopa, a que ſe pega o fogo da noſſa mortalidade, que luz, e em breve eſpaço ſe converte em pouca cinza.

Eu me perſuado que os mayores goſtos, e felicidades do mundo ſaõ como a era de Jonas, engano de hum dia, e deſengano de outro; alegria de hoje, magoa de á manhaã! taõ eſcaſſo anda o deſtino no tempo, que veloz concede, que quanto augmenta de ventura, diminue de duraçaõ. Retirou-ſe Jonas de Ninive á ſolidaõ de huma montanha, e como fazia calor, e havia trabalhado muito, chegou-ſe á ſombra de huma hera, donde Deos, pelo haver ſervido, naõ ſó lhe preparou docel com verde ſitial de ramas, mas tambem alcova ſombria com freſco pavilhaõ de folhas: e diz a Eſcritura, que Jonas ſe alegrara muito com iſto, tendo por grande felicidade achar em hum mar de ſerras, e em hum boſque de penedias a aprazivel amenidade daquelle ſeu refrigerio alegre: paſſou a noite, veyo o dia, e olhando Jonas para a hera, naõ ſó vio murcha, e macilenta a liſonja bem aſſombrada daquella preſumpçaõ florida; mas de todo ſecca, e defunta a oſtentaçaõ apparatoſa daquella vaidade verde: porèm que myſterio teria a preſſa de tanto eſtrago? a penas era, e ja naõ era? ha pouco aſſombro da montanha, e ja cadaver da eſpeſſura? hum dia, das plantas aſſombro, outro, laſtima das meſmas plantas? hontem fazendo ſombra ao Sol, e hoje naõ viſta, nem por ſombras? Ora a Eſcritura diz a cauſa de ſua pouca duraçaõ: creſceo tudo, quanto creſceo, na breve idade de huma noite; no eſpaço de vinte e quatro horas venturoſamente naſceo, monſtruoſamente medrou: ah fim! e vós hera quereis em hum dia creſcer mais, que as outras em huma era? quereis as ditas do creſcer, ſem os riſcos do arruinar? quereis as glorias do luzir, ſem as penſoens do perecer? pois achareis o voſſo eſtrago adonde tiveſtes o augmento; chorareis a voſſa deſgraça adonde lograſtes a dita, porque he condiçaõ dos fados; e parece eſtylo dos tempos, deſcontarnos da dura, quanto de dita nos concedem; he eſtatuto das Eſtrellas, e parece acaſo da ſorte; parece officio da fortuna, e em fim he ley da providencia: ó mortaes, venturas a correr, naõ ſó ſaõ riſcos a cahir, mas precipi-

cipicios a acabar: ditas que madrugaõ, mas depreſſa anoitecem: para ter duraçaõ ſe rodea he neceſſario, que a dita naõ ſeja muito temporãa: os bens do tarde ſempre taõ de guarda: bem poderáõ ſer maravilhas, porèm nunca flores perpetuas: Sol, que amanhece ao meyo dia, muito perto eſtá de ſe pôr: polvora, que arde em hum momento, bem moſtra que corre a extinguir-ſe: luz, que quer creſcer toda junta, naõ eſtá longe de apagar ſe; he candèa, que agoniza; quando he mais, o que reſplandece; parece Eſtrella, e he exhalaçaõ, parece rayo, e he reflexo; e por iſſo goſtos a maõs cheas, ſaõ goſtos com a candèa nas maõs; naſcem pompa de huma manhaã, para ſer magoa de huma tarde; creſcem preſumpçaõ de huma noite, para ſer deſtroço de hum dia; duraõ em fim a era de huma hora, para ſer laſtima de hum ſeculo.

Eis aquia a era de Jonas; eis aqui a ſua gloria; enganou-o hum dia, outro o deſenganou; foy caricia de huma triſteza, para mayor aſſumpto da anſia; foy a figuraçaõ do goſto, para ſer verdade da pena: hum bichinho mui pequeno derrubou todas eſtas maquinas; taõ pouco baſta para eſtrago das mais avultadas grandezas, e das mais creſcidas venturas, que ſobeja o menor guſano; taõ pouca couſa lhe faz mal; e em fim couſa taõ deſprezivel tem eſſe imperio nas fortunas para poder arruiná las, abatè las, e confundì-las: ſe pois cahio amortecida aquella florente ambiçaõ, porque lhe roeo as entranhas hum eſcrupulo taõ pequeno: como hoje vo las naõ fere eſſe roedor de voſſas almas, eſſe bicho da conſciencia, que he guſano eterno da culpa, com tantos racionaes eſcrupulos! Quem cuidais vós, que he eſſe bicho, que aſſim vos corta, e atraveſſa, naõ ſó o intimo das entranhas, mas o interior de voſſas almas? *Ego ſum vermis, & non homo.* Pois naõ he outro, ó peccadores, ſenaõ o meſmo Deos, que vos creou, e vos redemio com ſeu Sangue: nada tendes hoje de Deos aquelles, que viveis em culpa, mais que a dor deſſa conſciencia, que he ſciencia do coraçaõ: e qual de vós ha, que naõ ſinta eſſa eſtocada interior, que Deos vos tira cada hora dentro n'alma com voſſas culpas? Mas ah, que temo, que ainda iſto naõ quereis ter hoje de Deos! taõ depravados vi a muitos neſta era dos noſſos tempos, que peccando ja por coſtume, e fazendo vida da culpa, ſem eſcrupulo ſe abraçavaõ com as meſmas armas da morte. Pſalm. 21. 7.

Oh que depreſſa os mais dos homens

homens deſeſtimaraõ as venturas, e os goſtos da profanidade, ſe advertindo neſte guſano, eſcutaraõ nelle a ſeu Deos! Quanto a medo ſe foraõ nos bens ſem deſtruir o deſengano, quando ſe viraõ mais ditoſos! mas darem de maõ aos aviſos, que importa, para que ſe eſcapem de quem os tem na ſua maõ? Que importa aos ſabios, e entendidos ſaberem como Salomaõ, ſe naõ ſabendo-ſe ſalvar, fizerem vida de ignorantes? Que aproveita aos homens de bem, que ſe prezem de ſer quem ſaõ, ſe ſem lembrar-ſe do que foraõ, ſe eſquecem do que haõ de ſer? Que val ao homem de negocio todo o ſeu livro da razaõ, ſe naõ tratando de ſalvar-ſe, que he da vida o mayor negocio; naõ achar Deos razaõ alguma para o pôr no livro da vida? Que aproveita aos Grandes do mundo ſerem gigantes da fortuna, ſe eſtando debaixo das agoas, que lhes daõ mais que pela barba, haõ de gemer, e haõ de ficar taõ encolhidos ao ſom da ultima trombeta? Que val aos Reys mais poderoſos ganhar os Reynos, e Monarchias, ſe no ſeu ultimo conflicto perderem o Reyno dos Ceos? Que importa ás Mitras, e Tiaras ter as chaves do Paraiſo, ſe abrindo o para outros muitos, o fecharem ſó para ſi? Que aproveita ao máo Sacerdote haver ſido hum homem ſagrado, ſe vivendo como demonio, do paõ da Igreja de Deos, que elle lhe deo para os ſeus pobres, naõ ſó fizer manjar da culpa, mas veneno da ſua alma? Que aproveita ao máo Religioſo veſtir o habito dos Santos, ſe havendo de ſer, o que naõ he, deſcalço, cheyo de piolhos, e com o burel ſobre a carne ſe for caminho dos infernos, podendo tal vez, lá no mundo, ir ao Ceo, veſtido, e calçado? Que aproveita aos de eſtado humilde acharem ſe em melhor eſtado, ſe por ſer Icaros da ſorte, ſendo formigas, uſaõ de azas? Que aproveita, que val aos pobres, aos deſgraçados, e affligidos eſtar no caminho dos Juſtos começando a ter ſua Cruz, ſe ſe deſviaõ do caminho da virtude pelas veredas da impaciencia, e deſcaminhos da malicia? Finalmente que importa a todos o ſerem quanto querem, ſe em muito menos de cem annos ha de eſtar feita em pó, e cinza eſta bemquiſta preſumpçaõ, eſta taõ prezada apparencia; eſta taõ querida fantaſtica? E eſta authorizada vaidade dos enganos deſſa vida acabara, Deos ſabe quando; a alma irá, Deos ſabe donde; como ha de ſer, ninguem o ſabe; mas ſabemos todos, que ha de ſer. E para que ninguem ſe deſcuide da morte

com

com os deleites da vida; avisa o mesmo Senhor a todos, que nada lhes aproveita ganhar o tudo da vida, e tudo o da graça perderem na hora da morte: *Quid prodest homini, &c.*

GOLPE VIII.

Praterit figura hujus mundi. 1. ad Corinth. 7. 31.

Da variedade, e inconstancia do mundo; e como por isso deve ser desprezado.

GEMIDO VIII.

Vay outro discurso differente, toq. 18. tratad. 2.

A Representar seu papel, a fazer sua figura, vestida de tramoyas, calçada de maquinas, coroada de quimeras sahe a figura deste mundo ao theatro desta vida, com mais luzido fausto de apparencias, que realidades: prezada das representaçoens lhe fazendo seu papel, fingindo maravilhas, promettendo felicidades, dizendo loucuras, fazendo desatinos: acompanhada da arrogancia, presumida da ostentaçaõ, cortejada da lisonja, galanteada da mentira diz quanto sonha, còra quanto diz, finge quanto quer: persuade, que he nella cabedal de prendas, o que he volume de defeitos; banquete de glorias, o que he tinello de vaidades, casa de saude, o que he hospital de incuraveis; e em fim, academia de entendimentos, o que he familia de loucuras.

Esta ouca soberania, com que sempre desvanecida se deixa levar da vangloria, faz com que diga grandes cousas da grandeza dos seus estados; com que agigante a menor sombra dos vultos da sua fortuna; com que arme os seus espectaculos de fabricas vaãs, e apparentes; e com que a sopros da soberba se pertenda pôr sobre as nuvens: pelas penas dos riscos nos promette as azas da fama; por metter nos nos seus debuxos, nos faz guarniçaõ dos seus riscos, para nos torcer o sentido, nos faz fiar dos seus enganos; e em fim por ver-nos nos abysmos, nos levanta acima das Estrellas. Porèm como tudo isto passa, e nós lhe passamos por isto, adiante passa o seu mal; para bemquistar os venenos, com que nos quer tirar a vida, veste a peçonha de caricias, e cobre o damno de lisonjas, para darnos as triagas, que nos convidaõ com o remedio, desauthoriza o desengano, e cospe no rosto á verdade; tira em fim a pelle á verdade, para enfeitarnos a mentira; e canoniza nos os vicios, para que infamemos as virtudes: e que lendo isto os humanos pelos livros da experiencia; que escutando isto os discretos aos clamores do desenga-

ſengano, em tantos tempos da razaõ, e com tantos annos de idade, naõ queiraõ, nem ſe perſuadaõ a ter hum dia de juizo, para que o mundo tenha fim? Todo o tempo de noſſa vida, e todos os dias dos homens haõ de ſer dias de vontade, e nem hum ſó de entendimento? Que havendo iſto, em fim, no mundo, deſde que houvè homens no mundo, ſejaõ toupeiras da razaõ, e aves nocturnas da verdade, os mayores linces do aviſo, e as aguias do juizo humano, em hum mundo, que anda ha tantos annos, naõ em cueyros, nem mantilhas, mas em vaſquinhas, e calçoẽs? em hum mundo, que ha tantos tempos que ſe preza de trazer togas; que ſe jacta de veſtir fayas; que goſta opas rocagantes; e tambem trajes penitentes em hum mundo, que com aquelle parecer ayroſo da mentira, que nos arrafta pelos olhos a liberdade, tem hum fingir taõ doce? hum ſemblante taõ alegre, hum fallar taõ ſuave, e hũa caricia taõ mimoſa, que perdida a meſma razaõ pelo ſeu engano, no lo mette no coraçaõ, e delle nos faz paſſadiço para o mettermos n'alma?

O' mortaes: Mundo he a terra; mundo he o mar; mundo he o ar, e mundo he o fogo: e a meſma figura do mundo, que vos engana tantas vezes, outras tantas vos deſengana com a ſua meſma figura: cada dia com a mudança, que em ſeus eſtados experimenta, vos prega o mundo deſenganos: figura do campo, que he mundo, he aquella verde librè, e aquella varia formoſura, com que o enfeita a Primavera; eſta lhe deſcora o Eſtio; eſta lhe enxovalha o Outono; e eſta em fim lhe deſpe o Inverno, aquella figura do mundo, que em Abril amanheceo verde; em Agoſto ſe moſtra pallida; em Outubro triſte; e em Dezembro defunta: taõ veloz ſe vai deſmentindo a figura vaã deſte mundo, que do roſto, que lhe fez Abril, lhe naõ deixa final Agoſto; do caraõ, que lhe queima Agoſto, naõ lhe deixa feiçaõ Outubro; e da carranca, que lhe fez Outubro, naõ lhe deixa fórma Dezembro; nem do vulto, que lhe faz Dezembro, lhe naõ deixa Abril ſimilhança. O mar tambem vemos que muda de parecer a cada inſtante; agóra Ceo cryſtallino, logo ſerra de vidro, depois monte de eſcuma, e finalmente inferno de ondas. O ar da meſma maneira mudando fórmas; e variando figuras, pela manhaã de ouro, e azul, ao meyo dia a fogo, e ſangue, e á tarde de bandeiras negras fazendo guerra a todo o mundo. O fogo pelo conſeguinte, huma vez feito exhalaçaõ, outra rayo, outra relam-

relampago, outra coriſco, arde, allumia, e reſplandece, para outros perigo, e para todos medo.

Se pois com taõ varias feiçoens paſſa a figura deſte mundo; ſe deſte mundo material a figura deſapparece a cada momento, que paſſa; como deſte mundo mortal, cuja figura he mais veloz, vos naõ paſſa da imaginaçaõ, o que como imaginaçaõ ſe paſſa: Toda a figura deſte mundo moral, ou he Ethica, ou Economica, ou Politica: a Ethica pertence aos coſtumes da peſſoa; a Economica á direcçaõ da familia; a Politica ao governo da Republica: examine cada hum a ſua peſſoa, olhe a ſua familia, e veja a ſua Republica; e naõ contentando-ſe com iſto, conſidere todas as peſſoas, todas as familias, e todas as Reſpublicas do mundo, ou as de que tiver noticia, e veja no eſtado deſtas, quanto durou huma fórma de governo; quanto perſiſtio naquellas hum modo de direcçaõ; e quanto permaneceo nas outras huma maneira de coſtumes; verá, que ſe eſtaõ mudando pinturas, naõ de bem em melhor; naõ de melhor em excellente; mas de bom em ruim; de mal em peyor: a peſſoa pudera cõtentar-ſe com o ſeu tamanho, e quer ſer mayor peſſoa; a familia baſtava-lhe ter caſa, e quer parecer palacio; á Republica ſobejava-lhe ſer Republica, e aſpira a ſer Monarchia: de que ſe ſegue, que em perpetua transformaçaõ, ſegundo os ſonhos de ſeus deſvarios, nem a Republica he o que ſe cuida, nem o que cuidava ſer; nem a familia o que parece, nem a peſſoa o que repreſenta: tudo he engano, tudo mentira, tudo caſtellos de vento, tudo brincos de papel, e tudo lume de palhas.

Todos os eſtados deſte mundo moral tem mudança taõ apreſſada, e duraçaõ taõ ligeira, que como cor, que ſe perde; como agoa, que corre; como vento, que voa; e como exhalaçaõ, que arde, ſe paſſaõ todos brevemente: Lua de tantas mudanças; como a figura deſte mundo, todo o mundo junto a naõ tem: Sol, que tantas vezes ſe eclipſe; Eſtrella, que tantas vezes erre; mar, que tantas vezes ſe mude; Protheo, que tantas fórmas tome; nem o ha, nem ſe póde conſiderar: por iſſo, a meu entender, he eſte mundo como pintura de paizes, que o melhor que tem, ſaõ os longes; como imagem de perſpectivas, que de huma figura faz muitas; como comedia de tramoyas, que ſendo tudo apparencias, nos oſtenta grandes couſas, e todas ellas ſaõ mentira: a ſua pompa, e ſuas gálas ſaõ como véla, que ſe conſo-

conſome por luzir, e reſplandecer, e tudo vem a parar em fumos: ſua ambiçaõ, e ſoberba á maneira de oppilaçoens, que com o ſeu damno ſe inchaõ: os ſeus deleites, como anzoes, que com a iſca nos enganaõ: a ſua fortuna, como vidro, que no melhor ſe quebra: a ſua fama, e valentia, como couſa de terremoto, que faz tremer a terra, e naõ he mais que hum pouco de ar: e a ſua mayor formoſura, como veſtido, que hum dia luſtra, outro ſe cuja, outro ſe rompe, e em fim ſe faz hum trapo.

Como pois conſente a razaõ, que eſſa pintura vos eleve, para que depois vos minta? que eſſa imagem vos namore, para que logo vos engane? que eſſa comedia vos entretenha, para que ſempre vos cuſte? que eſſa luz vos cegue, para que depois vos abraze? que eſſa oppilaçaõ vos inche, para que depois vos rebente? que eſſes anzoes vos peſquem, para que logo vos matem? que eſſe vidro vos agrade, para que logo vos firais? que eſſe ar vos dê, para que nunca ſe cure? que eſſe trapo vos diſpa, para que ſempre vos cuje? O' mortaes: bens, que ſaõ terra; preſumpçoens, que ſaõ eſcuma; honras, que ſaõ ar; glorias, que ſaõ fumo; de que vos ſervem, ou vos preſtaõ, mais que de cegar-vos, pois ſaõ fumo; de fazer-vos mal, pois ſaõ ar; de desfazer-vos, pois ſaõ agoa; de enterrar-vos, pois ſaõ terra? Se o meſmo mundo ſe retrata das vaidades, que vos pinta, na brevidade com que paſſa, e nas varias formas, que veſte: ſe a meſma figura do mundo, depois que faz ſua figura, paſſa, e nos moſtra que foy ſombra, engano, e affiguraçaõ: como nos naõ retractamos deſtas quimeras, em que cremos; deſte fingimento, que amamos; e deſta illuſaõ, que ſeguimos? Que he iſto ſenaõ andarmos na luz ás eſcuras; cegos com os olhos claros; e frios entre levaredas? E por iſſo o Apoſtolo nos manda advertir na momentanea apparencia, como vai paſſando a figura deſte mundo: *Præterit figura hujus mundi.*

GOLPE IX.

Verumtamen in imagine pertranſit homo: ſed & fruſtra conturbatur. Pſal. 38.7.

Da brevidade, incerteza, e fallencia de noſſa vida.

GEMIDO IX.

DIraõ alguns, que os naõ engana o mundo, mas que os naõ deſangana a vida: e eu naõ ſei como póde ſer, pois paſſa a vida pelos homens taõ ligeira, e arrebatada, que a meſma duraçaõ da vida naõ he mais

que hum voo da morte: desfaz-se a vida, e desvanece-se como nevoa, que fere o Sol; como vestigio de nuvem; como vizlumbre de relampago: taõ surda corre, e taõ ligeira como náo, que naõ sente o curso, com que se engolfa pelos mares; como ave, que em hum momento vence as distancias, a que voa; como setta, que em hum instante trasspassa o alvo a que tira: em fim passa pelos humanos, como imagem pelo espelho, que sem deixar-lhe algum final da fórma, que nelle se vio, desapparece em hum momento como sombra, como figura apenas vista, ou suspeitada, que nem por sonhos, nem por sombras segunda vez nos apparece: *Ad modum imaginis, quæ videtur in speculo, & statim dispa-ret.* Hug. Card. hic. Ella em fim se resolve em nada, como flor de feno, que cahe; como empola de agoa, que se ergue; como escuma de mar, que corre. He a imagem huma figura, cousa de taõ pouca substancia, que apenas se nos representa em leve vàgado de sombras, quando se morre de accidente em huma febre de nada: he hum debuxo vaõ, e aereo da substancia, que nos retrata; das cousas, que nos affigura; e das propriedades, que nos finge; sem alguma outra entidade, que huma privaçaõ do que ostenta; hum remedo do que nos mostra, e huns longes do que nos debuxa: por isso dizia David, que o homem passava em figura, em imagem, e em similhança; ou como cousa imaginaria; ou em fim só como apparencia, que nasce representaçaõ, dura fingimento, e acaba mentira.

Aquelles dias ja contados nos numeros da nossa vida, saõ como cifras sem numeros, que naõ valem cousa alguma; ou postas atraz da unidade, que se naõ contaõ, porque naõ tem valor; e só prestaõ para que em cifra nos escrevaõ, que ja passaraõ, e nada valem: os momentos, que nos vai dando o mesmo tempo, que vivemos, saõ huns momentos, que nos gritaõ, que se nos vai passando o tempo: os instantes, que estaõ por vir, naõ tem mais ser, que o de humas duvidas de os podermos vir a gozar; isso mesmo, que a vai crescendo, he quem a vai diminuindo; os seus bens se vaõ acabando, logo que começaõ a ir sendo; e tanto mais nos himos consumindo, quanto mais himos durando; o primeiro passo do tempo, com que todos amanhecemos na caduca aurora da vida, he o primeiro, que apressamos para o occidente da morte; as flores, que mais madrugaõ no Abril de nossa meninice, saõ as primeiras, com que a idade estrea nas aras da

morte

morte os primeiros luſtros da vida: os primeiros fructos dos annos, com que o tempo nos enriquece, ſaõ ſinaes do Outono infallivel deſta fragil mortalidade, que foy penſaõ da noſſa culpa, ou tributo da natureza: tanto ſe vay perdendo a vida na meſma vida, que adquirimos, que a cada inſtante perecemos, no meſmo tempo, que duramos; cada inſtante, que tem de ſeu eſta noſſa vida enganoſa, naõ he menos que hum inimigo, que em ſi meſma tem contra ſi: a meſma vida, no que dura, nos adverte com o que paſſa, ſem que nos chegue ao entendimento o que nos paſſa pela memoria; todos ſe daõ por entendidos, muito poucos por aviſados, por entender que neſte aviſo lhes paſſa a vida mais depreſſa: corre a vida, e naõ ſe ſente; voa, e naõ ſe enxerga; deſapparece, e naõ ſe cuida.

De tres modos me perſuado que morrem os homens: morrem á graça, morrem á meſma vida, e morrem á natureza: á natureza pela morte; á vida pelo tempo; á graça pela culpa: da morte da natureza, que naõ tem remedio; e da morte da vida, que naõ tem eſcuſa, buſcamos a eſcuſa, e o remedio todos os inſtantes da vida; e da morte da culpa, que o póde ter em hum ſó acto de contriçaõ, naõ fazemos caſo algum, ſenaõ no ultimo da morte. O' mortaes, taõ mortos na vida, e taõ pouco reſuſcitados na memoria de voſſa morte! acordai, e vinde a juizo, antes que a ultima trombeta com o mayor horror vos acorde; antes que aquelle pregaõ tremendo vos chame áquelle Juizo, em que todos ſereis julgados. Sepulchros ſaõ os voſſos corpos, muito mais cheyos de immundicias, que aquellas covas, e ſepulturas, aonde dormem cinzas defuntas, os que já foraõ pó vivente; naõ vivais mais tempo em vaõ, affadigando-vos debalde por eſſas glorias ſuſpeitadas de voſſa preſumpçaõ caduca: ondas ſaõ, que o mar deſte mundo hora põem nas Eſtrellas, hora nos abyſmos; Eſtrellas, que huma ſombra as turba; Sol, que cada dia ſe põem; noite, que ſegue a cada dia com taõ ligeira brevidade, que parece que o meſmo tempo, ou ſe corre de envergonhado, ou vay fugindo de corrido: e ſe naõ, olhay para o Sol, quam rico de ſeus reſplandores nos ſeus Orientes amanhece; porèm vede, quam desluzido lá ſobre a tarde ſe ſepulta: aquelle grande luzimento, a quem hum mundo he eſtreita eſfera, como vos naõ faz grande eſpanto ver que naõ dura hum breve dia? Aſſim a Eſtrella mais brilhante apenas luz, quando ſe eclipſa; aſſim a flor mais mageſtoſa mal

ſe abre, quando ſe murcha: pois ſe iſto lhes ſuccede ás flores, que ſaõ joyas da Primavera: ſe iſto acontece ás Eſtrellas, que ſaõ diamantes do Ceo: ſe diſto naõ eſcapa o Sol, com ſer o morgado das luzes: que duraçaõ mayor eſpera, quem, ſe foy Sol, naõ vive hum dia; quem, ſe foy flor, dura huma tarde; quem, ſe he Eſtrella, brilha huma hora? Taõ apreſſado, e perigoſo he o curſo da humana vida, que naõ havendo mais que hum paſſo do berço á ſepultura, nos baſta para cahir nella hum pé mal poſto a cada paſſo: e naõ havendo mais que hum folego entre o inferno, e o mundo, o meſmo ar, que nos alenta, póde parar a cada ponto em dar-nos a reſpiraçaõ: ſahi pois á luz da verdade, deixai as trevas da mentira; e ponde vos a diſcorrer, que foſtes nada ha pouco tempo; que eſtais ſendo pouco mais de nada; e que ſereis couſa nenhuma brevemente, hontem hum favor do poſſivel; hoje, hum perigo do futuro; e á manhaã, medo de preſente: hum póde ſer, antes que foſſeis; hum naõ ſereis, hoje, que ſois; e hum foſtes, deixando de ſer: no principio lodo mui vil, agora hum pó mais levantado; muito cedo terra cahida.

Oh ſe iſto aos homens do mundo paſſara pelo penſamento, que depreſſa, até nos mais vaõs, cada inſtante da meſma vida fora hum memorial da morte! que facilmente, até nos neſcios, cada lembrança da morte fora hum deſpertador para a vida! que para iſſo nos adverte o Eſpiriro Santo por David, que couſa he a noſſa vida: *Veruntamen in imagine pertranſit homo, &c.*

GOLPE X.

Veruntamen univerſa vanitas omnis homo vivens. Pſ. 38. 6.

Que os homens ſaõ huma univerſal vaidade.

GEMIDO X.

ESte engano da vida taõ ſolicitado dos homens, naõ ſó do que naõ cuidaõ, mas do que cuidaõ, naſce: naõ cuidaõ os homens em aquelle fim, a que ſe ordena o ſeu principio; cuidaõ ſó nos meyos da ſua vãa proſperidade, e do temporal deſatino, ſeguindo o conſelho dos neſcios; mais preſumidos de atinados: querem coroar-ſe das roſas antes que ſe murchem, por naõ paſſar a flor do tempo ſem que colha a ſua malicia os fructos da profanidade: diſto procede, que naõ contentes com ſerem vaõs toda a ſua vida, paſſaõ a ſer a meſma vaidade, e huma vaidade univerſal, aonde Sap. 2. 8.

aonde naõ se acha couſa alguma, que ſeja merito, que pareça razaõ, ou tenha feiçaõ de virtude.

Eſta vaidade univerſal de tres modos ſe conſidera: vaidade em obras, em palavras, e em penſamentos; e todos eſtes modos juntos ſe achaõ em cada hum dos homens; porque he vaidade quanto obraõ, quanto dizem, e quanto cuidaõ: he vaidade tudo, porque nada fazem por Deos, nada dizem de Deos, e nada cuidaõ em Deos; e em naõ ſendo eſte o exercicio, a converſaçaõ, e o cuidado; os cuidados que podem ſer, mais que huns deſcuidos da razaõ? a converſaçaõ, que ſerá, mais que ruido da loucura? as obras, que viraõ a ſer, mais que huns debuxos da quimera? Saõ os homens vaõs nas obras, da natureza dos Coloſſos, que ainda que ſeja de hum metal, e de que ha no mundo tanta copia, e de que o mundo ſó ſe ſerve para as couſas de mayor damno, querem que os julguem maravilhas: ſaõ os homens vaõs nas palavras, da condiçaõ dos idolos, que ainda que ſejaõ huns cepos, e falle nelles o demonio, querem que os tenhaõ por oraculos: ſaõ os homens vaõs nos penſamentos, como eſpaços imaginarios, que, ſem ſer mais que fantaſias, querem que os ponhaõ ſobre o Ceo: por iſſo ſe eſquecem os homens, de que as qualidades, e os morgados, que os humanos ſó tem de ſeu, ſaõ dous nadas, em que ſe encerra toda a eſſencia da vaidade; vaidade por natureza, e vaidade por malicia: vaidade por natureza foſtes todos, ó peccadores, antes que chegaſſeis a ſer; vaidade ſois por malicia todas as vezes que peccais, porque nada faz o peccado a quem pecca: *Nihil fiunt homines, cùm peccant*; e eſtas ſaõ as profundidades donde David clamava a Deos confeſſando todos ſeus nadas. Por vaidade da natureza, ſois como ſe nunca foreis; por natureza da malicia, ſois como naõ devieis ſer: a vaidade da natureza naõ faz damno, antes proveito, quando chega a ſer conhecida; a vaidade da malicia nunca faz bem, e ſempre damna, ſe naõ he de todo arrancada: eis aqui, como por tudo nada, que iſto he o mais, que o mundo tem, vos arriſcais a perder tudo: eis aqui, como fugindo de Deos, que he o melhor de quanto ha, vos tornais ao centro do nada, que he o peyor de quanto ha.

Aug. t. 9. t. 1. in Joan. poſt med. Pſalm. 129. 2.

Homens cegos, que vos eleva? coraçoens vaõs, que vos engana? he por ventura o ter mais vida? iſſo deo a hum tronco a montanha: he por ventura o veſtir ſedas? iſſo deo o boſque a hum guſano: acaſo he o tra-

zer plumas? isso deo a natureza a huma ave: saõ acaso os fastos, e as pompas? isso deo o ar a huma nuvem: será por dita a formosura? isso deo o campo a huma flor: he a altura do estado? isso deo o mundo a huma grimpa: será tambem a valentia? isso deo o monte a huma fera: será a sede das riquezas? isso deo a terra a huma mina: será o credito da fama? isso deo a gente a hum sepulchro: será fome de adoraçaõ? isso deo a cegueira a hum idolo: será em fim o comer mais? isso concede o tempo a hum bruto: como pois chega a ser possivel, que seja a vossa idolatria, vossa ambiçaõ, e vossa vaidade o comer, que he gosto de brutos: hum culto, que he uso de barbaros; a fama, que he morte de loucos; o ouro, que he gloria de nescios; a valentia, que he fereza; a altura, que toda he mudança; a formosura, que he melindre; a pompa, que he hum pouco de ar; as plumas, que saõ liviandades; a galla, que he libre de hum bicho; e a vida, que he commûa a hum tronco? Hum tronco naõ estima a vida, e fazeis della tanto caso? Hum idolo naõ preza o culto, e quereis o que elle despreza? Hum sepulchro esconde essas honras, e buscais o que esconde a terra? Descompõem o vento essas pompas, e bebeis por ellas os ventos? huma fera bruta se humana, e vós prezais-vos de feras? huma ave se naõ jacta das suas plumas, e vós jactais-vos das alheas? huma flor se enterra adonde nasce, e quereis florecer na terra? hum bicho faz das sedas tumulo, e quereis dellas fazer galla? naõ para a grimpa nas alturas, e nellas quereis vós parar? faz a fartura mal a hum bruto, e quereis que vos faça bem? Oh quanto mais vos importára que, vendo-vos troncos robustos, imaginasseis que ereis folhas: que cresseis, vendo-vos nas minas, que desse ouro ereis as fezes: que vestindo-vos dessas sedas, entendesseis que ereis gusanos: que adornando vos dessas plumas, cuidasseis que vos tem por passaros: que achando vos com essas forças, vos naõ gloriasseis de feras: que olhando vos lá sobre as nuvens, soubesseis que tudo era vento: que contemplando-vos nas flores, vos julgasseis de pouca dura: que tomando vos bem a altura, vos persuadisseis que ereis grimpas: que advertindo bem no sepulchro, visseis bem que sois terra: que dando fé de vossos idolos, considerasseis, que sois barro: e que abstendo-vos dos comeres, vos reprehendesseis de ser brutos.

Naõ vos pareçais, pois, com os brutos, que isso he negar que sois homens, naõ vos canseis por

por ſerdes idolos, pois ſabeis, que he gent lidade; naõ vos mateis por ſer ſepulchros, porque até para eſtes ha morte; naõ eſtimeis ſer como feras, pois fogem da gente as mais dellas; naõ façais muito por ſer grimpas, pois ſabeis que naõ tem ſocego; naõ morrais por ſer como as flores, porque morrem todas em flor; naõ vos pareçais com as nuvens, porque vos levará qualquer vento; naõ vos jacteis de ſerdes aves, pois ſaõ pennas os ſeus enfeites, naõ trateis mais de ſer guſanos, pois ſe veſtem da mortalha; naõ vos mettais em ſerdes minas, que he querer cova aberta: nem queirais em fim ſer arvores, pois ſe queimaõ as que naõ daõ fructo. Mas que eſperança póde haver de que vos quereis emendar, ſe a voſſa univerſal vaidade toma dos brutos, a fereza; das flores, a fragilidade; dos troncos, a groſſeria; das minas, a eſcoria; dos idolos, o engano; das grimpas, a inconſtancia; das nuvens, a borraſca; dos ſepulchros, a immundicia; dos guſanos, a podridaõ; e das plumas, a liviandade? Oh ignorancia das ignorancias! Oh vaidade das vaidades! Por iſſo diz o Santo David, que todos os homens ſaõ huma pura vaidade: *Veruntamen universa vanitas omnis homo vivens.*

GOLPE XI.

Milvus in Cœlo cognovit tempus ſuum: turtur, & hirundo, & ciconia cuſtodierunt tempus adventus ſui: populus autem meus non cognovit judicium Domini. Jerem. 8. 7.

Da ingratidaõ, com que os homens pagaõ a Deos á viſta das mais creaturas irracionaes.

GEMIDO XI.

POr dar mais aſpera repreheníaõ ao entendimento, e ao coraçaõ humano de ſua ingratidaõ, e cegueira, traz Jeremias contra o deſconhecimento dos homens por exemplo, e teſtimunha, o conhecimẽto das aves do Ceo; e Iſaias o reconhecimento dos brutos da terra: *Cognovit bos poſſeſſorem ſuum,* Iſai. 1. 3. *& aſinus præſepe Domini ſui: Iſrael autem me non cognovit, & populus meus non intellexit:* As aves, que naõ tem razaõ, ſabem aproveitar-ſe do tempo; e conhecendo o que pede o tempo, muitas vezes fugindo ao mar, onde algumas tem o ſuſtento, buſcaõ nas prayas ſeu abrigo, porque antevem as tempeſtades: para edificarem ſeus ninhos, e para ſua conſervaçaõ em ſeus filhos, eſcolhem tempo conveniente; e a ſua vinda

muitas vezes nos enſina qual he o tempo, como nas aves Alcioneas a experiencia o tem moſtrado: mudaõ de clima, e de lugar, e condiçaõ muitas vezes: atraveſſaõ mares, e terras, quando a intemperança dos ares, ou vicio algum dos elementos faz com que achaque a conſonancia deſta natural harmonia: finalmente, ſabem ſervir-ſe dos tempos para ſeu aviſo, das terras para ſeu reparo, dos mares para ſeu remedio, da mudança para ſeu bem, ſem outro influxo, ou efficacia, que pôem os olhos no Ceo com interior obediencia aos imperios de ſeu Creador nos inſtintos da natureza.

Só o homem, a quem Deos entregou a Monarchia das creaturas pela excellencia da razaõ: *Omnia ſubjeciſti ſub pedibus ejus, &c.* a cujo diſcurſo da razaõ cedem os diſcurſos do tempo, nem o conhece a ſeu tempo, nem o toma para ſervir, e amar a Deos, vivendo tanto ſem razaõ, nem diſcurſo, como ſe ſó lho dera Deos para a culpa, e para a vaidade. O mais bruto dos animaes conhece o Senhor, a quem ſerve; conhece a ovelha o ſeu paſtor; a ſera rude o ſeu alvergue; o Leaõ a quem o ſuſtenta; o touro bravo a quem o guarda; o tigre agreſte a quem o cria: ſó o homem, o peccador naõ quer conhecer a ſeu Deos, naõ eſtima ſeus beneficios; naõ faz caſo da ſua ira, nem ſe lhe dá da ſua affronta, como ſe a ſua ſalvaçaõ naõ conſiſtira em outra couſa, que nas injurias de ſeu Deos: Deos o buſca, e elle lhe foge; Deos lhe bate, e elle lhe fecha; Deos o vence, e elle reſiſte; Deos o chama, e elle naõ ouve; Deos o ganha, e elle ſe perde. O' mortaes, que outra couſa he eſte deſconhecimento, que hum final de ingratidaõ, e de infidelidade, com que imitais aquelles perverſos Judeos, que ſendo povo mimoſo, e favorecido de Deos, o deſconheceo quando veyo ao mundo, conhecendo o, como diz S. Gregorio, as creaturas, e elementos inſenſiveis? Conheceraõ a Chriſto os Ceos, mandando a Eſtrella por guia dos Magos; o mar, fazendo ſe ſolido paſſeyo a ſeus pés; a terra, tremendo de ſentimento, quando morreo; o Sol, veſtindo-ſe de luto; as pedras, e paredes, quebrando-ſe de dor; até o inferno, largando os mortos, que tinha prezos; e atégora os coraçoens dos infieis Judeos o naõ conhecem, e mais duros, e obſtinados, que as meſmas pedras, ſe naõ querem partir com a dor de o haver offendido: aſſim vós, imitando na perverſidade eſtas humanas viboras, ou infernaes furias, deſconheceis a Deos,

S. Greg. Pap. t. 8 Hom. 10. in Evang. poſt princip. habetur in Epiph. lect. 9.

a Deos, quando vem a cada paſſo ao mundo de voſſas almas com a viſitaçaõ dos auxilios, das advertencias, das miſericordias.

Que he iſto, ó gente ſem temor? inimigos da voſſa ley, e eſcravos da abominaçaõ? Iſto chamais vós ſer Chriſtaõs? eſta he a ley, que guardais? e eſta he a Fé, em que viveis? com que obſtinada rebeldia ſe troeou a voſſa razaõ? com que rochas os coraçoens? com que bronzes a natureza? Por dita das miſericordias, que engeitais aſſim cada dia, achareis na hora da morte mais que a vingança á cabeceira? acaſo, daquella juſtiça, que exaſperais todas as horas, achareis na ultima mais que a ira, e caſtigo ſobre vós? por ventura dos bens da terra, que vos enganaõ cada inſtante, no voſſo ultimo arranco ficarvos-ha mais que a mortalha? ſervis-vos do livre alvedrio para andardes ſempre á võtade? ſervis-vos das razoens humanas, para achar razaõ ao deſcuido? ſervis-vos da memoria da morte, para depravar mais a vida? Que mais faria o peyor bruto, que fere, ou mata a quem o cria? Que peyor faria huma vibora, que naſce rompendo as entranhas de quem lhe deo o ſer? Que mais fez o meſmo demonio, q̃ oppor-ſe a ſeu Deos, conhecendo-o? Se pois ſois feras contra Deos, e andais mettendo-vos na terra, que eſperanças tendes do Ceo? Se ſois viboras de Jeſu Chriſto, e lhe andais raſgando as entranhas, porque eſperais que vos dê vida? Se ſois demonios, e andais mettendo-vos no inferno, como eſperais de Deos a gloria? Sem duvida em voſſas entranhas, mais que nas arêas da Lybia, produzio ſerpentes a terra. Sem duvida em voſſos coraçoens, qual Meduſa, a obſtinaçaõ, empedernindo-vos as almas, vos deshumanou o juizo. Sem duvida nas voſſas almas, friezas, mais que da Noruega, regeláraõ a vontade, para vos congelarem o eſpirito.

Os campos rudes, e groſſeiros, dando-lhes Deos a primavera, daõ flores, e ao menos daõ hervas, onde ſe achaõ muitas virtudes: as plantas, que viviaõ pobres de toda a natural virtude; os troncos, que eſtiveraõ nùs fazendo penitencia dura nos deſabrigos de Janeiro, ao menor auxilio de Abril, a hum beneficio do Veraõ, naõ ſó florecem, mas daõ fructos, com que tambem nos daõ exemplo: a neve, que ſe gelou mais fria; a fonte, que ſe vio mais preza; o rio, que parou mais atado nos grilhoens frios, que lhe pôs o Inverno, em lhe dando os rayos do Sol ſe deſembargaõ, e ſe ſoltaõ; ſe deſfazem, e ſe derretem:

rétem: só os homens, onde a malicia desnaturalizou a razaõ, por mais que o Ceo lhes momostre os tempos, se ficaõ rudes, mais que os campos; bem que Deos lhes dobre os auxilios, se mostraõ immoveis, mais que os troncos; e por mais calor, que lhes dem os rayos do Espirito Santo, se ficaõ enregelados, mais que a neve: pois que he isto, ó filhos da terra, almas de neve, coraçoens de tronco, juizos do campo? Que he isto, que vos acontece, mais que huma dura resistencia, e huma porfiada obstinaçaõ ao natural conhecimento? As aves do ar, os brutos da terra, e ainda as creaturas insensiveis sabem conhecer o seu tempo, e só vós o naõ conheceis?

Conhece o Sol o seu fim, reconhecendo o seu occaso: *Sol* Psalm. 103. 30. *cognovit occasum suum*; e que se seguio de conhecè lo? Seguio-se que no dia do juizo, como antevio o Evangelista, appareceo o Sol penitente com cor de cilicio, e coberto de hum Apoc. 6. 12. escuro burel: *Sol factus est niger, tanquam saccus cilicinus.* Começou este conhecimento do Sol, por aprehensaõ do tempo, continuou discurso, e acabou juizo: tinhá visto o Sol cada dia que nascia, mas que espirava, tinha visto em seus resplandores, que se rindo-se-lhe a manhaã, nascia em berços de perolas, encapotando-se-lhe a tarde, se punha em eças funebres; se luzidamente triunfando voltava pelo meyo dia, declinando, como decrepito, se sepultava no Occidente: vio, que naõ contentes os fados com esta morte successiva de sua vida mais luzente, lhe decretavaõ para sempre a tumba de hum eterno occaso: conheceo o Sol finalmente, que havia de acabar se o tempo, que haviaõ de parar as luzes, por isso se vestio de sacco, como fazendo penitencia daquella luzida vangloria, com que lustrara ufanamente toda esta caduca maquina a este enganoso mundo. Se pois o Principe das luzes, o requestado das Estrellas, a formosura do universo, a joya dos Ceos, e das nuvens, porque conhece o seu occaso, assim muda a galla dos rayos em cilicio negro de trevas; a téla de seus luzimentos em escuro burel de sombras; o enfeite das suas luzes, em funesto luto de eclipses; e a pompa de seus resplandores, em mortalha de escuridades: quem ha, se tem conhecimento, que antes que chegue ao seu occaso, naõ converta a galla em cilicio; naõ demude a téla em burel; em meya noite, o meyo dia; o curso da vida, em discurso; e a vontade em entendimento?

O' mortaes, se hum só dia consi-

considerareis que haviaõ de parar as luzes no occaſo de huma ſepultura, que haviaõ de eclipſar-ſe os rayos com a eſcura ſombra da morte; e amortalharſe os luzimentos na nuvem de hum eſcuro burel; he certo que tivereis a luz da razaõ nos eclipſes do luzimento; acharieis a aurora da vida no meſmo occidente da morte, lograrieis o meyo dia d'alma nos meſmos occaſos da tumba. Porèm ſe do voſſo juizo ainda os ſinaes naõ apparecem; porque ainda as cores do cilicio, e outros ſinaes da penitencia ſe naõ vem pelos voſſos roſtos: ſe ainda que a memoria da morte vos faça ſinaes pela vida, nos naõ dobra o temor pela alma: quem naõ dirá, ſe tem razaõ, que ſó pelo voſſo juizo ſe podem ja fazer ſinaes? Conhecem as aves o ſeu tempo, os brutos a ſeu ſenhor, o Sol o ſeu occaſo; ſem que o Sol tenha entendimento, ſem que os brutos tenhaõ razaõ, ſem que as aves tenhaõ juizo; e o homem, que ſó tem juizo, razaõ, e entendimento, nem quer conhecer o ſeu fim, por naõ cuidar na morte; nem a ſeu Senhor, por naõ guardar a ſua Ley; nem a ſeu tempo, por viver como immortal: de que ſe ſegue, conhecer menos que hum planeta; fazer menos que huma ave, e viver peyor que hum bruto. As aves conhecem o tempo, porque põem os olhos no Ceo: conhece o bruto a ſeu ſenhor, porque recebe delle o ſuſtento: conhece o Sol o ſeu occaſo, porque declina para elle: ſó o homem naõ quer pôr os olhos no Céo, por naõ perder de viſta a terra; naõ quer olhar o que recebe, por naõ pagar o que deve; naõ quer ſaber o que declina, por naõ ſuſpeitar que acaba: de que tambem ſe ſegue, que por naõ aproveitar o tempo, perde a eternidade; por naõ ſujeitar-ſe a Deos, ſe entrega ao demonio; por naõ olhar o ſeu occaſo, anoitece em eternas ſombras, quando cuidava que amanhecia. Torna a terra o fructo a ſeu dono tanto mais, quanto mais ferida he do rigor util dos arados; torna á gayola huma avezinha, engeitando, de agradecida, pela prizaõ a liberdade; faz affagos a ſeu ſenhor hum cachorrinho no meſmo tempo, em que o acouta, e caſtiga: e em fim, naõ affaga, naõ torna, nem dá fructos a ſeu Senhor o homem, a quem Deos fez livre, porque o prendeſſe o ſeu amor; o homem, a quem Deos affaga, quando elle cuida que o caſtiga; o homem, que Deos aproveita, quando elle preſume que o fere; como ſe o homem fora a ave mais fugitiva, o animal mais agreſte, e a terra mais inutil: pois em que póde iſto parar, ſenaõ

naõ em que sendo a vingança pelos mesmos termos da offensa, tambem Deos naõ conheça o homem, quando no ultimo suspiro chama por Deos com mayor ancia? *Milvus in Cœlo, &c.*

GOLPE XII.

O insensati Galatæ, quis vos fascinavit non obedire veritati, ante quorum oculos Jesus Christus proscriptus est, & vobis crucifixus! Gal. 3. 1.

Do descuido, que tem os peccadores em buscar, e servir a Deos.

GEMIDO XII.

O' Peccadores, ó mortaes, ó entendimentos do seculo, ó hydropicos da ambiçaõ, ó idolatras da mentira; legisladores da vaidade, gentios da mesma razaõ, e barbaros da Ley de Christo: cujo Deos naõ he outro, senaõ o vosso vicio; cuja bemaventurança he a mundana vida; cujo Ceo he só o mundo; com quem a verdade he desprezo: o desengano, doudice; fim ultimo, o viver; e a morte fabula: com quem a doutrina dos Justos he trovaõ, que vos faz tremer; mas naõ rayo, que vos fira as entranhas, ou vos allumie o entendimento, e desperte a memoria; de que sois pó, e sereis cinza: com quem a Fé he como herança baldia posta em herdade inutil; ou como titulo de bens, de que se naõ tem a posse: com quem a memoria do ultimo juizo he como medicina, que cura; mas porque amarga, naõ se toma, ou, se se toma, se vomita: com quem a consideraçaõ do inferno he como sonho, que ainda que vos assusta, naõ lhe dais credito algum: com quem o Ceo he como mina, que se deseja, mas naõ se cava: nuveos sem agoa do amor de Deos, e do proximo, que vos deixais levar á vontade dos ventos: arvores do Outono infructiferas, e duas vezes mortas, em vaõ do Sol beneficiadas: lagoas mortas de agoa podre em o torpe vicio corrompidas: ondas do mar, que, sempre inquietas, escumais de puro soberbas: Estrellas errantes sem luz, que sempre annunciais borrascas, e sempre naufragais em sombras: cometas tristes, e funestos; que a vós mesmos sois ameaço, e assombro infausto a todo o mundo: que densa nevoa da mentira vos tem encoberta a verdade? que escura sombra da ignorancia vos eclipsou o entendimento? que feitiço do vosso engano vos endoudeceo a razaõ? que cegueira da liberdade vos precipitou o discurso? tivestes em Deos o principio, e he

he vosso fim o demonio? compris á risca as leys do mundo, e naõ guardais a Ley de Deos? aborreceis a vosso Deos no exercicio das virtudes, adorando ao mesmo demonio nos objectos torpes da culpa? acoutais o Filho de Deos nas columnas das vossas almas com cada qual de vossos vicios; e ergueis altares ao demonio com cada qual de vossos gostos, naõ menos, que no coraçaõ ao vosso Deos, ao vosso Rey, ao vosso Pay, ao vosso mayor amigo despis, e pondes em huma Cruz cada vez que cahis em culpa; e com o mayor inimigo, que tendes na terra, e no inferno, andais em braços toda a vida? pregais as maõs a Jesu Christo, que vos quer ter da sua maõ, e quereis que ande Satanaz taõ solto dentro em vossas almas; fazeis honra de ser agradecidos a quem no mundo vos obriga; e jactais-vos de ser ingratos a quem vos deo o ser, e a vida, e vos está rogando com os Ceos, se fizerdes o que vos manda? Por bens fingidos, e enganosos, que hum breve instante apenas duraõ, deixais a cada momento os longos bens da eternidade: e por males que eternamente vos haõ de ter no castigo, engeitais a Cruz de Christo, que durará poucos momentos? Tendes diante de vossos olhos a Christo crucificado por vosso amor, e por vossas culpas, veyo-vos ensinar ao mundo do modo com que se ha de ir ao Ceo pela Cruz do preceito da ley, ou da mortificaçaõ; e fazeis conta de ir ao Ceo sem Cruz, e sem seguir a Christo, de quem em vaõ tendes o nome! Como cuidais que tereis mais privilegios, que o Filho de Deos para a vida de eternidade? a mesma innocencia, a mesma bondade, a mesma virtude, naõ foy ao Ceo, se naõ crucificado, e vós quereis, sendo o mesmo vicio, a mesma maldade, a mesma abominaçaõ, ir ao Ceo sem Cruz? quereis ir por flores, por boninas, e deleites da profanidade, sendo peccadores, onde o mesmo Filho de Deos, o Justo, o Santissimo foy por espinhos agudos, por cravos de ferro, e por abrolhos de bronze?

Toda a causa obra por algum fim, Deos creou vos, e para alguma cousa foy; por ventura para zombardes da sua Ley toda a vida, vos crearia Deos na terra? para naõ temerdes sua ira, vos sustentará neste mundo? para affronta de sua justiça, usará com vosco de misericordia? e dar-vos-ha os bens do tempo, para vos cevardes nos vicios? será pois bom, que nesse estado, em que vos vay passando a vida, vos colha a morte, que na culpa vos ameaça a cada passo? folgareis no ultimo dia, que pó-

de

de ser o de hoje, que vós achе hum Deos offendido postos nos braços do demonio, na feya cama do peccado, e no fomno torpe da culpa? como naõ temeis viver em hum estado, em que vos pezará de morrer? cuidais que então vos daraõ tempo para peitardes a justiça, se a todo o tempo, pelo vicio engeitais a misericordia? parece-vos que a Deos lhe pezará de que vos percais para sempre, se vos naõ pezou de offendè-lo, no que naõ prestou para nunca entendeis, que os Anjos, e Santos rogaraõ por vós ao Senhor ao mesmo tempo, em que obstinados fazeis por dilatar a vida para tornar aos bens do tempo? tendes juizo, e toda a vida naõ credes que ha de haver juizo? tendes vida, e para a hora da morte guardais o mayor negócio da vida? tendes tempo de appellar da sentença de morte eterna para a vida perduravel; e por pedir meza aos Sacramentos vos ides ás eternas chamas? O' mortaes, os que estais em mortal culpa, que comvosco fómente fallo, naõ vos diz isto quem he justo, naõ vos prega isto algum Santo, o mayor peccador do mundo, hum penedo na dureza, hum tronco secco da maldade, huma vibora da ingratidaõ, e hum bronze vivo da malicia; mas pela misericordia de Deos arrependido, vos chora, aviza; e reprehende os perigos em que se vio, os remedios que perverteo, e os venenos de que gozou: se pois hum bronze se enternece, se quem he tronco assim se move, se quem he penedo vos grita: porque naõ vedes quaes sereis no juizo dos bons; se sois escandalo dos máos? porque naõ vedes quaes sereis nos olhos de Deos, se pareceis taõ mal os peccadores?

Como vós naõ envergonhais de buscardes com mayor ancia tudo o que he gosto do demonio, que o que he vontade de Deos? de que trateis com mais amor a Satanás, que a Jesu Christo? de que ponhais em vos perder mayor cuidado, que em salvar vos? de comprar com tantos desvélos a perpetua condenaçaõ, e de fazer taõ pouco cazo do Ceo, que Deos vos offerece? Como em fim vos naõ pejais muito de que vos deva mais finezas a affeiçaõ de qualquer creatura, que as perfeiçoens de vosso Deos, Creador, e Redemptor vosso? e que queirais com mais extremos servir ao vosso desatino, que seguir a vossa razaõ? Se Deos fora o interessado, e nós os independentes, se elle nos houvera mister, e nós o puderamos escular; se elle só quizera o seu bem, e nos mandara fazer mal, parece que alguma desculpa tiveraõ nossas froxidoens; e ainda assim a naõ tiveraõ,

tiveraõ, porque sempre Deos fora amavel, digno de ser obedecido, e por tudo sempre louvado: mas se do principio do mundo, e desde a mesma eternidade nos está Deos mostrando amor, e fazendo nos beneficios: se deixou perder nossos pays entre a cega gentilidade por taõ largos seculos, e vindo ao mundo nos buscou, e nos fez dos seus escolhidos sem algum merecimento nosso; como cabem na nossa vontade os aggravos, que lhe fazemos, se naõ cabe no entendimento a ingratidaõ, com que o deixamos? Naõ sendo cousa alguma, deonos o ser, nascendo cegos, deonos luz; querendo gostos, feznos mimos; gostando de honras, deo nos creditos; pedindo males, dá-nos bens; buscando a morte, dá nos vida; querendo o nada, dá nos tudo; e nada disto ha de bastar para o amar, para o querer? nada em fim nos póde obrigar para o buscar, para o servir? por ventura nós nos fizemos? nós por dita nos sustentamos? e acazo por nossas forças vivemos? obras somos de suas maõs; empregos de sua bondade, e perdoens de sua justiça: qual he disto a satisfaçaõ, e qual he o agradecimento? reduzir tudo ao nosso engano, e pervertè-lo em sua offensa? Se a vosso pay todas as horas quizereis tirar a vida, que esperarieis de vosso pay? Se cada dia ao vosso amigo mayor quizereis tirar a honra, que esperarieis do vosso amigo? Se cada instante ao vosso Rey quizereis fazer traiçaõ, que esperarieis do vosso Rey? Se puzereis em fim por obra todos estes, máos pensamentos, de todos elles q̃ esperarieis? Se pois esperarieis do pay, quando menos a maldiçaõ, se até do amigo, quando pouco, que logo vos tirasse a vida, e se em fim do Rey, quando nada, que vos naõ faltasse com a pena: que esperais, que vos faça Deos, ainda que amigo de verdade? que a guardais, que vos faça o Senhor, bem que Pay de misericordia? e que entendeis, que fará Deos, sendo Rey de tanta justiça? tirastes-lhe a vida na culpa; tirastes-lhe a honra na Cruz: fizestes-lhe traiçaõ no mundo; e quereis no ultimo dia, em que se descobre a verdade, em que vos julga a Justiça, e em que naõ haja misericordia, que vos naõ deite a maldiçaõ, que vos naõ tire a eterna vida, e vos naõ dè a pena eterna? oh cegueira! oh deslumbramento! E que outra cousa he querer salvar se hum peccador, que naõ se emenda, senaõ esperar que a sombra lhe dè luz, que o fogo se lhe torne em neve; que o Inverno se lhe mude em Veraõ; e que a noite se lhe converta em dia? Como pois dormis,

mis, sendo, naõ só devedores, mas ingratos correspondentes ás mercès de tal Rey, aos beneficios de tal Amigo, aos favores de tal Pay? Oh que por isso se queixava o Senhor de seus Discipulos dormirem ao mesmo tempo, que Judas se desvelava em entregá-lo! *Judam non videtis quomodo non dormit, sed festinat tradere me Judæis? quid dormitis? surgite.* Pois naõ tinha o Senhor outra pessoa, que lhes lançar em rosto, com que os envergonhar, se naõ com Judas? O' mortaes, Judas vinha a vender a Christo, e a fazer a mayor maldade do mundo; os Apostolos acompanhavaõ a Christo, e eraõ os mais queridos de Deos, e os melhores homens da terra; e naõ podia haver mayor mágoa para o Senhor, que ver que os que lhe eraõ mais obrigados, naõ se desvelavaõ tanto por seu amor; naõ se cansavaõ tanto pelo agradar, como os perversos pelo offender: ha de ser possivel, Christaõs, que percais o somno por amor do demonio, e que o naõ queirais quebrar por amor de Deos? ja vos deitais a dormir, como se naõ tiveseis por andar huma taõ grande jornada, como he daqui ao Ceo! assim descançais a somno solto, sendo devedores de tantos beneficios, e de tantas ingratidoens? que loucura he esta? naõ vedes com a experiencia os beneficios? com a perversa vida as dividas? e com os olhos da Fé as obrigaçoens, em que estais a hum Deos taõ amante, que por vós foy posto em hũa Cruz! Eis-aqui porque S. Paulo taõ asperamente reprehendeo os de Galacia: *O' insensati Galatæ, quis vos fascinavit, &c.*

Resp. 8. Fer. 5. in Cœna Domin.

GOLPE XIII.

Juxta est dies perditionis, & adesse festinant tempora.
Deuter. 32. 35.

De como os peccadores perdem o tempo ao mesmo passo, que elle lhes vay fugindo.

GEMIDO XIII.

INsensivelmente, ó mortaes, ides correndo á perdiçaõ cada dia de vossa vida: os tempos ja se vaõ chegando tanto mais, quanto mais vos duraõ vossos profanos passatempos: vay-se chegando a perdiçaõ, porque ao remedio, e salvaçaõ ha ja muito que ides fugindo: desviados da salvaçaõ ides fugindo, correndo para a morte sem se vos dar mais, que da vida: ides voando para os infernos, sem lembrar-vos mais que do mundo: fugindo o tempo, que coxea, vos engana com as muletas,

letas, ao meſmo tempo, que com as azas vos deſengana o como voa: quereis deter vos neſſe engano, que vos faz ter em mayor conta, e naõ quereis nunca dar conta deſte engano, em que vos detendes? quereis aſſim deter a vida na meſma preſſa, com que corre a eſtragar-ſe, e conſumir-ſe? quereis tambem deter o tempo, que foge de voſſos peccados como affrontado, e pezaroſo de dar-vos tempo para tudo? quereis que o meſmo Author da vida, dando-vos tempo, que gaſtais na culpa, vos detenha mais nas offenſas, com que o indignaõ voſſas almas? cada dia, que Deos vos dá mais de vida, naõ he huma licença para peccar; he huma eſpera para vos arrepender: ſe em toda a vida vos naõ arrependerdes, antes perverterdes a eſpera da miſericordia, que muito he que caya ſobre vós a indignaçaõ da juſtiça!

Oh que fadiga taõ inutil, quererdes conſervar a vida á medida do voſſo goſto, ſe aſſim o goſto, como a vida de ſi meſmo vaõ declinando, precipitando-ſe, e cahindo para os occaſos do ſeu termo, para os extremos do ſeu fim! Oh que malicia taõ perverſa, querer que Deos vo la conſerve em voſſos vicios, e peccados; e ſoffrendo-vos toda a vida, ſeja o meſmo Deos offendido conſenti-

dor de voſſas culpas! Pois deſenganai-vos, mortaes, que pela voſſa meſma vida ides correndo para a morte; e na ultima hora da morte, que póde ſer muy cedo, para todo ſempre dos ſempres vos ſepultareis nos infernos: corre o peccado para o inferno, como para a morte a vida; he a morte o termo preſcripto do ligeiro curſo da vida, aonde pára, e termina a que corre mais vagaroſa; he o inferno paragem infallivel de quãtos voaõ pela culpa á morte eterna de ſua alma, por mais tarda, e vagaroſa, que meça o curſo dos tempos: que doudice pois ha mayor, que ir correndo para hum lugar, e naõ querer chegar a elle? Que cegueira ha taõ grande, como ir-ſe a idade conſumindo, e os peccados accreſcentando-ſe? acabar-ſe a vida por horas, e querer a culpa por annos? ir ſe renovando a maldade, e nunca reformar a vida? Se vireis florecer as arvores, qual de vósoutros naõ diria que eſtava perto a Primavera? Se mettereis no fogo hum madeiro, qual de vós ſe eſpantaria de que elle ſe queimava, e fazia em pó, e cinza? Se florecereis nas virtudes, que muito era que confiados na graça de hum Deos taõ benigno, eſperaſſeis da eternidade a inalteravel Primavera? Mas ſe ardeis como troncos ſeccos nas cham-

mas de voſſos peccados; ſe viveis como Salamandras nas leváredas da vingança, da laſcivia, da concupiſcencia, do intereſſe, e da malicia, que muito he que chegando a morte, que ſe atea no meſmo vicio, vos convertais todos em pó, porque buſcaſtes ſempre a terra; vós desfaçais todos em cinza, porque viveſtes ſempre em braza; vos reſolvais todos em ſombra, porque acabaſtes ſempre em fumos? Começarem a deſpir-ſe as arvores daquelles ſeus verdes adornos, e daquella alegre eſperança, com que Abril as formoſea, ja he final de que o Eſtio lhes toma eſtreita reſidencia naõ ſó aos fructos, mas ás folhas; naõ ſó aos ramos, mas aos troncos: ſe pois começais a ſeccar-vos na obſtinaçaõ, que vos murcha; ſe vos deſpis das eſperanças, que nas virtudes reverdecem; que muito he que a voſſa vida ſeja final do ſeu eſtrago, ſe as voſſas meſmas ſequidoens ſaõ annuncio do ſeu caſtigo!

O' mortaes, fazer o goſto ao voſſo goſto tanto á cuſta de voſſas almas, bem ſe póde fingir deleite, mas naõ vos póde dar ſocego: goſtos, que logo ſaõ ancia para depois, para quando ſaõ goſtos: pezares ſaõ para ſempre, e vanglorias para nunca: fazerdes zombaria de Deos, no cazo que fazeis da culpa; deſeſtimardes o Ceo, fazendo galla de perder-vos, como póde ſer goſto d'alma, ſe he peſte do coraçaõ? ſe credes que ha Deos, e entendeis que neſta vida ha de ſalvar-vos, em má conta tendes a Deos; pois por maldades, e peccados eſperais que vos dê em premio a Gloria: ſe para o voſſo ultimo tempo guardais a emenda dos peccados, baixamente tratais a Deos; pois quereis que a ſua bondade vos ſirva com as condiçoens, que lhe põem o voſſo delicto: muita conta fazeis de Deos, pois da voſſa maõ entendeis que eſtaõ os mezes, e annos; a voſſo ſerviço as Eſtrellas; a voſſo mandado os deſtinos; e a meſma juſtiça de Deos ás ordens da voſſa maldade, e ás deſordens do voſſo goſto.

Que mayor cegueira ha no mundo, que naõ parar huma hora, nem ponto; nem ſocegar noite, nem dia correndo pelos deſpenhadeiros infernaes; e naõ reparardes huma hora em que póde vir a parar tanto correr, tanto cahir! pudereis cobrar o perdido, o por perder, e o que ſe perde deſſe tempo; que ſe vos paſſa, em huma ſó hora cada dia, em que diſcorreis no eſpirito o mal que correſtes no ſeculo; e por naõ terdes na razaõ o meſmo diſcurſo do tempo, perde-ſe-vos o tempo paſſado em naõ ſer pezar

do

do preſente; fruſtra-ſe-vos o tempo preſente em naõ ſer tençaõ do futuro; balda-ſe-vos o tempo futuro em naõ ſer deſejo do eterno: naõ ſe cobra o tempo, que ſe paſſa; naõ ſe detem o que ſe dura; naõ ſe tem ainda o que ha de vir; e vós, paſſando todo o tempo, como ſe nunca paſſara, do paſſado fazeis vangloria pela jactancia do logrado; do preſente fazeis deſprezo pelas ambiçoens do futuro; do futuro fazeis tormento pelas ſaudades do perdido? Se ſentis o tempo paſſado, he ſaudade do que foy; ſe chorais o tempo preſente, he magoa do que ja naõ he; ſe vos doe o tempo futuro, he ancia do que naõ ſerá: e devendo ſer a voſſa dor hum pezar do máo que tem ſido; hum diſſabor do que eſtá ſendo; e hum receyo do que ha de ſer; nem vos lembrais do que paſſou para emendar a voſſa culpa; nem vos dá pena o que ſe paſſa, para recear voſſa morte; nem ſe vos dá do que ha de vir, para mudar a voſſa vida? Oh homens, que perdeis o tempo, ſem medir a perda, que tendes em cada hora, e cada dia! *Perdidimus diem.* Sentio hum Principe do mundo perder hum dia de vaidade, e vós naõ ſentis tantos dias, tantos mezes, e tantos annos, em que perdeis o amor de Deos, e em que vos perdeis para ſempre? cada dia, cada momento, naõ ſómente perdeis hum dia, mas tambem perdeis huma eternidade; e naõ vos deixa eſtremecidos a memoria de tantas perdas, e acerteza de tantos males, quantos ides adquirindo em cada momento de culpas, huma eternidade de penas? Naõ menos que a reſpiraçaõ, que Deos vos dá a cada inſtante, devia ſer o amor de Deos, e a lembrança de ſeus favores; e para o ultimo ſuſpiro guardais a primeira memoria, e o primeiro agradecimento?

Baſte pois, mortaes, baſte o tempo, que tendes tirado á vaidade, e vivido em vaõ neſte mundo. Se por terra vos pôs o mundo com os eſtragos de ſeus vicios; ſe vedes em voſſos eſtragos, que eſtaõ fumando eſſas ruinas, e todos ſaõ menos que fumo, em comparaçaõ das eternas; para deſapegar-vos da terra, e dar as vélas á eſperança no mar largo do amor de Deos, ou no eſtreito da penitencia, que eſperais tempo mais feito, que quando as divinas moçoẽs vos daõ os ventos favoraveis dos gemidos, e dos ſuſpiros, que correm do Eſpirito Santo? Quem para lançar ao mar amorgoſo da penitencia tudo, eſpera marè mais de roſas, que quando as enchentes de Deos lhe põem nos olhos agoas vivas? Deos naõ olha para o paſſado,

Tit. Veſp. apud Sueton.

quando ha emenda de preſente; e o que ſe emenda de preſente, tudo lhe he facil de futuro: mas ay, que chega a advertencia, e naõ o deſengano; a occaſiaõ, e naõ a vontade! Oh laſtima, que venha chegando a perdiçaõ, e naõ ſe acabe de procurar o remedio! Oh cegueira, que eſteja ameaçando a ruina, e naõ ſe procure o remedio! Oh deſventura, que ſe avizinhe tanto o tempo da conta, e naõ haja quem trate de as dar bõas! *Iuxta eſt dies perditionis, & adeſſe feſtinant tempora.*

GOLPE XIV.

Si juſtus vix ſalvabitur, impius, & peccator ubi parebunt? 1. Petr. 4. 18.

Da ignorante confiança, que tem os peccadores de ſalvarſe ſem penitencia, quando muitos Juſtos ſe vieraõ a perder por falta della.

GEMIDO XIV.

SE os Juſtos apenas ſe ſalvaõ, (diz o Apoſtolo S Pedro) aonde pararáõ os máos peccadores, e os perverſos? Perderaõ-ſe os Anjos no Ceo; no Apoſtolado hum eſcolhido; na Igreja tantos dos chamados, os ſepultados nos Conventos; ja defuntos nos deſertos; nos caminhos altos do Ceo tantos que cahiraõ no inferno; nas eſtradas largas do mundo tantos, que deſcem como nuvens ao mar eſcuro dos abyſmos: e naõ temem os peccadores, que o mais certo ſeja perder ſe! e ſe temem, porque naõ ſe emendaõ? ſe naõ ſe emendaõ, como temem? e ſe naõ ſe emendaõ, nem temem, como dizem que ſaõ Chriſtaõs? como crem em Deos? como o amaõ? como o reſpeitaõ, e o conhecem? Tremem os cedros do Libano, e naõ tremem as canas do ermo? Confunde ſe Jeruſalem, e naõ paſma a Babylonia? Cahem as Eſtrellas do Ceo, e eſtaõ em pé as grimpas da terra? Eclipſaõ-ſe as luzes do Sol, e naõ ſe turba a ſombra da noite?

Luc. 6. 13. &c.

O' homens veſgos de razaõ, ſurdos de juizo, vazios de memoria, eſquerdos de vontade, buçaes de entendimento; que fazeis, em que vos occupais? Nos ouvidos de hum S. Jeronymo ſoava a ultima trombeta todos os momentos do dia; nos olhos d'alma de hum S. Bruno eſtava ſempre a cova aberta; com ſettenta annos de penitencia no deſerto, tremia na hora da morte, naõ menos que hum Santo Hilariaõ; nas affiguraçoens de hum David o cercavaõ as penas do inferno; e que vendo iſto o peccador, o que a bandeiras deſpregadas fez guer-

guerra a todas as virtudes: ó que peccando á redea solta foy odio do Ceo, e da terra: que o que offendendo a Deos á escancara foy de Deos publico inimigo, haja de estar muito seguro de que ha de ter salvação? haja de andar muito contente, crendo que a Deos lhe importa muito rogar-lhe com a sua gloria? Homens cegos: homens sem sizo, que confiança vos engana? Por hum soberbo pensamento, que foy culpa de tres instantes, se perdeo a terceira parte dos Anjos; por este só cahio no inferno condenado aos damnos eternos aquelle medonho diluvio de tantos espiritos Celestes; por huma pequena maçãa, que comeraõ Adaõ, e Eva contra o preceito de Deos, perdeo a graça todo o mundo, e só por isto sahiraõ logo do Paraiso desterrados; e aos mesmos que ainda estaõ por ser, alcança ja agora esta culpa, que só parece que entaõ foy: e naõ sendo os vossos peccados, nem hum só breve pensamento, nem huma pequena maçãa, cuidardes que sem penitencia haveis de escapar do que naõ escapou hum Anjo? entenderdes que nascendo em culpa, tereis mayor privilegio, que hum homem que foy feito em graça? e que vos salvareis como elle, sem o imitar na penitencia? que he, senaõ hum final evidente de ser reprobos, e prescitos? Os sinaes, que ha de salvaçaõ nesta via de peregrinos, he seguir o caminho dos Justos, temer, e amar a Deos; confessar a Fé com as obras, naõ quebrar sua Ley com as culpas; cahindo em peccado, levantar pela penitencia; e levantando nos, perseverar sem cahir: mas seguindo os passos de Caim, querer salvar-vos como Abel; sahindo pelas vias de Esaú, querer a bençaõ de Jacob; e vivendo como Ismael, querer acabar como Isaac, he cegueira do vosso engano, he teima do vosso delicto, e he ja pena da vossa culpa.

Já se Deos vos naõ avisara com tantos castigos do mundo, tivera cor, se naõ desculpa, o descuido da vossa vida: mas se estaõ gritando os exemplos; se nos daõ vozes os castigos; e se só os ecos dos clamores, que nos daõ as cinzas humanas, nos atroaõ as consciencias, que desculpa poderá ter huma taõ surda obstinaçaõ? Para affogar com o diluvio todos os viventes da terra, cahio o Ceo em cordas de agoa; para abrazar a Sodoma em chammas, choveo o Ceo hum mar de fogo; para subverter nos abysmos o exercito de Faraó, todo o mar roxo foy sepulchro; para tragar o inferno em vida a Corè, Dathan, e Abiron, naõ só a terra

ſe fez bocas, mas fez gargantas das entranhas: ſe pois a terra, abrindo-ſe em bocas, vos eſtá dando gritos; ſe o mar com rubricas de ſangue vos eſcreve a final ſentença; ſe as chammas com linguas de fogo vos eſtaõ dando aviſos, e ſe ainda o Ceo ao lume da agoa vos eſtá dando tantos golpes, ſe todas as mais creaturas vos fallaõ, e vos prégaõ da parte de Deos; que fazeis, ó homens do mundo? que eſperais? em que vos detendes? que mais vozes quereis do Ceo, que as lamentaveis de hum diluvio? porque naõ entendeis a lingua, com que o fogo vos ameaça? porque eſtais ſurdos aos clamores, que com ſilencios eloquentes vos repete hum mar de ſepulturas? porque vos fingis ignorantes aos aviſos, com que a terra do mais profundo vos brada? Affoguem ſe ja voſſas culpar em hum diluvio de lagrimas; purifiquem ſe voſſas almas no fogo do Divino amor; lavem ſe todas voſſas manchas no mar do Sangue de Chriſto; e tomem terra voſſas vidas na lembrança de que ſois pó; porque ſe fizeres iſto, a terra ſe vos tornará Ceo; o Ceo vos choverá hum diluvio de graças; o mar vos levará a ſalvamento; e o fogo do Divino Eſpirito vos dará calor para ſeguir, e amar a Deos, naõ ſó na emenda, mas no exemplo da vida; naõ ſó morrendo, mas vivendo; naõ ſó na via, mas na Patria: mas ſe aſſim o naõ fazeis, como duvidais de que o Ceo vos negue a luz de Deos; que o fogo eterno vos abraze; que a terra ſe abra comvoſco; que as ondas do mar vos ſubvertaõ; e que os infernos vos ſepultem?

Se olhais para a terra, vedes a voſſa ſepultura; ſe para o Ceo, a voſſa Patria; ſe para o ar, o garrote da voſſa vida; ſe para o fogo, o caſtigo das voſſas culpas, e ſe para os peccados, os verdugos de voſſas almas: o meſmo inferno vos adverte, que todos os que lá eſtaõ foraõ pelo voſſo caminho; o meſmo Ceo vos aviſa, que todos os q̃ lá foraõ foy por caminhos differentes daquelles por onde vós ides; a terra vos faz memoria, que ſe reſolveraõ em pó, quantos, como vós, a pizaraõ; o fogo vos dá por novas, que nunca deſceo ſobre a terra, mais que a ſer verdugo de vicios; e finalmente os peccados vos certificaõ, que ſempre foraõ ruina das almas: a terra diante dos olhos vos põem os ſemblantes da morte; o fogo á viſta da razaõ vos põem as ſombras do inferno, e ſimilhanças do Juizo; o inferno aos olhos da Fé vos avulta o eterno damno; e o Ceo com ſua meſma viſta vos annuncia as eternas glorias.

glorias E vós, homens, cujas consciencias saõ mais escuras, e medonhas, que o mesmo dia do Juizo, cujas vidas saõ humas mortes; cujas almas saõ huns infernos; sobre naõ cuidares no Ceo, parece-vos cousa escusada, hypocrisia, ou desproposito, ter o juizo na vontade, trazer a morte no juizo, e pôr o inferno na memoria? Quem vendo vos gastar as horas; quem vendo-vos perder os dias, e esperdiçar mezes, e annos; cujos reditos naõ se cobraõ, cujas perdas naõ se restauraõ, cujos furtos naõ se restituem, naõ sentirá, naõ chorará ver que perde o tempo da vida, da penitencia, e salvaçaõ, quem cada instante, e cada ponto, sabe que tem o tempo feito para o anno da perdiçaõ, para o seu dia do juizo, e para a hora da sua morte? Todos os Justos, que a temeraõ; todos os Santos, que a cuidaraõ; e todos os bons, que se affligiraõ, foraõ nescios, e mentecaptos? Vós sois sómente os entendidos, os atinados, e prudentes?

Peccadores, tudo he dizerdes, que Deos he de misericordia: oh quanto se vê, que assim he, pois vos naõ tem tragado a terra, engolido o mar, abrazado o fogo, e sepultado os infernos! Porèm, que mayor desaforo quereis vós fazer contra Deos, que querer que a sua misericordia das largas, que dá para a emenda, vos faça ensanches para a culpa? Poderá haver mayor maldade, que querer que Deos vos espere para o offenderes mais, e vos deixe mui devagar estender pelos vossos vicios, e que até vos naõ enfadares, e enfastiares de peccar tenha Deos mui santa paciencia; porq̃ naõ haveis de emendar-vos, senaõ quando vos parecer, quando for muito vosso gosto, no ultimo quartel da vida? O' homens depravados, parece-vos que para Deos sobeja hum cumprimento da maldade, e hũa submissaõ da malicia? cuidais que podeis enganá-lo, ou ao menos satisfazè-lo com hum sempre prometter de emenda, em hum nunca acabar de peccar? Pois, que he isto, ou que póde ser, mais que arrogancia do peccado, e falta do temor de Deos? Que he isto, mais que estar glorioso, e de todo ensoberbecidos de haver injuriado a Deos? O' mortaes, que viveis sem luz: ó atheistas da razaõ: ó dogmatistas da cegueira, desenganai-vos, que ha inferno, ha morte, e ha de haver Juizo: juizo para as vossas culpas, morte para a vossa vida, e inferno para vossas almas, se naõ deixais vossas culpas, se naõ emendais vossas vidas, e se naõ purificais vossas almas: porque sendo a conta taõ estreita, que apenas

ſe ſalvaráõ os juſtos, quem, como vós, he peccador rebelde, e obſtinado, adonde cuida que ha de parar! *Si juſtus vix ſalvabitur, impius, & peccator ubi parebunt!*

GOLPE XV.

Non reliquent in te lapidem ſuper lapidem: eo quòd non cognoveris tempus viſitationis tuæ. Luc. 19. 44.

Do peccado da ingratidaõ, e ſeu caſtigo.

GEMIDO XV.

OH ſe conheceras (dizia Chriſto a Jeruſalem) o que ha de vir ſobre ti! Se ſouberas, Cidade ingrata, que depreſſa ſe haõ de mudar teus contentamentos em penas, teus fauſtos em eſtragos, tuas maquinas em ruinas, oh com quanta preſſa tambem a pompa ſe tornara em luto, a alegria em triſteza, e a vaidade em deſengano! Naõ ficará em ti pedra ſobre pedra, porque deſconheceſte o tempo da tua viſitaçaõ, conhecendo-o as aves do Ceo, os brutos da terra, os campos, os rios, e as plantas. Eſtas, ou ſimilhantes palavras dizia o Senhor á viſta de Jeruſalem, chorando a ſua deſtruiçaõ, o dia que ella com mayor triunfo o trouxe nas palmas, para lhe virar logo as coſtas com taõ perverſa ingratidaõ, com mudança taõ repentina, que hum dia foy affronta, o que outro tinha ſido applauſo; hum dia Cruz, o que outro triunfo: e iſto meſmo diz o Senhor a cada huma alma Chriſtaã, de quem no ſentido moral he figura Jeruſalem: *Iſta Civitas eſt anima peccatoris.* Lyr. hic. mor. Cidades de Deos ſaõ as almas, cujas portas ſaõ os ſentidos; cujos muros, e fortalezas ſaõ as potencias interiores; a quem governa o alvedrio, armaõ as virtudes, e ſoccorre Deos, quando ſantamente ſe portaõ, e ſe guardaõ de ſeus inimigos; porque naõ deixa perecer as ſuas obras; nem ſoffre, ſe fazemos alguma couſa da noſſa parte, que as arruinem, e deſtruaõ as traiçoens da carne, os poderes do mundo, e as artes do demonio, que nos tem em ſitio perpetuo: porèm como a fraqueza humana de ninguem tanto ſe afeiçoa, como do ſeu mayor inimigo, naõ ha mal, que mui facilmente naõ ache entrada em noſſas almas, porque lhe tem a porta aberta a neſciá guarda dos ſentidos: mas naõ he eſte o mayor mal, nem o que o Senhor lamentava; porque he mui facil o remedio das primeiras quedas da culpa; onde o cahir, e o levantar ſe tem juntado muitas vezes: cahir na terra quem a piza,

a piza, naõ he damno mui perigoso, quando naõ he continuado; cahir de mais alto, ou cahindo, naõ tornar a levantar, este he o mal, que mais se teme.

A causa, pois, mais principal da nossa universal ruina, e das lagrimas do Senhor, he aquelle desconhecimento, e aquella grande ingratidaõ, com que naõ queremos ouví-lo, entendê-lo, e obedecê-lo, desprezando aquelles favores, prodigios, e maravilhas, com que tantas vezes nos deo vista pelos cegos, gritos pelos mudos, doutrina pelos publicanos, e exemplo pelos escolhidos; sem q̃ tudo isto bastasse, para que abrissemos os olhos lisongeados de humas sombras, que nos adormecem no apparente, para o cerrar ao verdadeiro. Chora o Senhor naquelles dias, em que melhor o recebemos, por antever com quanta pressa o deitaraõ de si as almas, crucificando o com as culpas, que o naõ podem soffrer comsigo: chora o Senhor ser-lhe preciso assolar-nos, e destruir-nos, tanto he o amor, que nos tem, que ainda, quando nos ameaça, parece que mais o magoa o nosso mal, que a sua offensa; taõ grande he a sua bondade, que ainda quando quer subverter nos, naõ desce o golpe do castigo, sem preceder o ameaço; naõ baixa o rayo da justiça, sem que o trovaõ nos avise; naõ desembainha a espada, sem ter nas espaldas da ira o rosto da misericordia; por isso havendo de castigar a Ninive, mandou a Jonas, e a Nahum, que lhe annunciassem os estragos de sua justa subversaõ: conhece, como Pay piedoso, esta nossa fragilidade, taõ morta, taõ esperdiçada pelos saborres do seu mal, taõ cega pelos seus venenos, taõ namorada do peyor, que arrastrando furiosamente, naõ só os respeitos da vida, mas os decóros da razaõ, ou se casa com o seu damno, ou se amiga com o seu perigo: porèm naõ póde consentir, ver que esta nossa ingratidaõ se jacte de o ter por amigo, ao mesmo tempo, em que traidora o vende, deixa, e injuria pelo que he pouco mais de nada. Perdoou Christo á Magdalena, defendeo a mulher adultera, foy buscar a Samaritana, chamou a S. Mattheus, e admittio o Bom Ladraõ, deixando perder a Judas; porque o peccado da Magdalena foy vaidade; o da adultera fragilidade; o da Samaritana cegueira; o de S. Mattheus ambiçaõ; o do Bom Ladraõ miseria; mas o de Judas ingratidaõ.

Sente o Senhor ver a nossa perversidade taõ levada do seu parecer, ou por achaque da arrogancia, ou por paixaõ do desatino, que estando-lhe fazendo o pra-

o prato, e ainda ſervindo-a de focinhos os gaſtos do divino amor, e os mimos da miſericordia, naõ póde levar para baixo mais que as viboras, e as ſerpentes; os eſcorpioens, e baſiliſcos, de quem ſó o goſto eſtragado tem inſaciavel appetite: tanto em fim ſe tem depravado goſtando de abominaçoens, ſaboreando-ſe em maldades, e ufanando-ſe nos delictos, que fazendo feira a malicia das couſas peſſimas, e torpes; compra o peccado a pezo de ouro, e vende o vicio ás rebatinhas. Em taõ grande altura puzeraõ os peccadores os ſeus peccados pondo huns ſobre outros, que chegaráõ no mundo a ter eſtimaçaõ as culpas, e authoridade os vicios; de que naſce, que naõ ſó deſaforadamente ſe atrevem a fazer-ſe publicos pelas praças, e galla pelas Cortes; mas ainda ſacrilegamente a quererem veneraçaõ entre os humanos, eſperando gabos da maldade, vivas do delicto, e liſonjas da abominaçaõ, e perverſidade; e daqui vem chegarem os peccados a pôr ſe ſobre as cabeças; eſtado taõ miſeravel, que nenhum remedio tem, ſe á medida da ſoberba naõ for a humildade da penitencia.

Deſtas mantilhas da ſoberba, em que ſe cria a ingratidaõ, depois de naſcer como vibora das entranhas do beneficio; deſta galla da obſtinaçaõ, de que ſe veſte a contumacia, depois de ſer como coriſco, que raſga a nuvem que o detem, faz manto, com que a Deos ſe quer encobrir, e galla, com que Deos deſpreza a impenitencia endurecida, quarta maldade de Damaſco, a quem nunca Deos perdoou, porque ſempre o deſconheceo, reſiſtio, fugio, e aggravou, e finalmente aborreceo no amor, em que arde, de ſeus goſtos, e na vangloria das maldades, por cuja viſta abominavel, naõ ſó vira as coſtas a Deos, mas coſpindo-lhe na cara, o exaſpera, e indigna a que jamais a queira ouvir, ainda que nos ultimos gemidos, clame, e brade pelo Senhor. Amos 1. 3.

Eis-aqui, mortaes, a razaõ porque deſta mortalidade naõ vereis na hora da morte ficar vos pedra ſobre pedra; pedras ſaõ aquellas durezas, ignorancias, e ſequidoens, com que a maquina da vangloria edificou para a ruina, mais do que ergueo para a vaidade; por iſſo com fatal eſtrago ficaráõ todas derrubadas, e poſtas na morte por terra, para que nem dos finaes do eſtrago tenha vanglorias a ruina; nem das grandezas da ruina lhe fique á fama eſſa vaidade, nem eſte eſcandalo á memoria: naõ ficará pedra ſobre pedra, porque aſſim como

mo a maldade quiz fazer culpa ſobre culpa, aſſim virá ſobre os máos caſtigo ſobre caſtigo.

Viráõ dias, ó peccadores, em que direis aos montes, que vos cubraõ, e aos outeiros, que vos eſcondaõ; porque ſe Deos caſtigou tanto ao lenho verde da innocencia, por querer pagar noſſas culpas, que ha de fazer-ſe aos troncos ſeccos da malicia, e obſtinaçaõ, ſobre quem clama cada dia o Sangue do divino Abel? Abrir-ſe-ha comvoſco a terra, queixando-ſe por tantas bocas, quantas foraõ as voſſas culpas; e em fim ſubverter-vos-ha o inferno no carcere de ſuas entranhas, entre cujas chammas eſcuras chorareis ſem nenhum remedio aquella ſentença final: Ide malditos para o fogo eterno, aonde eſtareis para ſempre nas cadèas de Satanaz: ſe ainda aſſim vos parecer o caſtigo mayor que a culpa, cuidai bem a quem offendeſtes, aquella bondade infinita, aquella immenſa Mageſtade, e aquella Omnipotencia eterna; e vereis com quanta igualdade vos paga tudo o que fizeſtes.

O' mortaes: criaõ os homens hum bruto, para que os ſirva; cultivaõ a terra, para que lho agradeça; e regaõ as plantas para que lhe dem fructo: ſe o bruto os naõ ſerve, deitaõ-no de ſi; ſe a terra lhes naõ conreſponde, deixaõ-na, e naõ a lavraõ: e ſe as plantas naõ frutificaõ, cortaõ nas para o fogo: ſe pois Deos vos creou, para que o ſerviſſeis: ſe vos cultivou, para que lho agradeceſſeis: ſe vos regou com miſericordia, para que lhe deſſeis fructos de bõas obras: que muito he que vos deite de ſi, ſe lhe naõ ſervis para nada? que vos deixe, ſe lhe naõ conreſpondeis agradecidos? e que vos corte para o fogo eterno, ſe naõ frutificais? vós quereis ter razaõ contra o bruto, que a naõ tem; e deitá-lo de vós, porque vos naõ ſervio? contra a terra, que naõ teve culpa, ainda que naõ vos conreſpondeo, e por iſſo a naõ cultivais? contra a planta que naõ tem vicio, ainda que naõ vos deſſe bom fructo, e por iſſo a fazeis em achas? e naõ quereis que a tenha Deos contra vós; para deitar-vos de ſi, para deixar-vos, e cortar-vos com o cutélo da juſtiça; ſe peccais contra a razaõ que vos deo? ſe cahis na culpa, ſabendo-a? e ſe goſtais do vicio, advertindo-o? quereis, ſem nunca dar fructo, que vos regue Deos ſó para o vicio? quereis, ſem conreſponder a Deos, que vos faça beneficios ſó para a ocioſidade? quereis, ſem o ſervir, que vos crie, e ſuſtente ſó para a ſemrazaõ? ſendo homens, que vos tornaſtes brutos; ſendo terra, que ſe fez ma-

to;

to; e sendo plantas, que se fizeraõ agrestes? Pois, que quereis que vos suceeda, homens, que pareceis feras; terra, que naõ dá mais que espinhos; arvores, que naõ tem mais que folha; senaõ, que a todos vos diga na vossa hora derradeira, ou ainda antes dessa hora: Ó homens brutos, ó terra amaldiçoada; ó arvores infructiferas, pois para nada me servistes; pois nunca me correspondestes; pois jamais me destes bom fructo; ide para o fogo eterno. Ó creaturas pessimas, que enchendo-vos de beneficios, e buscando vos para o remedio, pagastes á minha liberalidade com ingratidoens, e ao meu desvélo com desconhecimentos; as vossas ingratidoens, e os vossos desconhecimentos seraõ a causa da vossa eterna ruina: *Non relinquent in te lapidem super lapidem: eo quòd non cognoveris &c.*

GOLPE XVI.

Lugebit terra, & mœrebunt Cœli. Jerem. 4. 28.

Do sentimento, que naõ só o peccador ha de ter da sua perdiçaõ, mas tambem as creaturas.

GEMIDO XVI.

CHorará a terra, [dizia Jeremias] e entristecer-seháõ os Ceos: mas como ha de chorar a terra, se só os humanos choraõ? como ha de entristecer-se o Ceo, se he centro de alegria? Se a redondeza da terra se cobrira de tantos olhos, como tinha a roda admiravel, que vio sobre ella Ezechiel: *Apparuit rota una super terram, & ecce totum oculis plenum, &c.* presumiramos que chorara; pois ver, e chorar, faõ officios, ou propriedades que ha nos olhos. Se como pedio Jeremias fontes de lagrimas para os seus olhos, pedira a terra ás suas fontes olhos de agoa, que choráraõ, entenderamos que tinha lagrimas: mas se as lagrimas naõ saõ agoa, pois saõ sangue do coraçaõ, que se desangra pelos olhos; se a agoa tambem naõ he sangue, bem que a agoa parece o sangue, que corre pelas veas da terra, como póde chorar a terra? quem lhe dará á terra olhos, e quem as lagrimas de sangue para chorar a sua culpa, e lamentar sua ruina? Mas se se diz, que se está rindo o campo, quando vestido de flores; porque se naõ dirá que está chorando a terra, quando põem cilicio de espinhos? Se se diz que vay rindo a manhaã antes que o Sol dè luz ao mundo; porque se naõ dirá que choraõ as alvas dos olhos do Ceo, e ao menos se melancolizaõ vendo no mundo cada dia mayores as noites das culpas?

Ezech. 1. 15. &c.

Jerem. hic.

pas? Ria-se a terra para o Ceo, em quanto as flores das virtudes, com o bom cheiro dos exemplos, eraõ dos campos alegria, primicias dos altares, e para o Ceo perfumes: ria-se o Ceo para a terra, quando cahindo sobre a terra o orvalho das misericordias, naõ só aljofrava as flores, e crescia a formosura; mas ainda aos troncos estereis, e ás arvores seccas, e murchas avivava, e reverdecia.

Mudou a terra a condiçaõ, e viçosa com tanto regálo, mal criada com tanto mimo, usou mal das misericordias ingratamente; convertendo em veneno os beneficios, produzio hervas sem proveito, deixou de florecer o prado, e naõ deraõ as plantas seus fructos: faltou logo o Ceo com o orvalho, as nuvens com sua brandura, e as manhaãs com sua alegria; por cuja causa em breve tempo as flores espiraraõ seccas, o campo agonizou esteril, e o bosque pereceo inutil. Puxou a terra sequiosa pelo humor de suas entranhas, e com elle produzio abrolhos: puxou o Ceo pelos vapores, com que ainda assim fumava a terra; puxou pelas exhalaçoens, que do mar soberbo se erguiaõ, e naõ só se fizeraõ nuvens, que a luz do Sol nos encobriraõ: naõ só borrascas, e tormentas, com que os ares se inquietaraõ; mas tambem rayos, e coriscos, trovoẽs, relampagos, e cometas, com que o mundo se estremeceo: o Sol, e a Lua se affombrou.

Chegaraõ ao Ceo as maldades, com que os perversos peccadores se conjuraraõ contra Deos; cobriraõ o mundo de escandalos, de peccados, e de delictos, com que vós homens, que sois terra, vos encheste todos de abrolhos, figuras da offensa, e da culpa; de sombras, e de cerraçoens, que nos representaõ o mesmo. Quando naõ vemos luz no Ceo, he por ser tanta a escuridade, que sobre a terra se derrama, que chega com a sombra ao Ceo: se pois saõ tantos os peccados, e taõ grandes os peccadores, que occupando a face da terra, e enchendo as longas regioens de tantas esferas do Orbe, chegaõ ja desde a terra ao Ceo; se se naõ vem mais que maldades, com quem naõ mora a luz da graça; se impedem vossas liberdades com espessas perturbaçoens, e com cegueiras escurissimas, que a luz do Sol vos chegue aos olhos; como naõ chorará a terra! como se naõ entristecerá o Ceo! A terra, saõ os que amaõ a terra: *Terra, pro terra amatoribus fumitat*; que só entaõ haõ de chorar, quando virem que se perde tudo. Oh lastima! oh desventura! que ja que haõ de chorar os homens, naõ choraráõ pelo Hug. Card. in Jer. 22. 19.

lo remedio, ſenaõ ſó pela perdiçaõ! naõ chorarãõ por dar gloria a Deos; chorarãõ por perder aquillo, de que mais ſe vangloriavaõ!

Eis-aqui porque ſe haõ de entriſtecer os Ceos, iſto he, os homens Apoſtolicos, e os Prégadores Evangelicos: *Mœrebant cœli, id eſt, Sancti viri: cœli, id eſt, Prædicatores*, por naõ poderem fazer fructo com todas ſuas influencias neſta terra amaldiçoada, depois de darem tantas voltas em beneficio dos ouvintes. Se pois ſois terra, ó peccadores, e nella haveis de reſolver-vos, quem duvida que, desfazendo-ſe eſſe pó em cinzas caducas, choreis, quando ja naõ tenhais remedio, porque naõ quizeſtes chorar, quando podieis ter emenda! vedes que a terra de viciosa naõ produz mais que hervas inuteis, e naõ mondais á voſſa terra! por falta de ſer cultivada, deixais criarlhe aſperamente balſas de ſylvas, e de abrolhos, e naõ pertendeis alimpá-la! nos torroens, e na terra vil deſſe barro melhor córado, que ſe ha de ver mais que vicios, ſe os naõ corta, e tira a diciplina, o cilicio, e mais armas da penitencia! ſe na terra mal rota do arado naõ importa ſemear trigo, porque as aves do Ceo lho levaõ; que ſe póde eſperar da terra, a que falta toda a cultura! chegará o ultimo dia, e vendo-ſe amaldiçoada a terra, que nunca deo fructo, mais que eſpinhos, que atraveſſaraõ a cabeça de Jeſu Chriſto, chorará, mas ſerá ſem fructo, a ſua maldiçaõ eterna; tremerá, mas ſerá em vaõ, pois o tremor a naõ virou; abrir ſe ha, mas ſerá tarde, para outro nenhum fim, mais que para fundir-ſe aquella verde primavera de voſſos annos mais floridos; aquelles campos deleitoſos da ſempre alegre mocidade; aquelles montes elevados de voſſa arrogancia oſtentoſa; aquelles valles aprazi-veis de tantas ſubmiſſoens profanas; aquelles jardins agradaveis das liſonjas, e das mentiras; aquelles mais amenos prados de voſſos vicios, e deleites; todos deſertos, e aſſolados, murchos, eſtereis, e deſpidos chorarãõ ver-ſe empobrecidos de todo o decoro que os orna; de toda a galla que os guarnece; de todo o rego que os cultiva, ſem haver homem interior, que os aproveite, ou os habite; ſem haver ave, que lhes cante; flor, folha, ou ramo, que os alegre, ficarãõ todos devaſtados, e feitos morada de brutos, ou couto aſpero de feras, ou rude leyto de ſerpentes: aquelle pó mais levantado, que querendo pôr ſe nas nuvens, foy eclipſe do Sol da graça, abatido em ſombras da morte; do meſmo

Hug. Card. in Jer. hic, & in Pſ. 18. 21.

mo dia ſerá noite, do meſmo inferno ſerá trevas; e por iſſo dos Ceos mais alegres, ſeraõ as luzes turbaçaõ; e o reſplandor melancolia, ſentindo ver na noite eterna quanto na eterna claridade puderaõ ſer tochas da Igreja, luz do mundo, e Eſtrellas do Ceo, com que ſe encheſſe aquelle numero, a quem levou a terceira parte a cauda do infernal dragaõ.

Mas naõ ſó á terra moral, que iſſo ſaõ os homens da terra; naõ ſómente os Ceos metaforicos, que iſto ſaõ os Servos de Deos, haõ de chorar, e haõ de ſentir ſua perdiçaõ lamentavel; mas ainda as outras creaturas ſem ſentimento, e ſem razaõ, todos os orbes ſublunares; toda eſſa maquina celeſte, haõ de chorar, e haõ de ſentir as offenſas feitas a Deos, o que ſervirаõ aos perverſos, o que criaraõ para os ingratos, e o que ſoffreraõ aos precitos: chorará a terra elemental, ter ſuſtentado tantos reprobos, deſentranhando-ſe-lhes em fructos, convertendo-ſe-lhes em theſouros, e desfazendo-ſe-lhes em regálos, por darem paſſo a tantos lenhos, que foraõ arca do intereſſe, mais que meyos da ſalvaçaõ: o ar ſe queixará furioſo, reſpondendo aos roncos do mar com bramidos triſtes do vento, por dar-nos a reſpiraçaõ, com que anelamos aos delictos: o fogo com ardentes ſanhas choverá rayos, e coriſcos, porque em afronta do Creador concorreo com uſos violentos em ſerviço das creaturas: o Ceo armado de cometas; o Sol de trevas, e de eclipſes; a Lua de ſombras, e ſangue; os aſtros de pavor, e aſſombro; o dia, de noite, e medos; e todo o mundo finalmente de portentos, e de prodigios, ſeraõ terrivel eſpectaculo, e em fim tragedia temeroſa de hũa viſta, que ſerá morte; de huma dor, que ſerá inferno; e de hum mundo, que ſerá cinza: e que ſabendo iſto os humanos, naõ cuidem niſto huma ſó hora! mas, como ſe o naõ crerаõ, nada cuidaõ; e ſe o crem, e o cuidaõ, paſſaõ por iſſo ſem pena, como ſe fora certo, que nunca haviaõ de paſſar por iſto: oh magoada razaõ! oh froxidaõ da Fé! oh perdiçaõ da vida! *Lugebit terra, & mœrebunt Cœli.*

GOLPE XVII.

Filii hominum uſquequò gravi corde? ut quid diligitis vanitatem, & quæritis mendacium? Pſal. 4. 3.

O amor dos homens ao caduco, e terreno, he a queixa de Deos offendido.

GEMIDO XVII.

ATé quando, (ſe queixava Deos por David) até quan-

quando, ó filhos dos homens, imitadores de seus vicios, com taõ pezado coraçaõ haveis de amar a vaidade, e fazer cazo da mentira? Que razaõ, pois teria Deos para queixar-se tanto aos homens do pezo de seu coraçaõ, se huma vaidade, e huma mentira saõ cousas de taõ pouco pezo? como dá mostras, que se cansa de esperar-lhes ja estes quandos, se em delictos de mayor vulto, lhes dissimulou tantos tempos? Ora, a meu ver, a mayor causa deste queixume do Senhor, foy ver, quanto mais pezava nos coraçoens dos homens o amor das cousas caducas, e vaãs, que o das eternas, e divinas. He o amor como pezo, segundo nos deo a entender Santo Agostinho: *Pondus meum amor meus.* Saõ os coraçoens como balanças, conforme nos affirma o Cardeal Hugo, e hé o amor, como pezo, e o coraçaõ, como balança: *Statera est cor hominis*; porque para ahi mais se inclina para onde o pezo he mayor; naõ ha balança sem pezo, naõ ha coraçaõ sem amor; ou seja a Deos, ou seja ao mundo, ha de amar, quem tem coraçaõ; peza-se nos nossos coraçoens hora o amor de Deos, hora o mar do mundo; se peza mais o amor de Deos inclinando-se para o Ceo, para ahi inclinamos o coraçaõ; se peza mais o amor do mundo, inclinamo nos para a terra, e a razaõ he: porque todas as cousas buscaõ naturalmente o seu centro, e fóra delle estaõ violentas; o pezado desce para baixo, o leve sóbe para cima, obedecendo a estas qualidades, de que o vestio a natureza; porque he a levidaõ huma qualidade, que nos leva acima; a gravidade outra, que nos traz para baixo: por isso a pedra deitada ao ar, naturalmente cahe, porque vem aquietar no centro: por isso o vapor da terra naturalmente sóbe ao ar, porque tudo o mais lhe he violento. Vai o amor do mundo para baixo, naõ só porque he baixo o seu termo, mas porque he muito graye o seu pezo, e saõ sempre muito pezadas as suas mesmas vaidades; assim o dizia Isaias: *Onera vestra gravi ponderе.* Vai o amor de Deos para cima, naõ só, porque o seu centro he alto, mas porq o amor de Deos he mui leve; assim o dizia o Senhor: He pezado o amor do mundo, e he mui leve o amor de Deos: *Onus meum leve*; porque he propriedade do amor transformar-nos no q amamos, se amais a terra; dizia Santo Agostinho, sois terra; se amares a Deos, Deos sereis: *Terram diligis, terra eris, Deum diligis, quid dicam? Deus eris.* Donde se deixa ver, que sendo a terra pezada, pezado he

Augustinh. tom. 1. lib. 13. Conf. Cap. 9. ante fin.

Hug. C. in Prov. 11. 1. mist.

Isai. 46. 1.

Matth. 11. 30.

Augustin. tom. 9. tr. 2. in Epist. Joan. in fin.

he o amor da terra; e ſendo Deos todo eſpirito, e eſpirito o amor Deos, he o amor de Deos muito leve.

A vaidade, que pezava tanto nos coraçoens dos homens, diz Hugo Cardeal, que eraõ os ſeus idolos a mentira, os bens temporaes: *Vanitatem, id eſt, idola vana, vel terrena iſta: & quæritis mendacium, id eſt, temporalia.* Como pois pezariaõ pouco, e voariaõ para Deos huns coraçoens taõ cheyos de idolos, e do amor das couſas da terra; que ſaõ pezo mui carregado, ainda que o pezo ſeja de ouro? E como ſe callaria Deos que eſpreita os coraçoẽs dos homens, vendo-os todos cheyos de idolos, que iſto ſaõ aquelles ſeus goſtos, e aquellas cegas affeiçoens, por quem perdem o amor de Deos, ſe eſta foy ja do meſmo Deos a mayor dor do coraçaõ, que lhe fez caſtigar o mundo com o diluvio univerſal: *Tactus dolore cordis intrinſecus!* Por iſſo ſe queixava Deos, porque pezavaõ tanto os idolos nas balanças dos coraçoens, que em fim declinando os fieis da igualdade da juſtiça, com que ſe peza a Ley de Deos, carregados do amor do mundo, deraõ em terra com a balança: pezaraõ, mais que Deos, os idolos, pezou a terra mais que o Ceo; pois affaſtando-ſe do Ceo o pezo vaõ do amor do mundo, deſcançou o pezo na terra, tanto ſem pezar dos idolos, que ainda das culpas fez amor, porque fez amor da vaidade: *Diligitis vanitatem.* Por eſta razaõ, a meu ver, diſſe David em outra parte, que a ſi meſmos naõ eraõ fieis, mas falſos os filhos dos homens no pezo de ſuas balanças: *Veruntamen mendaces filii hominum, &c.* pois pezava na ſua eſtimaçaõ mais o nada, que o que tem ſer; mais que a razaõ, o deſatino; mais que o eterno, o temporal: eis-aqui porque os coraçoens ſaõ balanças aleivoſas; naõ ſó naõ pezaõ ouro ſio os bens do Ceo com os da terra, mas ainda poſtas de huma parte as temporaes felicidades, com o triſte contrapezo das eternas tribulaçoens, e da outra as glorias infinitas, eſtas pezaõ menos, ainda que valem infinitamente mais; e eſſoutras eſtimaõ-ſe mais, ainda que naõ valem nada: as couſas, que nos vende a terra, ou com que nos compra, e nos vende, ſaõ caras pelo que ſe eſtimaõ, e pelo que cuſtaõ, pois cuſtaõ a vida, e cuſtaõ a alma; e cada vez valem mais, porque cada vez ſe prezaõ; as do Ceo, ainda que ſaõ de graça, naõ ha quem as queira, porque naõ ha quem as peze, nem quem as eſtime. Trocou-ſe o amor de Deos em amor dos idolos; trocou-ſe o amor do Ceo em amor da terra;

Hug. C. hic.

Pſalm. 61. 10.

Geneſ. 6. 6.

fizeraõ-ſe almas de terra, e coraçoens de pedra, os que, ainda ſendo corpos, haviaõ de ſer eſpiritos, ou ao menos corpos celeſtes. O rude alimento da culpa naõ ſó he prato da maldade, mas idolatria do goſto; o ſuave manjar da graça naõ ſó he faſtio das almas, mas aborrecido deſprezo da humana profanidade: todos ſe fizeraõ idolatras, porque aos idolos do ſeu goſto daõ os homens a adoraçaõ, o decóro, e toda aquella ancia, que a Deos ſómente ſe devia; e apegou ſe deſorte ao mundo eſte viſco do ſeu engano, que ainda hoje os mais dos humanos ſe deleitaõ com os ſeus idolos. Mayor he hoje a idolatria, que a da cega gentilidade, porque ſe Labaõ, que amava o ouro, fazia do ouro os ſeus idolos; que muito era, ſe era idolatra? Que Ceſar adoraſſe a fortuna, e por iſſo lhe levantaſſe templos; que muito foy, ſe era gentio? Que Epicuro puzeſſe a gloria nas ſuperfluidades da gula; que muito he, ſe era hum barbaro? Mas que ſe veja hoje no mundo entre Catholicos, que os que tem a Deos por ſeu Deos, tem os ſeus idolos no ouro, tem por ſeu idolo a fortuna, tem o ventre por ſeu Deos: *Quorum Deus venter eſt*, *&c.* adoraõ a torpeza, veneraõ a maldade! oh que he iſto mais, que idolatria!

AdPhilip. 3. 19.

Nos tempos de Ezechiel ſe queixava Deos de que o ſeu povo lhe fugia: *Receſſerunt à me in cunctis idolis ſuis.* E por que fugiria a Deos naquelle tempo o ſeu povo? O meſmo Ezechiel o diz: diz que corriaõ atraz dos idolos os coraçoens de todo o povo: *Poſt idola cor eorum gradiebatur.* Para correr ſaõ neceſſarios pés; os pés do coraçaõ ſaõ os affectos, e deſejos: *Pedes noſtri affectus noſtri ſunt*, com que naõ ſó anda, e corre, mas azas, com que voa; com os affectos do coraçaõ corriaõ logo aquelles idolatras atraz dos idolos, que adoravaõ: e hoje naõ ſó os coraçoens, mas os ſentidos, e potencias correm tambem com os affectos atraz dos idolos: tem idolos o entendimento; pois tem muitos por divindades os ſeus meſmos entendimentos, e ainda as idéas da ignorancia: tem ſeus idolos a vontade, porque muito á ſua vontade buſca cada qual o ſeu idolo: a memoria tambem tem idolos; pois ſaõ idolos da memoria todas aquellas vaidades, que goſtoſamente nos lembraõ: tem idolos a imaginaçaõ; pois até as figuraçoens de que a affeiçaõ nos faz imagens, ſaõ do cuidado idolatrias: os mais ſentidos tem ſeus idolos, quando fazem de ſeus objectos final deleite do ſeu goſto: os olhos tem ſeus idolos, pois vemos que cegaõ

Ezech.

Ezech. 20. 16.

Auguſtin. tom. 8. in Pſal. 94. verſ. Venite, &c.

gaõ por ver, quem a olhos vistos os cega: tem seus idolos os ouvidos, pois se tapaõ a quem os avisa, para abrir-se a quem os engana, e encanta: o coraçaõ tem tantos idolos, quantos adoraõ as potencias, e sentidos, fazendo-se altar de todos, os que por estas portas entraõ. Se pois os idolos cahiraõ, quando veyo o Senhor ao mundo; quando elle vem ás nossas almas com auxilios, e inspiraçoens, porque naõ cahe, ó peccadores, toda essa maquina profana de vossos enganosos idolos? Cahi pois; cahi na razaõ, e cahiráõ por huma vez essas fingidas divindades, e essas adoradas mentiras, que vos tem a razaõ sem cor, o juizo sem luz, e a verdade sem figura, para que naõ ponhais os olhos, adonde pondes a cegueira. Despejai os vasos de Deos da peçonha de Satanaz, para que Deos os possa encher de seus licores suavissimos. Deitai fóra dos coraçoens os idolos, e entrará Deos, que naõ soffre os seus apozentos occupados de outro Senhor. Nos vasos cheyos de veneno, que importará deitar triagas, se estas haõ de cahir fóra, e elle se ha de ficar dentro? Dous contrarios taõ grandes, como se podem ajuntar? ou Deos ha de reynar nos vossos coraçoens, ou o demonio. Deitai esse pezo do coraçaõ, que o arrasta aos infernos: pezo he do coraçaõ e morte d'alma qualquer peccado mortal, que naõ aborreceis, ou seja mais, ou menos grave; e hum só, para vos tirar a vida da graça, sobeja; assim como para matár, tanto monta que vos chegue ao coraçaõ a ponta de hum alfinete, como a ponta de huma lança. Acabai de aborrecer tantas vaidades, e mentiras, como atégora adorastes; e tratai de amar a verdade, que he o mesmo Deos, e cessaráõ as queixas, que contra vós, ó filhos dos homens, e naõ de Deos, dá o mesmo Senhor: *Fili hominum usquequò gravi corde? ut quid diligitis vanitatem, & quæritis mendacium?*

GOLPE XVIII.

His plagatus sum in domo eorum, qui diligebant me. Zachar. 13. 6.

Quanto sente o Senhor as offensas dos Catholicos; e como as suas queixas saõ para a nossa emenda.

GEMIDO XVII.

QUe Chagas saõ estas, meu Senhor (perguntava Zacharias a Deos) que vejo nas vossas maõs? Estas, respondeo elle, saõ as que recebi em casa de meus amigos. As offensas dos amigos, saõ feridas

abertas, feridas mortaes, chagas que naõ tem cura, porque saõ golpes sem reparo, mal sem remedio, e dor sem satisfaçaõ: começaõ por onde acabaõ as offensas dos outros homens: porque saõ traiçoens padecidas primeiro, q̃ imaginadas: olhaõ-se, e naõ se imaginaõ; recebem-se, e naõ se crem; sentem-se, e naõ se cuidaõ.

Desacostumada pena, e magoa naõ soffrivel he aquella, que sem prevenì-la o susto, cahe sobre o alvoroço: porque naõ só se padece a dor, que he condiçaõ da pena, mas dobrado aquelle tormento; que a razaõ naõ cuidava, no gosto, que se prevenia: ir colher flores, e achar aspides; esperar mimos, e achar venenos; levar pedradas, donde se esperavaõ caricias; punhaladas, donde se achavaõ abraços, tanto he mayor dor do coraçaõ, quanto foy menos a suspeita do receyo, e quanto mais he novidade da experiencia: he agoa que cahe no fogo, que naõ se apaga sem a queixa do ruido, e fumo que se ergue: he luz do Sol elipsado, que he mais nociva em hum só dia, que nos mais rigores do Estio: he mar, que nos leva ao fundo, depois de nos metter no porto: e he polvora, que nos mina, mettendo-se-nos debaixo dos pés: por isto se queixava Deos, que na casa dos seus amigos se lhe tinhaõ feito as chagas, e naõ feridas; porque as feridas curaõ se, as chagas naõ se curaõ bem: as feridas, porque se soldaõ, se curaõ: as chagas naõ se curaõ, porque se naõ soldaõ: daquellas os mayores finaes saõ huma reconciliaçaõ muda das partes divididas, que se tornaraõ a ajuntar; destas, como se naõ chegaõ a unir, as fistulas saõ bocas, os silencios saõ gritos, e as dores saõ razoens: saõ humas dores em aberto, que se queixaõ por tantas bocas, quantas saõ as bocas das chagas; e por isso lhes naõ chama o Senhor feridas, mas com grande propriedade chagas.

Naõ se queixa o Senhor daquelles, que naõ conhecem o seu nome, que vivem em diversa ley, e que em fim saõ inimigos seus; pois destes, o que se espera, he seguirem, como atégora, o bando da perdiçaõ, os exercitos da ignorancia, e os estandartes da cegueira: queixa se daquelles amigos, que prezando-se de mui Catholicos, pondo-lhe o joelho no chaõ, e confessando-o por seu Deos, cada noite o vendem, cada dia o açoutaõ, por cada rua o arrastaõ, e cada passo o crucificaõ dentro de suas mesmas casas: (que casas de Deos saõ as almas, donde toda a sua delicia he estar com os filhos dos homens

Ex cõsideratione S. Cypr. t. 2. lib. de oper. & eleemosin. ante fin.

homens] de que nasce, que contra Deos o mesmo demonio se está jactando, de que naõ foy vendido pelos homens, e elles o buscaõ mais que a Deos; de que naõ foy açoutado por mor dos homens, e elles mais que a Deos o servem; de que naõ foy crucificado pela redempçaõ dos homens, e elles mais que a Deos o adoraõ: com que fica muito ufano o demonio, perdidos os homens, e Deos affrontado na casa dos seus amigos: esta he a dor, estas as chagas, estas as lastimas, e as queixas do Senhor, porque insignias arrastadas pelo desprezo, de quem foraõ estimaçaõ; joyas mettidas debaixo dos pés, de quem as punha na cabeça, plantas arrancadas pela maõ, de quem as dispunha, saõ injurias, que avultaõ muito; saõ espantos, que naõ podem ser menos; e saõ aggravos, que parecem mais.

Ainda assim, se queixa o Senhor, e do infinito amor que nos tem, naõ ha mayor final, que esta queixa sua; porque a dor, que se queixa podendo ser vingança, começa queixa para acabar desaffogo: será impaciencia do aggravo, será reprehensaõ do descuido; mas he desejo de satisfaçaõ: e quem quer a satisfaçaõ, faz diligencias á desculpa de quem lhe escandalizou a Fé; põem-se da parte de quem o offende; naõ se arma contra o delicto; quer, e naõ aborrece; roga, e naõ engeita; obriga, e naõ ameaça: e a razaõ he, que para huma dor, que se saborea na queixa, naõ ha satisfaçaõ que seja desenxabida, todas saõ gostosas; porque gostosamente abraça o arrependimento de quem pecca; e amorosamente agasalha a reconciliaçaõ de quem torna; quem ensina com o queixume, e ainda com o agastamento, o descuido da satisfaçaõ. He a queixa hum brado que chama, e naõ escandalo que affasta: he pedra de cevar que attrahe, quando he pedrada que se atira: he anarcardina de amor, que serve de fazer memoria: he despertador da affeiçaõ, que serve de acordar descuidos: he sainete de enfastiados, que serve de abrir lhes a vontade: he carta de seguro do queixoso, que serve de dar confiança: e he mexerico do desejo, que serve de fazer avisos: taõ perto está de ser caricia, logo que começa a ser magoa, que até nas carrancas da ira, he gesto de mayor amor, ou rayva de o naõ deixarem ser.

Queixa-se o Senhor, podendo-se vingar; porque as suas chagas, ainda que as abrio a nossa culpa, e as fistulou a nossa obstinaçaõ, tem a dor, mas naõ a condiçaõ das chagas dos outros homens: naõ tem a con-

diçaõ, porque ſe deixaõ ſarar de huma liſonja enternecida, quanto mais de huma ancia namorada: de huma affeiçaõ diſcreta, de huma tribulaçaõ contrita, e de huma caricia maviosa: tem a dor, porque lhe doe muito a Deos o pouco, que curamos delle; ſendo huma lagrima do noſſo arrependimento o ſeu oleo d'ouro; o jejum o ſeu unguento; hum acto de amor o ſeu cauſtico; e hum cilicio a ſua atadura. E a ſua magoa mais intrinſeca, a offenſa, de que mais ſe doe, o mal, de que mais ſe laſtima, o erro, de que mais ſe ſente, he ver que o deixamos ſem cura na noite de noſſa cegueira, e ao ar de noſſas vaidades, por lhe naõ pôr a noſſa emenda o jejum de hum dia, o cilicio de huma hora, as lagrimas de hum momento, e o amor de hum ponto: eſtá moſtrando nos as entranhas por cada qual de ſuas chagas, como gritando ao peccador, que todas ſaõ miſericordia; e por naõ tè-la do Senhor, naõ ha quem queira olhar para ellas.

O mortaes, ó peccadores: o primeiro effeito do peccado he a cegueira, com que vos tira a viſta d'alma, para que naõ poſſais ver com os olhos o meſmo, que tendes á viſta: o ſegundo he o deſatino, com que corre a precipitar-vos; porque foy ſempre o precipicio filho mais velho da cegueira: o terceiro he o amor proprio, com que perdeis o amor de Deos: o quarto he odio de Deos, com que vos affeiçoais a aborrecer ſua juſtiça, porque temeis que vos caſtigue: ſe vos convem cegar, por iſſo naõ olheis para aquellas chagas, e perdereis em hum abrir de maõs, o que naõ quizeſtes ganhar em hum voltar de olhos: ſe vos eſtá bem precipitar-vos, deixai vos ir por eſſes riſcos, e deſcobrireis na queda ſem remedio, o que naõ quizeſtes evitar ſó com huma volta de vida: ſe vos ſerve o amor proprio, naõ trateis do arrependimento, e ſabereis no caſtigo, o que grangeaſtes na culpa: ſe achais que he bom ter odio a Deos, naõ eſtranheis ir aos infernos, porque haveis de conhecer na morte, o que deſprezaſtes na vida. Olhai pois para as chagas, que fizeſtes ao voſſo Deos, Senhor, Creador, Redemptor, Pay, e Amigo, com voſſos peccados, ſendo de profiſſaõ ſeus amigos: ouvi, para aproveitar-vos da ſua miſericordia, as queixas que de vós dá, ſendo de ſua caſa: *His plagatus ſum in domo eorum, qui diligebant me.*

GOL-

GOLPE XIX.

Populo meus, quid feci tibi, aut quid moleſtus fui tibi? reſponde mihi. Mich. 6. 3.

Continuaõ as queixas, que dá o Senhor das noſſas culpas, por ſerem ingratidoens a ſeus beneficios.

GEMIDO XIX.

POvo meu, que mal te fiz, para que me offendas: em que te moleſtei, para que me aggraves? reſponde-me. Eſta queixa mandou fazer Deos ao ſeu povo pelo Profeta Micheas, lembrando-lhe juntamente, que o havia livrado da eſcravidaõ do Egypto, para que á viſta do beneficio foſſe mais fina a ingratidaõ: e eſta meſma queixa manda fazer todos os dias pelos ſeus Servos ao ſeu povo Chriſtaõ, de quem o outro foy figura, lembrando-lhe tambem, que pelo mar vermelho do ſeu Sangue, pelos milagres da vara de ſua Cruz nos livrou do cativeiro do demonio, com que a cega Gentilidade de noſſos antigos avòs entre ſeus erros perecia. Se cuidarmos bem no que Deos nos tem feito, para que, como por vingança, o offendamos todas as horas, e o mais de noſſa vida, veremos que tudo quanto temos, excepto o peccar, recebemos de Deos: todos os bens que ha neſta vida caduca, e o que parece fortuna, ou do que he natureza, ou do que foy graça; e todos os que conſiderarmos em nós, ou communs, ou particulares, foraõ dadivas da maõ de Deos: veremos que nos fez de nada, que nos creou, e nos deo vida, nos conſervou, nos adoptou por filhos, que nos redemio de antemaõ, que nos chamou, naõ poucas vezes, que nos perdoou outras muitas, que nos ſoffre todos os dias, e nos eſpera cada hora; e em fim, hum ſem conto de beneficios, hum ſem numero de miſericordias, hum ſem cabo de mercès, e bens, aſſim da graça, como da natureza, e fortuna, que cada qual nas regras da ſua experiencia, ou no livro da ſua vida poderá ver, ſoletrear, e ler.

Mettidos eſtavamos todos no profundo abyſmo do nada, naõ ſó ha ſeis mil annos, pouca mais, ou menos, em que o mundo teve principio, mas deſde a eternidade, ſendo ainda menos que huma ſombra, que hum ouçaõ, e que hum argueyro; tirou nos Deos deſte naõ ſer nada, que eramos ha poucos annos antes de crear-nos, que he o peyor, que póde ſer, para fazer-nos imagens ſuas, e ſendo o primeiro ſolar deſta terrena natureza o lodo vil, de que nos fez, nos honrou dando-nos huma

alma com as fidalguias de eſpirito, e fóros de immortalidade, podendo-nos crear na Lybia, ou em outros climas apartados da Fé, e do Bautiſmo, e mais Sacramentos da ſua Igreja Catholica, ou em outras gentes, e naçoens eſtrangeiras da Ley de Chriſto, nos trouxe ſeu eterno amor ao collo das miſericordias, creando-nos, e ſuſtentando-nos com a nata da Chriſtandade, com o melhor leite da Igreja, e ao bafo de ſeus beneficios, depois de nos ter eſcolhidos para filhos ſeus deſde o ventre, regenerados no Bautiſmo, adoptados da ſua graça, e alluminados pelas tochas de tantos Doutores ſagrados, que nos deixou por luminarias da noite de noſſa ignorancia; naſcendo na terra taõ pobres, que ſahimos nós a eſte mundo: de todas as mais creaturas, que nelle pôs para ſervir-nos, nos deo o uſo, e dominio, para que dellas naõ ficaſſe féra nos campos, ou nos montes, de cuja groſſeira libré naõ pudeſſemos fazer veſtido; naõ ſó niſto nos preveniò para a deſnudez reparos, mas fazendo que as mais creaturas trabalhaſſem ſó para o homem, tratando-o como Senhor ſeu; naõ ficaſſe bicho nos boſques, ave no ar, ou flor na terra, ſem que obediente a ſeus imperios para o veſtir de melhor galla, para o coroar com mais pompa, e orná-lo de mayor belleza, tambem lhe naõ offereceſſe tudo, o que o boſque lavra de ſedas, fazendo-lhe tear das arvores; tudo, o que o ar tremòla em plumas, fazendo guardaroupa os ventos; tudo o que Abril lhe borda em cores, fazendo baſtidor dos campos, abrindo-lhe tambem a terra mais eſteril, e a mais inutil em rios de prata, em poços de ouro, em minas de diamantes; deſentranhando-lhe do mar o coral, o ambar, e as perolas, naõ ſó enriqueceo o homem, e o fez ſervir de quanto vive, mas ainda fez, com que lhe foſſem feudatarios os elementos muito antes que a preſumpçaõ de noſſa ſoberba vaidade ſuſpeitaſſe dos ſeus poderes eſta ſervidaõ das creaturas: encheo o Ceo de Eſtrellas, o Sol de luzes, o ar de ventos, o mar de peixes, e a terra de fructos, ſó para ſervirem ao homem, obrigando ſe a Omnipotencia a conſervá-las em ſeu ſer ſó a fim de nos conſervar, querendo com eſtes, e outros extremos de ſeu amor incomprehenſivel, que tudo foſſe para nós nos honeſtos uſos da vida, e nós ſómente para elle pelos fóros da Ley da Graça.

Naõ contente ſua bondade infinita com taõ ſupremos beneficios, cada momento nos offerece huma eternidade de glorias, a troco de que naõ queiramos

mos por outro momento de culpa huma eterna duraçaõ de penas; e havendo condenado a ellas por toda a ternidade a outros muitos peccadores, que cahiraõ em menos culpas q̃ nós outros; tantas vezes nos tem livrado das escuras chammas do inferno, quantas temos peccado mortalmente no decurso de nossa vida, e cahido nos erros do nosso discurso, no enleyo da nossa vontade, trocando o officio da razaõ em vangloria do desatino: mas passando muito álèm destas rayas, que pareciaõ *non plus ultra*, com particulares vocaçoens nos chamou, e especialmente pelos ecos de nossas almas nas inspiraçoens interiores, por nossos bens, por nossos males, por castigos, por beneficios, que tudo saõ vozes de Deos; pois apenas póde haver alma, das que tem Deos no gremio da Igreja, que alguma hora, ou algum dia, e por muitos dias, e horas naõ visse, que Deos a chamava pelos brados dos Prégadores, pelos conselhos dos Confessores, pelo exemplo dos reformados, pela vista dos penitentes, pela liçaõ dos livros, e pelos mesmos fastios, que os gostos do appetite humano deixaõ; quando naõ pelos gritos mudos, que estaõ dando por toda a parte tantos portentos, e prodigios, que saõ nossos accusadores; até pelas bocas dos mortos, pelas sombras da perdiçaõ, e pelos vultos do castigo. E finalmente o beneficio, que excede todo o encarecimento, que naõ cabe em nenhuma humana cõsideraçaõ, que naõ cabe nos limites de toda a conrespondencia, de chegar o mesmo Deos a fazer se homem, para com huma morte taõ affrontosa, e horrenda nos livrar da eterna prizaõ; pagando com o infinito preço de seu Sangue Santissimo as dividas de nossas culpas, que naõ podiaõ satisfazer todos os cabedaes humanos.

Eis-aqui pois, ó peccador, os males que Deos te tem feito, e os aggravos que tens sentido, naõ fallando em milhares de outros que cada qual dentro de si pudera ver, se bem se olhara: creou-te de cousa nenhuma; redemio te sem merecer lho; conserva-te ainda em sua offensa; serve-te, sendo teu Senhor; perdoa-te, quando offendido; chama-te, quando queixoso; e affaga-te, quando aggravado. Responde pois ao teu Senhor, ao teu Deos, Pay, Creador, Redemptor, e Salvador, que te manda que lhe respondas. Que mal te fez, se te creou? em que te aggrava, se te espera? em que te affligе, se te anima? em que te offende, se te soffre? em que te affronta, se te ama? e vè se tens que responder-lhe, senaõ

sómen-

ſómente que peccaſte, que foſte ingrato, e fementido, ruim, perverſo, e depravado; e que te peza entranhavelmente do goſto, com que o aggravaſte; da vangloria, com que o deixaſte; e de todo o mal, que fizeſte: faze honra de ſer agradecido, capricho de naõ ſer mais ingrato, pundonor de ſer fiel, fidalguia de naõ ſer traidor, primor de ſer conſtante, e valentia de naõ tornar a cahir em offenſa alguma de teu Deos, de teu bemfeitor, de teu Rey, e de teu Senhor, para que evitando aſſim as culpas, ceſſem as ſuas queixas: *Populo meus, &c.*

GOLPE XX.

Excutere de pulvere, conſurge, ſede Jeruſalem: ſolve vincula colli tui captiva filia Sion. Iſai. 52.2.

Da grande piedade, com que o Senhor convida com ſua graça, ainda as almas dos peccadores mais eſtragados.

GEMIDO XX.

POr Iſaias diſſe Deos eſtas palavras á Cidade de Jeruſalem, que he figura de noſſas almas: e ſaõ, como ſe diſſera a cada qual das almas Chriſtaãs: Alma mais dura que eſſas pedras dos muros de Jeruſalem; alma minha, a quem eu crecy, naõ menos que para eſpoſa minha; ſacode-te do pó, que te tem cega; mette já debaixo dos pés o pó de tua humanidade; deita de ti tudo o que he terra, e lembra te do Ceo ſómente; deita de ti tudo o que he carne, e fica-te no que he eſpirito; levanta-te, que eſtás cahida de minha graça no lodo, e immundicias de tuas culpas; trata de fazer aſſento em meu ſerviço, e de te naõ apartares de minha vontade; ſolta-te deſſas prizoens, com que arraſtas eſcravidaõ taõ pezada do cativeiro do demonio, que ſe jacta a tua cegueira, de que a tenhaõ por bem prendida: eſſas cadèas, e collares, com que te adorna o teu delicto, e te enfeita a tua vaidade, cadèas ſaõ, mais do que adorno; collares ſaõ, e naõ enfeites, com que intenta o meſmo demonio, quando te ata a liberdade, ſaborear-te a perdiçaõ; parecem joyas do deleite, e ſaõ inſignias do caſtigo, com que nos triunfos do mundo te prende ao carro como eſcrava; parecer-te-haõ nós de roſas, mas adverte que ſaõ nós cegos.

Eſſe pó, que te põem nos olhos, parece-te venda do amor, e he engano, com que te compra a melhor viſta da razaõ; parece amor, e he invençaõ, com que até ás aras da morte te tapa os olhos, como a victima; bem quiſta te aſſim a cegueira, porque

que a tudo feches os olhos, e naõ abras os olhos d'alma, senaõ dentro na sepultura: se a vida he vento, o homem pó, os vicios laços, morte a culpa, como, sendo guerra esta vida, e huma continua guerra, e perpetua tentaçaõ, queres que o ar da mesma vida te cegue os olhos do discurso com o pó, que levanta a vaidade, para que cahindo nos vicios com que te armaõ teus contrarios, te colha a morte em os laços, com que te prendem tuas culpas? Se com o baraço na garganta te tem deixado tantas vezes a miseria de teus peccados; se parece que a cada passo, em que o demonio te despenha, póde a morte apertar o laço, e o castigo tomar-te a respiraçaõ: como dando tantos nós cegos no mais corredio da vida, naõ tens ainda hum nó na garganta com o pezar do que peccaste, tendote posto em tanto aperto os do peccado em que cahiste? Cuidas que andas muito livre, e muito senhora de ti, todo o tempo de distrahida, e em quanto segues taõ solta corrente de teus vicios? pois enganas-te; porque só nelles perdeste a tua liberdade: aquellas mesmas correntezas, com que blazonaste de livre, correntes saõ, donde te metteste como preza, e como cativa: aquellas mayores solturas, com que correste desenvolta a carreira de teus appetites, saõ grilhoens, com que a mesma culpa te sopea, e maniata; grilhoens saõ todos os passos, que déste para o desatino; algemas todas as acçoens, com que obraste a maldade; e aquellas mayores caricias, com que o vicio te pôs ferretes, ferros foraõ, em que te pôs: e saõ tanto mais poderosas as prizoens da vontade humana, que as do castigo, ou tyrannia, que naõ ha quem rompa as primeiras, por mais que espedace as segundas. Rompeo Samsam por muitas vezes as cordas, nervos, e cadêas, em que o tinhaõ maniatado seus inimigos, como se fossem delgadissimos fios: *Ita rupit vincula, quasi fila tela-rum*; e aquelles braços robustissimos, a cujas forças se rendeo a grossura das cordas, a rigeza dos nervos, e a dureza do ferro, perderaõ a força, e virtude nos lascivos braços de Dalila, onde a morte lhe armou o laço; e a razaõ he: porque naõ ha prizaõ mais forte, que aquellas brandas ataduras, com que a carne fraca nos ata; he branda a prizaõ, por isso naõ escandaliza; aperta, e parece que abraça; magoa, e finge que lizonjea; fere-nos a alma, e parece que a adoça: he fortissima, sendo taõ fraca, porque he voluntaria, de que ninguem se quer livrar. Judic. 16. 12.

Deixa pois esses falsos idolos de

de teus deleites mentirosos: rompe esses ferros, que forcejas nesses teus gostos fementidos: e abata-se ja esse pó, que hum pouco de ar tem levantado. Torna te a mim filha de Siaõ, chega te a mim homem perdido, quanto fores mais peccador; pois quanto fores mais perverso, tanto me darás mayor gloria; porque me darás mayor motivo de mostrar-te minha bondade em perdoar-te, em acolher te, em amar te, e ainda em servir-te, se verdadeiramente arrependido me buscas: nada do de antes te estremeça, se de presente me amas, e nos futuros me obedeças; que isto he sómente o que procuro dos coraçoens arrependidos, e das almas desenganadas, hum peza me da culpa, hum parabem da emenda, e hum sempre da perseverança: porque disto nasce nas almas humà penitencia até morte, hum proposito para toda a vida, e hum amor de cada vez mais.

Vem pois, vem homem peccador aos braços de Deos teu amigo: vem, que te rogo com o remedio, quando tu me foges com o damno: vem, que pódes obedecer-me, pois te mando que obedeças: naõ resistas mais aos auxilios, que te dá o Espirito Santo; porque saõ estas resistencias, os peccados, que nem nesta, nem na outra vida achaõ perdaõ. Naõ te opponhas mais aos imperios de hum Deos, que póde castigar te; e porque te ama, te perdoa, se apiada, e te acaricia: acaba contigo hũa hora; lembra-te de que te convem viver para quẽ te deo vida, e morrer para quem te damna: vê que se doe, e se magoa hum Senhor, de quem es feitura, e quanto lhe tens sido ingrato; e te dá, para que o naõ sejas, os cabedaes mais poderosos da divina misericordia: olha, que se está lastimando de ser preciso condenar-te, mais porque engeitas o perdaõ, que com seu sangue te offerece, que por todas as outras culpas, com que ao teu Deos escandalizas.

Troca pois, troca essas cadêas pelo leve jugo, e prizaõ doce de minha ley, e meu amor; e de tua propria ignominia, de tua mesma escravidaõ farás corôas de victoria, timbres de vencimento, e insignias de triunfo. Na ponta da setta, ou no laço, aonde a leva a liberdade, paga a avezinha enganada a ingratidaõ de haver fugido a hũa prizaõ, que era favor: os caramélos, que o Sol naõ desfaz com a caricia de seus rayos taõ mimosamente benignos, os brutos os pizaõ, a terra os enxovalha, e a lama os corrompe: a lagoa, que se naõ corre de naõ correr para o seu centro, como as outras agoas, naquelle descanço tor-

pe,

pe, naquelle seu socego inutil, ou apodrece, ou se consome, até que de todo perece. Ardaõ pois, ardaõ, e derretaõ-se essas durezas congeladas taõ frias, e seccas com Deos: tornem, e voem essas pennas a hum Deos, que nellas te deo azas: entornem-se por esse rosto correndo as lagrimas em fio, porque em fim saõ confissoens mudas, verdades liquidas, satisfaçoens claras, e oraçoens correntes para applacar a hum Deos irado, quanto mais a hum Deos amoroso, brando, manso, e enternecido.

Conver-te-te pois, ó Siaõ: convertei vos almas Christaãs, e naõ deixeis de converter vos, por dizerdes que he tudo nada, o que vos prende neste seculo para vos chega des a Deos: se hum fio de seda basta para vos prender o demonio, e ter-vos como maniatados, que differença lhe achais vós em estardes assim por hum fio, ou estardes por huma amarra? cortai de hum golpe esses nós cegos, que naõ saõ os de Gordiano, que hajaõ mister Alexandres: livrai vos desses embaraços, pois sabeis que nos ramos verdes põem os caçadores o visco: se dizeis que hoje naõ podeis, estando menos impedidos, como podereis á manhaã, estando mais embaraçados? Porque hoje podeis, e naõ quereis, poderá ser que á manhãa queirais, e naõ possais. Acaba ja alma cahida de levantar-te: rompe ja alma escrava por essas prizoens, com que o demonio te arrasta para o inferno: *Excutere de pulvere, consurge, sede Jerusalem: solve vincula colli tui captiva filia Sion.*

GOLPE XXI.

Dixit Dominus: Ex Basan convertam, convertam in profundum maris. Ps. 67. 23.

Os peccados, ou saõ de fraqueza, ou de ignorancia, ou de obstinaçaõ: os de obstinaçaõ impenitente naõ tem remedio, em quanto ella dura.

GEMIDO XXI.

DAs torpezas cujas da carne, e dos cegos vicios do mundo converterei os peccadores: disse o Senhor por David. Taõ benigno he o nosso Deos, que por melhor assegurar nos de qual he a sua misericordia, pela boca dos seus amigos mostra o cuidado, com que acode a esta nossa fragilidade, taõ precipitada ao seu mal, naõ só dos thronos da malicia, mas do berço da natureza, que á redea solta corre cega ao seu mal.

Eu me persuado, que em tres ramos divide a arvore da culpa

Ex Basan, id est de turpitudine vitiorũ, &c. In profundum maris, id est, in perfectam pœnitentiæ amaritudinẽ. Hug. C. hic.

culpa as differenças da malicia; iſto he, em peccados de fragilidade, de ignorancia, e de obſtinaçaõ. Tres inimigos ha de Deos, a carne, o mundo, e o demonio, a quem pertencem eſtas culpas, e de quem tomaõ os ſabores: a obſtinaçaõ os toma ao demonio, a ignorancia ao mundo, a fragilidade á carne. Gera a obſtinaçaõ impenitencia, a ignorancia confuſaõ, e a fragilidade temor: temor de Deos, porque o vè juſto; confuſaõ, porque ſe envergonha; e impenitencia, porque ateima: de que naſce, que a fragilidade ſe converte, porque ſe converte a carne; a ignorancia tambem ſe reduz, porque tambem ſe reduz o mundo; e a obſtinaçaõ naõ ſe arrepende, porque naõ ſe arrepende o demonio: a que ſe ſegue, que achando Deos a fragilidade timida, a ignorancia confuſa, e impenitente a obſtinaçaõ, naõ converte Deos a obſtinaçaõ, porque ella naõ querendo, e reſiſtindo, foge; converte a fragilidade, porque ella ſe reduz tremendo; e reduz a ignorancia, porque ſe envergonha peccando: e quem ſe peja do mal que fez, quem treme do erro em que cahio, facilmente acha perdaõ nas miſericordias de Deos; mas quem ſe naõ affaſta da culpa, quem ſe jacta de que peccou, quem ſe recrea, e ſe gloria nas offenſas, que fez a Deos, ſem penitencia, e ſem pezar de aggravar a bondade immenſa, de naõ fazer cazo da Ley Divina, e menos do Legislador, naõ acha em Deos miſericordia, e na ſua culpa acha a ſentença para acabar deſamparado.

Por ignorante dizia S. Paulo que lhe perdoara Deos, ainda que fora blasfemo, e perſeguidor da Igreja: *Quia ignorans feci.* Por fragil perdoou Deos a David, havendo ſido adultero, homicida, e eſcandaloſo; mas naõ perdoou a Caim, porque o achou ſempre obſtinado: porque como a obſtinaçaõ ſe veſte das propriedades do demonio pela impenitencia; aſſim como o demonio naõ merece perdaõ, tambem quem da ſua libré anda veſtido, o naõ alcança: porèm como a fragilidade toma os ſabores da carne pelo temor, e a ignorancia ſe acha com as condiçoens do mundo pela cõfuſaõ, achando Deos em David a fragilidade com temor, e vendo em Saulo a ignorancia com vergonha, ficou o pejo com perdaõ em S. Paulo, e o temor com miſericordia em David. Por iſſo ſe a fragilidade, perdendo o temor de Deos, chegar a ſer obſtinaçaõ; ſe a ignorancia, perdendo ao mundo a vergonha, chegar a ſer impenitencia; por quererem ſempre ſer carne, os que puderaõ ſer eſpiri- 1. ad Timot. 1. 13.

eſpirito, por naõ quererem mais que o mundo, os que Deos creou para o Ceo, vir ſe-haõ a fazer demonios, aſſim como ſuccedeo aos que foraõ Anjos, por fazerem jactancia da teima, e vangloria da contumacia: e como pela circunſtancia da pertinacia, com que dura, e reſiſte a Deos toda a vaidade da ignorancia, e o engano da fragilidade, huma, e outra muda de eſpecie, e ficaõ ſendo obſtinaçaõ; aſſim como Deos com o demonio naõ uſa de miſericordia, aſſim a naõ uſa tambem com aquella ignorancia vaã, que ſe obſtinou na contumacia; nem com aquelle goſto fragil, que ſe amarrou na impenitencia.

O mortaes, que andais taõ cegos pelas ignorancias do mũdo, cujos bens ſaõ pura vaidade: peccadores, que eſtais taõ prezos nos brandos vinculos da carne, cujo goſto he momento breve; ſe tendes temor de Deos, e ſe tendes pejo, ou pezar de que ſempre vos veja o mundo deſaforados contra Deos, de que ſempre vos ache Deos eſperdiçados pelo mundo; parai, e reparai hum pouco: vereis, que Deos vos diz agora, que vos quer converter a ſi, e que ſe quer tornar a vós: elle vos cõmette hoje as pazes, podendo-vos fazer a guerra a ferro, e fogo, a fogo, e ſangue; elle vos offerece os partidos, e vos roga com o concerto, tendo juſtiça contra vós, e ſendo Juiz da ſua cauſa: tudo iſto ſaõ juſtificaçoens, para depois vos condenar, ſe lhe engeitais o concerto, e ſe lhe deſprezais a paz: ouvi a Deos, temei a Deos, confeſſai-lhe ja voſſa culpa, e pedi lhe miſericordia: naõ vos tenhais mais tempo firmes neſſa taõ dura rebeldia, com que ſois para o meſmo Deos muito peyores que o demonio; pois ſe elle ſe oppõem a Deos, e procura as ſuas offenſas, he açoutado, e caſtigado, e ja poſto no fogo eterno pela juſta ira de Deos; mas vós eſtais injuriando-o, aborrecendo-o, e deſprezando o ao paſſo, que o meſmo Senhor vos faz mimos, e beneficios. Deo-vos vida, e quereis com ella, quanto em vós he, tirar-lhe a vida? Deo-vos tempo, e quereis com elle, quanto em vós he, negar-lhe o tempo, e perdè lo huma eternidade! Rigoroſa couſa ſeria dar-vos hum amigo para voſſa defenſa a eſpada, e metter lha pelo coraçaõ: couſa cruel pareceria dar vos ouro eſſe meſmo amigo, para voſſas neceſſidades, e fazeres vós delle bálas, com que lhe tiraſſeis a vida: inſoffrivel couſa ſeria pôr a vida por voſſa honra, quando vos foſſe neceſſario, e tirar-lhe vós a honra todas as vezes que pudeſſeis:

po-

porèm couſa mais inſoffrivel, mais cruel, e mais rigoroſa fora terdes diſſo vangloria, gavarvos deſta bizarria, e naõ terdes nunca pezar de couſa taõ abominavel, e taõ odioſa á natureza. Se pois iſto, com hum amigo da voſſa eſfera, com hum homem da voſſa claſſe fora taõ digno de caſtigo, e de que naõ houveſſe no mundo quem vos naõ procuraſſe a morte por termos taõ aleyvoſos, por procedimentos taõ baixos, infames, e fementidos dignamente merecida; que ſeria, ſendo contra Deos, cujas diſtancias, delle a vós, nenhum entendimento as mede, ſó as reſpeita a maravilha, ſó a Fé as repeita, e ſó elle as ſabe? Pejai vos pois, e envergonhai-vos da vida que deſtes ao mundo, podendo empregá-la no Ceo; do tempo, que deſtes á carne, podendo aproveitar no eſpirito; da alma, que deſtes ao demonio, podendo a reſtituir a Deos. Se foſtes ignorantes do mũdo fazei-vos aviſados do Ceo; e ſe foſtes na carne fracos, fazey vos robuſtos no eſpirito; ſe obſtinados, como o demonio, ſede ja como David contritos; ſe perſeguidores de Chriſto, como Saulo, ſede ja na converſaõ huns S. Paulos; pois vedes que tendes tempo, e que mui cedo o naõ tereis; ſe ouvindo os aviſos de Deos, deixardes a voſſa ignorancia, dar-vos-ha o Ceo pelo mundo; ſe guardando ſeus mandamentos, eſforçardes voſſa fraqueza, dar-vos ha pela carne o eſpirito; ſe abominando a obſtinaçaõ vos deitardes logo a ſeus pés, e naõ tornardes mais atraz, ainda que no caminho tropeceis muitas vezes, dar-vos ha pelo inferno a Gloria, convertendo vos a melhor vida em ſatisfaçaõ de ſua divina palavra: *D xit Dominus: Ex Baſan convertam, &c.*

GOLPE XXII.

Derelinquat impius viam ſuam, & vir iniquus cogitationes ſuas, & revertatur ad Dominum, & miſerebitur ejus, & ad Deum noſtrum: quoniam multus eſt ad ignoſcendum. Iſai. 55. 7.

Como ha de ſer a converſaõ do peccador a Deos, para ſer verdadeira.

GEMIDO XXII.

Aſſim como da inconſideraçaõ, com que os peccadores vivem ſubmergidos em ſeus vicios, entregues ao demonio, e apartados de Deos, naſce a ſua perdiçaõ: aſſim tambem da conſideraçaõ lhes reſulta o remedio. Conſiderou David nos caminhos da culpa, por donde a inconſideraçaõ a paſſo largo o guiava ao eterno preci-

precipicio, e logo achou o remedio na emenda de sua vida pelos passos do arrependimento: *Cogitavi vias meas: & converti pedes meos in testimonia tua.* A consideraçaõ dos bons, e dos máos caminhos nos fazem converter a Deos; os máos nos ensinaõ o que havemos de temer, os bons o que havemos de seguir: nas mesmas viboras, a cujos venenos fugimos, buscamos as triagas, porque se achaõ tambem entre os seus damnos os remedios: assim podemos aprender dos caminhos da perdiçaõ o mal, e o bem que tem comsigo: o mal, se se seguem; o bem, se se deixaõ: por isso nos diz Isaias, que deixemos o mal, e viremos para o bem; porque naõ basta deixar o mundo, a carne, e o demonio, com suas vaidades, caricias, e enganos, se naõ virámos para Deos: deixar os vicios, e naõ pôr logo os olhos em Deos, virando para elle o coraçaõ, ainda he parar nos vicios: querer tambem virar para Deos, sem deixar de todo atraz das costas as culpas, he olhar a Deos mui torcido, e naõ com os olhos direitos: por esta causa em saber deixar, e em saber virar está tudo; em virar de todo, e em deixar de todo. Quatro cousas se haõ de deixar, e quatro se haõ de virar; e basta que de todo se virem, para que de todo se deixem: máos pensamentos, más intençoens, más obras, e vangloria dellas; que he de tudo isto o peyor, conforme diz S. Jeronymo: *Primum peccatum est cogitasse mala, quæ sunt: secundum, cogitationibus perversis acquiescere: tertium, quod mente decreveris, opere complere: quartum posti peccatum non agere pœnitentiam, & in suo sibi complacere delicto.* Destas quatro sortes de peccados, as primeiras tres perdoa Deos facilmente, se se lhe ajunta a penitencia, e pezar, mas a quem accrescenta o quarto aborrece Deos de maneira, que o naõ pódem soffrer os olhos da Divina misericordia, antes se lhe aparta, e se lhe vira a clemencia do mesmo Deos.

Pſalm. 118. 59.

S Hier. t. 5. in Amos 1. vers. tenentem ſceptrum.

Figura disto temos nos Cantares, donde o Senhor mandava á alma, de quem a Esposa era figura; que quatro vezes se virasse, para que elle lhe puzesse os olhos: *Revertere, revertere, &c.* Chamava lhe o Senhor, Sulamitis, que quer dizer, como declara S Boaventura, alma miseravel cativa da culpa: *Sulamitis, id est, anima misera*, por que naõ costuma Deos pôr-lhe os olhos de sua Divina clemencia se quatro vezes se naõ vira, como acima fica notado, e o adverte o mesmo Santo: *Quater dicit revertere, propter illa quatuor prædicta.* He este quarto

Cant. 6. 12. S. Ben. tom. 6. Dietæ Sul. tit. 1. c. 1. ad fin.

peccado, aquella quarta maldade de Sydonia, Tyro, e Damasco por tantas vezes repetida nos gemidos deste Tratado; e esta culpa, como ja disse, naõ teve, nem terá perdaõ das benignidades de Deos por todas as clasſes dos tempos, e duraçaõ da eternidade, por fundar-se na impenitencia, que he contra Deos odio perverso, a que o Senhor tem aversaõ infinita; e este odio impenitente nenhuma outra cousa he, mais, que hum naõ pezar-nos da maldade apartando-nos della; porque pezar, e naõ apartar, parece pezar, e he mentira, pois, como diz Santo Agostinho, quem he verdadeiro penitente, naõ torna a fazer aquillo, que lhe peza haver feito, e se o faz, naõ lhe pezou, nem he penitente: *Si pœnitet, cur facis, quod male feciſti? ſi adhuc facis, non es pœnitens.* Por isso convem deixar os vicios, e voltar para Deos de todo: deixar o mundo, a carne, e o demonio, naõ he ires-vos para os desertos, nem metter-vos em huma cova, nem fazer grandes penitencias; ainda que isto tudo com prudencia he o melhor para voltar de todo a Deos, e deixar o mundo de todo; mas basta deixar aquelles seus enganos, seus deleites, e quaesquer obras, que sejaõ contra a Ley de Deos, contra o seu amor, ou do proximo; e em deixando estes máos caminhos, convem olhardes para Deos, voltando para os desejos, obras, palavras, e pensamentos; isto he, se cuidaveis nas cousas do mundo, em fazer a vontade á carne, em servir ao demonio, se nisso fallaveis, se nisso trabalhaveis, cuidai em Deos, fallai em Deos, e fazei alguma cousa pelo amor de Deos: nos mesmos estados que tendes, podereis todos fazer isto, se vos quizerdes dar a Deos, e naõ ao mundo, carne, e demonio; pois nem a todos he possivel mudarem de seus estados: tirar do peccado, he o que importa, mudar de vida, o que convem; variar de objecto, o que basta; e perseverar na emenda, o necessario: se quereis muito ás creaturas, querei muito ao vosso Creador; gostaveis de fallar com ellas, gostai de fallar com Deos; eraõ ellas o vosso cuidado, seja o vosso cuidado Deos, e tudo o mais vosso descuido; e melhor cuidado tereis, para que na vida, e na morte o tenha Deos de vós tambem.

Augustinh. tom. 10. homil. 41. in princip.

Se a culpa toda consistio, em naõ fazer o que Deos quer, seja toda a vossa penitencia, o fazer o que elle quer; peze-vos de havè-lo offendido, naõ pelas penas merecidas, mas por haver a Deos aggravado: perseverai na emenda, e naõ façais mais penitencia: isto he o primeiro

meiro deixar, isto o primeiro converter: converter a Deos, he desandar pela emenda os passos, que se derão peccando: he desfazer o malfeito tudo quanto he possivel, dando a Deos, e ao proximo a satisfação por onde se lhe fez a offensa: peccarão os olhos vendo o que não convinha; façaõ elles a penitencia, vendo só o que convem: peccarão os ouvidos, ouvindo o que não era justo, façaõ elles a penitencia, ouvindo só o que he justo: peccou o gosto, usando do prohibido; faça elle a penitencia, mortificando o seu appetite; e assim os mais sentidos, e potencias, como ensina S. Bernardo: Não satisfaz o mal, que fez com seus passos a maldade, quem com os da emenda não apaga os vestigios, que deixarão taõ ruins passos: por isso o Profeta Isaias não aconselha outro caminho a quem se quer tornar a Deos, mais que deixar o que leva, e voltar para o que deixou: deixou se a Deos, torne-se a Deos; pois não ensinar outra via, e dizer, que se torne a Deos, que outra cousa he, senão mandarnos deixar os passos da culpa pela volta da emenda? Não quer Deos, que haja outro caminho para quem foy peccador; quer sómente, que a penitencia, virando-se para a razaõ, apague o rasto escandaloso do máo exemplo, e da má vida; quer que as estradas do peccado vejaõ penitente, a quem olharaõ peccador; por isso lhe manda, que deixe, por isso lhe ordena que vire: *Derelinquat revertatur.* Isai. sup

Os peccadores não buscaõ a Deos como os Justos; os Justos vaõ para diante, os peccadores para traz: os peccadores, como lhes fica Deos atraz, porque lhes derão as costas, atraz he necessario que tornem a buscar o que deixaraõ; os Justos, como o tem diante, adiante caminhaõ sempre: tem os Justos diante a Deos, porque o trazem diante dos olhos; fica Deos atraz dos peccadores, assim porque naõ olhaõ para elle, como porque anda atraz delles, e elles lhe andaõ fugindo: esta he a razaõ, porque Santo Thomaz, e os Theologos diffinindo a graça, e a culpa, dizem, que a culpa he hum virar nos para as creaturas, e dar as costas a Deos; e a graça, virar para Deos, e darmos as costas ás creaturas, porque converter, he virar, e virar he dar as costas para quem tinhamos os olhos. Eis aqui porque a Esposa Santa encarecia nos Cantares, para dizer que amava a Deos, e quanto Deos a amava a ella, que andava para Deos virada, e Deos virado para ella: *Ego dilecto meo; & ad me conversio ejus.* E eis-aqui porque todo o bem, e mal de

Bern. tom. 1. Serm. 3. de Quadr. in fine.

S. The. 1. 2. q. 87. art. 4. in concl.

huma alma eſtá em hum virar bem; ſe o Juſto ſe vira, perde-ſe: ſe o peccador dá volta, ganha-ſe.

Saõ as almas como eſpelhos; ſe os pomos para as couſas da terra, ficaõ lhes as imagens da terra; ſe os viramos para o Ceo, imprimem-ſe-lhes as figuras do Ceo: taõ capazes ſaõ noſſas almas de imprimir-ſe-lhes o bem, e o mal, que eſtá a noſſa ſalvaçaõ, ou a noſſa condenaçaõ em hum virar de maõs, e em hum voltar de olhos: ſe puzermos os olhos em Deos, virando para o Ceo os olhos, daremos as coſtas ao mundo; e ſe nos virarmos para o mundo, e puzermos na terra os olhos, daremos as coſtas a Deos. Que mayor dor, que mayor laſtima póde, pois, haver neſte mundo, que ſaber, que anda o meſmo Deos ha tanto atraz de nós, ſem haver quem lhe ponha os olhos, nem vire o coraçaõ para elle? taõ virado anda para o mundo, taõ torcido para a vaidade, e taõ aveſſo para Deos, como ſe o naõ houvera, e ſó no mundo conſiſtira toda a noſſa bem-aventurança: recreou-ſe Deos em crear-nos, eſtá-ſe revendo em nos ver, e nós revendo nos no vicio, e recreando-nos na culpa, naõ nos doemos, nem ſentimos de lhe fazer iſto na cara, pondo-lhe no roſto eſta injuria, ſabendo que a cara de Deos he ſua altiſſima preſença, que em toda a parte eſtá. O' peccadores, ó mortaes: fez-nos Deos ſeus eſpelhos para ver nelles ſua imagem; fez-nos taes, para que em noſſas almas, como em eſpelhos reluzentes, reſplandeceſſe a imagem de ſeu Unigenito Filho, e ſendo o fim da noſſa creaçaõ, e a mayor dignidade noſſa imitarmos a Jeſu Chriſto, conformando nos com ſuas obras, quanto ſe conforma o eſpelho com aquillo que tem diante, tanto ás aveſſas o fazemos, que lhe damos em roſto com as coſtas do eſpelho. Que cegueira, pois, ha mayor, que perder huma alma ao ſeu Deos naõ ſó o amor, mas o reſpeito: e com modo taõ deſatinado, como ſe Deos naõ fora Deos; ou como ſe fora algum negro, ou algum idolo fantaſtico, que nem olhara, nem ouvira, nem ſoubera, nem conhecera? Sabemos da herva gigante, que por ter affeiçaõ ao Sol, que he ſegundo creador ſeu, ſegue o Sol para toda a parte para donde viraõ ſeus rayos: ſó as almas Chriſtaãs naõ viraõ; taõ grande amor tem ao ſeu mal, e taõ grande odio a ſeu Deos, que o naõ pódem ja ver dos olhos: porque ſe veja, que huma herva tem mais amor a huma creatura, ſem ter amor, nem razaõ, do que huma alma tem a ſeu Deos, tendo razaõ, e tendo amor,

amor. Eis-aqui porque eſtaõ riſcadas, affeadas, e eſcurecidas com os borroens de Satanaz as imagens do meſmo Deos. Eis aqui porque eſtá cego o eſpelho de cada qual de voſſas almas. Eis-aqui porque o eſpelho do entendimento, que nos havia de dar luz, anda ſem luz da verdade, ſem o lume do amor de Deos, ſem a clareza da virtude, cego com o bafo da mentira, e quebrado com o meſmo Deos. E ſe he força que em nósoutros ande, ou a imagem de Deos, ou a figura do demonio: *Nullus homo eſt, qui aliquam non habeat imaginem, aut ſanctitatis, aut peccati*; virémos para Deos as almas, e demo-nos ja por achados de quanto nos vemos perdidos, demonos a Deos por ſabidos, de quanto nos tem ſopportado; e deixando as vias confuſas de noſſa errada preſumpçaõ, virémos para Deos o eſpelho, para que vendo-ſe nelle o Senhor, nelle o vejamos tambem, e para que em todos reſplandeçaõ as obras de ſua bondade, ſem que nos turbem, e eſcureçaõ aquelles taõ medonhos vultos, e aquellas taõ defuntas ſombras da fea imagem da culpa: *Derelinquat impius, &c.*

Gloſ. ord. ſup Ezech. 8. v. Et ecce omnis ſimilitudo rept.

GOLPE XXIII.

Appropinquate Deo, & appropinquabit vobis. Ex Epiſt B. Jacob. 4. 8.

Do modo, e brevidade com que o peccador convertido ha de chegar ſe a Deos.

GEMIDO XXIII.

POuco importa alimpar o campo dos eſpinhos, ſe ſe lhe naõ metter o arado, e ſemear, para que dè fructo: deixar peccados, e exercitar virtudes, he arrancar eſpinhos, mas naõ lavrar, nem ſemear a terra; de que vem a ſucceder, que pelo decurſo do tempo o mato creſce, e os eſpinhos tornaõ: por iſſo dizia David, que naõ ſó nos apartaſſemos do mal, mas que ſeguiſſemos o bem: *Diverte à malo, & fac bonum: inquire pacem, &c.* E a razaõ dá S. Gregorio; porque muito mayor couſa he fazer bem, que naõ fazer mal: *Minus eſt mala non agere, niſi etiam quiſque ſtudeat & bonis operibus inſudare.* Dous actos ſe achaõ na vontade, hum de amor, outro de odio; hum, com que ſeguimos o que amamos, e outro, com que fugimos do que aborrecemos; porque pelo acto de amor ſe inclina a vontade ao ſeu bem, e pelo acto do odio

Pſalm. 33. 15.

Greg. tom. 1. homil. 13. in Evang. in princip.

ſe affaſta do ſeu mal: affaſtar-ſe-ha do mal do mundo, quem lhe começar a ter odio; mas naõ ſe chegará muito a Deos, quem depois de ter odio ao mundo, naõ proſeguir o amor de Deos: cançar-ſe-ha mais no acto menos bom da vontade, que he o naõ querer; e medrará menos no ſeu melhor exercicio de querer, que ſaõ os actos do amor; e ſem amar a Deos, ſeguindo-o, e imitando a vida de Chriſto, pouco mais de nada aproveita deixar os enganos do mundo. Aquillo ainda nos deſviamos de Deos, que, podendo, naõ nos chegamos mais: por iſſo o chegar mais a elle, naõ ſó he deixar mais o mundo, mas tambem aquelles deſvios, que tem a noſſa froxidaõ, de que póde logo naſcer eſta pirguiça da vontade. Entre eſtes dous extremos de chegarmo-nos a Deos, ou chegarmo-nos ao demonio, naõ ha meyo algum; he dia, e noite ſem creſpuſculos: ou logo depois do Sol poſto cahe a noite negra da culpa, ſem aquella parda confuſaõ, que he guerra de ſombras, e luzes; ou logo, que as eſtrellas cahem, quando a noite eſcura agoniza, amanhece o dia da graça, ſem eſſoutras alegres duvidas, com que a madrugada começa: entre a culpa, e a graça naõ ha meyo algum: como ſetta, que ou ſóbe, ou baixa; ou ſubimos no amor de Deos, ou cahimos do ſeu favor: ſer froxo, e ſer ſempre tibio he o peyor de tudo, entre tudo o que ha bom, e máo; como reprehendia o Senhor ao Anjo de Laodicèa, dizendo lhe, que viria a vomitá-lo de ſi, por ſer tibio, e naõ frio, ou quente: *Quia tepidus es, nec calidus, incipiam te evomere ex ore meo.* Apoc. 3. 16.

O que ſe vomita, a eſtá dentro de nós, e nem por iſſo ſe logra: muito melhor fóra ao tibio, froxo, e pirguiçoſo naõ eſtar dentro de Deos, porque de dentro o lançará fóra; e aſſim como, o que huma vez ſe vomita, naõ ſe torna a comer, naõ ſe póde mais tragar, faz aſco, e naõ ſe póde levar para baixo; aſſim ſuccede ao morno, ao tibio com o Senhor, que depois de vomitado, naõ o póde goſtar, nem tragar mais. Peſſima couſa he a tibieza, que a naõ coze, nem conſente o eſtomago do Senhor, e aſſim conheçamos, que nem por eſtarmos dentro de Deos, nos havemos de confiar, e deitar a dormir, he neceſſario obrar bem com fervor para poder perſiſtir. Dentro de Deos eſtá o Chriſtaõ, que vive no ſeculo; porque toda a Chriſtandade he corpo myſtico de Chriſto: mais dentro eſtá o Eccleſiaſtico, porque a Igreja ja he caſa propria de Deos: e mais dentro o Religioſo, porque a Religiaõ he o cora-

coraçaõ de Deos; mas porque nem o Religioso, nem o Ecclesiastico, nem o Christaõ se confiem nisto para se descuidarem, lhes diz o Senhor na pessoa do Anjo de Laodicèa, q̃ muito melhor lhes fora naõ estarem dentro, se estaõ mornos, e tibios. Saõ estes tibios huma indifferença do possivel, que pudera ser muito, se deixara de ser o que he, e he nada do que viera a ser, se chegara a ser o que póde: a razaõ he; porque a agoa fria, se a põem ao fogo, ferve; a braza viva, se lhe deitaõ agoa apaga se; mas o que sempre he morno, e tibio, nem cresce, nem diminue, porque em huma inutil neutralidade nem quer ser bom, nem quer ser máo; e por isso fica sendo nada, assim porque entre o bem, e o mal nada ha de permeyo; como, porque para nada presta, naõ se resolve a ser cousa algũa; e entre os confins do bem, e mal, se fica, sem aproveitar, nem para mal, nem para bem: donde disse Santo Agostinho; que quem se aparta do mal, e naõ faz bõas obras, he transgressor da Ley de Deos: *Si à malo receſſeris, & non feceris bonum, tranſgreſſor es legis*; e para que escape, como tal, da eterna condenaçaõ, o reprehende o Senhor, porque só a quem ama, diz elle que reprehende, e castiga: *Ego quos amo, arguo, & caſtigo.* Homens, que em toda a sua vida naõ sentiraõ o açoute de Deos nas desgraças, nas contradiçoens, nos males, ou gostos do mundo: homens, a quem as Estrellas servem de focinhos, a quem os fados põem o joelho no chaõ, a quem os destinos naõ daõ hum dissabor, a quem as fortunas trazem nas palmas, sem nunca lhes dar hum desgosto, huma reprehensaõ, huma pena, hum infortunio, hum desengano; oh que máo final de salvaçaõ! Aos enfermos, de quem os Medicos ja desabrem maõ, porque desconfiaõ delles, deixaõ lhes comer tudo o que querem: assim aos que se haõ de condenar, por naõ quererem ter remedio, nem penitencia, nem emenda, deixa-os Deos fartar de peccados, e de seus gostos, e deleites para mayor condenaçaõ.

Chegaõ se a Deos os homens pelos males, que lhes acontecem, mais vezes, que pelos bens humanos, desperta-lhes a necessidade, a desgraça, e contradiçaõ, aquelle somno carregado, em que os adormece, e embebe a vaidade deste mundo: só os que padecem no mundo, tem a divisa do Senhor, e o final dos bemaventurados: saõ azas as perseguiçoens, as molestias, e adversidades, com que o corpo se molesta, e o coraçaõ se affige, para que o espirito voe;

multiplicaraõ-ſe aos juſtos as tribulaçoens, e depois ſe apreſſaraõ, dizia David: *Multiplicatæ ſunt infirmitates eorum: poſtea acceleraverunt.* A joya, que com mais primor, e mayor perfeiçaõ ſahe das maõs do artifice, he a que mais vezes no fogo, no martello, e mais inſtrumentos, que a trataõ rigoroſamente, padece as varias experiencias, que a diminue, eſpedaçaõ, para que mais a aperfeiçoem, mais a luſtrem, e mais eſmerem, e notaõ eſtá perfeita, quando eſtá acabada: com ſer ouro a ſua materia, o menos que fica ao parecer, he o ouro; cobre-ſe eſte dos eſmaltes, e daquellas pedras precioſas, que nelle engaſta o artificio, com que fica Eſtrella por arte, o que por eſſencia da natureza he terra melhor córada: aſſim tambem, aquellas almas, que Deos chega á perfeiçaõ, por eſtes rigores caminhaõ; mas quem ſe naõ deixa lavrar do Artifice ſoberano, naõ quer ſer provado no fogo, naõ conſente dobrar-ſe ao martello, nem diminuir-ſe, e apurar-ſe nos outros inſtrumenros, que lhe daõ tormento, e anguſtia, impoſſivel he, que aproveite, ainda que ſeja ouro, pois naõ dá lugar a que aſſentem nelle bem as precioſas pedras das virtudes, o eſmalte, a fórma, e figura, com que ha de perder o ſer proprio, quem quer ſer joya de Deos.

Pſalm. 15. 4.

O mais excellente dom, com que Deos honra, e enriquece os ſeus mayores amigos, he a Cruz, e tribulaçaõ, porque por ellá mais depreſſa ſe faz eſcada para o Ceo, e ſe ſahe do pó da terra; como enſinou o meſmo Chriſto por noſſo amor crucificado: eſte he o apreſſar, eſte he o chegar o Deos. Naõ ſe gloriava S. Paulo de haver ſubido ao terceiro Ceo; gloriava-ſe na Cruz de Chriſto, donde naſce a fonte da graça entre mil mares de amargura: neceſſario he por eſta razaõ, e por todas, que padecendo cheguemos áquillo, de que nos apartámos gozando. Aſſim como ſe Deos vira para nós, em nos virando para elle; aſſim para nós ſe chega, quanto para elle nos chegamos: *Convertimini ad me, ait Dominus exercituum, & convertar ad vos.* A véla, ſe ſe naõ chega ao fogo, naõ póde luzir, nem arder; ahi ſe eſtá dura por remiſſaõ, ſendo branda por natureza. A ave, que importa ter azas, ſe naõ tiver pennas com que voe? e que lhe importará ter pennas, ſe com ellas ſe naõ move? Quem ha no mundo, que podendo ter nos braços o que deſeja, lhe falle de longe? Como pois ſe naõ aggravará Deos, naõ tendo máos pertos, de que nos deva mayor cuidado, e mayor eſmorecimento eſte amor das couſas caducas, que o das eternas,

Ad Galat. 6. 14.

Zachar. 1. 3.

nas, e celeſtes? O amor de Deos, e o noſſo, ambos eſtaõ em hum andar; naõ he neceſſario ſubir outros degráos para chegar ao ſeu amor, que ter-lhe muito amor a Deos: por iſſo dizia S. Bernardo, q̃ quem quizeſſe ſaber o amor, que Deos lhe tinha, olhaſſe em ſi o amor que tinha a Deos, e que quanto eſſe foſſe mayor, mayor ſeria aquelle: *Anima, ſcilicet, ex eo quod ſe diligere, & vehementer diligere ſentit, etiam diligi nihilominus vehementer non ambigit*, naõ porque poſſamos igualar aquelle infinito amor de Deos, que he ſem algum limite; mas porque, a noſſo modo de dizer, naõ fazemos por Deos fineza, que elle logo por nós naõ faça: conforme nelle ſe derramaõ as levaredas de noſſo amor, aſſim os incendios do ſeu ſe ateaõ por noſſas entranhas. Eſta era a razaõ, porque dizia David que nos chegaſſemos a Deos, para que nos allumiaſſe: *Accedite ad eum, & illuminamini*; pois era certo, que com elle ſe nos accendeſſe o coraçaõ, e ardeſſemos dentro de nós, ou dentro no meſmo Deos, a quem temos no centro d'alma.

S. Bernard. tom. 1. Serm. 69. ſup. Cant. ad fin.

Pſam. 35. 6.

Convem pois fechar a porta ao mundo: entrar, e chegar para dentro; porque dentro de nós eſtá o Reyno dos Ceos: *Regnum Dei intra vos eſt.* Imperios, e Monarchias, que naõ caduLuc. 17. 21.

caõ, nem ſe acabaõ, á maneira do corpo fiſico, ſe achaõ em hum ſó paſſo, que para os bons he de Rey, e para os máos de riſo: todos os paſſos, que iſſo cuſta, dentro de nós meſmos ſe daõ, caminhando pelo entendimento, e torcendo pela vontade: ſe ella naõ quer, e elle tem forças, leve-ſe a raſtos a vontade a ver o que diz a memoria das perfeiçoens, e amor, e de ſeus grandes beneficios; peite eſta o entendimento, para que converta a vontade; digalhe por quem ſe perdeo, gabelhe a Deos, falle-lhe em Deos, para que delle ſe affeiçoe, pois naõ tem a vontade humana outro nenhum caſamenteiro, mais que eſte noſſo entendimento: naõ ande o diſcurſo vadio, nem vagabunda a diſcriçaõ; naõ ſeja praça para hum cego todo eſſe imperio do alvedrio; naõ ſe queixe a miſerico dia, de que nos deo em vaõ a graça; naõ ſe irrite mais a juſtiça, de que com o perdaõ creſceo a culpa: porèm ſe a razaõ dos homens anda taõ occioſa, que nada faz, taõ aleijada, que naõ dá hum paſſo, taõ tonta, que naõ enxerga a luz, com que Deos a allumia, tanto ſem preſtimo, que naõ quer abrir a vontade aos faſtios d'alma, e do eſpirito; que muito he, que a noſſa vontade eſteja com huma maõ ſobre outra, preza na ſua froxidaõ,

xidaõ, atada no seu embaraço, e morta á falta de hum aviso? De nenhuma outra cousa nascem estas pirguiças da vontade, senaõ de naõ cuidarmos muito no que haviamos de querer muito, desejar mais, e buscar sempre, que he nosso Deos, nosso Creador, e todo nosso bem.

O' mortaes: como se ha de aquentar ao fogo, quem se naõ chega a elle? Como ha de chegar á India, quem para lá naõ parte? Com a náo, que no porto está surta, quem faz a bóa viagem sem largar as vélas ao vento? Com a setta, que está na aljava, quem dirá que fez bom tiro, sem a pôr no arco primeiro? Como poderá matar a sede com estar perto da fonte, quem naõ chega a beber nella? Como póde estar verde, e dar fructo a vara, que está cortada da vide? Fogo he o amor de Deos, se a elle naõ chegamos, como havemos de aquecer? Nossa India he o Ceo; e como chegaremos lá, se nos naõ pomos a caminho? Vento favoravel he cada inspiraçaõ do Espirito Santo; e que nos importará este, se estivermos sob e as amarras, e o naõ recebermos nas vélas, que saõ as disposiçoens da vontade? Setta he o nosso amor; e que tiro fará este a Deos, se o naõ puzermos na Cruz, que he o arco, com que se tira do mundo, o que põem no Ceo a mira? Vide he Christo Senhor nosso, e nós varas desta Vide: *Ego sum vitis, vos palmites, &c.* como poderemos ter vida da graça, e dar fructos de bóas obras, estando divididos de Christo? Os amigos de Deos naõ se com elle, como as varas com a vide: as varas da vide naõ daõ fructo, nem crescem, se naõ attrahem a si o humor, e suco da sepa: os justos naõ fazem bóas obras, se da graça de Deos naõ attrahem a si o amor, e as virtudes, que Deos lhes cõmunica, de que procedem as bóas obras acceitas a Deos, porque nasceraõ de Deos, donde todo o bem procede. Para esta virtude de attrahir he necessario naõ só chegar muito, mas unir de todo: para chegar perto de Deos, basta deixar o mundo com seus vicios, e vaidades; mas para unir com elle, he preciso deixar-nos a nós mesmos em huma perfeita negaçaõ de todas as nossas vontades, que saõ o nosso interdicto, e o nosso impedimento. Todos, ou sejamos bons, ou máos, somos varas desta vide da vida: varas, que florecem, e daõ fructos, saõ os bons, que a ella estaõ unidos; os máos, varas saõ cortadas, que se seccaõ na obstinaçaõ por cortadas, e apartadas do tronco, que naõ servem mais, que para o fogo do inferno, como diz o mesmo Senhor. Joan. 15. 5.

Joan. prox.

Tem

Tem o fogo calor; tem a neve frieza; mas para que a lenha arda, ou a maõ se esfrie, he condiçaõ necessaria, o chegar a elles, sem a qual, nem a neve esfria, nem queima o fogo, por vizinhos que estejaõ: sem os meyos, conforme a razaõ natural, ninguem póde chegar aos fins: fim do homem he Deos, que para si nos creou; e o amor de Deos he o meyo de poder chegar a este fim, e os mais, que a Fé, e as Escrituras nos aconselhaõ, e nos mandaõ: se pois os desprezamos como chegaremos sem meyos ao fim? Querer pela estrada do inferno fazer o caminho, e jornada do Ceo, he nova culpa da malicia, que intenta por todas as vias introduzir o desatino, e authorizar o nosso engano: se parece aspera a subida, que nos leva ao monte da gloria, naõ nos pareça tambem aspero o descer daqui para os infernos: escadas saõ as creaturas para subir ao Creador, e escadas tambem saõ para descer aos abysmos, nestes viremos a parar, se pondo-as na nossa cabeça, nos formos affastando de Deos, porque por escadas, que os pés naõ pizaõ, ninguem sóbe, e a Deos tanto mais nos chegaremos, e nos subiremos mais alto, quantas mais forem as creaturas, que metter mos debaixo dos pés; porque ainda dos mesmos vicios, e peccados, diz Santo Agostinho fazemos escadas para a Deos subir, quando debaixo dos pés os mettemos: *De vitiis nostris scalam nobis facimus, si vitia ipsa calcamus.* Augustin. tom. 10. Serm. 176. de temp. in fin.

Cheguemo nos pois, ó mortaes, cheguemo-nos mais a Deos. Resoluçoens com detenças saõ vistas com embargos, saõ finezas com interdicto, saõ tençoens excõmungadas, que naõ chegaõ a sagrado: saõ accoens, que naõ se põem em juizo, appellaçoens sem dia de apparecer, e que se naõ podem seguir, porque se deitaraõ de parte: he em fim toucar a malicia com os enfeites da desculpa; mas he affear a razaõ com o toucado da maldade, e descompor o desengano com as feiçoens do máo costume: *Appropinquate Deo, & appropinquabit vobis.*

GOL-

GOLPE XXIV.

Videte vocationem vestram fratres, quia non multi sapientes secundùm carnem, non multi potentes, non multi nobiles, sed quæ stulta sunt mundi elegit Deus, ut confundat sapientes: & infirma mundi elegit Deus, ut confundat fortia: & ignobilia mundi, & contemptibilia elegit Deus, & ea quæ non sunt, ut ea quæ sunt destrueret: ut non glorietur omnis caro in conspectu ejus. 1. ad Corinth. 1. 26.

Como se haõ de vencer os tres inimigos d'alma com o ter, com o saber, com o poder, que saõ as armas com que nos fazem guerra.

GEMIDO XXIV.

CHama-nos Deos, chama-nos o mundo, a carne, e o demonio; o demonio com as artes do mundo o mundo com o poder do demonio, a carne com as nobrezas do seculo; e Deos com o desprezo de tudo isto: se fazeis por serdes mais nobres, ides donde a carne vos chama; se fazeis por serdes mais poderosos, ides ao chamado do mundo; se vos cansais naquellas artes, donde nada de Deos se aprende, e menos se ensina de Deos, seguis o bando do demonio; e se nada disto seguis, ides por onde Deos vos chama. Veja agora cada hum na sua vida, no seu estado, e no seu caminho, que caminho leva, que estado tem, que vida procura, e logo saberá se faz o que Deos lhe manda, se o que o mundo quer, se o que a carne busca, se o que o demonio pretende: se faz o que lhe manda Deos, bem encaminhado vay; se o que quer o mundo, muito se aparta de Deos; se o que busca a carne, muito se chega ao demonio; se o que o demonio pretende, direito vai para os infernos: naõ se póde isto duvidar, pois sabem todos, que o mundo, a carne, e o demonio, naõ só saõ inimigos d'alma, mas tambem do mesmo Deos: se pois vos metteis na cama com vossos inimigos, que esperais que vos aconteça? Se naõ vos pondes contra Deos, mas servis a seus inimigos, que premio de Deos esperais? Oh lastima grande! oh cegueira mayor! oh pertinacia indeclaravel! que esteja vendo hum peccador, que a carne o prende, que o mundo o engana, que o demonio o leva; e no mesmo tempo por sua livre vontade se metta na prizaõ, fuja ao desengano, e busque o precipicio! Ja se houvera algum homem taõ barbaro, e taõ ignorante, que pelos deleites da carne esperara as glorias

do

do eſpirito, pelas grandezas do mundo as bemaventuranças do Ceo, e pelas artes do demonio, as amizades com Deos, naõ fora muito, eſtudar muito neſtas grandezas, e deleites: mas ſe nenhum dos ignorantes ignora, que tudo iſto he máo, como ſe perſuade que ha Deos, ſenaõ teme que o caſtigue? como o tem em conta de bom, ſe naõ ſe aparta de ſer máo? e como crè que ha outro mundo, ſe ſó ſe deſvéla por eſte?

Que caya a fragilidade huma hora, que erre o noſſo engano alguns dias, que dure a cegueira alguns annos, andar, máo he, mas he miſeria que herdamos na primeira culpa: mas que paſſem dias, e annos, huma idade, e outra idade ſem dar-mos á emenda hum ſó dia, ſem lembrar nos da noſſa perdiçaõ; oh que malicia ja cazada com a ſua condenaçaõ! Homens cegos: homens perverſos, onde trazeis o entendimento, e onde puzeſtes a vontade? A muitos fez Deos ſabios, a muitos poderoſos, a muitos nobres; mas nem a nobreza, nem o poder, nem a ſabedoria do ſeculo, foy o fim para que Deos os fez; fè-los para o ſervirem, e para ſe ſalvarem; e em ſe deſviando deſtes fins, tudo o que finge a carne, tudo o que promette o mundo, tudo o que inventa o demonio, he conhecida perdiçaõ. Fez Deos os Reys, fez Deos os ricos, fez os poderoſos, e ſabios, aſſim como fez os ignorantes, humildes, pobres, e pequenos; e tanto lhe cuſtaraõ huns como outros: mas nenhũs fez para outro fim, que para honra, e gloria ſua; e eſta lhe daráõ no inferno os que lha naõ derem no Ceo, nem lha deraõ no mundo; porque o que ſe naõ paga á ſua miſericordia, paga-ſe á ſua juſtiça. Bom he ſer Rey, bom he ſer ſabio, bom he ſer rico, e poderoſo: pois poderoſo foy Joſeph no Egypto, e ſalvou-ſe: rico foy Zacheo, e foy bom: ſabio foy Daniel, e foy Juſto: Rey era David, e foy Santo: mas ſe os Reys uſaõ mal do officio, como Saul; ſe os ſabios, da ſabedoria, como Salomaõ; ſe os ricos, da fazenda, como o Avarento; ſe os poderoſos, do poder, como Balthaſar; como ſerá poſſivel, que ſeja o fim, para que Deos vos creou, o Imperio que foy tyrannia? a ſabedoria que ſe fez ignorancia? a riqueza que ſe tornou avareza? e o poder que ſe fez vangloria? Pelo reynar, pelo ſaber, pelo ter, e pelo poder vos chama Deos muitas vezes; mas ſe no Reyno naõ ſervis a Deos, ſenaõ ao mundo; ſe na ſabedoria naõ ſeguis a Deos, ſenaõ ao demonio; ſe na fazenda naõ buſcais a Deos, ſenaõ a carne; ſe no poder naõ dais gloria a Deos,

a Deos, ſenaõ a vós; como cuidais, que com o poder podereis ſalvar-vos? que com o que tendes, comprareis o Ceo? que com o que ſabeis, ſabereis morrer? e que com reynar, reynareis na gloria? Chama vos Deos pelo Ceo, moſtrando-vo-lo todos os dias; para que façais por ir lá: chama-vos pela terra, lembrando-vos que brevemente nella vos haveis de tornar: chama vos pela agoa, advertindo vos, que vos bautizou: chama-vos pelo ar, dizendo-vos que delle depende a voſſa vida, e que em vos faltando, eſpirais: chama-vos pelo fogo, adverte-vos com ſuas chammas, que ſe preparaõ para a voſſa pena; e nada diſto nos deſperta, a nada lhe damos ouvidos.

O' homens, que tendes juizo: ó peccadores, que o naõ tendes: mais ſurdos ás vozes de Deos, que os vizinhos do rio Nilo, que naõ ouvem o ſeu eſtrondo; ouvi as palavras de Deos, e vede a voſſa vocaçaõ: vede, que nem vieſte ao mundo para ſer Principes, ſabios, ricos, e poderoſos, ainda que no mundo o ſejais por naſcimento, ou por fortuna; vieſtes para vos ſalvar, e para honrar ao voſſo Deos. Quem guarda a ſua Ley o honra, e ſe ſalva; quem lhe tem amor, ſó o eſtima; quem deixa peccados, o buſca; e qualquer, que o deſeja, o tem: vede, que háõ de vir dias; em que vejais aos pequeninos, aos deſprezados, e affrontados metter-vos debaixo dos pés, triunfar de vós, e do mundo; e ir reynar no Ceo para ſempre. Quem ſaõ eſtes, direis entaõ, de quem zombavamos no mundo, e agora os vemos coroados como filhos do meſmo Deos? Elege Deos as couſas vis, e deſprezadas, as pequenas, as mais fracas, as menos nobres, para confundir com ellas os ſabios, deſtruir os fortes, abater os poderoſos, e aniquilar os mayores. Quem viſſe a eſtatua de Nabuco, como ſe perſuadiria, que huma pedrinha pequena derrubaria aquella maquina taõ robuſtamente poderoſa, e ſoberba? Quem viſſe a torre de Babel, como havia de imaginar, que a ſua meſma confuſaõ começaria a deſtruî-la? Quem olhaſſe a hera de Jonas, como lhe havia de parecer, que hum guſanito deſprezivel a ſecaria taõ depreſſa? Quem viſſe o templo de Diana, como havia de preſumir, que hũa faiſca deſprezada ſeria ſeu total eſtrago? Desfizeraõ-ſe em pó, e cinzas os muros, e torres, piramides, que eraõ maravilhas do mundo, rodaraõ os Colloſſos de Rhodes, cahiraõ as eſtatuas dos Ceſares, e deſcendo aos infernos as almas, eſtaráõ no eterno horror daquelle abyſmo todo o ſempre dos

Dan. 2. 31. &c.

Geneſ. 11. 4. &c.

Joan. 4. 7. &c.

dos ſempre: iſto meſmo ha de ſucceder a quem pelas glorias humanas deſpreza a vontade divina.

Ao contrario ſuccede áquelles, que ſeguem os paſſos de Chriſto, deſprezando os goſtos da carne, as vaidades do mundo, e as mentiras do demonio, naõ uſando mal deſta vida, e acceitando as inſpiraçoẽs, com que Deos por todas as couſas nos moſtra noſſa vocaçaõ. Ergueraõ ſe da beira do mar, levantaraõ-ſe do pó da terra huns pobres peſcadorinhos, e homenszinhos deſprezados, e arrebatando a Deos os Ceos, puzeraõ os pés ſobre o mundo, ſubiraõ ao celeſte Reyno, e poſtos nos thronos da gloria, ſaõ Principes da eternidade, e huma meſma couſa com Chriſto. Eſſoutros, que eſtimava o mundo, e eſtima hoje a vaidade por oraculos da vangloria, por exemplares da grandeza, e por idéas da fortuna, reduzidos a pouca terra, em que começa o ſer humano, cá deixaraõ quanto tiveraõ, levando ſó comſigo para aquelle carcere eterno o peccado para nunca mais, e o caſtigo para todo ſempre: ſepultados eternamente em huma vida, que ſempre morre, em huma morte, que ſempre dura gemeráõ ſem remedio, arderáõ ſem allivio, e padeceráõ ſem fim.

O' mortaes, ſe naõ podeis vencer-vos, ſe naõ tendes temor a Deos, ſe naõ ſabeis ſalvar-vos: que ſabeis? que tendes? ou que podeis? Com todo o voſſo poder, ſem a graça de Deos naõ vos podeis ſalvar; com tudo, quanto o mundo tem, ſe naõ tiverdes dor de ter offendido a Deos, he ſem duvida o condenar vos; com tudo quanto ſabeis, ſe naõ ſouberdes amar a Deos, infallivel he o perder vos: caſtigar vos-ha Deos, deſtruir vos ha, confundir-vos ha com o meſmo, que deſprezaveis. Soberbo com o ſeu poder deſprezava Holofernes naõ ſó os muros de Bethulia, e todo o poder de Judéa, mas ao meſmo Deos de Iſrael; e huma mulher fraca por natureza, ſem outras armas, mais que a oraçaõ, e formoſura, dentro naõ ſó da ſua guarda, mas de todo o ſeu meſmo exercito, lhe cortou a cabeça com a ſua meſma eſpada. Ao breve eſtrá lo de huma funda cahio aquelle Filiſteo, aquelle Gigante ſoberbo, que eſtremecia os montes, aſſombrava os valles, ſegava exercitos, e arruinava Cidades; e quem com os olhos do mundo via a Golias, que cazo faria de David? Quem olhava para Holofernes, que medo teria a Judith? E em que veyo aparar eſte deſprezo, e aquella arrogancia, ſenaõ em moſtrar Deos aos homens,

Judith. 6. 1. &c.

1. Reg. 17. 49.

mens, que os mesmos desprezos da culpa, eraõ instrumentos do castigo: que o que parece naõ ter ser, nem ter valor, saõ as armas com que apea a soberba: Assim tambem nas outras cousas: que n visse o rico Avarento
Luc. 16. 19. banquetear-se, e recrear-se com taõ esplendido deleite, que enveja teria de Lazaro? Quem olhasse para Salomaõ no throno de sua grandeza, e no auge da sabedoria, que se lhe daria de Amós, que era hum pastor rustico, e simplez, ainda que allumiado de Deos? parecer-lhe-hia, que no mundo naõ havia mais que desejar, que a sabedoria de Salomaõ, e o regálo do Avarento: mas logo que chegasse a ver, que o rico se perdeo, e que Salomaõ deixou em
Amos 1. 1. duvida o salvar-se, que duvida ha, que antes quizera ser Amós, e que mais desejara ser Lazaro: antes pobre como hum, e simplez como o outro; que rico, como naõ importa, e sabio, como naõ aproveita? Se pois, ó mortaes, o poder vos aparta de Deos, apartai-vos do que podeis. Se o ter mais vos tira do Ceo, tirai vos com a caridade dos bens, que possuis em vaõ. Se o que sabeis vos mette no inferno, mettei-vos por dentro de vós, e naõ saibais mais que de Deos, mas se o saber vos naõ damna, se o ter vos naõ faz mal, se o poder vos naõ precipita, usai de tudo muito embora, que de tudo podeis usar senaõ fizerdes peccado; e o peccado he só, quem faz máo tudo o mais, que sem elle he bom para que o mundo se conserve; pois em todos vossos estados hé certo, que todos podeis servir a Deos, ter amor a Deos, e saber a Deos. Sabei, pois, o que vos importa, sabendo a vossa vocaçaõ: tende o que vos convem, tendo temor de Deos: podei comvosco alguma cousa, vencendo vossos appetites; porque se amardes a Deos, quanto podeis com sua graça, todo o poder do mundo vos naõ fará mal: se o amardes quanto souberdes, naõ vos confundireis pela arte do diabo: e se derdes por seu amor quanto tendes de vosso, entaõ ficareis mais ricos; porque todo o ter, todo o saber, todo o poder, que naõ he com Deos, por Deos, e para Deos, nem he ter, saber, nem poder; mas antes mayor pezo, que humilha, abate, e derruba os ricos, sabios, e poderosos no mais profundo lugar dos infernos: por isso a todos diz S. Paulo, que vejaõ a sua vocaçaõ: *Videte vocationem vestram fratres, &c.*

GOL-

GOLPE XXV.

Multi ſunt vocati, pauci verò electi. Matth. 20. 19.

Moſtraõ-ſe ao peccador as razoens, porque ſaõ muitos os chamados por Deos, e poucos os eſcolhidos.

GEMIDO XXV.

SAlvaõ-ſe poucos, e perdem-ſe os mais dos homens do mundo, porque os bons ſaõ raros, e os máos ſaõ infinitos: Eccl. 1. 15. *Stultorum infinitus eſt numerus.* Aſſim como das couſas mais precioſas da arte, ou da natureza he o menor o numero, e das peyores mayor a multidaõ; aſſim o numero dos perverſos, que he vil canalha do demonio, he muito mayor ſem comparaçaõ, e menor o dos eſcolhidos, que ſaõ precioſas obras de Deos, e da ſua graça. Aſſim como entre as arvores, as menos daõ bom fructo: entre as flores, as menos cheiraõ bem, entre os metaes, he menos o ouro, entre as pedras, os diamantes ſaõ raros; entre os homens, os Reys ſaõ poucos; e entre os artifices, os pintores, e eſcultores bons ſaõ pouquiſſimos; porèm mais nobres ſem comparaçaõ eſtes, que os mais artifices; os Reys, que os outros homens; os diamentes, que as outras pedras; o ouro, que os outros metaes; as roſas, que as outras flores, e as palmas, que as outras arvores: aſſim os bons ſaõ menos, porèm valem mais naõ ſó diante de Deos, mas tambem tarde, ou cedo na eſtimaçaõ dos homens. Sendo pois taõ poucos os bons, e ſendo tantos os máos, que muito he que quaſi todos diga eu agora que ſe perdem! Até nos temporaes caſtigos moſtrou Deos, que eraõ ſempre raros os que eſcapavaõ da ſua ira; porque eraõ eſtes figura, e retrato da condenaçaõ eterna, e tambem os poucos, e bons, que eſcapavaõ, eraõ figura dos outros poucos, e bons, que do inferno eſcapariaõ. Caſtigou Deos o mundo com o diluvio, perdendo ſe todo o mundo, ſó oito almas ſe ſalvaraõ na arca de Moé: *Octo animæ ſalvæ factæ ſunt*; porque era Noé juſto, e perfeito: *Noe vir juſtus, atque perfectus, &c.* 1. Petr 3. 20.. De ſeiscentos mil homens de armas, fóra mulheres, e meninos, com que Moyſés ſahio do Egypto, ſó duas conſta da Eſcritura Sagrada que entraraõ na terra de Promiſſaõ, figura do Ceo, que foraõ Joſué, e Caleb, Varoens perfeitiſſimos em fazer a vontade de Deos inteiramente: *Pater Caleb filium Jephone Genezæum, & Juſue filium Num: iſti impleverunt volum-* Genes. 6. 9. Num. 52. 12. Genes. 19. 1. &c.

voluntatem meam. De toda a terra de Sodoma, e ſuas vizinhas, que o fogo fez em pó, e cinza, ſepultando-as no inferno, naõ eſcapou mais que Lot com a gente de ſua caſa; porque Lot temia a Deos. Daquella total aſſolaçaõ de Jericó ſó Rahab por ſer fiel eſcapou ſalva:

AdHebr. 11. 31. *Fide Rahab meretrix non periit cum incredulis.*

Mas deixando exemplos antigos, vamos ao que hoje eſtamos vendo: a Fé nos enſina, que todo aquelle q̃ naõ crê em Deos, ſe perde; e tambem aquelles, que tem fé, ſe lhes faltaõ bõas obras: *Fides ſine operibus mortua eſt*; porque Fé ſem obras, he Fé morta, corpo ſem alma, ſombra ſem corpo, fogo ſem calor, lume ſem luz, e arvore ſem fructo: e perguntando Santo Agoſtinho, quaes ſaõ os inimigos de Chriſto, e da ſua Igreja, reſponde, que ſaõ os Pagaõs, Turcos, Mouros, e Judeos; e muito peyores que todos, os máos Chriſtaõs: *Qui ſunt inimici Eccleſiæ? Pagani, Judæi: omnibus peius vivunt mali Chriſtiani.* A experiencia nos moſtra, que nas quatro partes do mundo ſe perde toda Aſia, quaſi toda Africa, a mayor parte da America, e naõ pouca da Europa: naõ nos admira ouvir dizer que ſe perde o Mouro, o Turco, o Barbaro, o Gentio; e admiranos muito que ſe diga, que os máos Chriſtaõs ſe perdem, ſendo peyores, que os Gentios, Barbaros, Turcos, e Mouros? O' mortaes: Deos a todos chama, a poucos eſcolhe, eſcolhe os bons; e reprova os máos: ſaõ poucos os bons, os máos quaſi todos; e por iſſo eſtes ſaõ reprovados, e aquelles eſcolhidos de Deos: aſſim como para fazer o edificio muitas pedras ſe trazem, e as que ſe reprovaõ, he depois que naõ ſervem; aſſim a todos traz, e chama Deos para o edificio eterno da celeſte Jeruſalem: a todos, que em fim ſomos pedras por dureza do coraçaõ, traz o Senhor com ſua miſericordia, a todos quer arrancar da terra, donde eſtamos mettidos, humas quebramos antes que nos tirem: outras ſahimos inteiras, e nos deixamos lavrar; outras duras, que o naõ conſentem: as melhores pedras ſaõ eſcolhidas para coroar a obra, as outras, ſe naõ ſervem, perdem-ſe; naõ porque a eſcolha de huns fizeſſe reprovar os outros, mas porque huns tiveraõ preſtimo, e ſervintia, e os outros o naõ quizeraõ ter: eſtes, ou naõ ſerviraõ, ou naõ perſeveraraõ depois que na obra foraõ mettidos; que foy o meſmo, que cahir depois de poſtos no edificio, e naõ ſe tornar a levantar: aquelles perſeveraraõ, ou ſe cahiraõ, levantaraõ ſe. Quem pois quizer ſer eſco-

Jacob. 2. 17. & à n. 14.

Auguſtin. tom. 8. in Pſal. 30. verſ. ſuper omnes inimicos meos.

escolhido, seja bom, faça por isso, viva melhor, e siga as pizadas de Christo; naõ porque esteja nas nossas forças o justificarnos; mas porque naõ nega a Deos a sua graça a quem faz o que póde por seu amór: e quam impossivel he salvar se alguem, se morrer em peccado mortal, ainda que d'antes fosse justo; tanto he impossivel, que acabando em graça, se perca, ainda que haja sido o mayor dos peccadores.

Se pois, ó mortaes, os que estais em peccado, naõ sois pedras do edificio espiritual; se naõ servis a Deos; se naõ fazeis por ser dos bons, e para bem dos melhores, como sereis dos escolhidos? Se a vós mesmos entre os metaes vos deraõ a escolher, escolhereis a prata, e ouro: se entre as pedras preciosas, quanto mais entre os toscos seixos, lançarieis maõ dos diamantes: se entre as flores da rosa, que he a senhora dellas: se pois vos inclinareis ao ouro, por ser o melhor dos metaes; ao diamante, por ser a melhor das pedras; á rosa, por ser a melhor das flores; que offensa vos faz Deos em escolher os justos, se saõ os melhores homens, ainda que estes sejaõ os menos; pois tambem saõ menos os diamantes, menos o ouro, as rosas menos? Pouco he tudo, o que he bom; raro, o que he melhor. Pôs a arte, e a natureza no raro a mayor perfeiçaõ; e por isso a razaõ humana, namorada de seus primores, pôs nelles a mayor estima. Infinitas saõ as Estrellas, mas menos illustres que o Sol, porque só lustra mais que todas; e juntas todas as Estrellas, naõ só naõ luzem como o Sol, mas mendigaõ lhe as suas luzes. Quasi infinitas saõ as aves, porèm nenhuma como a Feniz, mais nobre, e que todas as outras na pompa da sua grandeza, das plumas, fórma, e figura. Innumeraveis saõ os brutos, mas nenhum, como o Leaõ; cuja regia ferocidade com fereza magestosa se coroa só entre as féras, e se faz respeitar de todas: deo a estes a natureza esta notavel preferencia, porque naquella perfeiçaõ, com que a todos os coroou, lhes deo realces mais sublimes, e primores mais excellentes: e por isso os Leoens saõ raros, a Feniz unica, e singular o Sol, na republica dos brutos, na monarchia das aves, e no imperio das luzes. Nas obras da arte he o mesmo. Que pinturas se põem nas casas dos Principes, se naõ saõ raras? as vulgares, quem as estima, senaõ o povo miseravel, que naõ póde ter o melhor? Assim tambem o demonio tem o que póde ter, que sempre he o peyor. Aquellas copias mais insignes, que sahiraõ

Tacit. in v. 2. Claud.

hiraõ do original de Deos, no seu palacio se guardaõ; saõ poucas a respeito das muitas, que ficando de mortal cor nas sombras da culpa, e nos longes da pena, Deos lhes deo só huma de maõ, antevendo que os mesmos homens com a tinta negra da culpa lhe haviaõ de escurecer, e desfigurar a sua imagem, quando a mentira deste mundo lhe metteſſe melhores cores.

Se pois saõ tantos, ó mortaes, os que saõ máos: se o ser máo he cousa vulgar: se o vulgar he de menos estima: deixai de ser o que sois, sede o que deveis ser; sede dos poucos, e dos raros, que mais naõ seja, que por naõ ter valor da parte dos muitos; sede dos melhores, sereis dos escolhidos: na vossa maõ está querer a Deos, ou ao mundo, porque a vontade he livre; e ainda que o peccado a tem preza, se chamardes por Deos: que digo? se ouvirdes a Deos, logo vos livrareis, pois para vos escolher, vos chama; e naõ ha outro impedimento, para que vos escolha, mais que naõ quererdes ouvi-lo: naõ reprova Deos a nenhum, senaõ por máo, e impenitente; naõ escolhe a nenhum, senaõ por bom, ou porque havendo sido máo, ou podendo-o ser, o naõ he ja. Se pois a mayor parte dos homens naõ quer a Deos, e quer o mundo, que muito que a mayor parte delles se perca? Naõ se admiraõ os homens de dar Deos os Reynos a taõ poucos, como saõ os Reys da terra a respeito dos outros homens, que naõ saõ fieis, e admiraõ-se de que dè a poucos o altissimo Reyno dos Ceos? Se no mundo sahio máo hum Rey, desejaõ tirá-lo do mundo, naõ o soffrem, ou o soffrem mal, e querem que aos que saõ máos, pessimos, torpes, e perversos, soffra Deos, que he a summa bondade, sendo-lhe taõ incompativel a malicia dos peccadores, que he força que aparte de si, e deite á sua maõ esquerda esta taõ baixa multidaõ, que por fea, e aborrecivel, por vil, infesta, e ascorosa naõ entra no Paço da Gloria; naquelle sublime lugar, que naõ consente dentro em si o máo cheiro dos peccadores, o traje estranho do peccado, a peste, e lepra da culpa.

O homens, nenhum de vós se admira de que seja menos entre os metaes o ouro, entre as pedras, os diamantes, entre as arvores, as palmas, entre os homens os sabios, e entre os enfermos, os Medicos, e entre todos os Principes; e assombrais-vos muito, de que sejaõ menos os que se salvaõ, e mais os que se perdem? Sabem, que naõ ha outra causa para se condenarem,

rem, senaõ serem máos; e admiraõ-se de ouvir a sentença, e naõ a culpa! assombraõ-se de sabè-la, e naõ de remediá-la, sendo-lhes a todos taõ possivel! Contenta-se Deos com pouco, para se satisfazer. Impio, e peccador entrou o Publicano no templo, e sahio justificado; e que fez este homem para taõ grande mudança, e taõ breve! com que contentou a Deos este homem? Com hum bater nos peitos, com hum abrir de boca na confissaõ; com hum abaixar de olhos no arrependimento: huma palavra, que he hum pouco de ar articulado, bastou para David; humas lagrimas, que saõ pingas de agoa que o coraçaõ destilla, sobejaraõ a S. Pedro: com hum suspiro, que he huma respiraçaõ menos, ou soluço mais, se faz todo este custo: e que ainda assim naõ queiramos comprar a Deos o ser escolhidos por hũ suspiro d'alma, que he ar, por huma palavra, que he vento, por huma lagrima, que he agoa, e por tudo o mais que he nada, em comparaçaõ do que damos pela perdiçaõ! pois que muito, se fazemos taõ pouco pelo em que nos vai tanto, que sejamos todos chamados, mas poucos os escolhidos!

Luc. 18. 13. &c.

2. Reg. 12. 13.

Luc. 22. 62.

Naõ se póde o ferro fazer ouro, nem o seyxo diamante, nem o carvalho, cedro, nem as Estrellas Sol, nem as aves, Fenix, nem os lobos, leoens; mas os máos fazerem se bons, os peccadores, Justos, e os impios, justificados, facil he com a graça de Deos, que a cada qual dá quanta quer; porque he como a fonte de agoas vivas, donde cada hum, conforme a vasilha, que leva, traz a agoa que lhe parece: he como o fogo, que segundo a lenha, que lhe põem, assim arde: he como o Sol, que está defronte, que quanto lhe abrem a porta, tanto entra para dentro; porèm se fechais a porta ao Sol, se tirais a lenha do fogo, se naõ levais á fonte o cantaro, que muito he que fiqueis em trevas, que morrais de frio, e que pereçais á sede! O que he Pintor, deseja ser hum Apelles; porque Apelles foy o mais insigne Pintor: o que he Imaginario, ou Estatuario, deseja ser igual a Fidias; porque Fidias foy sobre todos o melhor Imaginario: o Legista quizera ser hum Bartholo: o Soldado hum Scipiaõ: o Musico hum Orfeo: o Medico hum Galeno: o Valente hum Hercules: o General hum Cesar: o Rey hum Alexandre; porque todos estes homens foraõ nas suas faculdades os mais venerados do mundo; fazendo por imitá-los, para que quando naõ possaõ ter delles huns pertos, tenhaõ ao menos huns longes, e humas

ſombras. Fazem todos quanto podem, por ſer grandes Reys, grandes Soldados, grandes homens, bons Medicos, e bons Letrados, bons Muſicos, e bons Artifices: porèm por ſerem bons Chriſtaõs, por ſeguir, e imitar a Chriſto, cujas copias ſaõ, cujas imagens veneraõ, cuja Ley profeſſaõ, cuja Fé defendem, cujos louvores cantaõ, cujo remedio eſperaõ, cujas forças conhecem, a cujo Reyno aſpiraõ, e de cujas mercès dependem; iſſo de nenhum modo. Quizeraõ, os que ſaõ Theologos, ſaber como Santo Agoſtinho, mas naõ querem viver como elle; cançaõ ſe por lhe imitar a ſciencia, mas naõ por lhe imitar a vida: homens loucos, que vos aproveitará a ſciencia de Santo Agoſtinho, ſe o naõ imitais nas virtudes, e tivereis conſciencia de demonio; ſe nem a elle aproveitara, ſe naõ mudara de vida? e com toda a ſua ſciencia, ſe lhe faltara o ſer bom, fora como metal que ſoa, e como ſoalha que tine, e ſe perdera finalmente com todas as ſuas letras.

Deſenganai-vos, mortaes, que nem os pinceis de Apelles, nem os inſtrumentos de Fidias, nem as leys de Bartholo, nem as artes de Scipiaõ, nem a voz de Orfeo, nem a ſciencia de Galeno, nem as forças de Hercules, nem a fortuna de Ceſar, nem o animo de Alexandre, vos podem dar o Ceo; ſenaõ ſó ſer bons Chriſtaõs, naõ viver em peccado, e acabar a vida em graça. Os mais deſſes homens, que foraõ, e ſaõ celebrados por grandes no mundo, eſtaõ ardendo nos infernos, e arderáõ para ſempre por toda a eternidade, ſem lhes aproveitar couſa alguma tudo o que tiveraõ no mundo, e tudo o que o mundo os eſtima, e vós ireis acompanhá-los na condenaçaõ, e caſtigo, ſe aſſim na vida, como na morte lhes imitardes as vaidades, entregando-vos de todo ao mundo, e fugindo ſempre de Deos, que ha tantos annos voschama, naõ para ficardes no grande numero dos chamados, mas para paſſardes com a mudança da vida ao pequeno dos eſcolhidos: *Multi ſunt vocati, pauci verò electi.*

GOLPE XXVI.

Non veni vocare juſtos, ſed peccatores. Marc. 2. 17.

Declaraõ-ſe os modos, com que Deos eſtá chamando ſempre os peccadores.

GEMIDO XXVI.

AOs peccadores vim chamar, e naõ aos Juſtos; (diz Chriſto Senhor noſſo) porque os enfermos, naõ os ſaõs, tem

tem necessidade deMedico. Aos peccadores chama, aos peccadores brada, como fez no Paraiso terreal a Adam, logo que Adam peccou, e se quiz esconder a Deos, como se lhe fora possivel: taõ proprio he do peccador fugir de Deos, e querer-se esconder; como he proprio da divina bondade querer logo reduzi-lo a brados, chamando por elle a vozes, pois, como se fora harmonia, e dissonancia o peccado, naõ se sabe das nossas fugas, sem que se ouça a voz de Deos. Chamou Deos finalmente a Adam, naõ porque ignorasse aonde estava, mas porque lhe reprehendia a soberba: *Non ubi esset, Deus ignorabat; sed superbum increpabat*; como se dissera: Peccador, aonde estás? estás no abysmo do peccado; estás na minha offensa, na minha ira, na minha maldiçaõ; e podendo fugir de tudo isto com o arrependimento, es taõ soberbo, que foges de mim; de mim te escondes? naõ te podendo esconder de minha presença, nem acima dos Ceos, nem abaixo da terra, nem no fundo do mar, nem nas entranhas dos abysmos? D. vendo tu buscar-me para me pedires perdaõ; eu te busco, para perdoar-te, e para te ensinar a buscar-me! Foges-me, sendo eu o summo bem; e eu te busco, sendo o teu peccado a cousa mais abor-

Genes. 3. 9.

Augustin. tom. 8. in Psa. 118. v. increpasti superbos, cõcione 9.

recivel, que póde haver para meus olhos! mas naõ olho em ti o peccado, que desse se apartaõ com ira os olhos de minha clemencia; olho a tua fragilidade, e olho para os meus beneficios, pois vejo que te creei, e como obra minha te conservei. E quero em fim experimentar o como acceitas, ou engeitas este favor, com que te chamo; naõ porque ignore a tua acceitaçaõ, ou obstinaçaõ, mas para que, se te converteres, vejas que eu te chamei, e tive cuidado de ti, primeiro que tu o tivesses. E se teimares em tua cegueira, para que se justifique a minha ira, mostrando-te que te chamei, e que em me naõ quereres ouvir, quizeste que eu, como rebelde, te condenasse.

O' mortaes, quaesquer que isto ledes, isto vos diz a voz de Deos, por mais que delle fujais. Vem-nos Deos a ver com seus auxilios; chama-nos com suas inspiraçoens; e por mais longe que andeis delle, apartados pela culpa, anda a sua misericordia bradando atraz de vós, como quem se queixa de que, tendo a taõ perto, nem com ella vos abraceis, nem vireis os olhos para ella, nem ainda della façais cazo com hum pouco de respeito, com que algum tempo confusos, e arrependidos lhe cortejeis as caricias, ou lhe agradeçais as pie-

dades. Direis, que naõ entendeis bem a lingua, com que Deos vos falla, ou o modo, com que vos chama: pois ouvi, e ſabê-lo-heis. De tres modos, diſſe Panufio, como relata Caſſiano, que Deos nos chama: per ſi, pelos homens, pela neceſſidade: *Primus ex Deo eſt, ſecundus per hominem, tertius ex neceſſitate.* Per ſi, quando elle meſmo com ſua voz nos chama; como fez aos Apoſtolos, e a meu Padre S. Franciſco: ou pelas palavras do Evangelho; como fez a outros muitos Santos: pelos homens, quando por ſeu exemplo, e doutrina faz com que outros ſe convertaõ; como fez a Santo Agoſtinho por meyo de Santo Ambroſio: pela neceſſidade, quando com medo das penas do inferno converte os peccadores á emenda da vida; como tem feito a muitos: os primeiros dous modos ſaõ melhores q̃ o terceiro, quanto he melhor o amor de Deos, que o temor da pena; mas nem por iſſo todos os que foraõ chamados pelos primeiros dous modos, foraõ mayores Santos, que os que Deos chamou pelo ultimo: porque pouco importa principiar bem, ſe o fim naõ conreſponde ao principio: pouco importa conhecer que ſois chamados, ſe em fazer por ſer eſcolhidos fordes pirguiçoſos: fazer alicerſes de diamantes, e continuar o edificio com pedras toſcas, fea couſa ſeria. Começar rio, e acabar regato, ter principios de aguia, e fins de ave nocturna; naſcer cedro, e acabar pinheiro; amanhecer Sol, e pôr cõmeta; madrugar Rey, e anoitecer eſcravo, ſerá infortunio, mas naõ ſe livra de infamia: ſerá deſgraça, mas naõ ſe izenta de culpa: mais he deſmancho, que deſtino, e mais froxidaõ que fraqueza. Que importou a Judas começar como S. Pedro, ſe acabou como Satanaz? Que lhe aproveitou a Lucifer naſcer a mais bella Eſtrella do Ceo, ſe a formoſura mayor, que houve de Serafim, ſe trocou taõ depreſſa na fealdade de hum demonio? E que mal fez a S. Paulo haver ſido perſeguidor de Chriſto, blasfemo, e impio contra Deos, ſe em hum inſtante de mudança chegou ao cume mais levantado da Evangelica perfeiçaõ? E que importou a outros muitos Santos haverem ſido grandes peccadores, ſe ſendo chamados de Deos por qualquer modo, ſe paſſaraõ da morte á vida, do peccado á penitencia, e da culpa á graça; e perſeverando nella, acabaraõ ſantamente? O que importa he, naõ fazer ſurdo, nem fiar em começar bem; perſeverar he o que importa, pois ſó aſſim ha ſalvaçaõ.

Caſſian. collat. 3. c. 4.

Se pois naõ ſentimos em nós, que

que Deos nos chama per ſi, nem pelas palavras do Evangelho, nem pelo exemplo dos homens eſpirituaes, nem por ſua doutrina; vejamos, ao menos, ſe nos chama pela noſſa neceſſidade: vejamos ſe nos entriſtece o temor da morte; ſe nos ſobreſalta a repreſentaçaõ do tremendo juizo; e ſe nos atemorizaõ as penas do inferno. E quem nada diſto ſente, nem ſe move com eſtas couſas, nem faz conta de ſe mover, ſenaõ para a tarde da vida, naõ faça conta da ſua alma, que tarde ſe ſalvará; apparelhe-ſe para os infernos, que Deos lhos tem apparelhados. Almas Chriſtaãs, quereis q̃ deſça Deos outra vez dos Ceos a dizer-vos que deixeis o mundo, que largueis peccados, que emendeis as vidas? tanto o peitais vós para iſſo? naõ o ouvis nos ſeus mandamento? naõ vos contentais do que vos diz pela Sagrada Eſcritura, que a Igreja nos ſeus Evangelhos vos repete todos os dias? pela vida do meſmo Chriſto, pela morte dos Santos, e pela vida dos juſtos? Ja vos naõ dais por ſatisfeitos de que vos falle por terceiro, quando vos falla pelos homens, que com a vida, e conſelhos vos dizem como Deos vos chama? e até por eſtes meus eſcritos, que com ſerem gemidos meus, ſaõ brados do meſmo Senhor? Oh que final taõ grande de condenaçaõ he o naõ cuidar hum homem mais que na vida preſente! entriſtecer-ſe, ſe ouve fallar na juſtiça de Deos, aborrecendo-a, fugir das lembranças de Deos, eſconder ſe na obſtinaçaõ, e fechar-ſe na contumacia, eſquecendo-ſe do ſeu fim ultimo!

Sinaes ſaõ infalliveis de reprobo, em quanto duraõ, tapar os ouvidos ao ſom, que nos fazem na alma os eccos da ultima trombeta, fechar os olhos ás repreſentaçoens da morte, fugir com o corpo ás conſideraçoens do inferno, perder o amor aos bens do Ceo, e os deſejos da eterna Patria, paſſar o dia ſem cuidar em Deos, deſvelar pelas vaidades, trabalhar por offender a Deos, buſcar com ſede os peccados, e depois gloriar-ſe nelles: mas he tal a miſericordia de Deos, que ainda ás almas, que em ſi conhecem eſtes taõ infauſtos ſinaes, e funebres pronoſticos da eterna perdiçaõ, com elles meſmos lhes falla pelo terceiro modo, e lhes brada rijamente aos ouvidos do coraçaõ, para que troquem a vida, e naõ façaõ ás ſuas vozes orelhas de mercador. Os ſinaes de ſer eſcolhido, he temer, e tremer de Deos, pezar nos de havê-lo offendido, e fazer pelo naõ offender mais: quem iſto faz, entende a Deos, e conhece que Deos o chama por todas ſuas crea-

creaturas; a todas ouve, e de todas se serve para fazer a vontade de Deos, e não apartar-se de seu querer; porque por todas nos falla Deos, e nos chama todas as horas. Nada succede neste mundo, que não seja hum perpetuo aviso, com que o Senhor nos allumia; que não pareça hum memorial, que Deos nos mette cada instante; que não sirva de despertador, que nos acorda a cada ponto: he doutrina do Espirito Santo cada afflicçaõ da consciencia, cada fadiga, e golpe d'alma, cada illustraçaõ do juizo, cada dictame interior: huma voz, cada inspiraçaõ; huma advertencia, os desastrados successos, e hum prégaõ os infortunios continuos. Dentro dos vossos coraçoens, quando andais mais longe de Deos, vos mostra elle que vos chama com o que succede em vós mesmos; as vossas proprias consciencias se espedaçaõ dentro de si, reprehendendo-vos dentro de vós a vossa propria maldade; e a vossa mesma obstinaçaõ vos diz que andais fóra de vós: parece que os mesmos vicios, e peccados, querem ser vossos Prégadores, porque lhes naõ culpeis o engano, com que vos cegaraõ os olhos, pois logo vos mostraõ tambem que vos ferem o coraçaõ; prégaõ vos os mesmos peccados, e avisaõ-vos os mesmos vicios com o pouco, que saõ de dura, com a certeza, com que se gozaõ, com o segredo, com que se fazem, com os castigos que padecem, e com as eternas penas que vos grangeaõ.

Se pois, ó peccadores, naõ sois penedos, já que fugir de ouvir a Deos, ouvi vossos mesmos peccados, cuidai bem no que vos promettem; e reparai no que vos deixaõ. O erro, que vem em traje de acerto, desculpa deixa a quem lhe faz cortesia; a peçonha, que se disfarçou em manjar, fez desgraça, e naõ delicto á ignorancia, que se enganou com elle: o aspide, que se dissimulou em flores, desacautelando hum sentido, tambem desculpou hum engano: mas depois que o erro se despe de todo o disfarce, que o fez desconhecido, depois que os males, apparecendo com o seu caraõ, nos mostraõ quam má cara tem, e quam máo rosto nos fazem, namorares-vos delles, que desculpa poderá ter? Chegar ao precipicio, e cahir nelle, naõ o sabendo, he mofina da desattençaõ; mas buscá-lo, depois de vê-lo, ou he pertinacia do animo, ou desesperaçaõ da malicia, ou loucura da razaõ. Se pois necessariamente haveis de ter arrependimento dos vossos erros, ou nesta vida, ou na outra; por ser o arrependimento

dimento penſaõ inquitavel, que paga todo o erro; ſeja antes neſta vida, para ſervir de cautéla ás recahidas; pois he primor de entendidos naõ fazer couſa, de que hajaõ de arrepender-ſe; e com iſſo evitardes a eterna perdiçaõ, dando gloria ao Senhor, que teſtifica que naõ veyo a eſte mundo chamar juſtos, mas peccadores: *Non veni vocare juſtos, ſed peccatores.*

GOLPE XXVII.

Ergo, dum tempus habemus, operemur bonum. Ad Galat. 6. 10.

Como ſe naõ ha de perder tempo algum em obedecer aos brados, e chamamentos de Deos: e dos males da dilaçaõ.

GEMIDO XXVII.

HUm ſó dia, que percaõ de monçaõ as náos, que vaõ para a India, naõ ſó ſe arriſcaõ a chegar mais tarde, mas a perder-ſe na viagem: mais ſe navega como convem em hum ſó dia com vento em popa, e mar bonança, que em hum mez com tempos contrarios. A occaſiaõ, que dá a fortuna em hum dia para alcançar victoria, paſſado elle, naõ ſe acha outro em muitos annos: ſaõ irremediaveis as perdas do tempo; porque ao tempo perdido, ainda que ſe naõ percaõ as ſaudades, perdem-ſe as eſperanças de recuperá lo: tudo conſiſte em hum ponto, e he neceſſario eſtar á mira para ſe naõ errarem os pontos: por iſſo ſe erra o tiro, porque tambem o ponto ſe erra: e eſta he a razaõ, porque naõ ſaõ para os froxos, nem para os deſcuidados os bens da graça, e da fortuna; hum deſcuido os larga, quando lhes vaõ á maõ, huma froxidaõ os perde, quando ſe lhes vaõ dos pés.

Symbolizavaõ os Egypcios as obrigaçoens do reynar em hum olho eſperto, e vigilante ſobre a ponta de hum baſtaõ agudo: olhos, que naõ perdem o ſomno ſobre a aguda ponta da culpa; olhos, que ſe deixaõ dormir ſobre os riſcos da conſciencia, naõ ſaõ dignos do Reyno do Ceo: almas, que naõ eſtaõ á eſpera dos favores, que Deos lhes faz; que naõ vigiaõ ſobre ſi, ſaõ ſentinellas perdidas, que naõ tem quartel na juſtiça, ainda que o achem na piedade, e na miſericordia. Bemaventurado chama o Senhor áquelle ſervo, a quem achar vigiando, quando lhe bater á porta: abrir a Deos, quando nos bate á porta, he ſahir-lhe ao encontro, e recebê-lo para dentro quando nos buſca; parece fineza do amor, e he

Luc. 12. 37.

e he cento por hum do intereſſe: buſcá-lo depois de aggravá-lo, naõ lhe abrindo, ou deixando-o ir, he arriſcar a naõ achá-lo, como ſuccedeo á Eſpoſa Santa; ſobre ſer máo termo da razaõ, he pouco reſpeito da Fé, e eſcandalo daquelle reſpeito, que Deos quer aos ſeus beneficios: deſazamos o tempo, que nos dava azas, e ficamos em moletas, coxeando para o remedio, cahindo para a perdiçaõ: por iſſo ſe ſentirmos hoje, que dentro em noſſos coraçoẽs nos chama a bondade de Deos por alguma via das ſuas, naõ deixemos para á manhaã, o que ainda he tarde, ſendo hoje; porque ſe o ja parece tarde, quam longe virá o ámanhaã? paſſada a monçaõ, perderemos a viagem, e chegaremos muito tarde, quando nos naõ precatarmos, pondo-nos a riſco de perdernos; podendo atraveſſar os mares com maré de roſas, e ventos favoraveis, fluctuaremos nas ondas, e nos metteremos no pégo, quando as borraſcas nos contraſtem, e os riſcos nos arriſquem: perdido o tempo, perde-ſe a viagem: naõ percamos pois a viagem, perdendo huma hora de tempo.

Cant. 5. 2. &c.

Auguſtin. tom. 10. 164. de temp. in fine.

Eu tenho para mim, e aſſim o entende Santo Agoſtinho, que os peccadores ſaõ como os corvos, tudo he dizer, *cràs*, *cràs*: que ſignifica, *á manhaã*, *á manhaã*; pronoſticos infauſtos de ruina, e annuncios da perdiçaõ: *Quoties dicis: cras, cras, factus es corvus: cùm facis vocem corvinam, occurrit tibi ruina.* Preguntara-lhe eu agora: ſe hoje, que tem mais força, ſe naõ querem levantar de todo donde tem cahido, como ſe haõ de erguer á manhaã eſtando mais debilitados? Creſcendo os laços, creſcem os embaraços; aggravando-ſe os males, diminuem-ſe as forças: males ſaõ as culpas, e males contagioſos; laços ſaõ os peccados; e laços, que apertaõ a vida: ſe pois hoje naõ rompem o laço, quando he hum fio, como o romperáõ ámanhaã, ſendo ja calabre? Se logo naõ acodem a curar o mal antes de malignar-ſe; como lhe acharáõ cura ao depois, eſtando ja peſtilente? Deixar para daqui a pouco, o que póde ſer logo; deixar para logo o que póde ſer ja, he malicia, e naõ bom propoſito; porque como ſaõ os noſſos logos da natureza dos depois, quaſi ſempre ſe lhes paſſa o tempo nos paſſatempos do outro dia: querer cobrir os naõ queros com as ſobcapas dos naõ poſſos, he querer veſtir as deſculpas dos meſmos trajes da malicia, e malicias, que fazem galla, do que devia ter cilicio, uſaõ as modas do vicio, com que ao coſtume ſe anda á larga; naõ o habito

bito do desengano, que he o estreito para a malicia: fuja pois, fuja o desengano de vestir das cores da emenda as apparencias da mentira; porque naõ toma bom caminho, quem se deita na estrada do vicio para enxovalhar a virtude: naõ seja nas tençoens do mundo tudo propôr desenganos, e tudo naõ cumprir promessas, tudo estes logos de futuro, e tudo nuncas de presente; pois para serem estes logos da condiçaõ daquelles nuncas, parece nunca o ámanhaã, e o ainda naõ parece sempre; e naõ ha nos olhos de Deos malicia, que mais o exaspere, nem maldade, que mais castigue, q̃ hum ainda naõ dos que elle ama, e hum ámanhaã dos que elle avisa. Fechou Deos os Ceos, e seccou a terra nos tempos do Profeta Aggeo, para que naõ desse ao povo de Israel nem hũa herva verde, nem hum pequeno de
Agg. 1. 10. orvalho: *Prohibiti sunt Cœli ne darent rorem, & terra prohibita est ne daret germen suum*; os homens pereciaõ á fome: os brutos morriaõ á mingua. Abrio-se o mar Vermelho em bocas nos dias de Moysés, e Aaraõ, e metteo com sorvos horrendos nas entranhas de suas ondas a Faraó, e a todo seu
Psalm. 105. 11. exercito, sem deixar hum só homem vivo: *Operuit aqua tribulantes eos: unus ex eis non remansit.* A causa destes castigos, e a razaõ daquellas sequidoens nos consta da mesma Escritura Sagrada. Amava Deos muito o seu povo, e queria ter nelle hum templo; avisava Deos a Faraó por Aaraõ, e Moysés, que deixasse sahir o povo de Israel do cativeiro; resistia a Deos o seu povo nos tempos de Aggeo com a desculpa do ainda naõ: *Nondum venit tempus domus Domini ædificandæ*; resistia a Deos Faraó com a promessa do ámanhaã: *Ego dimittam vos.* O ainda naõ, era sempre, o ámanhaã, era nunca; chegava hum dia, e outro dia, e a malicia era como sempre; passava hũa hora, e outra hora, e o vagar era para nunca: o povo, porque Deos o amava muito, nas esperas da misericordia dava aos delictos confiança; Faraó, porque Deos o avisava, das largas, que lhe dava a justiça, fazia licenças á culpa: e como Deos se offende mais de quem depois de favorecido se desculda, e de quem zomba depois de avisado; converteo-se em sequidoẽs o amor, que tinha ao seu povo; e mudaraõ-se em castigos os avisos, que fazia á sua obstinaçaõ: naõ aproveitaraõ ao povo as dilaçoens do ainda naõ, nem a Faraó as appellaçoẽs do ámanhaã; antes estiveraõ taõ longe de poder ser sua desculpa, que essa foy a culpa mayor para naõ tar-

Agg. 1. 2.

Exod. 8. 28.

dar

dar o caſtigo, nem ſe retardarem as ſequidoens.

O' mortaes, ó peccadores, que ſequidoens, e que caſtigos naõ tereimos da ira de Deos! Que Ceos ſe naõ haõ de fechar, e que abyſmos ſe naõ haõ de abrir, ſe queremos reſiſtir á Deos com o ainda naõ de cada hora? ſe queremos enganar a Deos com o ámanhaã de cada dia? Tudo he dizer, ámanhaã, e o ámanhaã ſe faz nunca; tudo he dizer, daqui a pouco; tudo, eſperai hum pouco mais; e eſte pouco he ja mais de muito: propondes de vos emendar, e ſó vos lembra aquella hora; propondes de vos confeſſar, e eſquece-vos o meſmo dia; chega hum anno, e outro anno, e quaſi apenas de anno em anno chegais aos pés do Confeſſor, porque o preceito vos obriga, naõ porque a vontade o deſeje, ou a contriçaõ vos diſponha; chegais aos pés do Confeſſor taõ ſem dor de voſſos peccados, que a meſma confiſſaõ, que fazeis, he mais deſpejo da memoria, que deſcarga da conſciencia, e ſuccede-vos, como a Abſalaõ pendurado pelos ſeus cabellos, porque os cortava todos os annos, para que lhe creſceſſem mais, podendo arrancá los por huma vez; podereis tambem huma vez arrancar de vós os peccados, mas contentais vos com cortá-los de anno em anno na confiſſaõ; de que ſe ſegue, que como os cortais, para que mais vos creſçaõ, por elles recebereis a morte, e eſtando a voſſa vida á dependura pelos cabellos, voſſos mayores inimigos vos atraveſſaraõ a alma.

2. Reg. 18. 9. 2. Reg. 14. 26.

Naõ deixeis pois para mais tarde, o que nunca póde ſer cedo: tomai os aviſos de Deos, e fazei ſua vontade no meſmo ponto, em que vos chama, e dentro n'alma vos aviſa, pois o faz, porque vos ama: vede que hoje ja he tempo, pois naõ ſabeis ſe o dia de hoje ſerá o ultimo de voſſa vida; naõ vos guardeis para o depois, porque nem a morte, nem o tempo ſaõ da voſſa juriſdiçaõ. Se a morte vos colher neſtes antes da penitencia, e nos ſempre da obſtinaçaõ, qual de vós póde duvidar que ſe vai direito aos infernos? Vós meſmos vos dai a ſentença, que vos póde dar o Senhor; ſentai-vos no ſeu tribunal; vede o que tendes merecido, e fazei o que Deos fizera: e ſe achardes, que vos convem, ou preſta para alguma couſa deterdes-vos no voſſo engano, e carregar as conſciencias com mais hum dia de culpa, lá vos avinde, peccadores, fazei o que vos parecer.

Dir-me heis, que vos peza muito de offenderes a hum Deos taõ bom, taõ benigo, manſo, e amigo; porèm, que em

em fim sois miseraveis, e naõ ha mais na vossa maõ; oh peccadores sem temor! ides a offender a Deos, e dizeis que vos peza muito? he mentira: metteis vos por vossa livre vontade nos viscos, e laços da culpa, e dizeis que naõ podeis mais? he maldade: recreais vos na offensa de Deos, e dizeis que lá virá tempo? he depravada obstinaçaõ: até quando ha de ser o agora, com q̃ a fraqueza se desculpa? quando ha de ser aquelle entaõ, para quem appella a vossa emenda? e em que tempo ha de ser o quando, em que a vossa esperança se confia, e a que o vosso proposito se dilata? Vem o tempo, e vai-se o proposito; chega a occasiaõ, e esquece a emenda; bate vos Deos, e fecha-se a alma; grita-vos a alma, dorme a vida; pois que esperais, que vos succeda, naõ sabendo a hora, nem o dia, em que Deos vos póde pedir a conta de tantos dias mal gastados, e de tantos tempos perdidos? Entre pois em si a razaõ; e naõ ande fóra de si tantos annos o entendimento; tomai o conselho do Sabio, que lá dizia nos Proverbios: Naõ digais ao vosso amigo: Ide, e tornai, á manhaã vos darei o que me pedis; se podeis dar logo o que pede: *Ne dicas amico tuo. Vade, & revertere, cras dabo tibi: cùm statim possis dare.* Vosso amigo he Deos, e taõ amigo, que vos soffre, vos espera, busca, e ensina; pede-vos o vosso bem, e remedio, e naõ o seu interesse; pede vos que querais salvar-vos, naõ vos pede nenhum mal vosso, e menos, algum bem seu, pois nem Deos póde ser mayor, nem vos ha mister para nada: se pois agora vos chama, respondei-lhe logo; se quer que logo vos mudeis, para quando guardais os logos? Teimar no erro, conhecendo-o, he peccar á cinte; fazer acintes a Deos, que se póde vingar quando, e como quizer, he final de animo obstinado: animos obstinados tem inferno perpetuo: inferno he fogo, que naõ se apaga, tormento, que naõ cessa, noite, que nunca amanhece, punhal, que sempre fere, morte, que sempre dura, e bicho, que sempre roe: oh mortaes! Vede quam caro vós vende o demonio hum gosto momentaneo do peccado, por hum tormento eterno: e vede quam barata, e quanto de graça vos dá Deos huma vida sem fim, e huma gloria infinita, por huma mortificaçaõ breve. Seja logo, ó peccadores, á conclusaõ destas premissas, hum logo de arrependimento, hum nunca mais de culpa, hum para sempre de obrar bem, em quanto Deos vos dá com os avisos o tempo, como aconselha

Prov. 3. 28.

ſelha S. Paulo: *Ergo, dum tempus habemus, operemur bonum.*

GOLPE XXVIII.

Multifariam, multiſque modis olim Deus loquens patribus in Prophetis: noviſſimè diebus iſtis locutus eſt nobis in Filio. Ad Hebr. 1. 1.

Trata ſe das muitas maneiras, com que Deos nos enſina a ſalvar nos.

GEMIDO XXVIII.

TOda eſta maquina formoſa, que luſtra nos Ceos, e na terra as eſféras da humana viſta, he livro, onde Deos eſcreve tudo o que quer que os homens ſaibaõ; he arte por onde lhes enſina o que devem mais aprender; ſaõ folhas todas as eſféras, capitulos os elementos, e letras as creaturas, onde a razaõ ſoletra, e lè as palavras do meſmo Deos; onde entende o conhecimento as varias linguas, com que fallaõ; onde o eſpirito declara os enigmas, que mais ſe encobrem; e onde deciſraõ as almas os myſterios, que mais ſe occultaõ: com pouca pratica do eſpirito, que eſtuda por tudo o que vè, naõ ha idioma, que ſe ignore; caracter, que naõ ſe conheça; figura, que naõ ſe declare; e ſentido, que naõ ſe addivinhe: os que aprendem no amor de Deos, o que ſó ſe deve ſaber da divina ſabedoria, naõ ſe canſaõ com outra arte; trataõ ſó de ler pelo mundo as maravilhas do Senhor; nem procuraõ outra ſciencia, mais que a admiraçaõ deſtes ſegredos, que o mundo tem por ignorancia; em todo o mundo nada olhaõ mais que o que vem de Deos no mundo; e delle naõ querem mais nada, que ignorar o que elle mais ſabe.

Serve de liçaõ aos diſcretos a viſta de todas as couſas, para ver o que haõ de fugir, e advertir o que haõ de fazer; tudo os deſperta para Deos, tudo os eſquece para o mundo, as aves, que acordaõ cantando, lhes enſinaõ, logo que amanhece, a louvar ao meſmo Senhor, como aves eſpirituaes, em interiores harmonias, ou amoroſas conſonancias: a luz, que faz fugir as ſombras da noite, o que faz a graça nas culpas: as lagrimas da madrugada, o quanto reverdecem as almas com as lagrimas da penitencia: as fontes, que correm ao mar, a ancia com que cada hum em Deos deve buſcar o ſeu centro: o Sol, que declina do meyo dia, e logo as ſombras da noite ſe lhe ſeguem, o como vai eſcurecendo ſe, quem começa a cahir da graça: a noite, que entriſtece a terra, e tira

ra ás couſas todas a cor, o como deixa, e desfigura o peccado huma alma: os males, que ſempre vemos no mundo, nos moſtraõ a ſua miſeria; e as honeſtas felicidades nos affiguraõ os bens do Ceo: o máo fim da vida dos máos, quam máo he ſeguir ſeus paſſos: a gloria da morte dos juſtos, quam bom he ſeguir ſeus exemplos. Eſtas, e todas as mais couſas, que eſtamos vendo cada hora, ſaõ recados mudos de Deos, que claramente por todas ellas nos manda; e ſaõ os modos, com que o Senhor perſuade a noſſa razaõ, e obſerva as noſſas omiſſoens, acceitaçoens, e reſiſtencias de ſuas ordens, e vontade.

Se pois por todas as creaturas nos eſtá olhando o Senhor; ſe ſempre nos eſtá fallando por todas ás couſas do mundo, como para vermos a Deos, ſe naõ faz a Fé toda olhos? e como para eſcutá-lo, toda a viſta naõ he ouvidos? Por ventura, por eſte livro da noſſa experiencia meſma, e dos cazos de todo o ſeculo aprendemos ſó para troncos, e eſtudamos para penedos? Como pois chega a ſer poſſivel, que os que ſe eſtimaõ por mais ſabios; os que ſabem mais, que Ariſtoteles, pois conhecem melhor as couſas; os que reprehendem a Lycurgo, pois lhe emendaõ a ſua ley; os que querem emendar a Eſcoto, prezando ſe de mais ſubtis, naõ ſaibaõ ainda as linguagens, com que na arte deſte mundo nos começa Deos a enſinar? O' mortaes neſciamente ſabios, ouvi os recados de Deos, que vos manda pelas creaturas, e por ſeus cazos, e ſucceſſos. Pagens ſaõ todas as do mundo, por quem vos manda viſitar, e allumiar cada dia; todas ellas ſaõ Enviados da miſericordia, que benigna vos offerece cada hora as pazes com ſua juſtiça; Embayxadoras ſaõ do EſpiritoSanto, que com ardentiſſimo amor ſe quer caſar com voſſas almas, e dar-vos o Reyno dos Ceos; medianeiras ſaõ, quando menos, daquella liga, e uniaõ, que quer fazer contra o demonio na continua guerra da vida: naõ repareis ſempre nos miniſtros, por quem vos manda as embayxadas; nos inſtrumentos, e ſujeitos, de que uſa para eſtas obras; reparai no aviſo, na offerta, no recado, ou nas embayxadas, que podem vir por huma féra, por hum tronco, por hum penedo: naõ vos detenhais no inſtrumento, detende-vos ſómente no toque: reparai no recado, e naõ no pagem: na embayxada, e naõ no Embayxador: naõ vos detenhais na cortiça, ide dentro buſcar o favo: naõ olheis as couſas por fóra, eſmiuçai as bem por dentro, que eſtes ſaõ

os grandes proveitos da espiritual anatomia.

Vedes as arvores no Outono com menos folhas do que fructos, accusaõ-vos interiormente da muita folha, ou pouco fructo, que tendes dado até o Outono de vossa vida; naõ repareis nas arvores, que isso vos dizem á consciencia, reparai só no que vos dizem, pois tomou Deos as suas folhas para fazer-vos memoriaes, e estes alvarás de lembrança: vedes voar ao Ceo huma ave, e diz-vos á alma, que tambem lá podereis voar, se fazendo azas das penas, e vivendo vida de justo, fugireis das cousas da terra; naõ olheis que vos diz isto huma ave, suspeitai que vo lo escreve Deos, servindo se das suas pennas; e voai com a que tiverdes de deixar a vaidade humana: olhais talvez para hum penedo, e diz-vos lá no coraçaõ, que sois mais duro que huma rocha, pois tendo alma racional, naõ vos move o amor de Deos, nem vos abrandaõ seus favores: naõ repareis em que he penedo, cuidai que Deos, para advertir-vos, faz fallar as pedras comvosco: vedes correr huma fonte, e parece-vos que se vai rindo, sendo que murmura, e chora de ver vos; reparai na causa disto, e correi-vos de naõ chorar vossas culpas, e de vos naõ rirdes do mundo, sendo elle cousa de riso: vedes cahir hum rayo, e diz-vos com linguas de fogo, que estava para vos partir, mas que Deos vos espera a emenda, e só por isso vos perdoa; conhecei que he ja ameaço, e dai muitas graças a Deos, que podendo-vos abrazar com esse rayo com sua luz vos allumia: sentis hum grande terremoto, e estremece-vos a consciencia, parecendo-vos que vos diz, que vos quer ja tragar a terra, ou que treme a mesma terra de vos sustentar em si; fazei memoria deste aviso, e cuidai que o mesmo Senhor vos manda prégar pela terra: vedes hum homem bom, ou máo, e a sua vista mudamente vos diz, quam mal parece quem mal vive, e quam bem parece quem vive bem, segui o que no bom louvais, e fugi do q̃ no máo reprehendeis; porque de outro modo debalde tereis o auxilio, e o discurso: estais na conversaçaõ, e ferio-vos huma palavra no mais vivo da consciencia, naõ repareis em quem a diz, que será talvez hum perverso, reparai em quem a inspirou, que he o mesmo Espirito Santo: ledes no livro huma palavra, que vos atravessa as entranhas, naõ cuideis que a diz o livro, entendei que vo la imprime: ouvis hum successo do mundo, ou historia dita accazo, e parece-vos que falla comvosco, e vos adverte alguma cousa do que vos toca á sal-

salvaçaõ abri o coraçaõ a Deos, e agradecei-lhe o que vos diz: estais ouvindo o Sermaõ, ainda que naõ seja de hum S. Paulo, e entra-vos n'alma alguma cousa; naõ repareis no Prégador, se naõ he digno de reparo; cuidai em Deos, que vos pegou ao coraçaõ esta faisca: vedes cortar com hũ só golpe hũa hera muito crescida; e diz-vos a alma agudamente, que acabou com hum golpe aquella fabrica de ramos, aquelle labyrintho de heras, que pizava troncos, e penhas; que trepava torres, e muros; reparai na hera, e nos laços de vossa vida, e ambiçaõ, e quam breve golpe os derruba: vedes cahir hum edificio, e a vida se vos estremece; presumi que he golpe do Ceo, e cuidai nos riscos da vida: vedes morrer qualquer homem, e se vos representa a morte; vede que Deos vo la lembra, e cuidai na hora da morte: vedes hum dia temeroso, e ao juizo se affigura, que he chegado o fim do mundo; presumi que he ordem de Deos, para que vos lembre o juizo: reparais na noite escura, ou em hum carcere tenebroso, e traz-vos á memoria o inferno; cuidai que he aviso do Ceo, para que cuideis hum pouco nelle; e entendei que resistis a Deos, e á sua doutrina, que assim nos dá por tantos, e taõ exquisitos modos, que acabareis desamparados dos favores da misericordia, para experimẽtardes eternamente os rigores de sua justiça: acabando de entender, que ainda agora nos falla Deos de muitos modos, e maneiras, como S. Paulo diz que fallava antigamente: *Multifariam, multisque modis, &c.*

GOLPE XXIX.

Si pœnitentiam egerit gens illa à malo suo, quod locutus sum adversus eam: agam & ego pœnitentiam super malo, quod cogitavi ut facerem ei Jerem. 18. 8.

Como ha de ser a nossa emenda para alcançar de Deos a misericordia.

GEMIDO XXIX.

SE o peccador (disse Deos por Jeremias) fizer penitencia de seus peccados, farei eu tambem penitencia de o querer castigar por elles. Oh bondade de Deos immensa! oh amor sempre incomparavel! que chegue o mesmo Deos a dizer, que fará penitencia de ter tençaõ de castigar nos, se nós a fizermos de havè lo offendido; como se a divina justiça fora culpa, de que se deva arrepender, logo que nos nós arrependessemos das culpas, que merecem o rigor

de ſua juſtiça! Tal he a ſua infinita bondade, que por melhor nos perſuadir os remedios da penitencia, faz por bemquiſtá-la, promettendo tambem fazê-la: ſe pois o meſmo Deos Santiſſimo, Puriſſimo, e Soberano infinitamente ſe naõ dedigna em ſua gloria de fazer por nós penitencia; ſe a fizermos de noſſas culpas, quem ſerá taõ ouſado, abominavel, e blasfemo, que zombe do que Deos eſtima, que ſe ria do que Deos faz, e que deſpreze o que Deos quer! Fazer Deos penitencia, nenhũa outra couſa he, ſenaõ pôr a ſua miſericordia aonde eſtava a ſua juſtiça, e a noſſo modo de fallar, pezou-nos de offender a Deos; pezou-lhe de nos querer caſtigar por iſſo: com o pezar de havê lo offendido, propuzemos de o naõ offender mais; com o pezar de querer caſtigar-nos propôs de nos naõ dar mais caſtigos: eis aqui a penitencia de Deos, eis-qui a noſſa penitencia; mas quer o Senhor explicar-ſe comnoſco pelos termos de arrependido; porque o peccador vendo iſto, á medida do ſeu peccado, (no que he poſſivel á creatura) e exemplo do meſmo Deos, ſe ſolicite arrepender: naõ olha Deos os peccadores do arrependimento para traz, ſenaõ da emenda para diante; naõ conta os annos do arrependimento, ſenaõ as tençoens, e os propoſitos delle; póde ſer o tempo muito, e o fervor pouco; e iſto naõ he o que Deos quer, porque eſtima mais ſem comparaçaõ hum dia de pezar com grande magoa do coraçaõ, e com firmes propoſitos, que muitos annos de emendado com poucas ancias de dorido: mede Deos pela qualidade a penitencia, e naõ pela quantidade: aſſim como hum tronco de páo de Aguilla, ou Calambuco, val mais que hum boſque de outros, aſſim val mais hum ſó peccador muito arrependido para com Deos, que outros muitos froxamente emẽdados: naõ eſtá na extenſaõ do tempo a perfeiçaõ da penitencia, ſenaõ na intenſaõ dos propoſitos, do pezar, e dos ſentimentos: muitos annos de arrependimento com pouco fervor ſaõ muitas teſtimunhas da froxidaõ, e malſins da nova culpa, que ſe commette na tibieza; e poucos dias de fervor depois de emendarmos a vida, ſaõ provas de que foy verdade o pezar de offender a Deos; ſaõ vidas inteiras da Fé, que ſem obras morre; ſaõ mais que idades de eſperança, ſaõ ſeculos de merecimento; ſaõ eternidades de amor: e como ſaõ tanto, nada importa contra a ſalvaçaõ que ſejaõ muitos os annos do peccado; porque como Deos naõ olha o tempo, ſenaõ o fervor da emenda,

da,

Text. in cap. 2. de Pœnit. dist. 7.

da, em cada hora deſte, ſe he grande, ficaõ logo perdoadas eternidades de offenſa, e immenſidades de culpa: mas nem por iſſo o peccador deixe para a velhice a penitencia; porque naõ ſerá perdoado de Deos quem deixa os peccados, quando ja naõ póde peccar: deixar os peccados, quando elles nos deixaõ, he mais final de obſtinaçaõ, que de arrependimento; porque os verdadeiros arrependidos fazem penitencia em quanto podem, e naõ querem peccar; mas deixar de peccar por mais naõ poder, he grito de impenitencia, que podendo, ſe naõ quiz emendar em quanto peccar podia.

A verdadeira penitencia he chorar os peccados cõmettidos, e naõ tornar a fazê los: ſe pois queremos que a Deos lhe peze dos caſtigos, que noſſas culpas merecem, para que naõ haja mais caſtigos; porque nos naõ ha de pezar dos peccados commettidos, para naõ haver mais peccados? Ter pena de haver offendido a Deos, fazer penitencia, he darmo nos pena, e caſtigo dos peccados, que cõmettemos: naõ tem verdadeiro pezar de haver aggravado a ſeu Deos, quem depois de propôr a emenda, naõ caſtiga em ſi o que lhe peza haver cõmettido, mas antes torna ao vomito da culpa, porque a naõ caſtigou como devia: o verdadeiro penitente ha de doer-ſe do paſſado, ha de emendar o preſente, e ha de prevenir o futuro, ſem deſcanço ſe ha de doer; porque deſcançando a dor, torna com a complacencia a reverdecer a culpa; ſem tardança ſe ha de emendar, porque em quanto tarda a emenda, naõ chega o arrependimento; ſem culpa ſe ha de prevenir, porque quem contra os peccados futuros ſe naõ acautéla, mui perto eſtá de os naõ ter aborrecido: de tal modo ha de chorar as culpas cõmettidas, que naõ torne mais a cõmetter, o que huma vez ſoube chorar: enganos de hontem, e deſenganos de hoje, ou ſaõ hum começar, ou hum nunca acabar da culpa: ou ſaõ propoſitos para nunca mais, ou malicias para todo ſempre, e por iſſo meſmo, ou ſaõ remedios para logo, ou mayor mal para depois. Perdoou Deos á Cidade de Ninive nos tempos de Jonas, naõ lhe perdoou nos dias de Nahum porque foy entaõ de todo aſſolada, ſem ficar pedra ſobre pedra de ſuas maquinas ſublimes: a cauſa da miſericordia de antes, e do caſtigo de depois facilmente ſe deixa ver. Chorou Ninive as ſuas culpas nos tempos do Profeta Jonas, e ſervio-lhe entaõ de remedio aquelle começar de emenda; tornou-ſe logo a ſeus peccados, com hum nunca acabar

Jon. 3. 10. Nab. 3. 7.

bar de culpa, e fez mais grave o caſtigo: os extremos da penitencia na face da primeira ira parecerão propoſitos para nunca mais, por iſſo forão remedios para logo; as froxidoens do deſengano nas tenções da ſegunda emenda, forão malicia para
Nah. 3. 19. ſempre, como o Profeta lhe dizia; e forão por eſte principio ſeu mayor mal para depois: tanto mal faz hum deſengano para deixar-ſe depois, que acha menos piedade em Deos, que hum engano, que ſe arrepende, huma cegueira, que ſe chora, e huma culpa, que ſe confeſſa: e a razão he; porque eſtando na noſſa mão, como prégava o Rey de
Jon. 3. 8. Ninive, ou a emenda para abraçada, ou a culpa para querida, depois de conhecida a culpa, e depois da emenda propoſta, he mayor offenſa de Deos huma emenda, que ſe deſpreza, que huma cegueira, que ſe abraça.

Quem promette a Deos emẽda, não menos que para todo ſempre obriga a culpa a nunca mais; e ſe o vagar das froxidoens, ou a mudança das propoſitos faz perder a Fé aos extremos, má conta dá de ſi a Deos, e peyor dos ſeus beneficios, quem coxea para a ſatisfação, depois de voar para a culpa; quẽ torna atraz com a verdade, depois de ir adiante com a mentira. Não achão miſericordia em Deos os homens, que havendo gaſtado na culpa o tempo da miſericordia, chamão por ella, quando ja indignada a juſtiça vem caſtigar a ſua offenſa: chamar por Deos com medo de ſeus caſtigos, e não com amor á ſua bondade, não livra de condenação, ſe ſe não junta aos Sacramentos eſta atrição eſpavorida, e ainda que haja miſericordia, deve apreſſar ſe a penitencia; porque ſe o enfermo, ainda que tenha por certo o alcançar a ſaude, não quizera eſtar mais tempo na enfermidade, mas logo apreſſara o remedio: porque razão o peccador ha de querer eſtar em peccado, ainda que tenha por certo alcançar miſericordia? Malicia he de duas larguras offender a Deos mais, porque Deos me eſpera mais, fazendo da ſua bondade razão para a minha maldade.

O' mortaes, ou neſta vida, ou na outra haveis de fazer penitencia; mas com eſta differença, que a penitencia deſta vida he taõ breve como a vida, e tem eterno perdão, e a penitencia da outra vida he taõ longa, como eterna, e tem tormento ſem fim: com a penitencia de agora podeis apartar-vos dos peccados para nunca mais; e com a penitencia de depois os não podereis deitar de vós; levar-vos haõ para os infernos, e levá-los-heis comvoſco, não com o goſto com que agora os
Sap. 5. 3.

não

naõ largais, mas com eterna pena de os naõ ter deixado: desejareis entaõ apartar-vos delles, como de crueis inimigos, naquella eterna duraçaõ, e nunca vereis cumpridos voſſos deſejos, porque como os mais crueis verdugos naõ ſe apartaraõ de vós; pois he certo, que mais ſentireis ver, que nada vos eſpedaça mais as entranhas, nem vos róe mais cruelmente o coraçaõ, como eſſes vicios, e peccados mais amigos, com que ſempre andaſtes em braços, e que foraõ voſſo mayor deleite por taõ breve eſpaço de tempo, ſó para mais vos affligirem por toda a longa eternidade.

Vede pois agora, ó peccadores, que a paciencia de Deos he quem vos chama á penitencia; aquelle, que aggravado-vos roga, que naõ fujais perdoando, clama ſobre vós, porque lhe fugis: tornai a Deos, ó mortaes, vede que tudo tem ſeu tempo; ha tempo de penitencia, porque ha tempo, em que a penitencia aproveita; e ha tempos, em que nada val, porque ſe faz fóra de tempo. Penitente acabou Judas, mas condenou-ſe: aſſim como o ſemear ſem tempo, plantar quando o naõ pede o tempo, vindimar quando naõ he ſazaõ, e navegar ſem monçaõ, naõ aproveita couſa alguma; aſſim querer fazer fóra de tempo penitencia das culpas, nenhuma couſa importa: he a penitencia ſegunda taboa de toda a humana perdiçaõ no naufragio da culpa; mas ſó nella certamente ſe ſalva, quem com tempo lança maõ della: de quem guarda a penitencia para o fim da vida, duvida o meſmo Santo Agoſtinho ſe vai ſeguro com ella para a viagem do outro mundo; e por iſſo aconſelha o meſmo Santo, e com elle nos exhorta a Igreja Catholica que ſe quereis livrar-vos das duvidas, e ſe naõ quereis deixar o certo pelo duvidoſo, que façais penitencia na flor da idade, no melhor da ſaude, e no melhor tempo da vida, e que naõ eſtejais perdendo tempo. Finalmente, aquelles, que naõ buſcaraõ a Deos na madrugada da vida, nem na manhaã da mocidade, nem no meyo dia da idade perfeita, buſquem-no ao menos na tarde de ſeus annos, e ainda na noite da velhice: porque como o Senhor naõ trata em nenhum tempo, como engeitados, a ſeus filhos arrependidos, por mais prodigos, e diſtrahidos, que tenhaõ ſido de antes; tambem he certo, que cada vez que fizerem de ſeus peccados legitima penitencia; iſto he, que podendo peccar, naõ queiraõ puramente por amor de Deos, pezando-lhes de todos os máos fins, que puzeraõ a ſeus enganos, e lhes

Auguſtin. per tex. in d. cap. 2.

pèze de haver feito mal; tambem [a noſſo modo de fallar] a Deos lhe pèzará do mal, que por iſſo lhes queria fazer, condenando os para ſempre: *Si pœnitentiam egerit gens illa, &c.*

GOLPE XXX.

Pœnitentiam agite. Matth. 4. 17.

Penitencia verdadeira qual ſeja, e como he neceſſaria.

GEMIDO XXX.

EM tres couſas conſiſte a verdadeira penitencia: em dor de peccados com deteſtaçaõ de vicios; em confiſſaõ de culpas com propoſito de emenda; e em ſatisfaçaõ de obras com perſeverança de virtudes: a primeira diſpõem para a graça; ſe a naõ alcança; a ſegunda alcança, ſe a naõ accreſcenta; a terceira a accreſcenta, ſe a naõ aperfeiçoa: conforme as diſpoſiçoens da dor nos começa Deos a ver; conforme a força dos propoſitos ſe começa Deos a chegar; e ſegundo a perfeiçaõ das obras, ſe nos começa Deos a unir: começa-nos a ver, porque nos vira; começa a chegar ſe, porque nos toca; começa a unir-ſe, porque nos prende: vira nos do aveſſo da culpa para o direito da graça; toca nos da ſua maõ, para nos pôr nos a ſeus pés; prende nos nos ſeus braços, para nos ſoltar dos vicios: mas, ſe o fazemos ao contrario, eſquecendo nos da penitencia, a piedade ſe faz juſtiça, com q̃ nos condena em juizo; dos toques faz crueis açoutes, com que nos caſtiga na morte; dos braços faz duras cadèas, com que nos ſepulta no inferno. Caſtigou Deos a Jeruſalem, e a ſeu povo pelos Aſſyrios, aſſolou a pelos Romanos; ſubverteo as Cidades infames; ferio a terra dos Egypcios; açoutou o Imperio dos Medos; e outras gentes, e Monarchias; affogou finalmente a terra com o diluvio univerſal e tem deitado nos infernos huma multidaõ ſem numero de almas; porque as lagrimas da penitencia naõ quizeraõ verter diluvios de ſentimento; porque o fogo do amor de Deos ſe naõ ateou pelas almas; porque as armas do deſengano naõ quizeraõ aſſolar a culpa; e porque os imperios da emenda naõ quizeraõ mudar a vida, todos eſtes foraõ punidos, deſtruidos, devaſtados naõ ſó com o temporal eſtrago, mas com os eternos caſtigos: naõ foy Ninive aſſolada quando temeo ſer ſubvertida, porque em tres dias de jejum, cilicio, e penitencia ſubverteo a emenda os peccados, que tinhaõ a Deos taõ irado; e ainda dos males do

tempo

tempo ſe livraraõ muitas peſſoas, Cidades, e Reynos, por fazerem publicamente penitencia de ſuas culpas: aſſim o teſtimunha Bethulia, e todo o Povo de Israel; porque cada vez, que clamou a Deos com verdadeira contriçaõ, embainhou a miſericordia a eſpada daquella juſtiça ſevera; que ja hia deſcendo com o golpe a enſanguentar ſe nos perverſos: tanto ata as maõs ao meſmo Deos hum coraçaõ arrependido, que em tomando huma diciplina, tira a Deos a eſpada da maõ; em ſe irando bem contra ſi, deſaſſombra a ira de Deos, e em ſe cobrindo de cilicio, deſpe as armas a Deos.

Que eſperais, ó peccadores, para fazeres penitencia, ſe vedes que, por naõ fazê la, foraõ ao inferno os que lá eſtaõ? Aquelles baixos, que no mar foraõ riſcos naõ ſabidos, viſtos na carta de marear, ſaõ advertencias dos que navegaõ; a advertencia de huma náo, que padece naufragio, he ſalvaçaõ de outras muitas, que eſcarmentaõ no damno alheyo: aſſim todos os que navegaõ pelo enganoſo mar do mundo, pelo exemplo dos que ſe perdem, podem ſaber onde perigaõ: perdem-ſe os mais dos homens do mundo por naõ fazerem penitencia, ou naõ ſer como convem; porque he a taboa ſegunda do naufragio do peccado: ſe pois da praya das virtudes ſahiſtes para hum mar de vicios, ſe fôſtes correndo fortuna por todo o pégo da maldade, ſe cada vez mais engolfados em ondas de abominaçoẽs ides dando á coſta da morte com a fragil embarcaçaõ da vida, ſe cada vez mais carregados do q̃ he pezo da conſciencia, mais que riqueza do deleite, vos ides ſorvendo no abyſmo; que fazeis, que naõ lançais maõ deſſa taboa da penitencia, que naõ ſó vos ſerve de taboa, mas póde ſervir-vos de porto? Vá ao mar, vá á confiſſaõ a mercancia do delicto, e a mayor fazenda da culpa; e tratai de vos pôr em ſalvo em quanto he tempo de remedio. Naõ repareis no que vos doe, reparai no que vos convem. Se entre a morte, e a vida naõ ha outro algum remedio; ſe entre o naufragio, e a perdiçaõ naõ tendes outro remedio, porque naõ pegais deſta taboa? Se vos fechais na obſtinaçaõ, Deos vos fechará nos infernos: ſe abrires a voſſa vontade na confiſſaõ, e penitencia, vereis abertos os Ceos para receberdes a Deos, e para que Deos vos receba, abri-vos com Deos de huma vez, e deſabri vos com tudo o que o offende para ſempre.

He a penitencia como chave, o entendimento a fechadura, a vontade como fecho, e o coraçaõ

çaõ como porta: para abrir a porta, he neceſſario correr o ſecho; para correr o ſecho, he preciſo dar volta á chave; para a chave dar volta, he força que a faça na fechadura; e para a fazer na fechadura, requere-ſe, q̃ entre bem nella, e ſem eſtas condiçoens todas naõ ſe póde abrir a porta: ſe pois a penitencia, que he chave, vos naõ dá volta, porque vos naõ entra na fechadura do entendimento; ſe o entendimento vos naõ ſerve, porque a penitencia naõ faz nelle; ſe o ſecho da vontade naõ corre, porque a fechadura do entendimento naõ dá entrada á chave da penitencia, para que a virc; por mais, que Deos vos bata á porta, como ha de abrir o coraçaõ, que a tantas chaves eſtá fechado, quantos peccados tem feito? Abre-ſe o coraçaõ pela vontade de amar a Deos, corre ſe a vontade pelo pejo de havè-lo offendido, vira-ſe o entendimento pelo conhecimento da culpa, dá volta a penitencia pela emenda da vida: faça pois, faça a penitencia por vos ſervir no entendimento, deixe-ſe entrar o entendimento para dar volta a vontade, corra-ſe a vontade de ſer neceſſario que a virem, e logo ſe abrirá o coraçaõ de par em par para Deos: porèm ſe naõ ſuccede aſſim, a chave, como naõ ſerve, perde-ſe; a fechadura, como naõ ſe entra, tira-ſe; o ſecho, como ſe naõ corre, quebra-ſe, e a porta como ſe naõ abre, rompe-ſe: he Cruz para Chriſto, e naõ porta; he grilhaõ para vós, e naõ fechadura; he lança contra Deos, e naõ ſecho; he prégo para as portas do Ceo, e naõ chave.

Mas ainda que ſeja ao contrario, duas couſas mais ſe haõ de miſter: pés para chegar á porta, e maõs para uſar da chave: os pés na Eſcritura ſe entendem pelos affectos, as maõs pelas obras: he neceſſario que cheguem os affectos ao coraçaõ, e haõ de movè-lo voſſas obras: ſe com as voſſas más obras deſtes de maõ a Deos, ſe com voſſos máos affectos fugiſtes de Deos por pés, neceſſario he que vos vades deitar aos pés de Deos, deitando-vos aos do Confeſſor; e pondo por obra os bons propoſitos, com que abrirdes o coraçaõ, he tambem neceſſario que vos ponhais nas maõs de Deos.

Se pois, batendo-vos Deos á porta do coraçaõ até com eſtes eſcritos, para naõ lhe abrires a porta, todos tendes o pé dormente, e todos huma maõ ſobre outra: ſe em fim naõ pondes maõ á obra, nem quereis tomar eſte pé, que vos daõ os voſſos affectos, ſó porque a alma ſe naõ bula, porque o coraçaõ ſe naõ mova, e a culpa ſe naõ inquiete:

te: se vos tem o mundo, e a carne, o demonio, e esse amor proprio taõ atados de pés, e maõs, que o entendimento naõ quer virar-se, por naõ dar as costas ao mundo; que a vontade naõ quer correr-se, porque a carne naõ se envergonha; que a penitencia naõ quer dar volta, porque o demonio se naõ vá; que o coraçaõ naõ quer abrir, porque o amor proprio se naõ saya; que importa ter chave para dar volta, fechadura para virar, fecho para correr, e porta para abrir? Fora chave mestra esta chave, com que se abrem todas as portas do templo mystico de Deos, se ao mesmo passo dos auxilios, com que Deos vos levanta os pés do chaõ, entrareis no paço de Deos, que naõ he outro, senaõ estas almas cerradas pela obstinaçaõ com as travessas da malicia, trancadas pela contumacia, e pregadas com a cegueira. Se quizerdes entrar em vós, e se cuidardes algum tempo q̃ dentro de vós anda Deos, ou sejais bons, ou sejais máos, ainda que só nos bons por graça; qual de vós naõ folgará muito, lançando maõ da penitencia, e correndo a Deos a cortina de vossa consciencia escura, ser naõ só da chave dourada, mas ainda sumilher de Corpus daquelle Rey Omnipotente, que he Senhor dos Ceos, e da terra? O' Fieis, virai hoje as guardas desse appetite, que he gazûa para abrir as portas do inferno: sejaõ as guardas dessa chave a guarda dos dez Mandamentos, que o Senhor vos encerra em dous: tomai nas maõs das bõas obras esta chave da penitencia: bulli os pés desses affectos, que valem sempre muito pouco, se se naõ põem em exercicio; e vede, que o chegar a Deos está só em hum abrir de maõs, e em hum fechar de olhos ao mundo. Abri vos pois na confissaõ, e abri vos de todo com Deos; abri lhe, abri-lhe os coraçoens, e vereis nelles os venenos, que dentro vos metteo a culpa; abri os olhos da razaõ, e vereis logo a semrazaõ, com q̃ a Deos fechais os olhos, abri-vos com a penitencia, abri-vos com a diciplina, abri vos todos com açoutes, e fechareis por hũa vez de pancada contra o demonio: *Pœnitentiam agite.*

GOLPE XXXI.

Noli itaque erubescere testimonium Domini nostri. 2. ad Timoth. 1. 8.

Como todo o Christaõ se naõ ha de envergonhar de servir a Deos, e ser virtuoso.

GEMIDO XXXI.

POuco beneficio póde fazer aos campos o Sol de Inverno

no em quanto se encobre em nuvens: pouco lugar dá o mar do Norte aos navios, para que naveguem em quanto prendem as suas ondas em grilhoens de caramelo: e pouco fructo fazem no mundo, e pouco serviço a Deos aquellas almas, que com as nuvens da vergonha querem encobrir o Sol da justiça no tempo da sua frieza: impedem imprudentemente o calor, que receberiaõ com a luz de Deos, naõ só ellas, mas outras muitas; e naõ deixaõ navegar bem pelo mar do Norte da graça aquelles, que com a frieza de seus animos congelados ficaõ prezos nos caramélos de huma vergonha endurecida. Por isso sabendo o Apostolo que Deos se offende do animo, e naõ da natureza, mandava a Timotheo naõ só que se naõ envergonhasse de servir a Deos, mas que naõ quizesse envergonhar se: porque sendo a vergonha impedimento para o serviço do Senhor, pôr no impedimento a vontade, que havia de pôr na resoluçaõ, era mayor culpa, que naõ resolver se por ignorancia, ou froxidaõ. Animos entanguidos naõ se achaõ senaõ em coraçoens fracos, que naõ ousando a resolver se, querem praça de entendidos entre o numero dos inuteis, mais que os timbres de generosos com as vantagens de arriscados; e he notavel esta cegueira; porque perguntara eu aos homens: se a nenhum lhes peza de que o tenhaõ por entendido; se nenhum se envergonha de que o avaliem por valoroso, por nobre, sabio, ou cortezaõ; que razaõ ha, para que se envorgonhe de que o tenhaõ por bom Christaõ? Porque se o valor he virtude, se o juizo he parte, se a nobreza he lustre, se a sabedoria he dom, se a cortesania he prenda; que prenda he mais para estimada, que dom mais para desejado, que lustre mais para querido, que parte mais para prezada, que virtude, que assim se louve, como a verdadeira virtude de saber contentar a Deos, encher a ley, e edificar o mundo? Dir me haõ alguns, que por isso mesmo, porque a virtude he taõ louvada, póde ter o seu perigo no seu mesmo louvor: e a mim me calara a resposta, se a virtude de quem se resolve a servir a Deos houvesse de achar diante de si cousa, que lhe fizesse vangloria, e hum pouco de ar, que corre da regiaõ do engano, lhe houvesse de fazer mayor mal, do que lhe fez todo o mundo; como na verdade faz, a quem faz cazo de alguma cousa, que naõ seja servir a Deos: mas quem se resolve a servi-lo, põem o seu fim em dar-lhe gloria, e naõ querer para si nada, mais que o conhecimento do nada,

que

que fóy antes que fosse, que he sempre que pecca, e que será se peccar.

O' mortaes, naõ vos envergonheis de servir a Deos: porque se os homens só se devem de envergonhar quando cõmettem algum erro: envergonhar-vos de que vos vejaõ amar a Deos, e resolver-vos a servì lo, he mostrar ao mundo que tendes por erro este amor, e esta resoluçaõ: e mais se offende Deos de que os homens se mostrem corridos, e envergonhados de servì lo, ou de querè-lo servir, que de offendè-lo; porque isto póde ser fraqueza, e aquillo sempre he ignorancia, desacato, ou ingratidaõ. Basta que se naõ ha de pejar o lascivo de que o tenhaõ por lascivo? naõ se ha de envergonhar o blasfemo de que o julguem por blasfemo? o homicida por matador? o liviano por louco? o peccador por peccador? e vós haveis de envergonhar-vos de parecerdes bons Christaõs, de que vos naõ julguem escandalosos; e vos naõ tenhaõ por nocivos a todos os outros homens? Que he isso, se naõ fazer galla de escandalizar o mundo, de fazer mal ao proximo, e ter por honra o atrever-vos contra Deos? Envergonhais-vos por ventura de que o mundo vos veja buscar o Ceo? Pejais vos de que saiba o demonio que quereis servir a Deos? demonios saõ, e os mayores que podem ser, quantos vos fazem este pejo, ou seja a vossa honra, ou o vosso estado, ou vosso pay, ou vossa mãy, ou vosso Rey, ou vosso amigo. Contẽtar vos com amar a Deos ás escondidas depois de offendè-lo ás claras, nem he o que Deos quer, nem tem graça alguma: viverdes na graça de Deos, e tambem na graça do mundo, he cousa mui difficultosa; porque ha de quebrar com o mũdo quem se resolve a amar a Deos: *Nemo potest duobus dominis servire.* A verdade de Deos, e a mentira do mundo, como se naõ correm, naõ se fallaõ bem, e pouco namorados estais vós da formosura da verdade, pouco procurais agradá-la, se ainda lhe fallais pela boca da mentira: ter hum pè no mar, e outro na terra, ainda he duvida da eleyçaõ; e final da neutralidade: buscar a Deos com mascara, parece cousa de zombaria, e querer que vos naõ conheça: estar sobre duas amarras, ainda he medo de perigo: querer ter ainda alampada em Meca, he ter ainda fé com Mafoma. Matth. 6. 24.

Oh que repartido tem o coraçaõ quem quer servir a dous senhores! e de naõ querer dá lo a hum só, se segue naõ o dar a nenhum, e por isso mesmo perder-se. Peccadores, ou bem dentro,

tro, ou bem ôra; porque querer iſto, e aquillo, nem vos deixa ir para o Ceo, nem vos deixa gozar da terra; nem obrigais a Deos, para que vos ajude, nem peitais ao mundo, para que vos eſtime, ſe vos quereis ir aos infernos por eſte breve engano, que hum momento vos dura, bebei por huma vez a purga, e fazei o eſtomago a padecer para ſempre a maldiçaõ de Deos, as eternas chamas, os tormentos ſem fim, e a companhia terrivel dos demonios: porèm ſe tratais de ir ao Ceo, de gozar a viſta de Deos, de ouvir os córos dos Anjos, de morar na celeſte Patria, de ver a eterna formoſura, de ter glorias ſem termo, goſtos ſem ſobreſſalto, felicidades ſem medida, e bens ſem corrupçaõ, reſolvei vos por huma vez naõ querer o Ceo de meyas: haveis de cuidar com S. Paulo, que daquelle bem naõ
AdRo-man. 8. 18. ſaõ dignos os humanos merecimentos, e todas as penas do mundo: ou tudo, ou nada tem aquelles, que deixaõ o nada do mundo, ou ſe perdem por tudo nada: quem ſe rende ao amor de Deos, naõ faz capitulaçoens com Deos; rende-ſe á mercè, e de tudo lhe faz entrega: para que vos preſta a razaõ, ſe naõ deſauthorizando ſe no ſerviço, e no amor de Deos, tendes vergonha de ſervi-lo? Naõ gaſteis a voſſa vaidade nos deſejos do deſengano, ſe quereis que o amor de Deos viva encantado na vergonha, prezo na caſa do ſegredo, ou de conſerva na mentira: o amor que he huma vergonha, que amor póde ſer? por força ha de ſer couſa má, pois tem medo de apparecer, ou o ſeu parece mette medo: deſenganos de meyo olho ſaõ verdades ſuſpeitoſas, ou cautélas conhecidas; e cautélas com Deos naõ ſervem, ſe ſaõ mais que para naõ offendê lo; porque ſó ſe encobre o que he máo, e Deos quer que os ſeus conhecimentos tragaõ o roſto deſcoberto. Quererdes tambem que totalmente vos deſencãte Deos dos vicios, em fazerdes da voſſa parte, naõ ſó he teima da malicia, mas eſcandalo da razaõ: ſe cuidais que enganais a Deos com huma lagrima de agora, com hum ay de tempos em tempos, com hum ſoluço de anno em anno, he mayor maldade do engano, que vos arraſta ao precipicio, pois naõ ſe chora o que ſe foge; naõ ſe ſuſpira o que ſe larga; nem ſe ſoluça o que ſe engeita: muito ſimplez he a verdade, muito nua, e muito ſingéla; a mentira muito compoſta, bem veſtida, e muito ornada; por iſſo naõ póde a mentira conformar-ſe bem com o parecer da verdade, pois por mais que o queira imitar, ainda que fique bem

córada,

córada, sempre fica mal parecida: mentem muito os pulsos do mundo, á quem lhes quer curar os males; porque encobrem ordinariamente com os latidos do engano as intercadencias do espirito: o mesmo he parecer-vos mal o mundo alguma vez, que apparecer-vos Deos com a occiaõ do desengano, se naõ lançais maõ delle para o metter em casa, e desenganar os outros, em que vos aproveitais de Deos. Se quereis viver para Deos, haveis de morrer para o mundo: pois fizestes honra ao demonio adorando os vultos da culpa, haveis de honrar tambem a Deos, derrubando as aras, e os idolos, a quem deveis adoraçaõ: ha de fugir a vossa vida de todas as vias do escandalo; haveis de buscar a luz, ainda que naõ queirais luzir; haveis de amar a Deos ás claras, ainda que o gozeis ás escuras, conforme vossa vocaçaõ, e segundo seus beneficios: escondei embora o segredo, que importa muito que se guarde, e guardai tambem o thesouro, que naõ convem pôr-se na estrada; mais haveis de mostrar ao mundo, que aborreceis em seus deleites o que vos fez fugir de Deos; que naõ quereis de seus enganos, o que o desengano vos prohibe; que engeitais á sua mentira, o que só quereis na verdade.

Se pois quereis, ó peccadores, caminhar por via direita sem duvidas, nem embaraços, naõ he necessario ir ao ermo, para que povoeis os desertos, e despovoeis as Cidades; ide-vos á vossa razaõ, entrai no vosso conhecimento, vede o que fostes, e o que sois, e o que brevemente sereis; entrai logo mais para dentro, e cuidai bem em quem he Deos, cuidai como vos receberá quando sahirdes desta vida, e como vos convem sahir, e vivei dahi por diante, como naquella ultima hora quizereis ter vivido: naõ se vos dè do que dirá o mundo; olhai só o que dirá Deos, se para naõ servi-lo se vos der mais do que dizem os homens, que do que elle quer: notavel medo faz á virtude, que está no berço, e anda em mantilhas, este coco, do que diraõ; mas a que ja he crescida, como conhece os espantalhos, ou os despreza, ou zomba delles. Se dizem que sois hypocrita, e vós o sois, razaõ he que o digaõ, naõ vos fazem injustiça; e se o naõ sois, que mal vos faz quem vos naõ faz ser o que diz? Se vos chamaõ santo, e vos ensina a humildade que por vós sois nada, nada disso vos toca; deixai louvar a Deos na sua creatura; se vos faz mal a vangloria, vede que vós sois o máo, pois fazeis peste do louvor de Deos: e se isto vos naõ

suc-

ſuccede, vede que vos enſina Deos pelos homens o que deveis de ſer; e que vos reprehendem os que vos chamaõ ſanto, ſe ainda o naõ ſois, e nada diſto vos fará mal. Envergonhe-ſe cada qual de faltar ás obrigaçoens da Ley de Chriſtaõ, que profeſſa; e de rebellar-ſe contra Deos, por fazer o goſto ao demonio peccando; mas naõ tenha pejo de ſer bom fiel, e de parecer o que he para honra, e gloria de Deos; como a cada hum de nós admoeſta S. Paulo na peſſoa de ſeu diſcipulo Timotheo: *Noli itaque erubeſcere teſtimonium Domini noſtri.*

GOLPE XXXII.

Deum, qui te genuit, dereliqui-ſti, & oblitus es Domini Creatoris tui. Deuter. 32. 18.

Moſtra-ſe, como o peccador por hum nada, e menos que nada deſampara, e deixa a Deos,

GEMIDO XXXII.

DEixaraõ a Deos os homẽs, affaſtaraõ-ſe de Deos, deraõ-lhe as coſtas, e viraraõ-ſe para as creaturas; e naõ ſó para as creaturas, mas para muito menos que ellas; deixaraõ finalmente a Deos por tudo nada. Nada, dizem os Theologos com Santo Agoſtinho, que he tudo, o que he offenſa de Deos: *Peccatum nihil eſt.* Deixaraõ os homens a Deos pelas honras do mundo, pela fortuna, pela fama, pelo deleite, e pela fazenda: que eſtas ſaõ as fontes principaes de toda a perdiçaõ do mundo, como diz o Evangeliſta S. Joaõ: e todas eſtas couſas ſaõ nada, porque ſaõ offenſas de Deos; nada, porque para nada preſtaõ para a virtude, antes a arriſcaõ; nada, porque nada aproveitaõ para a ſalvaçaõ, antes a impedem; nada, porque, para a outra vida naõ levaõ mais que a culpa, ſobre quem fica o caſtigo da condenaçaõ eterna; nada em fim, porque em nada ſe conformaõ com os preceitos da Ley de Deos, que ſaõ amar a Deos, e ao proximo: e como por todas eſtas couſas, que ſaõ nada, deixamos o Senhor de tudo, bem ſe deixa ver, que por nada deixamos a Deos, ſempre que o deixamos por iſto.

August. tom. 9. tract. 1. in Joan. poſt. med.

1. Joan. 2. 16.

He offenſa de Deos a honra, e por conſequencia nada; porque o deſejo da honra teve principio na offenſa, e deſeſtimaçaõ de Deos; deſeſtima a Deos, e offende-o, quem por ſer o mais honrado do mundo, quer ſer como Deos: iſto quiz ſer Lucifer, Adaõ, e Eva; e nada lhes aproveitaraõ eſtas honras pertendidas, mais que

de

de cahir Lucifer do Ceo nas penas do Inferno, e sahir Adaõ do Paraiso, ainda depois de penitente: a hum, fazer-se vil demonio, a outro, baixo trabalhador, homem de ganhar miseravel, que roçasse abrolhos, e espinhos: eis aqui como as honras saõ nada, porque saõ offensas de Deos, eis aqui como se castigaõ.

He nada a fortuna, porque o querer ter fortuna por máos caminhos começou em aggravos de Deos, e em mal do proximo; e offende a Deos quem quer ser o mais bem affortunado no mú-
Gen. 4. do. Matou Caim a seu irmaõ Abel, por tirar do mundo hum homem, que tivera melhor fortuna com Deos, do que elle tivera: mas isto que lhe aproveitou? Naõ lhe aproveitou isto de nada mais que pô-lo peyor com Deos, de excõmungar-se para o mundo, e condenar-se para
Esther 6. & 7. sempre. Traçou Amaõ a morte de Mardocheo, porque lhe naõ furtasse a fortuna: e que ganhou com esta traça? Que? Morte infame de forca neste mundo, e morte eterna no outro, porque a Deos, e ao proximo offendeo ambicioso da sua fortuna.

He nada a fama; porque o querer ter nome, e fama teve a sua raiz no pouco temor de Deos. Fez Memrod a torre de
Gen. 10. 9. & 11. 4. Babel, para fazer grande a sua fama, e famoso o seu nome; e que lhe aproveitou, querendo sem temor de Deos tomar o Ceo com as mãos? Que lhe valeo aquella maquina, que lhe levantou a vangloria? De nada lhe valeo mais, que de edificar huma confusaõ do mundo, e arruinar a cõmunicaçaõ, e a sociedade dos homens, e no cabo ir se aos infernos com outros muitos, que, por lhe guardarem as pevides, deraõ o mesmo fructo.

He nada o deleite; porque o deleite profano nasceo da corrupçaõ das virtudes, mudando a ley da razaõ na eleiçaõ do appetite. Misturaraõ-se os filhos Gen. 6. de Deos com os filhos dos homens, isto he, os adoptados na ley com os quebrantadores della, e corrompeo se toda a carne em feyos, e abominaveis vicios: e em que parou este deleite? Parou em fazer-se ira de Deos, e sua dor de coraçaõ; e a nosso modo de fallar, em pezar lhe de haver feito o homem; de que se seguio castigar universalmente a terra com as agoas do Diluvio, para apagar com ellas os sensuaes incendios; e depois puní-los com eterno fogo, deitando no inferno hum diluvio de almas.

He nada a fazenda; porque o querer ter mais fazenda da necessaria para o uso honesto da vida, naõ teve outras fontes, que as da ambiçaõ, e avareza, e querer guardar para si, o que Deos

deo para todos, he offensa grande de Deos, e falta do amor do proximo. Principiou o rico Avarento a juntar fazenda, juntando culpas a culpas, e deixando perecer a Lazaro: e de que lhe servio a riqueza, e banquetes? Naõ lhe servirão de outra cousa, que de darem com elle no mais profundo abysmo.

Luc. 16. 19.

Eis-aqui, mortaes, o que tendes de tudo, nada para a duraçaõ da vida, e menos que nada para alcançar a gloria: vangloria he tudo, e tudo offensa de Deos, e por isso nada: se quereis ser honrados como Deos, sendo Deoses na terra, ou perdereis o Paraiso, como Adaõ, cahireis no inferno, como Lucifer: se quereis por ruins caminhos ter melhor fortuna, que os outros, ou vos perdeis como Caim, ou acabais como Aman: se quereis ter nome, e fama como Nemrod, como elle vos confundis: se quereis deleitarvos sensualmente com os filhos dos homens, apressareis o castigo, e virá sobre vós hum diluvio de ira: se quereis superfluamente juntar riquezas como o Avarento, metteis-vos na regiaõ da morte, e no carcere da perdiçaõ.

Bõas saõ as honras, a fama, a fortuna, a fazenda, o deleite honesto, bõa a formosura, a sabedoria; pois Deos honrou a Adaõ, como diz David: Deos deo bõa fortuna a Mardocheo: Deos fez grande o nome de Abrahaõ: Deos com Rachel concedeo deleites a Jacob, e fez rico a Job sobre todos os da sua idade: fez Deos formosa a Judith para livrar a Bethulia da oppressaõ de Holofernes; e a Salomaõ o mais sabio homem do mundo: mas em naõ sendo todas estas cousas dirigidas ao louvor de Deos, e a mayor gloria sua, as honras saõ precipicio da soberba, as fortunas saõ isca do damno, a fama confusaõ da vida, a fazenda trato do inferno, os deleites causa da morte, a formosura alfaya da vaidade, e a sabedoria aposento da vangloria.

Ps. 8. Esther supr. Genes. 12. 2. Genes. 29. 20. Job 1. 3. Jud. 10. 4. 3. Reg. 3. 12.

Para que saõ honras, se no ser fisico, e se na natureza todos somos huns? As mais pequenas fontes, e os mais humildes regatos, da mesma natureza saõ, que os mayores rios; se estes saõ mais nobres, mais ricos, mais deleitosos, e mais nomeados no mundo, he porque, usurpando as agoas alheyas, alcançaraõ a mayoria, tyrannizando as igualdades: mas isto de que lhes aproveita, senaõ de chegar mais depressa ao mar da morte, que tomando-lhes residencia de tantas ambiçoens, e roubos, lhes faz perder o nome, entregar a fazenda alheya, suspender o curso, e acabar a vida!

Oh

Oh que pequeno coraçaõ devem ter os peccadores, pois se enchem com tudo nada! Chorava Alexandre Magno, sendo Gentio, naõ haver mais que hum mundo para vencer; sentia o coraçaõ vasio com a posse de hum mundo inteiro, porque a seus bizarros espiritos era hũ só mundo tudo nada: e sabendo as almas Christaãs que he menos que nada este mundo, como o ponderou Daniel, quererem, por menos que nada, perder a Deos, que he mais que tudo, que he, senaõ fraqueza de espirito, cegueira de entendimento, e pequenhez de coraçaõ? Naõ se serve Deos de coraçoens pequenos, nem de espiritos pusillanimes; quer huns coraçoens taõ grandes, que, naõ cabendo em todo hum mundo, só com Deos se possaõ encher: coraçaõ, que se enche com hũa creatura, aonde ha de agasalhar a Deos? aonde lhe fará bom lugar, quando Deos vier a elle? Casas mui terreas saõ aquellas almas, que hum dia, que Deos as visita, naõ tem aonde o ponhaõ mais alto, que entre as mais cousas vis, e baixas, que tem em si da mesma terra: almas, que naõ tem sobrado, aonde o que he do Ceo fique em cima, e em baixo tudo o mais, que he baixo, aonde receberaõ a Deos? aonde o metteraõ? por força ha de ser na rua ao andar do mundo, pois ha de ser fóra de si; porque dentro de si naõ póde ser, por estar a casa occupada, e com as alfayas muito indignas de se porem aos olhos de Deos: se pois isto succede aos coraçoẽs, que se enchem com o que tem ser, que em fim tem ser as creaturas; que vileza será a de hum animo, que com nada se enche, e se occupa com tudo nada? Se pois as honras, as fortunas, a fama, o deleite, a fazenda, e a formosura saõ nada em tendo fins profanos, se o nada naõ tem ser algum; que coraçaõ teraõ os peccadores, para que Deos se sirva delles, se com nada se pejaõ, e com nada se occupaõ;

Dan. 5. 27.

Por isto me persuado, que lhes faz mal a muitos homens terem algum favor de Deos, algũa luz do caminho da salvaçaõ; porque como saõ para nada, se começaõ, naõ perseveraõ; se hum dia vaõ para diante, os outros tornaõ para traz, fazendo-se sempre peyores, e morrendo do que os outros vivem: o fogo, que para o ouro he prova, para a palha he incendios; a agoa, que para o peixe he vida, para o homem he morte; a chãma, que para os animaes he medo, para a Salamandra he pasto; o mesmo vento, que mette no porto huma náo forte; mette no fundo huma barqui-

nha fraca; a meſma agoa, que correndo por hervas ſalutiferas he bõa, correndo por hervas peçonhentas he peſſima; o meſmo calor do Sol, que para hum jaſmim delicado he febre aguda, para hum cedro forte, e robuſto he ſaude; e a razaõ he: porque aquella fragilidade cheirosa adoece do ſeu melindre, e aquella verde valentia no ſeu vigor ſe fortalece: as couſas grandes, e ſublimes naõ ſaõ para animos molles, ſaõ para coraçoens robuſtos: a Cruz de Chriſto, que para os fracos he morte; para os generoſos he vida; a huns ſerve de pezo, a outros de valor; para eſtes he alento, para aquelles deſmayo; deſmayaõ eſtes de ver, que para ſeguir a Chriſto, da honra haõ de fazer deſprezo; da fortuna, infortunio; da fama, infamia; do deleite, mortificaçaõ; e das riquezas, pobreza: alentaõ-ſe os outros, porque achaõ na pobreza os theſouros, na mortificaçaõ o goſto, na infamia a eſtimaçaõ, no infortunio a Eſtrella, e na deshonra o credito: recebem o cento por hum na Fé, com que ſe deſenganaõ, na eſperança, que põem em Deos, e no amor, que ſó tem a Deos; do mais uſaõ, como ſe naõ uſaraõ, vendo que tudo he corrupçaõ, apparencia, vento, e mentira; mas, oh deſdita grande! enfermidade ſem cura! erro ſem emenda! que o meſmo vento, que para huma náo he favoravel, para outras ſeja contrario! tudo naſce em fim de andar ás aveſſas com Deos, que ſempre nos dá vento em popa: e por iſſo o meſmo Deos, que para huns ha de ſer miſericordia, para outros ſerá juſtiça; para huns piedade, e para outros rigor; para huns premio, e para outros caſtigo; para huns gloria, e para outros pena: gloria para o juſto, e pena para o peccador, que por nada o deſamparou, e ſem que, nem para que lhe virou as coſtas.

Oh almas melindroſas, ſe a tentaçaõ vos acha flores, com qualquer ardor da concupiſcencia vos derruba, com qualquer bafo de vento da vaidade vos murcha, e vos enxovalha: mas ſe vos acha troncos robuſtos, fortifica-vos, faz-vos creſcer, e medrar: e a razaõ he, porque aſſim como a flor he figura da fragilidade, que naõ ſe canſa em deitar raizes, ſenaõ em creſcer, e deitar-ſe para o ar com deſejos de oſtentaçaõ, e por iſſo logo perece: aſſim a noſſa fragilidade amiga das couſas vaãs, e caducas, faz por parecer bem, e por ſer recreaçaõ do mundo, naõ tem fundamento em que ſe firme; dá lhe o ar da vaidade, e leva-a o vento; dá-lhe o Sol, e myrrha-lhe toda a ſubſtancia: naõ aſſim o tronco,

figura

figura da virtude, porque em lhe dando o Sol, ou vento, pega-se ás raizes, vai buscar com humildade ao centro da terra as forças, com que ha de resistir se; de que nasce, que tendo as tempestades dentes por fóra, e naõ por dentro, naõ lhe passaõ do vestido os golpes do tempo; se lhes fazem movimento nas folhas, naõ lhes abalaõ o pé, nem lhes movem as raizes, que estaõ pegadas ao seu centro; e disto nasce, que o tronco, e a virtude se augmenta com o que a flor, e o vicio se arruina.

O' alma peccadora, se como tronco te pegas com as raizes da Fé, Esperança, e Caridade ao teu centro, que he Deos, nenhum mal te poderáõ fazer todas as tempestades do mundo, carne, e inferno: porèm, se como flor leviana, com qualquer sopro te deixas levar do vento de qualquer tentaçaõ, pereces, porque te apartas de Deos. Naõ desampares, peccador, a teu Pay celeste por hum nada: naõ te esqueças de Deos teu Creador: ouve a reprehensaõ, que te dá o Santo Moysés: *Deum, qui te genuit, dereliquisti, & oblitus es Domini Creatoris tui.*

GOLPE XXXIII.

Fallax gratia, & vana est pulchritudo. Prov. 31. 30.

Trata se da vaidade, e engano da belleza, e formosura do Mundo.

GEMIDO XXXIII.

NAõ ha cousa mais fêa aos filhos de Deos, que a formosura, que se emprega nas profanidades do mundo: porque se aquellas graças da natureza, que Deos lhe deo para q̃ o louvasse, se empregaõ na sua desgraça, requestando as suas offensas para melindres da vangloria, para alvitres da culpa; que cousa póde haver mais fêa! A corrupçaõ das cousas tanto he peyor, quanto he melhor o que se corrompeo; ou quanto mais se muda no seu contrario: por isso o Sol, quando se eclipsa, he medonho, e aborrecivel, sendo de antes taõ agradavel, e benfeitor da natureza; muda-se em sombra escura á luz mais clara, e parece que todo o orbe se escandaliza, e se aborrece desta mudança naõ esperada: naõ se escandaliza o mundo, de que a sombra seja fêa, a noite escura, e o escuro feissimo; mas de que a luz se eclipse, a claridade se escureça, e o Sol se de-

mude, naõ ſó ſe eſcandaliza, mas ſe aborrece.

Bellezas, que naõ ſervem para mais, que para ſer iſcas do vicio, oh q̃ fèa couſa ſaõ! Gentilezas, que naõ preſtaõ para outra couſa, que para alvo do appetite, para incentivo do erro, para occaſiaõ do peccado, oh como deviaõ ſer medos de ſeu dono, mais que vanglorias; faſtios, mais que ſatisfaçaõ! ſaõ perigos bem aſſombrados, males, a que ſe tem amor, e viboras, que ſe criaõ no ſeyo, para depois ſe metterem no coraçaõ. Alguns julgaõ por pedra filoſofal a formoſura, que de tudo faz ouro; e ordinariamente he pedra de eſcandalo, que de tudo faz culpa. He falſa a graça das bellezas, porque parece hũa couſa, e he outra: parece ouro, e he alquime; parece bem, e he couſa má: he má para ſeu dono; porque lhe mette em cabeça, que ninguem lhe faz melhor roſto, que ſeu mayor inimigo: e para os outros he má, e peyor; porque os perſuade que naõ ha mais que ver, nem deſejar, que aquella traiçaõ enfeitada, com que o ſeu damno ſe bem quiſta: muitos crem que he huma bençaõ da natureza, e he huma maldiçaõ de Deos: diz a boca, quando a vè, ſeja Deos louvado; e diz o coraçaõ, ſeja Deos offendido: começa em Deos vos guarde, e acaba em Deos nos livre: anda ſeu dono toda a vida animando-a, e cada vez ſe faz peyor, e mais perigoſa a ſeu dono; naõ querás vezes eſte, que o ar a toque, porque lha naõ leve o vento; naõ a deixa ver Sol, nem Lua, porque lhe naõ quebre o caraõ: empapela-ſe na vaidade, põem-ſe de conſerva no reſguardo, e corrompe-ſe no vicio; porque os dias a gaſtaõ, as horas a minaõ, e os momentos a voaõ; corrompendo-ſe, quando com mayor cuidado ſe conſerva: cada dia he hum inimigo, que de mais a mais lhe faz mal, porque lhe vai tirando a vida ſem ſe ſentir, vai lhe enxovalhando a flor ſem ſe conhecer, e mudando a feiçaõ, ſem a deſaffeiçoar: e he vaã por iſſo a formoſura, pois affaga a vaidade, que ſó lhe fica de hum deſengano, que ſe lhe vai em cada momento, q̃ vem: fica vaã do que tem em vaõ, e do que goza debalde, pois ſe goza do que ſe lhe paſſa cada dia, do que cada hora ſe muda, e do que cada inſtante ſe acaba: gloria-ſe do que naõ he ſeu, trata-o como proprio, e paga-o como alheyo; porque tarde, ou cedo ha de dar conta cada hum do theſouro, que recebeo, e diſſipou como quiz, e naõ como devia: ſendo de Deos tudo, e noſſo ſó o máo uſo.

He falſa a graça, e a belleza: porque ſendo hũa muſica de fei-

feiçoens, huma conſonancia de partes, e hum aggregado decoroſo de proporçoẽs convenientes, quanto ſe affina por fóra, tanto deſaffina por dentro; quãto melhor tempera o ſom, que faz aos olhos, tanto mais ſe deſproporciona para os coraçoens: parece harmonia dos ſentidos, e he diſſonancia para os animos: os baixos, e os altos diſſonaõ, porque no louvor de Deos naõ tem o fundamento: os graves, e agudos deſdizem, porque naõ ſoaõ para Deos, como para os homens; nem ſe regulaõ para o eſpirito, como para o corpo: as falſas na verdade, as quebras na razaõ, e os requebros na culpa, ſaõ os que parecem melhor, o que muito ſe eſtima, e o que mais agrada: e daqui naſce, que quem parece Serafim por fóra, he demonio por dentro, pondo-ſe no parecer toda a gloria, e no ſer todo o deſcuido.

Oh gentilezas do mundo enganoſas, como enganadas! engana-vos a voſſa vaidade com o meſmo, com que enganais o mundo; enganais o mundo com huma apparencia agradavel, e ella vos engana a vós com hum deſvanecimento aprazivel: bebe-vos a caricia os ſemblantes, a liſonja vos gaba as fórmas, o vicio vos adora os vultos, e a culpa vos ſuſpira os geitos, ſem paſſar-lhe pelo penſamento que vos gerou a podridaõ, que naſceſtes em anguſtia, que viveis em miſeria, e acabareis em afflicçaõ; e que em fim ſois no mayor mimo de voſſa preſumpçaõ florente, hum barro com melhor caraõ, hũ ſacco de terra com vida, hum pouco de lodo com alma, huma caveira paleada, que ſe eſconde, huma morte encoberta, huma terra melhor córada, e huma cinza bem parecida: de que pois vos enſoberbeceis, gentilezas vaãs, bellezas falſas, formoſuras fingidas? de huma apparencia, que he mentira, de huma preſumpçaõ, que he quimera, e de huma vaidade, que he nada? Se he de hum pouco de ar, que vos move, quando a outros ſuſpende; que vos recrea, quando a outros faz mal; como naõ vedes que he ar, onde vós ficais em vaõ, porque he vangloria! Como eſtimais eſſe ar, que, parecendo bom, he ar corrupto, e huma peſte, que aos outros, e a vós mata por contagio! Se he de huma natural viveza, que mexerica as perfeiçoens; como tendes por couſa bõa, quem deſcobre os voſſos ſegredos, e deſaſſiza a gravidade, que vos authoriza as preſenças! como tendes a hypocriſia por virtude da formoſura! Se he das artes, com que a malicia quiz emendar a natureza, como dos remendos do vicio fazeis vós a gála das prendas!

O' bellezas, ó formoſuras: todas ſois como veſtido, luſtrais hoje, á manhaã vos rompeis, o outro vos çujais, e depois vos fazeis hum trapo: ſois barro, e ainda que ſejais do Eſtremoz, ainda que da Maya, hoje ſereis brinco, e á manhaã caqueiro: ſois lodo, e ainda que ao Sol e ao tempo pareçais lama de prata, haveis de tornar ao que ſois, porque vos haõ de pôr de lodo: ſois podridaõ; e ainda que pareçais humas flores, e cheireis ás mil maravilhas, haveis de ſer aſco, e fedor; porque ſois agora hum cofre de nojos, e depois hum ſacco de bichos. Se pois a experiencia, e a viſta vos enſinaõ eſtas verdades, para que ſois vaãs? para q̃ ſois enganoſas? Todas ſois cavallos de Troya, por fóra hum apparato ſanto, (ſendo de ordinario laſcivo, e profano) que ſe fingio virtude, e por dentro huma guerra viva, hum diluvio de eſtragos, huma maquina de mortes, hum artificio de incendios, hum mar de ruinas, e huma oſtentaçaõ formoſa, que pareceo maravilha: ſe a vangloria, que vos ufana, he quéda, que ja vos derruba: ſe a corrupçaõ, que vos caſtiga, he impulſo, que vos apreſſa ao damno, que vos ameaça: ſe nada do mundo vos favorece, e tudo vos perſegue a honra, que vos poupa, vos enterra; a carreira, que vos goza, vos enxovalha, o vicio, que vos gaſta, vos deſtroe: ſe o tempo vos falta, tira vos com a morte a belleza; ſe vos ſobeja, põem-vos na cara a voſſa injuria: oh que deſgraça taõ grande! que engano taõ manifeſto, ver que ſaõ tantos os riſcos da formoſura, aſſim viſta, como viſtoſa; e que ſeja ainda aſſim moſina taõ prezada, riſco taõ requeſtado, eſcandalo taõ bem viſto, e peſte taõ aſſiſtida, e cortejada! Naõ ſe contenta quem a vè, de a trazer nas palmas, e nos olhos; mas ainda para a metter dentro n'alma lhe faz paſſadiço do coraçaõ. Oh atraiçoado bem! oh requeſtado mal! veneno ſuſpirado, praga appetecida, ſalvaçaõ de nenhum, e perdiçaõ de todos!

O! mortaes, do mal, que nos apparece com o ſeu roſto, naõ ha muito, que recear; nem he neceſſario eſtar de aviſo para nos defendermos delle, elle meſmo nos aviſa a roſto deſcoberto: ſe a eſpada núa ſe nos põem nos olhos, cada qual acode logo ao reparo: da ſerpente, que ſe nos põem diante para tragarnos, cada hum faz por lhe fugir; mas do mal, que nos parece bem, do damno, que ſe veſte de remedio, da peçonha, que ſe vende por triaga, do demonio, que ſe finge Serafim, quem ſe poderá livrar ſem engano, ou ſem perigo! he neceſſario trazer álerta o cuidado, a cautéla de ſobremaõ, e os aviſos de

maõ

mão posta: hum mal tão gentilhomem, que nos leva os olhos; tão gentoso, que nos eleva os sentidos; tão galante, que lhe achamos graça; e tão meigo, que se nos mette no coraçaõ, como se ha de sahir, se o deixamos entrar? como ha de ter reparo, se naõ reparamos nelle? He pois necessario andar de acordo, que a gentileza, e formosura mundana he falsa, fingida, e apparente, para que naõ engane aos descuidados, como adverte o Espirito Santo: *Fallax gratia, & vana est pulchritudo.*

GOLPE XXXIV.

Ecce motus magnus factus est in mari, ita ut navicula operiretur fluctibus, ipse verò dormiebat. Matth. 8. 24.

Como no meyo da tempestade dos vicios haõ de recorrer a Deos os pecadores.

GEMIDO XXXIV.

METteraõ-se em hũa barca os Discipulos com o Senhor, resolvendo se a naõ deixá-lo nas tribulaçoens do mar, assim como o tinhaõ seguido nas prosperidades da terra: mas em se fiando das ondas, começou com cerraçaõ escura a cahir o Ceo em nuvens, o ar em chuva, o fogo em rayos, os orizontes em ventos, e todo o mundo em confusaõ; pois o mar se erguia em montanhas, o vento se precipitava em serras, o dia se desfigurava em sombras, o Sol se descorava em trevas: em cuja turbaçaõ medonha, cheyo tudo de horror, e assombro, vagava a mísera barquinha padecendo, quasi sorvida da voracidade das ondas, em cada momento hum risco, em cada vayvem hum naufragio: viraõ-se a risco de perder-se os mesmos escolhidos de Deos, desconfiaraõ de remedio por todas as vias humanas, e recorreraõ ao Senhor, que dormia, parecendo que no descuido se esquecia dos seus mimosos, e do governo das creaturas.

Se pois, os que trazem a Deos comsigo, os que andaõ na companhia de Deos, os que se chegaõ mais a elle, e os que o servem com mais cuidado, se vem a risco de perder-se em o Senhor se descuidando, a nosso modo de fallar, ou fazendo que se descuida; se achaõ que naõ ha outro remedio, senaõ recorrer ao Senhor, clamar-lhe, e pedir-lhe que os salve, que lhes acuda, e que os ajude: como esperaõ melhor fortuna os que andaõ no mar deste mundo em companhia do demonio, cobertos das ondas dos vicios, e perdendo-se a cada passo nos baixos,

xos, e Sirtes do seculo! Correm perigo os justos, naõ o correm os peccadores? Os justos se escapaõ do naufragio, he pegados á taboa da Cruz; e os mundanos salvar se-haõ submergidos em hum mar de culpas, e tragados ja das baleas, e de outros
1.Petr. monstros infernaes? Se se salvaõ
4. 8. escassamente os que naõ tem outro cuidado, mais que tratar da salvaçaõ: como crem que se haõ de salvar os que só tratáõ de perder se!

O' homens de almas assombradas, de coraçoens anoitecidos, de vidas torpes, e ascorosas, de palavras negras, e escuras, de pensamentos carregados, de consciencias sombrias, de obras cegas, e defuntas, como naõ vedes, e notais, que todos estes movimentos, que tendes no golfo do mundo, os permitte Deos muitas vezes, para que delles vos lembreis? Que todas as tribulaçoens d'alma, tempestades da vida, e honra, borrascas do fado, e fortuna, tormentas do gosto, e da pena, as manda, e quer o mesmo Deos, por ver, se de humas affligidos, de outras feridos, e humilhados, contrastados, ou confundidos recorreis á sua piedade, buscais nelle o vosso refugio, e dais emprego, ou exercicio áquella altissima bondade, que vos queria para mais, que para assumpto vaõ, e inutil de taõ grandes misericordias? Vede que he mar todo este mundo, cheyo de riscos, e tormentas, de que se escapaõ mui poucos; por huma parte o vosso descuido he calmaria, q̃ vos prende; por outra a vaã sensualidade he Serea, que vos attrahe; por muitas, a vossa vaidade he temporal, que vos çoçobra, por naõ poucas, a vossa ambiçaõ he tormenta, que vos contrasta: e por todas, o vosso engano he onda, q̃ vos mette a pique: tome pois a razaõ o leme, vire as vélas o entendimento, siga outro rumo a vontade, porque se a vossa estimaçaõ quizer saber por fantasia a altura, e clima adonde está, na breve carta de hum papel, que huma pinga de agoa desfaz, achará posto todo o mundo; nas pinturas de hum pergaminho, que huma gotta de tinta borra, verá a melhor apparencia de sua falsa ostentaçaõ, muito chaãs as suas alturas, mui iguaes suas mayorias, suas larguezas entre huns riscos, toda risco sua grandeza, e cumprido á risca o engano dos que estimaõ suas larguezas, ou acceitaõ seus cumprimentos, ou se arriscaõ por huns, e outros.

Oh se os homens ja se enjoaraõ de andar lutando com as ondas! Se se persuadiraõ os homens, que andavaõ fóra de seu centro! Se desejando tomar terra, se lembraraõ de que saõ pó,

quem

quem duvida, que para o porto da sempre alegre eternidade puzeraõ a proa do sentido, dobrãdo para a India do Ceo o Cabo de bõa Esperança; e naõ o verde da ambiçaõ para a ouca mina do mundo? Oh que depressa o desengano conhecera entaõ claramente, que quanto aqui he porto bello, nada tem de porto seguro! Que facilmente descobrira nas enseadas, com que o mũdo nos convida com seus abrigos, encobertos aquelles riscos, que amorosamente nos chamaõ, e enganosamente nos prendem no mesmo ponto, em que se tocaõ! Oh como viramos a tempo as armaçoens, com que no pégo, feito cossario este inimigo, anda a corso de nossas almas! Mas nem por isso desconfiem os que se vem mais derrotados, porque á liberdade dos ventos entregaraõ a liberdade; os que engolfados no appetite, nas cegueiras, e nos deleites pertenderaõ sulcar os mares a todo tempo vento em popa: porque se em fim, dando por davante, nos fizermos em outra volta; se, buscando a Estrella do mar, seguirmos o norte da Fé; se, tomando a altura do Sol, naõ nos deixarmos á esperança; se dos rumos do amor de Deos nos naõ desviar o amor proprio; e se finalmente naõ perdermos na mesma quietaçaõ do porto tudo o que escapou do pégo, ganharemos o barlavento ao mundo, á carne, e ao demonio; mudar-se ha em breve tempo o temporal em mar bonança, o naufragio em bõa viagem, e a perdiçaõ em salvamento: com o que sendo para a alma todas as ondas mar pacifico, no meyo dellas gozaremos hũa doce serenidade; até que em fim desembarcando nas prayas de huma vida quieta, possamos erguer ao Senhor o Templo santo da oraçaõ, pôr nas aras do desengano os sacrificios da vontade, pelas paredes da memoria as insignias destes milagres, e por toda a parte do exemplo as reliquias deste escarmento, a cuja vista vaõ crescendo os votos da vida Christaã, e devoçaõ das maravilhas, até que no socego eterno descance a alma para sempre.

O' pois miseros peccadores, que calçados de rémoras, e vestidos de tartarugas, naõ dais hũ sulco, nem hum passo para salvar-vos desses riscos; que mettidos no mar do mundo, quando quereis fugir das ondas, ides chocando com as penhas; que nessa escura cerraçaõ de vossas culpas, e ignorancias, perdido o norte da razaõ, apagado o farol da Fé, roto o leme do entendimento, ides ao gosto desse mar de vossos vicios, e deleites; ides á vontade dos ventos de vosso engano, e vaidade a sobverter-vos no profundo dos negros

gros abyſmos do inferno; abri os olhos, e os ſentidos; vede q̃ dentro de vós tendes a Deos, que eſtá dormindo ſobre a taboa de voſſos corpos, que vai ja fazendo naufragio; pedi a Deos, que vos acuda; chamai por elle, ainda que dorme por naõ aſſentir a olhos viſtos ás offenſas, que lhe fazeis. Tempeſtuoſo he eſte golfo nas mayores ſerenidades; nelle ſe perdem cada inſtante naõ ſó as barcaſinhas pobres de voſſas vidas miſeraveis, mas tambem os baixeis mayores, que ſulcaõ ſuas falſas ondas: para eſcapar naõ ha remedio, ſe naõ vier das maõs de Deos: a barquinha de voſſa vida por todas as partes faz agoa: os monſtros deſſe mar terriveis por ambos os bordos eſperaõ tragar-vos a cada momento: contra vós he diluvio a chuva, que para os campos he remedio: contra vós he ja tempeſtade, o que he ſómente viraçaõ para as plantas da terra bõa, que eſperais, em que vos detendes? Eſperais a hora da morte, em que ninguem de Deos ſe lembra para cuidar em deter a vida? Detendes vos na mudança da vida, por parecer vos huma morte? oh que engano taõ manifeſto! pois vos arráſta eſſa detença á derradeira perdiçaõ: recorrei a Deos muitó preſſa, naõ percais inſtante, nem ponto, pois por inſtantes vos perdeis; ainda que dorme, hade acodir-vos no meſmo ponto, em que de coraçaõ o chamardes; ainda que entendais que eſtá taõ longe, quanto delle vos apartaſtes, ha de ouvir-vos, e ha de valer-vos; e naõ deixará confundir-vos, ſe pondes nelle as eſperanças: acudi a Deos conhecendo-o, que elle he ſómente quem nos ſalva, e naõ noſſas forças: he quẽ nos livra; chamai-o pois de coraçaõ, ponde ſómente nelle os olhos: que elle fará parar os ventos, e porá em obediencia os mares em huma tranquilidade taõ outra, do que ſaõ todas as do mundo, que direis com louvor, e eſpanto, vendo de Deos as maravilhas: Quem he eſte, a cujos imperios, a cuja voz, a cujo aceno os mares, e ventos obedecem? *Ecce motus magnus, &c.*

GOLPE XXXV.

Lapis, qui percuſſerat ſtatuam, factus eſt mons magnus, & implevit univerſam terram.
Dan. 2. 35.

Moſtra-ſe, como he facil ao peccador o creſcer na virtude, ſe principia a emenda da vida, e a continûa.

GEMIDO XXXV.

MAis facil he o creſcer, que o começar; aſſim o entendia

Senec. Epist. 150. In princ.

dia Seneca: *Facilius crescit dignitas, quam incipit*; e assim o ensina a natureza com as aves, rios, e plantas: a aguia, que antes de ter pennas naõ se atrevera a dar hum voo, nem ainda hum passo, em tremolando a pompa leve de suas menos graves plumas, se remonta a voos sublimes: o ribeirinho, que na fonte naõ teve brios de regato, em começando a ser ribeiro, ensaya as agoas para rio: as arvores, que o mais do anno saõ rude exemplo da fortuna, e das variedades do tempo, em dous dias de Primavera se enchem de pompas, e de flores. Para saber qual he a causa natural da velocidade, com q̃ em começando se cresce, basta pouca filosofia; pois do naõ ser ao ter principios ha muitos longes no possivel; porèm do ser ao augmentar ha muitos pertos no duravel. Das ondas do mar vio

3. Reg. 18. 44.

Elias subir hũa nuvem pequena; começou vestigio de hum homem, continuou chuveiro grande, e ultimamente fez-se pallio, e manto escuro do orizonte, com que cobrio o Ceo, e a terra. Ninguem deixe de começar, por ter por mui difficultoso poder crescer, ou proseguir; mais faz quem move aquella pedra, que nos montes teve a raiz, que quem, ja depois de arrancada, a deita a rodar ao valle, adonde desce ajudada da natureza, que a faz fugir o mesmo impulso.

Natural he, que a planta cresça no mesmo momento, em que nasce; e naõ he facil que o Sol nasça, sem que no mesmo instante luza: todos somos como regatos, que para chegar a ser rios, he necessario nascer fontes, e todos somos como as aguias, que se naõ provamos ao Sol, que do mesmo Sol somos filhos, os que nos criaõ, nos engeitaõ; e por bastardos do primor das naturaes inclinaçoens, despenhando-nos nos castigaõ: e somos em fim como arvores, que se vivemos sem dar fructo, gastando em folha todo o tempo, para o fogo eterno nos cortaõ: demos pois para Deos os fructos, para elle encaminhemos os passos, a elle dirijamos os voos, e será mar, quem foy regato; crescerá palma, quem for planta; e terá azas, quem tiver pennas: mas querer voar sempre toda a vida pelas regioens da vaidade, sem pôr nunca os olhos no Sol, oh que he final de ave nocturna, e naõ de aguia magestosa! querer ter o mimo do rego, e viver no vicio da terra sem crescer para se augmentar, ou florecer para dar fructo, he malicia de arvore agreste, mais que final de planta bõa: querer empoçar pelos valles sem correr a seu beneficio, e menos reduzir-se ao mar, donde as agoas todas nasceraõ; oh que he final de charco immundo, e he

lagoa

lagoa corrompida, mais que de fonte, ou de regato!

Façaõ pois, façaõ os humanos algumas couſas por ſeu Deos, ou ao menos por ſe ſalvar; naõ queiraõ que Deos faça tudo, pois para nada os ha miſter: comecem, e augmentar ſe-haõ; porque o creſcer no amor de Deos he mais facil, que o começar: naõ ſe eſcuſem de orar a Deos, ou de entrar na ſanta oraçaõ, com dizer, que eſtes exercicios requerem conſciencias puras, grande apparelho, e contriçaõ, e que nos eſtados do mundo naõ póde havê-la facilmente, ſaõ falſas eſtas humildades, fementidos eſtes decoros, pois ſaõ malicias, que ſe eſprayaõ, quando receyos, que ſe encolhem: ſaõ cetrerias do demonio, que com eſtas filacterias nos aparta do entendimento o caminho da ſalvaçaõ; pois ainda que ſeja verdade, que para perfeita oraçaõ ſe haja miſter pureza com Deos, grãde deſapego comnoſco, grande differença de vida, muita mudança de coſtumes, e em fim hũ grande exceſſo d'alma no odio, que ha de ter-ſe a ſi, e no amor, que ha de ter a Deos, naõ impede que ao menos buſquemos a Deos muitas vezes, como o enfermo buſca o medico, como o eſcravo a ſeu Senhor; como o pobre, que pede eſmóla, como o prezo, que quer ſoltura, e em fim como o filho a ſeu pay, que o ha de receber nos braços, ainda que tenha ſido prodigo; e ainda que venha cujo, e nú, e cheyo de outras mil miſerias.

Se pois o Pay celeſtial, Pay de amor, e miſericordias, e infinita conſolaçaõ, taes, quaes ſomos, nos eſtá rogando que venhamos para os ſeus braços, os que andamos carregados, e opprimidos; como póde ſer corteſia, reverencia, ou humildade naõ querermos chegar, com a falſa cor, e deſculpa de naõ eſtarmos para iſſo! Eſtando cheyos de immundicias, de abominaçoens, e peccados, quem, ſenaõ elle, ha de limpar-nos, e fazer-nos dignos a todos de eſtar diante dos ſeus olhos? Por ventura para eſte traje, em que queremos apparecer-lhe, e achar graça em ſua preſença, nos poderemos preparar, enfeitar, e compôr nas guardarroupas do mundo, nas cadêas do demonio, ou nos atoleiros da carne! Se na caſa do arrependimento nos naõ podemos concertar; ſe com a cor da penitencia, e com os ſinaes da contriçaõ nos naõ fizemos gentishomens, e capazes de apparecer-lhe; como apartados da virtude, e deſavindos com a emenda nos acharemos mais capazes? Quem pois nos ha de preparar para chegarmos ao Senhor? Seraõ as feiçoens do peccado, o toucado da mali-

malicia, a gála da impenitencia, quarta maldade de Damaſco; que naõ tem, nem terá perdaõ das miſericordias de Deos? Oh Fieis! torpe he o vicio, fèa a culpa, deſaſtrada a maldade: tem a cegueira máos olhos, peyor boca a mentira, e nenhuma graça o peccado: ſe ainda aſſim achais bom caraõ ao engano deſte mundo; ſe ainda aſſim vos namorais muito do ar de voſſa vaidade; ſe achais geito na voſſa teima, bizarria na perdiçaõ, e no damno galantaria, deſpedivos de Deos de todo, e naõ façais cazo, nem conta da ſalvaçaõ, que deſprezais, e da bondade, que offendeis com eſſes reſpeitos fingidos de naõ chegar a Deos taõ feyos, como vos tem voſſos peccados.

Amos 1. 3.

Culpa he de mui grande pezo fugir de Deos muito ás claras, para querer peccar ás cegas; e chegarmos a crer, que he bom naõ nos chegarmos logo a Deos ſem primeiro nos emendar, he maldade mais, que ignorancia, pois elle he ſó quem nos emenda, nos alimpa, e aperfeiçoa, como eſcultor a ſua imagem, como pintor a ſua pintura, e como olleiro o barro, que toma; e ſe eſte lhe fugir da maõ, ficará no lodo, ou na terra. Como póde ſer reverencia, e reſpeito, que ſe tenha a Deos, fugir delle para o demonio? tanto nos chegamos a eſte, quanto de Deos nos apartamos: como pois agradará a Deos eſta enganoſa ſubmiſſaõ, com que ſe eſcuſa o noſſo engano, ou a noſſa perverſidade, ſe Deos, por quanto lhe devemos, ſe ſatisfaz com huma lagrima, e ſe paga de hum ſó gemido, querendo de nós hũ pequei, muito mais que fazer milagres? Como ſe póde contentar de q̃ delle nos affaſtemos, ſe quanto ſoffre, e nos permitte he ſó por ver ſe nos viramos; he porque a elle nos cheguemos, dizendo-lhe noſſas miſerias, noſſas fraquezas, e delictos? Que temos nós neſte mũdo, que poſſamos chamar-lhe noſſo, ſenaõ a culpa, e o peccado? Se pois de males taõ mortaes receamos a medicina, que eſperamos da doença? E ſe o Medico naõ cura os males de quem lhe naõ dá conta fiel delles, como fugimos do Medico Divino, e lhe naõ moſtramos noſſas chagas, ſe he que queremos ſaude? Naõ teve a noſſa fragilidade menos antiga a origem, do que eſta noſſa natureza: barro fomos, e barro ſomos, e terra finalmente ſeremos: cahir, e quebrar a cada paſſo, he propriedade do que ſomos; erguer-nos para nos unir, he condiçaõ do que Deos he: quem o buſca quanto he poſſivel, faz tudo aquillo, que Deos quer; quem o põem diante dos olhos, obriga-o tudo, quanto póde: ſe hoje a ſombra

do

do delicto nos encobrio o Sol da graça, á manhaã a luz da verdade, ou hum ſopro daquelle Norte desfará as nevoas da culpa.

Se iſto, ó peccador, naõ baſta para te tirar do erro deſſa peſſima reverencia, ou reſpeito, ſobejará para te converter; ſe cres que Deos por ſua grandeza infinita eſtá em toda a parte, e que delle te naõ podes eſconder de modo algum: ſe pois iſto he verdade Catholica, e aſſim torpe, feyo, e aſcoroſo andas, e eſtás diante de Deos, naõ ſerá bom, que com a capa da penitencia, e veſtido do arrependimento, o buſques para que te viſta a Eſtola nupcial da graça? Como dirás ainda, que te naõ a treves apparecer diante de Deos, ſe nem nos calabouços do inferno podes eſcapar de ſua divina preſença?

Mas ſuppondo que começamos a buſcar a Deos, he neceſſario que advirtamos neſta materia outra ſegunda tentaçaõ, que he querer logo começar por onde os grandes acabaraõ; e ſe logo naõ creſcemos muito, nos naõ vemos ſobre as Eſtrellas, cahimos em deſconfiança, e quaſi ſempre na ſoberba de ſentirmos naõ voar muito nos favores, e nos regálos, que o Senhor faz quando convem, ou a quem melhor lhe parece. Só do rio Nilo ſe conta, que he taõ grande quando acaba, como quando começa o ſeu curſo: aquella materia abrazada, que ardeo no Ceo exhalaçaõ, primeiro foy vapor na terra: poucas vezes ha grande incendio, que naõ principiaſſe faiſca: creſcerá em hũa hora hum cedro, mais que outras plantas em hum dia; mas naõ vemos que dem as palmas em poucos annos grandes fructos: naõ fora ſeguro o correr, a quem começa a engatinhar; por iſſo neſtes o cahir naõ he tanto de reprehender; donde vem, que Deos muitas vezes naõ conſente ás formigas eſpirituaes, que tenhaõ azas: aos meſmos, que com longo eſtudo adquiriraõ grandes ſciencias, nos primeiros dias da eſcola foy arte eſcura o A, B, C. Animem-ſe pois os biſonhos, naõ deſmayem antes da guerra, das batalhas, e dos conflictos; porque as batalhas, que ao homem ruſtico ſaõ medo ſó imaginadas, para o ſoldado generoſo ſaõ gloria, ainda combatidas: os grandes edificios do mundo naõ foraõ obra de hum ſó dia: nem ainda as maravilhas em flor ſaõ ſó fadiga de huma hora o ponto eſtá em começar, e continuar, que aſſim vem as pequenas couſas a ſer grandes; como ſuccedeo áquella pedrinha, de que falla Daniel: *Lapis, qui percuſſerat ſtatuam, factus eſt mons magnus, & implevit univerſam terram.*

GOL-

GOLPE XXXVI., e ultimo.

Qui perſeveraverit uſque in finem hic ſalvus erit. Matth. 10. 22.

Sem perſeverança na emenda da vida até o inſtante da morte naõ ha ſalvaçaõ d'alma.

GEMIDO XXXVI., e ultimo.

POuco, ou nada importa começar bem, ſe os fins naõ conreſponderem aos principios: começar com remontes de aguia, e acabar com abatimentos de morcego; ter principios de rio, e fins de regato, naſcer cedro, e morrer pinho, amanhecer Sol, e anoitecer cometa, madrugar Rey, e parar eſcravo: he deſgraça, mas parece culpa; ſerá infortunio, mas tem feiçaõ de deſcredito: e a razaõ he; (quanto ao que toca da noſſa parte, porque Deos naõ falta da ſua) porque quem ſe empenha a começar, obriga ſe a naõ deſiſtir; deſmanchar hoje o que fiz hontem, deſgoſtar-me agora do que me agradou ha pouco, deſavir-me ja com o que antes me parecia bem; que outra couſa he, ſenaõ arruinar depreſſa, o que edifiquei devagar, moſtrar com a inconſtancia da vontade a falta do entendimento na reſoluçaõ, declarar com a cobardia na deſiſtencia, a falta qne houve de valor na empreza: e finalmente perder cedo, o que buſquei cedo, ou tarde? E arrepender-nos de amar a Deos, de adquirir as virtudes, e de buſcar o Ceo, que outra couſa he, ſenaõ ſervir ao demonio, amar a Satanaz, idolatrar os vicios, e caminhar para os Infernos?

Naõ he final de ter verdadeiro amor a Deos iſto de fazer pé atraz no caminho de ſeu ſerviço. Aquelles animaes, que puxavaõ por aquella roda admiravel, donde Ezechiel diz, que andava o Eſpirito do Senhor, nunca tornavaõ para traz. He o amor de Deos, como a eſcada, ſobe ſe de virtude em virtude, como de degráo em degráo, até coroar o ultimo com o fim da perfeiçaõ Evangelica: *Ibunt de virtute in virtutem*; e taõ finas pontualidades pede eſte amor de Deos, que ainda o parar, naõ ſó parece, mas he voltar atraz; e o naõ ir adiante, he o meſmo, que retroceder; tudo ſe perdera, ainda naturalmente, ſe na ordem da meſma natureza faltaraõ as creaturas áquella conſonancia, com que as diſpôs a providencia, ou Ley Divina: as agoas, que paraõ com ſeu curſo, tornaõ tanto para traz no ſeu preſtimo, que ſe corrompem; e ſendo antes, quando corriaõ a ſeu fim, alegres, e ſalutiferas;

Ezech. 1. 20. & 21. Pſalm. 83. 3.

ras; depois de encharcadas, saõ melancolicas, e peçonhentas: se o mar parara seus movimentos, ficara hum mar morto, e feito hum sepulchro universal de toda a Monarchia dos peixes: se os rios naõ perseveraraõ em correr ao mar, alagara-se a terra, como succedeo nos dias de Noé: se o Sol suspendera sua carreira, perdera se hum emisferio por falta de suas luzes, e influxos, de que se ajudaõ os humanos para os usos da vida: se naõ continuaraõ os Ceos na ordem de seus movimentos, acabara-se este mundo inferior dependente de seus movimentos para a conservaçaõ de seus individuos: eis aqui como da perseverança das cousas naturaes, segundo a conformidade da primeira ordem, que as dispôs, pende a total harmonia, e concerto da sua duraçaõ: vemos tambem na natureza humana, que se a saude naõ persevera, vem a perder-se de todo, e com ella a vida: se naõ persevera o edificio na fórma de sua fundaçaõ, cahe, e arruina-se: se pois tudo isto se perderá, se naõ perseverara; como se naõ perderá, quem naõ persevera em amar, e servir a Deos? Como chegará ao porto da salvaçaõ, quem deixando a sua direita viagem, se faz na volta do mar deste mundo? Como chegará finalmente a Deos, quem deixa o caminho, que para Deos levava, ou quem nelle se assenta, sem querer ir por diante? impossivel he notoriamente.

Faz a perseverança nas virtudes, o que faz o tempo nas sementes da terra: as sementes saõ as mais pequenas cousas, que ha no mundo entre as suas especies; semeaõ-se, e pela continuaçaõ do tempo, hum graõ de trigo vem a dar huma, e mais espigas; hum graõ de mostarda faz-se huma planta alta; hum caroço produz hũa arvore altissima; com a perseverança nasceraõ, creceraõ, subiraõ, e fructificaraõ: e se naõ perseveraraõ, ainda q̃ nasceraõ, naõ creceraõ; ainda que creceraõ, naõ subiraõ; e ainda que nasceraõ, creceraõ, e subiraõ, naõ chegaraõ a fructificar. Assim tambem, que importa aos mortaes peccadores o resuscitar da morta da culpa para a vida da graça, se naõ crescem nas virtudes, se naõ sobem á perfeiçaõ, e se naõ daõ fructo de bõas obras? Por isso Christo Senhor nosso, que nos ama tanto como emprego do preço de seu Santissimo Sangue, e trabalhos, e naõ quer, que nenhum de nós se perca, nos avisa, que sem perseverança naõ ha salvaçaõ: *Qui perseveraverit usque in finem, hic salvus erit.*

TRA-

TRATADO II.

DOS CLAMORES DA TROMBETA do Ceo, inſpirados ao toque das Divinas Eſcrituras.

Clama, ne ceſſes, quaſi tuba exalta vocem tuam, & annuntia populo meo ſcelera eorum. Iſai. 58.

Tuba de Cœlo canens eſt vox Prædicatorum, de ſecretis ſacræ Paginæ cæleſtia exprimens, reſonans, & exponens. S. Bonav. tom. 7. p. 4. de Eccleſ. Hierarch. cap. 4. poſt med.

TOQUE I.

Montes Iſrael audite verbum Domini Dei: hæc dicit Dominus Deus montibus, & collibus, rupibus, & vallibus. Ezech. 6. 3.

CLAMOR I.

Mais facilmente ouvem a Deos as creaturas inſenſiveis, que as racionaes, ſendo peccadoras.

Offerece-os o A. aos mayores peccadores do mundo.

MOntes de Iſrael [clamava a trombeta do Ceo] ouvi a palavra de Deos, que iſto manda dizer aos montes, e aos outeiros, ás rochas, e aos valles. Eſtas palavras, que no ſentido literal fallavaõ com os Principes, e com o povo de Iſrael, no myſtico, e moral, (como he commum entre os Expoſitores ſagrados) fallaõ com as almas Chriſtaãs da bi.

Gloſ. in Iſai. 1. mor. Fr. Heit. Pint. hic & alii ali.

daquelles grandes peccadores, que a ſoberba dos montes com a altiveza dos outeiros, com a dureza das rochas, e com o vicio dos valles tendo ſimilhança moral, mudaraõ a vontade humana em appetite terreno, a fórma racional em deformidade profana, a piedade Chriſtãa em condiçaõ empedernida, e a virtude humilde em inclinaçaõ viciosa. Fallaõ tambem com os Principes, e Cabeças dos Eſtados do ſeculo, q̃ ſe figuraõ nos montes; cõ os Grandes das Republicas, que ſe ſymbolizaõ nos outeiros: com os Eſtados Eccleſiaſticos, e Religioſos, de quem as pedras ſaõ geroglifico; e com a gente do povo, de quem ſaõ os valles ſignificaçaõ: e com grande fundamento, querendo Deos perſuadir aos homens, que fizeſſem penitencia de ſeus peccados, lhes fallou como ſe foraõ valles, rochedos, outeiros, e montes: porque andaõ os peccadores taõ deſnaturalizados daquella differença, que os diſtingue dos brutos, e ainda daquella razaõ, que os conſtituio viventes, que he mais facil couſa ouvirem a Deos, e darem ſinaes de contriçaõ veſtindo-ſe da razaõ de montes, de outeiros, rochedos, e valles, que uſando da razaõ humana; fazem mayor impreſſaõ as palavras de Deos nas entranhas duras dos montes, nas ſeccas almas dos outeiros, nos coraçoens duros das rochas, e no ſemblante carregado dos valles, do que nas almas Chriſtãas, nos coraçoens, nas entranhas, e nos ſemblantes dos homens.

Do ſeu povo ſe queixava Deos, que naõ ouvia os ſeus clamores; porèm dos montes diz a Eſcritura que algum tempo, que olharaõ para Deos, ſe moſtraraõ doridos: e por Sofonias diz dos outeiros, que lá viriaõ dias, em que foſſe grande a ſua contriçaõ: dos rochedos diſſe por David, que ſe converteriaõ em fontes de agoa; e dos valles por Micheas, que ſe desfariaõ, como cera junto do fogo: e como Deos quer coraçoens de cera, ainda que ſeja nos valles; como deſeja ver fontes de lagrimas, mas que ſeja nos olhos dos rochedos, como eſtima a contriçaõ, mas que ſeja de hum outeiro; como ſe gloria de que ſe lhe moſtre dorido, mas que ſeja hum monte: achando em todos eſtes o que nos homens naõ encontrava, fallou lhes, como ſe foraõ montes, para que naõ foſſem ſoberbos, e ſe doeſſem de o terem ſido; clamou-lhes, como a outeiros, para que tiveſſem contriçaõ de eſtarem taõ altivos; bradou-lhes, como a rochas vivas, para que ſe desfizeſſem em lagrimas de haverem eſtado taõ duros; gritou-lhes, como a valles, para ſe raſgatarem com

Pſalm. 80. 12. Habac. 3. 10. Soph. 1. 10. Pſalm. 113. 8. Mich. 1. 4.

com pena de haverem sido taõ viçosos: naõ lhes quer fallar, como a homens, porque se fizeraõ os homens taõ terrenos com o amor das cousas da terra, que, naõ fazendo cazo das vozes do Ceo, só com as linguagens da terra se entendem melhor; por isso lhes falla Deos algumas vezes com os terremotos, e tremores da terra, com as covas, e sepulturas, com o pó, e cinza, e com a vista dos mortos, para que aquillo, que lhes naõ podem ensinar os avisos da razaõ, e os brados do desengano, lho persuadaõ com rhetorica muda os idiomas mais rudes da natureza: taes estaõ em fim os humanos, que para atemorizá-los o mesmo Deos, e reduzí-dos a penitencia manda fallar-lhes, naõ por quem lhes falle como homem, mas quem se lhes mostre a mais dura cousa do mundo: e assim disse a Jeremias, quando o fez Prégador do seu povo, q̃ o fazia columna de ferro, e muro de bronze: e a Ezechiel, que lhe dava rosto de diamante, e cara de pederneira; porque como os homẽs daquelle tempo por dureza de coraçaõ, por rebeldia do juizo, por obstinaçaõ da malicia, ou pertinacia da cegueira se tinhaõ feito do mesmo metal dos bronzes, e diamantes, do ferro, e pederneiras; necessario era, que outros homens do seu metal os movessem, e persuadissem a penitencia, e contriçaõ, ou attrahindo como diamantes o ferro daquellas almas; ou ferindo fogo, como pederneiras, naquelles coraçoens de ferro; ou imprimindo-lhes, como brozes mais duros, as suas razoens naquellas laminas de bronze, ou finalmente lavrando-se huns diamãtes toscos com outros melhores diamantes: e este só era o meyo de os deixar contritos; porque de outro modo, como eraõ ferro, marmores, bronzes, e penhascos, se lhes fallaraõ vozes do Ceo, hé certo que as naõ entenderiaõ; se ouviraõ só clamores de homens, ainda os abalariaõ menos.

Jerem. 1. 18.

Ezech. 3. 9.

E vê se claramente que os homens estaõ cheyos desta ignorancia dura pelo amor da terra, e pelo desprezo, ou esquecimento do Ceo, pois quando Deos os ameaça com os castigos do Ceo, naõ fazem cazo delles; porèm se os atemoriza com os açoutes da terra, logo se enchem de temor, de espanto, e de maravilha. Mandou Deos a Jonas a prégar a Ninive a sua subversaõ; e foy hum pasmo a penitencia, que fizeraõ os Ninivitas cobrindo-se de cinza, e cilicio: mandou depois disto o Profeta Nahum prégar na mesma Corte, e naõ consta da Escritura que houvesse bõa penitencia; e a razaõ da differen-

ça he: porque Jonas prégava que se sobvertia Ninive, que era castigo, que lhe havia de vir da terra; e Nahum dizia, que o fogo os havia de devorar, que he flagello, que havia de descer do Ceo; e por isso fizeraõ tanto caso do aviso de Jonas, e taõ pouco do recado de Nahum, porque como amavaõ tanto o terreno, eraõ os males da terra todo o seu temor; e como naõ tratavaõ, nem cuidavaõ nas cousas do Ceo, naõ se atemorizaraõ do castigo, que de lá os ameaçava; e por isto faltou a penitencia, mas naõ o castigo: porque assim como a emenda nos tempos de Jonas lhes dilatou a perdiçaõ, assim o esquecimento della nos dias de Nahum lhes apressou mais a indignaçaõ de Deos, e foraõ todos assolados, devastados, e destruidos.

Jon. 3. 4. Nahum 3. 13.

Oh mortaes, oh peccadores, como sois bronzes por dureza de consciencia, pelo bronze duro desta trombeta vos manda Deos fallar; de Deos saõ estes clamores, porque he o toque da Escritura Sagrada, e a inspiraçaõ de Deos: quando a trombeta soa, naõ he ella a que falla, senaõ quem a inspira: hum bronze he duro, hum instrumento aspero, hum metal rigoroso, q̃ conforme o tocaõ retumba; porque o impulso o move, e naõ a natureza: ouvi pois, as inspiraçoens de Deos, aproveitai-vos dos seus toques, dai ouvidos aos seus clamores, e naõ repareis no instrumento, que he do vosso mesmo metal; naõ algum dos Anjos do Ceo, que haõ de chamar-vos a juizo; menos de algum justo da terra; senaõ do homem mais ingrato, do peccador mais perverso, e do servo de Deos mais inutil, que tem o mundo todo: mas Deos se deve servir disto, ou para gloria sua, ou para confusaõ vossa; porque se o peyor homem do mundo vos vem a reprehender, bem se mostra que lhe parecem mal, e que saõ perversas, e abominaveis as vias, por onde ides: e que pareceraõ a Deos summamente offendido, sendo summa verdade, e summo bem, e summa justiça!

Clamava a voz de Deos no deserto, (porque desertos saõ as Cidades, onde os homens, ou saõ montes soberbos, ou outeiros altivos, ou rochedos duros, ou valles viciosos) clamava, e persuadia aos peccadores que fizessem penitencia, porque este era o caminho de se encher o vasio dos valles, de se humilhar a soberba dos montes, e dos outeiros, e de se alhanarem em estradas chaãs para o caminho do Ceo as mais asperas penedias: aparelhai pois o caminho, fazendo caminho direito; pois sobre as pedras fundou o Senhor a sua Igreja, sobre os outeiros o seu templo, para os valles guardou o *jui-*

o juizo; e nos montes mostrou sua gloria: manda Deos que o louvem huns, e outros; e se o naõ fizerdes assim, ainda que sois montes, haverá no mar diluvios para vos submergir; ainda que sois outeiros, haverá em vós terremotos para vos descompor; ainda que sejais rochas, haverá nos Ceos rayos para vos partir; ainda que sejais valles, haverá na terra agoas para vos alagar. Ouvi a palavra de Deos, homens montes, homens outeiros, homens penhascos, e homens valles, para escápardes da ira Divina: *Montes Israel audite verbum Domini Dei; hæc dicit Dominus Deus montibus, & collibus, rupibus, & vallibus.*

TOQUE II.

Omnes conversi sunt ad cursum suum, quasi equus impetu vadens ad prælium.
Jerem. 8. 6.

CLAMOR II.

Trata-se da furiosa cegueira, com que os peccadores correm a peccar, e a perder-se.

TOdos deraõ as costas a Deos, e com taõ arrebatado impeto se arrojaõ aos vicios, que como cavallo, que se arremessa com fervor á batalha; como fonte, que se despenha ao valle mais fundo por rochas, e penedias; assim correm, assim se precipitaõ á guerra das virtudes, e ás profundezas do Inferno: vai o bruto cavallo á peleja com furioso impeto, porq̃ orgulhoso, e ufano do seu perigo naõ cabe no seu socego, nem aquieta até se naõ metter no damno: despenha se a fonte risonha, porque aquella inclinaçaõ, que a leva para o centro, lhe faz aprazivel o precipicio: eis-aqui como os peccadores caminhaõ aos vicios, e á perdiçaõ, naõ só como quem caminha passo a passo, mas como quem vai a correr; que por isso o Profeta naõ chamou ás suas inclinaçoens caminho, senaõ carreira: vaõ a correr aos peccados, como se lhes faltaraõ peccados, de que se fartar; taõ sofrega se tem feito a maldade humana dos seus delictos, q̃ sobre buscá-los correndo, e despenhando-se com ancia, e com desejo de naõ parar até os conseguir, vai orgulhosa, vai soberba, alegre, risonha, e sequiosa de correr muito, de precipitar se mais, e de nunca fazer menos.

A tal estado tem chegado a malicia dos homẽs, que naõ soffrendo os soberdos, que outros sejaõ mais soberbos os lascivos que outros sejaõ mais lascivos, os ambiciosos que outros sejaõ mais ambiciosos, os vora-

res que outros sejaõ mais vorazes, os irados que outros sejaõ mais irados; contendem pela mayoria das culpas, e se invejaõ huns aos outros os peccados, sentindo que nelles haja outros, que pareçaõ mayores homens: e daqui nasce, que ou da vangloria da culpa fazem huns caminho para a impenitencia; ou outros se entranhaõ mais nella, tendo sómente pezar de naõ poder igualar os mayores peccadores, e saborear-se, como elles, nos pessimos gostos da mundana profanidade: e este he aquelle quarto peccado de Damasco, que Deos naõ perdoa; porque para perdoar-nos Deos, he necessario que nos peze de todo o coraçaõ havè-lo offendido. O primeiro peccado (como diz S. Jeronymo) he o máo pensamento, o segundo he o conhecimento, o terceiro he a obra, o quarto he naõ ter pezar de haver peccado: quem pecca só nos tres principios, facilmente se converte, se lhe peza de offender a Deos; mas de quem chega a cõmetter o quarto, aparta-se a misericordia divina, que naõ póde soffrer cousa taõ fea, como he buscar o homem o summo bem nas torpezas mundanas, e sobre tudo recrear-se nellas, como em cousa suavissima.

Amos 1. 3.

Hier. in Amos cap. 1. vers. tenentem sceptrum, tom. 5.

Ezech. 8. 16. &c.

A Ezechiel disse Deos hum dia, que o levou ao Templo em espirito, que naõ perdoaria, nem usaria de misericordia com hũs vinte e cinco homens, que alli lhe tinhaõ virado as costas, e adoravaõ o Sol, que nascia; mas naõ era esta a razaõ de naõ perdoar-lhes, senaõ a que o mesmo Senhor declarou ao Profeta, dizendo lhe: Eis alli se estaõ recreando no cheiro daquelle ramo, e por isso, ainda que a grandes vozes clamem por mim, naõ os ouvirei. Este ramo, diz hum douto que era o costume de peccar, no qual, desprezando a voz de Deos, que os chamava pela penitencia, se estavaõ recreando nas cousas pessimas, e torpes, e alegrando se nas maldades, como no cheiro de algum ramo suavissimo. Perdoa Deos, que algum tempo lhe vire as costas ó peccador: perdoa, que na presença do Creador idolatre o homem miseravel em huma creatura; mas que se alegre o peccador, e que se recree no costume de peccar, e que naõ se arrependa, e faça penitencia disso, apartando-se disso, abominando-o, e detestando-o, isto he o que Deos naõ perdoa, nem ha de perdoar. Qualquer peccado mortal nenhuma outra cousa he, senaõ apartar se o homem de Deos pelo desprezo do mesmo Deos, ou em si, ou na sua ley, e preceito; se pois sobre o desprezo que se faz a Deos, e sobre o costume

Fr. Heit. Pint. in Ezech. hic.

ſtume de deſprezar o que Deos na ſua ley manda, nos deleytarmos, e gloriarnos de fazer delle pouco cazo, e ainda grandiſſimo deſprezo; em que juizo cabe, que haja de ter perdaõ de Deos, quem aſſim goſta de deſprezá-lo, e offendè-lo, ſalvo ſómente, ſe fizer verdadeira, e digna penitencia!

Oh mortaes, que poucos ſaõ no mundo os que cuidaõ em ponderar, que couſa he hum peccado mortal! Muitos o ſabem, muitos o reprehendem, muitos o abominaõ; mas oh que ſaõ rariſſimos os que cuidaõ que couſa he, a quem ſe oppõem, que mal nos faz, e que caſtigo tem! Tenho para mim, que fora impoſſivel peccar, mediante a graça de Deos, quem trouxera ſempre no ſentido a fealdade medonha, a torpeza indeclaravel, e o vulto aborrecivel de hum peccado mortal: porque couſa taõ peſſima, que nos faz cahir em odio de Deos, e ſobre iſto deſprezá-lo; mal taõ grande, que nos aparta de Deos por diſtancia infinita, naõ de lugar, que em todos eſtá Deos, mas de diſſimilhança com elle; culpa taõ grave, que he caſtigada com fogo eterno; damno taõ terrivel, que ha de carecer da viſta de Deos por toda a eternidade; pena taõ cruel, que ata para ſempre o peccador nas penas do inferno, no carcere infernal, e na companhia dos demonios; que tremor, que aſſombro, que medo, que aborrecimento, que odio, e que abominaçaõ naõ cauſaria em hum bruto, ſe tivera uſo de razaõ, em hum penedo, ſe tivera eſpirito, em hum bronze, ſe tivera entendimento! Baſtava cuidar, que havia Deos, para naõ peccarmos: baſtava ſaber que o peccado he taõ grande mal, para termos por impoſſivel o peccar: quem conhece a Deos por ſeu Deos, e que couſa he o peccado, naõ tem para ſi que lhe he poſſivel peccar; mais poſſivel lhe parece que a terra voe, que os Ceos parem, que o Sol dè trevas, e que a noite dè luzes, do que commetter hum peccado. Quiz a mulher de Putifar obrigar ao caſto Joſeph a que peccaſſe com ella; e reſpondeo-lhe elle, vendo-ſe apertado: Como poſſo eu fazer hum taõ grande mal, como he peccar contra o meu Deos? Conhecia Joſeph a Deos, andava Deos com elle, e dirigia as ſuas obras; e por iſſo, conhecendo que naõ podia haver mayor mal, que apartar-ſe de Deos, e peccar contra elle, tinha por impoſſivel peccar. Gen. 39. 9.

Mas, oh miſeria noſſa! que naõ havendo hoje entre os humanos couſa mais facil, que offender a Deos, ſó o arrepender-ſe, ſó o fazer penitencia tem por impoſſivel. Tem por impoſſivel

sivel o arrepender-se; porque assim como he impossivel, segundo a ordem natural, que as agoas subaõ para cima; que o fogo desça para baixo; tendo-se feito natureza da culpa, naturalmente seguem os peccadores o curso de seus appetites, e de suas maldades, sem ver, que as mudanças mortaes naõ saõ em tudo como as naturaes; pois como diz Santo Agostinho, para que o corpo se erga [que he movimento natural] he necessario mudar de lugar; mas para que a alma se levante (que he movimento moral) basta, que se mude de vontade: para vencer este impossivel bastava mudar de animo, bastava querer, ainda que naõ se mudasse de estado. Puderaõ as lagrimas da penitencia correr para cima, pois as lagrimas saõ vozes, com que se falla a Deos; puderaõ estas attrahir o fogo do Espirito Santo, que descera dos Ceos a nos allumiar, logo que nos vira chorar, e arrepender; mas que haõ de fazer os homens, se naõ seguir o seu curso, correndo como brutos ao seu perigo, voando como borboletas ao seu incendio, despenhando-se á sua eterna perdiçaõ! *Omnes conversi sunt ad cursum suum, quasi equus impetu vadens ad prælium.*

Aug. t. 8. in Ps. 85. vers. Jocúd. anima &c.

TOQUE III.

Multiplicavit Ephraim altaria ad peccandum: facta sunt ei aræ in delictum. Ose. 8. 11.

CLAMOR III.

Dos peccados dos Beneficiados, e Ecclesiasticos.

MUltiplicou Efraim os altares para peccar; converteraõ se-lhe os altares, e sacrificios em culpa. Estas horrendas palavas, e as que se seguem, com que o Profeta Oseas atemorizava o seu povo, em o sentido mystico fallaõ com o estado Sacerdotal; de quem lamentando S. Bernardo a declinaçaõ no seu mayor augmento, rompeo dizendo assim: Mui dilatada parece que está a Igreja; tambem a sacratissima Ordem Clerical com o excessivo numero dos Clerigos está multiplicada; mas supposto, vós Senhor, lhe multiplicastes a gente, naõ lhe engrandecestes a alegria; pois nada menos se vè, que lhe falta de merecimento, que aquillo q̃ lhe cresceo de numero: cresceo o numero, naõ o resplandor, multiplicou-se a gente, naõ o decóro; cresceraõ os Clerigos, naõ as virtudes. Efraim, quer dizer cousa que frutifica, cousa que

Bern. t. 1. Serm. de conver. ad Cler. c. 29. In princ. & per tot.

Bibl. in fine. que cresce: *Ephraim, Frugifer, Crescens:* tratou o augmento dos seus interesses quanto ao temporal, e esquecendo-se, de que Deos o fez crescer na terra de sua pobreza: *Ephraim, dicens:* Gen. 41. 52. *Crescere me fecit Deus in terra paupertatis meæ*, deo á ambiçaõ profana aquelle culto, e aquelle desvélo, com q̃ devia agradecer a Deos os celestes beneficios.

Parece, que se naõ contentou a malicia dos homens, com que fossem humana suas abominaçoens; quiz tambem, que fossem ao divino os seus delictos: buscou nos altares o interesse, e porque este se multiplicasse, multiplicou os altares para peccar. Os mesmos officios [dizia com ardente zelo a mesma brandura de S. Bernardo] os Bern. tom. 1. Serm. 6. ad fin. in Psal. Qui habitat. mesmos officios da dignidade Ecclesiastica ja passaraõ a ser torpe lucro, e negociaçaõ infernal; nem se busca ja nelles a salvaçaõ, e bem das almas, mas a superfluidade das riquezas: por este respeito se frequentaõ as Igrejas, se celebraõ as Missas, e cantaõ os Officios Divinos; ja hoje claramente se procuraõ os Bispados, os Arcediagados, as Abbadias, e as mais dignidades Ecclesiasticas, para que as rendas Ecclesiasticas se gastem, e dissipem em superfluidades, e vaidades. Resta agora (continúa o mesmo Santo) que venha o Anti-Christo por remate de tãtas abominaçoẽs. Oh que medonha cousa vemos na Igreja de Deos! [exclama a suspiros o mesmo Santo] e que será isto? [dizia elle mesmo] Que ha de ser, senaõ ver que saõ idolatras os seus Ministros? Mentira seria, se [como diz o Apostolo] naõ he servidaõ de idolos a avareza. Atéqui S. Bernardo. Bern. tom. 2. in Declamat. post princ. v. Neque enim ad Gal. 5. 10.

Eis-aqui, porque as aras, ou altares de Deos se converteraõ em delictos, e peccados dos homens: levantou-os a adoraçaõ, e piedade Catholica para pedir a Deos misericordia de nossas culpas, e offerecer lhe sacrificio de justiça; e parece, que os occupa só o interesse mundano, pois aquelles fructos da Igreja, que haviaõ de ser alimento das virtudes, e da pobreza, se tem feito thezouro da avareza, ou cõmendas da carnal voracidade. As aras, que haviaõ de ser refugio do espirito, naõ sei se saõ horror da consideraçaõ; pois aquelles varoens da Igreja, que haviaõ de ser sagrado, a que se acolhesse a miseria, naõ sei se saõ escandalo de quem se affasta a caridade: deviaõ estes diminuir na ambiçaõ, para multiplicar no espirito; deviaõ repartir com a caridade, para fazer bõa conta dos bens de Deos, e entaõ fizeraõ mayor soma, porque Deos lhe dera cento por hũ; multiplicara-se mais que o numero o merecimento, e as a-

ayessas

veſſas da conta, que faz o mundo a Igreja creſcera, quando diminuira: mas que havemos de dizer, ſe os fructos da Igreja, e o paõ dos pobres naõ ſó ſe tornaraõ em manjar da culpa, mas em veneno eſcandaloſo da meſma Igreja? Eſte he o mayor mal, que póde haver na terra; pois, como diſſe S. Gregorio, de ninguem recebe Deos mayor preiuizo, nem mayor aggravo, que dos Sacerdotes; quando aquelles, que elle pôs no mundo para freyo dos outros; ſaõ exemplos da ambiçaõ, e da perverſidade.

Greg. P. t. 2. hom. 17. in Evang. ant. med. & habetur in Brev. Rom. 12. Martii, l. 8.

Eis-aqui porque o Senhor rugindo como leaõ moverá os Ceos, e fará tremer a terra, bramir o mar, cahir os montes, eſpedaçar ſe as penedias, e ſubmergir ſe os valles: e quem poderá ſoffrer a viſta de ſua indignaçaõ? Quem reſiſtirá ao furor de ſua grande ira, ſe a ſua indignaçaõ, como fogo abrazador desfará em pó, e cinza naõ ſó o feno da terra, naõ ſó as arvores do campo, mas aos meſmos montes, e pedras? e que eſperais de Deos peccadores? Se Efraim, por quem ſe entende o voſſo augmento, bebeo os vẽtos da vaidade, apaſcentou-ſe na malicia, ſeguio o ardor da concupiſcencia, fez concerto com os inimigos de Deos, e levou os haveres das virtudes, naõ para o Ceo, mas para a terra da perdiçaõ: ſe pois enfermou Baſan, e o Carmelo: ſe cahio a flor do monte Libano; que eſperais, ſenaõ que os montes ſe cõmovaõ, que os outeiros ſe affolem, que a terra ſe confunda, e que o inferno vos ſobverta? Virá ſobre vós o juizo de Deos; que iſto come, quem indignamente come o Corpo de Chriſto: e virá ſobre vós a condenaçaõ eterna; que iſto he o juizo de Deos, que comeſtes indignamente. Proveſe pois cada qual a ſi meſmo, olhe para a ſua conſciencia, veja quem he, e a quem vai receber todos os dias; e quando a conſciencia o naõ reprehenda, e o coraçaõ ſuſpire, e tenha ſede daquella fonte de agoas vivas, lave-ſe na confiſſaõ, e ſatisfaça o que puder, e chegue-ſe com confiança ás celeſtes dilicias daquelle Divino banquete. Mas que chegue o máo Sacerdote, que pela culpa mortal he mais feyo, que o demonio, mais cujo, torpe, e abominavel, que tudo quanto o póde ſer; que chegue ſem ſe confeſſar ou com confiſſaõ ſacrilega a tomar nas ſuas maõs a Deos! a Deos, que nas Eſtrellas do Ceo naõ achou limpeza, que no luzeiro da manhaã vio eſcuridades! oh que horrenda, oh que medonha couſa! Hum S. Franciſco meu Padre, crucificado para o mundo, naõ ouſou ver ſe com a dignidade Sacerdotal: hum S. Boaventura,

Nahum 1. 6.

Nahum 1. 4.

1. Ad Corint. 11. 29.

ventura, que ardia como Serafim em levaredas de amor de Deos, se retirava de cõmungar a miudo: hum Santo Agostinho, nem o louva, nem o vitupera: e hum peccador miseravel se chega a este altissimo Sacramento com hũa facilidade, com huma ousadia taõ grande, e tanto sem escrupulo, como se fora só a comer hum pouco de paõ, ou huns aparos de hostia! E talvez com mayor desprezo, e fastio deste manjar eterno, que de qualquer vil iguaria das mesas temporaes, e profanas; oh lastima, oh ignorancia, oh deventura da mundana cegueira!

Ezech. 34. 2. Mas, ay de vós, Sacerdotes, que depois de vender a Christo por vilissimo preço, fazendo calvario dos altares, crucificais a Christo quãtas vezes podeis! Ay de vós Pastores do Povo de Deos, que vos apascentais a vós mesmo, e deixais espalhar as vossas ovelhas, e o rebanho do Senhor pelas vias do engano, e da perdiçaõ, sem que vos dè cuidado vè las andar perdidas por valles, e por outeiros, sem reduzî-las dos descaminhos, por onde se perdem, ou se expõem a ser devoradas de todas as féras do campo; e sem vos lastimardes dos miseraveis ballidos, com que as ovelhinhas perdidas accusaõ vosso descuido! tirais-lhes a laã, comeis-lheso leite, matais a que he mais pingue, e naõ as apascentais; naõ fortaleceis o enfermo, naõ sarais o doente, naõ soldais o quebrado, naõ reduzis o desencaminhado, nem buscais o perdido; mas com severidade tratais só do imperio, do poder, e da conveniencia; por isso descerá sobre vós a ira de Deos, e em aquelle dia de trevas, e de escuridoens, e de nuvens sereis tambem apartados para o lugar da maldiçaõ, pagando eternamente as abominaçoens, que fizestes na casa de Deos, e em seus altares: *Multiplicavit Ephraim altaria ad peccandum: facta sunt ei ara in delictum.*

TOQUE IV.

Similiter eos, qui exasperant, qui habitant in sepulchris.
Psalm. 67. 7.

CLAMOR IV.

Dos peccados dos Religiosos.

O Mesmo succederá áquelles, que exasperaõ, e indignaõ a justiça de Deos; áquelles, que moraõ nos sepulchros. O sepulchro [como diz Hugo Cardeal] he figura das Religioens, adonde moraõ, ou deviaõ só morar, os que vivem como mortos para os gostos do mundo: *Sepulchrum significat Religionem, in quo habitant, qui mortui sunt mundo*; porque vestir Hug. C. hic. mor.

ſtir a librè dos mortos, e buſcar as vaidades da vida; trazer em vida ás coſtas a mortalha, que he inſignia do deſengano, e deſacreditar o deſengano, buſcando com a mortalha ás coſtas os enganos do mundo, que he ſenaõ exaſperar a Deos, com quem no mundo pudera ter mais alguma deſculpa a noſſa fragilidade, ſe naõ viera a zombar de Deos com os memoriaes da morte, quem pudera paſſar a vida no eſquecimento do ſeculo? Se viramos hum homem morto ſahir da ſepultura; ſe viramos hum amortalhado erguer-ſe de huma cova, que ſuſpeitariamos delle, ſenaõ que vinha a mover-nos a contriçaõ, a prégar-nos penitencia, a reprehender-nos vicios com ſemblante medonho, com repreſentaçoens triſtes, e com vozes do outro mundo? Conſiderando iſto nas meſmas penas do inferno o rico Avarento, dizia a Abraham: Mandai lá ao mundo hum dos que eſtaõ no inferno, ou na regiaõ da morte, para que prégue aos homens o deſengano da vida; e devendo ſer iſto aſſim, vemos que ſuccede de ordinario o contrario. Sahem dos ſepulchros Religioſos com habito de mortos, os que ainda vivem no mundo; e havendo de ſer com obras, e palavras todos linguas do deſengano, todos brados da penitencia, e todos exemplares das virtudes; ſaõ quaſi todos vozes, que inculcaõ o engano em que vivem, da ambiçaõ que praticaõ, da relaxaçaõ em que vivem, e eſcandalo das virtudes que naõ praticaõ: oh que iſto ſobre tudo exaſpera naõ ſó os olhos, e ouvidos dos mortaes, mas os do meſmo Deos! como diz por David o Eſpirito Santo, ainda que taõ ſuccintamẽte; porèm a gente de ordinario naõ pecca por ignorancia, baſtaõ muito breves advertencias: *Similiter, &c.*

Luc. 16. 30.

TOQUE V.

Pulvis es, & in pulverem reverteris. Geneſ. 3. 19.

CLAMOR V.

De quanto importa a lembrança do que ſomos, e do que havemos de ſer.

HOmem miſeravel, lembrate que ès hum pouco de pó, e cinza, e que niſto te has de cõverter: olha para teus pays, e avós deſde o principio do mundo; conſidera os mayores Principes, e Monarchas q̃ houve em toda a redondeza da terra; cuida na mayor idade, na mayor valentia, na melhor ſaude, q̃ gozaraõ alguns dos filhos do ſeculo; contempla na mayor fortuna,

tuna, na mayor gloria, na mayor gentileza, que floreceo na vaidade humana; e fazendo finalmente na tua memoria hum dia de juizo, tendo nelle á vista todo o mundo, todos os homẽs, e todas as idades, que se te representaráõ em hum instante; dize-me, que foy feito finalmente de huns, e outros? em que parou toda aquella maquina de seus pensamentos vaons? em que se resolveo a mayor pompa, e grandeza de sua condiçaõ caduca? acharás em breve espaço, que tudo se converteo em terra, se desfez em pó, e se resolveo em cinza; porque estes saõ os extremos infalliveis da nossa mortalidade, e os desenganos ultimos da cegueira humana, e a ultima resoluçaõ da terrena natureza. Deve o homem lembrar-se que he pó, e cinza, naõ só quanto ao corpo, como disse Deos ao primeiro homem do mundo, mas ainda moralmente, quanto á alma, por tres razoens principalmente. A primeira pela vileza; pois assim como a cinza he vil, ainda que a materia fosse preciosissima, assim a alma tambem fica vilissima pela culpa, ainda que seja nobilissima por natureza. A segunda pela difficuldade de resistir; pois assim como a cinza, ou o pó em hum instante se espalha, e naõ póde resistir ao vento, assim o homem sem a graça de Deos naõ póde resistir á menor tentaçaõ. A terceira pela impossibilidade de poder tornar a ser o que foy, porque assim como a cinza naõ póde tornar ao estado de sua antiga materia, assim a alma peccadora naõ póde por si reduzir se ao estado da graça, se naõ lhe sobrevier o superior auxilio.

Na cinza se nos inculca a cõsideraçaõ da morte, pois por ella nos tornamos em pó, e cinza: se em vida nos fazemos em cinza pela consideraçaõ, he infallivel que faça em nós a mortificaçaõ o que havia de fazer a morte; he sem duvida, que nos accusemos logo a Deos, e façamos penitencia por nossos peccados, por leves que hajaõ sido. Leves craõ os peccados de Job, pois eraõ humas poucas de palavras, que affligidamente disse no meyo de suas angustias; e por isso disse a Deos, que se accusava, e fazia penitencia em faisca, e cinza; e isto lhe nasceo delle se considerar similhante ao lodo, á faisca, e á cinza. Job. 42. 6. Job. 30. 19.

Sendo pois o esquecimento da morte o mayor mal da vida, parece que quiz Deos, dando ao homem esta receita, que fosse a memoria da morte o mayor remedio da vida: com esta lembrança dizia S. Paulo, que cada dia morria; porque quem cada dia cuida que morre, morrendo por cõsideraçaõ, vive para 1. ad Cor. 15 31.

ra viver para a penitencia, e
Isai. 38. naõ para a vida. Senhor, dizia a
15. Deos ElRey Ezechias, com a
margura de minha alma, com
penitencia de meus peccados,
cuidarei huma, e muitas vezes
no mal, que gastei todos os an-
nos de minha vida; clamarei
como o filho das andorinhas, e
meditarei como pomba; e don-
Isai. de nasceria ter hum Rey moço
droxim. tanta penitencia? Elle mesmo
13. o diz; que foy cuidar pela ma-
nhaã que naõ chegaria á tarde:
e cuidar hum homem, e esperar
pela morte de huma hora para a
outra, naõ faz só com que faça
penitencia amarga, mas que á
imitacaõ da andorinha, figura
dos contemplativos, porque vi-
vem em hũa terra como estran-
geiras, e voaõ para a sua patria; e
da pomba symbolo dos que me-
ditaõ retirados na solidaõ dos
tumultos do seculo, tenha con-
versaçaõ no Ceo, vivendo ain-
da cá na terra: isto faz o cuidar
na morte; e por isso lhe diz Deos
que se lembre della: mas esque-
cem se della os homens, porque
naõ lembrando-se mais, que de
erguer se como pó vivente, de
que saõ feitos, se deixaõ levar
pelos ares do vento da mundana
vaidade: cuidaõ que saõ grande
cousa, e isto os desvanece, e os
precipita primeiro na culpa, e
depois no inferno! Oh mortaes!
subir muito, e levantar vos mui-
to nos estados do mundo, e nas
felicidades do seculo he o ma-
yor risco, que podeis temer, e o
mayor mal, de que vos podeis
queixar: porque as fortunas al-
tas naõ saõ grandes alturas, mas
saõ quédas altissimas; por isso o
mesmo lhe dizer hum homem
que o puzeraõ sobre as nuvens,
que dizer que o despenharaõ
nos abysmos

Queixava-se Job amarga- Job 30.
mente a Deos, e dizia-lhe as- 21. &
sim: Certo, Senhor, que vos 22.
fizestes cruel cõmigo, e que
me affligis duramente; levantas-
tes-me, e pondo-me sobre os
ventos gravemente me feristes.
E como se queixa tanto Job de
Deos, se a causa de sua queixa
he dizer, que Deos o levantou
tanto, que o pôs sobre as nu-
vens, e sobre os ventos? Taõ
pouco favor lhe fez Deos em o
pôr nessas alturas, sendo hũ bi-
cho da terra, e hum pouco de
pó, e cinza; e que no fim, álem
de se mostrar muito magoado,
se queixe do máo trato, q̃ Deos
lhe fez? Lembro me eu, que pa-
ra David encarecer a magesta- Psalm.
de de Deos, dizia delle, que 103. 3.
andava sobre as pennas dos ven-
tos, e que faz a carroça das nu-
vens. Oh mortaes! tem grande
fundamento, e grande mysterio
explicar Job a sua quéda pela
sua altura, porque as alturas da
humana felicidade que outra
cousa saõ, senaõ humas quédas
altissimas, que se padecem an-
tes

tes que se falle em cahir? O mesmo he subir ao mayor ponto, que haver cahido no mayor damno: o mesmo nome da altura declara o precipicio; porque estados, que naõ saõ mais, que hum pouco de vento, que podem ser, senaõ instabilidade para a duraçaõ, ruina para o gosto, queixa para a lembrança, e dor para o sentimento? Hum homem posto sobre o vento, q̃ he a mesma instabilidade, adonde póde naturalmente vir a parar, senaõ em cahir? Humas felicidades armadas no ar, que podem dar de si a quem he sabio, como Job, senaõ susto, quãdo se lograõ, damno quando se perdem, e dor quando se cuidaõ? Por isso queixe-se Job de se ver levantado, e naõ seja necessario declarar-se cahido; porque como as alturas saõ quédas altissimas, assaz disse que o derrubaraõ, quando disse que o subiraõ.

Se pois nas alturas deste mundo, em que Deos põem aos justos como Job, se sentem, e se padecem taõ grandes quédas, quaes seraõ aquellas, que nos daraõ as felicidades mundanas, em que o demonio nos põem? Só nos sóbe ao pinaculo, para nos crescer o precipicio. O' peccadores, ó mortaes, que fazeis adoraçoens ao demonio, porque vos ponha nas nuvẽs; quem cuidais vós que sois, ou quem presumis que sereis? Pois sabei, e acabai de crer, que naõ he possivel que sejais cousa mais vil do que sois, ainda que sejais os mayores, e os primeiros homens do mundo. O primeiro, e mayor homem do mundo foy Adaõ; a este disse Deos que era pó, e que em pó se havia de converter: mas que mysterio teria, dizendo Deos a Adaõ que era pó, dizer-lhe tambem, que nelle se havia de converter depois da sua morte? para se dar corrupçaõ necessario he que se dè mudança naquillo, que se corrompe, segundo ensinaõ os Filosofos, e mostra a experiencia; porque sem se mudar de ser, naõ se póde dar corrupçaõ; por isso o mesmo Deos está sempre em hum ser, porque he immutavel: logo, se o homem he pó na mesma duraçaõ da vida, como lhe diz Deos que se ha de tornar em pó depois da corrupçaõ da morte? q̃ ha de ficar depois de morto o mesmo que he na vida? Se Deos quer ameaçar, e atemorizar o homem, que ameaço lhe faz? que temor lhe mette em lhe dizer que ha de tornar a ser o mesmo, que está sendo? Se a mayor ambiçaõ dos homẽs he serem sempre o que saõ, como naõ diz o Senhor a Adaõ que ha de vir a ser muito menos do que he? O' peccadores, queria Deos abater a presumpçaõ de Adaõ, queria tirar-lhe da cabeça aquelles

Matth. 4. 3.

Genes. 3. 19.

les fumos de divindade, que lhe fizeraõ taõ grandes vagados, que o fizeraõ cahir em culpa: queria desenganar a vaidade terrena taõ nesciamente desvanecida; e naõ lhe podia fazer mayor horror, nem mayor ameaço, que dizer-lhe que era pó, e que nisto se havia de tornar: he o pó, como materia prima, de que Deos fez o homem; e donde a Escritura diz, que o fez do limo da terra, lê o Hebreo, do pó da terra; esta foy a materia prima, de que Deos fez o homem. A materia prima, diz Santo Agostinho que he a cousa mais vil, que se póde considerar; e S. Bernardo affirma, que naõ ha cousa mais vil, que o limo da terra, de que Adaõ foy formado: se pois agora na vida somos a cousa mais vil, que póde haver, e ainda depois de corruptos pela morte em quanto ao ser terreno; naõ podemos ser cousa peyor, do que estamos sem a vida; como naõ desfazemos esta poeira, que levantou o vento da nossa vida, ou da nossa vaidade para nos cegar os olhos do entendimento? Cahi pois na tazaõ, ó peccadores, antes que caya sobre vós a ira de Deos: ponde na cabeça essa cinza, e esse pó, que isso he pô-lo na memoria; lembrai-vos da morte, e escapareis do castigo; porque quem pela consideraçaõ da morte mostra que está feito em cinza; e assim como a cinza naõ póde ja arder no fogo, assim vós naõ podereis arder no do inferno: vede que sois peccadores, e terra que anda pelos ares levantada contra Deos, e para applacar-lhe a ira he necessario cahir no que sois, ou no que haveis de ser: quem cahe no que he, ou no que ha de ser, faz-se outro homem, e naõ he o que dantes era; se he Christaõ, que he o mesmo, que imitador de Christo, em cahindo no que he, ou no que será, naõ só vive como naõ vivia, mas vive nelle o mesmo Christo.

Aug. t. 1. l. 12. Confes. c. 7. in fin. S. Bern. tom. 1. Serm. 4. in Virg. Nativ. admed.

Gal. 2. 1. 20.

Ja naõ sou quem dantes era, dizia S Paulo: sou Christo, porque Christo vive em mim. Se o Apostolo pouco tempo ha se levantou contra Deos, e como pó soberbo, que voa pelos ares, vinha bebendo os ventos ao mesmo Sol da justiça, contra quem se oppunha, como em taõ breve tempo tanta mudança, taõ grande differença! Em quanto Paulo foy Saulo era pó, que vinha voando contra Deos, levantado com o vento da vaidade; mas tanto que ouvio a voz de Deos, cahio no que era, e no que havia de ser, cahindo em terra; e por isso ja naõ he quem antes era, porque naõ vive, como d'antes vivia, mas vive como hũ Christo crucificado para o mundo, morto para a vida, e vivo só para Deos. Eis-aqui, Fieis, o que faz o ca-

1. Ad Timot. 1. 13. Act. Apost. 9. 1.

o cahir na razaõ, e o cahir no que ſois, e no que ſereis! Vede que andais levantados contra Deos: vede que pela ſua voz, que iſto ſaõ os Prégadores, vos pergunta, como a Saulo, porque o perſeguis. Creou-vos, redemio-vos, conſerva-vos, ſuſtenta-vos, chama-vos, quer ſalvar-vos, ſoffre-vos, podendo caſtigar-vos, eſpera-vos, podendo condenar-vos, e cõvida-vos, podendo ſobverter-vos; ſe vos faz cahir em algum dãno temporal, he, para que vendo-vos por terra com as miſerias da vida, vos lembreis do que ſois, do que ſereis, e daquelles bens eternos, q̃ dá a quem em vida morre para o mundo: em que juizo cabe pois que, tendo vontade; naõ tenhais alvedrio? que tendo entendimento, naõ tenhais memoria para vos lembrar do que importa, e para vos reſolver no que vos convem, conhecendo, ou com o deſengano da vida, ou com a memoria da morte, quanto deveis a Deos, quanto vos convem ſervî-lo, e quanto vos importa ſalvar-vos?

Dir-me-heis, que para chegar a ſer pó a materia, que nelle ſe reſolve, primeiro he fogo, depois fumo, dahi a pouco levareda, logo braza, e ultimamente cinza; mas que ſem eſtarem exhaladas aquellas porçoens terreſtres neſtas antecedencias, he impoſſivel moral, aſſim como he natural, que vos convertais, os que ſois troncos verdes, naquelle pó: ſer caduco, ſem que ſe dè ao tempo o q̃e he do tempo, impoſſivel tambem parece, e que por iſſo he força, que primeiro vos accendais no fogo para arder, e que vos deſvaneçais, como fumo, ardendo nas chãmas do amor proprio, e que ultimamente vos deſenganeis com as cinzas da morte. Oh Chriſtaõs, deixar para a hora da morte o mayor negocio da vida, he final de reprobos, e preſcitos: é certo, que pudereis convencer-me, ſe como he neceſſario para chegares a ſer cinza, naõ pudereis com todas eſſas couſas ſervir a Deos: porèm he certo, que com todas ellas o podeis ſervir, ſe mudardes o objecto de voſſas acçoens, ardendo no fogo do amor de Deos, ſubindo ao Ceo em fumo de oraçaõ, abrazando o mundo com levaredas de eſpirito, e renaſcer nas cinzas para a vida da graça: mas querer os incendios ſó para a ſenſualidade, os fumos para a vangloria, as chãmas ſó para luzir, e as cinzas ſó para acabar; oh que he zombar de Deos, adulterar a razaõ, e apreſſar o inferno! Naõ he miſeria da natureza, he progreſſo da malicia; e malicias, que ſe chegaõ a fazer natureza, até da meſma fragilidade fazem obſtinaçaõ.

Mas que razaõ terá o Senhor

para dizer aos homẽs na peſſoa do primeiro homem do mundo, que ſe lembrem que ſaõ pó, e que em pó ſe haõ de tornar, ſe a memoria [como querem os Filoſofos] he huma lembrança das couſas paſſadas, e o Senhor lhes mãda ter memoria do que ſaõ de preſente, e do que haõ de ſer de futuro? Oh mortaes, ſe os homens quizeraõ entender bem a Deos, viraõ nas meſmas palavras do Senhor, que a memoria das couſas da vida, do preſente faz paſſado; e a memoria das couſas da morte, do que he futuro faz preſente: ſendo pois a memoria huma lembrança do paſſado, mandar lembrar a hum homem do que eſtá ſendo, que he, ſenaõ moſtrar-lhes que ja paſſou o meſmo que ainda he? e mandar-lhe, que ſe lembre do que ainda naõ he, que he, ſenaõ querer que ſeja logo, o meſmo que ha de ſer? Taõ preſentes deviaõ trazer os homens as couſas que haõ de ſucceder-lhes, que ja lhes pareça que as paſſaõ; e taõ paſſados lhes haviaõ de parecer os goſtos que poſſuem, e os males que padecem, como ſe ja naõ foraõ, nem exiſtiraõ. Mas a que fim ſe encaminhará toda eſta confuſaõ de tempos? A nenhuma outra couſa, ó mortaes, ſenaõ a que vivais por conſideraçaõ, como ſe já eſtivereis na ſepultura: da vida paſſada, ſe vivemos mal, nenhuma couſa bõa nos fica, ſenaõ o arrependimento; da morte futura, ſe fazemos conta de acabar bem, naõ temos outra couſa bõa, mais que o deſengano: ſe pois, vendo o mal que vivemos, eſtamos arrependidos, vivemos, como ſe naõ viveramos para o mundo; ſe attendendo a como acabaremos, eſtamos deſenganados, eſtamos como mortos para a meſma vida; eſtando mortos para a vida, naõ tratamos da vida, tratamos da alma; eſtando mortos para o mundo, naõ tratamos do mundo, tratamos do Ceo; ſe tratamos do Ceo, no Ceo he a noſſa converſaçaõ; ſe tratamos da alma, os negocios da alma ſaõ o noſſo cuidado: e como entaõ todo o preſente ſe acha como paſſado, e todo o futuro ſe conſidera como preſente, dos bens preſentes, q̃ nos offerece o tempo, naõ fazemos cazo, como de couſa que ja paſſou, e que ja naõ he; dos males futuros fazemos conta, como couſa, de que nos pedem conta, e que a eſtamos ja dando: porque o eſquecimento do preſente faz com que o homem ſe naõ ate mais nas prizoens da vida; e a repreſentaçaõ do futuro faz com que viva como ſe ja eſtivera ás portas da morte. Dizia Ezechias: Eu diſſe: No meyo de meus dias irei ás portas do inferno. Se cõfeſſa Ezechias que eſtava no Iſai. 38. 10.

me-

meyo dos dias de ſua vida, como diz, que morreria antes de gozar a outra ametade, que ainda lhe faltava de vida? E ſe conta os dias de vida, que tem de preſente, como falla de preterito: Eu diſſe? Mais: Diz o meſmo Rey Ezechias vendo-ſe nos ſeus males por hũ fio: Cortada eſtá a minha vida como fio de tear: ainda agora eu ordia, ou principiava, e ja mo cortou a morte: ſe pois naquelle, agora, moſtra que tinha a vida de preſente, como falla em que lhe fora cortada de preterito? E ſe ainda eſtava com vida, como chora ja a morte futura, como ſe a tivera preſente? Oh mortaes: o meſmo Ezechias deo a razaõ nas primeiras palavras: Eu diſſe: (dizia elle) No meyo de meus dias chegarei ás portas do inferno: eſta morte que lhe havia de ſucceder, fez-ſe lhe preſente pela repreſentaçaõ; por iſſo fallou na morte futura, como couſa ja preſente: a vida, que ainda tinha de preſente, repreſentou-ſe-lhe perdida pela conſideraçaõ da morte; por iſſo a lamentou como couſa paſſada: tinha preſente a vida, pois eſtava entre o paſſado, e entre o futuro, que iſſo he o meyo de ſeus dias; mas como a aprehenſaõ do que havia de ſer o naõ deixava focegar no que era; como o temor do que era, lhe dava a entender que ja naõ era o meſmo que eſtava ſendo, os agoras pareciaõ antes, os depois repreſentavaõ ſe-lhe agoras, cada logo do temor era hum ja da morte; cada memento da morte era hum depois da vida; eis-aqui o que faz ainda em vida a memoria da noſſa mortalidade: eis-aqui o que faz antes da morte o deſengano da vida: ſe nos lembraramos, como era razaõ, do que nos ha de ſucceder, tiveramos preſente o futuro; ſe nos acordaramos do que ſomos, tiveramos o preſente por paſſado; e ſe nos naõ eſqueceramos do que ſomos, conheceramonos de preſente por hum nada, por huma cinza, por hum pó.

Iſai. ibi. 12.

Mas ſe o homem he pó em quanto vive, e ſe naõ he mais que pó em quanto morre, para que lhe faz Deos eſta ſegunda lembrança, ſe nada nella lhe accreſcenta de novo? Se diſſera, que o homem na morte havia de ſer menos que pó, que em vida eſtá ſendo, como he effeito da corrupçaõ, bem eſtava; porèm dizer-lhe Deos, q̃ no tempo da mortal corrupçaõ ha de ſer o homem o meſmo que de preſente he na vivente conſervaçaõ, álèm de naõ parecer ameaço, tem apparencias de ſuperfluidade, que em Deos ſe naõ póde dar, por ſer vicio; como logo; ſendo o homem pó em quanto vivo, e pó em quanto morto, que differença haverá

em hum, e outro tempo? A differença he, a meu ver, que os homens em quanto vivos saõ hũ pó levantado, e os homens depois de mortos saõ hum pó cahido: o pó levantado da-vos nos olhos, quja vos, e enxovalha-vos, e vai todo em hũa poeyra, até que vem a cahir, e o pó cahido metteſe-vos debaixo dos pés; confunde-ſe com a terra, e naõ vos aggrava os olhos; alli ſe deixa eſtar onde o vento o deixou cahir: pó ſomos todos na vida, e pó depois da morte; em quanto dura o ſopro da noſſa vida, que he vento: *Ventus eſt vita mea*, ſomos pó levantado por eſſes ares; mas em ceſſando de reſpirar o ar da vida, ficamos pó cahido por eſſa terra; e vai tanta differença de hum cahido a hum levantado, que ninguem chega a ver-ſe levantado, ainda que ſeja do vento, que ſe naõ julgue, naõ ſó vivente, mas huma couſa grande, e eterna; ninguem chega a eſtar cahido, que naõ ſó ſe julgue acabado, mas tambem extincto de todo: eis aqui logo a razaõ da differença, porque o Senhor diz, que o homem he pó differente na vida, e na morte; e porque lhe manda, que em quanto vivo conheça que toda a ſua imaginada grandeza, ſoberania, e oſtentaçaõ he tudo hum pó levantado com o ſopro do vento da vida; e que ſe acorde que em morrendo ſerá pó cahido com a falta da reſpiraçaõ da vida; e com a mortal corrupçaõ ficará pó confundido com a terra, da qual antes da morte, o trazia ſeparado hum pouco de vento da vida.

Job 7. 7.

Se pois ſendo o homem pó, Deos o ameaça com dizer lhe, que em pó ſe ha de tornar; que caſtigo vem a dar Deos aos homem convertendo-o no meſmo que he? aonde vai aqui a pena, aonde eſtá o caſtigo? O' mortaes: grande pena, e grande caſtigo he iſto, que vos parece o naõ he: vai muita differença em Deos fazer, e em Deos desfazer: hum pó feito homem por Deos, he a melhor couſa que Deos fez; e hum pó desfeito pela ira de Deos, he a peyor couſa que póde haver: fez a infinita bondade, e miſericordia de Deos do pó ao homem, obra taõ excellente, e perfeita, como couſa das maõs de Deos; desfez a ira de Deos o homem em pó, porque levantando ſe a mayores naõ quiz obedecer a Deos: o pó feito homem por Deos, era a melhor couſa do mundo na ſua graça; o homem desfeito em pó pela ira de Deos, depois de cahir em peccado, ficou o peyor de tudo; porque [como diz Santo Agoſtinho] o peccador fica reduzido a hum nada: *Nihil fiunt homines cum peccant*; e qualquer couſa, por infima

Pſalm. 8. 7.

Aug. t. 9. trat. 1. poſt med. in Evang. Joan.

infima que ſeja, he mais que nada. Oh quanto devemos temer, que a ira de Deos desfaça em pó o homem, que do pó creou a ſua miſericordia, porque naõ quizemos obedecer a ſeus preceitos! Haja pois em nós huma continua memoria do que ſomos pela miſericordia de Deos, para que naõ haja em nós culpa, que provoque a ira de Deos a desfazer o que fez a ſua miſericordia: que para nós aviſa o Senhor na peſſoa do primeiro homem, dizendo: *Pulvis es, & in pulverem reverteris.*

TOQUE VI.

Homo ſicut fœnum dies ejus: tanquam flos agri ſic efflorebit. Pſalm. 102. 15.

CLAMOR VI.

Conſidera-ſe a vileza do homẽ: e o pouco q̃ dura a ſua vida.

COmpara David com o feno a vida do homem, que iſto ſaõ os ſeus dias; para que vendo os humanos na fragilidade do feno a fragilidade da ſua vida, achem o deſengano da ſua vaidade no meſmo ſujeito, aonde a ſua vaidade achou o ſeu engano, e daqui paſſem a conſiderar, que ſe os deſenganaõ aquellas meſmas couſas, que os coſtumaõ deſvanecer; que faraõ aquellas, que os coſtumaõ deſenganar, abater, e advertir? Engana aos mortaes, e deſvanece os a flor da ſua idade, e a verdura dos ſeus annos, dando-lhes a preſumir, q̃ quem começa a florecer, muito tem para durar; que quem principia a reverdecer, muito tem para luzir, antes que ſe chegue a ſeccar: deſengana os depreſſa o ſeu meſmo engano; pois na vida do feno, que reverdece, na duraçaõ da flor, que mais pompoſa naſce, vem quam depreſſa ſe acaba a vida; vem a flor quam pouco eſpaço dura: para q̃ ſoubeſſem iſto os homens, mandou Deos ao Profeta Iſaias, que clamaſſe ao ſeu povo; e perguntando-lhe o Profeta que havia de dizer: Clama [lhe reſponde o Senhor] dizendo-lhe, que todo o homem he feno, e toda a ſua gloria como flor do campo; ſeccou-ſe o feno, cahio a flor, e acabou-ſe a gloria em hũ breve inſtante, porque o meſmo Eſpirito do Senhor, que em hum ſopro lhe inſpirou a vida, tambem lha tirou com outro ſopro: e foy a cauſa naõ fazerem os homens aquillo, para que Deos os fez. Iſai. 40. 6.

Eis-aqui o que ſaõ os homens mais preſumidos de quem ſaõ, e os mayores homens do mundo, ſaõ hum feno viliſſimo, que na terra naſce, depreſſa reverdece, e ſubitamente morre: eis-

aqui o q̃ he a vida dos homens, huma flor taõ fragil, que o frio a fecca, o Sol a murcha, o vento a arrebata, os brutos a pizaõ, e os bichos a comem; sem que lhe valha o privilegio da formosura, a authoridade da pompa, ou a virtude da fragrancia, para que o mundo a respeite, o tempo lhe perdoe, e a morte a naõ castigue: parece-lhe a alguns homens do mundo, que naõ saõ feno, como os outros homens, ou pelo valor do nascimento, ou pelo feitio da fortuna, ou pelo preço que lhes dá a estimaçaõ; mas oh que he engano manifesto! tudo he feno; só ha esta differença entre huns, e outros homens; assim como entre hum, e outro feno: ha huns homens, que estaõ na mayor altura que os outros homens; porque tambem ha hum feno, que está posto em mayores alturas, q̃ o outro feno; porèm com esta pensaõ, e com esta condiçaõ, que assim como o feno dos lugares altos antes de chegar a morte parece que perde a vida, e antes que lhe façaõ damno perde a sua pompa: assim os homens, que estaõ em mayor esfera; antes que lhe façaõ violencia perdem a felicidade; e antes que cheguem naturalmente á morte, parece que se lhes acaba a vida. Exclamando David contra seus inimigos dizia assim: Confundaõ-se os peccadores, e façaõ-se como feno dos telhados, que se seccou primeiro, q̃ o arrancassem: e que parecer tinhaõ com a altura do feno dos telhados os inimigos de David, para que o imitassem na ruina de caducos antes de arrancá-lo a violencia; e na desgraça de acabar antes do tempo da morte? Oh mortaes, muito parecer tinhaõ estes inimigos de David com o feno dos telhados: o feno dos telhados faz a sua fabrica sobre os edificios terrenos, os homens soberbos, como os inimigos de David, tambem fazem suas fabricas sobre os edificios humanos, que por isto entende Santo Hilario os corpos dos homens: o feno punha os pés de suas raizes sobre os telhados, os inimigos de David punhamos fundamentos da sua soberba sobre a altura de suas pessoas: se pois estes peccadores imitavaõ aquelle feno na soberba da elevaçaõ, porque o naõ imitariaõ tambem no modo do castigo: antes que haja quem os arranque pela violencia, haõ de perder a pompa; e antes que chegue naturalmente a morte, haõ de perder miseravelmente a vida: porque naõ soffre Deos que durem muito tempo huns homens, que fiados na altura de suas pessoas, querem metter debaixo dos pés todos os outros homens: desconhecem a natureza, sahem da sua esfera, querem sempre viver das

Hilar. super Psalm. 128.

Psalm. 128. 5. & 6.

telhas

telhas acima; pois cayaõ de cabeça abaixo, morraõ antes de tempo, e ſem que outrem lhes faça damno, pereçaõ ás maõs da ſua meſma vaidade, para que ſeja a ſua culpa inſtrumento do ſeu caſtigo.

Chamaõ os homens flor da idade á primavera da vida; e com razaõ lhe chamaõ flor, porque toda a duraçaõ dos annos deſta vida caduca, toda a repetiçaõ das primaveras da mais florida idade, naõ ſó tem a fragilidade da flor na mais tenra idade; mas apenas tem a idade de huma flor na mayor duraçaõ da vida. Fallando Job na vida do homem diſſe, que eraõ breves os ſeus dias. David dizendo os dias da vida humana, comparou-os ao feno, e á ſua flor; porèm ſe a vida do feno he taõ caduca, e a da flor taõ breve, que ainda naõ dura hum breve dia; e ſe os dias do homem fazem annos; ſe a idade de huma flor naõ chega a fazer hum dia, como diz Santiago: como ſe contaõ os dias da vida dos homens pelos inſtantes da vida da flor do feno, que morre antes do meyo dia? Oh mortaes, todos os annos do homem ſe contaõ por hum dia, porque naõ valem mais de hum dia os mais compridos, e os melhores annos do homem, e a razaõ he: porque os annos da vida naõ ſe contaõ pelo que ſe tem, ſenaõ pelo que ſe vive; os annos, e dias que paſſaraõ, ja ſe naõ vivem; os que ainda naõ chegaraõ, naõ ſe vivem ainda, e por iſſo ſó vivemos o tempo que temos preſente, e naõ o preterito, nem o futuro: e por tanto quando muito em hum dia ſe cifra toda a noſſa vida. De cento e vinte annos ſou hoje (dizia Moyſés ao ſeu Povo deſpedindo ſe delle antes de morrer) como ſe diſſera: Cento e vinte annos que vivi, he ſó hum dia de hoje; e ainda eſſe dia ſe reduz ao inſtante preſente, que ſó eſſe ſe eſtá vivendo: e aſſim nem os antes, nem os depois podemos contar de vida, porque huns ſe foraõ, e ſó deixaõ quando muito a ſaudade de paſſados; os outros ainda naõ vieraõ, nem daõ outra couſa, mais que huma ancia de preſente, e huma eſperança de futuro: ſe pois ſe naõ póde affirmar, que ſe goza nada de vida, mais que hum agora; que importa haver vivido cento e vinte annos, ou muitos menos; que aproveita ſer a idade mais larga, ou mais breve, ſe a vida do homem he ſó agora? Eis-aqui como a vida do homem convem com a vida da flor do feno, que apenas amanhece com vida, quando ao naſcer do Sol entra já nas agonias da morte.

E ſendo taõ fragil, momentanea, e de pouca dura a vida do homem, ha de entender ſe da vida

Job 14. 5. Pſalm. hic.

Jacob. 1. 10. & 11.

Deut. 31. 2.

Jacob. 1. 10. & 11.

Chryſ. tom. 2. in 2.

Expoſ. in Mat. homil. 45. in initio.

vida do homem juſto, do que vive na graça do Senhor: porque o peccador, que anda em peccado mortal, nem hũ inſtante tem de vida. Diz S. Joaõ Chryſoſtomo, que os corpos dos peccadores ſaõ ſepulchros de mortos, porque a alma eſtá morta no corpo do peccador: andais ſepultados, ó peccadores, dentro de vós meſmos, porque mortas andaõ voſſas almas dentro de voſſos corpos em quanto viveis em peccado: eſtaõ poſtas voſſas almas neſtes ſepulchros, porque ſendo o amor de Deos, como diz Santo Agoſtinho, o calor natural de que as almas vivem, aſſim cõmo as almas o ſaõ dos corpos; faltando vos eſte amor de Deos, falta-vos o calor natural, e morrem miſeravelmente: de que ſe ſegue, que nada tendes de vida, ſe nada tendes do amor de Deos: ſois feno, que em hum inſtante naſce, e em outro morre: ſois flor, que em hum momento luſtra, e em outro acaba.

Aug. tom. 10. Serm. 18. de verb. Apoſt. in med.

Mas ainda aſſim parece a muitos homens, que ſem myſterio comparou David o homem á flor do campo, e naõ á flor do jardim: porèm com grande myſterio o fez, porque nenhuma outra couſa quiz David neſta comparaçaõ, mais que perſuadir aos homens a humildade, e deſprezo da vida; porque a flor do jardim cria ſe com vicio, e he tratada com grande mimo, aſſeyo, e reſguardo; e ainda depois de colhida, em ſinal da eſtimaçaõ, que della ſe faz, a trazem nas palmas, e a põem ſobre a cabeça: naõ aſſim a flor do campo por mais formoſa, q̃ ſeja, alli meſmo donde naſceo, e donde mais luſtra, ahi a pizaõ, e mettem debaixo dos pés. E juntamente quiz David neſta comparaçaõ dar a entender aos homens, que naõ ha nelles mais que huma vida, que he pouco mais de nada; e taõ pouco tem o homem de ſeu, ainda que tenha quanto ha no mundo, que em tendo parecer de homem nem por ſonhos dura, dentro de hum inſtante, como flor de feno, ſe reſolve em nada. Appareceo aquella Eſtatua de Nabuco, taõ ſoberba na grandeza, taõ arrogante na excellencia, e taõ pompoſa no apparato, que até a hum dos mayores Monarchas do mundo aſſombrava, e fazia roſto; mas baſtou ter figura de homem, para que ſendo a ſua vida apenas ſonhada, em hum momento ſe viſſe nas maõs da morte convertida em menos, que nada, ſem apparecer da ſua grandeza, riqueza, e oſtentaçaõ, nem huma leve reliquia: para deſenganar em figura as mayores affiguraçoẽs da vaidade humana, e moſtrar-lhe, que nem por ſonhos era de dura; pois apenas tinha dado de ſi hũa viſta

Dan. 2. 31. &c.

ſta de olhos, quando a toque de huma pedra, que foy pedra de toque dos melhores metaes do mundo, moſtrou o que elles ſaõ; pois moſtrou dentro de hum fechar de olhos, qué nada era tudo; pois a fidalguia do ouro, a nobreza da prata, a valentia do bronze, e o valor do ferro ſe reſolveo em nada. Saõ ſonho, ó mortaes, todas eſtas maquinas de ouro, e prata, com que quereis na voſſa imaginaçaõ, ou na voſſa poſſe ter hum mundo inteiro, ou os imperios de todo o mundo, que iſto repreſentava a Eſtatua: aſſim tambem todos ſois feno, e de tanta dura, e valor como a flor do campo; e ainda que huns ſejais feno com mais flor, e flor com mais pompa, que os outros, tudo em fim he feno, e tudo huma vil flor do campo: *Homo ſicut fœnum dies ejus: tanquam flos agri ſic efflorebit.*

TOQUE VII.

Quid eſt homo, & quæ eſt gratia illius? Eccleſiaſt. 18. 7.

CLAMOR VII.

Vè-ſe o nada, que he o homem quanto ao ſer terreno, e immortal ſem Deos.

QUe couſa he o homem? perguntava o Eccleſiaſtico: e que tem o homem de ſeu, para que ſe perſuada que he alguma couſa? O homem mortal, diz hum douto, que he como empola de agoa; porque aſſim como a empola de agoa naõ he mais que huma inchaçaõ vaſia, que ſe vè nas agoas apenas apparente, quando ja deſvanecida; aſſim o homem peccador com huma pouca de vaidade, que he o ar, que lhe entra, mal repreſenta o engano de ſuas apparencias vaãs, quando deſfaz a fragil pompa de ſua oſtentaçaõ aerea, e de ſua preſumpçaõ caduca. Vaſo de barro chama S. Paulo ao homem; porque aſſim como o vaſo de barro, ou ſeja novo, ou velho, igual perigo tem de quebrar em chegando a cahir: aſſim o homem, ou ſeja moço, ou velho, igualmente póde morrer em cahindo em qualquer mal: he

Varro apud Calep. verb. Bulla.

2. Ad Corint. 4. 7.

he como as Eſtellas do mar; porque aſſim como eſtas ao parecer ſaõ Eſtrellas, naõ ſendo na realidade mais, que humas ſombras, e reflexos das Eſtrellas do Ceõ: aſſim tambem o homem, ſe he juſto, he huma ſombra, e ſimilhança de Deos, e nada per ſi proprio, e pela culpa, nada, pois por ella a ſombra ſe vai, e a ſimilhança de Deos ſe perde, ainda que a imagem fique: he como ſombra o homem; porque aſſim como a ſombra, que vai fugindo, vai deſapparecendo, ſem deixar algum final de ſi: aſſim o homem, que vai vivendo, vai acabando, ſem deixar algum veſtigio daquella vida, que apenas ſe nos repreſenta em leve vágado de ſombras, quãdo morre como de accidente em breve eſimera de nadas: he como a eſcuma do mar, que ſe levanta viçoſamẽte ſobre as ſuas agoas, e qualquer onda a derruba, e a deſvanece: he hum bocejo da terra, que ſóbe vapor para morrer em fumos: he hum fumo, que o ar eſpalha, huma folha, que o vento leva, fogo, que ſe converte em cinza, cinza que ſe desfaz em pó, pó, que ſe muda em lodo, lodo, que ſe torna em terra, e terra, que ſe converte em nada: e que ſendo tudo iſto, e muito peyor que iſto o homem mortal, e miſeravel, e ſujeito a mayores miſerias, e deſaventuras por ſeus peccados, haja de ter-ſe em grande conta, vivendo em culpa? e haja de fazer muito caſo de quem he, naõ vivendo em graça? O juſto naõ ſe ſabe reſolver ſe he digno de odio, ſe de amor de Deos, e enſoberbece-ſe o pó, e cinza, ſendo o termo ultimo da vileza, e da obominaçaõ?

Job 14. 2.

Job 23. 25.

Eccleſ. 9. 2.

Ah Senhor! [dizia David a Deos] trazei as gentes a juizo, e ſaibaõ que ſaõ homens: porèm ſe os peccadores de nenhũa couſa ſe jactaõ tanto, como de ſerem homens, como he neceſſario que venha ſobre elles hum dia de Juizo, para que ſe conheçaõ por homens? Naõ fora melhor dizer o Profeta: Para que conheçaõ os humanos, que ſaõ pedras na dureza, brutos no appetite, arvores na elevaçaõ, pois abominava nelles a ſoberba, obſtinaçaõ, e demaſia? Oh mortaes! excellentemente diſſe David. Diffinindo Job que couſa era o homem, diſſe, que era huma pouca de podridaõ. Que ria David que os homens conheceſſem, que ſaõ huma podridaõ, que vive, huma immundicia, que ſe doura, e huma corrupçaõ, que ſe eſtima: ſe os homens ſe tiveraõ por arvores, ainda que os condenara a ſua elevaçaõ, pudera enganá-los o darem algum fructo: ſe ſe conheceraõ por féras, quando os malquiſtara a fereza, a brutalidade os deſculpara: ſe ſe conſi-

Pſalm. 9. 22.

Job 25. 6.

derараõ

deraraõ pedras, a duraçaõ os cõfiara, ainda que a dureza os reprehendera: pois, para que nem a duraçaõ os confie, nem a brutalidade os deſculpe, nem o darem algum fructo os engane, ſaibaõ que ſaõ podridaõ, e naõ pedras; conheçaõ que ſaõ immundicia, e naõ brutos; vejaõ que ſaõ corrupçaõ, e naõ arvores: e conheçaõ finalmente os mortaes, que naõ ſaõ gente, pois
Pſalm. ſup. ſaõ homens: *Ut ſciant gentes, quoniam homines ſunt*; porque ſendo homens, ſaõ huma podridaõ corrupta, hũa immundicia nojenta, e huma corrupçaõ aſcoroſa, que foy nada ha pouco tempo, que eſtá ſendo pouco mais de nada, e que em breve ſerá couſa nenhuma: hontem hum favor do poſſivel, hoje hum perigo do futuro, á manhaã hũ medo do preſente: hum póde ſer, antes que foſſem, hum naõ ſeraõ, agora que eſtaõ ſendo; e hum foraõ, em acabando de ſer: e ſe ſaõ mais alguma couſa, nada ſaõ mais que hum lodo, que vive, huma lama, que luſtra, huma terra, que anda, huma vaidade, que corre, huma mentira, que falla, hum engano, que dura, e huma preſumpçaõ, que mente.

De que pois vos vangloriais homens miſeraveis? Quem cuidais que ſois? Quem preſumis que ſereis? Pois ſabei, e acabai de crer, que em todo o mundo naõ póde haver couſa mais vil, quanto ao ſer terreno, que eſſe meſmo ſer que tendes, e de que tanto vos pezais: toda eſſa fabrica vivente, toda eſſa apparencia formoſa, toda eſſa oſtentaçaõ robuſta, e toda eſſa pompa deſvanecida he couſa taõ vil, taõ baixa, e miſeravel, que nem depois da morte póde ſer peyor, nem mais vil, do que he na mayor gloria, na mayor preſumpçaõ, e na mayor felicidade da vida. Peccou Adaõ, e querendo Deos tirar-lhe da cabeça aquelles fumos vaõs, de que a ſua vangloria fez vágados para o derrubar na culpa, querendo pôr-lhe por terra aquella vaidade neſcia, e deſvanecida, com que andava endeoſado com preſumpçoẽs de divino, diſſe-lhe hum dia: Homem miſeravel, lembra-te que es pó, e qne em pó te has de tornar. Se Deos quer abater os brios de Adaõ; ſe o quer confundir, e humilhar com a vileza do que ha de ſer por caſtigo da culpa, ſe o quer atemorizar com a memoria da morte figurada no pó, e cinza; que ameaço lhe faz, que medo lhe mette, dizendo, que ha de ſer na morte o meſmo, que eſtá ſendo em vida, pois lhe diz, que he pó, e q̃ em pó ſe ha de converter? Naõ era meyo mais efficaz para confundî lo, e para eſtremecè-lo, dizer-lhe, que ſe lembraſſe, que cedo ſeria pó, e
Geneſ. 3. 19.

cinza,

cinza, ainda que de preſente era homem? Naõ mortaes: ſe Deos diſſera ſó ao homem, que havia de ſer pó, e que o naõ era ja, dera lhe hum deſengano para o tempo futuro, mas naõ lhe tirara a vaidade do ſeu engano preſente: via Deos, que do engano preſente naſcia todo o mal do homem, pois com nenhuma outra couſa ſe enganava tanto, como com o que era; e para que viſſe quanto ſe enganava com a ſua ignorancia, e com a ſua vaidade, naõ ſó lhe diſſe que havia de ſer pó quando o caſtigaſſe a morte; diſſe lhe que iſſo meſmo eſtava ſendo quando o enganava a vida.

Mas ſe Deos fez o homem do pó da terra, e ſe o homem vivendo he pó; que caſtigo lhe dá Deos em o desfazer em pó? Se na morte o desfaz, ſe na morte o caſtiga, como o naõ desfaz diminuindo lhe o ſer? como o naõ caſtiga fazendo-o ſer mais vil? Oh mortaes, naõ achou Deos couſa algũa peyor, em que pudeſſe desfazer o homem, que aquella meſma de que o fez; naõ teve outra mais vil, com que o caſtigar, que fazendo-o tornar a ſer aquillo meſmo, que era, e por iſſo naõ podia pôr-lhe no roſto mayor affronta, que dizer-lhe, que ainda havia de ſer o meſmo, que eſtava ſendo antes da mortal corrupçaõ. Se pois o homem naõ podia ſer peyor couſa, nem mais vil do que era [como atraz moſtramos] que mayor caſtigo podia dar-lhe Deos neſte ſeculo, que fazè-lo ſer o q̃ tinha ſido, quando acabaſſe de ſer o que eſtava ſendo? Deſenganai-vos, mortaes, que nada podeis ſer peyor; nada podeis ter, que ſeja mais vil, que eſſe meſmo ſer, de que tanto vos prezais, pois até quando parece q̃ Deos vos quer anniquilar, parece tambem que vos naõ póde envilecer mais, nem peyorar-vos o ſer.

Tract. 2. toq. 5.

Fez Deos a luz do dia, do Ceo as Eſtrellas, do mar os peixes, da agoa as aves, da terra os bichos, os animaes, e as plantas, mas ao homem de hum pó viliſſimo, que ou nos cega, ou nos empoa, taõ baixo, e taõ miſeravel, que ſujeitando-ſe a tudo quanto fazem delle, ſempre anda cheyo de immundicias, e de deſaventuras; ſe ſe levanta, o vento o leva pelos ares, e depois o derruba, ſe ſe naõ move, todos o atropellaõ, até que para fugirem delle, a chuva o põem de lodo. Iſto ſois, homens miſeraveis: diſto fez Deos o primeiro homem, para que vendo-ſe mais vil por eſte principio, que todas as outras creaturas, buſcaſſe no ſeu conhecimento o ſeu deſengano, e achaſſe na ſua vileza a ſua humildade. Naõ ſó niſto, mas em outros muitos dons fez mais cazo a natureza

das

das hervas, e das plantas, das aves, e das féras, que dos humanos, pois os brutos nos excedem na força, as féras na saude, os cervos na vida, os linces na vista, os abutres no cheiro, as aves na ligeireza, as flores na formosura, as arvores na pompa, e as hervas nas virtudes, e em outras muitas cousas, que fora hum nunca acabar, começar a dizè las. Por isso queria Deos que o homem se conheceſſe pela cousa mais vil, que podia haver no mundo, e a quem naõ era devido nenhum respeito; antes tendo se por indigno das mercès de Deos, assentasse sobre esta humildade aquelle beneficio, com que antes de peccar o fez senhor de tudo, e aquella misericordia, com que o veyo a ver depois de haver peccado.

Mas naõ cuidaõ os homens que saõ pó, cuidaõ q̃ saõ Deoſes. Aquelle engano, que o demonio fez a Adaõ no Paraiso, faz no mundo todos os dias aos outros homens: e como cuidaõ tanto de si, nada cuidaõ na morte, nada cuidaõ em Deos: nada cuidaõ na morte, porque vivem, como se naõ houveraõ demorrer; nada cuidaõ em Deos, porque obraõ como se naõ houvera Deos; e ainda que a morte os desengane todos os dias, ainda que Deos os avize todas as horas, como naõ olhaõ para o pó, que he memoria da morte; como naõ olhaõ para o sepulchro, que he espelho da vida; o pó, ainda que lhes dá nos olhos, deixa os mais cegos; o sepulchro, ainda que se lhes ponha defronte, fica-lhes a perder de vista. Oh se os homens olharaõ algũ dia para o pó da morte! Se fizeraõ alguma hora espelho do seu sepulchro, que depressa se esqueceraõ do que parecem; que facilmente conheceraõ bem o que eraõ! Naõ se teriaõ mais por homens, quando muito parecer-lhes hia que eraõ huns bichos vis da terra, e huma pouca de podridaõ. Senhor, (dizia a Deos David) eu naõ sou homẽ, Psalm. sou hum bicho vil da terra; hũa 21. 7. affronta dos homens, e hum escarneo do povo: porèm se David era hum dos mayores Reys da terra, o mayor homem dos seus tempos, o gabo dos outros homens, a valentia do mundo, se a occupaçaõ da fama, como he ja bicho, e naõ homem? Ibid. como escarneo, e naõ gabo? 16. como affronta, e naõ credito? Oh mortaes: chegou David ás consideraçoens da morte, como elle logo diz, por meyo do pó, e cinza: chegou-se ao sepulchro, como explica Jansenio, fez me Jansen. morial do pó, e cinza, fez es- ibi. pelho do sepulchro, e como vio nelle, que todo o parecer do homem, e toda a feiçaõ de humano se havia de mudar em gusanos,

ſanos, e bichos fedorentos, ja naõ he o que parecia, ja parece ſó o que he; porque conſiderando-ſe pela morte feito pó, e cinza na ſepultura, via, que nella naõ ficava do homem nenhuma outra couſa mais, que aquillo que naſce da podridaõ, e iſto
Job 25. 6. ſaõ bichos, e guſanos, como diz Job: e alturas, que vem a parar debaixo da terra, Mageſtades, a que ſe ha de pôr huma pedra em cima, ſceptro, que ſe ha de tornar em pó, throno, que ſe ha de fazer em cinza, purpuras, que ſe haõ de converter mortalhas, que haõ de parecer aos homens, que chegaõ ao deſengano, ſenaõ hũ deſprezo do mundo, huma injuria dos tempos, e hũa affronta dos homens?

Iſto vè quem olha para o ſepulchro; porèm ainda vè mais quem olha para Deos: quem faz eſpelho do ſeu ſepulchro, temſe por hum bicho da terra, julga ſe pó, e cinza, e conhece que he podridaõ; mas quem tem a Deos por eſpelho, ainda vè mais porque vè que he nada diante de Deos. Vio ſe neſte eſpelho
Pſalm. 24. 15. David, porque nelle trazia ſempre os olhos, e logo vio que era
Pſalm. 38. 6. nada diante de Deos, dizendo: A minha ſubſtancia, Senhor, e o meu ſer he nada diante de vós: porèm ſe David ſe via, e ſe revia em Deos, como vendo tanto, via que era nada? Ora notem: quem olha para o eſpelho vè a ſi meſmo; quem naõ olha, naõ ſe vè: vè-ſe quem olha, porque em olhando para Deos, como para ſeu eſpelho, vè a ſua imagem; e conhece, que ſendo a imagem de Deos, nada lhe fica mais, que aquelle puro nada, ſobre quem Deos pôs eſta imagem; e por iſſo vè que he nada: quem naõ olha para Deos, que he o ſeu eſpelho, naõ ſe póde ver a ſi; e daqui naſce, que como acha em ſi tantos dons de Deos, ſem ſaber de quem ſaõ, nem donde lhe vieraõ, deſconhece a Deos, deſvanece-ſe a ſi, cuida que tudo he ſeu, diſſipa o como proprio, até que na ultima hora o paga como alheyo.

Se pois, peccadores, hum homem Santo, como David, quanto ao ſer mortal, e caduco, ſe tem por hum bicho vil olhãdo para o ſepulchro, e quanto ao ſer immortal, tem para ſi, que he nada olhando para Deos; em que conta ſe devẽ ter aquelles peccadores, que ſendo para ſi nada pela culpa, ſaõ huns ſepulchros vivos de hũas almas mortas? Se quereis conhecer o que ſois, quanto ao ſer terreno, olhai para o ſepulchro; ſe quereis ver o que ſois, quanto ao ſer immortal, olhai para Deos: vede, q̃ de naõ olhar para Deos naſce o cazo, que fazeis de vós: vede, que de naõ ver o ſepulchro procede o cazo, que fazeis da vida: a vida ſem memoria da morte, he hũa

morte

morte d'alma; vós ſem memoria de Deos ſois hum inferno da vida: da morte d'alma facilmente ſe caminha para a morte da vida; do inferno da vida com facilidade ſe vai para o inferno d'alma: a morte da vida póde ſer cada hora, o inferno d'alma ha de ſer para ſempre: ſe pois naõ tendes mais que huma vida, nem mais que huma alma, como naõ receais huma morte; que ſe apreſſa na culpa? Como naõ temeis hum inferno, que na culpa ſe leva? Oh miſeria da vida, oh perdiçaõ d'alma, oh ignorancia do nada, oh ſoberba do pó, e cinza! Como naõ conſideras, peccador, que couſa he o homem, e que he o que tem de ſeu: *Quid eſt homo, & quæ eſt gratia illius?*

TOQUE VIII.

Homo naſcitur ad laborem, & avis ad volandum.
Job 5. 7.

CLÁMOR VIII.

Trata-ſe do trabalho para que todos naſcemos em caſtigo da primeira culpa.

Vai outro diſcurſo differẽte Toq. 17.

NAſce o homem para o trabalho, como a ave para o voo: ou ſeja com as maõs, ou com o entendimento, em quãto eſtiver ſobre a terra ha de trabalhar o homem, trabalha chorando em naſcendo, porque naõ póde ſervindo, ou cõſiderando: taõ pobre ficou a natureza humana depois do peccádo, que quem naõ ganha o ſuſtẽto com o ſuor do ſeu roſto, ou do juizo, parece que naõ chega a alcancá-lo ſem merecê-lo com as lagrimas, que ſaõ ſuor do coraçaõ. Eſta penſaõ do peccado obrigou ao mayor, e ao primeiro homem do mundo a roçar eſpinhos, e abrolhos, feito cavador vil, e homem de ganhar miſeravel, aquelle meſmo homem, que ſendo creado para o fim ſobrenatural da gloria, teve a Deos por Pay, os Anjos por amigos, o Paraiſo por palacio, o mundo por imperio, e por vaſſallos ſeus todas as outras creaturas: e naõ parando aqui a ſua miſeria, quiz Deos moſtrar lhe, que elle ſó havia de trabalhar na terra, de que naſceo ſenhor, e nenhuma outra creatura; ſalvo, ſe attrahida pela induſtria, ou arraſtada da violencia ſe ſubmetteſſe á ſujeiçaõ, e á neceſſidade: e a razaõ he; porque na meſma deſobediencia, com que o homẽ perdeo os fóros da graça rebellando-ſe ao ſeu Creador, ſacudiraõ todas as creaturas o jugo interior da obediẽcia, com que á ordem de Deos ſerviaõ, e obedeciaõ ao homem. Moſtrou-lhe a Providencia, que a ave naõ fia, o peixe naõ ſemea, a Gen. 17. &c.

féra agreſte naõ lavra, as arvores naõ trabalhaõ, e as flores naõ cultivaõ; e que ainda aſſim tem para a vida o neceſſario, e ás vezes o ſobejo, ſem raſgar a terra com o arado, ferir os campos com a enxada, cruzar os mares, deſcompor os rios, nem deſcobrir aquelles ſegredos da terra, onde o ouro, a prata, e as outras claſſes de metaes mettidos como em ſepulchro, parece que pedem ao homem, que os naõ deſenterre, pois a pezar de todas as riquezas, que podem darlhe as minas, tambem o haõ de enterrar dentro de pouco tempo, onde naõ lhe póde valer o ouro, para que ſe naõ converta em bichos, e em podridaõ.

Voando em fim a ave pela regiaõ dos ventos, nadando o peixe pelas ondas, vagando a féra pelos campos, parece que, como acinte da vaidade humana, ou dando-lhe doutrina muda, lhe moſtraõ que naõ naſceraõ para outra couſa, que para viver deſcançadamente cantando, recreando-ſe, e apaſcentando-ſe ao meſmo tempo, que o homem chora, que ſe afflige, e que ſente a falta do que aos animaes naõ falta, do que ás aves ſobeja, e do que aos peixes enfaſtia: e quando eſtas querem recolher-ſe, e retirar-ſe dos deſabrigos da noite, ſem haver levantado edificios, nem ſolicitado algum reparo para o ſocego, e menos para o ſõno, achaõ nas lapas do mar alcovas, nas covas dos montes leitos, nos ramos das arvores camas; ou de campo, ou de vento, onde a planta, que lhes offereceo toldos para paſſar a calma, lhes arma pavelhaõ verde para lhes dar abrigos: onde as covas, que para o naſcimento lhes offereceraõ berços, para o deſcanço lhes daõ alvergue: onde as lapas, que para os riſcos lhes offereceraõ refugio, para a quietaçaõ lhes daõ encoſto; e onde finalmente a Providencia ſuperior, ſendo miniſtra do agaſalho, lhes tem prevenido o repouſo naturalmente. Vive a toupeira nas entranhas da terra, é alli lhe leva o Ceo o ſeu alimento: vive no ſeu caſullo o guſaninho vil, e ſobre veſtir ſe de ſedas, lá o ſuſtenta a Providencia: vivem outros bichos immundos ſem ſe bullir de hum lugar, e ahi, onde os pôs a natureza, lhes acode com o neceſſario a divina bondade: a herva mais humilde, a planta mais inutil, a folha mais eſteril, a flor mais melindroſa, o ramo mais levantado, ſem fazerem diligencia alguma para ſuſtentarem aquella vida vegetativa, recebem das entranhas da terra o ſucco, que lhes baſta. De todos o Ceo, e a terra tem natural cuidado, com todas ſe deſentranha ſuavemente, ſó ao homem naõ acode com a meſma

meſma promptidaõ, ſem que primeiro lhe cuſte a fadiga, a vergonha, ou a diligencia: niſto, e em tudo o mais, quanto á porçaõ terrena, quiz Deos moſtrar aos humanos, que eraõ muito mais miſeraveis que as outras creaturas, pois naſcendo as féras do campo naõ ſó veſtidas, mas armadas, as aves do Ceo adornadas de plumas, os peixes do mar cobertos de eſcamas, as plantas da terra enfeitadas de folhas, as Eſtrellas do firmamento cheyas de reſplandor; ſó o homem appareceo nú nos orientes da vida, como mendigando, e pedindo a todos, que o cobriſſem, e abrigaſſem, até que pudeſſe buſcar com que veſtir-ſe. Moſtrou-ſe a natureza mais liberal até cõ as hervas agreſtes, que com os humanos; mayores vantajens lhes deo neſte privilegio, do que deo naõ ſómente aos homens de menos eſféra, mas ainda aos de ſuperior eſtado. Olhai os lirios do campo, dizia Chriſto, e vede ſe Salomaõ na ſua mayor gloria ſe póde veſtir como elles; naõ trabalhaõ, nem fiaõ para veſtir-ſe, e veſtem tanto melhor, que o mayor Rey da terra, quanto he melhor a verdade, que a mentira, o natural, que o artificial, e o ſolido, que o fingido: em fim, veſtio Deos formoſamente as flores, robuſtamente as arvores, alegremente os campos, para que podendo fazer mayor gála da ſua natureza, que os mayores homens, lhe lembraſſem a neceſſidade com que naſciaõ aquelles meſmos, a quem a ignorancia, ou a fortuna fingio mais izentos da miſeria, e da neceſſidade: todas em fim ſem trabalhar tem o que haõ miſter; ſó o homem, nem com o trabalho do animo, ou da peſſoa chega ordinariamente a ter tudo o que lhe he neceſſario: e tudo iſto procede de q̃ nenhuma creatura offendeo a Deos, mais que o homem, antes fazem todas, melhor que o homem, aquillo para que Deos as fez. A todas fez Deos, para que o louvaſſem; e iſto fazem a todo o tempo todas as creaturas, excepto as racionaes. Eſtaõ ſempre louvando a Deos todas as creaturas, porque todas a todo o tempo ſaõ hum eſpectaculo formoſo, e huma confiſſaõ louvavel, ainda q̃ muda, das obras do ſeu Creador, pois nellas, como em veſtigio da Divina grandeza; como em copia, ainda que breve, de ſeu immenſo original; como em eſpelho, ainda que eſcuro, daquella claridade eterna; como em lamina, bem que toſca, da Divina formoſura, parece que, quando ſe nos manifeſtaõ por obra de Deos, nos convidaõ á admiraçaõ de ſuas maravilhas, ſe olhando-as com a conſideraçaõ com que ſe devem

Matth. 6. 28.

contemplar, ſabemos eſtender o diſcurſo, e o entendimento por quanto a terra moſtra, o mar deſcobre, o ar oſtenta, e o Ceo debuxa: iſto fazem as creaturas mais rudes, aquellas, que com as almas de terra, e com eſpiritos de vento broncamente naſcem, brutamente ſentem, e vegetando vivem; por iſſo naõ trabalhaõ por caſtigo, como faz o homem, porque naõ trabalha quem louva a Deos.

Naõ fazem outro tanto os homens; porque trabalhando pela vaidade, e naõ pela virtude, fogem daquelle jugo, em que ſe deſcança, por buſcar aquelle deſcanço, em que ſe affadigaõ; donde ſe vè, que faltando o homem em ſeguir o fim, para que foy creado, que he louvar, e amar a Deos, menos ama a Deos, que huma planta, que hum bruto, e que huma pedra, pois qualquer deſtas naturalmẽte naõ falta a ſeu fim ultimo; e por iſſo nem deſcança o homem, nem trabalha como deve: naõ deſcança, porque naõ louva a Deos; naõ trabalha como deve, porque naõ ſerve a Deos, ſerve aos idolos da ſua vaidade, e da ſua inclinaçaõ: trabalha mais por offender a Deos, que os bons pelo amar, canſa-ſe por deſcançar na culpa, como ſe fora na gloria, deſvela-ſe pela ſua perdiçaõ mais que os juſtos por ſalvar-ſe, e põem mayor cuidado em ſe ir aos infernos, que os outros ao Ceo: oh miſeria, oh deſventura digna de chorar-ſe com lagrimas de ſangue; digna de eſcrever ſe com letras de ferro; digna de clamar-ſe com vozes de bronze! Baſta, peccadores, que ſe naõ ha de ir hum homem aos infernos, ſem que lhe cuſte o ſuor do roſto, o ſangue do braço, a canſeira do corpo, a afflicçaõ do animo, e o dinheiro da bolſa! Ha de ſer poſſivel que por Sol, e por frio, por calmas, e por chuvas, por ventos, e por neves ha de hum homem andar buſcando a ſua perdiçaõ! e ha de ſer neceſſario para chegar hum homem a ſer condenado, que ponha niſſo todo o ſeu eſtudo, todo o ſeu ſentido, todo o ſeu trabalho! e que ſobre tudo iſto ſe naõ contente o demonio, ſe lhe naõ comprais o inferno com o voſſo dinheiro; e ſe em cima naõ fazeis muito cazo, e muita vaidade da voſſa condenaçaõ na eſtimaçaõ, que fazeis do peccado; no goſto, cõ que vos ſaboreais na maldade! Tantos paſſos em fim para vos condenar! Tanto trabalho para vos perder, taõ pouco para vos ſalvar! Tantas fadigas pelos bens caducos, e tranſitorios, que vos levaõ ao eterno carcere, e vos arraſtaõ para a morte eterna! Tanto deſcuido, tanto eſquecimento dos bens eternos, e permanen-

manentes, que vos attrahem, e levaõ ſuavemente para a eterna gloria, para a eterna vida? Oh mortaes, vede o que fazeis, vede por quem trabalhais, vede, que ſe trabalhares pelos bens do Ceo, tereis breviſſimamente mais do que quereis; vede, que ſe vos canſardes toda a vida pelos bens do mundo, em toda a vida naõ tereis couſa algũa; nada tereis, nada vos aproveitará todo o voſſo trabalho, ainda que ſeja licito, ſe trabalhardes ſó pelos bens do mundo.

Joan. 21. 3. No mar de Tiberiades trabalharaõ toda huma noite os Diſcipulos de Chriſto, e nada colheraõ por fructo de ſeu trabalho; veyo a manhaã, e tomando o cõſelho do Senhor, que appareceo na praya, deitaraõ as redes para a maõ direita, e de hũ ſó lanço tiraraõ tanto peixe, que pela multidaõ, e grandeza delle, naõ podiaõ arraſtar, nem recolher as redes: porèm ſe a noite he o melhor tempo das peſcarias, ſe o mar, ſe as redes, ſe os peſcadores eraõ os meſmos, como de hum ſó lanço tiraõ tanto peixe, que era mais do que queriaõ? como toda a noite, e de tantos lanços nada tiraõ, nem lhes importa couſa algũa o ſeu trabalho! Oh mortaes: toda a noite, que he figura da vida, como diz Santo Agoſtinho, naõ tinhaõ deitado os Diſcipulos as redes para a maõ direita, figura dos bens eternos, tinhaõ-as deitadas para a maõ eſquerda, figura dos bens temporaes, conforme S. Gregorio: pois que lhes havia de aproveitar todo o trabalho, ainda que licito, de toda a vida, mais q̃ couſa nenhuma? E que menos lhes havia de render hũ ſó lanço do trabalho meritorio, que enchentes, e mais enchentes dos bens da Igreja, e dos bens eternos! Mas ſe os Diſcipulos de Chriſto eraõ exemplar, e figura dos mais perfeitos homens; ſe na barca ſe figuraya a Igreja, nas redes a prégaçaõ; no mar o mundo, nos peixes os peccadores, nas ondas os vicios, ſegundo he o cõmum ſentir dos Expoſitores Sagrados; como naõ aproveitou todo o trabalho de toda a vida figurada em toda a noite! como naõ aproveitaraõ os deſvélos dos mais perfeitos homens, para que das ondas dos vicios, e do mar do mundo tiraſſem nas redes da prégaçaõ ao menos hum peixinho; iſto he, hum ſó peccador por fructo do ſeu trabalho! Oh peccadores, naõ havia alli Deos, como diz o Texto, tudo eraõ ſombras figura da culpa: appareceo a manhaã, ſymbolo da graça, e entaõ appareceo Chriſto, e ſe lançaraõ as redes para a maõ direita, e ſó entaõ ſe fizeraõ bons lanços, pois ſe encheo a barca da Igreja dos ſeus eſcolhidos.

Greg. P. tom. 2. homil. 21. in Evang. in principio.

Aug. tom. 8. in Pſal. 76. verſ. manib. meis, &c.

Deſenganai-vos mortaes, que

ainda que sejais Discipulos de Christo, ainda que sejais varoens perfeitos, ainda que tenhais as melhores redes da sciencia, e da eloquencia humana, ainda que trabalheis toda a vida, se vos cansardes pela gloria temporal, e naõ pela eterna; se se naõ vir que está o Senhor adonde trabalhais; se naõ tomardes seus conselhos, deitando as redes para a maõ direita, tudo vos ha de sahir esquerdo, nada haveis de colher, nada aproveitar: os peixes coaráõ a malha, por miuda que seja: quanto mais finas forem as redes, mais depressa as romperáõ, pois valem mais por fortes, ainda que grosseiras, que por finas, sendo fracas: e em fim da vossa vaã fadiga naõ colhereis mais, que vento nas redes, frio na vida, afflicçaõ no animo, e agoa de tribulaçaõ na barca, até que Deos vos amanheça: e se isto se colhe dos trabalhos licitos, dos illicitos que será? Trabalhemos pois em fazer de nossos peccados penitencia: trabalhemos em cortar os vicios, em servir a Deos, e em fugir do inferno, que este he o trabalho, para que todos os peccadores nasceraõ: *Homo nascitur ad laborem, &c.*

TOQUE IX.

Militia est vita hominis super terram. Job 7. 1.

CLAMOR IX.

Trata-se da guerra contra os inimigos d'alma, e como se ha de fazer.

NAõ bastava que a vida do homem fosse trabalho, senaõ, que em cima havia de ser guerra: trabalho de guerra, que he o mayor dos trabalhos, he a vida do homem, ou huma guerra viva, que dura, quanto a vida dura. Trabalha, como bom soldado, dizia S. Paulo a Timotheo; porque naõ basta trabalhar, nem trabalhar como soldado, senaõ como bom soldado: quem he bom soldado naõ descança, com os mayores riscos contende; alli donde padece mayores oppressoens, afflicçoens, e rigores, ahi com mayor gloria emprega o braço, arroja o coraçaõ, e accrescenta o animo; ahi grangea o nome, onde he mayor o conflicto: quem ainda naõ alcançou o nome de bom soldado, he porque se naõ arriscou muito, ainda que trabalhasse sempre. Guerra he a vida do homem, mas naõ aquella guerra, que começou a ser ruina do mundo, depois que o homem

2. Ad Timot. 2. 3.

o homem ſemeando diſcordias para colher eſtragos, fez parir a terra homens armados, povoar-ſe o mar de náos, as Cidades de ermos, os montes de ſepulchros, os bronzes vomitarem fogo, os homens veſtir-ſe de ferro, os campos de ſangue, o ar de pó, e o Ceo de fumo: na vida ſe padece eſta guerra, mas outra guerra he a meſma vida: na guerra da vida pelejaõ os homens com os outros homens; na vida, que he guerra, naõ ſó pelejaõ com todo o mundo, e com todo o inferno, mas comſigo meſmos; peleja o eſpirito contra a carne, a alma contra o corpo, e a virtude contra os vicios.

Por toda a parte tem guerra o homem; porque acima de ſi tem hum Ceo, que ha de conquiſtar, abaixo de ſi hum inferno, de q̃ ſe ha de defender, fóra de ſi hum mundo, a que ha de fugir, e dentro de ſi huma carne, que ha de crucificar. Naõ ſe póde conquiſtar o Ceo, ſem primeiro ficar a carne crucificada, o mundo atropellado, e o inferno confundido: a carne crucifica-ſe com a mortificaçaõ, o mundo atropella ſe com o deſprezo, o inferno confunde-ſe com a oraçaõ: mas he taõ difficultoſa a victoria deſtes inimigos, que ainda depois de vencer o mundo, fugindo de ſuas vaidades, ſe o homem ſe recolhe dentro de ſi para naõ querer mais mundo, acha contra ſi a carne rebellada, cujo domeſtico deſaſſocego, e perigoſos tumultos naõ ſe domaõ bem, ſe com os auxilios de Deos, depois de enfraquecê-la a fome, e ſede de hũ, e outro jejum, a naõ põem a ferro, ſangue, e fogo: fogo do amor de Deos, ſangue da diciplina, e ferro do cilicio, que como armas da penitencia naõ mataõ, porèm amanſaõ, e mortificaõ a inſolencia deſte inimigo, que he o mayor de todos.

Mas naõ parando aqui a guerra, ſe o homem na guerra de fóra venceo o mundo atropellando-o; ſe na batalha interior da guerra civil, e ás vezes continua, derrubou a rebelliaõ da carne affligindo-a, ainda lhe fica por vencer o demonio, que ardiloſamẽte cavilloſo das meſmas victorias do vencedor faz armas contra elle para rendê-lo, ſe ſe deixa entrar, ou poſſuir daquelle ar ſuave, daquella viraçaõ aprazivel, mas peſtilente, com que a vangloria o recrea, e a perdiçaõ lhe faz caricias; iſto he, deixar-ſe levar daquelles gabos da virtude, que ſó ſaõ bons depois da morte, quando nem o que louva corre o perigo de liſongear, nem o louvado tem o riſco de ſe deſvanecer. He o applauſo do ſeculo para os virtuoſos, como a mina para os muros; põem-ſe a mina ao pé do muro, e quanto mais

se lhe mette debaixo, tanto dalli rebenta com mayor estrondo, e faz mayor estrago, se quem guarda o muro, antevendo o perigo, naõ faz, que se desaffogue toda aquella violencia dissimulada pelas roturas da contramina: assim o applauso do seculo parece que se deita aos pés da virtude, mette se-lhe debaixo com a submissaõ, e com a cortesia rebenta com o ruido do louvor, com o estrondo do encarecimento; e se o homem virtuoso naõ contramina este seu damno com a virtude da humildade, por donde o louvor, e a vangloria se deve divertir, e desaffogar; quanto he mayor o impeto da vaidade, q̃ o faz voar, tanto he mayor o estrago, e a ruina, com que vem a cahir.

Saõ muros da Cidade de Deos os virtuosos; mas se se deixaõ minar, se naõ trataõ de se defender daquelle seu perigo, tanto mais poderoso, quanto mais escõdido, ou menos cõtraminado, hum pouco de ar ardente os arruina, quando mais os levanta; e com aquillo mesmo, com que os lança para o Ceo, os faz cahir, e precipitar na terra. Porèm se com o divino auxilio se livra o homẽ deste demonio do meyo dia, ainda se naõ livra da guerra; porque aquella Hidra infernal de sette cabeças, q̃ aonde lhe cortaõ hũa, multiplica outras; de q̃ nasce, que em quanto vive o homem, ainda q̃ viva bem, sempre vive em batalha pelejando até a morte, donde se canta a victoria, acabada esta mortal vida, e principiando se a immortal cõ paz perpetua. Antes que a náo chegue ao porto, para onde navega, por mais, que lhe soprem ventos favoraveis, ainda que tudo lhe pareça que he mar bonança, ainda que outras muitas vezes escape da tormenta, naõ póde dizer que fez bõa viagem, até que vendo se surta no porto desejado, naõ esteja sobre as ancoras descançadamente: assim nós, em quanto navegamos pelo mar do mundo, como poderemos dizer que vencemos as ondas, por mansas que se finjaõ, por quietas, e socegadas que se mostrem, senaõ depois q̃ servindo-nos de porto, e fim alegre, e huma morte feliz, sayamos da náo destes corpos na praya da eternidade, donde, vendo-nos ja na patria, gloriosamente possamos triunfar da guerra desta miseravel vida, como estrada cheya de asperezas, como mar cheyo de tẽpestades e como guerra cheya de conflictos. Por isso dizia Job, que com a esperança de sua resurreiçaõ se hia esforçando cada dia na guerra de sua vida, como quem sabia, que em huma vida, que he continua guerra, naõ póde haver descanço. Oh mortaes, se tivereis por guerra a vossa vida, se Job 14. 1.

se pelejareis com ella valorosamente, quem duvida que com a esperança de resuscitar adonde só se triunfa, vos foreis esforçando a merecer, onde sempre se contende? Mas naõ vos lembra que a vossa vida he guerra, nem a quereis fazer aos vicios, com que os Justos pelejaõ; quereis viver com os inimigos de portas a dentro, sem advertires na conhecida perdiçaõ; e daqui procede, que como a vida he guerra, naõ tendo guerra, naõ tendes vida, necessario he o poder de Deos para resuscitar essas almas, que andaõ em vós defuntas; porque viveis mortos dentro de vós mesmos todo o tempo que viveis em peccado vencidos, e prizioneiros de vossos inimigos, a quem voluntariamente vos rendestes.

Ezech. 37. 12. Eu abrirei os vossos tumulos, e vos tirarei dos vossos sepulchros: dizia Deos por Ezechiel ao seu povo: porèm se estas palavras, como consta do Texto, se mandavaõ dizer aos homens, que naquelle tempo viviaõ, e se nos sepulchros só estaõ mortos; que sepulchros eraõ estes, de que Deos havia de tirar os filhos de Israel? Oh mortaes, os corpos dos peccadores, diz S. Joaõ Chrysostomo, se chamaõ sepulchros de mortos, porque mora está a alma no corpo do peccador: se pois as almas daquelles homens ingratos andavaõ mortas, e enterradas em seus mesmos corpos, quem, senaõ o mesmo Deos, havia de abrir lhes os sepulchros fechados pela obstinaçaõ? Quem, senaõ o braço de Deos, e a sua omnipotencia, os havia de tirar delles para os resuscitar na graça? Depois de acabar-se a guerra da vida pela morte da culpa, só Deos vos póde resuscitar de vossas maldades, só o poder de Deos vos póde tirar do cativeiro do demonio, e só o braço divino tem poder de vos livrar dos sepulchros da morte. Andais sepultados, ó peccadores, dentro de vós mesmos, porque mortas andaõ vossas almas em vossos corpos em quanto viveis em peccado. Saõ vossos corpos carcere da morte, e mas morrás de Satanaz, onde tem prezas as almas, que estaõ em culpa mortal, até q̃ no vosso ultimo dia as mude Deos do carcere para os infernos, onde na eterna morte, e nos eternos castigos paguem para todo sempre o naõ quererem por breve tempo ter guerra com os inimigos de Deos. Manda-vos Deos pelejar, em quanto viveis, com vossos, e seus inimigos, para que ganhando na batalha a victoria, merecendo no conflicto o triunfo, e alcançando no trabalho a coroa, vades por toda a eternidade para o celeste Reyno, para os eternos thronos, para as glorias sem fim. Desenganai-

Chryf. tom. 2. in 2. Expos. in Mat. hom. 45. in initio.

vos

vos mortaes, que ninguem ha de ser coroado no Ceo, sem pelejar legitimamente na terra, como affirma o Apostolo S. Paulo. Quem peleja legitimamente, peleja hora com força, hora com industria: com a força, q̃ se faz a si para vencer o amor proprio, e os proprios appetites, q̃ encontra a Ley de Deos; com a industria, com que se ha de livrar a si das forças alheyas: e assim como nas guerras do mundo mais faz o valor, que o numero; e a ordem, e industria, que o poder; ha de ter valor a virtude, sendo hũa só, para vencer tres inimigos; e ha de ter ordem, e industria a vida, para que com ella sopêe, ou ao menos resista a todo o poder cõtrario. Tem-se este valor, quando desconfiando de nós, e fiando-nos só de Deos, com fé viva, ou confiança certa, nos atrevemos a vencer tudo em seu nome, cõ o seu auxilio; e assim só com as armas da nossa vontade podemos em nome do Senhor vencer todos nossos inimigos, naõ querendo jamais consentir em peccado algum. Tem se aquella ordem, quando castigando as desordens da carne, os desmanchos do mundo, e os desabrimentos do demonio, á carne se põem freyo, ao mundo se põem termo, ao demonio se poẽ medo; medo, para que nos naõ chegue; termo, para que se a-

2. Ad Timot. 2. 5.

parte de nós; freyo, para que a sujeitemos a ella: serve de freyo a penitencia, e solidaõ para domar a carne: serve de termo o retiro para nos dividir do mundo: serve o amor de Deos de medo, para que nos fuja o demonio: quem assim foge, vence; quem assim se affasta, vive; quem assim se doma, reyna: vence seus inimigos, vive em graça, e reyna com Deos. Para isto he necessario que o homem se afflija de maneira, se mortifique de modo, e se trate de tal sorte, dando-se perpetua batalha na guerra de toda a vida, que pareça que a nenhum outro inimigo tem taõ grande odio, como a si mesmo, com tal temperança, que mortifique, e naõ mate; que amanse, e naõ consumma; que modere, e naõ destrua a carne, sem a qual naõ poderá continuar a peleja: e nisto consiste o ter vida, porque nisto consiste o ter guerra; e isto aconselha o Senhor, quando disse, que perderia a vida eterna, quem naõ tivesse odio á vida temporal, e mundana: vencer-se a si mesmo o homem aborrecendo-se, he a mayor victoria; porque o amar-se muito he a mayor repugnanncia, q̃ tem para conseguí-la: por isso, quem quizer ter vida, negue-se a si mesmo, destruindo a vontade propria por fazer a de Deos; tome a sua Cruz, crucificando os

Joan. 12. 25.

Matth. 16. 24.

gostos

goſtos da vida, que encontraõ o goſto de Deos; e ſiga a Chriſto perſeverando na mortificaçaõ.

Pouco he o tempo da contenda, porque com a morte ſe acaba; o goſto de peccar breve, porque em hum momento deſapparece; a pena eterna do peccado, porque nunca ha de ter fim; a gloria infinita dos que legitimamente pelejarem, porque naõ ha de acabar-ſe. Muitos ſaõ os chamados para as eternas coroas, porque a todos quer Deos ſalvar; e os eſcolhidos poucos, porque poucos ſaõ os q̃ querem pelejar contra ſeus inimigos até a morte. Muitos ſaõ os que correm no eſtadio deſta vida; mas poucos os que levaõ o premio; porque ſaõ poucos os que querem cortar pelo mundo, e pelo demonio, quanto mais por ſi, com aquella eſpada, com que o Senhor veyo ao mundo, naõ a metter paz, mas a fazer guerra, e a dividir-nos de ſeus, e noſſos inmigos, e mais que tudo, de nós proprios, de noſſos pays, de noſſas mãys, e de tudo aquillo, que nos impede o perfeito amor de Deos.

1. Ad Cor. 9. 24.

Matth. 10. 35.

Naõ acabaõ de crer os homẽs, que he guerra a vida, e que em naõ havendo guerra, tudo he morte d'alma: naõ ſe podem perſuadir que o mundo lhes faz guerra com ſuas vaidades, a carne com ſeus deleites, e o demonio com ſeus enganos: naõ ha quem lhes faça crer, que as vaidades do mundo ſaõ hũa mentira dourada, os deleites da carne hum veneno doce, os enganos do demonio huma quimera bem quiſta: e como eſta cegueira dos homens ſe põem da parte de ſeus contrarios, ſem batalha ſe rendem ao demonio, e ſem repugnancia ſe lhe entregaõ; e por iſſo ſem remedio morrem, e para ſempre acabaõ.

Oh mortaes; o mayor perigo da guerra he naõ conhecer os inimigos, naõ conſiderar-lhes as forças, naõ ſuſpeitar-lhes as induſtrias, naõ reconhecer-lhes as armas, nem ſaber-lhes os caminhos, porque nos buſca, e acõmette; porque diſto naſce, que achando em vós ſitio para tudo, entraõ por donde lhes parece, e ſahem-ſe quando querem: vede, vede peccadores, que as armas, com que pelejaõ, ſaõ liſonjas, com que obrigaõ, caricias, com que affagaõ, ternezas, com que animaõ, e quanto ſaõ mais brandas as bálas, com que vos atiraõ, mais ſurdas as violencias, com que vos inveſtem, mais ſuaves as armas, com que vos conquiſtaõ, e mais leves as prizoens, com que vos ataõ, tanto he mais froxa a reſiſtencia, que ſe lhes finge, e tanto mayor o damno, com que vos rendem: ſaõ inimigos mortaes, e tem o parecer de amigos: vem a fazer-

a fazer-vos guerra, e parece que vem de paz: querem tirar-vos a vida d'alma, e fallaõ-vos á vontade do corpo, naõ cabem comsigo, e vem-se a metter comvosco: e como pelo semblante nem todos os conhecem, abraçaõ-lhes a violencia, como se fora caricia, agasalhaõ-lhes o odio, como se fora amor, e estimaõ-lhes a traiçaõ, como se fora amizade. Oh mortaes, do mal que nos apparece com o seu rosto, do inimigo que vem em som de guerra, naõ ha muito que recear, nem se ha mister estar de aviso para nos pormos em defensa, elles mesmos nos dizem que nos defendamos quando nos accõmettem a rosto descoberto. Da espada nua, que nos atira aos olhos, cada qual naturalmente acode ao reparo: da serpente, que se nos põem diante para tragar-nos, o mesmo perigo nos persuade a defender-nos, ou ao menos a fugir lhe; mas do mal, que nos parece bem, do damno, que vem em trajes de gosto, da peçonha, que se vende por thriaga, do demonio, que nos parece Serafim, quem se saberá defender, senaõ estiver álerta com cautélas de sobremaõ, com avisos de maõ posta, com desenganos de sobrecellente, e com resoluçoẽs superabundantes: Tal he o mundo comsigo; toquemos-lhe a retirar: tal he, e peyor que isto a carne; toquemos-lhe a degolar: tal he tambem o demonio; toquemos-lhe a recolher. General tendes em Christo, exercito na Igreja, e estandarte na Cruz: e pois a vida he guerra, o mundo campanha, o demonio inimigo, e a carne contraria, importa comer pobre, dormir duro, vestir aspero, viver morto, fallar simplez, cuidar pouco, e amar muito: pelejai como bons soldados: imitai vosso General; naõ fujais do exercito, nem deixeis a Cruz: tereis guerra na vida, mas na morte victoria: tereis no tempo o trabalho, mas na eternidade o triunfo: naõ fareis na terra o vosso gosto, mas vivereis na Gloria á vossa vontade; porque de outra maneira seria a vida do homem paz, e naõ peleja sobre a terra, como diz Job: *Militia est vita hominis super terram.*

TOQUE X.

Homo quidam descendebat ab Jerusalem in Jericho, & incidit in latrones qui etiam despoliaverunt eum: & plagis impositis abierunt, semivivo relicto. Luc. 10. 30.

CLAMOR X.

Mostra-se como o declinar da graça de Deos he a total ruina, e qual seja.

O Rio, que começou a descer para o mar, naõ soce-

ga

ga até cahir nelle: o meſmo rayo q̃ naõ tem por natureza deſcer, ſe chega a declinar, naõ pára até naõ cahir: deſatou-ſe a pedra do monte, e logo veyo a parar naõ menos que aos pés da eſtatua, que eſtava no valle: ſaõ conſequencias infalliveis as quedas, onde ſaõ antecedentes as declinaçoens. Iſto, que ſuccede na natureza, ſuccede tambem na graça; o meſmo he começar a deſcer da graça, que cahir della. Começou o homem a deſcer da graça, e cahio logo na culpa, apartando-ſe do Ceo, de quem he figura Jeruſalem, e buſcando o mundo, ſignificado em Jericó, como explica Santo Agoſtinho: deſceo pelo peccado, com que ſe affaſtou do Ceo; porque tudo o que he peccar, he deſcer; e como todo o deſcer peccando he perigar cahindo, logo que começou a deſcer, cahio nas maõs dos demonios, ſignificados nos ladroens, conforme o meſmo Santo Agoſtinho; e cahindo nellas, como havia de ficar, ſenaõ roubado dos bens da graça, e mortalmente ferido nos bens da natureza! Ficou o homem mortalmente ferido na natureza, porque perdida pelo peccado a juſtiça original, que conſerva ſans, e inteiras as forças d'alma, aquellas meſmas potencias, que natural, e livremente ordenavaõ para a virtude as ſuas operaçoens, ficaraõ quaſi deſtruidas de toda a virtude; e eſtas deſtruiçoens ſe chamaõ chagas, pois tendo o homem antes de peccar com grande perfeiçaõ aquellas quatro potencias, que ſaõ ſujeitos das virtudes, iſto he, no entendimento a prudencia, na vontade a juſtiça, na iraſcivel a fortaleza, na concupiſcivel a temperança, a hum ſó golpe da culpa ſe confundio toda a conſonancia deſta racional harmonia; de que naſceo perverter a razaõ a ordem para a verdade, e ficar ferida da ignorancia; deſencaminhar a vontade a direcçaõ para o ſummo bem, e ficar chagada da malicia; deſcompor a iraſcivel o reſpeito para o difficultoſo, e ficar cortada da fragilidade; e finalmente deſviar a concupiſcivel a intençaõ do moderado, e ficar atraveſſada do ſeu meſmo appetite.

Aug. tom. 7. lib. 3. contra Pelag. Hyp. ante med.

Mas naõ parando os males do homem ſó na natureza, tiraraõ-lhe a vida d'alma: ficou o homem em quanto á graça totalmente morto; porque como o amor de Deos he o calor natural, de que as almas vivem, perdeo o homem a vida d'alma, perdendo o calor natural da graça, e do amor de Deos: e diſto ſe ſeguio que naõ ſómente a alma ficou feita cadaver do ſeu meſmo eſpirito, o corpo naõ ſómente ſepulchro da miſeravel alma, mas ainda o peccador

Luc. 11. 26. cador carcere de si proprio, inferno de si mesmo, e habitaçaõ dos demonios: fè-lo o peccado inferno de si mesmo, porque no peccador está o fogo da avareza, o fedor da lascivia, as trevas da ignorancia, o bicho da consciencia, a sede da concupiscencia, finalmente estaõ tantos demonios, quantos saõ seus peccados: neste inferno está ardendo em vida, até que chegue o outro pelo caminho da morte, se naõ fizer de suas culpas bastante penitencia.

Eis-aqui os males, que fez hum só peccado no primeiro homem, e em todos os do mundo por participaçaõ da mesma natureza inficionada da culpa: começou a descer, e logo cahio, e de cahir, que se havia de seguir, senaõ ficar meyo morto! morto na melhor parte, que he a alma; e mal vivo no peyor, que he esta terra vivente. Se pois o Sol da racional natureza se escureceo tanto com hum só eclipse; que faraõ tantos eclipses, e tantos defeitos do resplandor celeste nas Estrellas ja escuras do firmamento humano! Que faraõ as sombras de Jericó, Lua sempre minguante, cujas luzes anoitecidas saõ resplandor defunto de humas trevas viventes! Oh mortaes, que poucos ha no mundo, que consiederem bem, que cousa he hũ peccado mortal! Muitos o sabem, muitos o reprehendem, muitos o abominaõ; mas ah que saõ rarissimos os que cuidaõ que cousa he, que mal nos faz, a quem se oppõem, e que castigo tem! Tenho para mim, que parecera impossivel commetter hum peccado (mediante a graça de Deos) quem trouxera sempre no sentido a fealdade medonha, a torpeza indeclaravel, e o vulto aborrecivel de hum peccado mortal: porque cousa taõ pessima, que nos faz cahir em odio de Deos, e sobre isto desprezá-lo, ou em si, ou no seu preceito; mal taõ grande, que nos aparta de Deos por distancia infinita, naõ de lugar, que em todos está Deos, mas de similhança com elle; culpa taõ grave, que he punida com fogo eterno; damno taõ terrivel, que ha de carecer da vista de Deos por toda a eternidade; pena taõ crúel, que nos ha de atar para sempre no carcere dos abysmos, e nas cadèas do demonio; que temor, que assombro, que medo, e que aborrecimento naõ faria a hum bruto, se tivera razaõ, a hum marmore, se tivera espirito, a hum bronze, se tivera entendimento! Bastava cuidar que havia Deos, para naõ peccarmos; bastava saber que o peccado he taõ grande mal, para nos parecer impossivel o offender a Deos.

Oh mortaes: ó peccadores: quem

quem pecca mortalmente, dá contra ſi a primeira ſentença de condenaçaõ, e por ella voluntariamente ſe faz inimigo de Deos, deſprezador da ſua miſericordia, e réo da ſua juſtiça: o apartar de Deos para a culpa, deixar o caminho do Ceo pelo do inferno, e em fim peccar cõtra Deos, ou he naõ conhecer o peccado, ou cuidar que naõ ha Deos. Do peccador, dizia David, que no ſeu coraçaõ dizia: Ahi naõ ha Deos, bem podemos peccar á noſſa vontade: mas a eſte peccador chama David neſcio; porque todo o que pecca neſcio he, pois ſe naõ ſabe que ha Deos, ou vive, como ſe o naõ ſoubera: naõ ſabem os peccadores quam grande mal he peccar; ſaõ neſcios, e por iſſo naõ ſabem iſto, nem ſabem cuidar niſſo.

Pſalm. 12. 1.

Quem houvera, que peccara, e ſe peccara, quem naõ ſe arrependera logo, ſe cuidara por quam pouca couſa ſe põem em odio com Deos, perde o Ceo, e ſe mette no inferno! Talvez por hum goſto de brutos, que começa de ſalumbramento, continúa cegueira, creſce precipicio, pára ſem ſaboria, e acaba condenaçaõ: por hum ponto de honra, que he ar, por huma ambiçaõ, que he baixéza, por hum primor, que he perdiçaõ, por huma paixaõ, que he deſatino, e por tudo o mais, que he vaidade: e iſto com tanta facilidade, tanto ſem eſcrupulo, e ſem pejo da conſciencia, ou da vergonha, e com tanto goſto por qualquer ninharia, nos lugares ſagrados, e nos profanos, como ſe offenderamos algũ Deos de páo, que naõ fora mais que hum cepo digno de zombaria, e naõ de veneraçaõ, temor, e amor; peccando com tanta vangloria da ſua injuria, como ſe lhe tiveramos hum odio muito capital, e como ſe nos importara muito gaſtar na ſua affronta, e no ſerviço do demonio aquelle tempo, que ainda aſſim nos eſtá dando para a penitencia, e para a ſalvaçaõ.

Quem pois ſe atrevera a peccar, ſe conſiderara: que eſte a cada inſtante offendido he hum Senhor de tal Mageſtade, de taõ infinito poder, de taõ grande ſabedoria, de taõ immenſa formoſura, de taõ ſũma bondade, juſtiça, e miſericordia, que he o reſpeito dos Juſtos, o louvado dos Santos, o querido dos Anjos, o adorado dos Serafins, o ſervido dos Ceos, o temido do inferno, o Rey dos Reys, o Senhor dos Senhores; e per ſi meſmo taõ amavel, taõ bom, taõ manſo, e taõ amigo, que nos creou de nada, nos ſuſtenta de tudo, nos conſerva por amor, e nos ſerve de graça; redimindo-nos antes que foſſemos, amando-nos ſem merecè-lo, ſofrẽdo-nos ſem haver-nos miſter, e eſ-

e eſperando nos ſem pedir lho!

Quem naõ tremeria de Deos, ſe lhe ſoara dentro n'alma a cada inſtante aquella trombeta, q̃ póde ouvir ſe a cada momento! Quem ſe naõ metteria por dentro, ſe trouxera ſempre no ſentido o ſemblante da morte, conſiderando cada hora que a póde ver cada inſtante! Quem naõ vivera como defunto, ſe deſcera com a imaginaçaõ ás eſcuras ſombras do inferno, e ſe detivera nellas conſiderando aquella eterna eſcuridaõ, aquellas chãmas medonhas, aquelle horror ſem fim, e aquellas penas ſem cabo! Quem amara os dias do ſeculo, ſe medira com algum tremor os longos para ſempre da eternidade! Quem ſe lembrara do mundo, ſe ſubira huma hora com os ſuſpiros ás eternas glorias da Patria celeſtial! Quem fizera cazo da vida, ſe ſoubera eſtender os olhos d'alma por aquelles campos luzentes, que o Sol eterno luſtra, que o eterno Abril alegra, que o dia ſem fim doura! Se cuidaraõ iſto os homens, ſe eſmiuçaraõ iſto, ſe eſprayaraõ bem o coraçaõ pelo que Deos he, quem duvida que com a graça Divina lhes parecera impoſſivel poder peccar! Mas, oh miſeria noſſa! que naõ havendo ja nos humanos couſa mais facil que offender a Deos, ſó o arrepender-ſe, ſó o fazer penitencia tem por impoſſivel! Tudo iſto naſce do primeiro deſcuido, com que começou a cahir, ou da primeira facilidade, com que ſe começou a deſcer do Ceo para o mundo, da graça para a culpa, de Deos para o demonio: por iſſo quem deſpreza as couſas pequenas, pouco a pouco vai declinando até cahir nas grandes: tudo o que a parede pende para a ruina, he começá-la, o mais, ou he proſeguî la, ou padecè-la: aquelle incendio, que ſe pudera apagar de hum golpe quando começou faiſca, naõ baſtaõ muitos para o extinguir logo que chegou a ſer chamma; o rio, que a pouca fadiga ſe pudera cortar na fonte para naõ chegar a ſer ribeyro, por mais que o cortem junto ao mar, naõ o tiraõ ja de ſer rio: e em fim todo eſte damno, cujas raizes ſe puderaõ arrancar, quando eſtavaõ á flor da terra, por deixá las arraigar, e prender no centro, tem difficultoſo remedio, e muitas vezes ſó depois que ſe lhes abre cova.

Eis aqui o que ſaõ noſſos deſcuidos na realidade: começa a memoria por hum divertimento a affaſtar-ſe de Deos, affaſta-ſe logo o entendimento, affaſta-ſe tambem a vontade, ſeguem-na os ſentidos liſonjeados do appetite, e pondo a alma todo o ſeu cuidado nas couſas vaãs, e caducas, perde a lembrança das eternas: perdendo-ſe a lembran-

ça,

ça, perde-se o amor de Deos; e virando-se para o mundo a nossa inclinaçaõ, mettendo-se nas maõs do appetite a monarchia d'alma, que ha de fazer o entendimento cego, e a vontade fraca, senaõ cahir nos viscos, que lhe enfeitou o engano, saborear-se nos venenos, que lhe guizou a culpa, e abraçar sobre isto os laços, com que o prendeo o vicio? E daqui procede, que multiplicando o demonio as prizoẽs ao peccador, ao mesmo passo, que vai multiplicando os peccados contra Deos, que fica em quanto á alma defunto, e quanto ao corpo, meyo vivo, roubado de todos os bens, e de todas as forças para poder levantar-se: *Homo quidam, &c.*

TOQUE XI.

Mendaces filii hominum in stateris: ut decipiant ipsi de vanitate in id ipsum.
Psal. 61. 10.

CLAMOR XI.

Trata-se quãto apreço fazem os peccadores do amor do mundo, e quam pouco estimaõ as cousas do Ceo.

SAõ balanças os coraçoens dos Fieis, e he o seu pezo o amor: saõ balanças os coraçoẽs, porque no seu coraçaõ peza cada hum os bens eternos, e temporaes: he o pezo, com que isto se peza, o amor de cada qual; porque quanto he o amor, que cada hum tem aos bens do tempo, ou aos bens da eternidade, tanto he o pezo, que estas cousas tem na estimaçaõ dos humanos para a sua inclinaçaõ. Que seja o coraçaõ do homem balança, o Cardeal Hugo o diz: que seja pezo o amor, Santo Agostinho o declara: e assim como a balança se inclina mais para onde o pezo he mayor; assim o coraçaõ para donde tem mais amor, para ahi mais se inclina: naõ ha balança sem pezo, ou seja máo, ou bom; naõ ha coraçaõ sem amor, ou seja bom, ou máo: ou seja a Deos, ou seja ao mundo, ha de amar quem tem coraçaõ. Se naõ tem igualdade o pezo com aquillo que se peza, tem-se por falso o pezo; se naõ tem igualdade o amor com aquillo, que se ama, na proporçaõ, que póde ser, tem-se o amor por falso: se a balança naõ he igual, justa, e verdadeira, se naõ tem pezo, conta, e medida, que dè o seu a seu domno, he, como diz Salomaõ, abominaçaõ de Deos: assim tambem o coraçaõ do homem he de Deos abominado, e aborrecido, quando sem ter a equidade, que ordena a ley divina, naõ peza como he razaõ as cousas da cõsciencia, naõ faz conta como deve

Hug. C. in Prov. 11. 1. mist. Aug. tom. 1. lib. 1. Conf. cap. 19. antefin.

Prov. 11. 1.

ve, ao seu legislador, naõ mede, como he justo, o temporal, e eterno: antes, sem fazer cazo do pezo da consciẽcia, anda sem pezar a maldade, fazendo conta do appetite, estima o seu deleite, e vivendo á medida da sua vontade, se recrea no appetite: e isto abomina Deos summamente; porque sobre serem estas balanças taõ aleivosas, que inclinaõ mais ao rico, q̃ ao pobre; ao grande, que ao pequeno; ao amigo, que ao estranho; a si mesmo, que ao proximo: sobre julgarem que saõ mais leves os peccados proprios, que os peccados alheyos; sobre terem para si que as virtudes alheyas saõ mais leves, que as virtudes proprias; chegaõ a commetter estas culpas sob especie de justiça, mostrando que pezaõ tudo no seu juizo com notavel equidade; ficando-se mui leves no caso com a vangloria, que tem, como se lhes naõ pezara hũa palha a sua consciencia. Por isto dizia David, que os homens carnaes, e terrenos saõ mentirosos nas suas balanças; pois por huma pouca de vaidade se andavaõ enganando huns aos outros, e ainda a si mesmos.

Psalm. sup.

Naõ saõ fieis a si mesmos os filhos dos homens peccadores, pois andando em balanças toda a sua vida, naõ sómente naõ pezaõ ouro fio os bens eternos com os caducos, a verdade, e a mentira, o nada, e o que tem ser; mas ainda postos de hũa parte os deleites momentaneos da vida profana, e da outra as glorias perduraveis da eterna vida, estas pezaõ menos, ainda que valhaõ mais; e os outros se estimaõ muito, ainda que valhaõ nada. Se tambem de huma parte manda Deos pezar as temporaes tribulaçoens; e da outra as escuras eternidades das infernaes angustias, e diz a cada qual, que escolha; todos lançaõ maõ destas, e das outras naõ fazem caso. Taõ esperdiçados andaõ os homens pela sua perdiçaõ, que se achaõ sempre mais dispostos, e apparelhados para perder o amor de Deos, que o amor do mundo: taõ namorados vivem deste apparente feitiço, que os endoudece, que naõ se lhes dá nada dos tormentos futuros, se a troco disto os deixaõ engodar nos enganos presentes: as cousas, que lhes vende a terra, ou para melhor dizer, as cousas com que os compra, e vende, saõ caras pelo que se estimaõ, excellentes pelo que parecem; custaõ-lhes a vida, e alma; e ainda assim suspeita a vaidade, que nunca se vio tal barato, e que lhes fica devendo muito dinheiro: as cousas do Ceo, ainda que se dem de graça, naõ ha quem as queira, porque naõ ha quem as peze, nem quem as valie. Trocou-se em fim o amor de Deos em

em amor da culpa; troca-se o amor do Ceo em amor da terra; fizeraõ-se almas de terra, e coraçoens de marmore aquelles, que, ainda sendo corpos, deviaõ parecer espiritos, ou ao menos corpos celestes; de que nasceo inclinarem-se os Fieis tanto para a terra, que declinando da igualdade, com que os pôs no mundo a justiça original, deraõ em terra com as balanças dos coraçoens carregados com o pezo grave do falso amor do mundo.

Psalm. 4. 3. Isto dizia Deos por Dávid, quando dizia em espirito aos peccadores: Homens de coraçaõ carregado porque buscais a mentira? Tal he a semrazaõ do amor do mundo, e tanto sem porque, nem para que, que naõ tem razaõ, nem porque, se a quizermos pezar bem.

Mas se huma vaidade, e huma mentira parecem cousas de pouco pezo, e ás vezes saõ taõ leves, que se levantaõ pelos ares, porque estranha Deos tanto huma vaidade, e huma mentira dos homens, que lhes chama homens de coraçaõ pezado?

Psalm. proxim. Hug. C. ibi. O Cardeal Hugo diz, que esta vaidade eraõ os idolos dos homens, e esta mentira os bẽs temporaes: saõ idolos dos homens todos os seus gostos, e todas as suas vaidades, porque as amaõ como a seus idolos: saõ mentira todos os bens temporaes, porque os enganaõ, parecendo-lhes bem, e fazendo-lhes mal: se pois os coraçoẽs dos homens saõ balanças, e se estas balanças estavaõ cheyas de idolos, e de seu falso amor, como naõ havia de ser grave o pezo, que as inclinasse á terra? Como estariaõ leves hũs coraçoens cheyos de tantos idolos, quantos saõ seus gostos, suas affeiçoens, e seus amores, por mais que todos sejaõ mentira, e huma vaidade pura? E como naõ se queixaria Deos de ver que pezava na estimaçaõ dos homens muito mais o contrapezo da mentira, que o pezo da verdade! a culpa, mais que a graça! o caduco, mais que o eterno! Em fim pezaraõ os idolos mais que Deos; e a terra mais que o Ceo; pois se affastaraõ os homens tanto de Deos, e tanto do Ceo, quanto vai dos homens a Deos, e do Ceo á terra.

Põem-se nos nossos coraçoens, ou o amor do mundo, ou amor de Deos: se péza mais o amor de Deos, inclina-nos para o Ceo, se péza mais o amor do mundo, arrasta-nos para a terra: e a razaõ disto he; porque o pezo do amor de Deos he mui leve, como diz o mesmo Senhor; o pezo do amor do mũdo he mui carregado, como affirma Isaias, e o certifica a experiencia; nasce isto das qualidades, de que se veste hum, e outro amor, para que naturalmente busque o

Matth. 11. 30. Isai. 46.

ſeu centro; porque ſe naõ eſtaõ impedidas, ou violentadas, todas as couſas buſcaõ ſeu centro naturalmente; o leve ſóbe para cima, porque a levidaõ o levanta; o pezado deſce para baixo, porque o pezo o puxa: por iſſo a pedra deitada ao ar, naturalmante cahe tanto que ſe vê livre da força, que a obriga a ſubir, porque ſendo pezada, vem aquietar na terra, que he o ſeu centro: por iſſo o vapor, a exhalaçaõ, e o fogo naturalmente ſóbe em ſe vendo livre, porque tem o centro ſublime. Vai o amor do mundo para baixo, naõ ſó porque he baixo o ſeu termo, e grave o ſeu pezo; mas porque he o inferno o ſeu centro. Vai o amor do Ceo para cima, porque tem o pezo leve, o centro ſublime, e o ponto alto. Se amais a terra, dizia Santo Agoſtinho, terra ſois; ſe amais a Deos, que direi de vós? direi que ſois Deoſes: tal he a transformaçaõ de quem ama naquillo que ama, que o meſmo he começar a amar, que começar a ſer o meſmo, a que ſe tem o amor; e a naõ ſer o meſmo que era d'antes. Por iſſo a Eſpoſa dos Cantares pedia a ſeu Eſpoſo que a puzeſſe como ſello ſobre o coraçaõ; porque aſſim como aonde o ſello ſe põem, fica ſó a fórma do ſello: aſſim ella com elle ficaria da meſma fórma, e ſeria huma couſa meſma, ſe o amor no ſeu coraçaõ chegaſſe a pôr o ſello: ſaõ os coraçoẽs como cera; facilmente ſe lhes imprimem as condiçoens daquillo, que amaõ. Se pois os peccadores amaõ a terra, que he taõ pezada, como naõ ſeraõ terrenos, e pezados os coraçoens dos peccadores! Se Deos he eſpirito, e os eſpiritos naõ tem mais pezo, que a ſua inclinaçaõ, como naõ eſtaraõ leves aquelles coraçoẽs, cujo amor todo he eſpirrito! Serafim, quer dizer, incendio de amor; e huma vez, que Iſaias vio que couſa era amor a Deos, logo vio Serafins, e ſe lhes naõ vio as chammas, em que ſe ſentem arder, nem o eſpirito, com que ſe coſtumaõ unir, vio-lhes aos menos as azas, com que moſtraõ voar. Iſai. 6. 2.

Pintou o mundo o ſeu amor, e logo moſtrou que aquelle ſeu arco, e aljava, de que tanto ſe preza, eraõ para os ſeus fracos hombros pezo taõ carregado, que o naõ podiaõ levantar da terra as ſuas meſmas azas, menos vezes tremoladas para voar, que para cahir: eraõ penas, e pareciaõ azas; era aljava, e parecia feixe; era arco, e ſervia-lhe de Cruz; eraõ frechas e ſerviaõ-lhe de ferros; pezavaõ hũas como chumbo; outras, ainda que eraõ de ouro, tambem pezavaõ; porque o ſerem formoſas a matar, naõ lhes tirava o ſentirem-ſe a morrer. Oh que peza-

Aug. tom. 9. tr. 2. in Epiſt. Joan. in fin.

Cant. 3. 6.

pezado! oh que carregado amor he o amor do mundo! pintou-o a Gentilidade, e ainda que em huma eſcaſſa viſta de olhos quiz deixar a perder de viſta todas as gentilezas, naõ pode encobrir q̃ era cego, porque as ſuas meſmas vendas o deſcobrirão; por mais que avultou armado, naõ lhe pode eſconder o nú, e menos a pequenhez; por mais que o fingio amoroſo, naõ lhe diſſimulou o cruel; poſto que lhe eſmerou a ternura na feiçaõ da idade, naõ lhe acreditou o juizo nos geitos da menice. O' mortaes, como vos guiais por hum cego? que eſperais de hum pobre, que anda nú? como credes huma ignorancia, que naõ tem uſo de razaõ? como vos fiais de hum inimigo, cujos amores, e caricias ſaõ ſettas hervadas, punhaes buidos, e traiçoens deſcobertas? donde vos guia, mais que á perdiçaõ? como vos trata, ſenaõ mal? que vos dá, ſenaõ mortes? que tendes, quando o tendes comvoſco, mais que offenſas de Deos, afflicçoens na memoria, brigas no entendimento, ancias na vontade, e guerra nos ſentidos? que vos deixa, quando vos paſſa de parte a parte, mais que queimaçoens de ſangue, vergonha no roſto, e magoas no coraçaõ? E que ainda aſſim ſe morraõ os humanos por eſta vaidade cega? por eſta mentira goſtoſa? por eſte veneno dourado? por eſte engano bemquiſto? oh laſtima eſperdiçada na cegueira dos peccadores! Péza-lhes, mas naõ lhes peza da carga, com que a conſciencia ſe o opprime; cabem, mas naõ cabem na razaõ, em que ſó dá o deſengano.

Almas Chriſtaãs, pezai iſto, e pezai aquillo com o entendimento, que de o naõ pezardes bem naſce todo o mal: he mentiroſa a balança de voſſos coraçoens; enganais vos a vós meſmos com o voſſo amor proprio, com a voſſa vaidade, e com a voſſa mentira; porque mentira he tudo quanto o tempo vos dá; he vaidade, he nada quanto no mundo amais; e he pezada offenſa de Deos todo eſſe amor, que lhe naõ tendes: e diſto ſe queixa Deos pelos ſeus Profetas, ver que em cima de offendê lo andais vaõs de haver peccado; ver que andais deſvanecidos da culpa, andando taõ vaſios do amor de Deos. Mas q̃ naõ ha de acontecer aos humanos, ſe a troco da vaidade, com que ſe vem levantar, daõ alviçaras a quem lhes diz que ſe haõ de perder, e de todo arruinar?

Deo Balthazar a Daniel purpuras, e colares, logo que naquelle ſeu eſplendido banque te lhe annunciou a morte, e a perda da ſua Monarchia: que fundamento pois teria ElRey Balthazar para acçaõ taõ notavel? Dan. 5. 29. & per tot.

vel? tantas honras, tantas dadivas por huma má nova? Se em ninguem, como nos Principes, faz tanta impreſſaõ qualquer ſuſpeita da ſua ruina; ſe ninguem, como elles, ſe offende tanto da liberdade, com que lhe fallaõ claro, como agora compra os ſeus ſuſtos a tanto pezo de ouro; e como paga com taes honras ao Embayxador da ſua morte, e da ſua ruina, e perdicaõ? A razaõ he; que interpretando Daniel a viſaõ, que teve Balthazar, diſſe-lhe que eſtava poſto em hũa balança, e que ja pezava menos: quando ſe peza alguma couſa, a balança, que tem mais pezo, abate-ſe á terra, a que peza menos levanta-ſe ao ar; ſe pois Balthazar, que pezava menos, ſe via levantar mais, que muito he, ſendo taõ vaõ, e ſoberbo, que deſſe groſſas alviçaras pela nova de ſe ver ſublimado, ainda que lhe cuſtaſſe a vida, o eſtado, e o imperio, ſe he tal a vaidade dos homens, que a troco de levantar-ſe mais na ſua vaidade daraõ alviçaras pelas novas da ſua ruina, e da ſua perdiçaõ! Naõ ſentem ver o pouco, que pezaõ, ſe vem que ſe levantaõ mais; naõ lhes peza do que podem abater de eſtado, ſe podem ſubir de ponto; nem ſe lhes dá de perder-ſe por hum momento de honra.

Dan: ſup. 27.

Parece-vos que huma vaidade he muito leve: naõ vos enganeis, porque he couſa mui pezada huma vaidade diante da Divina Juſtiça; pois peza mais no juizo de Deos hũa vaidade, hũa couſa vaã, do que peza hũ mundo inteiro. Moſtrou Deos por Daniel, que em huma balança havia pezado o Imperio dos Aſtyrios, q̃ quaſi conſtava de todo o Mundo; e diz o Texto Sagrado, que a balança, aonde Deos pezou eſte Imperio, pezava menos que a outra: porèm ſe do Texto naõ conſta, que a outra balança, q̃ pezava mais, tiveſſe couſa alguma, como pezou mais, que a balança em que eſtava hum mundo inteiro? Por iſſo meſmo. Eſtava a balança vaſia, que he o meſmo, que eſtar vaã: eſtava cheya de vaidade, q̃ iſto he, naõ ter couſa algũa; pois havia de pezar mais que o mundo; mayor havia de ſer o ſeu pezo, mais grave a ſua carga, que a da maquina do univerſo: porque no juizo de Deos, figurado na balança, e nas demonſtraçoẽs da juſtiça de Deos, he couſa pezadiſſima huma couſa cheya de vaidade; o mũdo inteiro naõ peza tanto, como huma vaidade do mundo. O' mortaes, ó peccadores, em cujos coraçoens, como em balanças, peza tanta a vaidade, e a malicia, como a couſa de mayor preço, e da mayor eſtimaçaõ; deitai fóra deſtas balanças eſſe graviſſimo pezo, e eſta pezadiſſima eſtimaçaõ, que

Dan: ſupr.

leva

leva tanto abaixo vossos coraçoens, e affectos, que até ao inferno vos arrasta comsigo; adverti no engano, que a vós mesmos fazeis na falsidade de vossos pezos, no erro da vossa conta, e na falta de vossa medida; que para isso vos clama o Ceo: *Mendaces filii hominum in statetis: ut decipiant ipsi de vanitate in idipsum.*

TOQUE XII.

Usquequò piger dormies? quando consurges è somno tuo? Prov. 6. 9.

CLAMOR XII.

Mostra-se quam perigosa he a dilaçaõ na emenda da vida.

ATé quando (clama a misericordia Divina) has de estar sepultado no lethargo de tuas culpas, ó peccador pirguiçoso? Quãdo ha de chegar a hora de acordares desse mortal sõno? Quando se haõ de acabar esses vapores terrenos, essas infernaes fumaças, que taõ profundamente te fazem dormir sobre negocio de tanto porte, como he o da tua salvaçaõ? Até quando, pergunta Deos ao peccador; como quem quer que os peccadores assinem termo, e fim á sua maldade, e tratem da sua salvaçaõ, de que dormem taõ descuidados; porque de naõ achar lhe termo o mesmo Senhor, de naõ ver-lher cabo, nem fim na duraçaõ do tempo, e menos na intensaõ do animo; se deixa ver que os homens peccaõ, e desejaõ peccar sem termo, sem limite, e sem fim; por cuja causa guizando-lhe Deos a pena pelos moldes da culpa, porque ella na intensaõ teve malicia infinita, e folgara de ser eterna, lhe dá eterno castigo, e eterna maldiçaõ.

Para quando pois, ó pirguiçoso, guardas o desengano? Dormir na culpa, reynar no erro, conhecendo-o, he peccar ácinte: fazer acintes a Deos, que se póde vingar cada vez q̃ quizer; he discurso de quem dorme, he final de animo obstinado: animos obstinados tem inferno perpetuo: inferno he fogo, que naõ se apaga, tormento, que naõ cessa, noite, que nunca amanhece, punhal, que sempre fere, bicho, que sempre roe, morte, que sempre dura. Se pois Deos pela sua Igreja, pelos seus Evangelhos, pelas vozes do Ceo, pelos tremores da terra, e até por este papel te está clamando que acordes, que despertes, que te emendes, e que te naõ percas; que fazes, que te dilatas, como naõ tornas em teu acordo! Se hoje ouvireis a voz de Deos, dizia David, naõ endureçais mais tempo os vossos coraçoens: Psalm. 94. 8.

coraçoens: ſe pois Deos te chama hoje, reſponde-lhe hoje, naõ durmas como pedra no poço da culpa; ſe quer que logo volvas em teu acordo, para quando guardas os logos? e quem te diz miſeravel, quem te ſegura que chegarás á manhaã? Deixar para á manhaã, o que he tarde ſendo hoje; prolongar para daqui a pouco, o que póde ſer logo; encoſtar para o logo, o que póde ſer ja, naõ ſó he aleijaõ da culpa, mas culpa da meſma vontade: naõ he ſó geito da froxidaõ, mas traça da malicia; porq̃ como os noſſos logos, ſaõ da condiçaõ dos depois, de hum dia para outro ſe lhe paſſa o tempo nos paſſatẽpos do outro dia, até que paſſa a ſer nunca: e iſtõ de coxear para a ſatisfaçaõ quem póde livrar ſe a correr depois de voar para a culpa; tornar atraz com os bons propoſitos, depois de ir adiante com a mentira; bem poderá ſer alguma hora froxidaõ da noſſa miſeria, e vagar da noſſa vontade; mas oh que parece induſtria do noſſo engano, e refinada malicia da noſſa culpa.

Dir-me-heis, peccadores, que a todos vos peza muito de offender a Deos por ſer ſummamente bom, ſummamente amavel, e digno de todo o reſpeito, e reverencia; porèm que ſois miſeraveis, fracos por natureza, peccadores por herança, e que naõ ha mais na voſſa maõ. Oh mortaes, eſtais peccando, e dizeis que vos peza muito; he mẽtira, porque ninguem faz por ſua vontade aquillo, de que naõ goſta: continuais na offenſa de Deos, e dizeis que o ſentis muito; he falſidade: metteis-vos por voſſa livre vontade nos laços do demonio, e dizeis que naõ podeis mais; he maldade: recreais vos na offenſa de Deos, e dizeis que lá virá tempo, em que façais penitencia; he obſtinaçaõ: dormis a ſõno ſolto na cama da culpa, no leito do vicio, e do máo eſtado, e naõ acordais aos brados da Divina miſericordia; he final de morte, e morte eterna: quando ha de ſer aquelle entaõ, para quem appella a voſſa emenda? até quando ha de durar o agora, com que ſe deſculpa a voſſa fragilidade? e em que tempo ha de ſer eſſe quando, em que a tardança ſe funda, e o propoſito ſe confia? Vem o tempo, e vai-ſe o propoſito; chega a occaſiaõ, e eſquece a emenda; bate-vos Deos á porta, e fecha-ſe a Alma; grita-vos a Alma, e dorme a vida: pois que eſperais que vos ſuccceda? em que quereis vir a parar, ſenaõ na perdiçaõ eterna? naõ tereis hora, nem tempo, porque deixais para a hora da morte o que pudereis fazer todo o tempo da vida.

Que

Querer cobrir os naõ queros com a capa dos naõ poſſos, oh q̃ he veſtir as deſculpas do meſmo traje das malicias: e huma malicia taõ ſatisfeita de ſi, e taõ bem viſta de vós, ó peccadores, que chega a fazer galla, do que havia de ſer licito, ſerá geitoſa para andar ao uſo daquelles vicios, cujo coſtume he andar á larga; mas naõ tem geito de lhe eſtar bem o habito da penitencia, que he eſtreito até para o deſengano: fuja pois o voſſo deſengano, ſe o chegares a ter, fuja de veſtir das cores da emenda as apparencias do fingimento; porque naõ toma bom caminho, quem ſe deita na eſtrada do vicio para enxovalhar a virtude. Naõ ſeja nas voſſas tençoens tudo propor deſenganos, e tudo naõ cumprir promeſſas; tudo logos de futuro, e nuncas de preſente; porque como os logos ſaõ da natureza dos nuncas, o á manhaã ſerá nunca, e o ainda naõ he ſempre: e naõ ha couſa que mais indigne a Deos, nem que elle mais caſtigue, que hum, ainda naõ, daquelles a quem ama; e hum, á manhaã, daquelles a quem Deos aviſa.

Fechou-ſe o Ceo, e a terra nos tempos do Profeta Aggeu, e foy tal a eſterilidade, com que Deos ſe indignou contra o povo de Iſrael, que por naõ cahir do Ceo hum orvalho, por naõ haver nos campos huma folha verde, naõ ſó os homens, mas as féras pereciaõ á fome. Abrio-ſe em bocas o mar vermelho nos dias de Moyſés, e metteo de hum ſorvo nas entranhas de ſuas ondas a Faraó, e todo ſeu exercito, ſem ficar hum ſó homem vivo, que levaſſe a nova: que cauſa pois haveria, para que Deos trataſſe o ſeu povo com taõ grandes ſequidoens, e para que caſtigaſſe a Faraó, e ao ſeu exercito com taõ fatal eſtrago? Naõ amava Deos ao ſeu povo com grande extremo? Naõ mandava viſitar a Faraó todos os dias por Moyſés, e Aaram? O' mortaes, por iſſo meſmo, porque o amava muito, e o aviſava ſempre, foy toda aquella ſequidaõ, e todo aquelle eſtrago: amava Deos o ſeu povo, e queria que lhe edificaſſem hum Templo, em que o veneraſſem; aviſava Deos todos os dias a Faraó por Moyſés, e Aaram, que deixaſſe ſahir o povo do cativeiro do Egypto? reſiſtia a Deos o ſeu povo com a deſculpa do, ainda naõ; reſiſtia Faraó a Deos com a promeſſa do, á manhaã; ja era tempo de edificar o Templo, e o ainda naõ hia eſtirando o tempo: ja Faraó podia largar o povo cada dia, e o á manhãa de dia em dia naõ acabava de chegar: eſtirando ſe a deſculpa nas dilaçoens do tempo, o ainda naõ

Agg. 1. 10.

Auguſtin. ſup. 2. ibi: nõdum venit tẽpus, &c. Cras Exod. 8. 10.

naõ era sempre; estendendo-se a promessa na dilaçaõ dos dias, o á manhaã, era nunca: o povo, porque Deos o amava, das confianças, que tinha na sua misericordia, fazia licenças para o delicto; Faraó, porque Deos o avisava, das largas, que lhe dava a Divina Justiça, fazia enfanchas para a culpa: pois que havia de succeder ao povo, indignando a misericordia de Deos com os vagares do ainda naõ? Em que havia de parar Faraó, apurando a paciencia de Deos, e tentando a sua Justiça com as dilaçoens do á manhaã? Justo era que se fechasse o Ceo, e se seccasse a terra para consumir a huns; razaõ era que se abrisse o mar para sobverter a outros: em sequidoens se havia de tornar quanto de antes era mar; e castigos haviaõ de ser os que antes tinhaõ sido avisos; porque naõ ha cousa, que indigne mais a Deos, nem que elle mais castigue, que hum ainda naõ daquelles, a quem ama; e hum á manhaã daquelles, a quem o mesmo Senhor avisa.

O' mortaes, ó peccadores, que sequidoens naõ havemos de sentir na indignaçaõ do Senhor! Que castigos naõ havemos de padecer na justa ira de Deos! Que Ceos se naõ haõ de fechar, que terra naõ ha de seccar-se, e que mares naõ haõ de abrir-se contra nós, se queremos resistir a Deos com o ainda naõ he tempo de acordar; e se o queremos enganar com o á manhaã, de nos levantar do somno do ruim estado? Tudo he dizer, ainda naõ, e o ainda naõ he sempre: tudo he desculpar com o á manhaã, e o á manhaã he nunca: tudo he responder deitado na culpa: Daqui a pouco me levantarei: esperai mais hum pouco; e este pouco, he ja mais de muito: se Deos vos avisa para logo, que tem que fazer com o logo o que naõ acaba de ser? Se Deos vos quer ja, em que se parece com este ja, o que nunca he? Se Deos vos diz, que ja he tempo de reedificar o templo de vossos corpos, que todos saõ templos de Deos, como diz S. Paulo, que por vossas culpas estaõ arruinados, para quando o guardais? Quereis por ventura dizer a Deos, que naõ sabe o que diz, pois dizeis que naõ he ainda tempo? Se Deos vos avisa que deixeis sahir essas Almas do cativeiro do Egypto do demonio; que fazeis, que as naõ deixais ir para a terra da Promissaõ, que he a celeste Patria? Se pois chega huma hora, e outra hora, e o ainda naõ, he sempre; se passa hum dia, e outro dia, e o á manhaã he nunca; que muito he que, pelejando contra nós todas as creaturas, nos mostrem a indignaçaõ, e a ira de Deos, fazendo-se-

I. ad Cor. 3. 16.

do-se-nos o Ceo de bronze, o ar de fogo, a terra de ferro, e o mar de sangue, a luz de trevas, o dia de sombras, e o Sol de lutos! Naõ deixeis pois para mais tarde o que nunca póde ser cedo; naõ andeis dilatando de hum dia para outro dia a vossa conversaõ; vede, que subitamente virá a ira de Deos sobre vós, e que primeiro vos occupará a morte, que o conhecimento della. Vede que hoje ja he tempo, pois naõ sabeis se o dia de hoje será o vosso ultimo dia. Naõ vos guardeis para á manhaã, nem para o depois, pois nem o tempo está ao vosso mandado, nem a morte anda á vossa ordem. Hum só dia, que percaõ de monçaõ as náos, que vaõ para a India, naõ sómente se arriscaõ a chegar tarde, mas a perder se: a occasiaõ, que a fortuna dá hum dia para ganhar huma victoria, se se perde, arrisca-se a batalha. As perdas do tempo saõ irremediaveis; porque ao tempo perdido, ainda que se lhe naõ percaõ as saudades, perdem-se as esperanças. Desazamos com os nossos vagares o tempo, que nos dava azas para a ventura; e ficamonos em muletas para buscar o remedio, ou fugir da perdiçaõ. Se pois, passada a monçaõ, a viagem se arrisca; se, perdida a occasiaõ, a victoria se perde: como, Christaõs, por mais hum dia quereis arriscar a salvaçaõ na viagem do Ceo, que he India d'alma? Como por mais huma hora quereis perder a victoria dos vicios, que he o desengano da vida? Como por mais hum ponto quereis errar o vosso fim ultimo, que he o eterno bem? Se hoje naõ podeis, estando menos impedidos, como podereis á manhaã, estando mais embaraçados? Se hoje naõ rompeis o laço do demonio, que he de hum fio, como o rompereis á manhaã, sendo ja huma cadèa? Se agora, que tendes mais força, vos naõ podeis levantar da cama da culpa, como depois, estando mais debilitados, vos podereis erguer? Crescendo os vicos, crescem os riscos; porque crescem os apegamentos: crescendo os laços, crescem os embaraços; porque os enleyos crescrem: crescendo a enfermidade, cresce a debilidade; porque com as forças da doença se debilitaõ as da saude: crescendo a pirguiça, cresce a malicia; porque quem se naõ levanta, podendo, por sua vontade se deixa estar deitado. Que fazeis logo, peccadores adormecidos, que vos naõ desapegais dos vicos, com que o mundo vos prende? que naõ venceis essa fraqueza, com que a carne vos derruba? que naõ rompeis esses laços, com que o demonio vos ata? que naõ acordais desse lethargo,

thargo, com que a peſte da culpa vos mata, com que o coſtume de peccar vos ſepulta?

Os caramélos, que o Sol naõ derrete com a caricia de ſeus rayos taõ mimoſamente benignos, os brutos os pizaõ, a terra os enxovalha, e a lama os corrompe. A lagoa, que ſe naõ corre de naõ correr ao mar, como os rios, que he o ſeu centro; no ſeu deſcanço torpe, no ſeu meſmo ſocego inutil, e no ſeu ſomno profundo, ou apodrece, ou ſe conſome, até que de todo acaba cheya de bichos, e immundicias: finalmente quem dorme, dorme-lhe a fazenda. O' mortaes, que, como aves enganadas, cahiſtes nos laços do caçador infernal: que razaõ ha para que goſteis antes das prizoens do demonio, que da prizaõ da Ley, e amor de Deos, que, parecendo-vos dura cadèa, he o mayor, e mais ſuave beneficio? Como vos empedernis como caramélos duros, e frios contra o Sol da divina graça, para ſeres pizados dos brutos infernaes, e vos corromperes na terra? Porque razaõ, como lagoas adormecidas ſem movimento, apodreceis em voſſos vicios, ſem quererdes correr a Deos, que he noſſo centro, como mar, de quem ſomos rios? E finalmente como dormis a ſomno ſolto nos braços do demonio, deixando perder os bens da graça, que he a melhor fazenda? Deſpertai ja, e levantai-vos dahi; vá fóra eſſa mortal pirguiça; tenha fim eſſe diabolica ſomno; tratai de ir a correr, e naõ de vagar; logo, e naõ depois; hoje, e naõ á manhaã; ja, e naõ daqui a pouco; porque ſe o naõ fizeres, em caſtigo de hoje poderes, e naõ quereres, poderá ſer que á manhaã queirais, e naõ poſſais: e para que naõ poſſais entaõ allegar deſculpas diante da Juſtiça Divina, que vos naõ aproveitaráõ, vos faz agora eſtas aviſos, deſpertadores de voſſo mortal ſomno, a Divina miſericordia, para que delles vos aproveiteis: *Uſquequò piger dormies? quando conſurges à ſomno tuo?*

TO-

TOQUE XIII.

Videns autem Deus quòd multa malitia hominum esset in terra; & cuncta cogitatio cordis intenta esset ad malum omni tempore, pœnituit eum quòd hominem fecisset in terra. Et tactus dolore cordis intrinsecus, Delebo, inquit, hominem, quem creavi. Gen. 6. 5.

CLAMOR XIII.

A causa dos castigos de Deos he a continuaçaõ dos peccados, e falta de penitencia.

VEndo pois Deos [diz a Divina Escritura] a grande maldade dos peccadores, e que toda a sua intençaõ, e todos os cuidados do seu coraçaõ se inclinavaõ para o peccado, sem que houvesse esperança de emenda, e de penitencia; e que corriaõ aos vicios, e á perdiçaõ com mayor sede, que o cervo á fonte, com mayor diligencia, que a fonte ao rio, e com mayor pressa, que o rio ao mar: chegando esta dor ao coraçaõ de Deos, disse: Eu castigarei, e assolarei asperamente esta perversa gente, a quem criei, e sustentei com taõ grandes beneficios; a quem chamei; a quem redemi com meu proprio Sangue, e com taõ grande amor: converter-se-ha a misericordia em justiça, o amor em odio, a piedade em indignaçaõ: pois esquecendo-se do seu Creador os peccadores, da Ley de Deos, e do fim, para que foraõ creados, vivem taõ solta, e depravadamente, como se naõ vieraõ ao mundo para outra cousa, mais que a adorar o vicio, idolatrar o peccado, e servir o demonio nos idolos de seus gostos, enchendo-se de abominaçoens, e delictos, com que me desprezaõ: assim o disse o Senhor naquelles tempos passados; e como he a infinita verdade, assim o fez, como o disse. Mandou sobre o mundo hum diluvio, e tomando as agoas por instrumento daquelle universal castigo, apagou com ellas neste mundo as chammas sensuaes dos incendios peccaminosos, e dos coraçoens mundanos: subiraõ as ondas sobre os mais altos montes quinze covados, e affogando rigorosa, e asperamente todo o genero humano, excepto Noé, e os que encerrou comsigo na arca, ainda aos brutos, e ás cousas insensiveis se estendeo o castigo, para que acabassem, e perecessem com os peccadores todas aquellas creaturas, que os haviaõ servido, e acompanhado na offensa de seu Creador. Naõ castigou a Noé, porque sendo

Justo

Justo, havia obedecido a Deos, e observado sua Lev, vivendo sempre naquelle santo temor de Deos, com que a Deos se agrada, o demonio se confunde, o Ceo se ganha, e as Almas se naõ perdem. Affogou finalmente a terra com o diluvio: castigou ao depois Jerusalem, e a seu povo por maõs dos Assyrios, e assolou pelos Romanos: sobverteo as Cidades infames com seus termos, e comarcas: ferio a terra do Egypto com horrendas pragas; e sepultou no mar vermelho a Faraó, e a todo seu exercito: fez que tragasse a terra com vida a Dathan, e Abiron: e destruìo finalmente muitas gentes, e Naçoens, Reynos, e Provincias, Cidades, e Monarchias, porque perdendo o temor de Deos, e desprezando a penitencia, naõ quizeraõ obededecer-lhe; porque o fogo do amor Divino naõ se lhes ateou pelas Almas; porque as armas do desengano naõ quizeraõ assolar a culpa; porque os imperios da emenda naõ quizeraõ mudar a vida.

4. Reg. 25. per tot. Luc. 19. 14. &c. Dan. 9. 26. Gen. 19. 24. Exod. 7. 20. &c. Psalm. 105. 17.

Todos estes foraõ punidos, destruidos, e assolados naõ só com o temporal estrago, mas com as eternas ruinas; e naõ foy Ninive sobvertida, quando Deos a ameaçou pelo Profeta Jonas; porque em tres dias de penitencia sobverteo a emenda da vida os vicios, e peccados passados, que provocavaõ a ira, e indignaçaõ Divina, embainhou a misericordia a espada da justiça, que ja descia com o golpe para destroçar os perversos filhos da terra. De tal sorte ata as maõs ao mesmo Deos hum peccador arrependido, que em tomando pela sua maõ huma diciplina, tira das maõs de Deos o açoute; em cortando pelos seus peccados, parece que tira a espada das maõs a Deos; em se irando contra si, desassombra, e desfaz a ira de Deos; em se vestindo de cilicio, despe ao mesmo Deos as armas; em se mortificando com o jejum, e affligindo com a dor de seus peccados, alegra os olhos de Deos, e de todos os Bemaventurados do Ceo: e finalmente em clamando o peccador a Deos de todo seu coraçaõ com espirito humilhado, coraçaõ contrito, e oraçaõ fervente, faz com que Deos (a nosso modo de fallar) se esqueça das offensas, que se lhe haviaõ feito, por mayores que fossem, e se vire para o peccador, como dizendo-lhe: Filho, ja me naõ lembro dos males que fizeste, naõ me persigas mais tornando a peccar, guarda meus Mandamentos, e seremos amigos, perseverа, e terás a salvaçaõ.

Joan. 3. 10.

Ezech. 18. 21. & 22.

Eccl. 21. 1.

Se o peccador [disse Deos por Jeremias] fizer penitencia de seus peccados, tambem eu

Jerem. 18. 8.

farei

farei penitencia de lhe querer dar caſtigo: oh bondade immenſa! oh amor incomparavel! que chegue a dizer o meſmo Deos, que fará penitencia de querer caſtigar-nos, ſe nós a fizermos de o haver offendido! como ſe a juſtiça Divina fora culpa, de que ſe houveſſe de arrepender, logo que nós nos arrependemos de noſſas culpas: tal he o noſſo Deos, taõ bom, taõ noſſo amigo, que ſendo a meſma immutabilidade, para melhor nos perſuadir a fazer penitencia, faz por bemquiſtá-la, promettendo tambem fazè-la: ſe pois o meſmo Deos ſe naõ dedigna de fazer penitencia por amor de nós, ſempre que nós por ſeu amor a façamos, quem ha taõ neſcio, taõ ouſado, e taõ atrevido, e q̃ tenha a Deos taõ grande odio, que ſe envergonhe de fazer penitencia por amor de Deos? e que em fim zombe do que Deos eſtima, que ſe ria do que Deos faz, e ſe deſpreze de fazer aquillo, que o meſmo Deos fizera? Fazer Deos penitencia, nenhuma outra couſa he, ſenaõ pôr a ſua miſericordia no lugar, aonde havia de apparecer a ſua juſtiça; e a noſſo modo de fallar, pezou-nos de offender a Deos, pezou-lhe de nos querer caſtigar por iſſo: propuzemos de naõ offendè-lo mais com o pezar de havè-lo offendido; propôs Deos de nos naõ caſtigar mais, com o pezar de nos querer dar caſtigos: eis-aqui a penitencia de Deos; eis-aqui a noſſa penitencia: mas quer o Senhor explicar-ſe com noſco pelos termos de arrependido, para q̃ o peccador a exemplo do meſmo Deos naõ ſe envergonhe de ſe arrepender, que errou, e que fez mal em peccar, quando Deos moſtra arrepender-ſe de querer fazer juſtiça em caſtigar a quem peccou: mas ſe o peccador deſconhece eſta bondade de Deos, e perde o temor, com que devemos tremer de ſeus profundos juizos, dá-ſe Deos a conhecer pelos caſtigos, em vingãça de o naõ querermos conhecer pelas miſericordias.

Mandou Deos a Moyſés, que foſſe a dizer a Faraó, que deixaſſe ſahir ao ſeu Povo da terra do Egypto; e perguntando-lhe Moyſés, quem havia de dizer que o mandava, reſpondeo-lhe o Senhor: Vay, e dize-lhe que eu ſou quem ſou: pois, porque lhe naõ manda Deos que diga a Faraó, que he Deos de Abraham, Deos de Iſaac, e Deos de Jacob, como mandou dizer aos filhos de Iſrael? Que razaõ haveria, para que Deos ſe naõ quizeſſe dar a conhecer a Faraó por eſte nome, nem por outro algum? A razaõ he: que Faraó naõ havia de querer conhecer a Deos pelas miſericordias, que uſava com elle nos aviſos, que lhe daya; Exod. 3. 14. Ibid. 15.

dava; havia de conhecè-lo nos caſtigos, que lhe deſſe, e pelas pragas, com que havia de ferir, e aſſolar a terra do Egypto: ſe pois Faraó ha de ſer obſtinado, ha de endurecer-ſe; ſe Faraó naõ ha de ter emenda, e ſe ha de fazer peyor com os aviſos de Deos, e em fim naõ ha de conhecer a Deos pelas miſericordias; naõ lhe mande Deos dizer quem he, nem ſe dê a conhecer com elle; conheça-o Faraó pelos caſtigos, pelas pragas, pelos açoutes, com que a juſtiça divina, ainda neſte mundo, que iſto he a terra do Egypto, o ha de aſſolar, e confundir, até que no mar vermelho, que para Moyſés foy eſtrada, ache Faraó o ſeu ſepulchro.

O' mortaes: todos aquelles, q̃ naõ quereis conhecer a Deos pelas miſericordias, que uſa comvoſco em aviſar-vos, haveis de conhecè-lo pelos caſtigos ainda neſte mundo: o meſmo mar vermelho, figura do Sangue de Chriſto, que para os Juſtos, como Moyſés, foy eſtrada para a terra da Promiſſaõ, figura da Gloria; para os obſtinados, como Faraó, ha de ſer eterno ſepulchro, que os metta nas profundezas dos abyſmos, figura dos infernos. Se pois naõ queremos conhecer a Deos, ſe naõ queremos ter pezar de noſſas maldades, que muito he que, a noſſo modo de entender, lhe peze a Deos de nos haver creado, e feito á ſua imagem, e ſimilhança! Que muito he que nos caſtigue, e nos aſſole de todo, ainda que ſeja com grande dor de ſeu coraçaõ, ſe nós, que pela noſſa culpa fizemos a morte, tambem pela impenitencia della fazemos os caſtigos! Caſtigou Deos o mundo naquella primeira ira com hum diluvio de agoa, caſtigá-lo-ha na ſegunda indignaçaõ com hum diluvio de fogo; cujas chammas abraçadoras, naõ ſó haõ de converter o mar em cemiterio de areas, o ar em ſepulchro de ſombras, mas a toda a terra em ſolidaõ de cinzas: ſe iſto ha de ſucceder á terra, que naõ peccou, ao mar, que naõ delinquio, ao vento, que naõ prevaricou; que ſuccederá áquella terra de noſſos corpos, que naõ produz mais que os eſpinhos da culpa? Que ha de ſucceder ao mar de noſſas concupiſcencias, que nos cobrio, e alagou ſempre em ondas de vicios, e em tempeſtades de culpas? Que ha de ſucceder ao vento de noſſa vida, que antes de chegar ás regioens da morte, encheõ todos eſſes mundos pequenos de ſombras, e eſcuridades? Que ha finalmente de acontecer ao ar de noſſas vaidades, que em tormentas desfeitas nos trouxe ſempre por eſſes ares? O' mortaes, naõ preſumais neſciamente,

ciamente, que Deos vos ha de perdoar, porque vos creou, se naõ fizerdes penitencia. O mesmo Deos, para que vos naõ enganasseis com isto, disse que havia de consumir o homem, a quem creara: he razaõ para a ira, e naõ para a misericordia, o crear-nos Deos, se sendo creaturas suas, vivemos como se o naõ foramos, desconhecendo a infinita Bondade, que nos deo o ser, desprezando a Ley, que nos pôs, com a naõ querermos guardar, e caminhando ás avessas pelo caminho, porque nos manda ir a sua vontade; e sobre tudo clamando o Senhor, que nos emendemos, zombamos disso, fazendo ouvidos de mercador.

Favores de Deos mal agradecidos, que saõ, senaõ justificaçoens de castigos multiplicados? Quem visse castigar Deos o Egypto por amor do povo de Israel com taõ cruel açoute; quem visse depois das mortes de tantos seus inimigos abrir-se o mar em ruas, e em estradas para lhes dar passagem a pé enxuto; quem visse que o mesmo Deos com huma columna de nuvem os defendia do rigor do Sol no decurso do dia, e os alumiava pelo deserto com huma columna de fogo na escuridaõ da noite; quem visse que lhe chovia dos Ceos o paõ dos Anjos, e que as pedras duras se desentranhavaõ em agoa, para que bebesse; quem visse que o Jordaõ tornava a traz com a furia de sua corrente, levantando se as agoas em serras de ondas, para que passasse a pé enxuto; e que os muros de Jericó se lhes arruinavaõ sem força, para que entrassem sem trabalho nas Cidades inimigas; quem visse no meyo do Ceo parar o Sol, e estar á sua obediencia, para que vencesse; e finalmente quem os visse vencer, e arruinar tantas Naçoens robustas, tantas gentes indomitas, tantos muros de bronze, tantos campos de ferro, que havia de dizer de tantos favores de Deos, e desta sua amizade, senaõ que até o fim do mundo amaria Deos o seu povo, e o traria nas palmas, e na estimaçaõ das gentes? Porèm, como este povo lhe foy depois ingrato, e nescia, cega, e maliciosamente rebelde ao mesmo Senhor, seguio-se que dandolhe Deos as costas, e mudando se em ira a sua clemencia, desde Tito Vespasiano, que foy instrumento do temporal castigo, foy este povo ingrato consumido em guerras, morto á fome, e antes de chegar a cadaveres, alimentado nos cadaveres de seu mesmo sangue; e os que delle restaraõ miseravelmente reduzidos á servidaõ, e espalhados pelo mundo, cativos, e desterrados da sua patria, em toda

Exod. 7. &c.
Exod. 14. 22.
Exod. 13. 21.
Exod. 16. 4.
Num. 20. 21. Josuè 3. 16.
Josuè 6. 20.
Josuè 10. 13.

O a par-

a parte degenerados, em nenhuma conhecidos, sempre novos, sempre alheyos, sempre estrangeiros, sem nobreza, porque naõ tem solar, sempre baixos, porque naõ tem estimaçaõ, sempre suspeitosos, porque ha poucos, em que haja Fé; e sobre tudo isto, cegando-se-lhes o entendimento para mayor castigo, vivendo sem espirito de Deos entregues á carne, e a seus mundanos appetites, saõ constituidos para sempre no ventre dos infernos; donde seraõ pasto eterno daquelle bicho immortal, que os ha de roer, e daquelle eterno fogo, que os ha de abrazar, sem nunca os consumir.

Se pois succedeo, e se isto succede ainda hoje ás reliquias daquelle povo taõ favorecido hum tempo do amor de Deos: que succederá áquelles Christaõs, a quem Deos tirou do Egypto da Gentilidade; a quem fez passar pela agoa do Bautismo; a quem com a sombra de seus auxilios cobre, e ampara de seus contrarios, e dos ardores da concupiscencia; a quem allumia com a doutrina das columnas de sua Igreja nas escuridoens da cegueira, e ignorancia humana; a quem sustenta com o manjar de seu mesmo Corpo, e com o seu mesmo Sangue, que esta he a agoa tirada a golpes daquella pedra; e a quem finalmente faz outros tantos beneficios, de que foraõ figura, e sombra os que fez áquelle povo ingrato? Quanto pois vay de beneficio a beneficio, e de favor a favor, tanto irá de castigo a castigo, de açoute a açoute, e de assolaçaõ a assolaçaõ.

1. ad Cor. 10.

Oh Fieis! oh Christaõs! acabai ja de ser Christaõs na realidade das obras, que isto he ser imitador de Christo, donde vos vem o nome; tratai de ser fieis a vosso Deos, a quem tendes sido tantas vezes inconfidentes; fazei disso penitẽcia para applacares a ira Divina contra vossas rebeldias exasperada: que de outra maneira, vendo Deos que a vossa malicia cresce sem penitencia, viráõ sobre vós diluvios de castigos: *Videns Deus, &c.*

TOQUE XIV.

Vos autem sicut homines morietini. Psal. 81. 7.

CLAMOR XIV.

Trata-se da fragilidade da vida; e como em nascer, e morrer naõ ha entre os humanos differença.

DE tudo quanto ha no mũdo (diz o Filosofo) a mais terrivel, e cruel cousa he a morte: e por ser cousa taõ medonha, muito hẽ para temer: porẽm muito mais para temer he a vida. Da bõa morte, álem de

Arist. 2. p. lib. 5. Ethic. cap. 6. in med.

ser

Auguſtin. tom. 9. lib. 1. de Viſit. infirm. prop. fin.

ſer fim dos males temporaes, como diz Santo Agoſtinho, naſce o principio das felicidades da eterna vida: da bõa vida nem ſempre naſceo a bõa morte, da vida naſceo a morte ſempre, e ás vezes o inferno, que eſta he a ſucceſſaõ da má vida. Com a penſaõ da mortalidade naſcemos todos: iguaes naſcemos, e iguaes morremos, o Rey, e o paſtor, o grande, e o pequeno, o pobre, e o rico, o ſaõ, e o enfermo, o velho, e o moço, porque attentando á origem da natureza, tudo he hum, e em chegando ao pó, e cinza, tudo he o meſmo; outra tanta terra, como occupa o mayor Monarcha do mundo, occupa na ſua cova o mais pobre homẽ da terra; e ſe ainda entaõ os quer diſtinguir a vaidade nas pompas do mundo, naõ os differença o juizo na porçaõ das cinzas: o meſmo Legislador do Direito divino, e humano nos naõ diſtingue dos outros homens pelo naſcimento, e pela claridade do nome, mais que em quanto vivemos; em chegando o juizo ultimo, e a ſentença final, quem tem feito melhores autos na vida, eſſe ſó he o melhor quanto á condiçaõ immortal, porque eſta he a ſatisfaçaõ, que dá o Ceo ao acabar das differenças do viver: quanto á condiçaõ terrena, tudo fica hum, tudo parece o meſmo. He a morte para o vivo, como a maõ para o pintado: vereis pintados montes, e valles, mares, e rios, homens, e brutos, Cidades, e campos: e iſto, que vos parece perto, aquillo longe, iſto, que ſe vos affigura baixo, aquillo alto, eſſoutro, que ſe vos finge immovel, eſſoutro corrente, grande, e pequeno, eſcuro, e claro, ſe lhe correis a maõ por cima, tudo he hũ, tudo he igual, tudo he ó meſmo, huma taboa com huns poucos de oleos, hũ panno com humas poucas de cores; que, como ſaõ accidentes, ſaõ de pouca dura; vaõ, e vem, põem-ſe, e traſpõem-ſe, corrompem-ſe, e acabaõ, ſem que a taboa acabe, nem o panno ſe rompa: aſſim a morte tudo faz hum: vereis o Rey, e o vaſſallo, o Prelado, e o ſubdito, o pobre, e o rico, o grande, e o pequeno, o velho, e o moço, parecer vos ha em quanto vivem, que ha grandes diſtancias entre huns, e outros, notaveis deſigualdades, e differenças, e em fim muita terra em meyo; lança-lhe a morte a maõ, e em lhe cahindo nellas eſta miſeravel vida, tudo ſe faz hum, tudo parece igual, e com huma mortalha, e ſette pés de terra accõmoda igualmente ao Principe, e ao paſtor; e moſtra, reduzindo tudo ao deſengano de humas cinzas, que aquelles meſmos Alexandres, que em todo o mundo naõ ca-

biaõ, ja cabem em outra tanta terra, como qualquer homem vil, e baixo do mundo.

Todos, ó peccadores, ſomos iguaes no naſcer, e no morrer: os entremeyos da vida ſaõ tramoyas da fortuna, ou furtacores do mundo, que parecem o que naõ ſaõ, e ſaõ o que naõ parecem. Compara a Sagrada Eſcrituta os humanos ás agoas, que vaõ correndo: e com muita razaõ; porque todos ſomos, naõ ſó fracos, como agoa, mas iguaes no principio, e no fim. Vereis hum ribeyro pobre, e humilde mendigando pelos valles, beijando os pés ás arvores, e correndo taõ baixo que ſem temor algum lhe pondes os pés em cima, ſem fazerdes cazo algum delle. Encontrais hum rio ſoberbo, e inchado, que ſenhorea campos, arraza montes, cerca Cidades, e leva ás vezes ao mar mayor guerra, que tributo; e he certo, que lhe guardais muito mais reſpeito, e tendes grande veneraçaõ, porque vos naõ atreveis a mette-vos nelle, nem a pôr-lhe os pés: e ſe bem conſiderardes o que he o rio, e o que he o ribeyro, achareis entre as grandes diſtancias que entre hũ, e outro vedes, q̃ tudo he agoa, ou mais baixa, ou mais alta, mas igual no naſcer, e no morrer; porque o rio naſceo da terra, e ſahio do mar, e no mar torna a morrer, ſem ainda deixar nome do que fóy; e o ribeyro da meſma ſorte naſce, e do meſmo modo a caba: aſſim tambem vedes hũ homem bayxo, pobre, e humilde, que vive de eſmólas, e anda beijando com a ſua neceſſidade os pés a todos, e todos o trazem por baixo dos pés: olhais para hum grande ſenhor, ſoberbo, e altivo, a quem os reſpeitos ſobejaõ, e ſobraõ as veneraçoens: pois aſſim o pobre, como o ſenhor, quanto ao naſcer, e ao morrer, tudo he o meſmo. Da terra naſceo o pobre, e em terra ha de acabar; e o ſenhor tambem da terra he filho, e terra ha de morrer, e tudo o que teve de grande na vida deſappareceo como ſombra, ficando o que antes era pó, e cinza.

2. Reg. 14. 14.

He a morte officio dos mortaes, que ſe aprende deſde o naſcer, e ainda muito de antes, ou por Ley da natureza, ou por caſtigo da culpa, ou por tributo da vaidade: aprende-ſe deſde a a eſcóla do ventre, e deſde a aula do berço; hũas vezes bem, e outra mal; porque huns morrem mal, e outros acabaõ bem: quem melhor faz ſeu officio quando morre, moſtra que ſoube melhor eſta regra geral, com que ſe acaba a vida: quem mal acabou, dá nos a ſuſpeitar, q̃ naõ ſoube fazer o officio para q̃ naſceo; e por iſſo Seneca diz, ſendo hum Gentio, que em toda a vida

Senec. lib. un. debrev. vitæ c. 7. in princ.

vida ſe ha de aprender a morrer: ſaber viver, iſſo ſabe a ignorancia, ſaber viver bem he ſciencia da razaõ; mas ſaber morrer, he alta ſabedoria, que ſe eſtuda nos clauſtros da morte, para que melhor ſe aprenda no circulo da vida: ſaõ ignorancias da morte todas as outras ſciencias da vida, que para eſte fim naõ ſe aprendem; e ſaõ ignorancias puras, todas aquellas preſumpçoens, com que a vaidade humana faz que huns ſe tenhaõ por melhores que outros na condiçaõ terrena; ſe pois a jornada da vida he o caminho da morte: ſe as fontes mais humildes, e os regatos mais pobres ſaõ da meſma natureza, que os mais rios: ſe eſtes ſe fizeraõ mayores, he porque uſurpando as agoas alheyas, dos que a elles ſe chegavaõ, tyrannamẽte ſe ergueraõ com a mayoria; mas iſto, que lhes aproveita? quanto lhes dura? de que lhes ſerve tudo iſto, mais que de chegar ao mar da morte com mayor preſſa, para acabar a vida mais amargoſamente.

O' mortaes, he a morte ruina univerſal de toda a maquina caduca deſtes edificios viventes, e donde ha ruina, naõ ha deſigualdades, tudo tem a meſma ſorte, tudo he igual, tudo he hum. Cahio a pedra do monte
Dan. 2. 34. &c. ſobre aquella portentoſa eſtatua, que em ſonhos vio Nabuco, e diz o Texto Sagrado, que todos aquelles metaes, de que ella ſe compunha, igualmente foraõ deſpedaçados, e deſapparecidos: ſe a cabeça da eſtatua era de ouro, os peitos, e braços de prata, o ventre de bronze, as pernas de ferro, e os pés de ferro, e barro; como ſe desfaz igualmente toda eſta maquina: *Contrita ſunt pariter, quaſi in favillam*? Como ſe fez tudo hum? Como igualmente deſappareceo tudo, ſem deixar final de ſi: *Nulluſque locus inventus eſt in eis*? Se ha taõ deſigual differença do ouro para a prata, da prata para o bronze, do bronze para o ferro, e do ferro para o barro; como correm todos em hum inſtante hũa meſma fortuna? O alto da cabeça, o levãtado dos hombros ha de ter a meſma ſorte, que o baixo dos pés? tudo ha de parecer hũa couſa? Que o barro pela ſua fragilidade ſe desfizeſſe em hum momento, naõ era muito; mas que o ſolido do ouro, o puro da prata, o forte do bronze, e o duro do ferro igualmente ſe desfizeſſem em pó, e cinza, como ſe desfez o barro, iſto parece maravilha. Ha de ſer poſſivel, que igualmente ſe ha de deſcõpor a fidalguia do ouro, a nobreza da prata, o valor do bronze, e a valentia do ferro, como ſe deſcompõem a fraqueza, e a vileza de hum barro humilde?

Sim mortaes: houve ruina em todos eſtes metaes, cahio a eſtatua, arruinou-ſe toda eſta maquina, pôs-ſe-lhe hũa pedra em cima; pois como havia de acabar tudo, ſenaõ igualmente arruinado? Que differença havia de haver, mais que fazer-ſe tudo hum? Porque onde ha ruinas, naõ ha deſigualdades, tudo he da meſma ſorte, tudo a meſma couſa.

Tudo he terra, ó peccadores: tudo he pó, e cinza: ou ſejais Reys, os ſejais Principes, ou ſejais nobres, ou ricos, ou poderoſos, ſois da condiçaõ do barro em ſe pondo em cima a pedra da ſepultura: o ouro mais fino, a prata mais luſtroſa, o bronze mais robuſto, o ferro mais rijo, tudo he da condiçaõ da terra, do barro, e do pó, e cinza: em quanto eſtá em pé a mentira do mundo, parece hum lindo como hum ouro, galhardo como humas pratas, valente como hum bronze, e duro como hum ferro; mas tanto que a morte dá de aveſſo com tudo, logo ſe deixa ver com verdade, que tudo he nada, e hum pouco de pó, e cinza, que naõ occupa lugar. Poderá a vaidade de hũ Nabuco ſonhar; poderá levantar nos ſonhos da ſua fantaſia grandes maquinas, grandes Imperios, e grandes differenças nos eſtados da vida humana, de que a eſtatua foy figura: mas Chriſto, que he a meſma verdade, e foy a pedra, que derrubou a eſtatua, para deſenganar em figura as mayores affiguraçoens do mundo, naõ ſó moſtrará a todos, que ſaõ pó, e cinza em ſe lhes pondo em cima a pedra da ſepultura; mas que todos os bens da terra ſaõ tambem o meſmo: ſaõ o meſmo todos os bens da terra; porque quem viſſe deſcer a pedra para tocar eſtes metaes, que lhe havia de parecer, ſenaõ que moſtrariaõ mais a ſua pureza? Quem ſobre iſto entendeſſe, que naquelles metaes ſe ſignificavaõ as Monarchias do mundo, como naõ ſuſpeitaria que era de muita dura huma couſa taõ notavel? Mas quando viſſe, que a grandeza era fingimento da fantaſia, que os Imperios naõ duravaõ, nem por ſonhos, e que os metaes todos eraõ terra, e tudo em fim huma faiſca, que voa, hum pó, que ſe levanta, e hum vento, que deſapparece; que havia de tirar deſte deſengano, ſenaõ hum verdadeiro conhecimento, de que o mais do mundo he mentira, engano, e vaidade, que em hum fechar de olhos ſe finge em quanto a vida dura; e em outro fechar de olhos ſe acaba, logo que a morte chega?

Dan. 2. 39. &c.

Hug. C. in Dan. ſupra, myſtic.

Naõ ſó depois da morte, ſenaõ na meſma vida ſe vê eſte deſengano: he engano, ó mortaes, cuidar-

dardes, que ſois outros homens, porque tendes mayor eſtado, ou mayor fortuna; tudo he hũ, tudo he o meſmo: e naõ ha outra differença, que eſtardes em mayor perigo, os que eſtais em mayor altura; tal he a condiçaõ das fortunas altas, e dos eſtados ſupremos, que quem os chega a poſſuir, primeiro perde a vida, e felicidade, que ſeja tempo da morte; e iſto naſce de que a ſua propria vaidade, anticipando-lhe a morte, lhe faz muito mayor mal, do que lhe fizera a violencia alheya, ſe lhe tirara a vida. Rogando David pragas a huns inimigos, dizia a Deos: que ſe façaõ ſimilhantes ao feno dos telhados: e pois naõ fora melhor vingança pedir que foſſem como feno dos valles? porque ſe era para ſe vingar delles, ficavaõ-lhe nos telhados ſobre a cabeça, e nos valles podia metè los debaixo dos pés: ſe accazo deſeja que ſe conſummaõ como o feno, que peyor ſucceſſo acha no feno dos telhados, onde naõ póde chegar-lhes, q̃ no feno dos campos, donde pudera a ropellá los? A razaõ da differença he: porque o feno dos campos, muitos o arrancaõ primeiro que ſe ſeque; o feno dos telhados primeiro ſe ſecca, do que o arranquem, como diz o meſmo David: *Priuſquam evellatur, exaruit.* Faz-lhe a ſua vaidade, e a ſua altiveza, anticipando-lhe a morte; muito mayor mal, do que pudera fazer-lhe a violencia alheya tirando-lhe a vida; quando parece que a violencia, que o pudera arrancar, o vai poupando, como quem lhe perdoa; a vaidade com q̃ havia de florecer, o vai conſumindo, como quem o caſtiga: faz lhe a vaidade todo eſte mal, porque naõ tem raizes o feno dos telhados, iſto he, naõ tinha fundamento para pôr-ſe naquellas alturas: pudera cõtentar-ſe o feno com ſer feno dos campos, pois o ſer feno dos telhados naõ lhe tirava o ſer feno; eſtivera-lhe iſto melhor, porque ſe vivera humilde, como o outro feno, florecera, e durara mais, e naõ ſe arruinara taõ cedo a fragil, e caduca pompa daquella vaidade verde: mas eſquecer-ſe o feno, de que naſcera das hervas, naõ querer ſer feno, como o outro feno, deſconhecer a ſua vileza, e a ſua fragilidade, ſahir-ſe da ſua eſféra, pôr-ſe em grandes alturas, e quèrer viver das telhas arriba, em que havia de vir a parar, ſenaõ em dar-lhe na cabeça aquelle meſmo deſvanecimento, que lhe fez perder o pé? Conſũmio-ſe por ſi meſmo antes de chegar aõ fim de ſeus intentos vaõs, ſem que lhe fizeſſe mal o rigor alheyo; e em fim morreo antes de tempo.

Pſalm. 128. 6.

Pſalm. prox.

Alta providencia do Ceo foy,

que assim morresse o feno, porque como no feno se figura a carne, e na flor do feno a vangloria humana, como diz Isaias; se o feno morrera arrancado, parecera que a violencia das maõs alheyas lhe tirava a vida, que ainda lhe concedia o tempo, e para desenganar nos o Ceo, que naõ tem a carne tantos perigos na violencia, como na vaidade propria, por si mesmo permittio que se consumisse o mais authorizado feno: para que aprendessemos deste exemplo, quanto mais he para temer a vaidade propria, que nos faz sahir da nossa esféra, como se foramos outros; do que a violencia alheya, que nos tira a vida anticipadamente. O' mortaes, ou sejais feno dos tectos, ou feno dos campos, todos sois feno: *Omnis caro fœnum*; tudo he hum, porq̃ todos sois huns; todos sois o mesmo, porque todos sois homens, e homens peccadores, fracos, e mortaes: por mais altos, que estejais, por mais robustos, que vos sonheis, e por mais felices, que vos finjais, naõ ha outra differença, que serdes mais vaõs, quando estais mais altos, q̃ estardes mais enganados, quãdo estais mais robustos, q̃ estardes mais perigosos, quãdo estais mais felices: sois huns rios, outros fontes, huns baixos, outros altos, mas tudo agoa: sois humas pinturas na apparencia muito differentes, na realidade tudo hum: sois huns, feno mais erguido para ser mais miseravel; outros feno mais humilde, para naõ ser taõ caduco; e sendo na realidade vilezas, vos fizestes muito peyores levantando-vos contra Deos, por naõ querer guardar sua Ley, zombando de suas vozes, por naõ querer emendar-vos, desprezando-vos a vós mesmos, por quererdes servir antes ao demonio, que a Deos, e esquecendo-vos do que sois, e do que haveis de ser: pois desenganai vos, que todos, como homens fracos, mortaes, e miseraveis, haveis de morrer, e haveis de acabar: *Vos autem sicut homines moriemini.*

Isai. 40. 6.

Isai. sup.

TOQUE XV.

Nescit homo finem suum: sed sicut pisces capiuntur hamo, & sicut aves laqueo comprehenduntur, sic capiuntur homines in tempore malo. Eccles. 9. 12.

CLAMOR XV.

Da miseravel ignorancia, com que os homens peccadores achaõ gosto na sua perdiçaõ.

NAõ sabẽ os mortaes quando, como, e adonde ha de ser

ſer o ſeu fim; e virem com tanto eſquecimẽto da morte, como ſe ella naõ tivera igual juriſdiçaõ em todos: para os negocios para huma hora, para a jornada de hum dia, para a viagem de hum mez, coſtumaõ preparar ſe os homens com grande diligencia; ſó para lhes naõ ir mal na hora da morte, para dar conta a Deos no dia de Juizo, e para paſſar bem o ſalto da eternidade, naõ ha preparaçaõ alguma, como ſe iſto fora ſonho, fabula, ou mentira; de que naſce, que vivendo á maneira de peixes no mais profundo das ondas, vagueando a modo de aves pela regiaõ dos ventos, andamos no mar do mundo ſubmergidos nos vicios, e ſeguimos por vias aereas as mundanas vaidades; adonde gozando hũs bens fãtaſticos, ou tranſitorios, naõ ſó cahimos do Ceo á terra nos enganos do mundo, naõ ſó nos imos pela agoa abaixo ao pégo dos abyſmos, mas como aves incautas, e deſprevenidas, como peixinhos ſimplez, e deſcuidados, ou cahimos nos laços da morte, quando menos o cuidamos; ou nos anzoes do demonio, quãdo menos o tememos. Deviamos ſer como aguias, cuja natureza he voar, e fixar os olhos no Sol, para fazer vida celeſte, e naõ terrena; deviamos eſtender as azas do entendimento pelas regioens ſublimes da Patria celeſtial; deviamos levantar-nos da terra para voar ao Ceo com as pennas do eſpirito; e ao menos com eſpiritos altos deviamos fazer ninho ſobre as nuvens do Evangelho. Mas ay! q̃ com baſtardos voos, ou com baixos eſpiritos abatemos a põpa vaã de noſſa profanidade á preza ſempre vil, e baixa das miſerias terrenas! De que ſe ſegue, q̃ aſſim como ſó a ave, que ſe abate do Ceo á terra, cahe no laço, que lhe armaraõ: aſſim nos laços da culpa, da morte, e do demonio ſó cahem aquelles homens, que pelos goſtos vaõs da terra deixaraõ os bens do Ceo: cahem nelles, quando menos o imaginaõ, porque vivendo debalde toda a ſua vida, chega a hora da morte, como ladraõ, na noite da ceguera, e achando os no deſcuido dormindo a ſõno ſolto na cama da culpa, nos braços do deleite, naõ ſó lhes rouba aquelles bens, de que gozava enganadamente na vida, mas ainda lhes leva as almas arrebatadamente ao lugar da perdiçaõ: faz iſto a morte, e faz iſto o demonio; porque em todos os eſtados do mundo todos os ſeus bens ſaõ laços, e redes: laço, e rede he a ocioſidade, a riqueza, a ambiçaõ, a laſcivia, armaõ ſe eſcõdendo-ſe, attrahem liſongeando, e enganaõ attrahindo.

He o mundo todo, como a rede;

rede; porque assim como na rede os mayores, e mais grossos peixes saõ os que ficaõ, e os mais pequenos naõ; porque escoaõ a malha muito facilmente: assim nos enganos do mundo, que saõ as suas redes, os mayores, e os mais ricos homens saõ os que se prendem, os mais soberbos, os mais inchados saõ os que se embaraçaõ, e naõ os pobres, e os humildes, pequeninos, que se livraõ de seus enredos, e de seus laços com mayor facilidade. Deviamos ser como peixes em hum mar de pranto, que ou andassemos no mais alto das amarguras, ou nos metteſſemos nas covas mais escondidas, fazendo de nossas culpas hũa penitencias aspera. Mas ay! que fugindo do alto da consideraçaõ, vimos a dar no baixo dos terrenos appetites, onde a nossa mesma vontade faminta do seu mal, se vai metter no anzol escondido nos mundanos deleites, em que cahem miseravel, e cegamente os mais dos humanos? E he taõ grande mal, hum mal, que tem caraõ de bem, hũ damno, que parece gosto, e hum tormento, que se veste de deleite, que nem nos males da vida tem similhante, nem comparaçaõ alguma nos da morte.

Eccl. 7. 27. Dizia Salomaõ: Eu tenho dado, em que a mulher he mais amargosa que a morte: porèm se Salomaõ de nada havia gosta-

do tanto, como deste veneno doce; se nada lhe havia parecido taõ doce, como esta amargura dourada; se nada lhe encheo tanto os olhos, como esta enfeitada traiçaõ; como tendo a pouco antes por mais doce que a vida, diz agora que he mais amargosa que a morte? O' mortaes, por isso mesmo soube Salomaõ quanto amargava a mulher, porque soube della tanto: soube della muito, porque lhe soube muito; fiou-se dos seus braços, e achou que eraõ laços do demonio; chegou-lhe ao coraçaõ, e vio que era rede da morte; cahio lhe nas maõs, e experimentou que eraõ garras de leaõ: o laço apanha convidando, a rede lisonjea prendendo, o cepo engana attrahindo: como pois a mulher parece bem, e faz tanto mal ao homem, convida-o com gostos, e leva o ás penas: o coraçaõ da mulher, a quem o homem dá o seu coraçaõ, he lhe taõ prejudicial, como a rede aos peixes: as suas maõs, em que elle se põem, fazem-lhe tanto damno, como o laço ás aves, e o cepo aos brutos; faz-lhe a boca doce, e prende-o no laço; finge que o mette no coraçaõ, e mette-o na rede; mostra que o traz nas palmas, e o faz cahir no cepo: he mal, e vende-se por bem; he dãno, e estima se por gosto; he tormento, e toma-se por deleite,

3. Reg. 1. 11.

leite. Que havia de achar Salomaõ, que lhe amargaſſe tanto, como eſte paleado bem, que taõ caro cuſta; como eſte ſaboroſo mal, que taõ bem parece, ao qual nenhum mal da vida hg ſimilhante, nem ha amargura na morte, com que ſe compare?

Bonav. tom. 1. in Eccl. ſupr. Notou S. Boaventura, que a laſcivia, por quem ſe entende eſta mulher, de quem ſe queixa Salomaõ, de tres modos prendia; prendia com laços, onde ſe tomaõ as aves; com rede, com que ſe colhem os peixes; com prizoens, donde ſe apanhaõ as féras: pelos que voaõ, diz que ſe entendem os ſoberbos, pelos que nadaõ os delicioſos, e pelos outros animaes da terra os homens avarentos; e que em fim ninguem lhe eſcapava: taes ſaõ os laços, e os enredos da mundana laſcivia, que para colher altos, e baixos, e os de meaã eſféra, ſe faz para huns laço, para outros rede, e para os outros cepos: cuidais, os que ſois ſoberbos, que bebem por vós os ventos as mulheres, e fazem-vos cahir no laço: cuidais, os que ſois delicioſos, que viveis como peixe n'agoa, e fazem-vos cahir na rede: entendeis, os que ſois avarentos, que fazeis voſſo negocio, e fazem-vos cahir no cepo, e depois zombaõ de todos: zombaõ depois de vós, porque ſe cahis no laço, ainda que ſejais Aguias no juizo, dizem que ſois huns paſſaros; ſe cahis na rede, ainda que ſejais huns Delfins, dizem que ſois huns peixinhos; ſe cahis no cepo, ainda que ſejais bichos de concha, dizem que ſois huns brutos. O' mortaes, fugi dos laços, cortando os nós cegos, fugi da rede, eſcoando a malha, livrai-vos do cepo, ainda que roais os pés. Pelos pés ſe entendem os appetites, pelas malhas, os enganos, e pelos laços, as cegueiras: deixai as cegueiras, e ſahireis dos laços, deixai os enganos, e eſcapareis das redes, cortai os appetites, e livrar-vos heis dos cepos: vede que naõ ha prizaõ mais forte, que aquellas brandas ataduras, com que a carne vos ata. Rompeo Samſam, como ſe foraõ fios delgados, as cordas, e as cadèas com que o maniatou Dalila; e aquelles meſmos braços robuſtos, a cuja força ſe rendeo a groſſura das maromas, a rigeza dos nervos, e a dureza do ferro, naquelles braços laſcivos perderaõ cegamente a força, e a virtude: he branda a prizaõ, por iſſo naõ eſcandaliza, aperta, e parece que abraça; magoa e finge que liſonjea, ferevos a Alma, e parece-vos que a adoça; e em fim ſaõ nós cegos, e parecem-vos de roſas; ſaõ ferros, e tendè-los por ferretes. Judith. 16. 12.

O'

O' mortaes, ſe tantos males tras comſigo hum ſó laço da vida: ſe os laços da carne naõ ſó vos ataõ de pés, e maõs para vos entregar á morte; mas ainda vos põem a corda na garganta, como réos da culpa, para que aſſim vos leve o demonio ao ſupplicio eterno: como naõ vedes, que eſſas cadèas, e colares, com que a vaidade vos enfeita, e vos adorna o delicto, ſaõ colares, e naõ enfeites, ſaõ cadèas, naõ adornos, com que vos ata a liberdade, quem vos doura a perdiçaõ? Parecem-vos joyas do goſto, e ſaõ inſignias do caſtigo, com que o mundo, que quer triunfar de vós, ja vos vai atando ao carro como eſcravos ſeus: cuidais por ventura, que viveis muito livres, e muito ſenhores de vós todo o tempo, que mais ſoltamente ſeguis a corrente de voſſos vicios? oh cegueira nunca chorada, ainda que ſempre viſta! Pois ſabei, que em nenhuma outra couſa perdeſtes tanto a liberdade, e a honra de filhos de Deos, e ainda de homens livres: eſſas meſmas correntezas, a que vos arrojaſtes, correntes foraõ, em que vos pôs como cativos do demonio o voſſo meſmo alvedrio, a voſſa propria vontade. todas eſſoutras ſolturas, com que vos precipitaſtes mais deſenvoltamente, todos os paſſos, que deſtes para o deſatino, todas as acçoens, que obraſtes para o eſcandalo, grilhoens foraõ, com que a culpa agora vos ſopèa; algemas ſaõ, com que a maldade hoje vos maniata: e ſe tantos males ſe encobrem em qualquer laço da vida, que haverá nos laços da morte, do inferno, e do demonio?

Lá dizia David, que tinha odio á ſua Alma quem amava a maldade, e o peccado: e em que eſtaria o odio, que ſe tinha a ſi, quem amava as offenſas de Deos? O meſmo David o declara continuando o Pſalm. Tem odio á ſua Alma o peccador, porque fará Deos chover ſobre elle laços, e mais laços, hum mar de fogo, hum inferno de enxofre, e huma tempeſtade deſfeita de eſpiritos infernaes; e iſto ſerá o que lhe caberá em ſorte para toda a eternidade: pois como haõ de ſer os laços ſeu caſtigo, ſe os laços foraõ o ſeu deleite? Por iſſo meſmo, peccadores: na meſma moeda com q̃ compraſtes a culpa, neſſa haveis de pagar a pena; quer Deos que vos ſirva de theatro para o tormento, o meſmo que vos ſervio de leito para o peccado; quer, que acheis a mayor dor, que podeis ſentir, naquillo meſmo, em que achaſtes mayor goſto para o offender. Porèm como ſaõ taõ longos tormẽtos por taõ breves goſtos? Porque tiveſtes amor á maldade, e ás offenſas de Deos, Pſalm. 10. 6.

huns

huns peccados, a que ſe tem amor, humas maldades, a que ſe quer bem, huns delictos, a que ſe faz adoraçaõ, hũas culpas, por cujo amor nos pomos em odio comnoſco, e com o meſmo Deos; oh que haõ de chover laços ſobre ſimilhante peccador, que o enredem na morte, ha de deſcer fogo do Ceo, que o ſepulte no inferno, ha de ferver enxofre, que lhe abraze as entranhas, e haõ de chover demonios, que lhe deſpedacem a alma.

Oh ſe trouxera o peccador a morte diante dos olhos, e o inferno no ſentido, quem duvida que, com a graça de Deos, aborrecera a maldade, que tanto ama; e que, com a dor de ter a Deos offendido, rompera os laços, em que eſtá atado, as redes do ſeu embaraço, e o cepo da ſua prizaõ? Mas ſe naõ ha contriçaõ, com que os laços ſe quebrem, nem que as redes ſe rompaõ, e os cepos ſe deſpedacem, como póde eſcapar? A ave grita no laço, porque ſe vè preza; o peixe buſca por donde eſcape da rede, que o embaraça; o bruto forceja quanto póde, até cortar o ſeu meſmo pé para ſe ſoltar do cepo: porèm ſe o peccador naõ clama a Deos, para que o tire do laço, ſe naõ procura com diligencia eſcapar da rede, e ſe naõ faz toda a força até cortar por ſeus appetites, para ſe ſoltar do cepo, que muito he, que no tempo máo da ſua ultima hora morra ſem poder clamar, porque tem o nó na garganta; e eſpire ſem ſe poder deſenredar, e tirar do cepo, porque naõ tem ja forças; e muito peyor que paſſaro, que peixe, e que bruto, prezo, e maniatado ſeja levado pelo caçador infernal para eterno paſto das penas, e fogo do inferno! O' peccadores, clamai, em quanto vos dura a vida; fazei diligencia, e forcejai por vos tirardes de voſſos peccados logo ſem dilaçaõ, porque ao depois na ultima hora, que póde ſer logo, ainda que clameis, ſerá tarde, e muito fóra de tempo; ainda que choreis, ſerá quando naõ tenhais ja remedio: mas como os miſeraveis peccadores naõ attentaõ ao ſeu fim, que cada inſtante póde chegar, como paſſaros neſcios ſe deixaõ morrer nos laços do peccado; e como peixes ſimplez acabaõ a vida no anzol da culpa: *Neſcit homo finem ſuum: ſed ſicut piſces capiuntur hamo, & ſicut aves laqueo comprehenduntur, ſic capiuntur homines in tempore malo.*

TO-

TOQUE XVI.

Sapientia hujus mundi ſtultitia eſt apud Deum. 1. ad Corinth. 3. 19.

CLAMOR XVI.

Toda a ſabedoria mundana he a mayor perdiçaõ, e por iſſo a mayor ignorancia.

VImos o que he a ignorancia do mundo; vejamos agora o que he a ſua ſabedoria. A ſabedoria deſte mundo, diz S. Paulo, he huma pouca de ignorancia, e Santiago lhe chama terrena, animal, e diabolica: he a ignorancia, e necedade a ſabedoria do mundo, porque eſcolhe o máo, e deixa o bom, prefere o peyor ao melhor; e ſe nós tiveramos por ignorante quem deixara muito ouro por hum ceitil, o cobre pelo ouro, os diamantes pelo vidro; como naõ teremos por ignorante huma ſabedoria, que prefere a creatura ao ſeu Creador! como a naõ teremos por neſcia, ſe deixa os milhoens de ouro dos bens eternos, pelo ceitil dos temporaes! os diamantes da gloria pelos vidros da vaidade! Prefere a ſabedoria do mundo a creatura ao Creador, pois, como diz S. Paulo, he inimiga de Deos a carnal ſabedoria: contrahe ſe eſta inimizade cõ Deos por aquella rebelliaõ profana, com que os homẽs por amor do mundo, ſujeitando-ſe ás ſuas leys, rompem os vinculos da ley Divina, Natural, e Eccleſiaſtica; e como a razaõ corrompida, para que abrace a vontade eſta ſua perdiçaõ, lha repreſenta formoſa, daqui naſce, que deixando a Deos pelo mundo, o eterno pelo caduco, temporal, e tranſitorio, ſe moſtra neſcia no que eſcolhe, ignorante no que ſabe, terrena no que buſca, animal no que apparece, e diabolica no que obra. Que ſabe, quem naõ ſabe eſcolher? Que ſabe, quem naõ ſabe emendar-ſe? Que ſabe, quem ſalvar-ſe naõ ſabe? Saber todas as artes do mundo, e naõ as do Ceo, ſaber todas as ſciencias da carne, e naõ as do eſpirito, he ignorancia pura, he deſatino com brancas, e huma tontice caduca: que aproveita ſaber para outros, quem naõ ſabe para ſi? He como os que cavaõ nas minas, que enriquecendo os outros, ſe ficaõ pobres, morando em trevas, vivendo em trabalho, e morrendo em anguſtias. O mortaes, a verdadeira ſciẽcia he eſtudarmos muito em q̃ nos ignorem todos; he pôr todo o noſſo cuidado em ignorar quanto ha no mundo; he o ſaber que ſomos nada, que para nada preſtamos, que nada podemos, e que devemos deſejar, que de todos ſejamos na conta, e reputaçaõ de nada.

Jacob. 3. 19.

Po-

Porèm como Deos coſtuma deſtruir, e arruinar as maquinas da humana ſabedoria, ou com aquellas couſas, que naõ tem ſer á viſta dos homens, e ſaõ vil deſprezo da ſua zombaria; ou com as ſuas meſmas artes, e fundamentos: naõ ſervem ordinariamente as fabricas da prudencia humana, que de ſer artifices da ſua ruina: como aquelles que lavraõ minas, ou trabalhaõ em abobadas grandes, que cahem ſobre elles por ſenaõ haverem ajuſtado bem com as regras da verdadeira arquitectura. Iſto nos deo a entender o meſmo Apoſtolo, quando dividindo a ſabedoria em prudencia da carne, e em prudencia do eſpirito, deſta diſſe, que era vida, e paz, e daquella, que era morte, e guerra: he morte a ſabedoria mundana: porque aſſim como o guſano em toda a ſua vida naõ faz outra couſa mais que lavrar a ſua ſepultura: aſſim eſta ſabedoria caduca naõ obra nada mais, q̃ forjar as armas, que lhe haõ de dar a morte, e tecer os labyrinthos, que haõ de ſer a ſua perdiçaõ: he guerra cõtinua da vida, porque em batalhas perpetuas de diſcurſos, e em maquinas de novidades cõ baterias da malicia anda deſcõpondo a ordem, e a paz da natureza para medrar de fortuna, ſem ter por impedimento digno de reparo o dãno, e prejuizo do proximo, a quéda do igual, o precipicio do mayor, a confuſaõ de todos, e affenſa de Deos: e daqui vem, que acudindo o Ceo pela ſua cauſa, a terra pela ſua vexaçaõ, e o mundo pelo ſeu meſmo engano, ainda no meſmo mundo vem a parar em eſtrago, e aſſombro de ſi meſma, toda eſta prenhez de monſtruoſidades, que para o eſpectaculo das gentes foy embriaõ de quimeras, aborto de abominaçoens, e parto de perverſidades. Ao contrario diſto, he vida, e paz a ſabedoria do eſpirito; porque naõ querendo couſa algũa das glorias do mundo, he como a materia celeſte, que naõ tem contrarios, feita alquimiſta ao divino, de tudo faz ouro; porque conhecendo que os bens, e os males vem todos da poderoſa maõ de Deos, naõ tendo por mal mais que as offenſas de Deos, e do proximo, nos bens dá graças a Deos, porque ſabe que os naõ merece; nos males tambem o louva; porque conhece que os merece mayores: iſto ſe póde fazer facilmente; porque aſſim como a prudẽcia carnal ſó da carne trata, a prudencia eſpiritual ſó do eſpirito cuida: funda-ſe no temor de Deos, que he principio da celeſte ſabedoria; e encaminha-ſe toda ao amor de Deos, que he fim ultimo de noſſas Almas: tanto pelo temor, e amor de

Ad Roman. 8. 6.

de Deos devem começar, e acabar as noſſas acçoens, q̃ ſem olhar eſtes dous extremos, nenhuma acçaõ noſſa póde ſer formal virtude: mas como a malicia infernal, que nos inficionou a primeira graça, naõ deſcançou ſem nos fazer recahir nas ſegundas culpas, deſde a meninice dos ſeculos começou com o amor do mundo a deſtruir o amor, e o temor de Deos, introduzindo na razaõ ja viciada tantos dogmas, e regras da falſa ſabedoria, que ennevoado o entendimento humano cõ ſuas eſcuridades, naõ póde enxergar a luz do Sol da ſabedoria verdadeira, que quando rompe as trevas do noſſo cego engano, faz com o Divino influxo, que o terreno ſeja celeſte, o caduco immortal, e o homem ſimilhante a ſeu Deos.

Querendo pois a malicia de Satanaz naõ ſó apartar-nos do Ceo, e precipitar-nos no abyſmo; mas ainda em odio de Deos bem quiſtar-nos os venenos, que nos tiraõ a vida da eternidade, e authorizar as idolatrias de noſſos intereſſes, veſtio de tal ſorte a peçonha de caricias, e o damno de liſonjas, que ſaboreada a ignorancia com os incentivos do goſto, namorada a ſenſualiade das apparencias do deleite, fez iguaria do peccado, e vangloria da perdiçaõ, como ſe fómente no prato da maldade eſtivera ſó toda a felicidade da vida. Lograda eſta primeira induſtria, foy-lhe facil ao demonio coroar a obra de ſua malígna perverſidade; porque achando a cegueira humana tanto da ſua parte os imperios do alvedrio, naõ reparou atrevidamente em profanar a razaõ, e enxovalhar o deſengano; antes, perdido ja o decóro a toda a mageſtade d'alma, ſacudiraõ os ſeculos terrenos o jugo do ſuperior dominio, e deſenfreando pelos campos da profanidade a licença do appetite, fartaraõ de viboras a malicia, e de eſcorpioens a natureza. Naõ pararaõ ainda aqui os exceſſos do deſatino; pois cuſpindo no roſto á verdade, e mettendo debaixo dos pés as virtudes, as deſpiraõ daquellas decencias, com que a veneraçaõ as orna; e em ſeu aggravo, dando authoridade aos vicios, os adornaraõ daquella pompa, que os faz illuſtres, para que a eſtimaçaõ perſuadida pelos olhos, pelos ouvidos, ou pela fantaſia, naõ ſó os reſpeitaſſe eſplendidamente ſervidos, mas canonizados do applauſo os veneraſſe.

Palleados pois decoroſamente os ſemblantes de ſeus delictos, variaraõ de figura, e de nomes; e com eſta invetiva ſe começaraõ a fazer bom lugar todas as maldades: a ſoberba em figura de honra ſe chamou brio;

a vai-

a vaidade em traje de neceſſidade, ſe chamou honra; a avareza com capa de cautéla, ſe chamou prudencia; a ira com veſtido de razaõ, ſe chamou valor; a laſcivia veſtida de deleite, ſe chamou galanice; a gula trajada de urbanidade, ſe chamou grandeza; a inveja veſtida de diligencia, ſe chamou emulaçaõ; e a pirguiça com veſtido de virtuoſa, ſe chamou bondade. Feita deſte modo a ſabedoria profana hidra de ſette cabeças, e armando-as contra Deos todas, começou por outras tantas bocas a derramar a peſtilencia de ſuas entranhas, com q̃ ſe acabou de inficionar a terra, naõ ſó mordida com os dentes infeſtos de tantas hereſias, mas ainda viciada com o bafo peſtifero de ſeus alentos, taõ nocivos aos uſos da razaõ, aos coſtumes da modeſtia, ao direito das gentes, e á ſociedade humana; ſem que os Hercules da verdadeira doutrina, que a lume de palhas puderaõ cõſumî-la, queiraõ mais, que cortar-lhe as cabeças, de que outras ſe multiplicaõ. Neſtes males, que tem feito aos homens a ſabedoria mundana, ſe deixa ver quam diabolica, quam inimiga, quam terrena, quam animal, e quam neſcia ella he; pois ainda que na acceitaçaõ dos perverſos valha tanto o ſeu engano, ſe naõ faz mais, que eſtudar na ſua vangloria para cahir no ſeu caſtigo: ſe corre ao inferno com mais ſede de condenar-ſe, do que os bens tem de naõ perder-ſe: que lhe aproveita a oſtentaçaõ, com que ſe deſpenha, ſe iſto naõ ſerve mais q̃ de accreſcentar o ruido, e a pompa á ruina, aſſopros aos incendios, teſtimunhas á ignorancia, e aos deleites a pena?

Oh com quanta razaõ neſte ſeculo, mais que nos paſſados, pudera o outro Sabio de Athenas andar com hũa tocha acceſa ao pino do meyo dia vendo-ſe encontrava algum homem, q̃ foſſe ſabio! Muitos ſabios do mundo, no mundo ſe encontraõ a cada paſſo: encontrar-ſe-ha, ainda que raras vezes, hum Monarcha, hum Rey, que ſaiba governar a ſua Monarchia, o ſeu Reyno pelas leys da juſtiça; muitos Principes, e Senhores, que ſaibaõ governar-ſe pelas leys da politica; muitos homens particulares, que ſaibaõ governar as ſuas caſas pelas regras da providencia; muitos homens de negocio, que ſaibaõ ajuntar muita fazenda pela ordem de adquirî-la; muitos ſoldados famoſos, que ſaibaõ diſpôr batalhas, governar exercitos, e defender Praças pelas leys da milicia; muitos julgadores, e miniſtros de juſtiça, que ſaibaõ conforme ſeus regimentos dar conta de ſeus miniſterios; muitos pilotos, que ſejaõ peritos na arte de marear

rear; e muitos outros homens peritos em ſuas artes, e officios: mas oh miſeria! quam raro he o encontrar hum Monarcha, Rey, Principe, Senhor, pay de familias, homem de negocio, ſoldado, julgador, piloto, ou qualquer outro official, que ſabendo do mundo muito, ſe ſaiba governar pela Ley de Deos, pelas regras da razaõ, e pelos dictames da conſciencia! Que te importa, ſabio do mũdo, ſaber do mundo, e da terra tudo, ſe de Deos, e do Ceo naõ ſabes? Pela ſciencia, que te perde, te deſvelas, e pela que te póde ſalvar naõ dás hum paſſo? Em ſaber viver com o mundo te occupas; e em ſaber viver com Deos, e contigo, te naõ canſas? Na vida temporal, e caduca poens os teus cuidados; e na morte, que te eſpera com huma vida, ou perdiçaõ eterna, naõ poens o ſentido? Em conſervar a vida do corpo corruptivel ſó eſtudas, e em recuperar a vida d'alma immortal, que perdeſte peccando, naõ eſtudas? Que he iſto, ó peccadores, ſenaõ a mayor cegueira, a mayor loucura, o mayor deſatino, e a mayor ignorancia do mundo? E por iſſo diz o Apoſtolo, que a ſabedoria dos mundanos he hũa pura ignorancia: *Sapientia hujus mundi eſtultitia eſt apud Deum.*

TOQUE XVII.

Homo naſcitur ad laborem & avis ad volantum.
Job. 5. 7.

CLAMOR XVII.

Moſtra-ſe como a vida de qualquer eſtado he trabalho: e como o trabalho por amor de Deos he regálo.

OU ſeja das maõs, ou do entendimento, naſce o homem para o trabalho, como a ave para o voo: naſce para trabalhar o Rey, e he mayor trabalho o ceptro, que o cajado; porque póde o ruſtico depôr o arado, o ſoldado a eſpada, o eſcrivaõ a penna; ſó naõ póde tomar o ſõno ſobre a ponta de hũ baſtaõ agudo aquelle olho ſempre vigilante, em quem figuravaõ os Egypcios a obrigaçaõ dos Reys. He carga, e naõ izençaõ a Monarchia; porque tambem he pezo, mais q̃ Mageſtade, a Coroa; ſobre ſeus hombros ha de trazer as inſignias de ſeu trabalho, e ſobre ſua cabeça as de ſeu martyrio, quem trouxer, ainda que ſeja por zombaria, as inſignias do Imperio. Logo que a Chriſto lhe chamaraõ Rey, naõ ſó lhe fizeraõ gravame da coroa, mas puzeraõ lhe ás coſtas o Prin- Matth. 17. 29.

o Principado; nem ainda por eſcarneo gozou na terra a regalia
Iſai. 9. 6. do titulo, ſem que o Principado foſſe Cruz, a coroa eſpinhos, o regálo fel, e vinagre, e a vida huma morte.

Naſce para trabalhar o Principe, o Grande, e o Miniſtro, e ainda que lhe fingio a fortuna o trabalho mais alegre, naõ póde deſmentir-lhe a fadiga, e o deſvello, com que devem, como atalayas ſobre a campanha, eſtar de acordo para a cautéla, aſſim como eſtaõ em mayor altura para a mayoria. Só a Pedro, que havia de ſer Principe da Igreja,
Marc. 14. 37. Grande no Ceo, e Miniſtro do Evangelho, perguntou Chriſto ſe dormia nas afflicçoẽs do Horto: naõ o perguntou ao Evangeliſta, que o amava tanto, com ſer condiçaõ do amor o naõ dormir muito; donde ſe deixa ver, que he mais deſculpavel o deſcuido, e o deſcanço no amor, que no miniſterio.

Naſce para trabalhar o Prelado Eccleſiaſtico, ſecular, ou Religioſo, porque havendo de ſer Piloto da Náo da Dioceſe, ou da Religiaõ, que cruza ondas inquietas com Ceos turbados, ventos contrarios, e noite eſcura, neceſſario he naõ dormir, antes eſtar álerta, e ver de longe as tempeſtades, por naõ arriſcar com hum ſó deſcuido, a que ſe percaõ todos com naufragio miſeravel no mar do mũdo, (como lhe chama o Cardeal Hugo) que ſe incha por ſoberba, eſcuma por laſcivia, brama por indignaçaõ, e ſe move com qualquer leve vento, que o deſinquieta. Hum breve eſpaço, que, a noſſo modo de fallar, ſe deſcuidou Chriſto, pois ſe deitou a dormir ſobre as ondas, ſe attreveraõ ellas a querer çoçobrar toda a Igreja, de que a barca de S. Pedro era figura.
Hug. C. in Luc. 5. inprine. Moral.
Matth. 8. 24.

Naſce para o trabalho o General, o Cabo, e o Soldado; porque em vida, que he guerra, morte ha de ſer qualquer deſcanço, que do ſeu poder ſe fia. Fechou os olhos Holofernes no meyo do ſeu exercito, e hũa mulher, de que naõ fazia cazo, mais que para o ſeu goſto cego, com ſer figura da fragilidade, e da fraqueza, lhe tirou a vida. Naſce em fim para trabalhar o nobre, e o plebeo, ou plebea, ou nobremente; e em ſe furtando a natureza a eſta pẽſaõ do peccado, logo os ocios a entregaõ á mayor ſervidaõ, que he o jugo do vicio. Ainda Eva no Paraiſo naõ havia vicia- Gen. 3. per tot.
Judith 13. 4.
do a natureza com a culpa da deſobediencia a Deos, e por iſſo a naõ ligava ainda a penſaõ do trabalhar; e com tudo iſſo, porque ſe pôs hum breve eſpaço ocioſamente a converſar com o demonio, fez incorrer a todo o mundo na eſcravidaõ da culpa, cauſa do trabalho do homem, e

da maldiçaõ da terra: taõ grande mal naſceo da primeira ocioſidade do mundo, que naõ ſómente ficou por ella, como em herança, ao homem ſer trabalhador toda a vida; mas ainda eſta penſaõ da culpa obrigou ao mayor, e ao primeiro homem do mundo a roçar eſpinhos, e abrolhos, feito trabalhador vil, e homem de ganhar miſeravel aquelle meſmo, que creado para o fim ſobrenatural da gloria tivera ao meſmo Deos por Pay, e Amigo, por Palacio o Paraiſo, por Imperio o mundo todo, e por vaſſallos todas as creaturas ſublunares; e naõ parando aqui a miſeria do homem, quiz Deos moſtrar-lhe que ſó elle havia de trabalhar na terra, de que naſceo ſenhor, e nenhuma outra creatura, ſalvo arraſtada da violencia, ou attrahida pela induſtria, ſe ſujeitaſſe ao trabalho para ajudar o homem a ſopportar a ſua pena, e a remediar a ſua miſeria, e neceſſidade.

Gen. 3. 18.

Eſta foy a pena, que a todos os humanos abrangeo, por naõ querer o homem trabalhar por ſervir a Deos, que ſe ſervira a Deos o homem, vivera ſem trabalho; porque o trabalhar por amor de Deos, ou he trabalho fingido, ou fadiga mui alegre, ou canſaço mui amavel. Vós, Senhor, dizia David a Deos, parece que no preceito fingis trabalho: mas ſe o preceito he jugo da liberdade; ſe naõ ha mais pezado jugo, que aquelle, em que huma vontade livre naõ ha de parecer vontade, mas ſujeiçaõ; como ſujeitando ſe o alvedrio ao trabalho do preceito, que he cativeiro, parece fingido o trabalho? Ora ſe reparardes bem nos preceitos da Ley Deos, vereis que huns ſaõ negativos, e mandaõ que naõ façais nada; outras ſaõ poſitivos, e mandaõ que façais alguma couſa: os que mandaõ que nada façais, mandaõ que naõ trabalheis, e no mais penoſo trabalho, com que ſe colhe de fructo o inferno; os que mandaõ que façais alguma couſa, ou vos mandaõ amar a Deos, ou ao proximo: ſe pois o trabalho do preceito, ou he naõ fazer couſa alguma, ou he ſervir amando, quem duvida, que ou he fingido o trabalho do preceito, ou fadiga alegre, ou canſaço amavel? He trabalho fingido, porque he goſto com ſemblante de trabalho; que como diz Santo Agoſtinho, o trabalho dos que amaõ, de nenhum modo he pezado, mas antes he deleitoſo; como ainda no trabalho dos q̃ andaõ á caça, e outros ſimilhantes, moſtra a experiencia ao goſto; porque no trabalho que ſe ama, ou naõ ſe trabalha, ou o meſmo trabalho ſe ama. E S. Bernardino diz, que aonde ha amor, naõ ha trabalho, mas goſto, e ſuavi-

Pſalm. 93. 20.

Aug. tom. 4. lib. un. de bono viduit. cap. 21. in fine, Bern. tom. 1. ſupr. Cant. Serm. 85. in med.

ſuavidade: e por iſſo he fadiga alegre, que eſtá taõ longe de affligir, que antes coſtuma deleitar. He canſaço amavel, porque agrada; ſe naõ, vede o trabalho dos caçadores, e peſcadores. Trabalha o caçador, pois corre montes, e valles, ſerras, e outeiros, paſſando muitas vezes o dia inteiro ſem lembrar-ſe de comer, nem beber de puro embebido no goſto, com que trabalha, ſendo muitas vezes em vaõ o ſeu trabalho: chama á ſua fadiga o ſeu divertimento; e nada lhe parece mais aſpero em ſe affeiçoando á caça, que naõ poder andar ſempre neſte ſeu exercicio: ama-o, e por iſſo o naõ ſente, antes o deſeja. Trabalha tambem o peſcador, pois anda por Sol, e por chuvas, por rios, e por mares, por ventos, e por neves, talvez nú, e deſabrigado ás inclemẽcias do tempo, e ainda aſſim anda taõ tranſportado naquelle ſeu doce engano, que a meſma occupaçaõ, que he todo o ſeu trabalho, parece ſer o ſeu mayor allivio. Deſte modo, e muito mais, ſaõ os que trabalhaõ no amor, e por amor de Deos; naõ ſentem o que paſſaõ, antes eſtimaõ o que ſentem, e amaõ o que ſe affadigaõ, e ſó lhes parece aſpero, e rigoroſo o naõ poderem trabalhar mais: taõ ſofrego anda, quem ama a Deos, daquillo, com que ſe affligem outros, que parece ſe naõ farta do ſeu trabalho, e da ſua mortificaçaõ, que aos outros enfaſtia: ſaõ como os hydropicos, que quanta mais agoa bebem, mais deſejaõ beber, porque huma lhe faz ſede da outra: ſaõ como as palmas, que quãto mais pezo lhes põem, mais alto ſe levantaõ; e como o fogo, q̃ quanto mais lenha ſe lhe deita, mayores levaredas ergue: e diſto naſce, que ou a fadiga dos que amaõ he hũ trabalho fingido para ſer merecimento; ou hum goſto com feiçaõ de trabalho para ſer mayor gloria. Por iſſo dizia o Senhor: Vinde para mim todos os que trabalhais, e andais carregados das miſerias do mundo, e achareis deſcanço para voſſas almas, porque o jugo da minha Ley he ſuave, e ainda que he pezo, porque he meu, he mui leve. Matth. 11. 28. &c.

Porèm taõ longe andaõ os homens de querer eſte deſcanço, que ha mui poucos, que queiraõ trocar por elle o meſmo trabalho da vida: tudo he trabalhar pela gloria temporal, e bens do mundo, e nada pelos bens do Ceo, e gloria eterna: e por iſſo, ainda que trabalhaõ toda a vida, nada achaõ á hora da morte, mais que afflicçoens de haverem de deixar neceſſariamente o que naõ podem levar de ſeu trabalho; e de naõ terem trabalhado no que lhes po-

dia ſervir para aquella eterna jornada: e o que peyor he, vendo que todo o deſvello, e fadiga do ſeu trabalho foy para a ſua perdiçaõ, podendo ſer, ſendo muito mais leve, para a ſua ſalvaçaõ. Oh miſeravel cegueira, e ignorancia dos homens! Que ſeja tido no mundo por ignorante, e cego o que trabalha temporalmente para perder-ſe, e naõ para ganhar-ſe! E que havendo tantos cegos, e ignorantes, que todo o ſeu trabalho empregaõ em perder-ſe eternamẽte, haja taõ poucos, que ſe conheçaõ para emendar-ſe! oh miſeria!

Deſenganai-vos, ó peccadores, que ſe trabalhares no ſerviço de Deos por ſeu amor; o ſeu amor vos fará eſſe trabalho taõ ſuave, que o tenhais pela mayor gloria, e no fim colhereis por fructo do voſſo trabalho os bẽs eternos: mas ſe por dar goſto ao demonio, e ſatisfazer voſſos deſordenados appetites for o voſſo trabalho, naõ ſó vos ſerá pezado na vida, mas pezadiſſimo na morte, porque colhereis por fructo delle os eternos males, e a perdiçaõ ſem fim. Trabalhemos pois em agradar a Deos, e em naõ fazer o goſto ao demonio; que eſte he o trabalho, para que naſcemos, como a ave para o voo: *Homo naſcitur ad laborem, & avis ad volandum.*

TOQUE XVIII.

Præterit figura hujus mundi.
1. Cor. 7. 31.

CLAMOR XVIII.

Tudo o do mundo he mentira, engano, e vaidade.

DIraõ alguns, que os naõ engana a vida, mas que os naõ deſengana o mundo; e eu naõ ſei como he iſto, porque os meſmos enganos do mundo faõ o ſeu mayor deſengano. O mundo inferior, ou o havemos de conſiderar quanto á materia, ou quanto á fortuna, ou quanto á moralidade, ou quanto a nós meſmos, q̃ tambem ſomos mundos pequenos. Se cõſideramos a materia, a primeira materia do mundo foy a couſa mais vil, que ſe póde conſiderar; e qualquer outra materia tambem he viliſſima, porque ſempre ſe ſujeita a qualquer genero de fórmas, q̃ ſe lhe introduzem, e debaixo dellas; como eſerava, variandoſe os compoſtos, ſerve naõ ſó á mudança, e geraçaõ das couſas, mas á corrupçaõ, e eſtrago das naturezas: a meſma materia, que ſervio á fórma de hũa arvore verde, depois a ſerve em madeiro ſeco, logo em carvaõ negro, dahi a pouco em cinzas mor-

mortas, e ultimamente em fumos esvaecidos: mostrando ao nosso desengano, que se antes fazia cazo della naquella florente vangloria, aprenda tambem a naõ tê-la, vendo nos sujeitos de mais dura tanta servidaõ de mudanças, na mudança de hum só sujeito taõ vario transito de fórmas, e na representaçaõ das figuras tantas tragedias da natureza. Se consideramos a fórma desta maquina terrena, veremos que tambem nos desengana quantas vezes nos enganamos com a sua mesma figura: o mundo material, quanto ás apparencias, todos os annos nasce, e todos os annos morre: cumpre a sua idade dentro de cada hum anno, pois lhe vemos a meninice na Primavera, a mocidade no Estio, a madura idade no Outono, e a velhice no Inverno: tem nos principios suas verduras, e seus vicios, no augmento seus excessos, e ardores, nos estados suas maturezas, e na declinaçaõ seus achaques, com que se debilita, e cahe de maduro. Ver como se vestem os campos, como os mares se esprayaõ, como os ares se alegraõ naquella estaçaõ aprazivel de sua primeira idade, certo que he muito para ver; parece que querem remedar ao natural a vida dos que começaõ seu mundo, ou córar-lhes ao menos a desculpa, de que assim comecem a vida: mas ver, como no Estio se abrazaõ, como no Outono se carregaõ, e como no Inverno se melancolizaõ, he grande reparo da consideraçaõ, que os vio em breve tempo taõ outros, e differentes.

Achaca finalmente a terra, e enche-se de abrolhos, e espinhos; adoece o mar, e incha-se com ondas, e escumas; recahe o ar, e langra-se em chuvas, e nevoas; desmaya-se o fogo, e cahe em rayos, e coriscos: e indo adiante a enfermidade, a terra treme, os mares gemem, o vento chora, e o fogo arde: o fogo, sendo febre dos ares; o ar, sendo trevalio do fogo; o mar, sendo colica da terra; a terra, sendo quartaã dos mares: de que procede, que o fogo em latidos ardentes, o ar em vágados escuros, o mar em roncos temerosos, e a terra em tremores horrendos, confundindo-se huns com os outros, perecem quanto ás apparencias, pois o fogo se consome, e naõ dura; o ar se traspassa, e naõ córa; o mar se espedaça, e naõ cessa, e a terra se myrrha, e naõ cria. De tal sorte se troca, e se muda a superficie mais formosa de sua efimeral, e diaria figura, que a pouca violencia dos mezes, que inclue o circulo de hum anno, o que era, ja naõ he; o que he, parece q̃ naõ foy; e o que ha de ser, ainda naõ apparece: pois des-

pindo-se os elementos da sua mais alegre pompa, arrastaõ por montes, e nuvens o capuz escuro das sombras, servindo-lhes de tochas tristes o mesmo lume dos relampagos, as ondas de eças, os outeiros de tumulos, os campos de cemiterio, as pedras, de caveira, os ramos de ossos, os troncos de cadaveres. Se pois com taõ varias feiçoens passa a figura deste mundo; se deste mundo material a figura desapparece a cada momento, q̃ passa; como deste mundo moral, cuja fórma passa mais depressa, vos naõ passa da imaginaçaõ, o que como imaginaçaõ se passa, o que como sonho se goza, e o que como comedia dura?

Quanto á fórma deste mundo moral, veja-se a perpetua variedade de figuras: considere-se quanto durou nas Republicas hũa fórma de regimento, quanto perfistio nas familias hũ modo de governo, quanto permaneceo nas pessoas hũa maneira de costumes, e quanto durou nos trajes huma fórma de vestir; verá, que desde a origem do mundo foy em todas tanta a variedade, quanta no espelho das historias o mostra o decurso do tempo, e como aos olhos da experiencia o inculca o desengano: verá, que tudo se mudou, pouco de bem em melhor, e quasi tudo de mal em peyor, e de peyor em pessimo. As mais das familias podendo caber nas suas casas, as quizeraõ fazer Palacios; as mais das Republicas podendo-lhes bastar o seu regimento, se quizeraõ fazer Monarchias: quizeraõ as pessoas mais fortuna, e deitaraõ-se a rodar; quizeraõ as pessoas mais casa, e expuzeraõ-se a cahir; quizeraõ as Republicas mais imperio, e deitaraõ-se a perder: deitaraõ se a perder as Republicas, porque o imperio naõ soffre companheiros; expuzeraõ-se a cahir as familias, porque os Palacios tem muitos altos, e baixos; deitaraõ-se a rodar as pessoas, porque na roda da fortuna ha muitas viravoltas: e como em cada huma destas se póde virar a fortuna; como em cada hum dos altos, e baixos se póde cahir do Palacio; como em cada hum dos imperios se perde a fórma das Republicas, mudado o governo, a Republica se perde; cahindo do Palacio, a familia descahe; virando se a fortuna, a pessoa se vira. Donde se deixa ver, que nem a Republica he o que parece, nem a familia o que se cuida, nem a pessoa o que representa: porque hum virado, outra figura faz; hum cahido, diversa fórma tem; e hum perdido, outro parecer toma.

Eis-aqui como tudo he mentira, pois vendo-se naõ se olha; eis-aqui como tudo he engano, pois se ama, e naõ se sabe; eis-aqui como

como tudo he vaidade, pois ſe buſca, e naõ ſe conhece: e por iſſo toda veſtida de tramoyas ſahe a figura deſte mundo a repreſẽtar de paſſagem ſeu papel: a cavillaçaõ a acompanha, a oſtentaçaõ a ſerve, a arrogancia a buſca, a cegueira a olha, a liſonja a gaba, a ignorancia a corteja: vendo ſe aſſiſtida deſte cortejo, diz quanto ſonha, córa quãto diz, e finge quanto quer, ſabendo que ha de ſuſtentar-lhe tudo a valentia, que por ella ſe mata, o deſatino, que por ella ſe morre, e ainda aquella razaõ de eſtado, que por ella endoudece. Faz em fim a ſua comedia com mayor faſto de repreſentaçoens, que de realidades: deita-lhe a vangloria a loa, dá-lhe muſica a ſenſualidade, toca-lhe a fama as charamélas, faz-lhe a liviandade os bailes, a fortuna os entremezes, e a malicia os enredos: ſerve-lhe o engano de galante, o entendimento de bobo, de ayas as adulaçoens, e fazem os demais papeis todos os vicios, e torpezas, que encerra a maquina enganoſa da cega perdiçaõ do mundo: e por iſſo aos mais dos homens mette em cabeça, que naõ ha mais nada, que a grandeza de ſeus eſtados, e fortunas de ſeus deleites, e vaidades: e tudo bem conſiderado, he lume de palhas, barcos de papel, caſtellos de vento, que o ar, que os fez, os deſvanece, que a agoa, em que andaõ, os traſpaſſa, e a luz, em q̃ ſe cevaõ, as conſome: ſendo tudo hum deſcuido d'Alma, para ſer cuidado da viſta. Mas que ha de ſer, ſenaõ iſto? Se aquelle parecer airoſo da mentira, que nos arraſta pelos olhos a liberdade, tem hum caraõ taõ fino, huma feiçaõ taõ bõa, hum geito taõ amavel, hum imperio taõ doce, huma força taõ ſuave, que perdida a meſma razaõ pelo ſeu engano, naõ ſó no lo mette em cabeça, mas em cima diſto quer q̃ para o mettermos n'alma lhe façamos o paſſadiço pelo meyo do coraçaõ.

O' mortaes, que outra couſa he o mundo, ſenaõ huma pintura de paizes, que o melhor que tem, ſaõ os longes? Eſtar muito longe delle, he a melhor couſa do mũdo: poiẽm vós o vedes taõ mal, q̃ vos namorais do peyor, pois lhe gabais os pertos; pondes-vos perto delle, e deitais-vos a longe, porque vos pondes longe de Deos: deixais a ſubſtancia, e buſcais a figura, ſendo taõ fraca figura, que a derruba qualquer ſombra: e como andais taõ apartados daquella immenſa formoſura, de quem he ſombra o Ceo, e a terra, parece-vos que naõ ha mais que ver, nem mais que deſejar: oh ſe tivereis olhos para ver iſto, como os tendes para cegar por iſſo, que depreſſa enxergarieis, que

que naõ ſó a figura deſte mundo he tudo mentira, engano, e vaidade; mas que tambem vós meſmos, que ſois mundos pequenos, ſois ſimilhantes a elle! E para que vejais iſto claramente, entrará a voſſa figura a fazer tambem o ſeu papel; que a do mundo paſſa, e dá lugar para iſſo: *Praterit figura hujus mundi.*

TOQUE XIX.

Homo natus de muliere, brevi vivens tempore, repletur multis miſeriis: qui quaſi flos egreditur, & conteritur, & fugit velut umbra, & nunquam in eodem ſtatu permanet. Job. 14. 1.

CLAMOR XIX.

Trata-ſe da multidaõ de miſerias, que fazem a natureza humana viliſſima.

O Homem naſcido da fragilidade, (dizia o Santo Job) vivendo breve tempo, ſe enche de muitas miſerias: como flor naſce, e como flor ſe murcha: como ſombra apparece, e deſapparece como ſombra: quer ſempre ſer o meſmo, e nunca permanece em hum meſmo eſtado: gera-ſe em podridaõ, naſce em peccado, vive em miſeria, morre em anguſtia; deſde o começar ao naſcer, deſde o naſcer ao acabar, tudo ſaõ miſerias na vida, tudo mudanças no homem: tudo ſaõ miſerias na vida; porque o ventre he trevas, o berço pranto, a meninice ignorancia, a mocidade cegueira, e engano, a adoleſcencia vicio, a madura idade ambiçaõ, e a velhice enfermidade: tudo ſaõ mudanças no homem, porque hoje moço, á manhaã velho, agora triſte, e depois alegre, hum tempo ſaõ, outro doente, hum dia irado, outro ſoffrido, ja ditoſo, ja deſgraçado, ora peccador, ora arrependido; nunca pára no meſmo eſtado; couſa de tantas mudanças, figura de tantas fórmas, todo o mundo a naõ tem: e ſobre tudo iſto, ſe empregou mal o tempo da vida, tem morte para cada hora, juizo final para logo, mundo para nunca mais, e inferno para todo ſempre.

He gerado o homem em podridaõ; para que deſde as mantilhas, em que o envolve o ventre, aprenda a ſer hum deſprezo de ſi meſmo, hum deſengano dos outros, e hum diſſabor de tudo o que eſtima a vaã profanidade; porque ſe o melhor extremo da vida he hum aſco da conſideraçaõ, e hũ nojo da natureza; que ſerá aquelle extremo ultimo deſta vivente corrupçaõ, que ſe reſolve em cinzas mortas, em mortaes fedores, e em guſanos vivos! Se pois

pois assim começaõ os de melhor geraçaõ, se o Grande, o Principe, o Monarcha naõ tem melhores principios que estes; e estes saõ a materia, e fundamento de todo o ser humano; quem he taõ nescio no mundo, que faça cazo de hũa vida, cujos principios saõ desenganos de conservar-se, pois saõ começos de corromper se? e ainda mais, pois saõ huma corrupçaõ consũmada! A vida dos racionaes havia de ser como a flor: a flor em quãto vive adonde nasce, parece que naõ tira o sentido do seu principio; se para o ar mostra a caduca pompa da sua fragilidade verde, entre todas as presumpçoens de sua gentileza vaã naõ larga a apprehensaõ do seu nascimento, e nisso consiste toda a sua conservaçaõ; porque quem a aparta da terra, aonde está enterrada, está taõ longe de lhe fazer beneficio, que antes lhe diminue a duraçaõ, desdoura-lhe a gentileza, e tira-lhe totalmente a vida. Oh se os homens naõ tiraraõ os olhos da origem de seu nascimento, que finalmente, com a graça de Deos, floreceraõ em fantidade! mas como cortaõ as raizes da humildade com o cutello da soberba, he força, que toda a flor da virtude naõ só se murche, se desdoure, e naõ dure, mas que totalmente pereça.

Nasce em peccado o homem, para que vendo se escravo da culpa, abata a roda vaã daquella soberba, que lhe fingio jurisdiçaõ sobre as outras creaturas; e saiba que nasce cativo, e sujeito a huma cousa taõ vil, como he o peccado, que naõ he creatura de Deos, senaõ feitura dos homens; e daqui se levantem a considerar os mayores homens do mundo, que para ter dominio justo sobre os outros, devem entregar-se primeiro ao senhorio, e imperio da razaõ; e resgatar-se pela graça de todas as outras escravidoens, em que os metteo o vicio, depois que o uso da razaõ, devendo amanhecer-lhe com a luz do Ceo, se quiz ficar ás escuras com a sombra da terra.

Vive em miseria o homem, porque nada tem no decurso da vida, por mais feliz que seja, senaõ huma continua miseria, ou huma necessidade continua: o que se julga bizarria, o que parece deleite, e o que se estima por felicidade, saõ tudo grandes miserias da vida, e grandes necessidades do homem. Para sustentar a vida he necessario ao homem comer, beber, vestir, calçar, dormir, e negociar; tem-se por regálo o comer, por bizarria o vestir, por deleite o dormir, e por felicidade o negociar; e todas estas cousas saõ necessidades da vida, que naõ póde passar sem isto; e saõ miserias

ſerias tambem, porque miſeravel he quem tem tantas neceſſidades: e a mayor miſeria he, ſobre todas, que chegue a ignorancia humana a ter por felicidades eſtas meſmas miſerias; pois ſe naõ tem por ditoſos no mundo, mais que aquelles homẽs, que tem bem que comer, que ſabem veſtir bem, e que podem mais dormir, e ſabem mais negociar: ſaõ todos eſtes bens miſerias, e neceſſidades, pois vemos que a natureza faminta, ſequioſa, nua, affligida, e trabalhada pede ao homem, como por eſmóla, o ſuſtento, o veſtido, o ſomno, e a providencia, com que ſe tem cuidado della: e eſta he a cauſa, porque os Santos, e contemplativos tomavaõ com pena o que lhes era neceſſario, e deſejavaõ ſuſtentar-ſe de Deos, veſtir-ſe de Chriſto, ſonhar com Deos, e negociar ſó com Chriſto crucificado, para cuja gloria naſcemos; tendo por vil emprego, e exercicio miſeravel o mayor regálo, com que ſe come, e bebe; por vaidade indigna de homem a pompa, com que ſe veſte, e calça, e por tempo perdido o que ſe dorme, e negocea no mundo: e com grande razaõ; porque o comer foy occaſiaõ do peccado, o veſtir foy inſignia da penitencia, o dormir he figura da morte, e o negociar foy caſtigo da culpa: e naõ póde haver mayor miſeria, que chegar o eſquecimento, e vaidade humana a fazer negocio do caſtigo da culpa, deleite da figura da morte, oſtentaçaõ, e galla do ſambenito da culpa; regálo, e goſto da occaſiaõ do peccado. Devia o comer, e o beber ſer ſómente para o ſuſtento, e naõ para o regálo; devia ſer o veſtir, e o calçar para cobrir-nos, e naõ para enfeitar-nos; devia ſer o dormir para o deſcanço, e naõ para o deleite; e o negociar devia ſer para o neceſſario, e naõ para o ſuperfluo: devia ſer menos o negociar, porq ſe he mais do que baſta para paſſar a vida, paſſa a ſer ambiçaõ, e naõ providẽcia: devia ſer menos o dormir, porque ſendo demaſiado, he vicio, e naõ neceſſidade: devia ſer outro o veſtir, porque ſendo como ſe uſa he vaidade, e naõ modeſtia: devia ſer menos o comer, e beber, porque ſendo mais do neceſſario, he gulla, e naõ temperança; ſe o comer he muito, e exquiſito, naõ ſó he eſtrago das virtudes, mas tambem da vida; ſe o veſtir he vaõ, naõ ſó he queixa do coſtume, mas da natureza; ſe o dormir he demaſiado, naõ ſó he nocivo á ſalvaçaõ, mas á ſaude; ſe o negociar he ſuperfluo, naõ ſó he arriſcado para a conſciencia, mas para a peſſoa: eis-aqui como tudo he miſeria, e digno de laſtima, e neſta miſeria

seria vive o homem ainda assim, taõ esquecido da eterna vida, como se vivera ja bemaventurado: certo, que he miseravel espectaculo para a vida da razaõ, ver que o homem creado para o fim sobrenatural da gloria, anda arrastando o ventre pela terra, sendo-lhe necessario parecer-se com os brutos no alimento da natureza; nascer mais nú, e pobre q̃ os brutos, a quem a natureza naturalmente naõ só vestio, mas armou; parecer-se no somno com a morte, e no negociar, ou com aquellas aves de rapina, ou com aquelles animaes agrestes, que cruelmente apartados da sociedade da razaõ vivem da destruiçaõ de outros; porèm a mayor miseria de todas, he chegar a tal estado a ignorancia humana, e o esquecimento, que destas mesmas miserias, em que parecemos menos ditosos de quem teve mayor cuidado a providencia, façaõ os homens a sua mayor, e ultima felicidade.

A'lèm disto, todos os bens, que podem haver-se nesta miseravel vida, ou saõ da graça, ou da natureza, ou da fortuna: os da fortuna saõ a honra, a ventura, as riquezas, e as dignidades: os da natureza saõ o entendimento, a valentia, a saude, e a gentileza: os da graça saõ Fé, Esperança, e amor de Deos, e do Proximo: se considerarmos os bens da fortuna, veremos que todos elles tem a miseria de depender da vontade, ou juizo de outrem; se repararmos nos bens da natureza, veremos que tem a miseria de perigar em si proprios; se contemplarmos nos bens da graça, veremos que tem a necessidade, de que Deos nos conserve nelles: de que segue, que os bens da natureza, e fortuna saõ huma pura miseria; mas com huma grande dita, que he valerem pouco mais de nada, e fazer-se muito cazo delles; e os bens da graça saõ só verdadeiros bens, mas com huma grande desgraça, que quem os póde ter, naõ quer; quem os quer, presume que naõ póde, e quem presume que os tem, ás vezes se engana: por isso tambem nas incertezas dos bens da graça, se segozaõ sem humildade, se padece a mayor de todas as miserias; porq̃ cahir dos bens da fortuna, miseria he para o mundo, mas ás vezes he caminho para o Ceo: descahir dos bens da natureza, miseria he para a vida, mas quasi sempre he meyo para a salvaçaõ; porèm perder os bens da graça he a mayor de todas as miserias, que póde padecer o homem, pois de amigo de Deos se torna seu inimigo: de filho de bençaõ, filho da maldiçaõ: de Anjo por graça, demonio pela culpa: e de herdeiro da Gloria, condenado ao Inferno.

De

Demais diſto, todos os males que póde haver no mundo, ou ſaõ tambem da culpa, ou da fortuna, ou da natureza; e todos eſtes juntos póde padecer hum ſó homem, e cada qual os póde ter; porque aos da natureza eſtamos ſujeitos por natureza, aos da fortuna por deſgraça, aos da culpa por noſſa culpa, e por noſſa vontade: os males da natureza ſaõ tribulaçoens do animo, fomes, ſedes, calmas, frios, deſabrigos, e enfermidades; os da fortuna ſaõ voltas de Eſtrellas, quedas da ventura, deſdouros do credito, riſcos da peſſoa, deſprezos do mundo, e pobrezas da vida; os da culpa ſaõ quaeſquer peccados, e naõ quaeſquer caſtigos, ou eternos, ou temporaes, pois naõ tem a culpa outro bem, que ter caſtigo, ou neſte mundo, ou no outro. Eis-aqui as miſerias, a que eſtaõ ſujeitos os homens; e tudo iſto podem padecer os mayores homens do mundo, naõ ſó nas declinaçoens da morte, mas ainda nos eſtados da vida, e nos augmentos da fortuna: taes ſaõ as miſerias do homem, que parece hum ſó homem hũ mundo inteiro de miſerias.

Finalmente, morre o homem em anguſtia, porque o cercaõ de toda a parte na hora da morte todas as miſerias que teve, todos os peccados que fez, todos os males que teme, e todas as couſas que vè: a vida o deixa deſpedindo-ſe em hum ſuſpiro, a morte o aſſalta a cada reſpiraçaõ tocando-lhe a degollar, o Ceo o atemoriza negando-lhe a luz do dia, o ar o affoga tomando lhe a reſpiraçaõ, a terra o quer comer abrindo-lhe a ſepultura, o Inferno o quer tragar mettendo-o nas entranhas; e ſobre tudo iſto, Deos irado, e naõ miſericordioſo, e o demonio accuſador, naõ amigo, os Anjos teſtimunhas, mais q̃ advogados, os Santos expectadores, mais que padrinhos, fazem hũa diſſonancia triſte, que he outro genero de morte mais temeroſo, e mais horrendo. Morre em fim miſeravelmente o homem, e ſe dalli naõ foy condenado para os carceres do abyſmo, ainda tem caſtigo no Purgatorio; ſe foy condenado, nenhum remedio tem, vai padecer para ſempre fogo perduravel, penas eternas, confuſaõ infinita, e eternidades eſcuras de pranto, tormento, e dezeſperaçaõ: mas que muito he, que aſſim ſucceda, ſe cada hum dos homens do mundo parece hum mundo de maldades?

Compõem-ſe o mundo de quatro Elementos, que ſaõ ar, fogo, agoa, e terra; e eſtes de quatro qualidades, ſecco, quente, frio, e humido; de que tambem ſe compõem o homem nos quatro humores, de que cõſta a ſua porçaõ inferior: conreſponde

ponde a colera ao fogo no quẽte, e fecco; accommoda-ſe o ar ao ſangue no quente, e humido; reduz-ſe a agoa á fleima no humido, e frio; conforma-ſe com a terra a melancolia no frio, e humido; porèm com hũa differença, que naõ contentes os homens com imitar eſtes mixtos na natureza para ſua conſervaçaõ, querem moralmente multiplicar-lhe as entidades para ſua ruina: porque no fogo da concupiſcencia tem o ardente da ira, e o ſecco da obſtinaçaõ; no ar de ſuas vaidades tem o calido da ſenſualidade, e o humido da laſcivia; no mar de ſuas ambiçoẽs tem tambem o humido da gula, e o frio do amor do proximo; na terra de ſua malicia tem o ſecco da ſua avareza, e o frio no amor de Deos: de que procede, que inflammando-ſe-lhes a colera em rayos, e coriſcos de ira, e em cometas de obſtinaçaõ; apodrecendo-lhes o ſangue em calor de ſenſualidade, e em chuveiros de laſcivias; gaſtando a fleima o bom humor em tempeſtades de gula, e em friezas de proximidade; cerrando-ſe-lhes a melancolia em eſterilidade de avarezas, e em ſequidoens de amor de Deos, o fogo os vem a conſumir com ſeccuras de coraçaõ, o ar lhes quer beber o ſangue com cerraçoens de eſpirito, o mar ſe altera contra elles em tormentas do corpo, e a terra lhe foge dos pés com terremotos d'alma: ja ſe o ſangue ſó lhes fervera na primavera da vida; ſe a colera ſe lhes accendera no eſtio da mocidade; ſe dominara ſó a fleima no outono da madura idade; e ſe reinara a melancolia ſó no inverno da velhice; differamos, que neſte mundo breve ſe dava ao tempo, o que he do tempo; mas confundir os annos verdes com a idade madura, miſturar os uſos de moço com os tempos de velho, o frio com o quente, o ſecco com o humido q̃ ha de cauſar, e produzir, ſenaõ hũa prenhez de monſtruoſidades, hũ embriaõ de quimeras, hum aborto de perverſidades, e hum aborto de abominaçoens? Querendo cada hum ter em ſi meſmo tudo, quanto tem o mundo; quandõ naõ póde ter o proprio, quer ter as propriedades: naõ ha ſoberba nos montes, altiveza nas nuvens, preſteza nos rayos, profundidade nos pégos, correnteza nos rios, murmuraçaõ nos regatos, de que ſe naõ viſtaõ ſeus animos cavilloſos: menos folhas tem as arvores, menos variedades as flores, menos dureza as pedras, menos ruido os ventos, menos braveza as ondas, que a vaidade, e preſumpçaõ de cada qual dos homens: poucos forãõ em fim os numeros, e os effeitos das creaturas, ſe houveramos de nu-

numerar os vicios da miſeravel vida humana; por iſſo naõ ha mal na terra, reboliço no mar, batalha nos ventos, e deſconcerto no fogo, que naõ ſeja caſtigo, ou retrato breve, ainda que natural, da guerra viva, em que anda o homem dentro de ſi meſmo.

O' mortaes, quereis ſaber iſto melhor? Olhai para vós, e para o mundo, e vereis que de mundos de homens, que multidoẽs deſtes mundos ſe tem ido para os infernos, por naõ cuidar mais que no mundo? Tratais de vós, e naõ de Deos, como ſe o naõ houvera? Tratais da vida, e naõ da morte, como ſe nunca ſe vira? Tratais do goſto, e naõ da ſalvaçaõ, como ſe naõ importara? Pois em que póde iſto parar, ſenaõ em que vendo Deos confundida a ordem natural das couſas, e toda a carne corrompida, naõ ſó manda ſobre cada hum deſtes mundos hũ diluvio de agoa, que vos apague na morte tantas ſenſuaes labaredas; mas hum diluvio de fogo, que neſta miſeravel tragedia vos converta em pó, e cinza, e vos ſepulte nos infernos? E entaõ conhecereis, que o homem he huma fraca figura, filho da fragilidade, compendio da brevidade, cifra de muitas miſerias, ſymbolo da inconſtancia, e negaçaõ da permanencia: *Homo natus de muliere, brevi vivens tempore, repletur multis miſeriis: qui quaſi, &c.*

TOQUE XX.

Homo, cùm in honore eſſet, non intellexit: comparatus eſt jumentis inſipientibus, & ſimilis factus eſt illis. Pſal. 48. 13.

CLAMOR XX.

Moſtra-ſe, que couſa ſaõ as honras do mundo, e quanto caſo ſe ha de fazer dellas.

A Honra, que entre os homens tem o primeiro lugar, e o mayor imperio na ſua eſtimaçaõ, naõ ſey que traz comſigo, que nos deita a perder o entendimento. Tanto que o homem ſe vio com honra, (diz David) perdeo o entendimento, e tornou-ſe bruto: perdeo o entendimento, porque naõ entendeo, que couſa era honra, nem ſoube diſtinguir as honras da virtude, das honras da vaidade: o que os mũdanos chamaõ honra, chamaõ os eſpirituaes vaidade: trabalhaõ os mundanos por eſta vaidade, naõ ſó cõſumindo a fazenda, mas arriſcando a vida, perdendo a quietaçaõ, deſtruindo a paz, inquietando terras, atraveſſando mares, e ſobre tudo deſprezando a ſalvaçaõ.

As

As virtudes, ou saõ moraes, ou sobrenaturaes; as vaidades sempre saõ mundanas, e peccaminosas: as virtudes sobrenaturaes saõ verdadeiras honras, porque nos fazem ser filhos de Deos por graça, que he a honra, com que nos coroa Deos na gloria. As virtudes moraes tambem saõ honra de quem as tem, porque Deos favoreceo sempre as virtudes moraes, até em aquelles, a quem faltou a Fé, como se vio no Imperio Romano. As vaidades naõ podem ser honras mais que de outras vaidades; como huns erros de outros erros, que saõ menores; e como huns idolos de outros idolos, que tenhaõ preferencia quanto ao nome, e ao lugar, que lhe dava a Gentilidade: e como naõ ha vaidade, que naõ seja offensa de Deos, fazer honras ás offensas de Deos, he adorar as offensas, e naõ fazer cazo de Deos. Porèm como nesta vida se honraõ as vaidades, e se honraõ as virtudes, e nisto se comprehende tudo, bem se segue, que todas as honras, que ha nesta vida, ou saõ honras da virtude, ou da vaidade.

As honras da virtude saõ como as miserias, que entaõ saõ mayores, quando se fazem mais baixas: saõ como as nuvens, que descem ao mar, abatem-se, e fazem se muito pequeninas, e alli, onde mais se abateraõ, começaõ a crescer tanto, e a subir de maneira, que depois de encher a terra de beneficios, enchem o Ceo de grandeza. As honras da vaidade saõ como figuras de maquina, que tanto se fazem mais pequenas, quanto se põem mais altas: saõ da natureza das nuvens, que correm pelo ar, que ainda que pareçaõ grande cousa, dá-lhes o ar, leva-as o vento, e mette-as debaixo da terra. Sede, mortaes, quam honrados quizeres; ponde-vos na mayor altura, que vos podem dar essas honras vaãs, que entaõ menos haveis de parecer aos olhos de Deos, e mais tereis para cahir: *Alta à longe cognoscit*; e por fim de contas ainda que cubrais o Ceo, e enchais a regiaõ dos ares com vossas grandezas vaãs, e fantasticas pompas, dar-vos-ha o vento da morte, e naõ só vos metterá debaixo dos orizõtes da terra, mas dentro da sepultura: olhai para aquelles homens justos, q̃ andaraõ toda a sua vida desestimãdo as honras do mundo, mettendo debaixo dos pés as suas vaidades, mais ambiciosos do desprezo, q̃ vós das honras; e vereis as q̃ o Ceo, e a terra lhes deo por isso, até quando, mettendo os a morte debaixo da terra, os reduzio a poucas cinzas: e a razaõ disto he; que as honras da virtude, quando levantaõ o seu

Pfalm. 137. 6.

edificio, põem o fundamento na humildade, de quem Chriſto foy Meſtre; as honras da vaidade fazem ſeu alicerce na ſoberba, de quem Lucifer foy o arquitecto: funda-ſe a ſoberba no ar, e por iſſo cahe; funda-ſe a humildade na terra, e por iſſo ſe aſſegura: eſta mettendo-ſe por baixo da terra ſe livra de que o vento lhe faça mal; aquella levantando-ſe ſobre as nuvens, por ſer fabrica as aveſſas, he ruina ás direitas: deſce a virtude pela humildade, e eſta he a eſcada, porque ſóbe; a vaidade pela ſoberba, e eſte he o precipicio, porque cahe.

Deſceo o Senhor do Ceo, quãdo Incarnou nas entranhas da Virgem Santiſſima, como canta a Igreja: *Deſcendit de Cœlis*; e iſto meſmo (ſegundo entendem os Santos Padre) diſſe Iſaias, que era ſubir o Senhor ſobre as nuvens. Chriſto, quando deſceo, humilhou-ſe, como diz S. Paulo, e por iſſo ſubio: niſto nos quiz enſinar a humildade, e o deſprezo das honras do mundo. Naõ aſſim Lucifer, a quem Iſaias admirado exclamava dizendo: Como cahiſte Lucifer, que foſte Eſtrella da manhaã? E a cauſa da quéda foy, porque Lucifer quiz ſoberbamente ſubir, e pôr os pés ſobre as Eſtrellas, pôr-ſe com Deos em pontos de honra, e hombro a hombro com o Altiſſimo; de que ſe ſeguio, que como rayo, ou coriſco diſparado das nuvens deſceo ao centro dos infernos; onde he feyo aſſombro das trevas aquelle meſmo, que tinha ſido pouco antes a mayor belleza das luzes: ſonhou-ſe em grandes alturas, foy-ſe-lhe o lume dos olhos; e eſvaeceo-ſe-lhe a viſta d'alma, que he o entendimento, e iſto q̃ ja era vágado da ſua vaidade, pois o deſvanecia, quiz que foſſem fumos da ſua vangloria, pois o endeoſavaõ: perdeo em fim a honra, e feito ſimilhante aos brutos, ſe antes ſe deleitava em nectares, depois ſe alimentava de immundicias.

Aſſim cahio Lucifer do Ceo, aſſim Adaõ do Paraiſo: eſte por querer ſer Deos na terra, aquelle por querer ſer ſimilhante a Deos; e em fim, por querer hum, e outro as honras da Divindade. Tãto deſde o principio do mũdo foy a ſua perdiçaõ o deſejo da honra, que logo que elle começou, ſe começou a perder por iſſo; mas como os homens amigos da honra vaã, e profana perdem o entendimento por ganhar honra, naõ entendem o perigo do ſeu engano, naõ vem a perdiçaõ do ſeu deſejo, nem ouvem os brados, que lhes dá a razaõ, e deſengano deſde o berço do mundo: diz lhes a razaõ, q̃ olhem como Lucifer parou em demonio, e Adaõ em vil trabalhador, e homem de ganhar miſe-

Iſai. 19. 1.

Ad Philip. 2. 8.

Iſai. 14. 13.

Thren. 4. 5.

Geneſ. 3. 18.

miſeravel, e que em fim, naõ baſtando iſto, comeo as hervas do campo, como qualquer bruto da terra; mas naõ fazendo cazo diſto os homens, imitaõ a vaidade, e a ignorancia, com que hũ, e outro ſe pertenderaõ endeoſar, e nenhum olha para o fim, que iſto veyo a ter, todos olhaõ o brio do atrevimento, e a reſoluçaõ da ignorãcia: o ſucceſſo poucos, raros o caſtigo, e a culpa nenhuns: todos ſe cazaõ com eſta culpa, porque tem para ſi, que naõ póde haver no mundo couſa mais fidalga, pois taõ eſtirada qualidade, que procede do primeiro homem do mundo; taõ authorizado exemplo, que ſe achou em hum Serafim; ſolar taõ conhecido, como as montanhas do Paraiſo, e brazoens naõ menos antigos, que as Eſtrellas do Ceo; e daqui naſce, que como os homens por amor da honra perdem o amor de Deos, perdem o juizo, e fazemſe brutos; porque aſſim como os brutos naõ olhaõ mais que para a terra, elles naõ põem os olhos em outra couſa: o Ceo eſquece, Deos naõ lembra, e o mundo ſó anda nas pélas, e nas palmas da vaidade, e nos olhos da eſtimaçaõ. Fazem-ſe tambem brutos; porque aſſim como quẽ os buſca he ſó para os carregar, e ſervir-ſe delles: aſſim tambem quem buſca os homens de grãdes cargos, e grandes honras, he para carregá-los, ſervir-ſe delles: carrega o peaõ o nobre, quãdo lhe encarrega algũa couſa, o nobre carrega ao fidalgo, o fidalgo ao Miniſtro, e o Miniſtro ao Rey; e tanto ſaõ mayores as cargas, quanto ſaõ os cargos mayores, porque ſaõ mais os que carregaõ, e mais o q̃ ſe encarrega; e tudo iſto parece de roſas aos q̃ pela hõra ſe fazem brutos, naõ dormindo noite, nem dia, naõ aquietando hora, nem põto por dar bõa conta de ſi, talvez, no q̃ he menos ſerviço de Deos, e mais oſtentaçaõ da vaidade, dourando-ſe tudo com aquella vangloria de ſer grande peſſoa, homem para muito, e merecedor de que o honrem todos.

Homens neſcios, naõ vedes quã pouca couſa ſaõ as honras, que vos faz o mundo? Se dependeis de qualquer homem para q̃ vos eſtime, de qualquer juizo para que vos louve, de qualquer conveniencia para que vos adule, adonde eſtá eſſa honra, que haveis de ter na virtude, e naõ na vaidade? Se vireis bem como o mundo vos trata, conhecereis que hum vos bendiz, e outro vos pragueja; que ſe aqui vos deitaõ bençaõ, alli vos amaldiçoaõ. E conhecereis finalmente, que todo eſſe voſſo credito deſvanecido, he hum feitio da conveniencia, que vos ha miſter, huma traça da neceſſidade, que vos faz trabalhar, e huma

cor, com que vos enfeita a ſervidaõ quem de vós ſe quer ſervir: virai as guardas a eſſa razaõ de eſtado, aonde nunca houve eſtado da razaõ, e ſabereis facilmente, que eſſe voſſo engano taõ eſtimado, naõ he mais que hũa viraçaõ ſuave, que corre da vangloria para a ignorancia; e huma aura popular, que entra pela ignorancia para o deſatino, eſe ſahe, he ſó do conhecimento para o deſengano.

Saõ as honras da vaidade huma bençaõ do tempo, que ſe vai voando; huns treſvalios da fama, que anda douda pelo mundo; hũas maravilhas do engano, que nos teve por outros; huns abraços da ventura, q̃ nos levanta os pés do chaõ; huma corteſia dos fados, q̃ nos fizeraõ mercè; e huma graça das Eſtrellas, que para nós ſe viraõ: e nem ſe deve eſtimar huma bençaõ, que naõ he deDeos, nem huns gabos da fama, que falla por cem bocas; nem humas maravilhas do engano, que naõ ſaõ as mayores do mũdo; nem huns abraços da ventura, que nos póde dar cambapé; nem huma corteſia dos fados, porque tem dous roſtos; nem huma graça das Eſtrellas, porque eſtaõ zombando. Rim-ſe para nós as Eſtrellas, para ſe rirem de nós: fazem-nos corteſia os fados, para nos raſgarem a corteſia; levanta-nos a ventura do chaõ, para dar comnoſco em terra, moſtra-ſe-nos o engano maravilhado, para que façamos por elle maravilhas; endoudece a fama por nós, para que ſejamos doudos por elle; abençoanos em fim o tempo, para que a eternidade nos deite a maldiçaõ. Se pois todas as honras, que gozais, taõ longe eſtaõ de ſerem voſſas, que ou ſaõ fructa do tempo, ou grito da fama, ou viſagens do engano, ou invençaõ dos fados, ou geito da ventura, ou força das Eſtrellas; que cazo ſe póde fazer de hum tempo, que naõ he proprio, ainda que pareça correyo? de huma fama, que he aqui d'ElRey, ainda que pareça victor? de hum engano, que ſempre he parvo, ainda que cale de paſmado? de huma ventura, que faz acintes, ainda que vos diga amores? de huns fados, que tem aveſſo, ainda que vos dem direito? e de humas Eſtrellas, que haõ de cahir, tanto que houver juizo? Mas, oh miſeria! que vendo os homens cada dia como as Eſtrellas erraõ, como os fados viraõ, como os tempos ſe mudaõ, como as venturas rodaõ, como a fama ſe vai, e como os enganos vem, ainda aſſim façaõ cazo de honra de naõ perder por nenhum cazo no engano huns pontos, que ſaõ mentiras; na fama huns eſtrondos, que lhes quebraõ a cabeça; nas venturas hum abraço, que parece deſ-

pedida;

pedida; nos tempos hum bom dia, que logo os deixa ás bõas noites; nos fados hum favor, que ſe lhes torna em máos pezares; nas Eſtrellas hum aſpecto, que logo lhes faz máo roſto: e tendo em Deos hum Sol da graça, que os allumia, huma providencia amoroſa, que os governa, huma eternidade aprazivel, que ſe lhes offerece, hũa felicidade ſem duvidas, q̃ ſe lhes promette, huma gloria ſem eſtrondos, que ſe lhes aſſegura, e huma verdade ſem embuços, que os deſengana; nem a verdade preſta na ſua eſtimaçaõ, nem a gloria val nada, nem a felicidade luz, nem a eternidade importa, nem a providencia he couſa, nem o Sol de figura, nem o meſmo Deos he peſſoa, de que ſe obrigue, e ſe affeiçoe eſta ancia da vangloria humana!

Mortaes, reparai bem em vós, e vereis que vos tornais brutos em vos vendo em honras do mundo: deixais de comer paõ de Anjos, e fazeis extremos por alimento de brutos? Por ganhar honra pondes a riſco a vida, que Deos vos deo para ganhardes o Ceo? Naõ tratais de ganhar o Ceo com ella, tratais de naõ perder a occaſiaõ da honra, aonde o mais certo he perderdes a vida, e juntamente a alma? Se a alma for para os infernos, de que vos aproveitaõ as honras do mundo, o credito do nome, e as poſteridades da fama! Se a alma for para o Ceo, que perdeſtes de voſſa honra, ſe ainda q̃ no mundo a enxovalhaſſeis por naõ fazer cazo della, Deos vos honrará mais nos Ceos, e na terra.

Vede, ó mortaes, que ſe levantaõ com applauſo, e vos ganhaõ a verdadeira honra aquelles homens, q̃ na voſſa opiniaõ ſaõ mais vis, deſpreziveis, e miſeraveis. Desfizeraõ-ſe em pó, e cinza os muros, torres, e pyramides, que foraõ maravilhas do mundo: cahiraõ os Coloſſos de Rhodes, as Eſtatuas dos Ceſares, dos Pompeos, e dos Alexandres; e a eſtes meſmos, que eſtimava o mundo, eſtima hoje a vaidade por oraculos da vangloria, por exemplares da grandeza, da fama, da honra, e da fortuna; cahindo a morte ſobre elles, lhes fez deixar quanto tiveraõ: lançando-lhes as almas no inferno, lhes fez levar ſómente o caſtigo de ſuas neſcias vaidades; ſepultando os eternamente em huma vida, que ſempre morre, em huma morte, que ſempre dura, os deixou finalmente em aquellas chãmas eſcuras, aonde por todas as idades eternas gemeraõ ſem allivio, arderáõ ſem remedio, e penaráõ ſem intervallo. Ao contrario diſto vemos que ſe levantaraõ do pó da terra, e da beira do mar huns pobres peſcadores, e huns homens deſpreziveis, e puzeraõ os pés

ſobre o mundo, mettendo-ſe-lhes debaixo dos pés; dando de maõ a todos os ſeus bens poſtiços, tomaraõ os Ceos ás maõs; e ſubindo ao celeſte Reyno, poſtos nos thronos da gloria, ſaõ Principes da eternidade, e huma meſma couſa com Chriſto: na terra honrados com imagens, templos, e memorias, e no Ceo com honras, e imperios de duraçaõ eterna.

O' mortaes, a todos iguala o pó, e cinza; em chegando o proceſſo da vida a final, quem tem feito melhores autos, eſſe he o melhor deſpachado. Dai pois a gloria a Deos, dai-lhe a honra, e o louvor; que ſó a elle ſe lhe deve. Zombai deſſas honras vaãs; buſcai as honras da virtude tanto mais, quanto mais honrados vos fez Deos por naſcimento, as Eſtrellas por ſorte, e a fama por louvor: nada vos tira iſto do que podeis querer. Se vos diſtinguio o Ceo pelo naſcimento, ou pela fortuna, vede que vos naõ diſtinguio pela natureza. Se quereis ſer ſabios, diſcretos, e entendidos, amai as verdadeiras honras, que naõ podem acabar-ſe; porque quem ama as caducas do mundo, he ignorante parecido aos brutos irracionaes, e ſimilhante a elles.

TRA-

TRATADO III.

DESPERTADOR CELESTIAL DA ALMA adormecida na culpa ſobre as palavras do Apoſtolo ad Roman. 13. 11.

Hora eſt jam nos de ſomno ſurgere.

ESTAS palavras de S. Paulo ſaõ hum deſpertador Divino do deſcuido, e eſquecimento humano; para que aos juſtos ſirva de alento, aos penitentes de eſtimulo, aos peccadores de acordo, e a todos de memorial para o deſengano avivar o animo. Querem dizer: O' tu peccador, que dormes a ſomno ſolto no deſcuido, e eſquecimento de Deos, no engano, e vaidade de tua vida, no lethargo, e deſacordo de tua culpa, que fazes, alma miſeravel, que naõ acordas? Em que te occupas, peccador, que ainda naõ deſpertas? Como vives, alma cega, que ainda te naõ levantas? Que fazes, creatura ingrata a Deos, que ainda te naõ excitas? Como vives taõ eſquecida do ſoberano fim, para que foſte creada? do ultimo, e ſummo bem, para que foſte redimida? Acorda, que ja he tempo: deſperta, que ja he hora: ja he hora de acordar do ſomno de noſſa culpa; ja he tempo de levantar da cama do noſſo vicio: tempo he ja de aproveitar do juizo; hora he ja de entrar a razaõ em ſeu acordo: abre os olhos, peccador, e põem-nos neſta lamina do teu remedio, neſta luz, que te dá o Ceo para o teu perigo: Deos pendente de hũa Cruz por amor de ti, e tu com teus peccados põdo a Chriſto em huma Cruz! Haja alguma hora para o arrependimento, naõ ſe entregue toda a vida ao deſcuido, e todo o tempo ao engano, pois

naõ sabemos se teremos outra hora para o q̃ mais nos importa, havendo desperdiçado tantas no que nos arruina; e póde ser castigo das muitas, que gastamos na culpa, naõ ter a que nos he necessaria para fazer penitencia: a esta nos excita a trombeta do Ceo, nos chama a voz Divina, e nos convida a misericordia de Deos.

Hug. C. hic. He a vida do peccador similhante ao sõno; e o peccar parece-se com o dormir, por muitas razoens: a primeira he, porque quem dorme, está como fóra de si, fóra de seu sentido, sem razaõ, sem entendimento, e fóra de seu acordo; assim quem pecca, fóra de si anda; vive como se naõ tivera razaõ, nem juizo, nem entendimento; anda como homem, que está sem acordo algum, e anda fóra de seu sentido. Do Prodigo, figura do peccador, diz a Escritura, que quando se começou a arrepender, que entrou em si: quem entrou em si, parece, que fóra de si estava, e quem está fóra de si, fóra de seu acordo está, e fóra de seu sentido; e tudo isto lhe fez o peccado da luxuria, em que se empregara: por isso, o mesmo he peccar, que andar fóra de seu juizo, sem entendimento, e como fóra de si; e o mesmo he tomar acordo de emendar-se, e fazer proposito de levantar-se, que ser ja homem a proposito homem que está em seu acordo, e que tornou a seu sentido.

Luc. 15. 17.

Taõ fóra de seu sentido andaõ os peccadores, em quanto estaõ em peccado, taõ sem juizo vivem, taõ sem razaõ se despenhaõ, que aquelles desatinos, que haviaõ de aborrecer, o desacordo do seu peccado lhos faz amar. De Salomaõ, que foy o mayor entendimento, que houve em puro homem do mundo, conta a Escritura hum taõ grãde desatino, como foy amar os Idolos, nos quaes se dava culto, e adorava o demonio, sendo que conhecia a Deos melhor q̃ todos os do seu tempo; e finalmente seguio hum taõ grande erro, como foy adorar os Idolos, sendo do mundo o mais entendido: conhecer a Deos, e dar cultos ao demonio, he o mayor erro; ter fallado com Deos, ter recebido seus favores, e ir adorar os Idolos, he o mayor desatino; e chegou Salomaõ a adorar o seu erro, e a idolatrar o seu desatino; havendo de aborrecer aquella perdiçaõ, põem nella o seu amor; havendo de ter odio ao demonio, põem nelle a sua affeiçaõ, porque depois que ao vicio da luxuria se entregou, ficou taõ desacordado, tanto fóra de si, que aquelles desatinos, q̃ havia de aborrecer, o desacordo do seu peccado lhos fez amar.

3. Reg. 11. 1. &c.

O' peccadores desacordados; ó mor-

ó mortaes enganados, e pervertidos, entrai em voſſo acordo cuidai no que fazeis peccando. Adonde eſtá a razaõ, e o juizo, quando huma Alma pecca? naõ eſtá fóra de ſi? Se viramos, que hum homem trocava hum diamante por vidro, perolas por avelaãs, ouro por chumbo, flores por eſpinhos, e thriagas por venenos, naõ differamos que eſtava louco, e fóra de ſeu ſentido? Que diremos pois de quem, peccando, he certo que troca o Ceo pelo inferno a Deos pelo demonio, o Creador pela creatura, a vida pela morte, o bem eterno pelo caduco? pois he certo, que peccando entrega a ſua Alma ao demonio, deſpreza o Ceo, e ſe condena ao inferno, de filho de Deos ſe faz eſcravo do diabo, ſe riſca do livro dos Bemaventurados, e ſe põem no rol dos malditos? Naõ he iſto perder o acordo; ſervir ao inimigo, que iſto he ao demonio; e offender o amigo, que iſto he a Deos; fazer a vontade ao contrario, que iſſo he a Satanaz; e deſagradar ao Pay, que iſto he ao Creador, e Author do mundo; naõ he iſto eſtar fóra de ſentido! O' peccador, abre os olhos, entra, como o Prodigo em ti, naõ adores o deſatino, como Salomaõ, ergue-te de teu peccado, que ja he tempo, levanta-te de teu delicto, que ja he hora.

Mas oh miſeria digna de chorar-ſe com lagrimas de ſangue! que fica tal o peccador, tanto que ſe entrega a peccar, e perſevera em delinquir, que por mais que Deos multiplique os milagres para o deſengano, entaõ creſcem mais no peccador as cegueiras para o deſatino. Levaraõ hũa vez os Filiſteos cativa a Arca de Deos, vencendo em hũa batalha aos filhos de Iſrael, e pondo-a no ſeu templo do Idolo Dagon junto delle, acharaõ na manhaã do outro dia o Idolo deitado por terra com a cabeça degollada, e decepadas as maõs; que naõ póde parar o demonio aonde Deos eſtá: tomaraõ o Idolo, e tornaraõ a collocá-lo no ſeu lugar; mas no dia ſeguinte o acharaõ ſegunda vez no chaõ deſcabeçado, e decepado diante da Arca, e acabeça, e maõs poſtas na entrada da porta do templo; e começaraõ os açoutes, e flagellos da maõ de Deos a caſtigar aſperamente aquelle povo da Cidade de Azoto: vendo-ſe elles aſſim apertados, e o ſeu Idolo feito hum tronco, differaõ: Naõ convem, que entre nós eſteja a Arca do Deos de Iſrael. As repetidas ruinas do Idolo, e os açoutes do povo eraõ multiplicados milagres, que Deos fazia para o deſengano deſta gente; o teymarem em pôr o idolo aonde eſtava a Arca de Deos, era a mayor cegueira do deſatino; mas como

1. Reg. 4. 10. & cap. 5.

eſtes

estes idolatras amavaõ tanto o seu idolo, e nelle ao demonio, tendo por perfeiçaõ o seu delicto, haviaõ de crescer nelles as cegueiras para o desatino, de quererem antes em casa o demonio, que adoravaõ no Idolo, do que a Deos, que se venerava na Arca. Oh quantos peccadores ha, que tendo idolos, nelles amaõ o seu peccado, e por consequencia o demonio! por mais que Deos lhes decepe os idolos com a enfermidade, com o castigo; se he idolo da luxuria, com a enfermidade; se he da vingança, com a doença; se he da honra, com a injuria; se das riquezas, com as perdas: por mais que Deos multiplique os prodigios para os desenganar, e se arrependerem, entaõ multiplicaõ os desatinos para deitarem de si a Deos! Alto, diz hum, fóra Deos desta casa; se o cõmungar ha de ser causa de eu deitar fóra o demonio, de que fiz idolo, Deos antes fóra de casa, e fique em casa o demonio: se ha de ficar Deos pela confissaõ, e pela restituiçaõ, fóra a restituiçaõ, e a confissaõ, e fique antes o demonio em casa; se ha de ficar pelo perdaõ da injuria, da affronta, vá fóra antes Deos, e fique o demonio do odio, do rancor, e da vingança: e donde procede tanta malicia, e tanta cegueira! Donde? De que puzeraõ os peccadores o amor no idolo; de q̃ idolatraõ o peccado, e por isso aborrecem o remedio, e o deitaõ pela porta fóra.

Que ha depois de seguir-se a esta offensa que se faz a Deos, accrescentãdo o desatino, quando Deos convida os peccadores para o desengano? Nenhuma outra cousa ordinariamente succede, senaõ castigos da ira de Deos. Sonhou Nabuco que via huma estatua, mas apenas vio a estatua, quando vio tambem o castigo: desceo huma pedra de hum monte, que fez a estatua em pó, e cinza: naõ lhe valeo a riqueza do ouro, nem a formosura da prata, nem a fortaleza do bronze, nem a valentia do ferro, nem a firmeza da terra, tudo em breve tempo acabou em huma poeira, e se resolveo em cinza. Sonhou tambem que via huma arvore taõ alta, e maravilhosa, que na altura era hũa pyramide verde, que chegava ao Ceo; na pompa huma frondosa nuvem, que affombrava a terra; nas flores huma primavera dos ventos, de que se vestia o ar; nos fructos hum paraiso de gostos, em que se recreava o mundo: mas apenas vio esta verde maquina, este Colosso florente, este affombro fructifero, quando vio, que hum Anjo do Ceo mandava pór-lhe o cutélo ao pé, e cahio arruinada em terra, apenas arvore, logo cadaver, apenas maravilha do mundo, quando ja

Dan. 2. 34. &c.

Dan. 4. 7. &c.

arrui-

arruinada nelle: aſſim a arvore, como a eſtatua eraõ retrato de Nabuco, em que lhe moſtrava Deos o ſeu caſtigo retratado, e a ſua ruina em debuxo, para que viſſe que apenas era grandeza, ja era ruina; que eſcaſſamente chegava a ſer exemplo da felicidade humana, ja era da deſgraça, e do caſtigo hum eſpelho: e porque Nabuco em lugar de temer a ira de Deos com o deſengano, que na eſtatua, e com a ruina, que na arvore lhe moſtrava, foy taõ deſacordado, até no acordo, que tomou de chamar a Daniel, que fez huma eſtatua de ouro, e ſe fez com pena de morte adorar em eſtatua: e como Deos lhe augmentava as razoens para o deſengano, elle hia por diante do deſatino, no meſmo deſengano, de que ſe naõ aproveitou, achou o caſtigo do deſatino, em que cahio.

Oh quantos Nabucos ha, que no ſonho, e engano da ſua fantaſia vivendo como deſacordados, tudo he levantar eſtatuas para ſer Idolos, tudo querer como arvores trepar ás nuvens, e chegar aos Ceos com a pompa, com a ſoberba, com a arrogancia! Vede que a eſtatua ſe ha de converter em pó, que a arvore ſe ha de fazer em cinza: que para a eſtatua ha pedra, e que para a arvore ha cutello. Deſenganai-vos, mortaes, deixai os deſatinos, amai os deſenganos, e entrai em voſſo acordo, apartando-vos do leito de voſſos peccados, que ja he hora; acordando do ſomno de voſſos ſentidos, que ja he tempo: *Hora eſt jam nos de ſomno ſurgere.*

A ſegunda razaõ, porque a vida do peccador he ſimilhante ao ſomno, e o peccar ſe parece com o dormir, he, que quem dorme deſcuida-ſe, nem ſe lembra do que lhe importa: aſſim quem pecca deſcuida-ſe do que mais importa á ſua alma; deſcuida-ſe da morte, do juizo, do inferno, do Ceo, da ſua ſalvaçaõ, de Deos, do demonio, dos mais inimigos d'alma, dos encargos da ſua conſciencia, da relaxaçaõ da ſua vida, e das enormidades da ſua culpa; e quando por eſte deſcuido tem a todos contra ſi, e convinha, que abriſſe os olhos para tratar do remedio, entaõ lhos cerra o ſeu deſcuido para naõ fugir do ſeu perigo. Jon. 1. 3. &c.

Apenas pôs os pés na náo o fugitivo Jonas, apenas ſoltaraõ as vélas, e levaraõ as ancoras, e ſe davaõ bõa viagem, quando huma horrenda tempeſtade veyo ſobre elles: ſoltavaõ-ſe as geraçoens dos ventos, dando-ſe batalha huns aos outros, erguia-ſe o mar de eſquadroens de ondas, diſpararaõ ſettas as nuvens, ou lanças, que chovia o Ceo, ja de chuvas, ja de rayos, ja de coriſ-

coriſcos ; o Sol foy arrebatado das ſombras, o dia ficou defunto , e amortalhado em trevas , as luzes mortas,e tudo em confuſaõ taõ grande , que parece que o Orbe ſe reſtituhia entaõ áquelle temoroſo cáos , em que começou o mundo : tudo perigava entaõ , a náo indo ſe a pique,os homens vendo-ſe a cada paſſo no mais profundo do abyſmo , quaſi ſubmergidos das agoas , ſó Jonas deſcuidado do cõmum , e particular perigo ſe foy deitar a dormir em prodigioſo lethargo, e quando havia de abrir os olhos para buſcar o remedio , entaõ lhos cerrou o deſcuido para naõ fugir do caſtigo: mas q̃ muito,ſe vinha Jonas em peccado, fugindo de Deos,como ſe lhe pudera fugir? e aſſim que havia de ſuccederlhe,ſenaõ deſcuidar-ſe de tudo, do mar, da tempeſtade , da baléa, da morte,do Juizo,do Ceo, de Deos,do inferno, e de tudo?

Quantos ha , que tendo á viſta a tempeſtade da morte , eſtando para dar conta em Juizo, condenados ſegundo a preſente juſtiça ao inferno pelo peccado da ſoberba , da reſtituiçaõ , da luxuria, do odio , da vingança, e de outro qualquer , ſe deſcuidaõ de maneira , que lhes naõ lembra Ceo , nem Deos , nem alma , nem ſalvaçaõ , nem inferno, nem couſa alguma? tudo he dormir a ſomno ſolto no leito do peccado , na cama do vicio. Homens, que fazeis,em que vos occupais? ſendo Chriſtãos, e tendo Fé , naõ temeis o riſco de voſſas almas? naõ olhais,que eſtais mettidos em hum mar de culpas , que a tempeſtade da morte vos ameaça a cada inſtante, ainda quando eſtais mais valentes , que ſe ira o Ceo contra vós , que o inferno ſe abre , que a baléa infernal ſe chega , que todas as creaturas offendidas de ver a ſeu Creador aggravado tomaõ armas para a vingança? e ainda aſſim fugis a Deos,a quem ninguem póde eſcapar, nem no Ceo,nem na terra,nem no mar, nem no inferno, nem em parte alguma? Donde naſce tanto deſcuido ? Donde tanto eſquecimento,que havendo de abrir os olhos para buſcar o remedio , entaõ os fechais para naõ fugir do perigo ? Oh naõ vem que dormem eſtes miſeraveis que peccaõ , e ſe deixaõ eſtar em peccado,e que o meſmo he eſtar em peccado, q̃ em hum mortal deſcuido? Pois que ha de ſucceder a quem aſſim vive morto ? aſſim pecca, e aſſim dorme , ſenaõ o que ſuccedeo a Jonas , e peyor ainda ? Porque a Jonas o tragou a baléa para o vomitar nas prayas de Ninive;a eſtes os tragará a baléa infernal para os deitar nas fornalhas eternas entre os ſempiternos horrores.

He finalmente mayor o deſcuido

cuido dos peccadores, que o ſeu perigo; naõ tem por tempo de vida, ſenaõ o que póde ſer tempo de culpa; e naõ tendo huma hora para viver, cuidaõ que tem muitos annos para peccar, e por iſſo pagaõ, na hora que menos cuidaõ, o deſcuido com q̃ peccaraõ. Em hum mar de riquezas
Luc. 12, 20. ſe via aquelle Rico do Evangelho com hũ diluvio de fructos, que a liberaliſſima maõ de Deos lhe deo, que alagãdo-lhe os celleiros, naõ tinha em que recolhè-los: no meyo de tantas abundancias, começou a diſcurſar entre ſi que faria para recolher tantos bens: e como ſe reſolveſſe a desfazer os celleiros que tinha, para fazer outros mayores, e melhores, aonde tudo lhe pudeſſe caber, agradando-ſe da ſua reſoluçaõ, ſe convidou a ſi meſmo a regálos de muitos annos, a huma larga vida cheya de delicias, e banquetes de muita duraçaõ: e apenas eſtava a ſua fantaſia diſpondo entre diſcurſos a duraçaõ de tantos deleites, quando hũa voz de Deos lhe diz: O' neſcio, ó ignorante, eſta noite te arrancaráõ os demonios eſſa alma do corpo, e a ſepultaráõ no inferno: ſe pois o Senhor lhe dá tantos bens, como o naõ deixa lograr delles? e ſe naõ quer que chegue a poſſuî-los, como de noite, e naõ de dia, diz que chega a ſua condenaçaõ? Oh naõ vem que para quem ſempre dorme, todo o dia he noite? Vivia eſte deſaventurado Rico dormindo no negocio da ſua ſalvaçaõ, vivendo em culpa, fazia-ſe com muitos annos de vida para offender a Deos em gullas, e demaſias, ſem cuidar na morte, no juizo, no inferno, nem ſe lembrar de Deos; pois por iſſo na noite de ſeu eſquecimento, e na hora que menos cuidava, havia de pagar o deſcuido, com que a Deos offendia. O' mortaes, vede ſe vos deſcuidais em emendar as vidas, em fazer pazes com os adverſarios, em deixar de todo a occaſiaõ deshoneſta, em reſtituir o alheyo, em ter oraçaõ, em confeſſar inteiramente os peccados, em frequentar os Sacramentos: olha, que na hora, que menos cuidardes, chegará a hora de pagardes o voſſo deſcuido. Se pois quereis eſcapar deſte damno, abri os olhos, que ja he hora, e levantai-vos do peccado, q̃ ja he tempo: *Hora eſt jam, &c.*

A terceira razaõ, porque a vida do peccador he ſimilhante ao ſomno, e o peccar ſe parece com o dormir, hę, porque aſſim como quem dorme naõ entende, nem conhece o ſeu erro; aſſim quem pecca, em quanto pecca, naõ conhece o erro do ſeu vicio, nem a perverſidade do ſeu peccado, nem a malicia da ſua culpa: e daqui vem, que aſſim como quem dorme ama o ſomno,

no, como se fora descanço; assim o que pecca ama o erro, como se fora acerto, ama o delicto, como se fora deleite, ama o desamparo de Deos, como se fora felicidade; e naõ ha mayor final da cegueira, em que cahe hum peccador, que amar a culpa, que he summo mal, como se fora summo bem, e estimar por felicidade o delicto, como se fora deleite. Diz o Profeta Oseas, que o povo que naõ entende, será açoutado com flagellos da ira de Deos, como expõem a Glossa, e os Settenta, como refere o Cardeal Hugo, que este açoute será viver nas torpezas do peccado da luxuria: e conforme estas letras, vem a dizer o Profeta que o povo, que naõ entende, será castigado com asperos açoutes de Deos, e que estes seraõ os carnaes deleites da luxuria a que se entregaõ: e que tem que fazer açoutes com deleites? flagellos da ira de Deos, com as delicias de Venus? Saõ por ventura os gostos, que os mundanos tem por summo bem, os castigos, que Deos lhes dá? E se saõ castigos, como saõ gostos? se saõ delicias, como saõ flagellos? He certo que saõ flagellos, porque saõ desamparos de Deos; e como era povo ignorante, que naõ entende o seu erro que naõ conhece o seu peccado em que anda, sendo o desamparo de Deos o mayor flagello, e o summo mal d'alma, o amaõ como felicidade; e isto, que he o mayor açoute, o estimaõ por deleite: donde se vè que estes taes, como naõ curaõ da guarda da Ley de Deos, senaõ de cevar-se em seus torpes appetites, tem ja o mayor final de malditos, como affirma David, e o confirma S. Gregorio Papa dizendo: que o peccador perverso, quanto mais satisfaz seus desejos, tanto mais depressa he arrebatado aos tormentos eternos: *Perversus quantò citiùs pervenit ad desiderium, tantò facilius rapitur ad tormentum.* E como estes miseraveis commettem mais peccados, quanto mais he o desamparo de Deos; quanto mais forem os peccados, tanto será no inferno mayor o castigo: e elles a amarem o desamparo, como se fora gosto, o summo mal, como summa felicidade, e o flagello, e açoute de Deos, como se fora deleite.

Oseæ 4. 14. & ibi Glos. & Card. Hug.

Psalm. 118. 11.

Greg. Pap. tom. 1. lib in Job cap. 13. ad fin.

Oh quantos tem por summo bem os carnaes deleites, e os gostos desta vida, que saõ desamparos, e açoutes da ira, e indignaçaõ de Deos! Homens loucos, mulheres sem siso, quem vos faz amar a vossa perdiçaõ? He a cegueira do peccado, que he como somno: porque em quanto viveis no peccado, naõ sabeis conhecer o vosso erro: e a razaõ he; porque quem dorme

me eſtá ás eſcuras, e quem ás eſcuras anda, ou com os olhos fechados, naõ ſabe por onde vay, e por iſſo aqui tropeça, alli cahe, ora cahe em huma cova, ora ſe deſpenha em hum barranco, perde a eſtrada, vay fóra de caminho: aſſim tambem os peccadores andaõ ás eſcuras, e com os olhos fechados, porque ſendo o peccar dormir, quem dorme, a olhos fechados eſtá; e por iſſo como cègos atropellaõ a Ley de Deos, ſem ſaberem por onde põem os pés, deſpenhaõ-ſe no barranco da culpa ſem o advertirem, cahem na cova do peccado ſem o saberem, perdem a eſtrada da ſalvaçaõ, e vaõ fóra do caminho do Ceo, ſem conhecerem o ſeu erro: e por iſſo dos peccadores diſſe David: Saõ huns neſcios: naõ tem entendimento, porque andaõ em trevas.

Pſalm. 81. 5.

Eis-aqui como a ventura dos peccadores he a mayor deſaventura que póde ſer: tem os peccadores pela mayor ventura fazerem em tudo ſeu goſto, e fartar ſeus appetites, e naõ conhecem, nem entendem que niſto eſtá o ſeu mayor perigo; porque aſſim como quando os Medicos naõ achaõ cura ao doente, lhe dizem que coma o que quizer, deixando-o á natureza, entaõ eſtá o enfermo em mayor perigo, e ja ſem eſperança de remedio: aſſim tambem quando o Medico celeſtial deſampara o peccador enfermo da culpa, e o deixa á natureza, para que viva conforme ſeu appetite, entaõ eſtá o peccador no mayor perigo, porque eſtá ſem eſperança de remedio: mas como a ſua cegueira lhes naõ dá lugar a verem eſtas verdades taõ claras, e palpaveis, dahi naſce porem o deſejo no ſeu damno, o appetite nos venenos, a vontade no ſeu mal, e o faſtio no ſeu bem. Pôs Eva o ſeu appetite em hum bocado, que era veneno, porque teve o mal por bem, a culpa por felicidade, a morte por deleite, deixando-ſe enganar do demonio, quando cõmetteo o peccado, e quebrou a Ley de Deos: o que era máo, pareceo-lhe bem: o que era mortal, e infernalmente nocivo, pareceo-lhe deleitoſo, tanto que deo ouvidos, e obedeceo ao demonio, querendo com a vontade quebrantar a Ley de Deos: em quanto ſe determinou a guardá la, parecia a Eva a arvore vedada couſa de que ſe naõ podia comer, nem tocar ſem riſco certo de morte; porèm tanto que na vontade teve o peccado, logo lhe pareceo ſuave, e deleitoſo ſeu mal. Oh quantos filhos da culpa deixou Adam, e Eva no mundo, que cegos do ſeu appetite, todo o ſeu goſto põem no bocado, que he veneno

Geneſ. 3. 6.

no mortal do inferno ; e sendo o que lhes dá eterna morte, parece-lhes o mayor deleite da vida !

Creaturas cegas, despertai, abri os olhos ; vede que vos engana o demonio , e que por hum gosto instantaneo vos dá eterno tormento : solicita-vos o tormento representando o gosto , e porque naõ cuidais que haveis de achar tormento , senaõ gosto , morte , senaõ vida, garrote , senaõ deleite no que vos offerece o demonio , por isso miseravelmente vos perdeis. Para a Escritura Sagrada chamar aos homens nescios , e ignorantes , diz que saõ como aves, que se affogaõ no laço , e como peixinhos, que morrem no anzol : naõ lhes chama aves mortas com tiro , nem peixes pescados na rede ; porque estes morrem , porque mais naõ podem , e aquelles acabaõ a vida , porque mais naõ querem : naõ quer a ave advertir , porque he ignorante , que debaixo do que lhe parece appetite está encoberto o laço da morte : naõ quer o peixinho considerar , porque he simplez , que naquillo que lhe parece gosto , está escondido o anzol da sua perdiçaõ : assim tambem succede aos peccadores com o caçador, e pescador do inferno : cahe o peccador no laço da culpa, como passaro , e fica no anzol do peccado , como peixinho ; e se lhe perguntares o porque , dirá que naõ cuidava que alli estava o garrote do laço , nem a morte do anzol ; senaõ o deleite , que naõ imaginava que alli estava o tormento , senaõ gosto , que naõ entendia o seu erro , que naõ conhecia o seu engano , e que por isso se deixou prender no laço , e tomar em o anzol , que o demonio cavillosamente lhe armou.

Eccles. 9. 12.

Que outra cousa saõ os gostos , e deleites do mundo , senaõ laços , e anzoes , com que o destro , e astuto caçador , e pescador do inferno anda armãdo ás almas ? E que outra cousa fazem os peccadores mais , que solicitar os laços , e os anzoes , que o demonio lhes veste de seus nescios appetites ? Veste-lhes a soberba de honra , a cobiça de riquezas , a luxuria de delicias, a ira de valor , a gula de regálo, a inveja de razaõ , e a pirguiça de necessidade : vai o peccador miseravel , cuida que busca a honra , e cahe no laço da soberba ; imagina que busca a riqueza , e cahe no anzol da cobiça ; antoja-se-lhe que acha delicias , e cahe nos laços , e anzoes da luxuria , e nos mais vicios , e peccados : e tudo isto nasce de naõ conhecer o seu erro, porque anda com os olhos fechados, sepultado no profundo somno da culpa: acordai pois, peccadores, abri

abri os olhos, que eſtá o mundo todo cheyo de laços, e de anzoes do demonio; vede o voſſo erro, que ja he tempo, e adverti o voſſo engano, que ja he hora: *Hora eſt jam &c.*

Finalmente, o mayor erro; que naõ entende o peccador abſorto no ſomno do peccado, he naõ ſaber quam grave mal he o peccado; porque ſe o vira, conhecera que era taõ feyo, que o demonio em ſua comparaçaõ he formoſo; e he iſto tanto aſſim para quem o conhece, que, ſe pudera, eſtimara ver antes a cara de todos os demonios, do que ver em hum inſtante a cara dos peccados. Oh quem me dera, meu Deos, (dizia o Santo Job) que me eſcondereis no inferno, e lá me tivereis debaixo de voſſa protecçaõ, em quanto paſſava o dia final de voſſa ira, e furor! Conſiderava o Santo Job que no inferno podia ver a cara aos demonios, e que no valle de Joſafat havia de ver o vulto aos peccados; (como o Senhor diz por David ſegundo a expoſiçaõ de Hugo Cardeal) e como os peccados tem a mais horrivel preſença, que ſe póde conſiderar, achava ſer muito melhor partido ver antes no inferno a cara aos demonios, do que ver no dia do Juizo o vulto aos peccados. Se pois agora, peccador, tiveres os olhos fechados para naõ ver tuas culpas, que ſaõ os teus mayores erros, entaõ os abrirás para olhá-los; naõ para lhes dares remedio, mas para teu mayor tormento: queres pois fugir a eſte tormento, e aos eternos, que ſe lhes haõ de ſeguir? abre ogora os olhos para chorar tuas culpas, e trata de emendar com tempo os teus erros, antes que chegue o tempo, em que o naõ poſſas fazer.

Job 14. 15.

Pſalm. 49. 21. & ibi Hug. Card.

Dorme o peccador ſem conhecer o ſeu erro, iſto he, o ſeu peccado, ſendo o ſeu peccado naõ ſó o ſeu mayor mal, mas o ſeu mayor, mais mortal inimigo: e ſendo certo, que quem tem inimigos naõ dorme, e ſe dorme, he ſummamente ignorante; claro fica, que he o peccador, q̃ dorme, tendo peccados, muito mais ignorante, que quem dorme, tendo inimigos: porque os inimigos do corpo poderáõ quãdo muito ajudar-ſe do deſcuido de quem dorme para lhe tirar a vida temporal; mas os inimigos mayores d'alma, que ſaõ os peccados, valem-ſe do ſõno do peccador para lhe tirar a vida eterna: e como ſaõ inimigos tanto mais prejudiciaes, tanto mais ſe haõ de temer para a guarda, e para a cautéla; e ſaõ taõ ſũmamente prejudiciaes inimigos os peccados, que tendo os contra ſi o peccador, eſtá de peyor partido, do que tendo contra ſi a ira de Deos Omnipotente. Oh que fortiſſimo, e terri-

bilissimo inimigo he o peccado! e para que naõ pareça encarecimento, veja-se a prova. Naquelle Psalmo, a que vulgarmente chamaõ das pragas, huma das q̃ roga David aos peccadores he esta: Sejaõ os peccadores sempre contra Deos: sejaõ sempre contrarios ao Senhor; e naõ fora mayor praga dizer: Seja sempre Deos contra os peccadores: seja sempre o Senhor seu contrario? Deos he infinitamente poderoso, e tendo os peccadores contra si a Deos, parece que ficavaõ tendo contra si o mayor, e mais poderoso inimigo, como logo lhes roga David esta praga, senaõ a outra? He certo que David lhes rogou a mayor praga, que lhes podia rogar; e para isto se entender, veja-se que cousa he estar o peccador contra Deos, e que cousa estar Deos contra o peccador: está Deos contra o peccador, quãdo o castiga por suas culpas; e isto he hum acto da Justiça Divina, que he summamente bom: está o peccador contra Deos, quando o offende com seus peccados; e isto he hũ acto da mayor iniquidade, que he summamente máo: quando o peccador tem a Deos contra si, tem da parte de Deos contraria a Divina Justiça, que he infinitamente bõa, e quando está o peccador contra Deos pela culpa, tem da sua parte o peccado cõtra si mesmo, que he summamente máo: e conhecendo David, como Santo, quam terrivel inimigo do peccador he o seu mesmo peccado, que o faz inimigo, e contrario de Deos, rogou aos peccadores a mayor praga em lhes rogar que tivessem peccados que os fizessem contrarios, e inimigos de Deos; porque os peccados saõ a peyor praga, que póde haver; e naõ lhes pedio a indignaçaõ de Deos contra elles, porque da parte de Deos naõ póde haver acto, que naõ seja a mayor bondade, que se póde considerar.

Psalm. 108. 15.

Como dormes, peccador, tendo contra ti taõ crueis, taõ tremendos, e taõ mortaes inimigos! Como te descuidas, tendo das portas a dentro tantos, e taes contrarios! Como he possivel que descances, tendo tanto que temer! Acorda pois, e naõ durmas taõ rodeado de adversarios, levanta-te contra elles, para que naõ prevaleçaõ contra ti. Se atégora foste todo hũa cegueira para dormir a olhos fechados, trata de ser agora todo vigilancia, para viver a olhos abertos. Se atéqui naõ tinhas olhos para ver tantos erros teus, deves ser daqui por diante todo olhos para fugir dos teus perigos. Acorda ja, que he tempo; acaba de levantar-te, que saõ horas: *Hora est jam nos de somno surgere.*

Temos

Temos viſto como a vida do peccador he ſimilhante ao ſomno, e como o peccar ſe parece com o dormir; vejamos agora que parecer tem a penitencia, e converſaõ do peccador com o acordar, e levantar-ſe da cama. Quem depois de dormir ſe levanta, primeiro acorda, e depois ſahe da cama; o acordar faz-ſe em hum abrir de olhos, e o levantar em deixar a cama: aſſim tambem a penitencia, e converſaõ ha de ſer taõ apreſſada, que ſe faça em hum abrir de olhos; e o deixar as occaſioẽs do peccado ha de ſer taõ perfeita, que de todo ſe haõ de largar: porque aſſim como quem acorda, ſe naõ falta logo fóra da cama, facilmente torna a dormir, e ſe a ella torna depois de levantado, he para adormecer: aſſim tambem, ſe o peccador naõ larga logo a occaſiaõ do peccado, nada lhe aproveitará o abrir dos olhos pelo arrependimento, porque tornará ſem duvida a continuar o peccado, que naõ quiz com effeito largar; e ſuppoſto o deixe, largando a cama da occaſiaõ, ſe a ella torna, certo he quer tornar ao ſõno do peccado. E conforme a iſto, para ſer agradavel a Deos a converſaõ, e penitencia do peccador, ha de gaſtar tanto tempo nella, como em acordar, em que ſegaſta ſó hum abrir de olhos, e ha de ſer taõ breve o acordo, que toma para fazer penitencia, e a reſoluçaõ para mudar de vida, e emendar a culpa, que tudo deve ſucceder em hum fechar, e abrir de olhos.

Foy taõ inſigne a converſaõ de S. Paulo, e a ſua penitencia, que o meſmo Chriſto Senhor noſſo chegou a dizer na occaſiaõ della, que era Paulo vaſo eſcolhido ſeu; e naõ acho que o Senhor diſſeſſe outro tanto de outro peccador cõvertido, porque tambem naõ encontro outra converſaõ como a de Paulo. Act. Ap. 9. 15.

Era Paulo taõ grande peccador, que fazia capricho, e tinha por officio o ſer inimigo, e perſeguidor de Chriſto; apparece-lhe de repente huma grande luz do Ceo, que o rodeou como hum rayo, e deo cõm elle em terra; e logo huma voz, que como trovaõ, que ſe ſegue ao rayo, lhe perguntou: Saulo, Saulo, porque me perſegues? E apenas ſoube que Chriſto, a quem elle perſeguia, era o que lhe fallava, ſem mais dilaçaõ ſe converteo, e determinou a fazer tudo quanto o Senhor lhe mandaſſe; e levantando ſe da terra, naõ via, tendo os olhos abertos: e com tudo, diz Santo Agoſtinho, que naquelle tempo, em que naõ via as couſas do mundo, eſtava vendo a Jeſu Chriſto: como logo Paulo em hum cerrar de olhos do corpo deixou de ver o terreno, e com hum Act. Act. 9. 3. &c. Augustin. tom. 10 Serm. 14. de Sanct. poſt princ.

abrir de olhos d'alma principiou a ver o Eterno: foy a sua conversaõ em hum fechar, e abrir de olhos; e por isso taõ agradavel ao Senhor, q̃ chegou a dizer de Paulo, que era vaso seu escolhido: aonde se vê, que para ser agradavel a Deos a conversaõ do peccador, ha de ser o acordo, que toma para emendar a vida, taõ breve como o acordar de quem dorme, que se faz em hum abrir de olhos. Obra he da graça do Divino Espirito a conversaõ dos peccadores, e aonde o Espirito Santo influe com sua graça, naõ póde haver vagares, mas tudo saõ pressas.

Act. Ap. 2. 3. Em figura de linguas de fogo desceo o Espirito Santo sobre o Collegio Apostolico, e naõ em similhança de outro elemento; porque, como vinha a tratar da conversaõ do mundo, se visse a pressa, com que se ha de fazer, e como aonde inspira o Divino Espirito naõ ha vagares: considerem hum rayo, hum relampago, quanto tempo gasta em cruzar os ares, vadear ás nuvens, medir este, e aquelle hemisferio, e em chegar deste áquelle orizonte; hum momento, hum instante, hum abrir de olhos: naõ he assim na agoa, cujo correr he vagar; naõ na terra, que se naõ costuma mover; naõ no ar, que está parado sem se bullir, e ainda que corra o vento, o vento naõ he o ar: a terra pende para baixo, a agoa sem violencia naõ corre para cima: o ar tanto se inclina a occupar os vaõs dos abysmos, como os seus mais altos centros; mas o fogo, ainda que esteja debaixo da terra, sempre se inclina para o Ceo; rebenta nas minas, rompe muralhas, e vôa penhascos, fazendo de suas chammas azas para voar sobre os ventos com pennas de levaredas: assim tambem se a conversaõ do peccador he verdadeira, e effeito do fogo Divino, nas pressas se vè, e nos vagares se desconhece: se he verdadeira, em hum abrir de olhos se faz, rebenta nas minas do coraçaõ em ardentes suspiros, rompe as muralhas das culpas, com que o demonio se tinha feito forte em huma alma, deita a voar os penhascos dos estorvos, e impedimentos, nada lhe pára diante a huma alma cheya deste celestial incendio; e fazendo ligeiras azas de suas pezadas pennas, voa em hum instante da culpa para a graça, do caduco para o eterno, do inferno para o Ceo, e do demonio para Deos: e isto quer Deos, e para isto nos ajuda, despertando-nos com suas vozes, allumiando-nos cõ sua luz, inflamando-nos com seu amor, incitando-nos com o exemplo dos bons, e advertindo-nos com o castigo dos máos.

Mas

Mas naõ baſta acordar o peccador depreſſa do ſõno da culpa, tomando acordo de naõ offender mais a Deos; he neceſſario tambem, como diziamos, levantar-ſe logo, em acordando, da cama do peccado; iſto he, largar de todo a occaſiaõ de offender a Deos; ſe eſtava em odio com o proximo, ha de deitar de todo fóra o odio, e fazer-ſe com elle amigo, podendo ſer; ſe tinha tratõ com a ruim mulher, ha de largar eſſe trato; ſe devia o alheyo, ou levantou o falſo teſtimunho, ha de reſtituir como póde, ſem dilaçaõ a fazenda, ou a fama; porque de outra maneira nada importa acordar o peccador, ſe logo ſe naõ levanta da cama, deixando de todo a occaſiaõ da culpa; mas antes he final de condenado, e maldito.

Iſai. 18. 1. & ibi A Lap. Væ terræ, quæ eſt cymbalũ alarũ. Ay da terra, (diz Iſaias) que he como ſino de azas: e he como dizer: maldita, e condenada eternamente ſeja a terra, que he como ſino. Pela terra ſe entendem os peccadores; e pelo ſino com azas, que ha de entender ſe, ſenaõ o ſino quando tange, pois entaõ parece que voa? Pois, que myſterio tem ſer o peccador como o ſino, que tange, para ſer condenado, ſe os ſinos eſtaõ nos lugares ſantos das Igrejas, e ſaõ inſtrumentos de deſpertar, e chamar a gente ao ſerviço, e louvor de Deos? Muito myſterio tem nas ſimilhanças: bem he verdade, que o ſino eſtá nos lugares mais altos da Igreja, e que quando tange chama o povo ao ſerviço, e louvores de Deos; porém em quanto a ſi meſmo nada aproveita, tudo ſaõ brados, tudo eſtrondos, tudo voltas, quando puxaõ por elle; mas nem com todo eſſe puxar, nem com toda eſſa força faz mudança de lugar; dá huma volta daqui, dá outra dalli quando ſe vê violentado, mas no fim ſocega-ſe, e fica-ſe como d'antes eſtava. Diz pois o Senhor por Iſaias: O peccador, que como ſino tangido, quando por elle puxa a força da minha graça, da minha inſpiraçaõ, da minha palavra, e dos meus preceitos, para que acorde do ſomno da culpa, e ſe levante da cama do peccado, naõ faz mais que acordar, dar gemidos, dar ays, e dar voltas ſem ſe tirar da occaſiaõ do peccado, e nella finalmente ſe deixa ficar; ay de tal peccador, que he maldito da minha maldiçaõ, e condenado eternamente, para que aſſim vejaõ os peccadores, que nada lhes aproveita acordar do ſomno da culpa, ſe dando huma, e outra volta ſe ficaõ na cama da occaſiaõ do peccado, e offenſa de Deos.

Que te aproveita, peccador miſeravel, quando Deos te deſperta com ſuas divinas inſpiraçoens,

çoens, com a prégaçaõ da sua santa palavra, com a obrigaçaõ de confessar-te pela Quaresma, e no aperto da enfermidade, gemer, gritar, e dar ays, fazer propositos de nunca mais offender a Deos; que isto he acordar da culpa, e ver que estás em peccado; que te aproveita dar huma, e muitas voltas na cama do vicio com resoluçoẽs, e traças de o deixar, se no fim, passada a enfermidade, o tempo da Quaresma, a occasiaõ do Sermaõ, e a maré da inspiraçaõ, te deixas, como sino duro, ficar no mesmo lugar, taõ duro, e empedernido como d'antes, sem te levantar da cama da culpa, nem da occasiaõ do peccado? Isto he ser maldito da maldiçaõ de Deos, reprobo, prescito, e condenado eternamente. O' mortaes, naõ o permitta assim a Divina Magestade; seja o vosso acordar da culpa o mesmo que levantar logo da cama do peccado; seja largar de todo a occasiaõ da offensa de Deos; que para isso nos desperta a todos a misericordia de Deos, dizendo que a hora de levantar-nos he ja chegada: *Hora est jam nos de somno surgere.*

LAUS DEO.

SE-

SEGUNDA PARTE

DAS OBRAS ESPIRITUAES DO ESPIRITUAL, e Veneravel Padre

Fr. ANTONIO DAS CHAGAS.

VOZ PRIMEIRA

DESTAS VOZES DE DEOS.

FIlho, vè quam longe andas de mim, e da ſalvaçaõ, depois que de mim te apartaſte, para engolfar-te pelo mundo, onde mais enfermo da culpa, que dos males que ſente a vida, e que eu te dou para que me chames, vaz perecendo para ſempre.

FAISCA I.

In ſe autem reverſus dixit: Quanti mercenarii, &c. Luc. 15. 17.

SUSPIRO DO PECCADOR.

ONDE eſtaõ os meus ſentidos? aonde, aonde o entendimento? quando na flor da minha vida devia provar, como Aguia, que era filho do Sol da Fé; como cego, abuſo da razaõ, moſtrei que era ave nocturna, mettendo-me em hum mar de ſombras; logo que tive liberdade, ſahi dos bra-

braços de meu Pay, do meu Deos, e do meu Creador, e me apartei para taõ longe da ſua graça, e ſeu amor, perdendo a Patria celeſtial, por ſeguir as vias do mundo, e os caminhos da perdiçaõ, da vaidade, e da ignorancia. Onde pois eſtaõ os meus olhos? que creditos, ou que ganancias temos tirado deſta vida? Pelo curſo da minha vida, pelo eſtadio de todo o mũdo, correo perdido, e enganado o meu eſpirito atégora: aqui diſſipei cegamente naõ ſó os theſouros da graça, mas ainda os bens da natureza: precipiteime preſumido nos deſpenhadeiros do ſeculo: atolei-me deſalumbrado nos ataſcadeiros do vicio; e ahi profanamente livre, em todo o laço da maldade prendi-me torpemente, cego em todo o viſco do peccado, donde tornada hydropiſia eſta ſede do meſmo damno, me foy atormentando a vida na morada eſcura da morte, e me foy affligindo a alma na mais triſte regiaõ da culpa. Taes ſaõ as ſombras carregadas da cõſciencia anoitecida, q̃ ſendo ao eſpirito ſepulchro, cheyo de medos, e de eſpantos, da meſma alma he ja cadaver, cheyo de bichos peçonhentos. Aqui pereço de miſeria, em fome eterna do meu bem; aqui ſe me arranca o eſpirito, em ancia muda do meu mal; eſpedaçadas as entranhas com os golpes do meu delicto, ſuſpiraõ ſem achar remedio, magoaõ ſe ſem ſentir allivio, e ſe vertem ſem deſaffogo: como agoa feita lagoa, apodreço dentro em meus vicios: como couſa fóra do centro, em nada poſſo achar deſcanço; e ſervindo ao meſmo demonio na guarda infame dos peccados, [que he o gado, que paſtoreyo] me entrego todo á perdiçaõ, eſcravo ja de meus inſultos; ſem que neſte miſero eſtado, a quem eu proprio me reduzo, nem ainda do manjar da culpa me poſſa fartar o demonio, nem ainda de ſeu meſmo mal ſe encha a ſeugoſto a natureza: iſto me ſuccede no mundo, a quem amei quanto elle quiz, e a quem ſervi tudo o que pude; eſta he a paga; eſtas as honras, que tira de ſeus vaõs enganos noſſa cegueira fementida, noſſa affeiçaõ deſalumbrada, noſſa vaidade ſempre cega, quando na caſa do meu Pay, do meu Deos, e do meu Creador inda os ſervos mais inuteis, mais ſem proveito, e mais ſem fructo ſe ſuſtentaõ com paõ de Anjos, ſe adornaõ com veſtes nupciaes, e vivem com eternos goſtos! Pois ſe iſto tem quem ſerve a Deos, e quem pela via da emenda torna a ſeu Pay, e a ſeu Senhor, que fazemos entendimento? em que vos occupais meus ſentidos? ſe podendo ſer deſengano a miſeria do voſſo goſto,

goſto, nas meſmas nevoas do delicto idolatrais a viver cegos, nos proprios fumos da vangloria quereis morrer deſvanecidos: mui errado he o caminho, em que vos pôs o voſſo engano; mais ſegura he a vereda, que vos enſina o eſcarmento. Para dormir eternamente em leyto aſpero de eſpinhos, de que vos ſerve irdes por flores? para deſcançar para ſempre em cama de roſas, e flores, que máo vos he pizar eſpinhos? ſe cahiſtes goſtoſamente na ſem-razaõ de ſer ingratos, ſe tantas horas, dias, e annos arraſtaſtes aquelle jugo, que da cegueira he ſó bem quiſto, cahi huma hora na razaõ, para levantar-vos na emẽda; humilhai-vos na paciencia, para vos erguerdes na graça; e torne eu em mim hum pouco, ja que taõ fóra de mim meſmo me puzeraõ meus precipicios. Mette-me ja muito por dentro, ver quam longe eſtou de meu Deos, e quam fóra ando de mim; que cuide que baſto eu ſó para me erguer, ſe ſou pedra por mim lançada no profundo de hum mar de vicios? ſe ſou tronco ſem movimento, nas chammas negras do peccado? ſe ſou ave morta ſem azas, no confuſo Reyno das trevas? Oh meu Pay, meu Deos, e meu Senhor, meu Creador, meu Redemptor, peza-me dentro na minha alma, peza-me em todo coraçaõ, de quanto vos hei offendido, peza-me por ſerdes quem ſois, ſummamente amavel, meu Deos, por voſſa bondade infinita, e por minha culpa infinita, que he mayor que toda a maldade: prometto com voſſos auxilios, e voſſa ajuda, meu Senhor, emendar toda a minha vida, e ſervir-vos eternamente, com huma dor muito entranhavel, e de todo o tempo que perdi aggravando-vos, meu Creador, e apartado de voſſa graça. Direi a todas as creaturas, qual fui atégora nos meus erros, e qual vós foſtes, meu Senhor, em me eſperardes atégora; agora em dar-me a voſſa luz, e ſempre amando-me, e ſoffrendo-me. Feri vós eſte coraçaõ, que ainda de marmore ſe ſente; naõ me engeiteis, meu Redemptor, pois obra fuy de voſſas maõs, e ſede o Meſtre, que me enſine, pois naõ tenho outro, meu Deos, nem tive nunca alguem por mim, mais que a voſſa miſericordia: Miſericordia, Senhor, muitas vezes miſericordia.

VOZ DE DEOS.

FIlho, o corpo para levantarſe, baſta que mude de lugar, o coraçaõ para ſe erguer, de vontade baſta que mude; ſe ſem mudares de lugar, baſtou que mudaſſes de animo, para que andaſſes taõ perdido nos remotos

remotos climas da culpa; tambem para mudares de vida baſtará ſempre que dés hum paſſo, para que a alma naõ ſe perca: torna para mim, filho meu, que naõ he mais longe a jornada, que hum virar para mim os olhos, a vontade, e o coraçaõ; nem ha para mim mais diſtancia, que hum ſó paſſo da penitencia.

FAISCA II.

Surgam, & ibo ad Patrem meum.

Suſpiro do peccador.

MEu Pay, meu Deos, e meu Senhos: Eu ſou aquelle filho Prodigo, aquelle homem ſem diſcurſo, aquelle em fim ingrato filho, que vos deixou como perdido, e vos fugio como perverſo; ſegui os caminhos do mundo precipitados, e confuſos, e em mil cegas profanidades gaſtei os annos, e o eſpirito que me deſtes para ſervir-vos, a vontade, e o entendimento que me deſtes para louvar-vos: entregue ao luxo, e ás laſcivias: aos eſtragos, e ás perdiçoens: ás demaſias, e arrogancias, e aos mais banquetes do demonio; nelles bebi todo o veneno, com que o peccado me fez brindes; nelles gaſtei toda a ſubſtancia que me deſtes para a razaõ; e nelles conſumi ſem fructo as abundancias do juizo, que podendo de voſſas glorias ſer hum triunfo harmonioſo, de voſſa offenſa tantas vezes quiz ſer eſcandalo bem-quiſto: porèm, meu Deos, que mais caſtigo, que apartar-me de voſſa graça! que mayor vingança, meu Senhor, que faltar-me a voſſa preſença! as meſmas culpas ainda hoje ſaõ cruelmente o meu cutélo, a minha dor, e o meu verdugo; ellas, meu Deos, para vingar-vos vos eſcuſaõ ja outra pena, pois nenhuma olho ja agora, que naõ tome armas contra mim, que naõ eſpedace a alma, e me naõ corte o coraçaõ. Chegay pois, meu Deos, e Senhor, e levante-me a voſſa maõ deſte abyſmo, em que me vejo, tire-me a voſſa piedade deſte lago, aonde me ſumo, e reſplandeça a voſſa luz neſte pègo eſcuro de ſombras, aonde me affoga hum mar de trevas. Aſſim conheço o meu eſtrago, quando em pedir-vos q̃ me ergais moſtro que em mim tudo he ruina. Contra vós, meu Deos, pequey mais que todos os homens; offendi-vos, meu Creador, mais que todas as creaturas; e ao Ceo, á terra, e creaturas tambem offendi, offendendo-vos, porque vos acho a vós em todas, e em todas tendes contra mim a queixa, e mais as teſtimunhas. Naõ ſou eu digno, meu Senhor, de vos nomear

por

por meu Pay, nem de chamar-me voſſo filho, pois ſe nega de voſſo filho quem vendo-ſe filho de Deos pelos privilegios da graça, ſe fez eſcravo do demonio pela infame torpeza da culpa. Peza-me muito de coraçaõ, naõ pela pena do delicto, mas pela maldade da offenſa: naõ pelo medo do caſtigo, mas por aggravar voſſo amor, e offender voſſa bondade; nenhũa dor terá o inferno, que iguale eſta, que padeço, pois padecera o meſmo inferno, por naõ haver-vos offendido; porque menor he o tormento, que ſe imagina merecido, que a dor, que cuſta o meſmo mal de quem o fez abominado. Naõ me tira iſto com tudo a eſperança, que em vós tenho, de que me haveis de perdoar, pois ſe os meus erros foraõ cauſa de que eu perdeſſe o ſer de filho, vós naõ tendes, meu Creador, donde perder o ſer de Pay. Se eu cõmetti aquella culpa, aonde o condenar-me he juſtiça, vós naõ perdeſtes a piedade, aonde o perdoar-me he coſtume. Deſſas voſſas meſmas entranhas, que todas ſaõ miſericordia, nenhum outro ha mais que vós, que interceda hoje por mim; rico ſois de miſericordia, eſte he o mayor theſouro, pois nelle eſtaõ os coraçoens de todos quantos ſe arrependem. Se perdi a voſſa graça, porque me corrompeo a culpa, da meſma corrupçaõ da culpa ſe me póde gerar o perdaõ. Se morri, meu Deos, nas offenſas, renaſça nas miſericordias, pois quem rebelde tantos annos lhes fez mais guerra, meu Senhor, mayor triunfo lhes dará quando vencido ſe reduza. Por longe que de vós eſteja, em huma atriçaõ, que naõ baſta, ſe eu achar graça em voſſos olhos, quem eſtará de vós mais perto? e ſe me chego tanto a vós, que me peza de meus peccados, por quem vós ſois, e quem eu ſou; que me falta, Pay, e Deos meu, para me ver em voſſos braços? Aqui me tendes, meu Senhor, deſpido, e nú deſſas virtudes, de que vós podeis veſtir-me; çujo de todas as torpezas, de que vós podeis alimpar-me; faminto daquelle manjar, de que ſó vós, meu Creador, podereis bem ſatisfazer-me. Para onde poſſo eu fugir, ſe de vós me naõ amparar? ſe vós me deitares de vós, quem me quererá acolher? e ſe me naõ puzeres os olhos, quem porá os olhos em mim? ainda q̃ máo, ainda q̃ vil, poſto que çujo, torpe, e cego, voſſa creatura ſou, meu Deos, voſſo eſcravo ſou, meu Senhor; voſſa ovelha, meu Jeſu, e filho voſſo, meu Pay: movaõ-ſe pois voſſas entranhas a uſar de miſericordia, que em vós naõ he eſte attributo menor que o da voſſa juſtiça. Cubraõ-me ja voſſas piedades eſtas taõ feas

feas desnudezas: lavem-me ja vossas virtudes as manchas negras de meus vicios: mattem-me em fim vossos regálos a fome triste de meu bem: encha-se de vossos louvores a minha boca, noite, e dia: naõ cesse hũ ponto de agradar-vos nem pare hum atomo em servir-vos, pois sem me haveres vós mister, naõ parastes desde ab æterno, nem hum instante em me obrigar; em quanto naõ era, antevendo-me, escolhendo-me para que fosse, e antes que eu fosse, remindo-me; em quanto pequei, perdoando-me; admittindo-me em vos buscando, e para perseverar sustendo-me. Naõ houve hora, meu Senhor tempo, lugar, ou creatura, que por vós me naõ obrigasse, acodisse, e obedecesse; por vós o Ceo me quiz cobrir, por vós o Sol allumiar-me, por vós a terra me deo fructos, o mar passagem, o ar alento, o fogo abrigo, e casa o mundo: em fim, por vós, meu Creador, os mesmos homens me serviraõ, os mesmos Anjos me ajudaraõ, e as mais creaturas me soffreraõ. Se pois, meu Deos, quando perverso, com tudo isto me servistes: se agora quando arrependido me estais mostrando quanto obrastes por meu remedio, e salvaçaõ: se me prometteis esses Ceos: se a vós mesmo vos prometteis: que dor, que magoa, que pezar naõ terá o meu coraçaõ? daquelles annos que roubey ao grande amor que vos devia, para os dar ao mesmo demonio, que de vós, meu Bem, me apartava? Que louvor, que Hymnos, que cantares naõ inventara o meu amor, para mostrar eternamente ao mundo os vossos beneficios? Certo, meu Deos, e meu Senhor, que se pudera nesta voz derramar o meu coraçaõ, pequeno amor me parecera, encher com ella todo o mundo: se pudera com esta dor desfazer as minhas entranhas, pouca demonstraçaõ seria, mostrá la a todos os nascidos. Porèm, meu Pay, e meu Senhor, se os dons da graça saõ mayores que os excessos da natureza: se saõ melhores estes dias aonde o espirito renasce, que aquelles annos sempre inuteis, que para o seculo se vive; naõ olheis o que deste seculo leva huma vida taõ perversa; ponde os olhos naquelles dotes, que me dá hoje a vossa graça, para que em perpetua uniaõ de huma obediencia resignada, naõ torne atraz huma vontade de seu delicto arrependida.

VOZ DE DEOS.

FIlho, se queres crescer em graça, confessa a todos tua culpa, porque se te viraõ agravar-me, vejaõ tambem arrepender-te; e se a todos escandalizaste

lizaſte em quanto foſte peccador, a todos ſatisfaças hoje accuſando-te compungido.

FAISCA III.

Ego autem in terra captivitatis meæ confitebor illi: quoniam oſtendit maieſtatem ſuam in gentem peccatricem. Tob. 13. 6.

Suſpiros do Peccador.

CEos, Eſtrellas, Anjos, homens, mares, nuvens, aves, peixes, prayas, ondas, flores, hervas, fontes, rios, féras, brutos, pedras, troncos, montes, valles, que tantas vezes de meus erros foſtes theatro, e teſtimunhas: de minhas culpas tantas vezes publica queixa, ou mudo eſcandalo: tantas vezes de meus delirios admiraçaõ mais do q̃ eſtorvo: em fim da minha ſolta vida accuſaçaõ mais do q̃ freyo; ouvi agora hũ peccador, que vos confeſſa ſuas culpas, ſem dizer, por mais que vos diga, o menos, que ha nos ſeus peccados; ſabei-vos, mundo, e peccadores, ſabei, moradores do Ceo, ſabei, peregrinos da terra, hoſpedes do vento, e do mar, e em fim todas as creaturas, que ſou o mayor peccador, o mais perdido, o mais ingrato, o mais iniquo, o mais perverſo, que ſahio de entranhas humanas, que criaraõ peitos de tigres, que viveo barbaro entre féras. Eu ſou aquelle monſtro horrendo, aonde pôs a natureza as entranhas de muitas viboras, os olhos de mil baſiliſcos, hũa alma mais que de ſerpente, e hum coraçaõ mais que de marmore. Eu ſou aquelle ingrato homem, cujas palavras ſaõ venenos, cujas acçoens ſaõ precipicios, cujas idéas ſaõ horrores, cujos exemplos ſaõ eſtragos: ſou aquelle vivente indigno, que amortecido á voz de Deos, e ſurdo ſempre a ſeus clamores, nem me movi quando me quiz, nem lhe paguei quando me amou, nem o ſegui quando me guiou, nem lhe abri quando me bateo. Rebelde ſempre a ſeus preceitos lhe fiz offenſa á obrigaçaõ, oppoſto ſempre a ſeus decretos, fiz da ſujeiçaõ liberdade, expoſto ſempre á ſua injuria, fiz dos eſcandalos vaidade, e entregue ſempre á minha culpa, tive por gloria os meus delictos. As quimeras, que da razaõ ſaõ diſcurſos impoſſiveis, em mim ſe vè por experiencia, que ſaõ evidencias palpaveis, pois juntando em hum ſó ſujeito os affectos, que tem hum bruto, as obras, que faz huma féra, as liviandades, que ha em hũa ave, e as perverſidades, que ha em hum homem, fiz de taõ varias naturezas hũa bem quiſta confuſaõ, hum impoſſivel deſmentido,

do, huma mentira verdadeira, e huma verdade fabulosa. Assim o confesso a vós todas: assim o digo a todo o mundo, pois naõ tem numero as maldades, que eu naõ contasse em meus insultos; naõ ha nos vicios differença, que naõ contrahisse o meu vicio; naõ ha nas culpas circunstancia, em que eu naõ visse a minha culpa. A ser o mundo todo hum livro, e folhas as folhas das arvores, a serem pennas quantas pennas occupaõ a regiaõ dos ventos, a serem letras quantas hervas cobrem o papel dos campos, a serem tinta as agoas todas, que encerraõ os rios, e mares; naõ bastaraõ para que em cifra se escrevesse hũa só memoria de meus peccados e delictos; pois fora cada qual'delles o mundo todo leve copia, pouco papel todas as folhas, todas as pennas curta penna, todas as hervas cifra breve, e os mares todos pouca tinta; e só puderaõ escrever-se, se eu fizera, multiplicando-os, de cada onda hum pégo de agoas, de cada area hum mar de mundos, de cada hervinha hũ mundo de hervas, de cada folha hum mar de bosques, de cada penna hum bosque de aves. Ceo, terra, mundo, e creaturas, todas me sede testimunhas de que eu assim vo lo confesso. Todas dizei ao meu Senhor que assim o digo a todo o mundo. Oh meu Senhor, oh meu bem todo, a quem no mundo sobre tudo elejo, adoro, creyo, e amo; naõ ficará terra, nem Ceo, retiro, ermo, ou solidaõ, bosque, aspereza, ou penedia, gruta, ribeiro, nem regato, a quem naõ diga minha culpa, a quem naõ peça mil perdoens, e em quem naõ chore hum mar de lagrimas. Todos, meu Deos, hei de correr por me accusar, e obedecer-vos; por vos buscar, e contentar-vos; por me chorar, e persuadir-vos: quantos me viraõ peccador, naõ me estranhem ja penitente; pois bem que a mesma penitencia se desacredite cõmigo, eu, meu Deos, naõ lhe quero os creditos; só os proveitos lhe procuro. Justamente, meu Deos, em mim parecerá máo o que he bom, pois he tal a minha maldade, que ainda as thriagas faz venenos. Culpem-me todos de que aos bons ouso imitar a perfeiçaõ, se parece q̃ mostro ao mundo que em mim ha hoje cousa bõa. Bõas, meu Deos, saõ vossas obras, e vossas saõ as obras bõas, q̃ o mundo póde ver em mim. Naõ me posso eu gloriar do que vós dais quando quereis, pois o podeis tambem tirar todas as vezes que quizerdes. Faça-se em mim a vossa vontade, cumpraõ-se em mim vossos mandatos, que eu, mediante a vossa graça, quererei quanto vós quizerdes; e quero quanto vós quereis.

VOZ

VOZ DE DEOS.

FIlho, quem dorme, cahe no descuido, quando naõ cahe em outra culpa; quem se desvela por louvar-me, por me querer, e por servir-me, ao menos se levanta em graça, e se livra da tentaçaõ.

FAISCA IV.

Exurge psalterium, & cithara: exurgam diluculo. Psalm. 107. 2.

Suspiro do Peccador.

MEu Pay, meu Deos, e meu Senhor, em que mostrarei que vos amo, se vos naõ quizer só a vós? e em que vereis o que vos quero, se vos naõ quizer mais que a mim! Quero-me a mim, se nestas horas acordando me adormecer; quero-vos a vós, meu Senhor, se adormecendo-me comvosco, me naõ acordar mais de mim. Bem sei, meu Pay, e meu Creador, que vos naõ mereço eu amar, pois naõ he digno deste bem quem teve gosto de offender-vos. Naõ nasce de mim, meu Senhor, huma taõ nova differença, nasce de vós, que em vós achais a razaõ, que me falta a mim, para que me naõ falte a razaõ, que tenho sempre para amar-vos. Isto que sinto dentro em mim por influxo de vossa graça, he quem me accende a vos querer, he quem me obriga a eu deixar isto, que em mim acho de vós, he quem me obriga a que suspire pelo q̃ em vós agora busco, he ò que me inflamma a q̃ hoje busque o que em vós só ha, meu Deos. Naõ durmamos pois, meu Senhor, acabe o sõno do descuido, cesse o desmayo da vontade, baste a pirguiça dos sentidos, e acordai-vos, meu suspirado, vinde, meu Deos, e meu Senhor, a ser hum hora o meu cuidado, a ser hum dia o meu desvélo; amanheçaõ-me os vossos olhos, pois chorãdo as alvas dos meus, me daõ ja novas dessa luz, pois na arvorada do meus ays ouço ja ao meu coraçaõ os annuncios dos vossos rayos; rompa essa luz da vossa graça as trevas desta minha culpa; nasce, meu Sol, sahi, meu Deos, pois para serdes Sol da justiça déstes ao mundo a luz da graça; riaõ-se ja com vossa vista os campos tristes da minha alma, esteril sempre, e sempre secca, se a vossa luz a naõ alegra, se o vosso orvalho a naõ fecunda; naõ se prohibaõ sempre os Ceos, naõ se fechem sempre essas nuvens, porque saõ sempre do delicto os ainda naõs da minha emenda. Ja he tempo, meu Redemptor, de se vos naõ passar o tempo, que eu perco, ha tanto, sem vos ver, porque vos

naõ

naõ atino a ſervir. Veja vos no ſeu coraçaõ, quem das cordas do coraçaõ faz laços para vos prender, e por tè-lo em vós, meu Theſouro, tambem dellas vos quer fazer cadèas para vos prender. Sejaõ, meu Senhor, eſtas cordas as que ſirvaõ neſte inſtrumento, com q̃ canto voſſos louvores; ſeja cithara a minha lingua, ſeja pſalterio o coraçaõ, onde as dez cordas ſuaviſſimas de voſſa Ley, e Mandamentos andem ao ſom do voſſo goſto, e ſoem bem ao voſſo ouvido: pulſe as aquelle movimento, que infunde na alma o voſſo eſpirito, ſem que o pulſá-las as affroxe, ſem que a froxidaõ as deſtempere, e a intemperança as deſafine; apertem-ſe, Deos da minha alma, muito no meu coraçaõ; uniſonem todas, meu Deos, naquella ſuave uniáõ, que he conſonancia da memoria, muſica do entendimento, e da vontade melodia: por mais que o eſpirito as aperte, nenhuma quebre, meu Senhor; fallem todas, meu Creador, e a todos pareça que dizem que o toque, meu Senhor, he voſſo; tocando-as pois da voſſa maõ, a ellas vos cante a minha alma as voſſas graças, e louvores, e ande a minha vontade ſempre ao voſſo goſto. Adormeçaõ-ſe ſempre os meus ſentidos com a harmonia ſoberana, que elles me fazem dentro n'alma; cante eu a voſſa formoſura, por quem o Ceo he formoſo, por quem as Eſtrellas luzem, e por quem o Sol reſplandece; aquella grande formoſura, de quem he ſómente huma ſombra tudo quanto no dia luſtra, tudo o que nas flores agrada, tudo o que nas bellezas ſe admira. Cante eu voſſa Omnipotencia, que a tantos generos de couſas deo eſpecies, e differenças, que a tanta maquina de fórmas deo a variedade, e formoſura, que a tantos modos de creaturas deo diſtinçoens, e ſimilhanças; a quem proſtrado em obediencias, o meſmo nada ſe fez tudo, e a cujo imperio o meſmo tudo póde tornar-ſe ao meſmo nada. Louve eu a voſſa Mageſtade, de quem o mundo he breve Imperio, de quem he Paço o meſmo Empyreo; pois os mayores Ceos a louvaõ, as eſféras a vaõ moſtrando, as nuvens a vaõ deſcobrindo, os montes a eſtaõ confeſſando, e os mares o eſtaõ dizendo. Louve eu a voſſa Eternidade, para o principio ſem começo, para todo fim ſem principio, cujos antes naõ tem depois, cujos agoras foraõ ſẽpre, cujos depois ſaõ como agora. Admire a voſſa Providencia, que com os campos nos ſuſtenta, com os elemẽtos nos ſerve, com as Eſtrellas nos ajuda, e com as aves nos aviſa. Celebre a voſſa Sapiencia,

que

que encheo as pedras de segredos; as flores, e hervas de virtudes; os homens, e as feras de espantos; os Ceos, e o mar de maravilhas. Solemnize eu esta harmonia, com que a seu centro as agoas correm, com que no ar as aves cantaõ, com que no mar os peixes nadaõ, com que na terra os brutos duraõ, com que no mundo os homens vivem. Festeje, e louve aquella ordem, com que tem guerra os elementos, com que nos tempos ha mudança, com que o Universo se renova, e com que tudo se conserva. Cante, e louve estes attributos, e essas perfeiçoens admiraveis, aonde se eleva, e se suspende, quem menos ama, e menos cuida; e cante, meu Deos, finalmente a vossa bondade inexplicavel, que para os Santos sempre he graça, para com os bons he favor, para os máos he perdaõ, com os perversos soffrimento, com os peyores ameaço, amor com os arrependidos, espera com os descuidados, e com todos misericordia; e entregando-me finalmente a vosso amor, e admiraçaõ, em vós se pasme o meu discurso, em mim se deixe o meu desejo, e em vós se fique o meu espirito.

VOZ DE DEOS.

FIlho, logo que acordares louva-me, e logo que te ergueres louva-me, pois áquillo só te levantarás a que te ergueres na minha graça. Nada pódes ter, por mais que sejas no mundo, que aquillo que fores diante de mim, por isso começa sempre cõmigo todas as tuas accoens, para que cõmigo as acabes; e naõ cuides que perdes nisto o tempo para outras cousas, porque todas terás, se a todas me antepuzeres.

FAISCA V.

Prævenerunt oculi mei ad te diliculo: ut meditarer eloquia tua. Psalm. 118. 148.

Suspiro do peccador.

MEu Rey, meu Deos, e meu Senhor, todos madrugaõ por louvar-vos, todos se espertaõ por servir-vos, e se desvelaõ por querer-vos: o Sol descobrindo na terra vossas obras, e maravilhas, a terra, o Ceo, o mar, e o vento mostrando a vossa formosura nos paizes de todo o mundo; pois rompe a penas a manhaã, apenas nasce a luz do dia, quando com festas admiraveis, com demonstra-

çoens apraziveis ſe veſte o Ceo de reſplandores, as nuvens de ouro, o ar de plumas, de azul o mar, e de verde a terra, para melhor apparecer-vos; acordaõ as aves cantando, e ſe movem baylando as folhas, fazendo lhes o ſom brandamente a viraçaõ por entre os ramos; correm os rios para o mar ſó para ver voſſa grandeza; vaõ ſaltando, como de prazer, os ribeiros pelo campo a contar as voſſas maravilhas; as plantas, arvores, e troncos em vós parece que ſe elevaõ, pois ſe vaõ todas pelos ares a contemplar voſſa belleza. Todos, meu Deos, com a voſſa luz ſahem daquelle ſeu ſilencio, e deſta triſte confuſaõ, com que no eſcuro cáhos das trevas ſe eſcondeo a ſombra da noite, ſem que das voſſas creaturas mais rudes, toſcas, e groſſeiras algũa fique ſem louvar-vos, ſem que a flor mais encolhidinha ſe naõ enfeite para ver-vos, e ſem que a hervinha mais humilde naõ ſe eſpirguice por ſervir-vos: todas parece que madrugaõ, por confeſſar quanto vos devem, pois aos olhos de todo o mundo dizem com mudas elegancias, que ellas a ſi naõ ſe fizeraõ, mas que vós, meu Deos, as creaſtes, e que de vós recebem tudo; moſtra o Sol que vós ſois quem lhe dá os rayos; o Ceo, que o adornais de luzes, e o ar, que o povoais de aves; as aves, que as veſtis de plumas, o mar, que o encheis de peixes, e a terra, que abrotais de flores, as ondas, que as fazeis de neve, as fontes, que as fazeis de prata, os cãpos, que os cobris de pompas, e o mundo todo de creaturas para ſe moſtrarem agradecidos, e louvar-vos todos alegres; deixa o Sol o leito das ondas, as aves o berço do ninho, as fontes o regaço da ſerra, as feras a cama do campo, os rios as prizoens de neve, e as flores o manto das folhas. Por merecer ſer voſſo throno triunfa das ſombras o Sol, vencendo os rayos eſſas trevas, que encobriaõ as voſſas obras: porque andeis nas pennas dos ventos, e ſopre nelles voſſo eſpirito, faz o Ceo carroça das nuvens: porque em ſuaves melodias vos celebrem córos de muſica, faz o ar capella das aves: porque ſe vejaõ neſſe Ceo hũs longes deſſa formoſura, faz o mar eſpelho das ondas: por vos fazer altar do prado, de quem fez templo a Primavera, vos daõ as flores o ornamento; por ſer a terra anfitheatro de voſſo applauſo, e maravilhas, vos faz das feras eſpectaculo; tudo em fim, meu Deos, vos feſteja, tudo vos louva, e vos adora, pois com feſtiva oſtentaçaõ confeſſa o muito que vos deve, deſcobre o muito que vos ama, e moſtra o muito que vos ſerve. Eu ſó, meu Deos, e

meu

meu Senhor, quando mais vos amo, e vos sirvo, se faço alguma cousa bõa, he cõfessar minhas maldades, he descobrir os meus delictos, desenterrando pezaroso do sepulchro do meu coraçaõ tantos cadaveres de culpa, que ao bom exemplo saõ escandalo, e ainda a mim mesmo saõ assombro. Se pois, meu Deos, e meu Senhor, aquillo faz quem naõ tem alma, ou quem tem alma menos nobre, que farei eu, que em huma vida vos devo immensos beneficios! que farei, que em cada culpa vos devo mil misericordias? por todas essas creaturas, quizestes que em vós contemplasse, e subisse a ver o que sois, como he possivel conhecè-lo; e todas essas creaturas fizestes só para servir-me, e com este fim as creastes; ellas todas, meu Deos, vos servem, e vos servem melhor que eu, pois chegaõ a soffrer-me a mim, só por vos obedecer a vós. Eu, meu Senhor, e meu bem todo, sou aquelle servo sem fructo, aquelle peccador ingrato, que de todas ellas me sirvo, fazendo ao mundo tantos males, que vivo de vossos favores, para dobrar-vos as offensas; ellas todas, meu Creador, saõ linguas, que me ensinaõ sempre vossa grande sabedoria; saõ pinturas que me bosquejaõ vossa ineffavel formosura; saõ figuras que me representaõ vossa Suprema Magestade; saõ retratos que me estaõ pintando vossa admiravel Providencia; saõ bocas que estaõ confessando vossa infinita Omnipotencia; saõ vozes que me estaõ dizendo vossas perfeiçoens infinitas; eu só, meu Deos, naõ faço por imitá-las, mas ainda quanto obro, he resistir-vos, e aggravar-vos, pois sendo todas as creaturas huns gritos, que me dais aos olhos, eu nem ainda para escutar vos, da minha vista faço ouvidos: acabem pois, meu Creador, estas taõ surdas repugnancias de huns olhos, que se fazem aspides; cessem as cegas resistencias de huma razaõ, que fazeis lince; dem ja vozes dentro na alma estes silencios mysterioso, e desfaça-se em fogo, e agoa este pedernal sempre duro: ponha ja os olhos em si, quem os tirou tanto de vós, que se tirou de seu sentido; e tire os olhos de si proprio, quem por ver-se fóra de vós, se sahio fóra de si mesmo; faça-se em mim por vosso amor, o que eu naõ posso obrar por mim; seja em mim possivel por graça, o que o naõ he por natureza; e em fim fazei, meu Creador, pois cõmvosco começo o dia, que pareça que estais cõmigo; e pois vós sois quem me acordou, e me chamou para louvar-vos, vós quem com a luz dos auxilios rompeis a noite da minha

alma; vós a quem devo confeſſar o muito que de vós recebo, e em fim vós a quem amo, e quero ſobre o tudo que naõ ſois vós: permitti, que pondome aos pés de todas voſſas creaturas, debaixo dos pés das hervinhas, e debaixo do pó da terra, com todas vos peça perdaõ, com todas vos diga louvores. Oh ſe eu, Creador, e Senhor meu, tivera para vos ſervir mais vidas que as hervas do campo, ſe tivera para adorar-vos mais almas que as flores da terra, ſe tivera para entregar-vos mais coraçoens que o mar areas, ſe tivera para admirar-vos mais olhos que Eſtrellas o Ceo, ſe foraõ annos os momentos, ſe foraõ ſeculos as horas, e os dias eternidades, todas, meu Deos, e meu Senhor, para o que quero fora pouco; todas em fim, Creador meu, para o que devo foraõ nada; louvem-vos por mim, meu Senhor, o Ceo, a terra, e o mundo, e eu por toda a eternidade.

VOZ DE DEOS.

FIlho, ainda que foſte ſombra algum tempo, chega-te á luz da verdade, e ſe como Aguia fixares os olhos no Sol da graça, depreſſa verás que o mundo he trevas, os homens aves nocturnas, a ſua luz mentira, a ſua vida noite, e o ſeu deſejo engano.

FAISCA VI.

Populus, qui ambulat in tenebris, vidit lucem magnam: habitantibus in regione umbræ mortis, lux orta eſt eis. Iſai. 9 2.

Suſpiro do peccador.

MEu Deos, meu Rey, e meu Senhor, Sol de juſtiça, e Sol da graça, lume da vida, e luz do mundo: todo o povo dos meus ſentidos, q̃ gaſtou toda a minha vida na regiaõ das ſombras da morte, vem guiado da voſſa luz, a offerecer-ſe em voſſas aras; eſcapada de hũ mar de trevas, com que a ſepultava no abyſmo hum diluvio cego de noites, ao aſſomar dos voſſos rayos, navega ja em hum mar de luzes, tendo o ſeu Sol no meyo dia, donde eſte eſpirito defunto na triſteza de meus delictos, ja torna em ſi allumiado, ja reſplandece reſurgido, ſahindo deſſe eſcuro carcere, aonde hum oceano de culpas me ſuſpende em hũ mar de ſombras, pois nelle a viſta como cega ſe ſepultava para a luz, nelle a razaõ deſalumbrada vivia morta para o bem, nelle a minha alma anoitecida, idolatrava no ſeu mal; amanheceo-me, meu Senhor, nos Orientes deſta Cruz, e eſſe lugar, que foy Occaſo de voſſa vida, Orien-

Oriente foy de minha alma, Aurora da minha razaõ, e luz do meu entendimento, pois desatando-se os horrores, q̃ foraõ nevoas do discurso, se derreteo logo esta neve, que me congelava o espirito; desfazendo-se aquellas nuvens, que condensou minha frieza, choveraõ graças nesta terra, sem vós esteril, e infecunda; e vestindo-se os campos da alma de amenidades apraziveis, crescerão logo hervas, e plantas, produzindo flores, e fructos. Milagres saõ, meu Creador, ou natureza milagrosa da virtude de vosso influxo, effeitos dos vossos poderes, e condiçaõ dessa bondade, estas suaves differenças, e estes prodigios admiraveis, que para em mim serem maravilha, se tem feito em vós condiçaõ; que para serem gloria em vós, se tem feito em mim experiencia; pois apenas sobre a minha alma derramastes a claridade de vossos rayos amorosos; apenas desse mar de luz me mundaraõ as influencias, quando as hervinhas mais inuteis deste jardim, meu amor, se viraõ com vossas virtudes, quando as mais rusticas piçarras deste meu peito empedernido parecerão pedras preciosas. Notavel condiçaõ de Sol tendes, meu Deos, e meu Senhor, pois com aquelle mesmo influxo, com que dos Ceos chegais á terra, á flor da terra criais flores, e nas entranhas lhes dais minas; com aquelles mesmos imperios com que feris, meu Deos, os mares, das areas lhes fazeis ouro, e nas conchas lhes creais perolas; com aquelles mesmos favores, com que os montes vos participaõ, vos abraçaõ tambem os valles; com aquella propria caricia, com que vos concedeis ás Estrellas, fazeis tambem lustrar as nuvens. Por mais longes em que vos finja a vossa altura, meu Senhor, todos a hum vosso resplandor para a vista da alma saõ pertos; por mais alto que vossos auges vos façaõ respeitar da vista, entaõ mais pequeno, meu Deos, vos communicais aos affectos; por mais encoberto que andeis aos olhos de quem vos procura, entaõ, meu Deos, mais abrazado o vosso ardor vos manifesta. Oh meu Deos, e meu Senhor! se eu vira ja com a vossa attracçaõ, subir da terra este vapor, arder em fogo esta exhalaçaõ, e erguer-se em nuvens este fumo, entre os vossos mesmos ardores o vapor se fizera nuvem, a exhalaçaõ se vira chãma, e o fumo se tornara luz; que depressa, meu Redemptor, a terra de todo este mundo revivera fertilizada, e se lustrara florecida, pois a nuvem se fizera lagrimas, que para os campos foraõ chuva: a chãma lhe dera calor, que para as plantas fora vida; e a luz lhe dera

formosura, que para as flores fora graça? porèm sem esta graça vossa, quem duvida, meu Creador, que a nuvem encubra a vossa luz, que a chamma queime as vossas plantas, que a luz se eclipse em minhas sombras, se sem a vossa claridade toda a mais luz he de Cometa, sem o vosso fogo, meu Deos, toda a outra chamma he de rayo, e sem as vossas influencias, todo o vapor se faz corisco? Desfazei pois, meu Creador, as durezas de hum coraçaõ, que para vós se quer de cera, fertilize-se o meu espirito com a chuva de vossas lagrimas, derretaõ-se os meus caramélos com o calor de vossa luz, influaõ-me vossas virtudes no peito novas qualidades; sejaõ janellas os meus olhos, por onde em cada vista de olhos, e em cada vista das creaturas me entre a luz de vossa vista, para que eu possa ver que em tudo, e em todas vos tenho presente. Alegre-se o meu coraçaõ, desvanecendo-se os horrores de meus enganos sempre cegos; naõ viva no mundo ás escuras huma razaõ, que tanto ás claras vè os vossos beneficios; resplandeça dentro de mim, e luza já com o meu exemplo essa verdade, que encobre a mentira do mundo; e em fim descubraõ-se, meu Deos, com essa vossa claridade aquellas fabricas escuras, e essas quimeras mentirosas do desengano taõ malquistas, e taõ bem aceitas da vaidade, e da cegueira taõ prezadas; chegando-me muito a vós, de sorte me accenda, meu Deos, fitando em vós sómente os olhos; desorte esta alma se allumie, que remontada, como Aguia, em vossos rayos se suspenda, e abrazada em fogo, como Fenix, em seus incendios se renove, purificando-se nas chammas, esmorecendo-se nas luzes, vivificando-se nas cinzas.

VOZ DE DEOS.

FIlho, faze muito por andar na minha presença, por fallar-me sempre que queiras, abaixando-te quanto pódes, e erguendo-te quando eu procuro, e naõ resistas aos favores, que te faço, sendo taõ vil, que naõ es mais que hum pó, e cinza, hontem igual com o nada, hoje filho das hervas, á manhaã sustento de bichos.

FAISCA VII.

Loquar ad Dominum meum cùm sim pulvis, & cinis. Genes. 18. 27.

Suspiro do peccador.

DIante de vós, meu Senhor, se põem agora o pó, e cinza: a fallar com o seu Senhor vem

vem hoje a meſma corrupçaõ; á viſta da voſſa preſença, com quem he nada todo o mundo, ſe atreve a pôr o meſmo nada; porèm como, meu Creador, ouſarei eu, ſendo taõ vil, chegar-me para voſſos olhos? vós eſſe mar de immenſidades, eſſe pégo de formoſuras, eſſe abyſmo de maravilhas; vós eſſa excelſa Mageſtade, a quem o Ceo, e a terra adora, a quem o fogo, e o ar ſe humilha; vós eſſa immenſa Omnipotencia, a cujo aceno o Sol ſe move, a cujo imperio os montes tremem, a cujo impulſo o mar ſe abate, e a cuja viſta finalmente todo eſſe Imperio ſe arrebata, todo eſſe mundo ſe derruba, e o meſmo inferno ſe ajoelha; conſentireis que ouſe fallar-vos huma viliſſima creatura? vós, que nos Ceos achaſtes manchas, no Sol defeitos, na luz ſombras, e eſcuridades nas Eſtrellas, culpas nos meſmos Serafins; vós finalmente eſſa pureza, de cuja viſta ſe naõ tem por dignos os Santos, e Anjos, que vos louvaõ, os Serafins que em vós ſe abraza õ, os Cherubins, que em vós ſe admiraõ; vireis a fallar, meu Senhor, com hum bichinho vil da terra, com hum pouco de lodo, e cinza, hum pó unido, hum torpe argueiro, hum breve ouçaõ, e hum leve átomo, que cheyo de nodoas, e vicios, prezo nas redes do peccado, atado nos laços da culpa, nem vos buſca como he razaõ, nem vos adora como deve, nem ſe vos proſtra como he juſto? como he poſſivel, meu Senhor, que por erguer o pó da terra, ponhais por terra a Mageſtade! por ventura faltar-vos-hiaõ na longa eſféra dos poſſiveis, mil perfeitiſſimas creaturas, em quem pudeſſeis pôr os olhos? no largo Oceano do mundo faltariaõ outros, (meu Deos) que mereceſſem melhor que eu porem-ſe em voſſa preſença? no immenſo eſpaço de vós meſmo faria mingua quem he nada, para louvar-vos, meu Senhor? como logo voſſos influxos, como voſſas miſericordias me trazem diante de vós, para que ſe ponha, meu Deos, eſta ſombra na voſſa luz, eſte argueiro nos voſſos olhos, e eſte lodo na voſſa pureza! porèm, meu Deos, e meu Senhor, como neſte voſſo favor, eſtas ingratas humildades deſconhecem voſſos beneficios, ſe do nada para o ſer de homem, me tirou voſſa Omnipotencia: ſe ſendo pouco mais de nada, me tiraſtes vós da minha culpa á voſſa benignidade? ſe me ergueis com eſte favor a que pize o Ceo, e as Eſtrellas, [que maishe pôr-me a voſſos pés] como ſou eu tal, meu Jeſu, que tapo os olhos ao que devo, quando mais os abro ao que ſou? que reſiſto á voſſa vontade, quando trago a mi-

nha vontade mais acceſa para obedecer-vos? quaſi culpo as voſſas obras, pois me encolho a voſſas grandezas? Oh Deos immenſo, e ſoberano, obrem em mim voſſos influxos, o que naõ podem meus defeitos, iſto que excede aos meus diſcurſos. De maneira, meu Deos, vos buſque, com tal confiança vos falle, com taes incendios vos adore, que fazendo azas das chammas, eſpiritos das levaredas, e linguas das admiraçoens, ſirvaõ os paſmos de diſcurſos, as tranformaçoens de aſſiſtencias, e de affectos as maravilhas. Oh alto, immenſo, omnipotente, ſapientiſſimo, ſantiſſimo, incomprehenſivel, e boniſſimo Senhor, e Deos meu!

VOZ DE DEOS.

FIlho, eu ſou o teu Deos, que te tirei da terra do Egypto, louva-me, pois fuy teu remedio, ſuſpira-me, pois ſou o teu bem, falla-me, pois ſou o teu amor, e pede-me, pois tens em mim tudo.

FAISCA VIII.

Quando veniam, & apparebo ante faciem Dei? Pſalm. 41. 3.

Suſpiro do Peccador.

QUando, quando, meu Redemptor, cahiráõ desfeitas em lagrimas as nevoas, q̃ cegaõ meus olhos? quando ha de ouvir-ſe na minha boca aquella voz, com que vos louvem as minhas entranhas? quando ſahiraõ da minha alma aquelles intimos ſuſpiros, com que voe a unir-ſe comvoſco? e quando deſte coraçaõ haõ de ſahir chammas, com q̃ arda em vós o meu peito? tiraſtes-me, meu Redemptor, da terra do Egypto da culpa, e das eſcravidoens do peccado, e pelo mar Vermelho de voſſo ſangue, abrindo-me a eſtrada nas ondas; nellas deixaſtes ſepultados, como a Faraó, os meus vicios, trazendo a ſalvo os meus ſentidos, q̃ tambem ſaõ o voſſo povo, fizeſtes com que vos cantaſſem glorioſamente o triunfo: pelo deſerto deſte mundo, que para os bons he ſolidaõ, e paſſo para os que vaõ ao inferno, me ſuſtentaſtes, meu Senhor, com o Manná dos Sacramentos, chovendo do Ceo na minha alma o orvalho das miſericordias;

do

do pedernal de hum coraçaõ, que ferio fogo contra vós, fizeſtes que deitaſſe, ferido com a vara da voſſa Cruz, copioſos rios de lagrimas, com que acudindo á ſequidaõ, que eu ſempre achava nos meus olhos, por vós revive eſte eſpirito, amortecido tantas vezes nas fraquezas do ſer humano, e ſem caſtigar-me outras muitas, que eu dei aos idolos do mundo a adoraçaõ, q̃ vos devia, e outras muitas que ſuſpirei pelo peyor manjar do Egypto, me fizeſtes ſubir ao monte da Oraçaõ, que me enſinaſtes, aonde vós me daveis a Ley, que mais me convinha guardar, e onde ſempre me fallaveis entre as chammas do Eſpirito Santo, com quem naõ ſó me reſpondieis, mas juntamente me inflamaveis. Aqui com o fumo da oraçaõ, que ſubio á voſſa preſença, com os terremotos admiraveis de meus internos movimentos, naõ ſó me ouviſtes, meu Jeſu, mas me prometteo voſſo amor ver a terra de Promiſſaõ da celeſtial Jeruſalem, e eterna bemaventurança, ao meſmo paſſo em que os meus olhos viaõ ſubverter-ſe no inferno outros, que por menores culpas vós para ſempre condenaſtes; quando a mim me deſejava a terra, o Ceo, o mar, e o meſmo inferno tragar-me, abrir-ſe, e confundir-me, por tantas offenſas que eu fiz á tamanhas miſericordias; naõ baſtou nada, meu Senhor, para que vós vos affaſtaſſeis de mim, ou de chegar-me para vós: todos aquelles inimigos, que eſpantoſamente terriveis, ou amigos fingidamente, ſolicitavaõ deſtruir-me, ou pelo menos combater-me, ſendo deſpojo deſſas chagas, que ſaõ as armas com que ando, ſendo troféo da voſſa Cruz, que he o Eſtandarte, que tremólo, ſendo brazoens do voſſo nome, que he a razaõ porque entendo, ſendo timbres da minha Fé, que he o eſcudo com que me cubro, foraõ victorias repetidas da batalha de voſſa morte; foraõ inſignias glorioſas deſta guerra da minha vida; foraõ ſimulacros erigidos nos Imperios da voſſa graça; foraõ bandeiras arraſtadas no triunfo da voſſa gloria; naõ parando aqui, meu Senhor, voſſos immenſos beneficios: naquella terra deleitoſa, que ſempre mana leite, e mel, naquelles rios de delicias, naquelles jardins da minha alma, que ſempre tem flores, e fructos: na ſagrada Religiaõ, aonde a pobreza me fez rico, aonde a obediencia he liberdade, aonde a caſtidade he deleite, me puzeſtes, meu Creador, deſorte bemaventurado, que ainda na terra achey o Ceo, que ainda na morte encontro a vida, e até nas penas vejo a gloria. Oh Deos altiſſi-

altiſſimo, boniſſimo, piiſſimo, miſericordioſiſſimo! que obras podem ſer palavras, que cantos podem ſer louvores, que affectos podem ſer extremo, para que digaõ os humanos os beneficios que vos devo, para que encareçaõ os homens as maravilhas que em vós ha, para que eu grite a todo o mundo a mentira, que ſem vós he? Sayaõ, meu Deos, por eſta boca feitas palavras as entranhas: rompaõ, meu Deos, pelos meus olhos as lagrimas feitas razoens: derramem-ſe por todo eu, os ſuſpiros feitos diſcurſos, para que o mundo na minha alma, os homens nas minhas entranhas, e ainda o Ceo no meu coraçaõ, leaõ huma ancia, que he amor, huma verdade, que he prodigio, huma razaõ, que he maravilha, e hum deſengano, que he exemplo. Todos, meu Deos, niſto vos louvem, pois eu naõ ſei de outra maneira louvar-vos todos os inſtantes, ſervir-vos todos os minutos, e amar-vos todos os momentos.

VOZ DE DEOS.

FIlho, quebraõ ſe as pedras, vendo-me morrer em hũa Cruz; e tu, vendo-me morto por ti, nem me tiras deſte injurioſo tormento, nem te crucificas por mim. Olha, q. deſta meſma fonte naõ podem manar juntamente, as agoas doces, e amargoſas.

FAISCA IX.

In foraminibus petræ, & in caverna maceriæ oſtende mihi faciem tuam. Cant. 2. 14.

Suſpiro do Peccador.

OH meu Jeſu, oh meu Senhor! com que ſoberbo atrevimento levanto os olhos para ver-vos, com que profanas ouſadias, vos intento tomar na boca! com que arrojado precipicio tomo eſſa Cruz nas minhas maõs! ſe ellas vos pregaraõ os cravos, ſe a minha boca vos deo o fel, ſe os meus olhos foraõ voſſa affronta, olhos tenho eu para ver-vos, boca tenho para fallar-vos, e tenho maõs com que me atreva a tomar o Ceo com as maõs? e naõ choraõ ainda os meus olhos, o que vendo vos aggravaraõ? naõ confeſſa ainda eſta boca a grande offenſa que vos fez? naõ eſpedaçaõ eſtas maõs hum coraçaõ, que aſſim vos pós? para que tem covas os olhos, ſe ainda nellas ſe naõ ſepultaõ? de que ſervio ter Ceo a boca, ſe he melhor a boca do inferno, que huma boca taõ infernal? de que ſervem as maõs terem palmas, ſe podendo-as ter de victoria, as perderaõ quando no mũdo deraõ as coſtas ao ſeu Deos,

Deos! Mas que se havia de esperar de hum coraçaõ mais que de pedra, que podendo ser de tocar vossa bondade, meu Senhor, foy de attrahir para as maldades, e de cevar a todos os vicios! que podendo ser de estancar o mar de sangue que verteis, foy tantas vezes, meu Jesu, de ferir fogo contra vós! que podendo ser preciosa, e servir-vos de pedra de ara, a todo o mũdo o foy de escandalo, parecendo pedra perdida! que podendo desfeita em lagrimas fazer chorar as mesmas pedras, fez que se erguessem contra vós as mesmas, que vós magoaveis! que podendo na vossa casa ser pedra de fundamento, pôs huma pedra sobre vós, sem que vos desse sepultura! Oh meu Jesu, e meu bem todo! quebraõ-se as pedras de vos ver, e eu tenho inteiro o coraçaõ! usurpaõ-me ellas a razaõ, com que doridas se enternecem, com que se partem magoadas, e eu só lhes usurpo esta dureza, com que vos olho empedernido! morre-se o dia de pezar, e naõ me peza de viver, sendo hum inferno a minha vida! O Sol olhando-vos se eclipsa, o Ceo doendo-se se enluta, e eu vendo qual vos tenho posto, nem me doo do mal q̃ fiz, nem de ver-vos tal me entristeço! Alli se rasga o véo do Templo, aqui naõ quer o coraçaõ rasgar-se em golpes, e pedaços! Os cegos chegaõ a ter vista nos Sacramẽtos desse peito, e eu por naõ ser do vosso lado, quero com vista ficar cego! Hũ inimigo se converte, confessando que sois seu Deos; e eu, a quem vós chamastes filho, a quem chamastes tantas vezes, a quem mil vezes perdoastes, ainda recuso converter-me! ainda trato de vos fugir! para onde posso eu fugir, aonde todas as creaturas me naõ castiguem por ingrato, e me naõ tenhaõ por inimigo, se em toda a parte, meu Creador, levo cõmigo o meu peccado, e vai cõmigo a vossa offensa, espedaçando-me a consciencia, e gritando-me dentro na alma, para que aos golpes, e ao ruido desta sua perturbaçaõ, veja todo o mũdo os feyos vultos de meus vicios, as negras sõbras de meus erros, e as razoens que todos teraõ de vos vingar, e consumir-me! tudo parece que me accusa o que em mim dura esta dureza: tudo parece que se arma contra esta minha obstinaçaõ. Olho para os Ceos, e se turbaõ de ver que os olho, e que os desprezo; olho para o mar, e se altera, de ver que ronca, e vos naõ temo; olho os ares, e se enfurecem, de ver que os bebo, e vos aggravo; olho para a terra, e me foge, de ver que treme, e me naõ move; vejo essas hervas, e se murchaõ de ver que as pizo em vossa offensa;

repa-

reparo no Sol, e se enfia de allumiar-me em vossa injuria; valho-me das sombras, e cahem, por ver que encobrem vossa affronta; chego-me ás fontes, e congellaõ-se de ver q̃ as gosto, e vos naõ busco; passo aos penedos, e espedaçaõ-se de ver que os olho, e me endureço; contemplo as horas, e se acabaõ, de ver que acabo, e naõ me emendo; torno-me a vós, e demudais-vos, porque eu vos olho, e me naõ mudo; tudo parece que se admira, tudo conheço q̃ me accusa, que me aborrece, e me reprehende, pois olhando-me com a carranca, naquelle seu espanto mudo se pasmaõ da minha maldade, e em todos seus annuncios tristes me ameaçaõ a vossa ira: porèm, meu Deos, deste penhasco, desta serpente, desta vibora, deste prodigio de maldades, deste portento de delicto, que podeis vós esperar, ou que podia ver o mundo? se desde o ventre á luz da vida fuy hum veneno amortecido; se desde o berço á flor da idade fuy hũa quimera organizada; se desde o leito até o tumulo sou hum escandalo perjuro; e se em fim sou a todo o tempo hum parto morto da razaõ hũ monstro horrendo dos nascidos, e hum cometa vivo do mundo? Porèm que importa, meu Jesu, a gravidade de meus vicios, a grandeza de minhas culpas, e o pezo de minha consciencia, se na balança desta Cruz se pezar com vossas piedades? naõ vos puzestes vós na Cruz para me condenar, meu Deos; para perdoar minhas culpas, e lavar-me com vosso sangue, derramastes vós dessas Chagas hum rio de misericordias; que tem pois que fazer, meu Deos, os torrentes de minha culpa, ainda que pareçaõ diluvios, com os mares de vossa graça, ainda que só pareçaõ fonte? que tem que fazer o diluvio da minha culpa com a inundaçaõ de vossa graça, se a muitos mares de peccados, e a muitos mundos de delictos excede a menor piedade vossa? Pezai, meu Deos, quanto me peza de me naõ pezar quanto he justo, o muito que vos offendi, e vereis que se me naõ peza, quanto he razaõ q̃ me pezasse, he porque apar dessas piedades he nada toda a minha culpa; naõ pelo pezo da minha ancia, pelo valor de vosso sangue haveis de julgar, meu Senhor, e haveis de estimar, meu Jesu, meu amor, a minha emenda. Pondo-me apar de vossas Chagas, vos venho a pedir, meu Jesu, que me ponhais os vossos olhos, mettendo-me por dentro dellas: aonde me esconderei de vossa ira, se esses olhos de misericordia se naõ virarem para mim? No vosso peito, meu Senhor, aonde os cegos acharaõ vista, entro eu a buscar

re-

remedio;esse lado ha de ser agora a Cidade de refugio, aonde se vaõ a acolher todos os medos do meu mal, e as esperanças do meu bem; se ahi me achastes contra vós,quando de hũa lança fiz chave, aqui vos hei de achar por mim, pois dessa chaga fazeis porta. Esta, meu Senhor, he a differença, que ha de hum Deos misericordioso ao peccador mais ingrato. Aqui, meu Deos,e meu Senhor, me quero fechar para o mundo,mettendo-me em hum Ceo aberto;aqui me quero abrir comvosco, desabrindo-me com meus peccados, e de todos arrependido, ao menos vos venho a bater aonde vos cheguei a ferir, porque me fira o vosso amor, e me cure a vossa piedade.

VOZ DE DEOS.

FIlho, se queres que ouça tuas petiçoens,e que te defira bem, naõ me peças nunca outra cousa, senaõ que se faça em ti a minha vontade.

FAISCA X.

Non mea voluntas, sed tua fiat.
Luc. 22. 42.

Suspiro do Peccador.

IMmenso, altissimo, infinito, e omnipotente Senhor meu, naõ, como outras muitas vezes, vos venho a pedir nesciamente os bens da vida deste mundo, as honras, glorias, e fortunas, que só buscaõ almas do seculo: persuadido da vossa graça,atrahido do vosso auxilio, excitado do vosso impulso cuido que venho a vós pedir o mesmo que vós quereis dar-me; vós quereis, meu Deos, que eu me salve, que vos adore, louve, e sirva, e para isso me creastes, escolhendo-me entre tantos, que me puderaõ preferir: a obedecer gostosamente á vossa vontade, meu Senhor, naõ me arrastaõ só as fortunas, naõ me soborna só o exemplo, nem só me move o desengano, a minha vontade me traz accesa em levaredas de vosso espirito divino, que de mim,meu Deos,naõ presumo que nasça este ardor de chãmas,que corre a este mar de fogo. Apparelhado,meu Senhor, vem agora o meu coraçaõ para fazer vossos mandados, resignados os meus sẽtidos para entregar-se ao vosso gosto, e mansa a minha liberdade para tomar o vosso jugo; faça-se em mim vossa vontade, e acabem ja por huma vez tantas violencias da memoria, tantos excessos do alvedrio, tantas cegueiras do discurso;vença-se o gosto da razaõ, ate-se á graça a natureza, e sopêe ao corpo o espirito. Baste, meu Deos, e meu Senhor, baste a passada resistencia, aquella cega

cega rebeldia, e essoutra louca repugnancia, com que ás vocaçoens fuy escandalo, aos auxilios ingratidaõ, e em fim acinte aos beneficios: fiquem cõmigo as negaçoens, comvosco as conformidades, que me importa muito, meu Deos, naõ querer ja nada de mim, nem me está bem, meu Creador, desviar-me em nada de vós: faça-se em mim vossa vontade, como vós quereis que se faça, e naõ queira eu cõ meus erros governar os vossos destinos: sirva-vos eu, meu Deos, em tudo, como vós quereis que vos sirva, e naõ se mettaõ meus arbitrios em mandar vossa vontade: mas quem sou eu, meu Creador, quem sou, meu Deos, e meu bem todo, para cuidar tanto de mim, que cuide que posso prestar para tudo quanto quereis? e que merecerei servir-vos, sendo a peyor cousa do mundo? naõ se tem os Anjos do Ceo por dignos de vos adorar, naõ se julgaõ os Justos da terra merecedores de servir-vos, e cuidarei eu, pó, e cinza, que disto sou merecedor, e que de tanto bem sou digno! Os que vos servem, meu Senhor, os que vos ministraõ, meu Rey, os que vos adoraõ, meu Deos, saõ Santos, e naõ peccadores; saõ Anjos, e naõ como eu homens; saõ Serafins, e naõ como eu brutos; mas eu, que na vida do seculo pareci Turco, e naõ Christaõ, pareci bruto, e naõ humano, pareci demonio, e naõ homem, no vicio, exemplo da maldade, na culpa, monstro dos perversos, nos erros, norte dos perdidos, cuidarei que posso servir-vos do modo, que vos serve hum Justo, da sorte que vos ama hum Santo, e na fórma que vos quer hum Anjo!

Será bem, que eu chegue a cuidar, que no meu estado sou justo, que na minha vida sou Santo, e que sou hum Anjo no espirito? como, meu Deos, e meu Senhor, até por aquelle caminho, em que vos desejo servir, e me ponho a risco de offender-vos, levãdo-me desta soberba, e tendo tamanha ousadia: como consente a vossa bondade, que eu vos falle taõ atrevido, e me suspeite taõ medrado? porque calais quanto faço? porque me soffreis quanto digo? que fosse offensa a minha vida, quãdo nas culpas foi estrago, andar, naõ era novidade: que fosse aggravo o meu amor, quando do mundo foy delirio, passe tambem, pois andei cego; mas que hoje quando vos busco, quando me peza de offender-vos, e quãdo só quero agradar-vos, seja delicto o q̃ vos peço, esta sómente he a cegueira! que hoje, meu Deos, quando vos amo, seja soberba o que me prostro, esta só he a maravilhas! porèm, meu Deos, que hei de fazer, ou que será

será razaõ que faça? será certo por ventura, por naõ ser digno de servir vos, que continue em offender-vos? será razaõ que gaste o resto que me sobeja, na vida de vosso aggravo, e no meu delicto? porque naõ posso ser hũ Anjo, será bem que seja hum demonio? porque me naõ devo ter por justo, tratarei de ser peccador? será pedir-vos, meu Deos, que em mim se faça a vossa offensa, por naõ merecer-vos, que em mim se faça a vossa vontade? pedir-vos-hei, meu Creador, que de mim vos queirais offender, porque naõ mereço pedir-vos q̃ de mim vos queirais servir? que hei de pedir-vos, meu Senhor, se pedir-vos isto he aggravo? como ha de ser, como he possivel, que vos agrade o que vos peço, se pedir eu parece absurdo, se pedir-vos a vós he força? se o que se pede ha de ser justo, e pedir-vos isto he razaõ, soberba parece, meu Deos, o pedir-vos eu, sendo quem sou, hũ bem tamanho, como amar-vos: parece offensa naõ pedir-vos, se vós me rogais q̃ vos peça: se me ensinais que isto vos rogue, inclinando-me a obedecer-vos, vede, meu Deos, vede, meu Pay, o que he vosso gosto que eu faça, q̃ eu me ponho nas vossas maõs, e só vos peço, meu Senhor, o que vós quereis que eu vos peça, faça-se em mim a vossa vontade, porque sem escolher, nem fugir dos castigos, ou dos favores, indifferente para tudo me acharaõ os vossos decretos: seja, meu Deos, qual for a sorte que hoje me lance o vosso agrado, que eu ja naõ quero mayor bem, que saber da minha resignaçaõ, que a vossa gloria he o meu fim, vossa vontade a minha gloria, e vossa em fim a minha vontade.

VOZ DE DEOS.

FIlho, naõ só na noite das adversidades, mas em huma sombra de descuido, me agrada quem se chega a mim, e quem bendiz as minhas obras. Se perderes o somno, e deixares o descanço, todo eu serei o teu premio.

FAISCA XI.

Memor fui nocte nominis tui Domine, & custodivi legem tuam. Psalm. 118.

Suspiro da Alma.

AGora, Deos, e Senhor meu, que se amortalha o Ceo em nuvens, que a luz se sepulta em sombras, que a noite se derrama em trevas: agora, que a sombra da noite finge descanço a tantas vidas; agora em fim, meu Creador, que as aves tem o seu abrigo, que os bru-

brutos gozaõ do repouſo, que os homens tratáõ do ſeu deſcanço; eu, que em vós ſó me recreyo, aonde encoſtarei os meus ſentidos; aonde adormecerei os meus olhos, ſenaõ muito apar de voſſa graça? aonde poderei eu ter repouſo, ſenaõ deitado a voſſos pés? aonde encontrarei deſcanço, ſenaõ for nos voſſos braços? aonde gozarei abrigos, ſenaõ for nos voſſos olhos? ſe eſſes me ſervem de regálo, eſtoutros me ſervem de leito, e aquelloutros de ninho. Corre huma fonte para o mar, porque no mar tem o ſeu centro: remonta-ſe a Aguia ſobre as nuvens, porque no Ceo quer pór os olhos: attrahe o Norte a pedra Iman, porque tem virtude hũa pedra: e podendo os olhos ſer fonte, pois ſaõ as fontes olhos de agoa: podendo hum juizo ſer Aguia, que tambem ha Aguias de juizo: podendo hum coraçaõ ſer Iman, que tambem ha coraçoens de pedra: naõ queira attrahir como pedra a vós, ó Norte da minha alma! naõ queira voar como Aguia a vós, ó meu Sol de juſtiça! naõ queira correr como fonte a vós, ó mar de toda a gloria! Oh corra-ſe muito a razaõ de eſtar em mim taõ mal parada, que tenha ja mais virtude huma pedra, que hum coraçaõ! que faça huma Alma menos, que huma ave! que obre huma fonte mais, que huns olhos! ſe ſó como Author da natureza vos obedece o Ceo, movendo-ſe, todos os Aſtros influindo, o Sol, e a Lua allumiando: ſó por ſervir-vos, o ar a todos vos dá alentos, o mar paſſagem, a terra fructo, o fogo abrigos, ó mundo caſa; que menos hei de fazer eu, a quem ſobre os bens da natureza déſtes tantos bens da graça? para que vos ſervirei peyor, ſe vos conheço por meu Deos? vejo eſſes Ceos, eſſas Eſtrellas, que me vaõ ſervindo todas em todo o tempo, que vos buſco: que me daõ luz para ſeguir-vos, em quãto ſabem que vos chamo: olho para eſſas ſombras, e eſſas nuvens, e dizem-me que vos vaõ amando, e buſcando, pois a ſervir-vos vaõ correndo; ouço eſſe ar, cujos çuçurros me parece que ſaõ ſuſpiros: vejo o mundo todo poſto em ſilencio, onde as couſas ſem alma, as mais toſcas, e as mais rudes contemplando-vos admiradas, todas em vós eſtaõ ſuſpenſas, e paſmadas; ellas correm a obedecervos, e ſe movem para agradarvos, ſem que parem, nem de noite, nem de dia: outras em vós ſe eſtaõ revendo, e ſe eſtaõ em vós elevando, ſem que ceſſem hora, nem ponto. Todas parece que me reprehendem, me arguem, e me accuſaõ eſta minha tibieza, com que me canſo para ſervir-vos, em q̃ me deſvélo para fallar-vos, e continua-

nuamente amar-vos. O Sol vos cria as pedras para as Aras, e juntamente as flores para os Altares; mas que farei eu, ſe deſſe Sol, que os Ceos, e Eſpiritos celeſtes adoraõ, faltar a luz, que me allumia, faltar o influxo, que me attrahe? ſe deſſe mar, para onde corro, faltar o centro, que me aquiete? Abrazem-me ja eſſes rayos, predomine-me o voſſo influxo, e çoçobrem-me as voſſas ondas, para que nelles ſempre acceſo, vos ame os ſeculos dos ſeculos: para que nelle arrebatado vos naõ largue o nunca dos nuncas: para que nelles embebido vos adore o ſempre dos ſempres.

VOZ DE DEOS.

Filho, deteſta, e abomina tuas culpas diante de minha Mageſtade, para te fazeres digno de que minha grande miſericordia tas perdoe, tas remitta, e naõ impute.

FAISCA XII.

Peccavi ſuper numerum arenæ maris, & multiplicata ſunt peccata mea: & non ſum dignus videre altitudinem Cœli, præ mulitudine iniquitatis meæ. Ex Officio Eccleſ.

Suſpiro do Peccador.

MEu Deos, meu Pay, meu Senhor, e meu Redemptor; eu o mais ingrato dos homens, o mais perverſo dos naſcidos, o peyor de todos os humanos, a voſſos pés cheyo de culpas, venho a ver aquella bondade, que tantas vezes me ſoffreo, a pedir eſſa miſericordia, que tantas vezes engeitei, a confeſſar eſſa piedade, que tantas vezes me attrahio. Eu ſou aquelle filho ingrato, aquelle ſervo fementido, e aquelle em fim perverſo homem, que da voſſa miſericordia fiz atégora a voſſa injuria, pois que de tantos beneficios naõ tenho feito a minha emenda: ſou aquelle monſtro de culpas, aquelle extremo abominavel, aquelle exceſſo aborrecivel, que da voſſa meſma juſtiça fiz atégora paciencia, pois para ſer miſericordia, ſe fez cõmigo eſquecimento. Eu ſou, meu Deos, aquella pedra, aquella féra,

aquelle bruto, que a ter de pedra o coraçaõ, naõ pudera ser mais de marmore, que a ter de bruto a natureza, nunca pudera ser mais bruto, que a ter de féra a condiçaõ, nunca pudera ser mais féra. Sou aquelle peyor que todos, que dando-me vós, mais que a todos, os beneficios, e os auxilios, mais que todos vos fiz offensas, mais que tudo vos fuy escandalo. Indigno sou, meu Creador, de que o Sol me dê a luz que vejo, o ar o alento que respiro, a terra o lugar que occupo, e de todo o uso da razaõ, que nunca em mim teve o seu uso. Indignissimo sou, meu Deos, da vida, e da alma, que me destes, do tempo, e meyos, que me dais para que fuja de mim mesmo, e para que a vós só me chegue. Indignissimo sou, meu Deos, de que haja cousa que me soffra, bichinho vil que me consinta, e leve ouçaõ que naõ me aggrave. Merecedor sou, meu Jesu, de que no mundo as creaturas se ergaõ, e se armem contra mim, e por si, e por vós se vinguem de quanto em mim vos aggravaraõ, quando em mim vos desobeceraõ. Merecedor fuy, meu Senhor, por quantas vezes vos fugi, vos resisti, vos engeitei, de que o Ceo me desamparasse, de que o fogo me consumisse, de que a terra me sobvertesse; e ainda hoje, meu Deos, mereço que as creaturas me naõ olhem, que os elementos se me neguem, que o mesmo inferno me sepulte, pois sendo em vós mil beneficios cada hum instante meu de vida, foy em mim huma eternidade de offensas cada momẽto mais de culpa: e devendo em mim ser penitencia tudo o que foy distrahimento, foy em mim sempre obstinaçaõ o que devia ser emenda.

Daveis-me a vida, meu Senhor: daveis-me o tempo, meu Jesu, por ver se a mudança do tempo podia em mim fazer mudança: por ver se os estragos da alma eraõ ja fastios da culpa; e eu cada vez mais pervertido, cada vez menos emendado, me deleitava nos delictos, como se nelles vos amara: me gloriava nas maldades, como se nellas vos servira. Oh meu Senhor, meu Redemptor, quanto sinto, quanto me doo, e quam pouco me doo, e sinto de ser, meu Deos, a vossa affronta, de ser, meu Deos, a vossa Cruz! Quanto sinto, Redemptor meu, ser taõ grande a minha maldade, que mil vezes na mesma culpa fiz vaidade de aggravar-vos, e outras tantas me entristeci de naõ poder mais offender-vos! Que homem seria mais perverso? que féra mais incorrigivel? que demonio mais detestavel? e vós, meu Deos, sempre a soffrer-me, e vós, meu Senhor, sempre

pre a esperar-me, como se o vosso ser immenso dependera muito de mim! como se ao vosso immenso amor lhe fora muito em me salvar! Rasgue-se pois, meu Creador, este coraçaõ empedernido em rios de fogo, e de lagrimas: ceguem, meu Deos, ceguem meus olhos com diluvios de sentimento: espedace-se esta minha alma com huma dor sempre chorada, com huma magoa nunca vista, em hum vivo aborto destas culpas, e em huma ancia morta do meu pranto: seja este o parto das viboras, que me espedace as entranhas: seja este aquelle cutélo, que me traspasse o coraçaõ. Pequei, meu Deos, e meu Senhor, e naõ tem areas o mar, flores a terra, hervas o campo, que igualem, Pay, e Senhor meu, o numero das minhas culpas; nem a serem as hervas fontes, nem a serem as flores rios, nem a serem as ondas mares, igualaraõ as q̃ os meus olhos devem chorar arrependidos. Pequei, meu Deos, ja o confesso, e ao Ceo, á terra, ás creaturas o direi a vozes, e lagrimas. Pequei, e sendo as minhas culpas hum aggravo de todo o mundo, quando imagino os que vos fiz, só cuido que contra vós pequei. Tamanha he a differença de vossa offensa ás outras todas, que sendo muito cada huma junto da vossa, todas juntas parecem pouco mais de nada. Pequei, meu Deos, e bem conheço, que todas as penas do inferno saõ para mim pouco castigo; mas naõ pelo temor da pena, que eu mereço taõ justamente; naõ por perder os bens da gloria, que eu nunca vos mereceria, me peza, Deos, e Senhor meu, de meus vicios abominaveis, e de meus peccados incriveis. Peza-me muito do coraçaõ, peza-me muito na minha alma, por serdes vós o offendido; vós o meu Deos, e o meu Senhor; o Senhor dos Ceos, e da terra, que me creou, me redemio, que me soffreo, e me chamou; vós que só por vós sois digno de ser eternamente amado, por vós mesmo merecedor de até no inferno ser servido; vós essa immensa Magestade, de quem os Ceos, e a terra tremem; essa suprema Omnipotencia, de quẽ foy obra todo o mundo; essa ineffavel formosura, por quem o mundo he admiravel; essa bondade incomparavel, por quẽ eu sou aborrecivel; esse mar de misericordias, esse extremo de perfeiçoens, sempre infinito de grandezas, nunca acabar de maravilhas; e que sendo vós tudo isto, e muito mais do que isto tudo, me atrevesse eu a offender vos, me resolvesse a exasperar-vos! eu vilissima creatura, que hontem fuy nada, hoje sou pouco, e á manhaã serei muito

to menos! eu que se bem me considero, quando muito vejo em mim mesmo, que fuy, que sou, e que serei, ha pouco lodo, agora feno, daqui a pouco pó, e cinza! eu mais vil que tudo o que he vil, peyor que o peyor de tudo! eu, que de vós recebi tudo, a vida, a alma, a liberdade, a vontade, o entendimento, a redempçaõ, a Fé, os auxilios, a honra, os bens, e as vocaçoens, com que ainda assim me estais chamando, com que ainda assim me estais querendo! Oh Senhor, e Redemptor! como he possivel que esta dor me naõ arranca das entranhas hũa alma, que foy taõ ingrata? como he possivel que esta dor me naõ parte este coraçaõ contra vós sempre endurecido? como he possivel, meu Jesu, que eu nelle vos queira metter, se foy cova de basiliscos? como he crivel, meu Redemptor, que ouse erguer a vós os meus olhos, se foraõ portas do peccado! e como he crivel, meu Senhor, que eu chegue a pôr em vós a boca, se foy vaso de venenos? vós offendido, e eu com vida! vós com amor, e eu sem pezar! vós perdoando-me aggravado, e eu resistindo-vos vencido! vós em huma Cruz dando-me os braços, e eu nelles sendo a vossa Cruz! vós por mim prezo nesses prégos, e eu contra vós nas culpa solto! eu tenho dor, e ainda vivo! eu me enternego, e ainda duro! como he isto, meu Creador, que me naõ entendo cõmigo, nem ainda quando estou comvosco? como he isto, Pay, e Deos meu, que ainda de mim naõ sei livrar-me, quãdo de vós chego a valer-me!

Mas como ainda a mim me estranho, como ainda me desconheço! que outra cousa póde esperar-se de qual eu fuy, de qual eu sou, senaõ estas ingratidoens, a vossa offensa, e os meus erros? que outra cousa se esperaria desta serpente, desta vibora, mais que as maldades, e os venenos? Oh meu Senhor, oh meu Jesu! se nesta hora fora licito, para vingar-vos em mim proprio, para vingar-me de mim mesmo, arrancar este coraçaõ, e tirar-me a mesma vida; ainda assim se naõ apagara esta sede, ou essa chãma, que da minha ancia, e vosso espirito taõ vivamente se accendeo, por estas minhas sequidoens! mas pois que em mim de nenhũ modo podem acharse as sufficiencias, a quem meu Deos, hei de acudir, de quem, meu Deos, me hei de valer, senaõ de vós, que sois meu Pay, meu bem, meu Deos, e meu Senhor? a quem tive eu nunca por mim, mais que só a vós, meu Jesu! se sendo o mundo quem me tenta, o demonio quem me combate, e tudo o mais quem me persegue, nada foy tanto cõtra mim, como eu mesmo fui,

e estou

e estou sendo. Acudi-me vós, meu Jesu: valei-me vós, meu Creador, e naõ me desampareis, meu Deos.

Meu Pay, meu Deos, e meu Senhor, naõ aos pés dos filhos dos homens, mas aos pés do Filho de Deos, e meu Senhor, me trazem hoje os meus suspiros, me arrojaõ hoje as minhas lagrimas, naõ com aquella reverencia, contriçaõ, e resignaçaõ, proposito, amor, e intensaõ, que este meu acto requeria; mas com aquillo que he possivel a quem foy sempre a mesma culpa, o mais fragil por natureza, por experiencia o mais ingrato, por condiçaõ o mais perverso: mas quando posso eu confessar que he a vossa bondade immensa, senaõ quando taõ confiado a vossos pés venho a mostrar que ainda he mayor que a minha culpa? Em vir deitar-me a vossos pés, bem mostro ja que reconheço que sois vós o meu Senhor, em vos pedir misericordia, e ter nella esta confiança, bem confesso que sois meu Pay; em conhecer quam justamente viráõ sobre mim os castigos, bem confesso que sois meu Deos. Aqui me chego aos vossos olhos, aqui me ponho em vossas maõs, aqui me deito aos vossos pés; se he vosso gosto cõdenar-me ás mayores penas do inferno, como posso eu convencer-vos? como poderei resistir-vos? seja embora, meu Creador, que justo sois, e eu o mereço; faça-se em mim a vossa vontade, que santa he, e eu peccador naõ por gozar eu hum perdaõ, se balde em vós hum attributo: louve eu assim vossa justiça, pois tantas vezes desprezei vossa immensa misericordia: porèm alcancem-vos, meu Senhor, estas lagrimas hum partido, mereça-vos a conformidade, com que obedeço a vosso gosto, (nas minhas penas) hum concerto, naõ que eu deixe de padecer as mayores, que lá se sentem, mas que vos naõ perca este amor, que vós mesmo me tendes dado: cresça o amor, cresçaõ as penas, que nenhumas me tiraráõ (se naõ me tirares o amor) a gloria de as sentir, sabendo que tendes gloria de que eu as sinta. Gloria minha será, meu Deos, ver que vos tenho hum grande amor, aonde todos vos aborrecem; poder cantar vossos louvores, aonde vos vira maldizer; e poder suspirar por vós, aonde vos vira blasfemar.

Porèm se nos vossos juizos podem metter-se os humanos, tamanha gloria terei disto, se vós disto tivere gloria, que desde agora me persuado que serei indigno, meu Deos, dos mesmos tormentos do inferno, se os sentir com circunstancia de q̃ vós nelles tenhais gloria: pois sendo eu cousa taõ má, que

ſou do mundo a peyor couſa, como me naõ admirarei, que ainda aſſim pudeſſe dar gloria [de qualquer maneira que foſſe] a hum Deos taõ bom como vós ſois! taõ bom ſois, meu Deos, e Senhor, que cuido que no meſmo inferno, para conhecer quam bom ereis, naõ era neceſſario outro argumento, que crer que a mim me caſtigaveis, por ſer a couſa mais oppoſta, que achaſtes em todos os ſeculos á voſſa bondade infinita. Iſto ſó baſtara, meu Deos, para que vendo-vos taõ juſto, e conhecendo-vos quam bom ereis, me fizera amar-vos nas penas, e louvar-vos no meu caſtigo: naõ me tireis pois, meu Senhor, eſſe amor, nem eſta razaõ: naõ paſſeis de mim, meu Deos, o voſſo, e meu conhecimento; e deſde logo ſe quereis ſepultar-me para todo ſempre no eſcuro carcere do abyſmo, eu, meu Deos, naõ me perſuado que vós me quereis condenar; porque ſe na campanha da honra, ſe no mal da vida paſſada, ſe na caſa do meſmo vicio, ſe no leito da meſma culpa tantas vezes a voſſa juſtiça embainhou a ſua eſpada; como agora, que a voſſa graça põem na balança o meu pezar, taõ unido com a voſſa Cruz, me quereis dar o golpe? fiado na voſſa bondade, naõ cuido eu, meu Redemptor, que me perdoaſtes obſtinado, para condenar-me arrependido: ſe eſta fora a voſſa vontade, ja a terra me naõ ſoffrera, ja o Ceo me naõ conſentira, e ja o inferno me tragara. Por ventura cuidarei eu, que ſou mayor na confiança, com que buſco a voſſa piedade, do que ella he com minhas culpas: e quando iſſo aſſim naõ fora, (que eu mereço todo o caſtigo, e vós, meu Deos, ſempre ſois juſto) fora razaõ que o mundo vira, que vós, meu Deos, me perſegueis, e me tinheis por inimigo?

Contra huma debil folhinha, a quem os ventos arrebataõ, moſtrareis o voſſo poder? contra hum bichinho vil do mundo, em quem os ouçoens tem dominio, executareis o voſſo imperio? cõtra hum argueiro limitado, ſobre quem anda o pó da terra, empenhareis a voſſa ira? naõ ſois vós quem deſamparais a quem ſe chega á voſſa ſombra; tampouco quem toma vingança de quem nas voſſas maõs ſe põem; e menos quem deita de ſi, quem vem deitar-ſe aos voſſos pés: naõ deixarei os voſſos olhos, naõ largarei os voſſos braços, nem ſoltarei os voſſos pés, nem daqui me levantarei, em quanto, Pay, e Senhor meu, naõ ſentir no meu coraçaõ, que ja me tendes perdoado, e me deixais reſtituido; naõ porque eu, meu Deos, o mereça, mas por voſſos merecimentos:

tos: naõ, meu Jeſu, por minhas lagrimas, ſenaõ pelo voſſo ſangue, naõ, meu Senhor, por minha juſtiça, mas por voſſa miſericordia. Prometto, Pay, e Senhor meu, de nunca mais vos offender, nunca mais, nunca mais, meu Deos; cayaõ os Ceos, fuja-me a terra, falte-me o ar, funda-ſe o mundo, tente-me o inferno, e o demonio, que em fim fiado em voſſa graça, de vós me naõ apartaráõ o bem, o mal, a morte, a vida, a honra, a injuria, o goſto, a pena, a terra, o Ceo, e o mundo todo. Fazei vós, Pay, e Senhor meu, meu bem, e todas minhas couſas, que aſſim o faça, como digo, e pois com voſſo auxilio o proponho, que em voſſa graça o execute. Oh meu Senhor, oh meu Creador! antes mil males, que huma offenſa: antes mil mortes, que huma culpa: antes o inferno, que hum peccado.

VOZ DE DEOS.

FIlho, reſigna-te na minha vontade, que ſó entaõ acertarás, e fazendo norte do meu beneplacito, te porás nas mayores alturas do eſpirito ſem perigo de naufragio.

FAISCA XIII.

Domine, quid me vis facere? Act. 9. 7.

Loquere Domine, quia audit ſervus tuus. 1. Reg. 3.

Suſpiro do Peccador.

QUe quereis, meu Senhor, que eu faça? Fallai, meu Deos, e meu Senhor, que aqui vos ouve o pó, e cinza: ja eſtaõ cahidos por terra aquelles caſtellos de vento, que ergueo a minha vaidade; ja ſe levanta deſenganada pela voſsa voz, meu Deos, aquella razaõ taõ cahida nas areas do meu engano; aquelles ouvidos, meu Jeſu, que vos naõ deo o meu amor no meyo das ondas do ſeculo: ja os tapou o advertimento ás ſereas do meu perigo: ja para vós eſtaõ abertos, e para tudo o mais fechados: cerrados tambem os meus olhos, para ver os riſcos do mundo: a tudo ſe fechaõ, meu Deos, para ſe abrirem ſó comvoſco: entrai por elles, meu Deos, entrai muito dentro de minha alma, pois ſó para entrardes mui dentro, naõ ſó fiz portas dos meus olhos, naõ ſó corredor dos ouvidos, mas paſſadiço das entranhas, e palacio do coraçaõ; de par em par as achareis, meu doce Eſpoſo, to-

das por dentro, para que muito a vosso gosto andeis pelo interior da minha alma. Este, meu Deos, e meu bem todo, he o Castello de Emmaûs, aonde ainda a portas fechadas vos vi entrar. Entrai, meu Deos, e ficai cõmigo: que se vem pondo sobre a terra a noite da tribulaçaõ. Vede, meu Deos, que o meu bem todo naõ esteve só em entrardes, estará sim em naõ sahirdes. Aqui me podeis ensinar a fazer tudo o que quizerdes, que determinado estou ja a me guiar por vós em tudo: se entaõ quizerdes que sayamos, ireis cõmigo, ou eu comvosco; que tambem estou resoluto a seguir o vosso caminho. Nelle me ponho, meu Senhor, nelle me resolvo a viver tudo o que aqui peregrinar: fazei vós que assim o execute, pois fazeis que assim o prometta; pois de vós nasce que eu o deseje, fazei tambem que eu o faça; fallai cõmigo, meu Deos, conversai muito cõmigo; pois bem que eu seja hum vil bichinho, naõ vos aggravo em querer tanto, pois vos queixais quando o naõ quero. Conversai cõmigo, meu Deos, e dai-me licença entretanto, q̃ aos vossos pés busque o meu throno: ponha eu a boca, meu Senhor, aonde vós puzerdes os pés. Quando nas chagas desses pés vos naõ merecer pór a boca, tome eu essas maõs soberanas, que fizeraõ o Ceo, e a terra, e beijando-vo-las mil vezes, as ponha tambem nos meus olhos. Naõ se fartem nunca os meus braços de apertar-vos sẽpre nos meus: nem cessem as minhas entranhas de vos metter no coraçaõ. Oh se eu, meu Deos, assim me vira, isto fizera a toda a hora; se todo o dia naõ parara, se toda a noite naõ dormira, se embebido, se arrebatado nesse doce desassocego consumira os mezes, e os annos, que ledo, meu Deos, que contente passara as horas, e os instante! que satisfeito, que ditoso possuira o tempo da vida! Nem pois, meu Deos, e meu Senhor, porque entrei nas vias do mundo, desacerte em vossa vontade: nem porque cahi nos meus erros, vos descaya ja dessa graça. Mais quero ser na vossa casa hum vil desprezo dos mais vis, que nos Palacios do mundo huma estimaçaõ dos mayores: antes quero nas vossas vias ser hum deixado pobresinho q̃ nas estradas da vãgloria o mais querido dos humanos: mais estimo por vós, meu Deos, ser hum faltio dos viventes, que sem vós huma divindade na veneraçaõ dos nascidos. Sejaõ embora as minhas forças quasi impossiveis aos alentos, com que pize espinhos, e abrolhos: pareçaõ quasi inseparaveis as penedias, e piçarras, que hei de subir por esta via; e sejaõ quasi sem sahida os

laby-

labyrinthos, e aſperezas, aonde me embrenhe eſta jornada, pois tendo-vos a vós por via, conſiderando-vos meu premio, conhecendo-vos meu exemplo, ſeráõ boninas os abrolhos, as aſperezas ſeráõ branduras, as penedias eſtradas francas. Vede pois, meu Deos, que quereis, que aqui eſtou a voſsos mandados: dai-me que nelles vos ature, fazendo com que perſevere; dai-me que em todos vos abrace, ainda que tarde vos encontre; dai-me que ſempre vos eſcute, ainda que nem ſempre vos ouça; e dai-me que ſempre vos ame, ainda que nunca vos veja.

VOZ DE DEOS.

FIlho, cuida que ſou o teu bem todo, e refere-me tudo a mim; e naõ haverá mal, nem bem, em que me naõ aches a mim, e em que te naõ aches Bemaventurado.

FAISCA XIV.

Deus meus, & omnia. Verba P. mei Franciſci.

Suſpiro do Peccador.

MEu Deos, e todas minhas couſas, que couſa póde haver em mim, que vos naõ louve a vós, ſe em todo eu naõ acho alguma, que em vós naõ tenha a ſua origem, e de vós, meu Deos, me naõ venha? Poucos annos ha, meu Senhor, que ſahi do abyſmo do nada, aonde ab æterno nada era: logo que fuy, naõ tive ſer mais que o que vós quizeſtes que eu foſse; o q̃ vós quereis, eſtou ſendo, e nada ſerei, ſe naõ quizerdes que ſeja. Pudera ſem mim haver mundo, pois o houve antes que eu foſse; e durará ſem que eu dure, e eu ja naõ ſerei durando elle; antes logo, ſe vós quizerdes, me poſſo reſolver em nada, pois ſe aſſaſtardes do que ſou o voſso concurſo, meu Deos, desfazer-ſe-ha em fumo, e ſõbra toda eſta luz do ſer vivente, tornar-ſe-ha em vento, e nada eſta minha mortalidade. Niſto vejo, meu Creador, q̃ vós me deſtes o que fuy, que vós me dais o que eſtou ſendo, e me dareis o que ſerei. Vós me creaſtes, meu Senhor, vós me fizeſtes, e naõ eu, aonde ſe vè, que quanto ſou he huma divida, meu Deos, em que vos eſtá a minha alma, hũ empenho do meu coraçaõ, e huma obrigaçaõ da minha vida: tanto mayor, quanto foy mais cega aquella ingratidaõ, com que deſconheci tantos annos donde me viera eſte bem, donde me naſcera o que vivo, donde começara o que entendo, e donde manara o que vos amo. Aſſim gaſtei a meninice, aſſim paſſei a mocidade,

dade, perdendo inutilmente os annos, que deixei de viver comvosco. Nelles, meu Deos, e meu Senhor, ereis o meu despertador a cada grito da razaõ: ereis o meu memorial a cada golpe da consciencia, sem que houvesse cousa no mundo, que naõ fosse dentro de mim huma aldravada celestial, com que a vossa maõ me batia, e hum mudo aviso, com que em tudo vós me fallaveis: chegava o dia, e nos crepusculos das sombras da minha ignorancia parece que a luz me ensinava que vós me daveis este dia: chegava a noite, e recolhendo-me, o mesmo vicio me dizia, que soffrieis esta noite: amanhecia-me outra vez, e parece que a cada hora me dizieis, que me esperaveis: passavaõ todas as horas, e em todas sabia eu que vos fugia. Disto ás vezes, meu Creador, me nasciaõ no coraçaõ humas tristezas desfuladas, e humas ancias mal entendidas, com que no carcere da culpa gemia prezo o coraçaõ, sem saber bem porque gemia; e agonizava dentro de mim o meu espirito, sem saber como agonizava, e apenas nellas respirava. Ja desde a infancia, meu Senhor, eraõ rebates da minha alma estes vislumbres trasluzidos de vossa infinita bondade: eraõ auroras da razaõ estes mal distinctos crepusculos do amor de vossos beneficios: eraõ sustos da minha culpa huns ignorados naõ sei quès dessas vossas misericordias; e eraõ gostosas suspensoens huns suspirados impossiveis de vosso amor, e minha emenda. Chegastes, meu Deos, e meu bem, a metter-me na vossa casa, e ainda que a rastos, a vontade se deixou levar da razaõ, por mais que resistio á graça mal persuadida a natureza; em fim, em fim, Pay, e Deos meu, vosso fiquei, e vosso sou, indigno sempre de ser vosso, mas naõ querendo mais ser meu.

Se aqui, meu Deos, e meu Senhor, a minha vontade vos quer, quem me deo a mim a vontade, senaõ a vossa Omnipotencia? se o meu entendimento vos cuida, quem me deo este entendimento, senaõ só a vossa vontade? se a minha memoria vos tem, quem me deo a mim a memoria, senaõ vossa benignidade? se os meus sentidos vos adoraõ, quem me deo a mim os sentidos, senaõ o vosso amor? e se eu vos sirvo alguma cousa, quem me deo a mim este prestimo, senaõ vossa misericordia! que de vezes, meu Redemptor, cahindo eu dentro de mil males, os puzestes fóra de mim! sahindo eu da vossa graça, me metteste dentro de vós! pondose o gosto apar da culpa, a puzestes longe do gosto! chegando a vida junto á morte, a affastastes

ſtaſtes muito da vida! e eſtando o inferno ao longo da alma, a alongaſtes muito do inferno! Vós em fim, Deos, e Senhor meu, o meu bem todo foſtes ſempre, e ſois todas as minhas couſas. Se vejo, ſois a minha viſta: ſe ouço, ſois os meus ouvidos: ſe como, ſois o meu ſabor: ſe cheiro, ſois o meu olfacto: ſe pecco, ſois o meu perdaõ: ſe choro, ſois as minhas lagrimas: ſe vos adoro, meu amor: ſe perſevero, a minha graça: ſe me perſeguem, o meu refugio: ſe ſocego, o meu deſcanço: e em fim, ſe duro, a minha vida. Deſorte, que em mim naõ acho nada, que eu naõ conheça que ſois vós. Vós ſois, meu Deos, e meu Senhor, quem ainda cá neſte deſterro me faz bemaventurado. Vós ſois a minha agilidade, vós ſois a minha ſubtileza; pois ſe quero correr a terra, ſe intento cruzar os mares, ſe aſpiro a vadear as nuvens, ſe deſejo atraveſſar os Ceos, ſe procuro ver todo o mũdo em hum ſó inſtante, em hum ſó ponto, vós ſois as azas, com que voo, vós ſois a eſfera aonde ando, vós ſois o fim com que me movo, vós ſois o termo aonde paro, e ſois o centro onde me aquieto: e em fim, Senhor, e Deos meu, ſois o meu bem, ſois o meu tudo, até quando junto de vós ſou o mais vil bichinho voſſo, o voſſo ouçaõ, o voſſo nada. Se paro dentro de mim meſmo encolhẽdo-me no que era, recolhendo-me no que ſou, e tremendo do que ſerei, dilatando vós o que ſois, até no que ſe tem por nada, dentro deſte nada, meu Deos, fazeis vir o Ceo, e a terra, o mar, e todas as creaturas, e paſſando-me todas moſtra de voſſa grande formoſura, ſabedoria, immenſidade, omnipotencia, mageſtade, miſericordia, e providencia; para ver tudo, ſois meus olhos, para o entender, meu juizo, para o querer, minha vontade. Se neſte tempo vos procuro em alguma ſombra, ou figura, ſe vos ſuſpeito em imagens, e ſimilhanças, ſe vos abraço, meu bem, em alguma idéa, ou memoria: para abraçar-vos, ſois meus braços, para buſcar-vos, meu deſejo, para contemplar-vos, meu eſpirito, para ter-vos, o meu coraçaõ, para gozar vos, a minha gloria: ſe vos buſco mais puramente ſem figuras, e ſem imagens, porque as naõ ha do que vós ſois, ſois toda a minha ſuſpenſaõ, meu amor, e maravilha, o meu incendio, o meu recreyo, o meu bem todo, o meu tudo, e muito mais que tudo. Oh louvem-vos, meu Creador, em cada lagrima os meus olhos, em cada alento a minha boca, as minhas maõs em cada obra, em cada hora a minha vida, e ainda os meus

pés

pés a cada passo: pois vejo, Deos e Senhor meu, que o Ceo vos louva em cada Estrella, o Sol, e a Lua em cada luz, o fogo ardente em cada chamma, o vento leve em cada nuvem, o mar soberbo em cada onda, a terra humilde em cada hervinha, e o campo alegre em cada flor. Louvem-vos todos, meu Senhor, e eu só vos louve mais que todos, todos sempre, e eu por todo sempre.

VOZ DE DEOS.

Filho, tempo ha de amor, e tempo de sequidaõ: huns mezes leva a Primavera, outros o Estio, e o Outono: importa apartar-me de ti, ainda que te naõ deixe de todo, para chegar-te mais a mim; e agora cuida que começas, pois agora te has de deixar, e em huma firme negaçaõ de todas tuas affeiçoens, has de tomar a minha Cruz, seguir-me, e perseverar; e se tudo isto fizeres, serás meu verdadeiro discipulo.

FAISCA XV.

Ut quid Domine recessisti longe, despicis in opportunitatibus, & in tribulatione? Psal. 10. 1.

Suspiro do peccador.

Que he isto, Deos, e Senhor meu? aonde estais, meu Redemptor? como naõ me ouvis, meu Jesu? que fazeis, amor de minha alma? Pergunto por vós aos meus olhos, e dizem que vos naõ vem! Busco-vos no meu coraçaõ, e em todo elle vos naõ sinto! Corro todos os meus sentidos, e nenhum me dá novas de vós! Quem vos pôs taõ longe de mim, que em todo eu vos naõ encontro? Quem me pôs taõ longe de vós, que em todo vós ja vos naõ acho! ja naõ me ouvis, quando vos chamo! naõ me acudis, quando vos grito! naõ me valeis, quando vos busco! que he feito, Deos, e Senhor meu, das doçuras da vossa graça? aonde está, meu Creador, vossa antiga misericordia! para onde, meu Deos, se foraõ aquellas vossas piedades, com que em outro tempo me attrahieis! aonde me hei de ir, meu Senhor, se vós de mim vos apartardes? quem fez que se vos naõ desse de huma alma, que vos tenho dado? quem faz com que se vos naõ dè das ancias com que vos suspiro? Acordai, vinde, meu Senhor, erguei-vos, e chegai, meu Deos; correi á pressa, meu Senhor, que me çoçobra a tempestade, as ondas do mar ja me sorvem, e estou ja quasi no profundo. Acudi-me pois, meu Senhor, porque se os vossos escolhidos no meyo das ondas do mar, e tendo-vos a vós comsigo, cuidavaõ que ja se perdiaõ; que farei eu, meu Redemp-

demptor, que apenas de vós fuy chamado, quando me vejo ſubvertido? que mal tratei de vos ſeguir, quando ja vos choro apartado! Acazo, Deos, e Senhor meu, ſou eu do metal dos Juſtos, que vós provais, porque ſaõ ouro? Por ventura achareis em mim neſta prova mais que eſtas fezes? Será bom, luz dos meus ſentidos, que eſte provar-me ſeja meyo de que venhais a reprovar-me? Logo, meu Deos, quem vos obriga a me virar tanto as coſtas? quem vos move, amor da minha alma, a que aſſim me deixeis ſem vida? vedes-me no mar deſtas lagrimas, e nellas, meu Sol, naõ vos pondes? no deſerto deſta triſteza, e ja me deixais no deſerto? na ſolidaõ deſta ſaudade, e ja fugis á ſolidaõ? que culpa minha vos põem rèmoras, ſe as minhas penas vos daõ vozes? que nós cegos meus vos ſaõ laços, ſe os fez o pranto corredios? que embaraços meus vos tem prezo, ſe até os meus ays andaõ ſoltos? aqui me ſeraõ teſtimunhas todas as creaturas do mundo da dor, da magoa, e do pezar, com que ſem vós fujo de mim, com que ſem mim vos buſco a vós, com que ſem mim, nem vós me fico. De todas ellas farei eccos, que vos repitaõ meus ſoluços, quando naõ poſſa fazer vozes, que vos levem os meus ſuſpiros. De todas ellas farei pennas, que vos eſcrevaõ minhas queixas, quando naõ poſſa fazer maõs, com que vos prenda nos meus braços: de todas ellas farei fontes, por onde corraõ minhas lagrimas, quando naõ poſſa fazer olhos, com que procure a voſſa viſta. Mas quem duvîda, meu Senhor, que de mim naſce o naõ achar-vos, de minhas culpas o eſconder-vos, e de meus deſcuidos fugir-des-me? pois naõ he da voſſa piedade terdes-me neſta ſervidaõ, ſem que deixeis ſentir na alma, e no coraçaõ, que deixe eu de ver-vos! Se pois, meu Deos, eſta he a cauſa, a todo o mundo direi logo a cauſa de vos apartardes, confeſſando a vozes, e a lagrimas a todo o mundo a minha culpa.

Saibaõ todos que eu tenho a culpa de vos affaſtardes de mim, e de eu ſentir, que eſtais taõ longe; mas ſe naõ he eſta, meu Deos, tornai, tornai, Deos da minha alma, para hũa vida, que vos buſca, para hum coraçaõ, q̃ ſe doe, para huma alma, que vos quer: vós ſois aquelle Deos piiſſimo, q̃ neſta fragil natureza, por veſtir o ſayal humano, deixaſtes as télas celeſtes: ſois quem aos homens prometteſtes de lhes acudir voſſa piedade, em vos gritando com huma lagrima, e em vos chamando com hum gemido. Aqui vos gritaõ os meus olhos, aqui vos chama o coraçaõ, e aqui me afflijo, e me lamento

mento por ver ſe me ouvis, meu Senhor, e ſe me acudis neſta pena. Terra he ſem agoa eſta vida, que ſe vai fazendo penedo na ſequidaõ dos meus ſentidos, mata de eſpinhos a aſpereza, que noutro tempo produzio flores. Paſſe eſte Inverno, meu Senhor, venhaõ as voſſas Primaveras, para que floreça eſte eſpirito, que ſe amortece a puro murcho: para que reviva eſte amor, que aſſi n ſe murcha agonizado. Vinde pois, vinde, meu Jeſu, erga-ſe a vós meu penſamento, em vós ſe paſmem meus diſcurſos, em vós ſe abſorvaõ meus ſentidos, e neſta doce ſuſpenſaõ, neſte ſuave abraço da alma, tenha eu affectos para amar-vos, arda em chammas para querer-vos, e ſinta amor para ſervir vos; e ao menos, meu Deos, faça-vos de imaginaçoẽs para pintar-vos muito ao vivo, pois já desfiz o coraçaõ, em que de morte cor vos puz. Tenha, meu Deos, dentro de ſi huma ſombra do que vós ſois, quem tanto por huns longes voſſos tem ſahido fóra de ſi. Permitti-me, meu Deos, que na alma vos retrate, ou na memoria vos boſqueje: ſeja o pintar como o querer; e fique-me eſta ſombra voſſa, pois á voſſa ſombra, meu Deos, ſerá força que me retracte de todos os erros q̃ fiz. Tenha pois a alma eſta pintura, pois em quanto eu a naõ tenho, he certo que naõ tenho vida. Toda a minha alma ſerá lamina, a minha memoria pincel, e o voſſo ſangue ſerá tinta, e ande deſorte nos meus olhos eſte boſquejo ſuſpirado, eſte debuxo appetecido, que naõ ſe apartem deſte objecto antes que a morte os adormeça, nem ſaibaõ ver outra belleza, antes que a vida ſe lhes eclipſe.

VOZ DE DEOS.

FIlho, depois da tormenta eſpera a bonança: muitas vezes faço que viro a cara, para provar a confiança; e me retiro para me fazer mais deſejado: ſoffre com paciencia a tribulaçaõ, e far-te-has digno da conſolaçaõ.

FAISCA XVI.

Uſquequò avertes faciem tuam à me? Uſquequò obliviſceris me in finem? Pſal. 12. 1.

Suſpiro da Alma.

ATé quando, meu Creador, me tereis virado as coſtas? Até quando, meu Redemptor, vos quereis eſquecer de mim? De mim, que até quando vos tenho, e vos abraço na minha alma, ſou huma flor, que ao Sol ſe murcha, ſou feno, que com o vento cahe, ſou hum oúçaõ, que

que os ares levaõ, eſcuma, que ſe desfaz em agoa, fumo, que ſe torna vento, ſombra, que ſe reſolve em nada! Como pois, meu Deos, aſſim me deixais neſte aperto, neſta afflicçaõ, neſta agonia, qual terra ſecca ſem orvalho, qual noite eſcura ſem Eſtrellas, qual náo ſem léme entregue ás ondas, qual folha leve expoſta aos ares? Para que fim, Deos da minha alma, quereis com eſta adverſidade, que eſte meu barro ſe endureça, que a noite me entregue a mil erros, que o mar me cauſe perdiçoens, que o ar me obrigue a liviandades? Por ventura folgareis vós que as ſequidoens me façaõ pedra, aonde falte hũa ſede de agoa? as trevas todo confuſaõ, aonde naõ póde haver acerto? as tempeſtades ſeu deſpojo, aonde naõ póde haver bonança? e as ondas do mar ſeu naufragio, aonde naõ ha nenhũ refugio? A hum cego deixais ſem guia, a hum viandante ſem caminho, a huma aveſinha ſem azas, e a huma barquinha pobre ſem remos? Que ſe póde eſperar de mim, ſe ſendo guia me faltardes, ſe ſendo via naõ vierdes, ſe pelas azas me dais penas, ſe pelos remos me dais ondas; ſenaõ que como cego caya, que como peregrino erre, que como aveſinha morra, e como barquinha me vire! Como he iſto pois, meu Senhor, como vos ſoffre o coraçaõ ver-me çoçobrar das ondas, ver-me agonizar nas penas, ver-me errar no voſſo caminho, e ver-me cahir no meu erro? Conſente-vos eſſa piedade ver ſem arrimo a voſſa planta, ſem paſtor a voſſa ovelhinha, o voſſo cervo cego á ſede, e o voſſo eſcravo morto á fome? Ao mais intimo da minha alma entraraõ as ſombras da morte, e as agoas da tribulaçaõ. Nada me val, nada aproveita para valer-me dentro em mim, depois que vos naõ acho a vós. Naõ ſó no Ceo, naõ ſó na terra, no mar, e em todas as creaturas vos achava eu, meu Senhor, quando vós querieis, meu Deos; mas ainda dentro de mim meſmo achava eu, quãdo vos tinha, o mundo, o mar, a terra, o Ceo, e todas as mais creaturas. Hoje, ſaudade minha, agora, amor dos meus ſentidos, por mais que faço, ſe vos buſco, por mais que choro, ſe vos amo; ſuſpiro, e vejo que naõ val lamentar-me, e nada me importa; chamo-vos, e pouco aproveita. Ninguem me moſtra bom ſemblante, todos parece que me fogem, que me engeitaõ, e que me aborrecem, como offendidos de que eu cuide que, ſem vos ter, os queira olhar: como enfadados de que eu ſinta que, ſem quererdes, me alliviem: ſe ainda aſſim teimo em perguntar-lhes onde, meu Deos, vos acharei: ſe continûo

tinûo em inquirir-lhes de que modo poſſo aggradar-vos, em todos acho diſſabor, e todos me fazem carranca. Pergunto por vós ás hervinhas, e todas me reſpondem ſeccas: peço voſſas novas ás agoas, e todas me reſpondem frias; ſubo a chamar-vos pelas ſerras, e todas ſe me moſtraõ aſperas: corro a buſcar-vos pelas pedras, e todas ſe me moſtraõ duras; voo a beber por vós os ventos, e todos me deixaõ em vaõ: chegaõ ao Ceo os meus clamores, e todos viraõ ſem ouvir me; paſſaõ meus olhos ás Eſtrellas, e nenhûa me olha benigna: tornaõ-ſe a pôr por eſſes mares, e achando nelles hum diluvio, que cahio do mar do pranto, naõ acho veſtigio voſſo: fallo a todas as creaturas, e turbaõ ſe todas de verme: recolho-me dentro de mim, e acho me em mayor ſolidaõ; pois toda a alma ſe fez ermo, todo o eſpirito cadaver, e o coraçaõ todo ſepulchro, aonde a triſteza finalmente naõ ſó enterra o meu allivio, mas ja me ſepulta a eſperança. Baſte pois, Deos, e Senhor meu, baſte eſta pena, baſte eſta afflicçaõ, com que os meus dentros agonizaõ, com que os meu fóras me ſepultaõ. Ponde-me ja os voſſos olhos, virai para mim eſſa graça, naõ eſtejais mal cõmigo, e naõ me deſampareis, meu Deos; e pois ſabeis quanto iſto cuſta, pelo que vos cuſtou entaõ, me valei, meu Jeſus, agora.

Naõ pereça, naõ taõ depreſſa hum amor, que naſce ainda agora; naõ ſe envelheça o meu eſpirito nas primaveras deſſa graça, onde ſó florece a razaõ, que ſe ſecca em voſſas auſencias. Apartem-ſe ja da minha alma eſtes ventos, que eſpiraõ neve, com que eſtou morrendo de frio, entorpecido, e congelado: ſoprem da parte do Meyo dia aquellas viraçoens ſuaves, com que a minha alma ſe recreya, e o meu eſpirito reſpira: cayaõ ſobre o meu coraçaõ aquellas mellifluas branduras, com que nas manhaãs deſſa graça orvalhaõ as miſericordias; amolleça ja eſta terra, que toda he mar de arêa ſolta; e venhaõ ja ſobre eſtas hervas caducamente amortecidas os rayos do voſſo Sol, q̃ com ſeu calor lhes daõ vida: começaráõ logo as minhas flores a perfumar voſſos altares; enfeitá los haõ as boninas, que para iſſo regaõ os meus olhos; e abraçá-los-haõ os meus votos, q̃ para iſſo ſe renovaõ. Aqui recorro a vós, meu Deos, á voſſa caſa de oraçaõ, que he o meu bem, e o meu refugio; pois ja ſei que ſe iſto naõ fora, neſta agonia perecera. Bem ſei que he bom que me afflijais, para que eu veja quem ſou ſem vós. Conheço, Pay, e Senhor meu, que ſem vós ſou planta ſem fructo, nuvem

nuvem ſem agoa, e ar ſem luz: ſei que ainda a minha meſma vida he eſqueleto, e ſepultura de huma alma, que ſem vós he morta; e ſei que em fim me naõ chamaſtes para paſſar a váo os mares, para ter ſem guerra o triunfo, e ſem eſpinhos a coroa: reſolvo-me neſta afflicçaõ a padecer antes a morte, q̃ conſentir em hum ſó peccado; e meter-me pelo meſmo inferno, antes que gloriar-me na culpa. Fazei de mim, meu Senhor, fazei de mim quanto quizerdes, com tanto que naõ permittais que eu peque hum ponto contra vós. Mas que aproveita, meu bem, que eu aſſim o ſaiba propôr, ſe vós naõ derdes que eu o faça? Vinde pois, Deos, e Senhor meu, neſtes meus males como cura, neſta batalha como ſoccorro, e neſtas trevas como Sol: chegai-vos ja, meu Deos, e meu remedio, chegai, meu Deos, e meu esforço, chegai, meu Deos, e minha luz, que ainda que cego, ainda que fraco, ainda que enfermo, com mil amores vos procuro, com mil abraços vos eſpero, e com mil almas vos ſuſpiro.

VOZ DE DEOS.

FIlho, quanto mais confeſſares tua ingratidaõ, e tiveres diante dos olhos a tua vileza, tanto mais me inclinarei a te fazer qual deſejas ſer, e a te levantar onde ſem mim naõ podes chegar.

FAISCA XVII.

Quid eſt homo, quòd memor es ejus. Pſalm. 8. 5.

Suſpiro do peccador.

MEu Deos, ſejais bendito, e louvado: paſmem-ſe os Santos, louvem-vos os Anjos, maravilhem-ſe os Serafins pela admiravel miſericordia, que uſais cõmigo: louvem-vos, meu Deos, e Senhor, pois na indigniſſima vileza deſta miſeravel creatura exercitais as maravilhas de voſſa graça, ſem terdes nojo de mim, ſem me aborrecerdes, ſendo eu merecedor de que todos me aborreçaõ, e me deſprezem, ſe enfadem de mim, e me naõ ſoffraõ; como abominavel que ſou, que naõ obedeço a vós, meu Deos, ſendo hum Deos terrivel, mas ſempre amavel, digno de toda a gloria, e de todo o louvor: a quem obedece o mar, que he a meſma mudança, o vento, que he a meſma liviandade, o fogo, que he a propria ſoberba: os montes movem-ſe pelos ares, ſendo taõ pezados naturalmente, a hum aceno voſſo; e eu a tantos Mandamentos voſſos naõ me movo

nunca, nem me acabo de entregar, sendo taõ facil, e taõ leve para obedecer aos brutos de meus appetites torpes, á terra de minhas inclinaçoens baixas, ao mar de minhas mudanças continuas, ao fogo de minhas concupiscencias cegas, ao ar de minhas liviandades vãas.

Meu Deos, quem sou eu, para que me mostreis hum tamanho amor? que tenho de meu mais que a vaidade de antes, miserias de depois, e peccados de cada vez mais? que ha em mim, meu Deos, mais que o que vós puzestes com a vossa imagem, o que estais pondo com vossa graça, e o que depositou em mim debalde vossa misericordia? se olho para os meus antes, vejo que naõ fuy cousa algũa, se olho para os meus agoras, nenhuma cousa sou, se olho para os meus depois, nenhuma cousa serei.

Em que lugar se póde pôr a minha vileza, e a minha malicia, senaõ abaixo de todas quantas cousas creou a vossa Omnipotencia? Se olho para as vossas creaturas, todas vejo, meu Creador, que melhor vos servem que eu; porque se olho para as hervinhas, por formosas que sejaõ, por tenras, e melindrosas que nasçaõ, todas saõ mansas, e humildes, pois consentem que eu as pize. Todas as creaturas vegetativas vejo que vos obedecem, e guardaõ vossos preceitos, pois as hervas se deixaõ pizar, as flores colher, os campos abrir, as arvores cortar, as pedras arrancar, e a terra mover, porque as creastes para servir-se o homem de todas as cousas: vejo correr os rios para o mar, porque os inclinastes desde o principio a buscar o seu centro: vejo que naõ busco o meu centro, que sois vós, meu Deos, ainda que me inclinastes para vós desde o meu principio. Se olho para as creaturas sensitivas, e irracionaes, vejo que os bichos da terra vivem sem se queixar, vaõ passando a vida em silencio, e em solidaõ, com gosto, e soffrimento; vejo que o Leaõ forte, o Touro bravo, o Tigre feroz, o bruto mais indomito, e a féra mais agreste, deixando a fereza, e a crueldade servem ao homem, e posto que naõ entendaõ, ainda assim tem obediencia aos imperios da razaõ, servindo todas a mim, que vos offendi, e eu naõ vos sirvo a vós, meu Deos, taõ servido dos bons, taõ querido dos Santos, taõ amado dos Anjos, e de todos os Espiritos Bemaventurados!

Vejo os homens, e dos peyores que vejo, posto que os veja todos juntos, naõ sei de todos elles tantos peccados, como sei de mim; só o que presumo que sei, he, que o peyor de todos elles, ou elles todos, se vós lhe

dereis

dereis, meu Deos, o que me dais a mim, mais agradecidos vos foraõ. Vejo finalmente os demonios, e vejo que por hum só peccado estaõ no inferno; e vejo-me a mim, que, havendo commettido tantos, naõ só estou no mundo, mas estou cheyo das vossas misericordias, que a tantos deixaraõ condenar com menos culpas que eu! Aonde pois, meu Deos, me hei de pôr, se sendo peyor que todas vossas creaturas, me sirvo de todas ellas, e me vejo servir sempre, como senaõ fora eu esta indigna creatura, este gusano vil, este nada, este ainda menos, e este pêyor ainda? Oh altissima Bondade, que me soffreis! oh summa, e immensa misericordia, que me naõ desamparais! oh álèm de infinita, e inexplicavel piedade, que me naõ deitais de vós! oh sobre álèm de infinito, eterno amor, que vos naõ cansais cõmigo! Louve vos o Ceo, adore-vos a terra, bendigaõ-vos os Anjos, e todas vossas creaturas; e bendizei-vos vós, meu Deos, que só a vós podeis dar a gloria, o louvor, e a honra, que a esse pégo de mais que infinita bondade infinitamente se deve pelos seculos dos seculos.

VOZ DE DEOS.

FIlho, faze por te pôr em minha graça pelo conhecimẽto das tuas culpas, e arrependimento muito grande dellas; porque naõ faltarei á tua esperança, com que em mim confias; e te amarei como se nunca me offenderas.

FAISCA XVIII.

Hei mihi, quia peccavi nimis in vita mea. Offic. Def.

Suspiro do Peccador.

MEu Deos, pequei, fiz mal; perversa, e pessimamente me desviei de vós pelos caminhos da cegueira, e estrada larga da perdiçaõ: posto estou no deserto de minhas culpas, onde só com ellas, e taõ longe de vós, meu Deos, taõ deitado a longe, naõ vejo nada do meu bem, mais que conhecer o meu mal. Perdi, meu Deos, perdendo a vossa amizade, e o vosso amor, perdi mil vezes a razaõ, que sacrifiquei á ignorancia, perdi a liberdade de filho vosso, a honra de vosso amigo, a uniaõ dos Santos, a intercessaõ dos Justos, e a memoria dos Ceos: e quasi deitado no inferno, ou peyor que no inferno, pois deitei a alma em meus peccados, nada me ficou, meu Senhor, mais que os horrores, e os assombros desta consciencia, desta alma fêa, desta tribulaçaõ terrivel de

meus enganos cegos. Sujeitei-me por minha livre vontade á obediencia do demonio ás cadèas, e labyrinthos de meus peccados graves, e desta miseravel vida. Que me fica pois, meu Deos, de tantos bens, que tive na vossa graça, mais que esta dor, que tenho de minhas culpas? Que tenho, Deos, e Senhor meu, que tenho de meu ja agora, mais que este ay de mim, este pequei, este peza-me, este naõ quero mais peccar, por serdes vós quem sois? Pequei, meu Deos da minha alma, e do meu coraçaõ, pequei infinitamente, pequei perversa, e ingratamente. Que tem pois a vossa ovelhinha perdida, porèm sempre vossa? que tem mais que estes seus clamores, e estes ballidos tristes, com que repete a cada instante: Ay de mim, que vos offendi! Ay de mim, meu Deos, e Senhor, que vos aggravei! Ay de mim, porque todo eu naõ sou mais que hum Ay!

Amorosissimo Jesu, Deos, e Homem verdadeiro, a quem offendi, e aggravei por minha grande culpa; pequei, fiz mal, abominavelmente pequei, pois vos offendi, desviando-me da vossa Ley. Indigno sou de perdaõ, e de misericordia, pois por hum momento breve, por hum gosto caduco, por hum engano manifesto, por hum erro sabido vos perdi o amor, e me apartei de vós tanto, quanto foy a cega affeiçaõ, com que segui meus vicios, torpezas, e profanidades: e sabendo eu muito bem que naõ era caminho do Ceo esta minha perdiçaõ, seguî-la á cinte da razaõ, continuá-la por teima da vontade, e deter-me nella cõ tanta dor da consciencia, que desculpa póde ter, meu Deos, se era conhecer claramente que vós me aviseveis, que eu vos naõ queria, que o demonio vos havia de vingar, e que eu mesmo me solicitava perder? Indigno sou por isso, meu Deos, de q o Ceo me cubra, a terra me sepulte, o dia me amanheça, e vossa infinita misericordia me perdoe: porèm, Deos, e Senhor meu, he taõ grande a vossa misericordia, que haveis de fazer motivos de me perdoar, das mesmas resistencias que fiz para vos obedecer: das dilaçoens que tive em me arrepender, e da dissoluçaõ, que tive no peccar. Assim o confio, meu Deos, em vossa infinita piedade, e ninguem confiou em vós, que se confundisse. No lago dos Leoẽs confiou Daniel em vós, e respeitaraõ-no as féras: no meyo das ondas do mar Vermelho cõfiou o vosso Povo, e as mesmas ondas furiosas lhe fizeraõ caminho: no meyo das chammas do forno de Babylonia confiaraõ os tres Meninos, e o fogo lhes fez viraçaõ: nos desertos do

monte

monte Oreb confiou Elias, e os Corvos o ſuſtentaraõ: no meyo do mar confiou S. Pedro, e as ondas ſe lhe tornaraõ pranchas: poſto em huma Cruz confiou o bom Ladraõ, e a Cruz lhe ſervio de eſcada para ſubir ao Paraiſo. Tanto como iſto, meu Deos, e Senhor, ſóbe quem em vós confia; tanto alcança quem em vós eſpera, e tanto perde, quem deſmaya. Dai-me Senhor, eſta confiança em vós, que he davida vóſſa eſta meſma confiança, para que mereça eu receberdes me vós nas entranhas de voſſa grande miſericordia, no ſeyo de voſſa piedade infinita, nos braços de voſſa caridade immensa, e tornado á voſſa graça, herdeiro de voſſa gloria.

VOZ DE DEOS.

FIlho, vê que andas dentro de mim, e que naõ ſó deves crer que te olho, e me olhas exteriormente em todas as creaturas, mas que tambem dentro de mim andas como fechado, e de maneira, que he impoſſivel poder ſahir, e livrar-te de mim, ainda que tendo tu azas para fugir-me, te deſſe paſſo o mundo, rompendo-ſe, e abrindo-ſe a maquina dos Ceos.

FAISCA XIX.

Ego Deus omnipotens: ambula coram me, eſto perfectus. Gen. 17. 1.

Suſpiro do peccador.

ADmiravel, incomprehenſivel, immenſo, altiſſimo, ineffavel, e incomparavel Senhor meu, a quem ſe abate, e ajoelha, ſe proſtra, humilha, e ſe derruba dentro do nada vil que fuy, o pouco, ou nada que eſtou ſendo, paſmando-ſe em vós, e admirando ſe, abſorbendo-ſe, e conſumindo-ſe a vileza deſte guſano, a pequenhez deſte bichinho, e o quaſi nada deſte argueiro, que em vós ſe eleva, e ſe ſuſpende, em vós ſe embebe, e arrebata: pois quando chego, meu Deos, naõ ſó a crer o que vos ouço, mas a ſentir o aonde vivo, a conhecer o como ando, a ſuſpeitar o como entendo, e a diſcorrer o como ſinto, confeſſo, Deos, e Senhor, que me cocobro, e que me alago; que eu me ſuſpendo, e me confundo; pois contemplando-me entranhado neſſe abyſmo de maravilhas, em todo o lugar eſtou prezo, por toda a parte ando cingido, e em todo eu como cercado, a toda a hora como abſorto, ſem que,

meu Deos, posſa dar passo, em que me naõ metta por vós; sem que respire, ou tome folego, em que vos naõ metta por mim; sem que passe algum breve tempo, em que vós me naõ comprehendais, e sem que occupe algum lugar, aonde vós me naõ cerqueis. Se busco a fonte, e o principio desta continua admiraçaõ, vejo logo essa immensidade, que para diante he sem fim, que para traz naõ tem principio, que para cima he sem limite, para baixo sem nenhum cabo, para cada lado sem termo, para toda a parte sem modo, para fóra sem comprehensaõ, e para dentro sem vazio. O Ceo tem fim, a terra termo, o mar limite, o vento cabo, e todas as outras creaturas tem onde pare o entendimento, e onde descance o sentido; só vós, meu Deos, naõ tendes fim, termo, limite, ou comprehensaõ.

Aqui, meu Deos, e meu Senhor, qual a raiz por dentro da terra, como ave do ar cercada, como nuvem do ar coberta, como esponja no mar mettida, de vós me sinto ir penetrando, de vós me vejo ir embebendo, por dentro de vós vou andãdo, e dentro em vós me vou sumindo de tal maneira, meu Senhor, que de alagado, e submergido, de suspenso, de alienado, e em fim de immovel, e de absorto, sayo de mim sem saber como, entro por vós sem saber aonde, fico-me em vós sem saber qual, e torno em mim sem saber quando! Chegando-me aqui mais a vós, quando me alongo mais de mim, pasmo de ver vos taõ profundo, que em toda huma eternidade naõ tomo pé no menor pégo de vossos altos juizos! Admiro-me, meu Creador, de vos achar logo taõ alto, que por mais annos, e por mais seculos, que voe a alma ao menor cume de vossa excelsa Magestade, parece que naõ dei hum voo em immensidade taõ sublime! Suspendo-me, Amor da minha alma, vendo vos depois taõ dilatado nessa largueza invadiavel, que por mais que o meu coraçaõ surque esse mar de beneficios, me persuado justamente que naõ levei do porto as ancoras, nem por mais que larguei as vélas, naveguei a onda menor do Oceano dessa bondade! E em fim me absorvo, meu Senhor, vendo-vos sempre taõ comprido no longo estadio de vós mesmo, que por mais que corre o discurso á detida posta dos sempres, por mais que voa o pensamento ás extremidades do nunca, nunca espraya este eterno ser no cabo remoto dos Evos, e sempre mostra que se estende em começo de Eternidades!

Desta maneira, meu Senhor, se me affigura em quanto olho, que

que vejo vossas maravilhas, e que em todas vos acho o mesmo: pois se caminho para diante, acho-vos eterno, e sem fim, se viro os olhos para traz, vejo-vos immenso, e sem termo; se vos considero depois, acho-vos como de antes ereis; se para hum lado, ou para outro, se me derrama a admiraçaõ, em hum, e outro sois o mesmo! Se se me estende a maravilha, ou para baixo, ou para cima, naõ vos conheço differença! Immutavel sois, meu Deos: sois como sereis, e fostes: fostes como sois, e sereis: sereis como fostes, e sois! Daqui vem, que eu ando furtado desorte aos usos de mim mesmo, e entregue ás posses de vós proprio, que naõ sei de mim mais que o gosto de que sois vós tudo o que sei. Oh se eu, meu Deos, e meu Senhor, toda a vida gastara nisto! se toda a minha occupaçaõ, o meu estudo, o meu cuidado, o meu comer, e o meu dormir se convertera todo nisto, que docemente embebecido, que felizmente transportado tivera os seculos por eras, e os annos todos por instantes! Mas quem sou eu, meu Creador, summa, e suprema formosura, eterna, e alta Magestade, bondade nunca declarada, perfeiçaõ nunca encarecida! Quem sou eu, homem desprezivel, vil peccador, baixa creatura, para ousar ter no meu desejo bens, que no seu merecimento talvez naõ gozaõ muitos Justos! Vosso he tudo, meu bem todo, e nada meu, mais do que o nada. Oh meu Senhor, meu Creador, fonte da luz, fonte da graça, muito mayor que os Oceanos, mar de todo o bem, que se goza, muito mayor que cem mil mundos! pois como cada voz da minha boca naõ he, meu Deos, hum Coro de Anjos! pois cada lagrima que choro naõ he hum mar de ancias ardentes! pois cada ay com que vos chamo naõ he hum mundo de suspiros! pois cada affecto da minha alma naõ he hum Ceo cheyo de espiritos, que vos louvem continuamente! Louve-vos por mim cada instante a terra com todos os Justos, o Ceo com todos os Santos, e mais Espiritos bemaventurados pelo sempre dos sempres

VOZ DE DEOS.

FIlho, se queres aproveitar, naõ só has de cuidar, senaõ crer, que nunca tiro os olhos de ti, e que te olho em todas as creaturas, por ver em todas ellas como me tratas; e porque em todas vejas quanto te quero, pois em nenhũa perco o cuidado que tenho de ti, e em todas tenho gosto de que de mim te lembres.

FAISCA XX.

Et meditatio mea in conspectu tuo semper. Ps. 18. 15.

Suspiro do peccador.

AMor, e origem da minha alma, que pondo em mim os vossos olhos, me atravessais o coraçaõ, e allumiando a noite escura do meu turbado entendimento, para me guiardes sois luz, para me abaterdes rayo, e para me inflamardes sois fogo: admiro-me de que diante de vós soffrais taõ fea creatura; e assim com grande vergonha, meu Deos, me restituo á vossa vista, pois sendo nada por mim mesmo, o mais feyo por minha culpa, o mais torpe por condiçaõ, taõ distrahido por malicia, taõ descuidado por costume, e taõ má cousa, meu Senhor, que naõ acho cousa possivel, por vilissima que a considero, com quem me possa comparar; sendo em fim a mesma maldade o mesmo asco das vilezas, e nojo aos mesmos vicios, hei de vir pôr me, meu Senhor, diante dessa formosura, dessa pureza, e Magestade, e dessa immensa perfeiçaõ, aonde naõ chega quanto he conceito, aonde pasma quãto he discurso, e aonde pára quanto he pasmo? Grande vergonha tenho, meu Senhor, de erguer aos vossos olhos a vista deste entendimento; e me vejo taõ confundido de ver qual sou, e qual vós sois, que fumindo-me pela terra, escondendo-me pelos mares, e encobrindo-me pelas nuvens, e fugindo dos mesmos Ceos, me vou a metter nos abysmos do nada, q̃ fuy ha taõ pouco; e naquelle escuro cantinho do que hei de ser taõ cedo, buscando em todas as creaturas aquella parte mais escusa, e o retiro mais ignorado dos segredos, mais escondido das fadigas da natureza, onde me furte ao meu bem todo, a troco de que naõ vejais as minhas manchas, e fealdades, faltas, defeitos, e torpezas. Mas que importa, amor da minha alma, esta lida dos meus desmanchos, esta doudice do meu despejo, este medo dos meus delictos, se todas essas creaturas me dizem ja que me naõ cance, nem perca o tempo em vos fugir, que podendo melhor empregá-lo, em q̃ este pejo descoberto seja preço do delinquido, e esta vergonha apparecida amor pareça declarado? Ja pois, meu Deos, e meu Senhor, naõ me affligo por vir aqui, affligo-me só de naõ ter tantas almas, como saõ as creaturas, para que todas envergonhadas do mal, q̃ eu vos corresponde, no sentimento do seu mal negociassem o seu bem, e na confissaõ

fiſſaõ dos ſeus erros deſcobriſſem o voſſo perdaõ. Dizem-me todas as creaturas que eſtais em todas, meu Senhor, naõ ſó por aquella preſença, com que aſſiſtis a quanto ha; naõ ſó por aquella potencia, com que reynais em quanto foy; ſenaõ tambem por aquella eſſencia, com que dais ſer a quanto ha. Todas de vós, meu Senhor, ſahiraõ; todas em vós, meu Deos, eſtaõ: em vós começaõ, em vós duraõ, em vós ſe aquietaõ, e ſe movem, em vós ſe eſtendem, e ſe augmentaõ: nellas parece, meu Deos, que vos eſtais repreſentando na meſma fórma que ellas tem, do meſmo modo que ellas ſaõ, nas perfeiçoens, com que nos paſmaõ, na variedade, com que alegraõ, e em huns Naõ ſei quès, com que admiraõ, com hum ſegredo taõ profundo, e taõ difficil de explicar-ſe, que a viſta o olha, e naõ o alcança, a mente o goſta, e naõ o explica, a lingua o ſente, e naõ o diz! De cada pedra, meu Deos, ſei que me eſtais como eſpreitando, de cada herviñha me eſtais vendo, de cada flor, de cada folha namorando-me, e commovendo-me, de cada onda, e cada Eſtrella admirando-me, e attrahindo me; de cada ave, e cada nuvem confundindo-me, e deleitando-me; e em fim, de todas como olhando ſe vos procuro, ou ſe vos deixo: como eſpreitando, meu Amor, ſe vos ſuſpiro, ou ſe me eſqueço: como eſperando, meu bem todo, ſe vos abraço, ou me deſvio: como obſervando, meu Creador, ſe vos bendigo, ou vos offendo; e finalmente perſuadindo-me que vos ſirva, e naõ vos aggrave; que vos louve, e me naõ deſcuide; que vós buſque, e naõ deſcance, que converſe com os voſſos olhos, que goze das voſſas preſenças, que aperte muito eſtes abraços, pois vós em todas me moſtrais, que eſtais correndo para mim, que tendes goſto de me ver, que vos dá gloria o meu louvor. Oh afflija-ſe, meu Senhor, afflija-ſe muito a minha alma com o delicto dos Naõ queros, com a malicia dos Naõ ouço, com a deſculpa dos ſeus logos, com a promeſſa do Ja vou, com as pirguiças do Inda naõ! Derrame-ſe toda a minha alma, eſtenda-ſe eſte meu eſpirito por todo o ambito dos Ceos, por todas as partes da terra, pela circunferencia dos mares, e por toda a regiaõ dos ventos: e dilatado em voſſa viſta por todo o cerco deſte mundo, e finalmente ſubmergido no fundo pégo de vós meſmo, aqui me pare, e vos abrace, deſejando muito determe; alli me corra, e me reprehenda, porque em as outras vos naõ ſigo; e em todas ande como doudo, por naõ perder-vos em

em nenhuma. Oh admiravel! oh ſupremo! oh ſoberano Senhor meu!

VOZ DE DEOS.

FIlho, eu ſou manſo, e humilde de coraçaõ: ſe queres ſer meu filho, e parecer meu diſcipulo, haja em ti ſempre huma manſidaõ, com que a todos roubes os animos, e huma taõ profunda humildade, que paſmem todas as creaturas de ver-te a todas ſubmettido, naõ ſó por quam vil couſa es, mas por meu amor; pois eu, ſendo Deos, por teu amor me metti debaixo dos pés dos peccadores, e ainda agora andando nas pennas dos ventos, e tendo throno ſobre as nuvens, tambem ando debaixo dos teus pés.

FAISCA XXI.

Dum commoventur pedes mei, ſuper me magna locuti ſunt.
Pſal. 37. 1.

Suſpiro do Peccador.

SOberano Creador meu, principio, e fim do meu amor, gloria, e ſuſpenſaõ da minha alma, aonde, aonde hey de abater-me? em que parte poſſo ſumir-me? de que maneira anniquilar-me, que poſſa ſer humilde termo, reverente veneraçaõ, conhecimento primoroſo, e decoroſa ſubmiſſaõ a taõ excelſa Mageſtade, a taõ ſuprema Omnipotencia, e a grandeza taõ infinita? Se pois, meu Deos, quando eſtais nos Ceos, e ainda eſtando aqui cõmigo, naõ me baſta até os abyſmos a mais profunda reverencia; porque he curta infinitamente toda a decencia a quem vós ſois: que hei de fazer, Creador meu, para eſtar na voſſa preſença de modo, que pareça humilde, ſe na meſma terra que pizo, ſe até debaixo dos meus pés vos acho ſempre, meu Senhor, por mais que, querendo proſtrar-me a eſſa Divindade infinita, fura ligeiro o penſamento a terra, o mar, os Ceos, e o mundo? e por mais que álèm deſſes Ceos atraveſſo os longos eſpaços, que a imaginaçaõ conſidera, e finge a eſfera do diſcurſo? pois ſem q̃ nunca tome pé em voſſa grandeza infinita, vejo debaixo dos meus pés eſſa preſença ſoberana, e eſſa infinita immenſidade, que ſendo mais, que quanto he, e excedendo quanto naõ ha, penetra o mar, occupa a terra, tranſcende os Ceos, traſpaſſa o mundo; e paſſando daquellas metas, que ficaõ álèm do admiravel, ſe põem álèm dos Non plus ultras, que ſaõ as rayas do poſſivel, e começando deſte ponto, onde parece acaba tudo, tanto mais ſóbe, e ſe traſluz

dos

dos olhos das Aguias Angelicas; taõ longe corre, e ſe transmonta da viſta dos humanos linces, que perdendo-a ſempre de viſta os mais ſubidos Cherubins, lá para onde ninguem olha, lá eſtá onde ninguem chega, lá fica onde ninguem cuida! Neſte pégo de admiraçoẽs, neſte paſmo de maravilhas, onde me embebo, e me çoçobro, buſcando parte, em que vos faça algũa breve reverencia, me vou metter, para ver ſe poſſo fugir com os pés daquellas partes, em que eſtais deitado aos meus pés! Fujo com os pés, meu Creador, buſcando meyos de humilhar-me, e de naõ ver-vos deſſe modo, com que, meu Deos, eſtais cõmigo: deſejo ter-vos nos meus braços, pôr voſſos pés na minha boca, trazè-los na minha cabeça, e mettè-los no coraçaõ; mas naõ, meu Deos, pôr os meus pés, ſendo eu huma terra vil, ſobre o lugar aonde vos acho, e em parte, aonde, meu Senhor, naõ eſtais como eu deſejo. Niſto ſe desfaz a minha alma, o diſcurſo ſe me eſtremece, o meſmo deſejo ſe encolhe, acanha-ſe a meſma vontade, e a reverencia ſe me afflige: pois a humildade naõ conſente, a adoraçaõ naõ ſe accõmoda, e a razaõ naõ ſe perſuade, e menos o amor ſe aquieta. Por iſto, Deos, e Senhor meu, fujo com os pés da meſma terra, que pizo quando vos contemplo, para que nella vos naõ pize com deſcortez deſattençaõ, como ſe no ar onde os ponho, ou nos lugares onde os finjo, vós, meu Senhor, naõ eſtivereis! Procuro logo, meu Creador, com proſtradas veneraçoens pôr a boca naquellas partes, onde de antes puz os pés, para moſtrar que pertendo adorar voſſa preſença, reſpeitar voſſa Mageſtade, e agradecer a voſſa viſta; e vendo-vos em toda a parte poſto a meus pés, e mais humilde, ſem ſaber a alma o que faça, para vos fallar abatida dentro de ſi anda ſumindo-ſe, anniquilando-ſe, e desfazendo-ſe: e eu, meu Senhor, dentro de vós, como homem fóra de ſi! Ando, meu Deos, beijando a terra, abraçando os ares, e as ſombras, correndo os Ceos, ſulcando as nuvens, até que de cançado neſta ſuaviſſima fadiga, neſte doce deſaſſocego, eſmorecendo-me por vós, me deſmayo dentro de mim! quando torno em mim, me acho logo junto de vós; pois ſe he na cama, me cubris, ſe na meſa, me regalais, ſe no caminho, me guiais, ſe no eſtudo, me enſinais, ſe na tentaçaõ, me acudis, ſe na culpa, me reprehendeis, ſe no pezar, me conſolais; e finalmente, em toda a parte, em todo o tempo, em toda a couſa naõ cego os olhos ſem vos ver, naõ abro a

boca

boca sem me ouvirdes, naõ movo a maõ sem vós sentirdes, naõ bulo pé sem me guiardes, nem dou passo sem me seguirdes! Mas, oh meu Deos, que muito he isto depois de ver que he impossivel haver creatura, ou cousa alguma aonde naõ estejais! Estai pois, Deos, e Senhor meu, estai presente a quanto faço, a quanto cuido, a quanto digo; porque se vós me naõ deixardes, he certo, Amor da minha vida, que nunca vos deixarei eu, por favor da vossa bondade, por força de vossos impulsos, e beneficio de vossa graça; a quem só quero, e procuro, a quem só amo, e só adoro, e espero em vós de amar sempre, ou sem outro fim, mais que vós por toda a eternidade.

VOZ DE DEOS.

FIlho, para me amares como eu quero, e agradar-me mais altamente, muito te falta por fazer, muito tens que andar, e muita altura a que subir: para isto te he necessario que examines bem o motivo que tens em todas tuas obras; porque se em todas naõ te houveres puramente por minha gloria, sendo por mim tudo o que fazes, para mim tudo o que procuras, e só em mim tudo o que queres, naõ chegarás á perfeiçaõ. Por amor de mim puramente seja o que cuidas, o que obras, o que queres, o que possues, o que naõ tens, e o que tiveres, o que te alegra, e entristece, e chegarás cõmigo ao monte de Siaõ por pura intençaõ.

FAISCA XXII.

Actiones nostras, quæsumus Domine, adjuvando prosequere, &c. Or. Eccles.

Suspiro do Peccador.

QUe miseraveis, meu Senhor, que nescios, que pobres, que enganados vivemos todos os humanos, que sem a luz de vossa graça, sem o lume do vosso espirito, e sem a vista interior de vossos suaves avisos arrastamos por este valle de amarguras, e de miserias a vida apoz da vossa offensa; a alma em busca do seu damno, os olhos seguindo o seu erro, e o mesmo espirito contrito em mil nevoas desalumbrado! Conheço agora, meu Jesu, por favor do vosso auxilio, que atégora vivi sem luz, enganado do mesmo espirito, que sem pureza vos buscava, e sem aviso vos servia. Meu Deos, que cavillosa nos ceva, e arma a natureza! que finamente se trasluz o véo dourado da malicia! que agudamente se nos desmente todo o veneno da vaidade! Bebemos todos

todos o veneno, porque se dá como thriaga, abraçamos a culpa, porque tem rosto de virtude, cahimos no laço da offensa, porque se veste de bondade: sem que de viscos taõ occultos se acautele o mesmo receyo, sem que de laços taõ custosos se desenrede o desengano, sem que de taõ mortaes venenos se aborreça o mesmo desvio. Que de vezes, meu Creador, quiz agradar-vos contra a gula, e atraiçoada a natureza em trajes de necessidade me introduzio a demasia? Quantas vezes com falso espirito vos quiz louvar pelos sabores, e disfarçado entre os louvores me fez abraçar o appetite? quantas vezes indo a humilhar-me na memoria de meus peccados, se me fazia tentaçaõ o que começava em virtude? quantas vezes por encobrir algum thesouro, que me daveis, disfarcei a vida, e o espirito, e fuy metter-me entre os peyores, para me terem por hum delles, e despenhando-me a malicia nos riscos, que me doura va, sahia peyor que nenhum? quantas vezes por me naõ terem por singular em o cõmum, me distrahi entre os melhores? quantas vezes a lingua nescia reprehendendo algum com vaidades de discreta, fez vaidade de entendida? quantas vezes se ostentou muda, tendo por justas humildades naõ dizer o que fora aviso? quantas vezes fallar de vós foy o meu fim, para que alguns em outra cousa naõ fallassem? e quantas, Senhor meu, mortificado eu quiz ser exemplo, e por aqui abrio a vangloria para as ruinas o caminho? Mas tudo isto naõ he nada, pois em fim via claramente a culpa, que depois sentia, e o damno que logo chorava; mais álèm deitou a malicia a barra nas mesmas tençoens: mais subio o meu erro, por dar-me a queda de mais alto: pois quando eu cria que pezava com o Astrolabio da oraçaõ o mesmo Sol no meyo dia: quando cuidei que tinha fondado o fundo pégo da humildade: quando me persuadi que vencia as ondas do mar deste seculo: quando julgava que triunfava do temporal de todo o mundo, me achey no ar com azas de Icaro, no mar com barco de papel, na terra com bordaõ de cana. Pedia-vos, meu Creador, que fizesseis vossa vontade neste vilissimo bichinho, isto vos pedi muitas vezes, parecendo-me nesciamente, q̃ ja me tinha resignado, que o campo estava seguro, o inimigo vencido, o triunfo alcançado, e eu em fim todo resignado no vosso Divino beneplacito; mas oh que modo de enganar tinha este falso parecer! pois tendo-me em conta de Cervo, com pés leves ja me estendia pelos montes, suspeitan-

peitando-me quasi Aguia queria ja passar as nuvens, sem olhar naquelle subir que a ligeireza do meu juizo foy cegueira, que ao mais veloz das minhas azas a liviandade fingio voos. Buscava eu nisto a minha gloria, e naõ a minha negaçaõ: negociava o meu interesse, e naõ, meu Deos, a vossa gloria. Tambem queria, Senhor, deixando a vossa Humanidade, metter-me só na Divindade, persuadido a que era impossivel unî-las em hum só conceito, desejá-las por hum só suspiro, amá-las em hum só objecto, e louvá-las em huma admiraçaõ; mas oh que engano taõ soberbo! oh que ignorancia taõ rebelde de minhas falsas humildades! fugir de vós, meu Redemptor, sem quem no Ceo naõ posso entrar, se primeiro me naõ unir: sem quem a mesme Divindade se naõ acha depois de unida, e com quem se unio por prender-me nos grilhoens de vossa justiça, depois de atar-me a essa Cruz com os braços da misericordia.

Acto de resignaçaõ voluntaria, com que todo se ponha nas maõs de Deos o Veneravel Padre.

MEu Deos, assim como vós mandado pelo Eterno Padre a redemir o mundo naõ tivestes outra vontade mais que a sua, assim eu creado por vós para vos amar, naõ quero ter outra vontade mais que a vossa. De tudo me despeço, e esqueço voluntariamente, pertendendo em todas as cousas a vossa honra, e a vossa gloria, e q̃ em tudo se cumpra em mim a vossa santa vontade. Este he o meu intento, e o meu ultimo fim, naõ só na duraçaõ do tempo, mas na eternidade, igualmente para o mal, como para o bem; e vos prometto amar taõ indifferente, que assim no gosto, como na pena, na honra, como na injuria, na morte, como na vida, no inferno, como no Ceo prometto com vossa graça louvar-vos, dar-vos graças, e glorificar-vos Funda se o mũdo, caya o Ceo, e subverta-se a terra, nunca se mudará, meu Deos, esta vontade ultima, porque he vontade vossa. Taõ prompto me offereço para os trabalhos, e tribulaçoens, que mandardes sobre mim, como para as mayores consolaçoens, que podereis mandar: as quaes naõ peço, nem mereço, nem me convem querer, antes repugnar por quam indigno sou por minha vaidade, e pouca humildade. De todo o favor, e bem, como victima morta posta nos Altares, me ponho nas vossas maõs. Fio-me de vós, meu Deos, que sois a mesma verdade, e confiado nesta me arrojo, e entrego todo em vossa

vossa amorosissima misericordia, para que façais de mim o que mais gloria vos der: desejo, meu Deos, ser servo fiel nesta promessa, fazei vós que eu o seja, pois de vós nasce isto: se acabei isto comvosco, absoluto poder, e imperio vos dou no meu alvedrio, para que façais, e desfaçais, edifiqueis, e arruineis como vos parecer: sem reparar em se me levais por flores, ou por espinhos, por doçuras, ou amarguras; e em fim sem fazer-vos melhor rosto no bem, que no mal; mas só pondo o meu desejo no vosso beneplacito, o meu affecto no vosso serviço, o meu cuidado na vossa honra, e o meu gosto na vossa gloria.

Acto para mover á contriçaõ, que fazia, e ensinava o Veneravel Fr. Antonio para diante de hum Crucifixo.

MEu Deos do meu coraçaõ, dos meus olhos, da minha alma, da minha vida, das minhas entranhas, a quem eu tanto offendi: tanto, meu Deos, e Senhor, que naõ tem o mar arêas, o Ceo Estrellas, a terra flores, os livros letras, as plantas folhas, cujo numero naõ exceda, e vença infinitamente a multidaõ sem conto de meus peccados, a variedade sem numero de meus delictos. Pequei, Senhor, offendi-vos, fiz mal na face dos Ceos, e da terra. Sei que mereci o inferno tantas vezes, quantas pequei; e naõ sei como se naõ esconde de irado contra mim o Sol que olho, o Ceo que vejo: como me naõ foge debaixo dos pés a terra que pizo: como se naõ converte em fogo a agoa que bebo: como me naõ furta o folego o ar que tomo, e respiro: como se naõ murchaõ as hervas por onde passo: como naõ se armaõ contra mim todas as creaturas, que encontro, para se vingarem de mim, pois a todas aggravei quando pequei contra vós. Pequei, Senhor, affastei-me da vossa Ley, dei as costas á vossa graça, adorei a vossa offensa, fiz idolo da minha culpa, corri sem termo, nem pejo pelos caminhos do engano, da vaidade, e perdiçaõ taõ contente do meu damno, como se fora da alma remedio: taõ cego pelo meu mal, como se achara nelle a vós meu ultimo fim, a vós meu summo Bem.

Ah meu Deos! mas como vos chamo meu, se vos confesso, e conheço por Deos? Sendo este coraçaõ infinitamente máo, será bem que chame cousa sua a hum Deos infinitamente bom? Mas ah meu Deos! torno a dizer: meu sois, meu bom Jesus: aqui lustra mais a vossa bondade, onde

onde he mayor à minha maldade. Meu sois, porque sois meu Deos, meu Pay, meu Senhor, meu Creador, meu Redemptor, meu Salvador, e por isso vos vejo, e contemplo por meu amor vendido, affrontado, cuspido, açoutado, esbofeteado, ferido, crucificado, e morto por mim em huma Cruz. Mas que he isto, meu Senhor? Vós pendente de huma Cruz por amor de mim, e eu sem dor de vossas dores, sem pena de minhas culpas, vos deixo estar nessa Cruz? Vós com penas, e eu com culpas, vós com chagas, e eu com vida? Ah meu Deos, quanto me peza do muito que vos offendi! Peza-me, Senhor, do pouco, que me peza o muito que vos aggravei. Mais me peza pela grande ingratidaõ, com que vos tenho aggravado, que pelo grande inferno, que tenho merecido. Mas que digo, meu Senhor? Nada me peza, meu Deos: hum pezar, que me naõ tira a vida, naõ he pezar: hũa pena, que me naõ arranca esta alma, ainda naõ he pena: huma dor, que me naõ parte o coraçaõ, ainda naõ he dor. Quizera ter huma pena das culpas, que commetti, tamanha como as minhas culpas: quizera ter hũa magoa das offensas, que vos tenho feito, á medida das vossas offensas: quizera ter hũa dor igual á vossa misericordia: quizera com lagrimas de sangue, com rios de fel, com mares de lagrimas, cõ diluvios de fogo chorar meus grandes peccados mais pelo que tem de offensa, e aggravo contra vós, que pelo que tem de damno, e perdiçaõ contra mim: quizera que assim como no aggravo foy infinita a culpa, fora no arrependimento infinita a pena. Mas aonde, meu Deos, e Senhor, aonde, meu Divino Amor, aonde acharei esta pena, senaõ na fonte de vossa graça? Onde, senaõ no conhecimento de vossa bondade immensa, e de minha infinita culpa? Donde haõ de vir estas lagrimas, senaõ do mar de vossas misericordias? Onde acharei esta magoa, este pezar, esta dor, senaõ em vosso immenso amor, e em vossa piedade immensa? De vós veyo este desejo de me arrepender, de vós venha esta perfeita dor para me compungir, este firme proposito de nunca mais offender-vos, esta ardente resoluçaõ de eternamente amar-vos. Do mar vem a agoa, com que os penedos rebentaõ fontes, sendo por natureza duros, e seccos: venha pois, meu Deos, a este coraçaõ taõ secco, a este penedo taõ duro, venha agoa de vossa graça, desse mar de vossa clemencia, mar immenso, pégo sem fundo de bondade, e misericordia: lave-se, renove-se com ella esta taõ perdida alma: emende-se, e mude-se ja em outra

tra esta miseravel vida.

Aquí venho a vossos pés, naõ estranheis o quando, naõ repareis no tarde, naõ olheis o como, olhai sómente que venho. Venho a vossos pés, Senhor, vestido das fealdades de meus peccados, coberto das torpezas de minhas culpas, cheyo das abominaçoens, e vicios da minha vida. Aqui trago, meu Senhor, a corda ao pescoço, aqui arrasto os ferro de meus delictos, aqui finalmente trago os grilhoẽs de meus peccados, aonde a mesma culpa, com que vos fugi, foy Alcaide, que me prendeo, e carcere que me atou. Aqui venho, meu Redemptor, aqui vem esta pobre alma deformada da imagem de vossa formosura, e perdida a similhança de tal maneira, que nada diz o que ella se fez com o que vós fizestes nella. Oh que miseravel! oh que torpe! oh que abominavel que venho! mas como venho a vossos pés, confiado venho, meu Deos, de achar em vossa piedade amparo, em vossa clemencia refugio, em vossa bondade remedio, em vossa misericordia porto. Por isso tremẽdo de vossa justiça naõ me valho de outro seguro, mais que de vossa clemencia: naõ solicito outro abrigo, senaõ vossa misericordia; nesta me fio, meu Deos, porque ainda que eu por minha culpa perdi o ser de filho, vós, Senhor, infinitamente bom, naõ perdestes o ser, e condiçaõ, que tendes de Pay. Acabe pois em mim vossa graça esta obra, que começou em mim vossa piedade infinita; acuda vossa clemencia a esta miseravel creatura: tende dó, e compaixaõ desta pobre alma. Proponho cõ vossa graça de emendar a vida, confessar as culpas, perseverar na emenda, perdoar aggravos, esquecer de injurias, aborrecer meus vicios, restituir como posso, satisfazer, como devo, a vossos Mandamentos. Espero, Senhor, em vossa bondade infinita, que me haveis de perdoar todos meus peccados pela Morte, e Paixaõ de meu Senhor Jesu Christo: porque se nas suas Chagas tendes justiça para me castigar, tambem tendes misericordia para me favorecer. Misericordia, misericordia, misericordia.

Outro, e segundo.

REdemptor, e Salvador nosso, peccamos, e fizemos pessimamente diante de vossa vista, e do Ceo: incorremos em vossa ira, declinamos em nossa culpa; mas deste lodo, pó, e cinza, que podeis vós esperar? Que haveis de esperar, meu Deos, do homem gerado em corrupçaõ, nascido em culpas, e miserias, criado em sombras,

e ignorancias? Peccamos, Deos, e Senhor noſſo; e naõ tem arêas o mar, flores a terra, hervas o campo, que igualem de alguma maneira o numero de noſſas culpas: nem a ſerem as hervas fontes, as flores rios, nem a ſerem as ondas mares, igualaraõ ás q̃ os noſſos olhos deviaõ chorar arrependidos! Naõ merecemos que os Ceos nos amparem, e a terra nos ſoffra, que o Sol nos amanheça, e o dia nos torne á viſta: antes merecemos, meu Deos, que a terra ſe abra, e o inferno nos ſobverta: mas ainda aſſim, Redemptor noſſo, naõ pela pena dos infernos, que merecemos: naõ pela perda dos bens do Ceo, que nunca mereceriamos; mas por haver-vos offendido, nos peza muito de coraçaõ, e entranhavelmente nos peza das maldades, que commettemos, da cegueira com que nos apartámos de vós, e ainda nos eſquecemos de vós: por voſſa bondade, meu Deos, taõ querido dos Serafins, taõ adorado, e reſpeitado dos bons, dos Anjos, e dos Santos, taõ obedecido dos Ceos, e por vós taõ merecedor de que até no inferno ſejais ſervido, e até dos reprobos louvado. Peza-nos muito do coraçaõ, naõ pela pena do delicto, mas pela maldade da offenſa, e por voſſo amor, meu Jeſu. Mas naõ nos tira iſto a eſperança, que temos de nos perdoardes: porque ainda que nós cahimos na culpa, onde os caſtigos ſaõ juſtiça, vós naõ eſtais ſem a piedade, onde o perdaõ ſempre hè coſtume. Propomos com a voſſa graça de pôr emendas em noſſas vidas, e fiados neſſa bondade eſperamos de vós o perdaõ, naõ porque nós o mereçamos, mas pelos voſſos merecimentos: taõ pouco pelas noſſas lagrimas, mas ſómente pelo voſſo ſangue: naõ em fim por noſſa juſtiça, mas por voſſa miſericordia.

Outro, e terceiro.

REdemptor, e Creador noſſo, eu ſou aquelle ingrato ſempre, em fim aquella humana vibora, aquelle bruto, e naõ filho, aquelle penedo, e naõ homem, que a ter de vibora as entranhas, nunca foraõ taõ venenoſas, que a ter dos brutos a fereza, nunca pudera ſer mais bruto, que a ter de pedra o coraçaõ, nunca chegara a ſer taõ duro. Sou aquelle homem fementido, aquelle marmore com alma, aquella alma ſem razaõ, e aquella razaõ ſem uſo, q̃ da voſſa meſma juſtiça cheguei a fazer paciencia, pois para ſer miſericordia ſe fez cõmigo ſoffrimento: ſou aquelle bronze com vida, que da voſſa miſericordia tenho ja feito a voſsa injuria, pois de tantas maldades minhas

a quiz

a quiz fazer consentidora, e de tantos vossos favores naõ tenho feito a minha emenda. Pequei, fiz mal, eu o confesso. Pequei, meu Deos, e meu Senhor, contra vossa bondade immensa, sou por isto merecedor de todas as penas do inferno, e de estar por minhas maldades, abominaçoens, e delictos nas eternas chãmas do abysmo para todo o sempre dos sempres. Eu mesmo me dou a sentença, e me julgo indigno, meu Deos, de alcançar o vosso perdaõ, e de usardes de misericordia com taõ pessima, aborrecivel, e abominavel creatura: mas ainda que excedem as culpas todos os termos da piedade, todo o modo da razaõ, vossa piedade he sem limite, vossa bondade naõ tem termo, usai pois de misericordia.

Justo he, meu Deos, o condenar-me, mas naõ o permittais, meu Senhor, que para me salvar a mim vos deixastes affrontar a vós. Por ventura, meu Creador, tereis mais gloria de ver-nos nas penas do inferno, q̃ na eterna Bemaventurança? Quem vos ha de louvar no inferno? Tereis gloria disto, meu Deos? Tereis; porque a pena dos máos he gloria de vossa justiça; mas naõ me podereis negar q̃ naõ ha de ter gloria disso essa vossa misericordia. Quaes nós eramos nos quizestes, pois sendo nada nos creastes: quaes nós somos nos soffreis; e pois sendo máos nos dais a vida, naõ seja isto, meu Senhor, para mayor condenaçaõ. Peza-me muito da minha culpa, de me haver de vós apartado, e mais de haver-vos offendido. Se pois todas vossas entranhas naõ saõ mais que misericordias, como naõ ha de atravessar-vo-las, ver entre os lobos infernaes estas perdidas ovelhinhas, sem que o ballido menos brando vos naõ rasgue o coraçaõ com essa natural piedade, que excede infinitamente toda a humana maldade? Prometto cõ vossa graça emendar-me, e confessar-me de minhas culpas, e em satisfaçaõ dellas vos peço que acceiteis vosso sacratissimo sangue; no qual confio que todos meus peccados me seraõ perdoados.

Para pedir perdaõ a Deos de culpas sem advertẽcia.

Acto de amor de Deos.

MEu Deos, e meu Senhor, naõ estejais mal cõmigo, porque me dá tamanha pena naõ suspeitar-me em vossa graça, q̃ antes quizera mil infernos, se me sentira bem comvosco, que estar no Ceo, e hum só instante ver-vos irado contra mim. Apartai, meu Deos, apartai desse rosto cheyo de gloria a ira,

com que me affligis, e a turbaçaõ, com que me olhais: naõ haja neſſa formoſura, aonde os Anjos ſe revem, tantas carrancas apoſtadas contra quem vos quer mais que a ſi. Naõ ſe agaſte contra mim a voſſa manſidaõ, pois naõ foy minha tençaõ aggravar-vos, Padre, e Deos meu. Naõ pois, meu Deos, deſauthorize o voſſo rigor a Mageſtade em hum bichinho taõ pequenino, que ainda a ſi meſmo naõ ſe enxerga: contra quem naõ ſoube o que fez: contra quem antes ſe matara, e ſe fizera em mil pedaços, que aggravar-vos por ſua vontade: naõ ſe ponha voſſa bondade a ſe eſquecer do que foy ſempre.

Actos de Contriçaõ.

MEu Deos, e meu Redemptor, por ſerdes vós quem ſois, e porque vos amo, e eſtimo ſobre todas as couſas, me peza de todo o coraçaõ de vos haver offendido: proponho mediante voſſa graça minha emenda; e eſpero de voſſa miſericordia minha ſalvaçaõ.

Amantiſſimo Jeſu, Senhor dos Ceos, e da terra, Creador, e ſalvador meu, por ſerdes vós quem ſois, infinitamente bom, e porque deveis ſer amado ſobre tudo o que ſe póde amar, me peza de todo o coraçaõ de vos haver offendido: prometto com voſſa graça a emenda de minha vida; e diſpoſta com voſſa ajuda a ſatisfaçaõ de minhas culpas, eſpero em voſſa infinita miſericordia a ſalvaçaõ de minha alma.

Affectos.

O' Meu querido Eſpoſo, luz de meu entendimẽto, ſuſpendei o rigor de voſſa juſtiça, e uſai cõmigo, miſeravel peccador, das grandezas de voſſa piedade. O' coraçaõ ingrato: ó olhos cegos, deſpertai, vede ao noſſo Deos com o grave pezo da Cruz de voſſas culpas.

O' Pay Eterno, ó Sabedoria infinita, enſinai-me a ſeguir, e ſentir eſtes paſſos de voſſo Unigenito Filho meu querido Senhor Jeſu Chriſto, a quem ſó buſco, ſó adoro, e ſó deſejo ſervir de todo o meu coraçaõ, pois ſó elle he digno de ſer amado.

Eſpirito Santo de vida, daime luz para que ſaiba ſentir minhas culpas, e arrepender-me dellas, e com huma dor, e fé verdadeira ſiga as pizadas deſte ſoberano amante, e Senhor de minha alma, a quem peço me ajude a deſterrar de meu coraçaõ tudo, o que naõ for para louvor, e ſerviço ſeu. Amen.

Oraçaõ ao coraçaõ de Chriſto.

O' Amoroſiſſimo Senhor meu Jeſu Chriſto, peço-vos pelo ardentiſſimo amor de voſſas divinas entranhas, e pelas anguſtias de voſſo traſpaſſado coraçaõ humano, q̃ imprimais meu coraçaõ em o voſſo crucificado, e o enchais de perfeitiſſima caridade, a qual acabe totalmente, e conſuma todo o amor, que tenho a mim meſmo, e ás creaturas, e a tudo o que naõ ſois vós: para que com a ſetta de voſſo abrazado amor tanto me fira, e accenda, que vos ame, meu Senhor, com toda a alma, e com todos meus ſentidos, e minhas forças todas; puramente por voſſa bondade immenſa, naõ por retribuiçaõ, ou premio, mas ſó por voſſa honra, e porque ſois digniſſimo de que ſem outro fim vos ame, e louve, e obre, e padeça por vós grandes couſas. Dai-me, Senhor, que com infinitos, e abrazados deſejos, e oraçoens, e com perfeita negaçaõ de mim, e amoroſa uniaõ comvoſco, a vós ſem ceſſar ſuſpire, clame, bata, e buſque: e ſempre vos ache, meu Deos, até que transformado em vós, fazendo-me comvoſco hum eſpirito, fiquemos perfeitamente unidos. Dai-me, que com a meſma caridade ame a todos meus proximos, e por amor de vós muito mais que a mim: dai-me huma grande firmeza, e perſeverança naſcida de forte animo, com a qual em hũ continuo deſejo de aproveitar-me olhe em o eſpelho de voſſa ſantiſſima vida, aonde vendo meus erros paſſados, minha froxidaõ preſente, meus perigos futuros, com continuo exame de minha vil conſciencia, e miſeravel vida, emende as torpezas de meu corpo, e as miſerias de minha alma; e com novo fervor, mediante voſſa graça, paſſe por agoa, e fogo, e vos ame até o fim. Amen.

Oraçaõ.

IMmẽſo pégo de amor, abyſmo eterno de belleza, ſobre-admiravel maravilha, ſobre-infinita Mageſtade, mar de ardentiſſimas perfeiçoens, formoſiſſima immenſidade de Omnipotencia, e formoſura de bondade, e ſabedoria, quando, quando ſerá o dia, que profunda, e intimamente encerrando-me dentro de vós, me verei todo rodeado, trãsformado, ſubmergido, alagado, abſorto, e entranhado neſſe Oceano de Divindade! Quando, quando me derreterei neſſe ardente abyſmo de chammas, e desfeito todo em amor, naõ acharei nada de mim, mais que o ſentir que

naõ sou nada, e que vós, meu Deos, sois tudo? Abri pois, abri, meu Jesus, esse Reyno de resplandores, esse Ceo de suavidades, esse naõ sei de admiraçoens, esse álèm de tudo o que he bello, superior a tudo o creado, e fóra de tudo o sabido, para que em vós ja transformado, e convertido totalmente a vós, vos ache só em tudo, e tudo veja cheyo de vós o que em vós se move, e sustenta. Oh se eu pudera, meu Senhor, amar-vos como mereceis, essa fora a minha gloria! naõ desejo outra bemaventurança, nem desejo outro bem no Ceó, nem na terra.

Advertencias para os Missionarios, que deixou escritas, mas naõ acabadas, este grande, e Apostolico Missionario.

PAra que todas nossas accoẽs, obras, palavras, e pensamentos comecem, e acabem em Deos, que he nosso primeiro principio, e ultimo fim, e para que em tudo tenhaõ por motivo, e fundamento a sua gloria, e honra, e depois a nossa salvaçaõ, e a das almas alheyas, a primeira cousa, que faremos em nos levantando cedo, será pormo-nos na presença de Deos, invocar o Espirito Santo, e ter meya hora, ao menos, de Oraçaõ mental, cuidando na Vida, Morte, e Paixaõ de nosso Senhor Jesu Christo, que com tanta sede da salvaçaõ das almas veyo padecer ao mundo: e lhe pediremos luz, e graça, para empregar-nos no mesmo officio, imitando o quanto nos for possivel com a divina ajuda. Assim o fazia S. Francisco Xavier, que ao menos tinha meya hora de Oraçaõ cada dia, meditando na Paixaõ de Christo.

Na Oraçaõ examinaremos sempre estes tres pontos. Primeiro, com que fim, e motivo nos pomos na presença de Deos, e andamos no officio de Missionarios, se he puramente por gloria, e honra de Deos, e zelo da salvaçaõ das almas. Segundo, com que proposito de naõ commetter qualquer peccado. Terceiro, com quãto amor de Deos, e do proximo.

Depois, se naõ houver muito aperto de confissoens, se rezará das cinco horas da manhaã por diante o Officio Divino até Noa com devoçaõ, attençaõ, e pausa possivel, fazendo por estar com o espirito em Deos, a quem temos sempre em nossa presença: e depois iremos ás confissoens.

Se houver grande concurso de gente, que se confesse, desde as cinco horas iremos para os Confessionarios, ou a dizer Missa primeiro que nos ponhamos nelles, e alli se estará ao menos

nos até o meyo dia; em cada huma das almas, que se chegarem a nós, considerarемos que está Christo crucificado, ou que as vemos mettidas no coraçaõ de Christo, e que este Senhor as quer salvar, e para isto nos dá suas vezes, e poder, e que com seu sangue, e morte as veyo redimir: para que (consideraçaõ, que fazia S. Francisco de Sales) com grande caridade, e paciencia as curemos, e confessemos. E quem naõ tem estas duas virtudes, naõ he capaz de andar na Missaõ.

Em todo o tempo fujaõ como do demonio de dizer galãtarias, e ociosidades, naõ só porque, como diz Christo, de toda a palavra ociosa se ha de dar conta em juizo, senaõ porque, como diz S. Bernardino, as zombarias, que nos seculares saõ galantarias, na boca dos Sacerdotes saõ blasfemias. Diante dos seculares se falle sempre em cousas de edificaçaõ, que causem horror ou façaõ devoçaõ, confundindo os com a modestia, que deve ser manifesta a todos; e com santa mortificaçaõ de olhos baixos, maõs cruzadas, como quietos, e sem movimentos; porque destas vistas ficaõ reprehendidos, e interiormente edificados. Muitas pessoas de vida estragada, e dissoluta se moveraõ á penitencia, e á confissaõ, vendo sómente a S. Pedro de Alcantara, e a meu Padre S. Francisco, a Santa Catharina de Sena, e outros Santos; e tem notavel força a compostura exterior dos Servos de Deos para a conversaõ dos peccadores: álém de que he ordinario final da presença de Deos, a compostura interior.

Naõ fallem nos Sermoens, nem bons successos das Missoẽs, porque ainda que de tudo isto dem gloria a Deos, lá no fundo da alma fica algũa complacencia de termos feito alguma cousa. Naõ nos mostremos muito alegres cõ estes bons successos, pois em outros similhantes disse Christo a seus Discipulos, vindo de fazer milagres, que vira a Satanaz, como hum relampago cahir do Ceo: dando-lhes a entender, que folgando de brilhar, e luzir nas cousas do Ceo com hũa occulta, ou clara complacencia de nós mesmos, vimos a cahir. Convem mais entristecer-nos do mal que somos Ministros de Deos, e dispenseiros de sua misericordia, dizendo, e sentindo, como Apostolo, que naõ temos feito nada, e somos servos inuteis. Sintamos, e corramo-nos de que no mesmo lugar, e successo, em que ficaraõ outros aproveitados, talvez nós ficariamos cahidos, e sem o possivel aproveitamento.

VIA SACRA
ORDENADA, E ESCRITA pelo Veneravel Padre.

I. CRUZ.

CONSIDERA, Alma, que esta primeira Estaçaõ significa a casa de Pilatos, onde nosso Senhor Jesu Christo foy cruelmente açoutado com varas cheyas de espinhos, e com asperas cadèas, cujas pontas eraõ abrolhos de ferro, que feriaõ, e rasgavaõ até os ossos seu santissimo, e delicado corpo, sem haver nelle parte alguma, que com o rigor dos golpes naõ ficasse em chaga viva: para que assim como todo o corpo mystico do seu povo estava chagado da culpa, assim seu corpo santissimo, que por elle satisfazia, desde a planta do pé até a cabeça fosse chagado da pena.

Oh Magestade dos Ceos! Oh alto, e poderoso Senhor do mundo! que amarrado a huma columna, como se foreis ladraõ, ou escravo vil, soffrestes ser açoutado taõ cruelmente, sem q̃ no meyo dessas penas tomasseis por alliviq̃ hum ay, nem por desaffogo hum suspiro! Peço-vos, meu Senhor da minha alma, que por esse cruel tormento me chagueis este coraçaõ taõ duro cõ o amor, e compaixaõ dessas chagas; e imprimais nelle vossa paciencia, para que sem queixa nas dores, sem vingança nas injurias, vos imite, e acompanhe toda a minha vida atado a hũa columna firme da memoria de vossas chagas. Amen.

Feita huma pequena pausa, diga o Ministro, e guia da Via Sacra: Arrepende-te peccador de teus horrendos peccados por serem commettidos contra teu Deos, e Senhor. Considera que te está dizendo: Alma, mais me atormentaõ tuas culpas, que minhas chagas; o que em ti saõ deleites, saõ em mim açoutes: naõ me açoutes com teus peccados, antes muito dorido delles arrepende-te, peccador, e dize: Senhor, pequei, tende misericordia de mim: peza-nos do que nos peza, tende misericordia de nós.

Dito isto, beijaraõ todos a terra,

ra, e então dirá quem ler em voz alta: Bendita, e louvada seja a Paixaõ de nosso Senhor Jesu Christo, e sua Bendita Mãy. Amen. Logo se erguerãõ, e proseguirãõ suas Estaçoens, rezando no caminho de cada huma seis Padre nossos, e seis Ave Marias pela tençaõ dos Sũmos Pontifices, que concedem as Indulgencias: acabando na mesma fórma todas as Estaçoens; e chegando á segunda dirá.

II. ESTAC, A M.

COnsidera, Alma, que esta segunda Estaçaõ, que consta de vinte passos, representa o lugar, onde leraõ a Christo Senhor nosso a sentença de morte de Cruz, que dizia: Justiça, que manda fazer Poncio Pilatos em Jesu de Nazareth, por ser malfeitor, e amotinador do povo: manda que no monte Calvario seja crucificado entre dous ladroens. Aqui tirando-lhe a purpura, e as mais insignias de Rey, excepto a coroa de espinhos, que lhe haviaõ posto por zombaria, e escarneo, o vestiraõ de suas proprias vestiduras, e em lugar da canna oca, que lhe tiraraõ das maõs, lhe puzeraõ em seus delicados hombros o pezado lenho da Cruz: e para q̃ fosse reputado por malfeitor, e ladraõ, o levaraõ entre dous, como se fora o peyor de todos. O' Rey dos Ceos, e da terra, que em figura de ladraõ ides representando o engano, e cegueira deste mundo, tempo he ja de que eu me dispa dos vestidos, e habitos de meus horrendos peccados, costumes, e vicios, e que me vista de vós mesmo, para que tornando em mim do desejo de vaõs applausos, ame, meu Deos, os proprios desprezos, e imitando-vos na vida, vos acompanhe na gloria.

O' Alma minha, vè que cada vez que peccas, sentenceas á morte a teu Senhor Jesu Christo, e lhe poens huma pezada Cruz ás costas: vendo a teu Deos affrõtado, como queres honras! vendo a gloria do Ceo cheya de penas na terra, como queres gostos! O' Padre Eterno, permittis que vosso santissimo Filho seja castigado como ladraõ, e que sendo eu o que pequei, seja elle o que padece! Oh immensa caridade, q̃ assim consentis que seja castigado o Filho, para reconciliar comvosco este vil escravo! Arrepende-te peccador, de teus peccados, por serem cõmettidos contra teu Senhor Jesu Christo: dize-lhe com grande dor: Senhor, pequei, &c.

III. ESTAC, A M.

COnsidera que esta terceira Estaçaõ significa aquelle lugar, onde indo o Senhor com a Cruz

a Cruz ás costas fuando, e regando a terra com seu precioso Sangue, angustiado, e afflicto cahio mysteriosamente em terra debaixo da sua Cruz.

O' amorosissimo Jesus, que como cacho espremido debaixo desse madeiro verteste rios de Sangue; me mostrais cahindo o pezo que tem meus peccados, pois fizeraõ cahir por terra quẽ tem nas maõs o Ceo, e o mundo: dai-me, Senhor, naõ só a conhecer o pezo, mas a sentir a gravidade de minhas culpas, para que, com hum grande pezar de havè-las commettido, satisfaça o pouco pezar, com que vos tenho aggravado.

O' alma minha, se o pezo de teus peccados fez cahir o mesmo Deos por terra, que muito he, se naõ te arrependes, que te façaõ cahir no inferno!

Arrepende-te, peccador, &c.

IV. ESTAÇAM.

COnsidera que significa esta Estaçaõ o lugar, onde seguindo ao Senhor grande tropel de gente, naõ tanto por seguí-lo, como por perseguì-lo huns por odio para crucificá-lo: outros para escarnecè-lo: outros ainda por curiosidade de espectaculo taõ novo: nenhum para adorá-lo; ainda que alguns por compaixaõ natural, que tinhaõ do seu tormento: vendo o Senhor que humas piedosas mulheres o acompanhavaõ chorando, virou para ellas, e disse-lhes: Filhas de Jerusalem, naõ choreis minhas penas, chorai por vossas culpas; porque se o Filho de Deos innocente padece estes castigos na terra pelos peccados alheyos, que padecerá o peccador no inferno pelos peccados proprios!

O' piedosissimo Jesus, immensa caridade, que como esquecido de vossos trabalhos, quereis que choremos os nossos, especialmente os daquelles, que se naõ aproveitaõ da vossa morte, e Paixaõ, para alcançarem eterna vida; se assim vos virais para as lagrimas, que por compaixaõ das penas se vertem, quanto mais vós virareis para as lagrimas, que com dor das culpas se choraõ! Dai-me, Senhor, tanta dor de meus peccados, que sejaõ meus olhos fontes de lagrimas, para que paguem chorando os males que fizeraõ, vendo o que era offensa vossa.

O' alma, para que naõ chores por toda a eternidade, agora convem que chores: chora, que te naõ impede Deos que chores sua Paixaõ, mas quer que primeiro chores a causa, que saõ teus peccados, e a perdiçaõ das almas, que naõ choraõ seus delictos. Chora pois, e se te naõ move a chorar teus peccados o muito, que teu Deos pade-

padece por elles, mova-te ao menos o muito que tu padecerás, se te não aproveitares do que elle padeceo. E se sabes que es devedor á Divina justiça, treme de não saberes se alcançarás a Divina misericordia.

Arrepende-te, peccador, &c.

V. ESTAÇAM.

COnsidera que esta Estaçaõ significa aquelle lugar, onde, como piamente se crè, a Virgem Senhora nossa, ouvida a triste nova de ser condenado á morte seu innocentissimo Filho, lhe sahio com excessiva dor ao encontro na rua da Amargura, e vendo-o taõ desfigurado, ensanguentado, e dolorido, considera qual ficaria o seu coraçaõ santissimo; se as filhas de Jerusalem choraraõ tanta lagrima, vendo a Christo Senhor nosso, naõ o tendo mais que por Santo; que sentiria, e choraria a Virgem Senhora por seu Filho, que amava por Filho de Deos, e Deos verdadeiro.

O Virgem Santissima, a mais affligida das mãys, sendo a mais pura das Virgens, quem póde contemplar o que sentistes, quãdo á vista de vosso querido Filho, como Sol, e Lua eclipsados, deixastes o Ceo de vossa alma enlutado, e ennegrecido! Qual seria a tristeza, qual a dor, com que traspassou essa alma o cutélo desta vista! Pela immensa dor, que vos ferio as entranhas neste taõ penoso encontro, vos peço, Mãy de Deos, que me alcanceis huma grande tristeza de meus peccados, e huma grande dor de minha culpa, pois eu com ella matei á vosso innocente Filho meu Senhor Jesu Christo.

O alma acompanha, e ajuda a Virgem Senhora nossa, que vai seguindo a seu Filho até o monte Calvario: se ella o seguio com os passos, e com os sentimentos, naõ o persigas mais com as culpas, segue-o com os suspiros.

Arrepende-te, peccador, &c.

VI. ESTAÇAM.

COnsidera que esta Estaçaõ significa a Porta Judiciaria, por onde sahio o Senhor para o monte Calvario. Aqui se deve considerar quanto sentiria o amorosissimo Senhor ao sahir por ella, que aquella desaventurada Cidade o deitasse fóra de si, como que o naõ queria dentro de si, por cuja causa havia de ser rigorosamente assolada pela Justiça Divina.

O soberano Redemptor, e amoroso Senhor nosso, quanto sentireis que como a malfeitor a vossa amada Cidade vos naõ quizesse comsigo! Naõ permittais, meu Jesus, que eu pela porta da culpa vos lance fóra de

de minha alma, que he Cidade vossa, e que metta por ella dentro o demonio vosso inimigo. Vaõ fóra meus peccados, vaõ fóra meus vicios, e torpezas, que a vós sómente quero dentro da minha alma, dentro do meu coraçaõ, entranhas, e sentidos.

O' alma minha, vè que cada vez que peccas, deitas a teu Deos pela porta fóra, e mettes o demonio, que vem envolto em seus vicios, e teus consentimentos; e por isso serás como Cidade ingrata, assolada, e destruida com pena eterna.

Arrepende-te, &c.

VII. ESTAÇAM.

COnsidera que esta setima Estaçaõ significa aquelle lugar, onde o Senhor cahio segunda vez em terra, por ir ja com grande fadiga, fraqueza, notavel tribulaçrõ, e angustia de o haverem arrastado por hũa corda, picando-o, e ferindo-o com as pontas das alabardas, com páos agudos, e contos das lanças. E vendo que o Senhor hia totalmente desfalecendo, alugaraõ hum homem chamado Simaõ Cyreneo, para que levasse a Cruz do Senhor, naõ porque delle se compadecessem, senaõ porque vivo o crucificassem.

Oh meu Deos, a quem eu tantas vezes renovei as chagas, multiplicando mortalmente as minhas culpas! fazei, Senhor, que naõ exaspere vossa clemencia com a minha aguda malicia, nem renove mais com meus vicios vossas offensas; que agora naõ passe adiante a misericordia, e caya sobre mim vossa justiça. Fazei que, como o Cyreneo, resolvendo-me a deixar o mundo, e a viver como peregrino, encaminhe todos meus passos a levar a vossa Cruz para salvar-me com ella; e que abraçado com a vossa Cruz na terra, faça della escada para subir aos Ceos.

O' alma, que nasceste para a celeste Patria, para a Jerusalem celeste, para lá caminhas, se no mundo vives como estrangeira, pega-te ás armas da Cruz, e conquistando com ellas o eterno Reyno, alcançarás o mayor triunfo.

Arrepende-te, &c.

VIII. ESTAÇAM.

COnsidera que esta oytava Estaçaõ significa o lugar, onde chegando o Senhor todo banhado em Sangue sem parecer de homem, anguistiado, e ferido, rompeo por meyo dos Soldados hũa santa mulher chamada Veronica, que com hum lenço, ou touca sua alimpou o rosto do bom Jesus, onde ficou hum retrato ensanguentado, debuxo de seu santissimo rosto.

O'

O' amorosissimo Senhor, estampai em minha pobre alma vossa ensanguentada imagem; não negueis a huma alma, ainda que não esteja pura, o que concedestes a huma toalha limpa, para que seja molde de minha vida esse retrato da vossa cara: dai me hum fervoroso desejo de chegar-me a vós, para que, rompendo todas as difficuldades, abrace todas as virtudes.

O' Alma minha, se queres estar vendo sempre a face de Deos na terra, retira os olhos do mundo: chega-te a teu Deos com a oraçaõ, contriçaõ, e compunçaõ, para que trazendo-o sempre na tua memoria, andes em sua presença.

Arrepende-te, &c.

IX. ESTAC, AM.

COnsidera que esta nona Estaçaõ significa o lugar, onde o bom Jesus ja todo sem sangue, e forças cahio terceira vez em terra, até chegar a tocá-la com sua santissima boca; e querendo-se levantar, naõ pode de desfallecido, porque aquelles perversos Judeos puxando lhe pela corda, que levava atada á garganta, e dando-lhe empuxoens, o fizeraõ ferir de novo nas muitas pedras, que havia naquelle monte.

O' meu Senhor Jesu Christo, que de affrontas, e que de penas padecestes, e soffrestes arrastado, e maltratado daquelle Povo inimigo, cheyo de favores vossos! Ensinai me, meu Deos de minha alma, ensinai me a levar bem os aggravos de quem me quer mal, naõ só para que assim goze da vossa graça, mas para que assim possa dar-vos alguma gloria.

O' Alma, que de tres modos peccando, por pensamentos, palavras, e obras, fizeste cahir tres vezes ao teu Deos, para que fosse similhante o modo da misericordia ao modo, com que cõmetteste a offensa; ergue-te pela contriçaõ, pelo proposito firme de nunca mais offendè-lo.

Arrepende-te, &c.

X. ESTAC, AM.

COnsidera nesta decima Estaçaõ, que significa o lugar, onde chegado nosso amorosissimo Jesus ao monte Calvario, o despojaraõ de seus vestidos com a crueldade, e rigor, que outras vezes haviaõ feito: e tirando-lhos lhe tornaraõ a renovar as chagas, por estar a carne cheya de feridas, pegada á tunica, que lhe arrancaraõ com ella: e lhe deraõ vinho myrrhado com fel, que o Senhor naõ quiz beber; sendo o seu mayor tormento ver-se despido, e nú á face de todo o povo.

O' pacientissimo Jesus, que dor,

dor, que pejo terieis quando vos deixaraõ em chaga viva, e vos offereceraõ bebida taõ amargosa! Dai-me, Senhor, soffrimento quando me faltar o vestido, e necessario para o corpo: e que me lembre que nù sobre a terra nasci, e nù tornarei para ella: seja vossa confusaõ minha gloria, vossa pobreza minha riqueza, vossa affronta honra minha: e naõ beba eu o fel da culpa, o vinho dos deleites, que misturados me offerece o coraçaõ; antes despido de meus gostos, e appetites, naõ saiba mais que fazer-vos a vontade.

O' alma minha, meu Deos está nù, e só vestido de chagas, que queres para ti mais que penas? veste-te dellas, e de cruzes por quem se pôs por ti em huma Cruz.

Arrepende-te, &c.

XI. ESTACAM.

COnsidera nesta Estaçaõ o lugar, em que nosso Redemptor foy estendido em hũa Cruz, nella cravado de pés, e maõs: e naõ chegando os braços aos furos, que tinhaõ feito, desencaixaraõ todos seus sacrosantos ossos, em que sentio hũa das mais terriveis dores, que se padeceraõ no mundo; e foy tal a crueldade dos que o crucificaraõ, que lhe tornaraõ a pregar a coroa de espinhos com tanta força, que penetrada aquella sagrada cabeça, chegaraõ os espinhos aos olhos, enchendo-lhe de sangue todo seu santissimo corpo. E ouvindo sua Mãy Santissima os golpes do martello, ficou como morta de dor, trasspassando-lhe estas feridas a Alma, quando a seu Filho o corpo.

O' amorosissimo Jesus, rogo-vos que naõ estenda eu pé, nem maõ para maldade alguma, antes encravado no temor do vosso juizo, crucifique na arvore da penitencia meus peccados, e para memoria dessa Cruz todos os meus pensamentos; e para que sem descer jámais da Cruz da penitencia suba por ella ao Ceo a minha alma.

O' alma, olha para teu Deos, verás como seu immenso amor lhe fez inclinar a cabeça para se ver prender as maõs por te naõ castigar, os pés para te naõ fugir. Deita-te áquelles pès, põem-te naquellas maõs, e roga-lhe que naõ aparte de ti seus olhos a misericordia; e pois se inclina para ti, que es a mesma culpa, inclina-te para teu Deos, que he a mesma graça.

Arrepende-te, &c.

XII. ESTACAM.

COnsidera que significa esta Estaçaõ o lugar, onde levantaraõ em alto a nosso Senhor Jesu

Jeſu Chriſto, e o deixaraõ cahir de golpe na abertura de hũa pedra, com cujo abalo tremeo, e ſe raſgou mais todo ſeu ſantiſſimo corpo. Levantaraõ tambem as vozes de eſcarneos ſeus inimigos, ſua Santiſſima Mãy os olhos, e vendo-o crucificado, lhe cauſou eſta viſta huma tal dor, que ſó com o mar ſe póde comparar. O Sol tapou os ſeus por naõ ver aquella maldade dos Judeos: as pedras quebraraõ-ſe: e tremeo a terra, naõ podendo ſopportar o pezo de taõ abominavel culpa.

O' Redemptor de noſſas almas por mim affrontado, e morto em huma Cruz, dai-me Senhor voſſa graça, para que crucificando minhas paixoens, e ſentidos, me aproveite do fructo de voſſa morte: dai-me voſſo amor, para que crucificando-me por vós ao mundo, imite as creaturas do Ceo na triſteza de meus peccados: o ar, que fez tremer a terra em voſſa Paixaõ ſagrada, faça em mim algum aballo, com que de todo trema de commetter hum peccado; e naõ me apartando com a conſideraçaõ do voſſo Calvario, lance maõ de todas as occaſioens de ſervir-vos a voſſo goſto.

Arrepende-te, peccador, &c.

Exercicio para cada dia em verdadeiro eſpirito. Index muito certo das acçoens do V. Padre Fr. Antonio das Chagas, que a ſi ſe punha eſtas regras, que deixou eſcritas.

EM me erguendo do lugar, em que dormi, farei que ſe erga a Deos minha alma, levantando-ſe pela oraçaõ da cama do deſcuido. Feito o final da Cruz,

Será minha primeira acçaõ dar graças a Deos por me haver dado eſta hora, e dia para o louvar, e ſervir, negando-o a muitos outros, que o puderaõ ſervir melhor. Direi o Padre noſſo, e Ave Maria, e o meu Cantico, e depois outra vez a Ave Maria, invocando a Mãy de Deos. Será minha primeira, e final tenção reduzir tudo a gloria, honra, e louvor de Deos, e com eſte fim ſe purificaraõ as minhas obras. Farei acto de reſignaçaõ, em q̃ me lance todo nos braços de Deos, entregando-lhe corpo, e alma, para que elle, como em couſa de todo ſua, faça em mim ſua vontade; ficando apparelhado para dar lhe graças por todo o bem, ou mal que me vier. Em final diſto lhe pedirei, que tudo o que em mim for applicavel, mediante a ſua graça, elle o

acceite

acceite, e offereça a ſeu Eterno Padre pela alma, que lhe for mais agradavel ſahir da pena.

Logo direi a Confiſſaõ, e me accuſarei a Deos, como ſe o tivera preſente, de todas minhas culpas, froxidoens, e imperfeiçoens. Rogarei depois aos meus Advogados, que intercedaõ por mim; e recolhendo os ſentidos quanto puder, me ficarei em Deos, ao menos huma hora. Acabada a Oraçaõ particular, pedirei a Deos me dê graça para que naõ perca eſte dia no derramamento dos ſentidos, o que ganhei, e adquiri no ſeu recolhimento. Todo o dia farei por me conformar em alguma couſa á vida de meu Senhor Jeſu Chriſto: ou ſeja jejum, ou manſidaõ, ou paciencia, ou mortificaçaõ, ou caridade, ou o que me mover mais. Farei tambem concerto cõmigo de naõ pedir nada, de naõ perguntar nada, naõ deſejar, naõ querer nada, ao menos de advertencia; e ſe naõ for fiel a Deos neſta pouquidade, neceſſario ſerá humilhar-me, conhecendo quanto menos o ſerei em couſas mayores, e que por iſſo o meu Senhor terá razaõ de me naõ mandar entrar no goſto da ſua caſa. Depois farei por me conſervar na preſença de Deos em todos os meus actos, e ao menos em ſeu louvor, e gloria, quando naõ ſeja amor.

Se eſtiver em preſença de homens, eſtarei dizendo a Deos interiormente ſempre: Meu Deos, ſe tivera tantas almas, e coraçoens para vos amar, quantos ſaõ os cabellos da cabeça deſta, ou deſtas creaturas, eſſa fora a minha gloria. Se eſtiver no campo, conſiderarei as hervas, e direi o meſmo: ſe forem arvores, cuidarei nas folhas: ſe livros, nas letras: ſe aves, nas pennas: ſe no mar, nas areas: ſe em caſa, os ladrilhos, ou qualquer outra couſa de grandes numeros: ſe á noite olhar para os Ceos, direi o meſmo nas Eſtrellas; e he grande proveito iſto, e aſſim em tudo o mais. Naõ olharei para o roſto de ninguem, nem fixamente jamais para qualquer das vaidades caducas, e tranſitorias, mas antes trarei o mais do tempo os olhos baixos, como que eſtivera vendo dentro de mim a meu Senhor Jeſu Chriſto, por me naõ divertir o viſivel do mundo.

Nos actos da Communidade eſtarei ſempre com ſilencio religioſo, e modeſtia grave, memoria de Deos continua, ſem olhar para ninguem, ſuppondo, e entendendo que Deos me eſtá vendo, e como eſpreitando dentro das ſuas creaturas para ver como lhe aſſiſto.

A horas de comer guardarei perfeito ſilencio com gravidade, e temperança: e para naõ goſtar

ſtar de nada, cuidarei que com o meſmo goſto, com q̃ eu como na meſa os manjares, me comeraõ os bichos na ſepultura. Ao beber me lembrará o fel, e vinagre, ou ao menos farei porque me pareça, que por algum dos buracos enſanguentados das Chagas de meu Senhor bebo o que quer que bebo; e com iſto impoſſivel ſerá naõ achar algũa amargura no ſentido, ou no animo. Se me ſentir em eſtado, ou principio de contemplaçaõ, conſiderando aquella variedade de ſabores, q̃ a bondade Divina derramou naquellas creaturas para meu regálo, direi fugindo delles, ou buſcando por elles a Deos: Meu Deos, naõ tem iſto mais goſto, que o que vós tendes de mo dar; e ao menos quantas forem as couſas, q̃ houver na meſa, ou ſeja louça, ou vidro, ou páo, ou ferro, ou o que quer que for, conſiderarei que por outros tantos criados me mandou Deos ſervir á meſa neſtas ſuas creaturas. Pelo numero dellas farei por contemplar a infinidade, pelos ſabores a ſuavidade, e aſſim quaeſquer outros attributos de Deos, em que me eſteja admirando. Comerei ſempre menos do que me parecer neceſſario, porque a natureza he grande hypocrita, e finge muitas vezes que he ſanto o que he vicioſo: havendo de peccar na gula, que he mãy da laſcivia, melhor he, ou menos máo, como dizia Climaco, peccar na vangloria, de que Deos me livre, de parecer auſtero. E no cabo, mais pelos manjares eſpirituaes, em que me recrear, que pelos corporaes darei muitas graças a Deos, pedindo-lhe, que me dè hum eſtomago taõ forte, e o meu appetite taõ bem ordenado, que o meu comer ſeja fome de amarguras, o meu beber ſede de fel, e vinagre, o meu fartar-me naõ me fartar de anguſtias, nem de que ſeja tanta a gloria, que a Deos ſe dè, quanta for a que ſe me tire a mim; e em tudo o que naõ for iſto, convem entender que naõ acharei a Chriſto, que ha de ſer a minha via: pois no mais póde eſtar eſcondido o demonio das conſolaçoens, como Aſpid entre as flores.

Se ſe me repreſentar, ou offerecer aos ſentidos alguma falta, ou culpa de meus irmaõs, naõ as olharei como offenſas de Deos, que iſto move a indignaçaõ: olhá-las-hei como fraquezas, e miſerias de meus proximos, e como as minhas proprias, tendo-lhes dó, e laſtima; pois, ſendo certo que andaõ cegos os que andaõ em peccados, naõ nos devemos indignar de que hum cego erre o caminho, antes cõpadecer-nos, e ultimamente enſinar-lho, ſe for capaz, com manſidaõ, e brandura, caridade, e

amor. Nem interior, nem exteriormente murmurarei do meu proximo: e he ponto de importancia, porq̃ sem amor do proximo, naõ terei o amor de Deos.

Para a Oraçaõ, e para todos os actos da obediencia farei por ir com taõ ardente desejo, e affervorado gosto, como o guloso vai para a mesa depois da fome: ou como qualquer homem muito vicioso vai para os seus vicios. E isto importa muito para a devoçaõ; e se assim o naõ fizer, ao menos reprehender-me-hey, quando me lembrar de que os perversos amem mais a sua perdiçaõ, e as suas torpezas, e as busquem com mayor sede, do que eu busco a salvaçaõ, e a meu Senhor Jesu Christo.

Por qualquer defeito que cõmetter, me darei logo castigo particular, que mais naõ seja, que naõ fallar huma hora, ou picar-me com hum alfinete, ou rezar alguma cousa pelas Almas, quando naõ possa ser o cilicio, ou diciplina. Naõ me desculparei, ainda que naõ tenha culpa, salvo se for escandalo publico.

Todo o meu cuidado será sempre estar de espreita aos meus pensamentos, palavras, e obras, para ver se entra nellas algũa vaidade, ira, ou imperfeiçaõ, ou qualquer outra tentaçaõ, e me haverei com todas como sentinela com o inimigo; e disto farei muito caso, porque aproveita muito, principalmente se o fizer estando em Deos com movimento de amor.

Farei quanto puder por trazer despejada a memoria de imagens de creaturas, o entendimento sem discursos, e a vontade sem outro apegamento, nem inclinaçaõ, mais que o amor de Deos: os sentidos calados, a consciencia sem culpa, e ainda que assim me pareça, nem por isso me terei por justo.

Estando deste modo, farei da minha alma hum deserto, onde naõ soe, nem se veja nada mais, que meu Deos, isto he, a sua noticia entre as nevoas da Fé, com o lume da Esperança, e com o fogo do Amor: só com o Senhor, e com quem sómente póde encher-me o coraçaõ, e para isto o quer vazio: fazendo muito, e pondo quasi todo o cuidado, em que nenhuma cousa creada entre na minha alma, ao menos nenhuma, que dentro na alma me faça perturbaçaõ, ou guerra: e será isto final de quietaçaõ, e tranquilidade, que he estado perfeitissimo.

Naõ farei a vontade a nenhum de meus sentidos, e menos á minha vontade, e das outras potencias, excepto o conservá-las em negaçaõ de si proprias, e de tudo o mais, que naõ for Deos; pois Henrique Suso depois de dar a entender

que

que vio a Eſſencia Divina, pôs a ſua perfeiçaõ na negaçaõ deſte meſmo goſto, de que ſe julgava indigno com profũda humildade, e ſó de padecer ſe naõ podia fartar. E S. Paulo depois de ver a Eſſencia Divina, tambem naõ diz, que niſto ſó ſe gloriava, mas que ſó ſe gloriava de padecer. E Santo Efrem depois de chegar a eſtado de altiſſima paz pedio a Deos, que o tiraſſe della, e o tornaſſe ás tentaçoẽs, e tribulaçoens, por naõ perder as coroas na falta dos conflictos.

Naõ ama mais a Deos, quem tem conſolaçoens, e doçuras eſpirituaes: naõ lhe quer mais quem tem dom de lagrimas, viſoens, e ſentimentos de Deos; ſó ama a Deos, quem ama a ſua vontade, e ſe conforma com ella nas cruzes, que lhe põem. Só ama a Deos, quem naõ tem outro goſto mais que fazer ſe na ſua alma o que he goſto de Deos, dando-lhe graças perpetuas nas tribulaçoens do corpo, e eſpirito, alegrando-ſe, e gloriando-ſe logo que vê cahir ſobre ſeus hombros a cruz, que Deos he ſervido, e abraçando-a forte, e ſuavemente todo o tempo, que lhe dura, ſem querer, nem pedir a Deos, que lha tire, mas ſoffrendo-a em quanto o Senhor a dá, com ſinaes de amor, e agradecimento por tamanho beneficio.

Alegraõ-ſe, e gloriaõ-ſe as almas puras neſte eſtado penoſiſſimo, quando mais crucificadas, e atormentadas, porque aſſim como florecerem, e rebentarem as arvores, he ſinal de q̃ a Primavera eſtá perto; aſſim andar alegremente arrebentando hũa alma com a ſua cruz, e parecerem nella flores, o q̃ he arrebentar, grande ſinal he de que ja vai paſſando o Inverno do amor de Deos, iſto ſaõ, as friezas, e que ja naõ eſtá longe o Veraõ do eſpirito, em que apparecem formoſas, e cheirоſas as flores das virtudes, para que cedo dem fructos de obras heroycas, pois caminhaõ para o Eſtio daquelle amor de Deos abrazado, e ardentiſſimo, em que todos nos derretemos, e transformamos em Deos. He ſinal tambem da uniaõ de Deos, e de grande perfeiçaõ eſta alegria na Cruz; porque aſſim como he ſinal de vida mundana goſtar dos deleites, e goſtos vaõs do mundo, aſſim he ſinal da vida do eſpirito goſtar das tribulaçoens, e afflicçoens: onde moſtra a alma, que eſtá taõ outra, e taõ inimiga da carne, do mundo, e do demonio, que aſſim como he todo o ſeu tormento o que he mayor deleite dos que eſtaõ em peccado, aſſim o ſeu mayor deleite he o que fora mayor tormẽto dos que vivem em culpa.

Por iſto ſe gloriaõ, porque vaõ dando na verdade do q̃ lhes

importa: vaõ conhecendo o gosto, que Deos tem de crucificar a seus filhos, e a gloria que tem de naõ perdoar nesta vida, a quem ha de dar a eterna. Por esta mesma razaõ em vindo a dor, e tribulaçaõ, recebem-na com festa, e agasalhaõ-na, dando graças a Deos, tendo-a por pagem seu, que lhe vem dizer que alli está Deos, e assim he a sua vontade. Na sede, que lhe faz o Espirito Santo de agradar a Deos, parece que naõ podem fartar-se de cruzes, e mais cruzes, considerando que vaõ seguramente pelo caminho da cruz, e se podem deitar nella para descançar: o que se naõ póde fazer nas consolaçoens, que naõ he via segura, antes cheya de ladroens, e de inimigos da alma: pois em humas póde estar o demonio, e em outras o espirito da carne, e noutras o do mundo. E esta suspeita, e desconfiança he de muita desconsolaçaõ ás almas, que parece se affligem de que Deos de alguma maneira as possa despregar da cruz, antes de irem para a sepultura: receando em qualquer contentamento, q̃ naõ querem nesta vida, perderem o parecer, e a conformidade, que tem com a vida de Christo, cujas pégadas seguem: tudo o mais he engano, e ao menos perigo, porque nos contentamentos da alma, que se entrega ás suavidades, mostra a alma que se ama a si, e naõ a Deos, e só irá bem encaminhada, quando, dando-lhe Deos estes contentamentos, ella os receba em resignaçaõ pura, isto he, naõ porque os quer, e deseja, senaõ porque tem gosto de tudo, o que Deos quer, e Deos tem gosto de fazer-lhe estes favores.

Quem se resolve pois a entrar no caminho da verdade, e na vida do espirito, ha de tomar hũa tamanha resoluçaõ de chegar ao cabo, que determinando-se por hũa vez a vẽcer tudo, e a naõ deixar nada por fazer, naõ ha de descançar até naõ dar no alvo a que atira, tocando os ultimos extremos da perfeiçaõ. Para isto com mais sede, que o Cervo á fonte, que a fonte ao rio, que o rio ao mar, ha de accõmetter esta empreza com tanta fortaleza, que entenda que naõ correm a seus vicios taõ ardentemente os mais viciosos homens, como elle corre ás virtudes na imitaçaõ de Christo. Fundando-se pois em verdadeira humildade, isto he, desconfiando totalmente de si, e fiando-se todo em Deos, entrará no mar das amarguras da penitencia, e se exporá, como firme rocha, aos vẽtos, ondas de toda a mortificaçaõ, aonde abraçando com animo resoluto os mais asperos riscos, por estes ha de mandar a alma que suba á sua cruz, aonde achara a Christo: sendo toda sua

perten-

pertençaõ, e ambiçaõ huma ardente ſede de naõ fartar-ſe de cruzes, perſeguiçoens, e anguſtias: deſejando ſempre por puro amor de Deos ſer aborrecido do mundo, eſcarnecido da carne, açoutado do demonio, deſamparado de todos, odioſo, e grave a ſi meſmo, e ſó amavel a Deos: para quem ſó queira, deſeje ardentemente, e procure toda a gloria, toda a honra, e todo o louvor, que lhe ſeja dado de todas as ſuas creaturas pelos ſeculos dos ſeculos.

Oraçaõ, que fazia o Veneravel Padre Fr. Antonio das Chagas todos os dias pela manhaã ao levantar da cama.

DEos meu, e Creador meu, a quem a minha alma com todo o coraçaõ, e affecto adora, e venera: eu voſſa creatura, e voſſo eſcravo no principio deſte dia, que recebo de voſſa miſericordia, vos offereço minha alma, minhas potencias, e entrego meus ſentidos: ſacrificando meus penſamentos ao Pay, minhas palavras ao Filho, minhas obras ao Eſpirito Santo: quanto fizer, Senhor, e Deos meu, uno, e trino, conſolaçaõ, e amparo de quanto tendes creado, ſeja em voſſo ſerviço, e deſde agora o applico em voſſo infinito amor, e ſantiſſima vontade. Se por voſſa miſericordia obra alguma couſa bõa neſte dia, a vós a offereço com muito goſto. Se fizer algũa por minha fraqueza, eu a aborreço com todo o affecto, e vos peço della perdaõ com grande arrependimento. Se obra alguma indifferente por meu deſcuido, ou inadvertencia, encõmendo-a á voſſa eterna Sabedoria, para que apartando-a, a ponha, Senhor, em o numero do bom, e agradavel a voſſos Divinos olhos. O' grande Deos, e Senhor da minha alma, debaixo do amparo da Rainha voſſa Mãy, minha Senhora Maria Santiſſima, me entrego, e exponho ao perigo das creaturas, e occupaçoens, e negocios temporaes, que ſaõ forçoſos: enſinai-me, Senhor, a fazer em tudo voſſa ſanta vontade; dai-me luz para acertar em tudo o que fizer: eſforço, e animo para pôr fim no que emprender de voſſo ſerviço; e finalmente paciencia para ſupportar, e ſoffrer os trabalhos, e miſerias deſta vida de tal ſorte, que nella vos agrade, e ſirva, e na eterna vos goze, e louve com todos os Eſpiritos bemaventurados. Amen.

Oraçaõ do meſmo Veneravel Padre ao deitar á noite.

DEos,e Senhor meu,tal ſou como haveis viſto neſte dia:tal he a minha maldade,que me naõ deixa ſervir-vos: tal minha ignorancia, que naõ ſabe agradar-vos:tal minha cegueira, que naõ acerta a amar-vos: tal minha fraqueza, que naõ ſabe imitar-vos. Quem, oh Senhor meu, chorara com juſta dor os peccados, e delictos deſte dia! quem conreſpondera a tantas offenſas com devido ſentimẽto, e pena! quem igualara o meu pranto com a minha ingratidaõ, a minha contriçaõ com as minhas culpas! O' Pay miſericordioſo,ja que por minha fraqueza naõ poſſo tanto, ainda aſſim de todo o coraçaõ vos peço perdaõ dos peccados,que contra vós tenho feito. Riſcai, Senhor do livro rigoroſo da conta os penſamentos, obras, e palavras, com que neſte dia me apartei de voſſa ſanta Ley, e da recta razaõ. Quem perde mais que eu em haver-vos offendido? Tal deve ſer a dor como a perda,a contriçaõ como a culpa, e o remedio como o dãno. Voſſo ſangue interceda, Senhor, por meus peccados: voſſa luz allumie minha cegueira:voſſas dores ſarem minhas feridas: voſſas penas apaguem minhas culpas: voſſa miſericordia remedee minha miſeria. Senhor, pedindo-vos perdaõ,proponho a emenda,e com ella hum ardentiſſimo deſejo de padecer.Para a ſatisfaçaõ offereço, Senhor, toda a minha vida, que me derdes: toda diſpenderei a voſſo goſto, e ſantiſſima vontade. O' grande Deos,e Senhor da minha alma, voſſo ſou, e para vós naſci: a vós offereço os trabalhos do dia:a vós me entrego em o deſcanço, e trevas da noite, rogando-vos amanheça de verdade o ſervir-vos, e adorar-vos, e viver, e morrer em voſſa graça,para ir gozar-vos em voſſa eterna Gloria. Amen.

SOLILOQUIO,

Que o Veneravel Padre Fr. Antonio das Chagas deſejava ter com Deos, para ſe affervorar em o ſervir.

QUem me dará, meu Deos, a mim, que no deſerto da minha alma comvoſco ſó me veja huma hora? Quem me dará que poſſa hum dia deſcobrir-vos meu coraçaõ, moſtrar-vos as minhas entranhas, dizer-vos todos meus ſegredos, e fallar-vos á minha vontade, e pondo tudo aos poſſos pés,depois de os lavar com mil lagrimas, e de pedir-vos mil perdoẽs,pedir-vos por final de amor, os voſſos braços

ços, meu Jesu? Quem, Ancia doce da minha alma, ha de accender, e dar calor a hum coraçaõ arrefecido, e a hum caramélo regelado, senaõ vós, que me destes vida cõ o alento de vossa boca; se naõ vós, que em fim me criastes aos peitos da vossa piedade, e ao bafo de vossos favores? Tal he o frio, meu Senhor, desta vontade escrupulosa, que me naõ deixa andar direito no caminho da salvaçaõ, e vereda do vosso serviço, em q̃ vos busco, pois tudo faz com rosto torcido, quasi sempre com pé esquerdo, e sempre com tremor do corpo: se os espaços da imaginaçaõ saõ eras da eternidade, porque quereis que estes espaços, que imagino nos meus desvios, sejaõ eternas afflicçoens de quem naõ he quem d'antes era, vagaroso sempre da pena, detido nunca da esperança? He, meu Senhor, e meu bem todo, huma esperança, que recea, e huma penna, que nunca voa. Quem pois, meu Deos, me ha de dar azas para me chegar para vós, se me vejo feito de rémoras para me desterrar de mim? Vós sim, meu Deos, e meu Senhor, que tendes a vosso mandado, naõ só o imperio das creaturas, naõ só a esféra do possivel, mas a isençaõ do mesmo nada Prendaõ vos pois estas correntes, com que se soltaõ minhas lagrimas, desangrando-se pelos olhos esta febre do coraçaõ: folegos saõ do coraçaõ, que me sahem ja pelos olhos, e apertando-se-me dentro na alma, para vós parece que rebentaõ: cinzas saõ, em que se tornaraõ todos os incendios do peito, porque nellas se me tornassem todos os alentos da vida. Mas que fará, Senhor, huma alma, que fechando-se aos pezares de quãto vos tem offendido, se abre sómente aos suspiros, com que vos busca a toda a hora? Até, meu Deos, os meus delictos me castigaõ imaginados: menos penoso fora o inferno, se, esquecendo-me de minha culpa, só do tormento me lembrara. Este he aquelle verdugo, que me corta hoje as entranhas, sendo as nodoas mais crueis, que me deixa no coraçaõ, as faltas que me põem no rosto. Desejo, meu Deos, dar mil passos pelos caminhos do meu pezado desejo, desfazer-me em voos pela esféra do vosso amor; mas como naõ mudou de cunhos a moeda da minha emenda, bem que mudasse de cruzes o desengano, naõ corre, porque a julgo falsa, nem val nada, se vos naõ pagais della.

Humilha-ſe o Veneravel Padre diante de Deos, pondo tambem diante de ſeus olhos ſuas antigas maldades, para moſtrar que he o Senhor juſto em lhe naõ dar na Oraçaõ doçuras, e ſuavidades.

E Quem ſou eu peccador vil, para querer conſolaçoens? Eu, cuja vida, e cujos annos mais he, que numero de inſtantes, immenſo computo de offenſas? Eu, que na face da terra diante dos olhos do Ceo, no roſto dos Anjos, e Santos, á viſta da Virgem Puriſſima, e na preſença do meſmo Deos commetti culpas taõ enormes, delictos taõ abominaveis, maldades taõ aborrecivеis, cuidarei que me ſaõ devidas as doçuras, e ſuavidades, que os mayores Santos da Igreja naõ ouſavaõ nunca eſperar, nem ſe atreviaõ a querer? Por ventura eſta breve hora, que venho dar ao meu Senhor, venho ſó a fazer-lhe uſura, ou a fazer-lhe a vontade? Se pois he vontade de Deos que as nuvens todas vertaõ rayos, que os Ceos ſe me ponhaõ de Cometas, que o ar ſe viſta de tormentas, que as hervas ſe me façaõ viboras, que ſe levantem contra mim as ondas, e me dem nos olhos as arèas, que o Sol ſe me eclipſe, e ſe torne o dia em eſcura noite, porque ſentirei eu mal de Deos, e reprehenderei ſeus Decretos, naõ approvando o que elle faz, nem goſtando do que elle quer? O' homem miſero, foſte no mundo em teus peccados de Deos hum publico inimigo, queres que Deos, e as ſuas creaturas te ſirvaõ ao teu goſto, e ainda para a ſua offenſa? De tamanhas ſenſualidades ſe veſte ainda o teu eſpirito, que em naõ achando nos ſentidos o deleite, que ainda lhe buſcas, foges aſſim do teu Senhor, que neſſa prova te examina; e como perverſo te naõ corres, como peccador te naõ pejas de andar mentindo a cada paſſo do que promettes ao teu Deos? Soffreo-te Deos toda a tua vida, e conſentio-te em ſua offenſa, ſendo hum Deos de immenſo poder, e de infinita Mageſtade, e tu hum dia, huma ſó hora naõ podes ſoffrer por ſeu amor huma breve mortificaçaõ, ſendo hum bichinho vil da terra? ſó pelo jornal queres ſervi-lo, ſó pelo ſoldo, e naõ pelo Rey? ſó por ti, e naõ pela Patria? ſe pelejas contra o demonio, naõ queiras outro premio. Como flor debil te deſmayas a hũ breve ar, que te deſfolha, devendo de eſtar como tronco, a quem o vento naõ derruba. Por ventura mereces tu que teu Senhor te faças mimos, ſe a eſſes mimos, que te faz, eſtimas mais que a teu Senhor?

Oh

Oh meu Creador, e meu Senhor, que ſendo vós Filho de Deos, viveſtes em perpetua cruz, e nem por iſſo vos queixaſtes: que ſuaſtes rios de ſangue, e naõ fugiſtes da Oraçaõ que açoutado, crucificado, affrontado, e eſcarnecido, naõ apartaſtes nunca os olhos de voſſo, e meu Eterno Pay: ſe neſta hora, que vos dou, ſe na ſeccura em que morro, ſe na aſpereza em que me vejo, ſe na ancia, e tedio em que agonizo, todo eſſe Ceo me perſeguira, todo o mundo ſe conjurara, e todo o inferno me tentara, antes quizera mil infernos, que cahir no menor peccado: pelas chammas do meſmo inferno brioſamente me arrojara, antes que conſentir huma minima offenſa voſſa: pelas eſpadas, pelos martyrios, pelas mortes, pelas affrontas, pelos mayores males de todo o mundo me mettera, antes que cahir em huma culpa: engeitara eſſe meſmo Ceo com huma eternidade de goſtos, ſe em voſſo odio os poſſuira; e abraçara eſſe meſmo inferno por mil eternas duraçoens, ſe com iſſo vos contentara. Eſte, meu Deos, he o meu fim, eſte he ſómente o meu deſejo; naõ me tireis vós eſte amor, e tirai-me embora mil vidas: naõ perca eu eſta vontade, e percaõ-ſe embora mil almas, que nada diſſo me doera, nada de mais me atormentara, e todo me affligiria, ſe eu vira, tendo-vos amor, que tinheis gloria diſto tudo. Provem-me pois, meu Deos, as chãmas: firaõ-me de novo os eſpinhos: chovaõ rayos, meu Creador, e abrazem-me; revolva-ſe o mar, e ſepulte-me: turbe-ſe o Ceo, e ameace-me: funda-ſe o mundo, e caſtigue-me: abraze o inferno, e ſobverta-me, que ſe vós acho no meu coraçaõ, q̃ temerei ver me no coraçaõ da terra, ſe vos tenho no meu amor? que importa ver-me no ventre do mar, ſe vos levo dentro da minha alma? que ſe me dará que o inferno abra a boca, ſe vos tenho nos meus olhos? que medo poſſo ter ás carrancas do Ceo? para eſſas chammas ſerei çarça, para eſſas ondas rocha viva, para eſſa terra couſa morta. Viva fé tenho, meu Deos, que eſtais aqui dentro de mim, ao redor de mim, e por toda a parte de mim, mettido nas minhas entranhas, olhando agora como acceito eſte trato, que vós me dais, e obſervando como me hei neſte favor, que me fazeis. Vede pois, Senhor, e Deos meu, em mim neſtas afflicçoens huma humilde reſignaçaõ, com que abraço a voſſa vontade, huma paciencia muito muda, com que obedeço ás voſſas ordens, huma conſtancia muito robuſta, com que defendo a voſſa Ley: ſede pois

vós

vós minha constancia, pois fostes sempre o meu auxilio: sede tambem minha paciencia, pois fostes sempre o meu exemplo: sede em fim minha resignaçaõ, pois sois hoje a minha vontade.

Mostra o Veneravel Padre quanto se conformava com a vontade Divina nas sequidoens, que lhe dava na Oraçaõ, e se anima a continuá-la sem ajuda de custo de consolaçaõ.

NEste profundo mar de angustias, neste escuro pégo de sombras, com que lucta, se naõ se affoga o meu espirito afligido: neste deserto de asperezas, neste ermo de sequidoens, e nesta solidaõ de penas, aonde os olhos á vista da alma estendidos, naõ achaõ mais que eternas ancias, sem ver Ceo, que me seja alegre, porto, que me seja seguro, terra, que me naõ pareça deserto, bem vejo, meu Deos, e Senhor meu, quam pouco he o amor, que vos tenho: porque se eu vos tivera amor, vendo que era vontade vossa que padecesse este tormento: vendo que em cousa taõ ruim podieis ter alguma gloria, naõ só devia, meu Senhor, por dar vos gosto, e resignar me, ferme a sequidaõ aprazivel, e suaves as tribulaçoens, mas a mesma morte gostosa, e o mesmo inferno Paraiso: oh como, Deos meu, vou vendo dentro da minha alma, quam esteril planta sou vossa, quam inutil servo sou sempre, quam máo, e ruim escravo, pois desgostando-me a Oraçaõ, fugindo da fonte donde bebo, da origem de todo meu bem, do centro do meu amor, naõ posso mostrar huma hora, que me encobris a vossa luz, que me tocais com vossa maõ, que me deixais sem a vossa vista, que vos sirvo sem interesse, que vos amo mais que pelo premio, que vos busco mais que pelo gosto! Por ventura cuidarei eu, que vos fostes para muito longe, ou q̃ de mim apartado vos desterrastes para sempre, se tudo o que vivo me mostra que na minha alma vos escondestes para estar mais dentro de mim: se tudo o que sou me assegura, que por essencia, e por presença dentro de mim me estais olhando, por observar como vos trato neste retiro, em que vos pondes, e nas distancias, que finge, quem duvida, que meus peccados saõ as neves, e caramélos, em que se prende o meu espirito, para q̃ eu naõ corra após de vós? Quem ignora, que estas anguſtias saõ faltas de resignaçaõ, como que eu devia conformar-me em tudo o que he vontade vossa? Quem se persuade que o ser froxo naõ he falta de fortaleza, operaçaõ, e per-

perſeverança, com que nas guerras, e batalhas, que tem a carne contra o eſpirito, naõ aturo de puſilanime, como Soldado ſem valor? Quem naõ dirá que pouco faço por imitar a voſſa Cruz, ſe hum inſtante, que me pezou, huma hora que me doeu, vos naõ ſegui como diſcipulo, e me naõ neguei como amigo? Eu ſou aquelle, que propôs de vos ſeguir mais, que até a morte? Aonde eſtá aquella Fé, eſperança, longanimidade, amor, firmeza, e uniaõ, com que abraço os voſſos tormentos, com que vos ſigo, meu Deos, os paſſos, e com que vou por voſſos caminhos, ſe ja me afflije a voſſa Cruz, em que ſó devo gloriar-me: ſe tanto antes de chegar ao alto monte de Siaõ, eſmoreço: ſe antes de ver que as tempeſtades me çoçobraõ, perco o animo, antes de provar, quaes ſaõ as forças do inimigo, ja me rendo? Oh homem vil, oh baixo homem, perverſo, indigno, e ſempre ingrato, que primeiro perdes o animo, que percas o teu meſmo alento! Para que te ha miſter o teu Deos, que neceſſidade tem de ti, ou de que lhe pódes ſervir, ſe para ti proprio naõ ſerves, quando de ti faz mayor cazo em fiar de ti mais hum pouco? Pôs-te no mundo para amá-lo, e tu ſó tratas de offendè-lo? Deo-te armas contra o demonio, e tu te armaſte contra ti, pois deſmayas ſem contender? Torna em ti, homem deſcuidado, alenta-te, ſervo ſem fructo, que tens hum Deos, que te dá azas, quando te creſce mais as penas: que te accreſcenta mais as forças, quando na terra te derruba: que te mette tanto por dentro, porque naõ ſayas fóra de ti, e te leve o ar da vaidade. Bem he que deſſas froxidoens tomes hoje por penitencia padecer mais que tribulaçoens, deſejar novas aſperezas, e fazer mais guerra aos ſentidos: ſintaõ elles todos cuidarem que delles te póde naſcer o com que com Deos has de medrar. Chega-te pois para o teu Deos, ſuſpira-o, chama o, e naõ o largues, que em todo o mundo, e creaturas te ouve bem, poſto que te naõ reſponda: que em todo tu, e toda a alma te olha, ainda que o naõ vejas. Veja que o amas, e ſuſpiras quando menos ſe te deſcobre; e veja niſto a tua fé, ouça que aguardas ſeu favor, ſeus auxilios, e beneficios, e moſtra-lhe a tua eſperança: ſaiba que o buſcas quando penas, que eſtimas por elle os tormentos, que te agradaõ porque elle os quer, e que os deſejas porque tos dá, e verá niſto o teu amor. Oh meu Deos, e amor da minha alma! chovaõ tormentos, chovaõ penas, creſçaõ as mortes, e os infernos, mas naõ me falte o voſſo amor; porque ſe elle me

faz

faz ver que he goſto voſſo, que eu os ſinta, ame-vos eu, mas que padeça, ſirva-vos eu, mas que me afflija, louve-vos eu, mas que me acabem, me conſumaõ, e me atormentem deſamparos, de que eu ſou digno, tribulaçoens, que eu vos mereço, e tudo o mais que for voſſo goſto: porque vai muito, meu Senhor, ſe me mandardes para o inferno, de eu penar nelle por minha culpa, ou recebè lo em voſſa graça: de o padecer por minha pena, ou de o ſentir por voſſa gloria. Se eu pudera veſtir de mundos cada areaſinha do mar, ſe pudera encher de mares cada argueiroſinho da terra, ſe pudera coalhar de Ceos cada atomo deſſe ar, ſe pudera cobrir de Jerarquias cada Eſtrellaſinha do Ceo; ſe pudera povoar de almas cada chammaſinha do fogo, ſe pudera fazer eſpiritos mais que as hervas, que tem o campo, ſe produzira coraçoens mais do que ha folhas nas arvores, e ſe pudera erguer-vos templos mais do que ſaõ as creaturas, todas, meu Deos, vos offerecera, vos proſtrara, vos entregara, ſem reſervar para outra couſa a mais pequena creatura; deſejando em cada huma offerecer vos hum mundo de coraçoens, hum mar de almas, hum Ceo de eſpiritos.

LUZES ESPIRITUAES

Para guiar Almas no caminho da perfeiçaõ,

Eſcritas pelo Veneravel Padre Fr. Antonio das Chagas.

LUZ I.

Que couſa ſeja Oraçaõ em commum.

A Oraçaõ he elevaçaõ da mente em Deos, hum abraço da alma cõ Deos, hum incendio do coraçaõ, hum roubo doce dos ſentidos, e hum ſomno da alma ſuaviſſimo: ninguem a deſeja ſem auxilio, ninguem a começa ſem eſpecial favor, nem a cõtinùa ſem graça de Deos muiparticular. Por tres caminhos ſe anda neſta via do amor Divino; no primeiro ſe exercita a penitẽcia, e a negaçaõ de

nós

nós mesmo, e se diz Via Purgativa; no segundo cresce o nosso amor com os beneficios de Deos, e se diz Via Illuminativa; no terceiro se une o nosso amor com a vontade de Deos, e se diz Via Unitiva: esta he fim, aquella meyo, essoutra principio do caminho da perfeiçaõ. Na primeira se exercita a caridade, na segunda se accende; na terceira se inflamma: começa faisca, prosegue chamma, continûa leyareda. Nos principios a madeira verde faz fumo, que nos excita a lagrimas; depois ja secca faz fogo com qualquer sopro que fomenta, e ultimamente feita, em braza, arde, ainda que a naõ assoprem.

LUZ II.

Que cousa he Oraçaõ em particular.

TOda a Oraçaõ ou he vocal, ou mental. A vocal se diz, ou faz com a boca com movimento exterior, ordenado, e dirigido a Deos, e ás vezes sem uniaõ da mente. A mental, de que aqui tratamos, se faz dentro no coraçaõ com o entendimento prostrado, ou elevado a Deos sem movimento exterior: ás vezes se ajuda huma á outra com grandes gráos de perfeiçaõ, mas naõ a que he pura mental, a Oraçaõ mental se divide em duas, convem a saber, contemplaçaõ, e meditaçaõ. A contemplaçaõ he dom de Deos, que elle só concede a quem quer, porque naõ bastaõ para a ter as artes, ou forças humanas, ainda que he meyo efficacissimo todo o exercicio de virtudes. A meditaçaõ he hum intrinseco cuidado em Deos, hũ trazer em Deos o sentido em hum desejo fervoroso de fazer a sua vontade, de o trazer em nossa presença, e de imitar o seu exemplo; esta ainda he de dous modos, conforme a doutrina dos Santos: ou meditar em Deos, quanto a Divindade, sem representaçaõ, ou figura, ou quanto á humanidade com figura, e representaçaõ: meditar quanto á Divindade, he caminho muito subido, mas por isso mais perigoso; assim o diz Santa Theresa, que o tem por de pouca humildade: meditar quanto á humanidade foy sempre a via mais segura; assim no-lo affirma S. Pedro, que na Humanidade de Christo tambem amava a Divindade, e só por meyo do Senhor diz que façamos quanto obramos.

LUZ III.

O que se ha de escolher para materia da Oraçaõ.

A Memoria da Paixaõ de Christo he a via mais proveitosa do caminho espiritual, assim porque estas ultimas acçoens foraõ as com que elle coroou o fim de nossa Redempçaõ, como porque saõ as melhores, com que nos persuadio, e ensinou a imitaçaõ do seu exemplo; naõ só foraõ thesouro para nos enriquecer, mas norte para nos guiar: naõ só foraõ extremos para nos obrigar, mas excessos para nos mover; esta escolhem os escolhidos, q̃ querem acompanhar o Senhor mais no Calvario, que no Thabor: mais na Cruz, que nas suavidades; aonde elle chamou nescio a S. Pedro, por naõ querer mais que gozar; e em fim mais na solidaõ, e afflicçoens do Horto, que na companhia, e regálos da cea. Esta via da Cruz foy mostrada por Deos a meu Padre S. Francisco, que lhe era mais agradavel, e aos mais dos Santos, que por ella correraõ o estadio da vida; nem está a alteza do estado da vida espiritual naquelles doces sentimentos, nas visoens, e suavidades, que saõ beneficios de Deos, e naõ merecimentos nossos; está na resignaçaõ, e negaçaõ, na constancia, tençaõ, e fim, com que nos pomos nas suas maõs indifferentes para tudo, e donde naõ possa apartar-nos de fazer a sua vontade nem o mundo, nem as creaturas, nem a morte, ou vida, bem, ou mal, &c. como S. Paulo dizia: guiados pois desta verdade, deste exemplo, e deste premio, que temos no mesmo Senhor, naõ temamos entrar nas ondas do mar Vermelho de seu sangue, pois naõ só por este caminho passaremos do mundo ao deserto, e por elle á terra de Promissaõ, mas veremos com gloria de Deos affogar-se nas mesmas ondas o exercito de Faraó, isto saõ, nossos inimigos, o mundo, a carne, e o demonio: a nossa culpa, e amor proprio, que he quem nos faz a mayor guerra; nem nos assombrem os trabalhos, que nas peregrinaçoens deste ermo ha de sentir a humana vida, porque naõ saõ dignas todas as fadigas do mundo do premio q̃ lhes promette, nem sem ellas póde mostrar-se que fazemos algũa cousa, porque a palma com o pezo se ergue, e a cana vaã humar a move: quem no amor de Deos tem raizes, quem persevera em seu amor, he como tronco, a quem naõ movem os temporaes, e as tempestades; quem as naõ tem, he como flor, que o vento a leva,

a leva, hum ar a secca, hum Sol a murcha.

O que se ha de escolher para a fórma da Oraçaõ.

S. Paulo aos que ensina a orar, diz que tragaõ a Deos dentro em si, e elle mesmo de si confessa que para fazer-se outro homem, ja Paulo naõ vivia em si, porque Christo vivia em Paulo; ou subia ao terceiro Ceo, ou como Ceo vivia, pois morava nelle o Senhor, que isto he pela Oraçaõ, quem do Senhor se faz morada, e do mesmo Deos se faz Ceo. David nos diz como isto se faz, trazendo-se a si por exemplo, naõ só huma, mas muitas vezes, dizendo que buscava a Deos em todo o seu coraçaõ: por isso o achava David, que tambem cahio, e peccou, depois que soube amar a Deos, e naõ o achava a Esposa Santa, a quem Christo seu Esposo gabava de ser toda pura, e assim naõ he necessario que busquemos ao Senhor nos Ceos, ou lá sobre os thronos das nuvens, ou nas ruas de Jerusalem, dentro de nós ha de estar tudo, a terra, o mar, o Ceo, e o mundo, sobre tudo o mesmo Deos, que em nós está, se bem o amamos, e nós em elle, se o queremos; só porèm havemos mister pôr o sentido em Deos, que dentro de nós nos assiste, e mettè-lo no coraçaõ: recolher-se-haõ os sentidos ao interior do nosso peito, e suppondo que o coraçaõ he do Senhor Ceo, ou Palacio, casa, jardim, leito, ou cubiculo, fará muito a nossa vontade por tomá-los nos braços da alma, e dizer-lhe posto a seus pés, ou mettido nas suas Chagas, naõ só o que lhe adverte a liçaõ, mas o que lhe ensina o amor, crescendo sempre na humildade, na admiraçaõ, e nos incendios, que fomenta o Espirito Santo, a quem nos affeitos naõ pára, e com os favores se humilha. Isto será principalmente nas horas, que se destinarem á Oraçaõ particular, no recolhimento interior; e quando Deos seja servido, que o coraçaõ saya de si, ó busque nos Ceos, ou na terra naõ resista a seus impulsos, fugindo com todo o amor de que seja vagueaçaõ. Fóra deste recolhimento, se andar derramado o sentido, faça muito por ver ao Senhor em toda a parte dos Ceos, por encontrá-lo na terra, por seguî-lo nas pennas dos ventos, e por ver no mar seus vestigios; e sobre tudo o que elle der, he quem melhor ha de ensinar, sendo porèm o nosso estudo andar sempre em sua presença.

LUZ V.

Avisos para o tempo da Oraçaõ.

EM toda a Oraçaõ particular começará a memoria em figura, o entendimento em apprehenſaõ, e a vontade em ſuſpiro; iſto he, que o repreſente a memoria na figura mais agradavel; que contemple o entendimento iſto, que lhe moſtra a memoria; e que a vontade namorada do que lhe diz o entendimento, corra a adorar o que lhe diz, e ſuſpire pelo que adora: mas em ſe inflammando o eſpirito, ſuſpender-ſe-ha a memoria, paſmar ſe-ha o entendimento, e ſó ſe moverá a vontade. Se a alma ſe vir entre flores, dilate-ſe naõ ſó entre os lirios, mas entre os cravos, e entre as roſas: ſe o coraçaõ pizar abrolhos, naõ ſe deſmaye entre os eſpinhos; que na terra eſteril, e ſecca; na q̃ ſe tem por mais inutil, ſe achaõ as minas, e os theſouros; paſſará o tempo do Inverno, e ſeguir-ſe-ha a Primavera, aonde o eſpirito mais triſte ſe veſtirá de amenidades; paſſaráõ as trevas da noite, e amanhecerá o Sol fazendo mais formoſo o dia; deſatar-ſe-haõ os caramélos, correráo as fontes, e os rios, rir-ſe-haõ os prados, e os valles, e em fim tudo o que naõ puder ſer fogo, ſeja pelo menos fumo; tudo o que naõ puder ſer amor, ſeja pelo menos affecto; quando naõ chegar a ſer lagrima, faça ao menos por ſer gemido; e ſe em fim tudo for ſilencio, faça por ſer admiraçaõ; e ſobre tudo ſe reſolva a ſer ſempre conformidade, tendo-nos por ſervos inuteis, no mayor mal, no mayor bem, conhecendo o que ſem Deos ſomos, e até o que ſomos com elle.

LUZ VI.

Exemplos, e fructos de andar ſempre na Oraçaõ.

BEmaventurados chama David, naõ aos que eſtaõ nos grandes thronos, ou nas felicidades do ſeculo, mas aos que amaõ a Ley de Deos, e a conſideraõ noite, e dia; com eſte amor, e eſta lembrança, deixando o deſcanço do leito, buſcando em Deos o ſeu ſocego, meditava em Deos a Matinas. Inda a noite naõ ſe enfeitava com os alvores do crepuſculo, quando ja cõ os olhos da alma buſcava as luzes do ſeu Sol. Apenas raſgavaõ as luzes o eſcuro manto das trevas, quando tornava a vigiar, para ver a luz dos ſeus olhos. Chegava o dia, e ſette vezes gaſtava com Deos o ſeu dia: tornava a noite, e naõ dormia ſe ſe lembrar de Deos á noite, a noite

te toda, e todo o dia chamava em fim pelo seu Deos, e se punha em sua presença, e se algum tempo socegava, tornava a erguer-se á meya noite para começar bem o dia. Isto fazia aquelle Rey, naõ só na solidaõ dos montes, (aonde viveo Pástor hum tempo) mas no Palacio e na campanha, nas delicias, e na aspereza, com q̃ hora o Ceptro, e hora a espada, hum tempo as armas, e outro os gostos, lhe puderaõ levar o tempo, que a Deos dava continuamente. Nos deleites, e nas fadigas, nas batalhas, e nos triunfos, por isto segurou o Reyno, naõ só da temporal fortuna, mas da eterna felicidade; e por isso disse o Senhor que era homem do seu coraçaõ, porque o trazia sempre em Deos. Oh se os que estamos cá no seculo, deramos a Deos todo o dia, toda a noite, e todo o tempo! se ao menos deramos a Deos algum espaço deste tempo, alguns instantes da noite, e alguma hora do dia, que facilmente conheceramos que Deos nos dava o Reyno eterno, e tambem nos tinha por amigos muito do seu coraçaõ! Quem pois quizer ter oraçaõ, convèm que faça a todo o tempo por trazer a Deos dentro na alma, e ao menos duas vezes no dia, ou pela manhaã, ou á noite occupar nelle o seu sentido, e se quer tê-lo na memoria, crescerá como aquellas arvores, que estaõ postas junto das agoas, que quando he tempo daõ seu fructo; naõ será como aquellas plantas, que por inuteis, e infructiferas servem sómente para o fogo, e se cortaõ a todo o tempo.

LUZ VII.

De dous concertos, que se devem fazer para ter Oraçaõ.

QUem começa a Oraçaõ, álèm da mudança da vida, e emenda de todos os vicios, fará huma confissaõ geral, aonde despindo ultimamente todas as vontades do mundo, e arrancando mui de raiz todas as paixoens do amor proprio, entrará a fazer comsigo dous concertos, de que depende toda a negaçaõ de si mesmo, e toda a resignaçaõ com Deos, sobre cujos fundamentos está a mayor perfeiçaõ do edificio espiritual.

LUZ VIII.

Do concerto, que havemos de fazer commosco.

OPrimeiro concerto he commosco, fazendo hũ firmissimo proposito de antes querer a mesma morte, e todos os males

do mundo, que cahir de advertencia em hũa offensa de Deos, desejando mais estar no inferno com seu amor, se he gloria sua, que sem elle no mesmo Ceo, encontrando a sua vontade; se depois disto se cahir, (q̃ em fim a vida he tentaçaõ, e batalha, aonde ainda os Justos, se naõ mortos, sahem feridos) nem por isso nos desesperemos, e deixemos a Oraçaõ, antes saibamos humilhar-nos, e conhecer o que somos, porque he soberba do peccador fiar de si o naõ cahir, quando só isto tem de seu; o que convèm he conhecer que em quanto caminha a nossa vida, a cada passo se tropeça, e naõ faz pouco, se naõ cahe; e em quanto sulca o mar do seculo, naõ póde ter-se por segura, porq̃ ha mil baixos, que se ignoraõ, muitos descuidos, que nos perdem, e muitos ventos, que nos contrastaõ: no meyo dia muitas vezes vemos que se eclipsa o Sol; com hum arzinho muito leve vemos que se perturba o mar, o dia claro morre em sombras, e o mesmo Ceo se mancha em nuvens: se pois o Sol tem seus defeitos, se o mar suas perturbaçoens, se contrarios a luz do dia, e se manchas o mesmo Ceo, que estranha em si hum peccador, cuja pureza naõ he Sol, cuja vida foy mar de vicios, cuja alma foy fea como a noite, cujo coraçaõ naõ he Ceo? Cahio em culpa hum David, e em conhecendo sua culpa acudio á misericordia: negou a seu Mestre hum S. Pedro, e sahindo do lugar da culpa pedio soccorro a suas lagrimas; e succedendo isto aos Santos, e escolhidos de Deos, ter-nos-hemos nós por melhores sem lhe igualarmos a penitencia, porque os excedemos na culpa; e sem lhe imitar o exemplo, pois os seguimos no delicto? se puderamos fugir a Deos em alguma parte do mũdo; se puderamos esconder-nos de sua presença infinita, parece que o pejo da offensa fora desculpa do retiro; mas cuidar que se respeita a Deos com fugir dos braços de Deos, q̃ os tem abertos, como Pay, sempre que Pay o nomeamos, por mais que ingratos o offendemos, esta he a mayor offensa, que recebe dos peccadores, pois por naõ largar o seu vicio, cuidaõ que tem mayor amparo entre as cadèas do demonio, q̃ nas entranhas de hũ Senhor, que para nos perdoar he Pay, e para nos livrar he Deos. Contritos pois, e compungidos cõ este conhecimento do amor de Deos, e prostrados nesta humildade (com que experimentamos quaes somos) nos deitaremos a seus pés, dizendo-lhe mui brandamente: Meu Deos, meu Pay, e meu Senhor, que podia eu esperar de mim, sendo a peyor cousa do mundo, se naõ fugir-

gir-vos, e offender-vos? mas que hei de esperar de vós, sendo meu Pay, sendo meu Deos, mais que attrahir-me, e perdoar-me? e juntando a estas palavras os affectos da contriçaõ, as lagrimas da Alma, e do espirito, e huma discreta penitencia, que o mesmo amor de Deos ensina, se continuará o concerto, e sentiráõ os mayores peccadores, como no mesmo instante os restitue Deos a si, e mettendo-os no coraçaõ lhes mostra que só tem para elles os thesouros da misericordia, e ás vezes com tanta efficacia, q̃ destes males nos faz tirar mayores bens, adquiridos no conhecimento do pouco q̃ devemos fiar de nós; succedendo-nos na humildade o que a moral Filosofia finge de Anteo cahindo em terra, que se erguia com mayores forças. Depois disto, hum grande temor, que he principio desta sciencia, e hum grande amor, que he todo o fim do caminho da perfeiçaõ, seráõ as bases, e as columnas, em que se funde o nosso espirito, andando sempre receando de aggravar os olhos de Deos, e indo crescendo cada dia tanto de virtude em virtude, como se neste dia começassemos, e houvessemos de acabar nesse dia; esforçando-me a fazer isto, ver que me naõ convèm viver em hum estado, em que me pezará de morrer.

LUZ IX.

Do concerto, que havemos de fazer com Deos.

O Segundo concerto será cõ Deos, e será o concerto, que tenha elle cuidado de nós, que nós o teremos só delle; e assim importa depois disto naõ ter de nós nenhũ cuidado, nem descuidar-nos delle hum ponto, e he certo, se elle se cumprir, que naõ em annos, nem em mezes, mas em poucos dias veremos proveitos naõ imaginados, que só se naõ vem nos que o fazem, porque se o fazem, naõ o cumprem. Se o nosso cuidado he servî-lo, elle nos faz senhores do mundo com o desprezo que nos dá; se a nossa occupaçaõ he amá-lo, elle faz Ceo de nossas Almas com a gloria, com que lhes assiste; se levamos a sua Cruz, elle nos leva logo em conta os extremos, que lhe custamos; se só com elle conversamos, logo nos diz ao coraçaõ o muito q̃ nos mette na Alma; se nos desvelamos por elle, em hum doce roubo dos sentidos nos paga o sõno, que nos foge: e em fim, por pouco que façamos, se com cuidado lhe assistimos, toda a sua providencia se empenha, toda a sua misericordia se humana em sustentar-nos,

e querer-nos; todo o seu amor naõ pára, todos seus thesouros se abrem, até nos ver enriquecidos; inclina a sua Magestade para escutar o que queremos; sujeita a sua Omnipotencia a fazer quanto lhe pedimos; mostra a sua sabedoria em ensinar nossa ignorancia; emprega a sua formosura em namorar nossa cegueira; e estreita a sua immensidade, porque caiba na nossa vista: e he facil de considerar, que cuidado terá Deos de nós, quando veja que o temos delle; se vemos, quando o naõ temos, e até quando o crucificamos, o muito que de nós sempre cuida, como nos trata, e nos obriga: por isso o que mais convèm he fazer por nunca parar, e por ir adiante sempre; que em fim na via do Senhor, como dizia S. Bernardino, tudo o que naõ he ir adiante, he tornar muito atraz. He virtude a perseverança, aonde correm como a seu centro, assim como os rios ao mar, crescidas todas as virtudes; para isto se obrar, convèm soltar-nos de todos os laços, com q̃ naõ só nos prende o mundo, porèm mais o nosso amor proprio; nem he razaõ que se despreze o menor embaraço da Alma; porque hũa rémora pequena faz com que pare a mayor náo, ainda que leve o vento em popa, e que navegue em mar bonança. Menina dos olhos de Deos he a Alma de cada Justo: e se os olhos dos homẽs naõ soffrem bem hum leve argueiro, como se soffrerá aggravar olhos de quem he de Deos, o lume, e vista? Cumpra-se á risca este cõcerto, quando em perpetuo movimento de seu amor, e Oraçaõ, em tudo o que faço, e me occupo, o tenho por objecto, e fim. Para conhecer este fim em todas as minhas acçoens, examinarei que fim me move, se só por ser bom, e para servir a Deos, e naõ deixá-lo; se for obra da natureza encoberta com falso espirito, ou fugir delle, ou vencè-lo. Em Deos, por Deos, e para Deos farei todas as minhas cousas, e tendo-me por peyor que todos, sem cuidar mal de nenhum, rogarei por todos a Deos: sometẽdo-me ás creaturas mais humildes, e desprezadas, crerei q̃ todas melhor que eu o sabem amar, e servir; naõ porei nunca o meu desejo nas fruiçoens, e gostos da Alma, que saõ sensualidade do espirito; mas porei todo o meu desejo em abraçar a minha cruz, e fazer a vontade de Deos: se for de me fazer favores, louva-lo, pois sou taõ indigno; se for de me dar afflicçoens, agradecer-lhas resignado, pois me castiga assim taõ pouco, fugindo muito á hypocrisia, e servindo com prudencia á graça: finalmente me negarei a todos os bẽs enganosos da for-

fortuna, e da natureza; ainda que faça grandes couſas, cuidar no fim que naõ fiz nada; ainda que ſinta grandes males, cuidar que nenhuma couſa ſinto; depois de deſpir-me de tudo, deſpir-me tãbem de mim meſmo, e depois de deixar-me a mim, confeſſar que naõ deixei nada.

LUZ X.

Modo de eſtar na Oraçaõ particular.

ISto ſuppoſto, ou ainda que naõ ſe ſupponha iſto, quem eſtá na caſa de Deos, ou quem deſeja entrar nella, iſto he, entrar na Oraçaõ, primeiro que tudo convem naõ entrar no Paço ſem guia, a ver o Rey ſem o valido, e ſem Miniſtros ao deſpacho, invocando a Rainha dos Anjos, ao que for de ſua guarda, e aos Santos, de que for devoto, e a toda a Corte do Ceo, começará em humildade, joelhos poſtos, maõs erguidas, e no mais com a compoſtura, que apreſença de Deos requere, em breve exame de conſciencia, feito acto de contriçaõ, ſe valerá de todos para pedir a Deos o perdaõ de culpas paſſadas, e efficacia para a acçaõ preſente, e adjutoria para as futuras, rogando-lhe nos moſtre o caminho por onde melhor o acharemos. Com eſta humildade, e confiſſaõ ſe alcança a graça, e ſufficiencia, que ſó vem das maõs do Senhor; e logo muito brandamente fechando as portas, e as janellas dos ſentidos exteriores, metta-ſe no ſeu coraçaõ com o Eſpoſo da ſua Alma, deixando tudo o mais de fóra, e erguendo as maõs a ſeu Senhor, iſto he, erguendo o penſamento, a vontade, e as bõas obras, proſtrado naquella humildade, que pede o nada que ſomos, e o muito, que he o noſſo Deos, conhecendo eſte pó, e cinza, que ſe cobre da vaidade humana, nos abateremos áquella Mageſtade, que a terra o mar, e os Ceos adoraõ; ſeraõ o emprego da Oraçaõ paſmo, louvor, e adoraçaõ de ſeus immenſos attributos, e infinitas miſericordias, amor de ſuas perfeiçoens, affectos de ſua uniaõ, ſuſpiros de ſua preſença, petiçaõ de ſeus beneficios. Faremos por naõ eſtar nella ſem hum deſejo muito vivo, ou hum amor muito abrazado, porque naõ baſta eſtar olhando-o, ſem juntamente eſtar querendo-o: mas iſto ha de ſer brandamente, naõ puxando a Alma por ſi, fazendo-o cõ muita força, porque he violẽcia que naõ dura, e moleſtia que nos quebranta, e ao menos ſempre nos affroxa; os q̃ ſe apreſſaõ muito no principio da jornada ordinariamẽte canſaõ depreſſa. Paſſado o tempo da Oraçaõ, fa-

ça a Alma nas despedidas, por ficar-se sempre com elle; e se ha negocio, que divirta o gosto da sua presença, seja tamanha a saudade, com q̃ se vaõ os olhos da Alma, que suspirem, e vaõ chorando por se tornar ao coraçaõ, aonde entre as mais occupaçoens, representando-o como a furto, de quando em quando se lhe falle no meyo de todo o negocio: porque a Varoens espirituaes, que se prezaõ de viver ao espirito, muito mais que á natureza, o tempo todo, se puderem, a vida toda, se he possivel, haõ de entregar áquelle amor, que em se gostando se vê logo quanto he suave o Senhor, quam tristes os gosto do mũdo, quam cego o amor dos mortaes; e quam doces os bens do Ceo.

LUZ XI.

Considéraçoens para naõ peccar mortal, nem venialmente.

SE me vir tentado para algum peccado mortal, cuidarei que estando o meu Deos aos meus pés muito humilde, e com muitas lagrimas pedindo-me cõ as maõs erguidas, que o naõ offenda, pois me ama, que o naõ affronte, pois me quer, nem me condene, pois me busca, eu o encho de bofetadas, [se faço a culpa, que me tenta] e pizando-lhe o rosto a couces, chamo o demonio para que me ajude a despi-lo, e açoutá-lo, a affrontá-lo, e a crucificá-lo.

Se for peccado venial, cuidarei, que quando o commetto, estando o Senhor no mesmo estado, e com a mesma humildade, lhe digo mui asperamente: Eu bem sei, Senhor, que vós naõ quereis que eu faça isto, mas muito em que vos peze, ainda que naõ queirais, eu hei de fazer a minha vontade, e ao diabo, e naõ a vossa.

Logo cuidarei, se fico em culpa, que ao modo de hum tronco coberto de hera pela cabeça, pelos pés, pela garganta, pelos braços, pela boca, e por todo o corpo me cercaõ, e cingem os demonios em figuras de basiliscos, de dragoens, e viboras, de cobras, de aspides, e de serpentes, e me apertaõ de tal maneira, que tiraõ a respiraçaõ, e a voz, para que me naõ confesse de minhas culpas, e para que mais negro, e mais feyo, que os mesmos demonios do inferno, os Anjos me naõ possaõ ver, seja odio das creaturas, e aborrecimento do meu Deos.

Cuidarei mais, que assim como a pedra do moinho se cahira no mar, naõ parara até dar comsigo no mais profundo abysmo, assim eu com a culpa naõ paro até dar cõmigo dentro do inferno,

no, levando-me mais depreſſa o pezo dos vicios aos abyſmos infernaes, que ao profundo do mar o que tem a pedra.

Ao contrario diſto cuidarei que quando venço a tentaçaõ, deſce dos Ceos o meu Senhor com toda a Corte celeſtial, para que á viſta dos Anjos, e de todos os Bemaventurados vejaõ os demonios que deſce dos Ceos á terra ſó a dar-me muitos abraços: ou fazendo-me azas das virtudes (que elle dá logo mais creſcidas) faz que em hum abrir, e fechar dos olhos voe a minha Alma até os Ceos, aonde em preſença de todos me faz os meſmos favores, mettendo-me no ſeu coraçaõ, pondo o ſeu roſto no meu roſto, e apertando-me nos ſeus braços, onde todos os Córos dos Anjos me cantaõ victoria, e triunfo.

LUZ XII.

Breve arte de perfeiçaõ.

TRes modos ha de andar em Deos para ter continua Oraçaõ: interior, exterior, e ſuperior; o ſuperior mais eleva, o exterior mais move, o interior mais aproveita: andamos em Deos interiormente, quando temos na Alma huma firme apprehenſaõ de que o temos todo no mais profundo da Alma, naõ ſó por potencia governando-nos, naõ ſó por preſença conhecendo-nos, mas por eſſencia, enchendo-nos, e dando-nos todo o ſer q̃ temos; neſte ſe aproveita mais, porque neſte recolhimento interior podemos, como Noé, que eſtava recolhido na Arca, livrar-nos do diluvio da culpa, e das ondas da tentaçaõ, por mais que os ſentidos, e as potencias, que eſtaõ de fóra, gritem, dizendo que ſe perdem.

O modo exterior de andarmos em Deos mais nos move, quando com firme apprehenſaõ de que Deos eſtá em toda a creatura, nos parece em tudo o que vemos, que nos eſtá como eſpreitando, para ver como o tratamos: ſe o ſervimos, ſe o naõ ſervimos; ſe o amamos, ou naõ amamos: ſe o queremos, ou naõ queremos. O ſuperior mais nos eleva, pois fazendo-nos eſtar ſobre nós n'um paſmo, e n'uma maravilha das couſas ſobrenaturaes, nos faz andar como embebidos, abſortos, e alienados na formoſura, na grandeza, na gloria, na immenſidade, na mageſtade, omnipotencia, ſabedoria, e perfeiçoens, e attributos de noſſo Deos.

Mas para que qualquer deſtes modos de andar em Deos nos incite mais a caridade, e nos inflamme de ſeu amor, he neceſſario que primeiro q̃ nos ponhamos

mos em Deos, nos ponhamos no nada que fomos antes de ser, no peyor que nada que somos pela culpa, e no outro nada que poderemos ser, se por ella formos ao inferno. No primeiro nada podemos cuidar que nospomos, quãdo sahindo do que estamos sendo, que he o que Deos em nós pós, nos parece que deixamos o corpo, e alma, e as mais potencias, sentidos, e sumindo-nos por todo o mundo, naõ achamos lugar algum, em que vejamos algum ser, mais que hũa summa escuridade, onde em fim naõ vemos nada. No segundo havemos de ver, como sendo nada as privaçoens, e negaçoẽs, negando-nos, e privando-nos de Deos, tambem nos fizemos nada, pois em Deos naõ póde estar a culpa, e quem está em culpa, está muito fóra de Deos. No terceiro conheceremos que naõ tendo ja nada de Deos, mais que o castigo de querermos ser seus inimigos, o terémos para remedio taõ longe de nós, como he huma eternidade, sendo a mayor pena desta culpa aquelle nada, que se ha de achar na privaçaõ, que ha de haver para sempre de Deos. O primeiro, e segundo saõ mais necessarios, porque nelles se funda, como em firme alicerce, toda a nossa humildade, vendo que sem Deos nada somos, nada podemos estar sendo, e nada poderemos ser; e como nesta humildade conhecemos que devemos a Deos tudo o que somos, e tudo o que podemos ser, della ordinariamente, como da mais infima parte, sóbe seguramente o edificio das virtudes, que ultimamente se coroa com amor de Deos; e tanto he mais alto este amor, quanto he mais profunda a humildade, com que lhe damos toda a gloria, todo o louvor, e obras do nosso aproveitamento.

Subindo pois por este gráo ao amor de Deos mais perfeito, começaremos cõ hum acto de fé, a que se seguirá outro de confiança em suas misericordias, e logo nos poremos em continuo acto de amor, e ao menos de admiraçaõ, louvor, ou graças de seus immensos beneficios, de seus altissimos attributos, ou de suas obras admiraveis.

Requere se para entrar neste estado, e para aproveitar nelle muito que até a morte nos mortifiquemos, naõ parando em cousa alguma, q̃ naõ seja Deos, que ha de ser o fim unico, e total de nossas accoens, em perpetua negaçaõ de nós mesmos, e continua resignaçaõ em sua vontade, estimando muito a devoçaõ, que he mãy do amor, e reverencia, e naõ affligindo-nos muito com as sequidoens dos sentidos, e distrahimento do espirito, pois para entrar na ca-

mera

mera do Senhor, naõ ſó havemos de eſtar lavados de toda a culpa, purgados de ſenſualidade em todo o goſto das potencias, mas taõ livres de intereſſe, o que toca nos goſtos da alma, que naõ póde voar mui alto, ſe leva em ſi o pezo do deſejar conſolaçoens, ou deter-ſe muito nellas; porque importa que aſſim para o corpo, como para o eſpirito, naõ buſquemos nunca outro alvo, mais que o amor de Deos puramente.

Ultimamente todo o tempo da Oraçaõ acabará em pedir a Deos que ſe faça em nós ſua vontade, naõ ouſando fazer-lhe outras petiçoens, ſem declarar-lhe que ſe naõ encontrem ſeus decretos á noſſa petiçaõ: ſe faça em nós, ou em outros ſua graça, ou miſericordia.

Reſta purificar pela Via Purgativa, aproveitando pela Illuminativa, e aperfeiçoando pela Unitiva, e depois diſto mortificar até morte, amar até o fim da vida, e naõ querer nada mais que o amor de Deos em todo o decurſo do tempo, orar com deſejos de padecer, entendendo quando nos vier algum mal, que eſte era o theſouro que deſejavamos, e que naõ ha nenhum outro mal mais que a offenſa de Deos, ou do Proximo: eſteja certo quem guardar iſto á riſca com a graça de Deos [que naõ falta a quem faz o que he em ſi] que chegará á perfeiçaõ de Deos, para quem ſeja todo o louvor, e gloria. Amen.

Deos terrivel, Deos grande, e Deos immenſo, que eſtais todo dentro de tudo, todo fóra de tudo, todo ſobre tudo, e abaixo de tudo todo: eſfera altiſſima, e profunda, larguiſſima, e longuiſſima, cujo centro he toda a perfeiçaõ, e cuja circunferencia nenhuma, que eſtais dentro de tudo, mas naõ fechado dentro, fóra de tudo, mas naõ lançado fóra, ſobre tudo, mas naõ levantado, debaixo de tudo, mas naõ abatido, como me naõ embeberei, admirarei, abſorverei em voſſo ſer ſobre-admiravel, ſobre immenſo, e ſobre-infinito, ſobre-ſupremo, e ſobre excelſo, ſe ſendo o voſſo ſer puriſſimo, e incomprehenſivel, inveſtigavel, indizivel, invadeavel, e inexplicavel, quereis, e fazeis juntamente que a vileza de huma creatura, que de ſeu he hum puro nada, tranſcenda, ſuba, e ſe remonte a comprehender, e conhecer, pela maneira que he poſſivel, eſte impoſſivel admiravel, pois vejo meu Deos, e Senhor, que nos enſinais a conhecer que ſois todo em todas as couſas, poſto que as couſas ſejaõ muitas, e vós naõ ſejais mais que hum? que he verdade que eſtais aſſim poſto nellas, pois ſois unica verdade, e he bem que vos com-

communiqueis! cuja longidaõ hé a eternidade, cuja largueza he a liberalidade, cuja altura he a Mageſtade, cuja profundidade he a ſabedoria, immenſa álèm de quanto ha infinito, em tudo he o meſmo em quanto póde ſer.

Que moveis tudo ſem mover-vos, que mudais tudo ſe mudar-vos, que abrangeis tudo ſem eſtender vos, que eſtais em tudo ſem encolher-vos, que excedeis tudo ſem accreſcentar-vos; no mais pequeno argueiro, ſem vos diminuir; e em toda a redondeza do mundo ſem vos eſtirar; ſobre ella ſem vos ſubir; abaixo della ſem deſcer; fóra della ſem vos tranſpor; abaixo, como quem ſuſtenta tudo; em tudo, como quem lhe dá ſer; fóra, como quem he mayor; ſobre, como quem tranſcende a tudo; verdadeiro, e unico; bem verdadeiro, que ſois hum em tudo, huma verdade, e todas, hum bem ſobre-immenſo. Adore-vos, arda, conſuma-ſe, e abraze-ſe, paſme-ſe, abſorva-ſe, e anniquile-ſe, e finalmente em vós ſe embeba, ſe ſuma, fique, e ſe naõ ache quem vos conhece por ſeu Deos, quem ſe vè voſſa ſimilhança, voſſa copia, voſſa ſifigura; e para naõ ſer, nem querer ſer mais que o que for voſſa vontade, que eternamente ſeja feita por todos os ſempres dos ſempres.

JESUS,

JESU, MARIA, JOSEPH,

INSTITUIÇAM DA ESCOLA DE CHRISTO Senhor noſſo, que neſta Villa, ou Cidade de N. inſtituhio o Padre Fr. Antonio das Chagas, Miſſionario Apoſtolico, na Miſſaõ que nella fez no anno de 1680.

TITULO I.

Das obrigaçoens dos que entraõ a ſer diſcipulos de Sua Divina Mageſtade, nenhuma das quaes obriga por eſta inſtituiçaõ a peccado mortal, ou venial.

PRimeira obrigaçaõ: Que todos os diſcipulos deſta ſanta Eſcola ſe faráõ eſcrever neſte livro pela ordem do A, B, C, e ſe naõ tiverem feito confiſſaõ geral de toda ſua vida, a faráõ logo; e dahi por diante ſe confeſſaráõ de quinze em quinze dias, e ao mais tardar todos os mezes; e nas feſtas do Senhor, e da Senhora, havendo copia de Confeſſor; e em cahindo em peccado mortal conhecidamente, tratem logo de ſe levantar, e confeſſar delle ſem dilaçaõ, para que naõ ſucceda apanhá-los nelle huma morte ſubita, e repentina, e deitá-los no inferno para ſempre.

2. Obrigaçaõ: Que cada qual tenha meya hora de Oraçaõ mental todos os dias na Congregaçaõ, que fica inſtituida, naõ tendo legitimo impedimento; e para ſe inſtruirem neſte ſanto exercicio compraraõ, ſe quizerem, os que ſabem ler, o livro de Villa-Caſtim, ou o das Meditaçoẽs do P. Bartholomeu de Quental, ou outro ſimilhante; e os que naõ ſabem ter Oraçaõ mental, rezem o Terço, ou Coroa de Noſſa Senhora, e teráõ diciplina os que puderem, ao menos ás feſtas feiras.

3. Obri-

3. Obrigaçaõ: Que as mulheres, discipulas desta santa Escola, naõ venhaõ á Oraçaõ ás Igrejas; mas teráõ a sua meya hora cada dia em suas casas, lendo-lhes o ponto para a meditaçaõ em hum dos ditos livros huma pessoa de suas casas, que saiba ler, e naõ a havendo, rezaráõ o Terço de Nossa Senhora a Córos.

4. Obrigaçaõ: Que cada semana corraõ a Via Sacra, huma vez ao menos: as mulheres de dia, de Sol a Sol; e os homens a qualquer hora; todos com a mayor devoçaõ, e compunçaõ, que for possivel.

5. Obrigaçaõ: Que todos os que naõ tiverem legitimo impedimento, jejuem todas as festas feiras á Paixaõ de Christo, ou os Sabbados á Virgem Maria N. Senhora: e os impedidos daráõ em seu lugar huma esmóla, ou rezaráõ a Estaçaõ do Santissimo Sacramento, que consta de seis Padre nossos com outras tantas Ave Marias, e Gloria Patri, &c.; e cada Domingo rezaráõ o Terço, Coroa, ou Rosario de N. Senhora pela alma, que mais penas padeçe no fogo do Purgatorio.

6. Obrigaçaõ: Que cada qual ensine aos de sua familia esta devoçaõ, e a Doutrina Christãa aos que disso necessitarem; naõ lhes consentindo cousa, que seja offensa de Deos, e destruiçaõ de qualquer virtude.

7. Obrigaçaõ: Que nos trajes, costumes, e modestia de cada hum resplandeça o grande cuidado, que devem ter, de ser, e parecer discipulos de Christo Senhor nosso.

8. Obrigaçaõ: Que naõ vaõ a Comedias, e representaçoens profanas, nem a casas de jogo, e conversaçoens, aonde se offenda a Deos, ou ao Proximo; apartando-se de toda a casa, e trato aonde haja suspeita de máo viver, ou occasiaõ de qualquer peccado.

9. Obrigaçaõ: Que em sabendo que he morta algũa pessoa desta Escola, offereçaõ pela sua alma a oraçaõ, e exercicios daquelle dia, para o que os herdeiros do morto avisaráõ logo aos que presidem nas Congregaçoens: e que todos os dias depois da Oraçaõ rezem devotamente tres Padre nossos, e Ave Marias, o primeiro pelo estado, e augmento da Santa Igreja Romana: o segundo pelo estado deste Reyno: o terceiro por todos aquelles discipulos desta santa Escola, que com mais cuidado tratãõ do augmento, e conservaçaõ della.

10. Obrigaçaõ: Que todos, assim homens, como mulheres, tragaõ comsigo alguma cousa, que lhes sirva de lembrança, e despertador para andarem na presença de Deos; crendo com viva

viva fé que elle nos eſtá vendo ſempre; ainda os mais occultos penſamentos de noſſos coraçoens; e que ſem eſte Senhor naõ podemos eſtar em parte alguma: e com eſta certeza faráõ todo o poſſivel por fazer cada hum as obras, e obrigaçoens bõas de ſeus eſtados, por agradar ſó a Deos, e fazer ſua Divina vontade; e tambem por eſte motivo, e fim deixaráõ de fazer, fallar, e cuidar tudo o que tiver qualquer ſombra de offenſa de Deos.

11. Obrigaçaõ: Que haverá neſta ſanta Eſcola huma peſſoa Eccleſiaſtica, ou ſecular, de virtudes, e zelo do ſerviço Divino, que em cada huma das Igrejas, em que haCongregaçaõ da ſanta Oraçaõ, tenha cuidado de per ſi, ou por outrem mandar tocar o ſino a ella, tanto que for noite, e ler o ponto, ou pontos da Meditaçaõ, e para lembrar a alguns diſcipulos deſcuidados a froxidaõ, que vir em ſuas obrigaçoens: fazendo-o particularmente com o amor, caridade, e brandura, com que Chriſto Senhor noſſo o fizera, de que he ſubſtituto.

12. Obrigaçaõ: Que em cada huma das Igrejas, em que houver eſta ſanta Congregaçaõ, haja hum traslado deſtas obrigaçoens, o qual ſe lerá de quinze em quinze dias, e ao menos todos os mezes, para que os diſcipulos deſta ſanta Eſcola refreſquem a memoria, e de novo ſe animem com mayor fervor a adiantar-ſe na extinçaõ dos vicios, e no augmento das virtudes; e ſerá trabalho muito util, e louvavel o dos que tiverem tambem ſeus traslados particulares para inſtruirem a gente de ſua familia, e dos exercicios quotidianos, que adiante vaõ.

13. Obrigaçaõ: Que neſta ſanta Eſcola haja hum Eſcrivaõ, que pelo amor de Deos eſcreva neſte livro os nomes das peſſoas, que nella quizerem entrar; e naõ haverá outros Officiaes, nem ſe fará ajuntamento de feſta, ou outro algum, em que ſe hajaõ de fazer gaſtos, ou deſpezas de fazenda, por menores que ſejaõ: mas todo o deſvélo, e cuidado de todos ſe porá em deſterrar vicios, e peccados, adquirir virtudes, e continuar com perſeverança o ſanto exercicio da Oraçaõ, que he o fim, para que ſe inſtitue eſta ſanta Eſcola, e naõ para ſe occuparem em outras temporalidades, poſto que ſejaõ encaminhadas a bom fim; porque a experiencia tem moſtrado que pelos tempos em diante ſaõ a ruina das conſciencias, e ainda das Congregaçoens com pio, e ſanto zelo inſtituidas, e principiadas.

TITU-

TITULO II.

Dos exercicios quotidianos para os diſcipulos deſta Santa Eſcola.

EXERCICIO I.

Do ſentido do Ver.

COmo os cinco ſentidos ſejaõ as portas, por onde os inimigos de noſſas Almas entraõ a fazer-lhes guerra, e a mettè-las na miſerabiliſſima ſervidaõ, e cativeiro do peccado; he neceſſario guardar com cuidado grandiſſimo, e particular vigilancia eſtas portas dos ſentidos, fechando-as a toda a occaſiaõ de peccado: e principalmẽte aporta dos olhos, que he a principal ruina de noſſas Almas. E aſſim nos guardaremos da viſta de toda a peſſoa, que nos póde incitar a peccado; mettendo os olhos no chaõ, ou virando-os a outra parte, dizendo a Deos com o noſſo coraçaõ, que por ſeu amor, e por fazer ſua ſanta vontade naõ queremos ver tal peſſoa, nem deter-nos em ſua conſideraçaõ: e do meſmo modo fugiremos de ver tudo o mais, que naõ for licito, e honeſto, ou o que póde ſer occaſiaõ de cahir em peccado: e tambem nos mortificaremos algumas vezes no dia, deixando de ver couſas licitas pelo amor de Deos.

EXERCICIO II.

Do ſentido de ouvir.

GUardaremos eſta porta dos ouvidos, naõ ouvindo palavras, e muſicas deshoneſtas, nem murmuraçaõ alguma dos Proximos, e atalhando-a quanto nos for poſſivel, e acudindo por ſua honra, e credito: e quando iſto naõ aproveite, deixaremos a converſaçaõ; e naõ a podendo deixar, nos moſtraremos triſtes, e pezados de ſe dizer do noſſo Proximo aquillo, que naõ queremos que de nós ſe diga: e tambem algumas vezes deixaremos pelo amor de Deos cada dia de ouvir algumas vezes as muſicas, e inſtrumentos honeſtos, as hiſtorias galantes, e bõas, e outras couſas,

couſas, que naõ contèm materia alguma de peccado.

EXERCICIO III.

Do ſentido do Cheirar.

GUardaremos eſta porta, ainda que menos perigoſa, que as outras duas, de cheiros, e perfumes, naõ uſando delles nos veſtidos, cabellos, e comer, por ſerem incentivos da luxuria; e tambem nos mortificaremos algumas vezes no dia pelo amor de Deos em naõ cheirar as roſas, e flores; e em naõ tomar tabaco os que o tomarem.

EXERCICIO IV.

Do ſentido do Goſtar.

GUardaremos a porta deſte ſentido, naõ comendo couſas vedadas nos dias de peixe, (excepto os doentes) nem comendo, e bebendo mais do neceſſario: e ainda diſto deixaremos alguma couſa do que mais goſtamos, mortificando o appetite pelo amor de Deos.

EXERCICIO V.

Do ſentido do Apalpar.

A Porta deſte ſentido guardaremos, fugindo de abraços, e outros quaeſquer tocamentos com outrem, ou com noſco, como de peſte eſpiritual de noſſas almas; e ainda de nos ornar, e enfeitar com curioſidade, mais que o preciſamente honeſto; e principalmente as mulheres, naõ uſando tambem de cores, e poſturas na cara, e enfeites profanos, e deshoneſtos; fugindo de eſtar ás janellas, e de andar vagueando pelas ruas mais que a ouvir Miſſa, Sermaõ, ou alguma viſita honeſta; e entaõ iráõ com grande compoſtura, ſem ſe deſcobrirem aonde poſſaõ ſer viſtas dos homens.

EXERCICIO VI.

Da guarda da lingua.

DIz a Sagrada Eſcritura que a morte, e a vida eſtaõ na maõ da lingua: *Mors, & vita in manu linguæ*; para que vejamos o grandiſſimo cuidado, com que havemos de guardá-la, naõ fallando couſa alguma, que offenda a Deos, ou ao Proximo: e aſſim nos guardaremos de toda a murmuraçaõ, palavra deshoneſta, converſaçaõ ſuſpeitoſa, de praguejar, ou dizer pragas a couſa alguma; mas em lugar diſſo daremos tudo a Deos, á Virgem Maria, e aos Santos, pedindo-lhes muitos bens eſpirituaes, e temporaes para quem nos aggrava, e offende: diremos de todos bem, e de ninguem

guem mal; encobrindo as faltas, e fraquezas dos Proximos como queremos que ſe encubraõ as noſſas: fugiremos tambem de jurar qualquer ſorte de juramentos, hora ſeja verdade, ou mentira, por mais leve que ſeja: a melhor converſaçaõ, que pudemos buſcar, he a de ler livros eſpirituaes, e devotos, para quem ſabe ler: e os mais baratos, e melhores ſaõ a Reformaçaõ Chriſtãa do Padre Affonſo de Caſtro, o Combate Eſpiritual, e as Settas do Amor Divino, todos traduzidos na noſſa lingua Portugueza, e capazes de andar na algibeira.

EXERCICIO VII. E ULT.

TOdas as noites antes da ſanta Oraçaõ, ou de deitar-nos, faremos breve exame da conſciencia, vendo o que temos faltado na guarda deſtes exercicios, e Mandamentos da Ley de Deos, e da Santa Madre Igreja, e de todas as faltas pediremos a Deos perdaõ, batendo nos peitos, e fazendo hum acto de Contriçaõ com grande dor de haver offendido a Deos; e com firme propoſito de emendar-nos com a ajuda de ſua Divina Graça; e faremos alguma breve penitencia, offerecendo-a a Deos na uniaõ dos merecimentos infinitos de noſſo Senhor Jeſu Chriſto ſeu Unigenito Filho. E ſe por noſſa miſeria, e fraqueza cahir-mos em peccado mortal, nos confeſſaremos logo, para que nos naõ colha hũa morte ſubita em taõ miſeravel eſtado: e quando pela Bondade de Deos tivermos conſciencia de peccado mortal, baſtará confeſſar-nos de quinze em quinze dias, e nas feſtas principaes dos peccados veniaes, que nos lembrarem, e de alguns mortaes ja confeſſados, a que mais aborrecimento temos: e faremos muito por ganhar as Indulgencias da Bulla da Cruzada nos dias, em q̃ ha Eſtaçaõ. Seremos finalmente mui devotos das Chagas de Chriſto, da Virgem Maria, do Anjo da noſſa guarda, e do Santo do noſſo nome, rezando-lhes todos os dias algũas oraçoens, que applicaremos pelas Almas do Purgatorio, a q̃ ſomos mais obrigados.

Eſcada eſpiritual, por onde chegamos dentro de nós a ſua Divina Mageſtade.

TEm eſta eſcada cinco degráos, que ſaõ cinco perguntas, e reſpoſtas, que ha de fazer, e dar cada hum a ſi meſmo interiormente, depois de ſe benzer, e fechar os olhos, e dizer a Confiſſaõ, ou acto de Contriçaõ, pondo-ſe diante de Deos em humildade, e amoroſa lembrança.

I. Per-

I. Pergunta.

Com que fé, e certeza eſtou aqui de eſtar diante de Deos?

Reſpoſta.

Creyo, Senhor, e eſtou certo, que he impoſſivel naõ eſtar na voſſa preſença.

II. Pergunta.

Ja que creyo que eſtou diante da Mageſtade Divina, com que reverencia, e corteſia eſtou diante della?

Reſpoſta.

Senhor, aqui eſtou com pouca reverencia, mas ſe pudera eſtar diante de vós, como eſtaõ os Anjos, e os Santos do Ceo, e a Virgem Maria, aſſim eſtivera, meu Deos.

III. Pergunta.

E com que pureza de tençaõ eſtou diante deſte Senhor? venho eu puramente por contentá-lo, e ſervî-lo, e dar-lhe goſto?

Reſpoſta.

Senhor, de hoje em diante a minha tençaõ he puramente contentar-vos por voſſa gloria, e honra: ter eſta tençaõ em todas minhas obras, palavras, penſamentos, mas que a mim, e a todo o mundo deſcontente.

IV. Pergunta.

E com que propoſito venho? tenho eu ainda propoſito de peccar?

Reſpoſta.

Senhor, de hoje em diante proponho morrer antes que peccar; ajudai-me, Senhor, para que neſta reſoluçaõ eſteja taõ firme, que até a morte perſevere.

V. Pergunta.

E com quanto amor eſtou aqui à hum Deos infinitamente bom, que morreo por mim, e tanto bem me fez?

Reſpoſta.

Senhor, nenhum amor vos tive atégora; mas ſe eu vos pudera amar como a Virgem Maria vos amava, e como todos os Santos, e Anjos do Ceo, aſſim vos amara, meu Deos. Quizera de cada area do mar, Eſtrella do Ceo, e herva do campo fazer mil Almas, mil coraçoens, e ao menos hum Reyno do Ceo para eternamente vos amar.

Feito iſto, fique-ſe em Deos, ou conſiderando a Divina Bondade, e formoſura em algum myſterio da Paixaõ de Chriſto Senhor noſſo; e como Deos he amor, (ſe ama) em Deos fica. Detenha-ſe com elle quanto puder, offerecendo os merecimentos de Chriſto Senhor noſſo, da Virgem Maria, e dos mais Santos a Sua Divina Mageſtade. Dè-lhe graças por ſeus beneficios; peça perdaõ de ſeus peccados, e acabe ſempre confirmando-ſe nos firmes, e efficazes propoſitos de ſervir, e amar eternamente a Sua Divina Mageſtade.

Colloquios para depois da Oraçaõ.

A Ultima couſa he fallar com Deos de tres modos: o primeiro, dando graças: o ſegundo, offerecendo: o terceiro, pedindo.

Dará graças a Sua Divina Mageſtade com eſtas, ou ſimilhantes palavras. Meu Deos, e Senhor, douvos muitas graças porque me creaſtes, me redemiſtes, me conſervaſtes, e tantas vezes me chamaſtes com voſſas miſericordias, e pelos mais beneficios, que me fizeſtes, e por me dardes eſte breve eſpaço, em que me peza de minhas culpas, e ſuſpiro por voſſa miſericordia, e deſejo abraçar voſſa vontade ſantiſſima: tambem vos dou muitas graças por todos os dons, e bens, que deſtes a meu Senhor Jeſu Chriſto, á Virgem Senhora noſſa, a todos os Anjos, e Santos do Ceo, de cuja gloria me alegro, e cujo favor invoco; e deſejo tantas vezes fazer iſto para voſſa gloria, e honra, quantas ſaõ as arèas do mar. Ficará por hum breve eſpaço recreando-ſe em Deos no ſeu coraçaõ, dando lhe graças.

Logo fará o offerecimento com eſtas, ou ſimilhantes palavras. Soberano Pay de meu Senhor Jeſu Chriſto, eu vos offereço em ſatisfaçaõ de todos meus peccados os merecimentos de voſſo Santiſſimo Filho, e da Virgem Senhora noſſa, e de todos os Anjos, e Santos do Ceo, e Juſtos da terra: e vos offereço minhas obras, e trabalhos em uniaõ daquella tençaõ, com que meu Senhor Jeſu Chriſto, quando andava no mundo, vos offerecia ſuas obras, palavras, e penſamentos Ficar ſe-ha por outro breve eſpaço offerecendo a noſſo Senhor tudo, quanto entender que póde ſer agradavel a ſua vontade ſantiſſima.

Logo fará petiçaõ a Sua Divina Mageſtade com eſtas, ou ſimilhantes palavras. Meu Deos, e meu Senhor, muito me peza de minhas culpas, por ſerem offenſas voſſas, e daqui em diante proponho antes morrer, que peccar. Peço-vos perdaõ de todos meus peccados: peço-vos voſſo amor, voſſa luz, voſſa graça, voſſa miſericordia, e tudo o que me he neceſſario para a Alma, e para a vida, e para meu eſtado em voſſo ſanto ſerviço; principalmente aquella virtude contraria do vicio, de que ſou mais combatido, e que ſe faça em mim voſſa ſantiſſima vontade; e tudo o que peço he em nome de meu Senhor Jeſu Chriſto, que comvoſco vive, e reyna por todo o ſempre dos ſempres. Amen.

Quinze

Quinze perfeiçoens saõ necessarias a quem quizer servir a Deos, fazendo vida de espirito.

1. A Primeira, huma perfeita noticia, e conhecimento de todos seus desejos, paixoens, e inclinaçoens naturaes.

2. A segunda, he a grande, e fervorosa resoluçaõ, com que hei de fazer guerra a todos os appetites, inclinaçoens, affeiçoens, e naturaes paixoens, ou sejaõ de odio, ou amor, repugnantes á razaõ: os quaes ha de sujeitar a si, para que com todos se sujeite a Deos.

3. A terceira, he hum grande temor, que deve ter de naõ estar certo, e seguro, se dos peccados, culpas, e offensas contra Deos tem dado a devida satisfaçaõ, e feito a penitencia devida, sem a qual naõ póde ter feito pazes com Deos.

4. A quarta, he hum grande temor, e tremor, que deve ter cada qual, ainda depois de desenganado, e de todo arrependido, se acaso por sua fragilidade tornará outra vez a cahir em similhantes, ou mayores peccados.

5. A quinta, he huma forte resoluçaõ, e aspero tratamento, com que ha de governar seus corporaes sentidos na cama, no vestido, no sustento, no somno, e em tudo o necessario, sujeitando, e sacrificando seu corpo crucificado por mortificaçoens em obsequio de Christo crucificado.

6. A sexta, he huma grande fortaleza, e paciencia nas tentaçoens, e adversidades, imitando a pasmosa, e estupenda paciencia de Christo, e aquella mansidaõ, a cujo exemplo deve receber com bom, e forte animo a pobreza, dores, afflicçoens, e penas, que da maõ da Divina Providencia para seu bem lhe saõ dadas, conhecendo que por suas culpas he digno de mayores penas, e indigno de padecer por amor deste Senhor, por cujo amor nunca deve padecer tãto, que naõ deseje mais padecer, com o desejo de conformar-se com a crucificada vida, e morte deste Senhor, até que nelle se naõ descubra alguma impaciencia, ou paixaõ humana; estando toda sua vida escondida em Deos, e mettida em Jesu Christo; de nosso corpo naõ fazendo mais caso, que de huma pequena de terra, ou esterco, que os brutos pizaõ.

7. A settima, he fugir com animo resoluto de toda a pessoa, e creatura, como se fora hum demonio infernal, se entender que lhe póde ser occasiaõ naõ só do minimo peccado, mas de qualquer imperfeiçaõ na vida de espirito.

8. A oitava, he trazer em si a Cruz de Christo que tem quatro braços: o primeiro, he mortificaçaõ dos vicios; o segundo, desapego de todos os bens temporaes; o terceiro, destruiçaõ de todas as affeiçoens carnaes, e amor de parentes; o quarto, desprezo de si mesmo.

9. A nona, he huma larga, e continua lembrança, e meditaçaõ dos beneficios de Deos, que recebemos, assim na creaçaõ, conservaçaõ, e vocaçaõ, e mais na Redempçaõ, vendo quantas vezes nos livrou este Senhor do inferno, aõde deitou os Anjos por hum só peccado, e outras muitas Almas pelas mesmas, ou menores culpas, que as que cada hora commettemos, considerando outros muitos bens, que em cada qual tem feito este taõ bom Sendor.

10. A decima he, que de dia, e de noite, a toda a hora, e em todo o lugar sempre estejamos, ou andemos em oraçaõ, isto he, com o sentido levantado em Deos, trazendo-o na memoria, naõ fazendo, nem dizendo, nem cuidando o q̃ naõ cuidara, nem differa, nem fizera o mesmo Deos, ou ao menos o que naõ he contra sua Ley.

11. A undecima he, que daqui passemos a amor de sentir por meditaçaõ, e contemplaçaõ as celestes, e divinas doçuras daquella vida eterna, celestial, e divina, aonde os bens naõ haõ de ter fim, nem as glorias cabo.

12. A duodecima, he hum ardente, e fervoroso desejo de exaltar a nossa santa Fé, isto he, de que Christo Senhor nosso de todos seja temido, amado, estimado, e conhecido de todos, continuamente louvado, e de nenhum offendido.

13. A decimaterceira, he ter huma grande compaixaõ, e piedade de todas as necessidades do proximo, assim como qualquer quizera q̃ das suas a tiveraõ os outros; todos os proximos, ainda que sejaõ inimigos, se haõ de amar, como se estiveraõ no coraçaõ de Christo, sem isto naõ se póde verdadeiramente amar.

14. A decimaquarta, he dar graças de todo o coraçaõ a Deos em todas as cousas, louvar, glorificar em tudo a nosso Senhor Jesu Christo, nos males, nos bens, ou proprios, ou alheyos, estimando-o, ou amando-o em tudo por justo.

15. A decimaquinta he, que depois de fazer tudo isto, sinta, e diga de todo o coraçaõ: Meu Senhor Jesu Christo, nada posso, nada valho, mal vos tenho servido em todas as cousas, sou servo ruim, e inutil: a vós gloria, e honra, e louvor, com que sejais bendito por todas as eternidades. Amen Jesu.

J. M. J.

Preparaçaõ para cõmungar.

PRimeira, conſiderar que a Eſcritura Sagrada nos move, e aviſa para eſta preparaçaõ com palavras, e exemplos. Com palavras pelo Profeta Amós 4. *Præparare in occurſum Dei tui Iſrael.* Prepara-te, Iſrael, para receber a teu Deos, que elle vem para morar, e ficar em ti: e S. Paulo Epiſt. 1. ad Corinth. 11. *Probet autem ſeipſum homo, & ſic de pane, &c.* Veja cada qual ſe eſtá capaz de chegar-ſe áquella Meſa Divina, &c. Prove ſe, e examina-ſe; e eſta prova entende a Igreja pelo exame, contriçaõ, e confiſſaõ ſacramental dos peccados mortaes, dor, e firme propoſito. Eis aqui nos adverte com palavras, com obras, e exemplo, mandando que com grande limpeza ſe comeſſem os Paens da Propoſiçaõ, o Cordeiro Paſchoal, e ſe puzeſſe o Manná, figura deſte Sacramento, em arca dourada por dentro, e por fóra: S. Joaõ Baptiſta ſe reputava por indigno de tocar a Chriſto Senhor noſſo. S. Pedro naõ ouſava a eſtar com elle na barca: o Centuriaõ naõ ſe atrevia a que entraſſe no ſeu apoſento: a Virgem Santiſſima ſe julgava humilde eſcrava, naõ merecedora de o ter em ſeu ventre puriſſimo: álèm diſto, a arte, e a natureza tanto melhor produzem as ſuas obras, quanto eſtá mais diſpoſta a materia: o fogo melhor pega na lenha ſecca, que na verde; porque a ſecca para o fogo eſtá mais diſpoſta: o Pintor melhor faz o retrato em huma lamina polida, que em huma taboa toſca, porque tem melhor diſpoſiçaõ para o primor da pintura a lamina, que a taboa. Aſſim quando for melhor a diſpoſiçaõ, e preparaçaõ, obrará eſte Senhor milagres, ou maravilhas mayores. O Sol a hum meſmo tempo endurece o barro, e derrete a neve: ſaõ diverſas as diſpoſiçoens, por iſſo ſaõ de hũa meſma cauſa os effeitos diverſos. A diſpoſiçaõ melhor he hũa profundiſſima humildade, huma grande reverencia, huma pureza limpa, huma devoçaõ fervoroſa, depois de confiſſaõ, e oraçaõ.

A ſegunda (nota muito iſto) entre as couſas, que para eſta preparaçaõ ſaõ neceſſarias, a principal de todas he a pura intençaõ com que cõmungas, o fim a que eſta Communhaõ ſe encaminha; e aſſim conſidera, que a tençaõ póde ſer vicioſa, ou menos louvavel, por quatro couſas.

A primeira se cõmungas porque te tenhaõ por Santo, isto he hypocrisia, e vangloria.

A segunda, se cõmungas por alcançar de Deos bens da terra; e a razaõ he: porque como este manjar Divino he sustento espiritual das Almas, naõ deve de primario referir-se a cousas terrenas, e caducas.

A terceira he, se commungas sendo teu primeiro intento alcançar consolaçoens, ou gostos espirituaes; porque esta tençaõ nasce do amor proprio, e naõ do amor de Deos.

A quarta he, se commungas fómente por costume, ou porque outros o fazem. Deve pois considerar cada qual, que a recta, e pura tençaõ póde ser de oito modos.

O primeiro, se cõmungas para alcançar a remissaõ dos peccados, porq̃ este Sacramento he tambem sacrificio, que pelos peccados se offerece a Deos.

O segundo, se cõmungas para livrar-te de algũ gravissimo mal espiritual, afflicçaõ, ou tentaçaõ.

O terceiro, se cõmungas para alcançar alguma singular graça, ou dom espiritual.

O quarto, se cõmungas para dar graças a Deos pelos beneficios espirituaes, e temporaes feitos a ti, e a teus proximos.

O quinto, se cõmungas para que assim honres, e louves a Deos, e aos Santos, pois este he o mayor dos sacrificios, com que honramos a Deos; *Sacrificium laudis, &c.*

O sexto, se commungas para juntar-te com Christo por puro amor, e fazer-te huma cousa com elle.

O settimo, para que ajudes a teus proximos vivos, e defuntos.

O oitavo, para que faças o Officio mais agradavel a Christo Senhor nosso, de quem sabes, que tem hum summo desejo, e gosto de estar cõtigo. Proverb. 8. *Delicia mea esse cum filiis hominum.* Com tudo adverte, q̃ de todos estes fins, e intentos, os mais excellentes de todos, e por cuja causa foy este Sacramento instituido, saõ quatro.

O primeiro foy, para que tenhas em ti hum vivo memorial da Paixaõ de nosso Senhor Jesu Christo: *Hoc facite in meam commemorationem.*

O segundo he, para que assim como com o sustento corporal tratas de sustentar o corpo, assim com o sustento espiritual trates de sustentar o espirito, e ter eterna vida. Joan. 6. *Qui manducat hunc panem, vivet in æternum: nisi manducaveritis carnem Filii hominis, non habebitis vitam in vobis.* Morre o corpo, se falta o paõ do corpo: morre o espirito, se falta este paõ do espirito.

O terceiro he, para que te trans-

transformes em Chriſto, e para que Chriſto Senhor noſſo viva em ti, e tu em Chriſto Senhor noſſo; elle em ti por graça, nelle tu por amor, e memoria: *Qui manducat meam carnem, & bibit meum ſanguinem, in me manet, & ego in illo.*

O quarto, e primeiro, como diz S. Boaventura, he, para que embebas em ti o eſpirito de Chriſto Senhor noſſo, pelo qual vivas com aquella humildade, caridade, obediencia, amor da pobreza, mortificaçaõ do corpo, deſprezo do mundo, e deſejos de padecer, aſſim como viveo noſſo Senhor Jeſu Chriſto.

Quem em breve quizer chegar á perfeiçaõ, frequente as Communhoens com eſtas quatro ultimas tençoẽs, chegando-ſe a eſte Senhor com a preparaçaõ poſſivel.

O quinto conſidera, quam de madrugada te deves preparar para o dia, que cõmungares: que noſſo Senhor Jeſu Chriſto com incomparavel deſejo te eſtá eſperando na Igreja, para q̃ commungues, e ſe agaſa-lhe em tua Alma, para ficar nella de aſſento, dizendo aquillo, que diſſe Deos Senhor noſſo a Santa Iſabel: *Se tu queres eſtar cõmigo, eu quero eſtar contigo.*

Cuida, logo que fores para a Igreja, ou Altar, o grande goſto, com que o teu Anjo da guarda te vai acompanhando, para que hoſpedes, e recebas a teu, e ſeu Deos, &c. Em terceiro lugar, em chegando ao Altar, em que eſtá eſte Divino Sacramento, lhe farás no teu coraçaõ huma profunda, e humilde reverencia, e invocarás a ajuda da Mãy de Deos, e de todos ſeus Santos, e Anjos, para que te acompanhem, e alcancem graça, e favor para que colhas deſte Sacramento fructo.

Conſidera tambem em chegando aonde cõmungas, o que lá diz S. Mattheus 25. *Ecce ſponſus venit, &c.* Adverti que vem o Eſpoſo; e adverte que vem cheyo de deſejo de eſtar contigo, cheyo de caridade, de benignidade, de amor, e de todo o bẽ, para encher-te, e favorecer-te: *Exite obviam ei.* Ide vós Alma tãbem cheya de devoçaõ, de goſto, de reverẽcia, de humildade, dizendo com Abraham: Senhor, aqui eſtá o pó, e cinza; com a Virgem Mãy de Deos: Eis-aqui a eſcrava do Senhor, faça-ſe em mim a ſua vontade; ſegundo a ſua palavra; ou com ſanta Iſabel: Donde me veyo a mim, que meu Deos, e Senhor queira entrar, e pouſar em minha pobre Alma? *Unde mihi, &c.* Juntamente conſiderarei, quem he o que vem, iſto he, meu Creador, meu Redemptor, a immenſa miſericordia, a infinita formoſura, a eterna Sabedoria, a incomparavel Mageſtade, a bon-

dade incomprehensivel; em fim meu Deos, meu ultimo fim, meu summo infinito bem; e a que vem: a honrar-me, enriquecer-me, salvar-me; dir-lhe-hei com nosso Padre S Francisco: *Deus meus, & omnia, quis es tu, & quis sum ego?* Meu Deos, e todas minhas cousas, quem sois vós, e quem sou eu?

Antes que te apartes do lugar, aonde cõmungastes, dá-lhe muitas graças de haver feito morada sua, tua pobre, e miseravel Alma.

Em segundo lugar lhe offerecerás em holocausto puro a ti mesmo, e a todas tuas cousas, assim como elle todo se entregou a ti neste santo sacrificio. Em terceiro lugar exercitar-te-has em actos de amor de Deos, beijando, e abraçando espiritualmente seus santissimos pés, e maõs, suas sacratissimas Chagas, e adorando em sua humanidade sua Divindade sãtissima, rogando-lhe que nunca se aparte de ti, como os Discipulos de Emmaûs: *Mane nobiscum, Domine, quoniam adveſperascit.*

Em ultimo lugar expõem-lhe tuas miserias, o desejo de servî lo, pede-lhe que orne a casa de tua Alma de todas as virtudes, que te dè graça aquelle dia, e todos os de tua vida; para que naõ esfrie a devoçaõ, e caridade, offereceo-o muitas vezes a seu eterno Pay, e naõ o perdendo da vontade, nem da memoria, louva o interior, e exteriormente quanto puderes por todos os seculos. Amen.

Com estas palavras, dizia o Veneravel Padre Fr. Antonio, me achei bem nas tentaçoens, fallando com os demonios.

E as palavras eraõ estas.

ESpiritos das trevas, cujos, baixos, e torpes, para sempre condenados ao carcere dos abysmos, aborrecidos de Deos fracos, e para pouco, dignos de, que todos zombem, e escarneçaõ das vossas forças, pois naõ prestais para nada, nem tendes poder algum mais que o que vos dá quẽ nas vossas maõs se mette, depois que com as suas maõs se mata; poucos sois todos contra mim, vinde, vinde todos os que estais no inferno, naõ venhais taõ poucos, que glo ia tenho de que venhais todos r e pena de que naõ sejais mais. Trazei todas as vossas armas, todas as tentaçoens, e tribulaçoens possiveis, que contra todos basta, e sobeja aquella graça, com que meu Senhor Jesu Christo me manda vos acoute a todos cõ o seu nome santissimo. Vinde, espiritos feissimos, naõ sejais fracos, que nenhum medo

do me fazeis, antes me rio de vós; quem vos deitou dos Ceos, vos deitará de mim; porque está dentro de mim; quem no inferno vos açouta, em mim vos ha de açoutar, com este nada que sou vos ha de confundir; pelejai, pelelejai cõmigo, e servireis a Deos, porque lhe dareis gloria a elle, dando-me a mim tantas victorias, como batalhas, e a vós tanta pena de novo, quanta for a vergonha, e confusaõ de ficares vencidos. Chamai ao vosso Lucifer, e aos seus valentoens mayores, que apparelhado estou com o eterno odio que vos tenho, para me deleitar sómente na Cruz de Christo; e arvorando esta contra vós, em quanto viver, andar sempre sobre os aspides, e basiliscos; e pizar confiadamente em Deos o collo dos Leoens, e Dragoens.

Oh meu Deos, e meu Senhor, quizera eu que o coraçaõ feito em pedaços me sahisse em lagrimas pelos olhos; que a Alma desfeita em suspiros se me arrancasse do intimo das entranhas, e se me sahisse pela boca; que as entranhas pizadas de hũa aspera, e rigorosa contriçaõ, se me desfizessem no peito com mares de amarguras; pouca fora ainda esta dor para a magoa, que desejo ter de vos haver offendido: quizera, meu Senhor, que com suspiros de fogo, com levaredas de amor, com ardentes chammas de contriçaõ me desfizesse em pó, e cinza este meu pezar, me confundisse dentro de mim mesmo estes ardentes affectos de penitencia, que naõ saõ sentimento em mim, sem que primeiro sejaõ misericordia em vós; espero por vossa bondade, que me haveis de perdoar, e dar graça para vos naõ offender; e como naõ tireis de mim este amor, que eternamente vos desejo ter, fazei, meu Senhor, o que quizeres de mim, q̃ apparelhado estou na vida, e na morte, na pena, e na gloria, na honra, e na injuria, no mal, e no bem, no Ceo, e no inferno, de querer só a vossa vontade. O' Columnas do Ceo, Tochas do Firmamento, Luminarias do Empyreo, Alampadas de Deos, Fornalhas do Espirito Santo, rogai por mim a Deos, para que comvosco o louve eternamente.

Despedida de tudo.

MEu Deos, eu me despeço de todas as creaturas: intento amar-vos daqui por diante de todo o meu coraçaõ, com toda a minha Alma, com todas as suas forças, e com todos os meus sentidos. Memoria que se ha de lembrar de vós, naõ deve ter outra lembrança; entendimento que ha de cuidar em vós, naõ deve ter outro cuidado, von-

vontade que ha de querer-vos naõ deve ter outro amor; coraçaõ que ha de occupar-se comvosco, de tudo ha de estar vasio; olhos que vos haõ de ver, para tudo se haõ de fechar; boca que ha de fallar de vós, nada mais que a vós ha de tomar na boca; gosto que se ha de empregar em vós, de nada mais ha de ter gosto; ouvidos que haõ de ouvir as vossas palavras, a nada mais haõ de dar ouvidos; vida que se vos ha de entregar, para tudo mais ha de estar morta; Alma que ha de viver comvosco, só para vós ha de estar viva: despeça se pois, meu Deos, com vossa graça de tudo quem convèm que deixe tudo, para vos agradar em tudo, e gozar-vos a vós, que sois mais que tudo. Fique-se nos desertos do nada a Alma, que naõ foy nada antes que vós a creasseis, e que foy peyor que nada depois que vos offendeo: nada quero, nada desejo, nada possuirei, nada buscarei mais que vosso amor, e vontade, pois nada tenho que seja meu, nada posso ter que naõ seja vosso, nada mereço mais que castigos; e pois nada posso por mim, razaõ he que me naõ queixe, nem me afflija de nada, pois o nada naõ se queixa, o nada naõ se afflije: nem convèm que me envergonhe, e vanglorie, porque o nada naõ se envergonha, o nada naõ tem vangloria, o nada naõ tem presumpçaõ de cousa alguma, porque o nada naõ faz nada. Só vós, meu Deos, fazeis tudo o que he bom, e despejando com este nada quanto tem meus sentidos do mundo, e quanto tenho na minha Alma, que naõ sejais vós, taõ vasio quero ficar de tudo, quanto vós naõ sois, taõ ermo de mim mesmo, taõ deserto de tudo mais, que naõ achando totalmente em mim mais que a vossa vontade, vossa honra, e gloria igualmente para o bem, e para o mal, vos offereça na minha Alma hum desapego de tudo, huma negaçaõ de mim, huma solidaõ de nadas, e hũa despedida total de todas as cousas; para que nem o desejo me afflija, nem o temor me inquiete, nem a inclinaçaõ me arraste, nem o gosto me desvie daquelle doce, e ultimo fim, daquelle summo bem, para que me creastes; antes com huma sujeiçaõ taõ medida, com huma entrega taõ affectuosa, com huma ancia taõ enamorada, me ponha de todo nas vossas maõs, que em mim se naõ veja mais que o amor de meu Senhor Jesu Christo, e este crucificado, por cujo sangue, e nome vos peço este favor, e perdaõ de tudo o que em mim naõ foy sempre isto.

SE-

SEMANA ESPIRITUAL,

PELO VENERAVEL PADRE

Fr. ANTONIO DAS CHAGAS.

O Horto de Gethſemani he figura da perfeita Oraçaõ: Gethſemani quer dizer Valle de abundancia, porque pelo valle da humildade, e pela abundancia da Caridade morreo o Senhor por nós; deſceo dos Ceos á terra pela humildade, com que ſe unio á noſſa natureza, e depois de unir-ſe comnoſco, ſubio pela Cruz ao Ceo, para nos coroar de gloria: por iſſo para que nos comeccemos a unir com Deos, he neceſſario entrar no Horto da Oraçaõ, deſcermos nella com humildade ao valle da noſſa miſeria, onde fertilizando eſta terra, de que ſomos feitos, com abundancia de amor, e lagrimas façamos por meditar, e diſpor-nos para a Cruz, ſem a qual naõ ſendo ſimilhantes a Chriſto, naõ poderemos ſubir aos Ceos, e ſer dos ſeus Predeſtinados.

Primeiro que tudo ſe ha de fazer coſtume da Oraçaõ, aſſim como fazia o Senhor, para que eſte coſtume ſe faça natureza, ſe converta em graça, ſubindo deſte valle de lagrimas ao monte da eterna Paz, que iſſo nos repreſenta o Monte das Oliveiras, figura do Ceo, aonde pela Oraçaõ [que he ſubida da mente a Deos] ſe ha de erguer o noſſo penſamento.

Deve a Oraçaõ, quanto for poſſivel, ſer reverente, pois o Senhor orou de joelhos. Deve ſer ſolitaria, pois naõ ſó buſcou o Senhor a ſolidaõ, mas para ficar mais ſó, ſe apartou daquelles Diſcipulos, que comſigo tinha levado. Deve ſer devota, iſto he, huma promptidaõ, e naõ aquelle goſto ſenſivel, com que havemos de louvar a Deos, ainda que (como

diz

diz S. Pedro de Alcantara) com as consolaçoẽs do Senhor cresce a devoçaõ, em que consistem as azas, com que voa o espirito. E finalmente para ser perfeita, ha de constar de tres cousas, que nos deo o Senhor nas tres vezes, que se pôs á Oraçaõ; isto he [como diz a Glossa] Principio, Meyo, e Fim. Principio, na Fé com que havemos de conhecer a Deos, e no conhecimento que havemos de ter de nós. Meyo, na esperança que havemos de ter na amizade de Deos, ajuntando-lhe as bõas obras. Fim, na gloria de Deos, fazendo tudo por seu amor, e em negaçaõ de nossa vontade.

Foy o Senhor via no exemplo, verdade na doutrina, vida no premio. Se queremos gozar os premios, a que esta vida nos convida, convèm que, aprendendo esta doutrina, imitemos o seu exemplo. Nas suas acçoẽs acharemos o Norte, a estrada que seguramente nos leve, e acertadamente nos guie. Na sua verdade a certeza de chegarmos á perfeiçaõ, quanto fugirmos da mentira de falsas promessas do seculo. E nos passos de sua vida os passos da eterna Gloria, que elle só tem apparelhado. Para o que por via direita, cada huma destas acçoens, que elle obrou em sua Paixaõ, nos ha de occupar toda a hora, ou tempo que orarmos, porque se se naõ esmeuçaõ bem, naõ lhe damos bem na substancia. Necessario he cavar bem a terra para que se ache a mina; e porque á flor da terra só quando muito se achaõ flores; a comida que naõ vai bem mastigada, naõ póde ser bem digerida, nem proveitosa á natureza; as perolas no fundo do mar se pescaõ, e naõ em cima da agoa; por isso nos naõ cansaremos em orar, e meditar de hum folego toda a Paixaõ junta. Toda hũa noite gastou meu Padre S. Frãcisco, sem cuidar mais que em duas palavras: *Meu Deos, e todas minhas cousas.* Santo Agostinho passou muito tempo sem formar mais que dous conceitos: *Senhor, conheça-vos eu a vós, e conheça me a mim.* Gregorio Lopes passou nove annos, sem dizer em si mais que isto: *Senhor, faça se em mim vossa vontade.* O nosso S. Diogo quasi toda a vida naõ teve outra Oraçaõ, abraçando-se com a Cruz, mais que estar em acto continuo do amor de Deos, dizendo: *Amor meu, amor meu.* E de Santo Isidoro se conta, que por ser rustico em extremo, naõ dizia a Deos outra cousa mais que estas breves palavras: *Dios mio, si tuvieras ganado, yo te lo guardára de gracia.* E esta he a altissima Oraçaõ, estar sempre em continuo acto de amor,

de

de Deos, sem affligir o entendimento com discursos demasiados, que ás vezes deixando vaidade gastaõ o tempo de vontade em superfluas meditaçoens, ou cuidados de pouco fructo. Serve-se Deos dos coraçoens muito mais que das imaginaçoens; quer as victimas abrazadas, ainda que com menos enfeites se apresentem nos seus altares; toda a maquina de discursos só entaõ será proveitosa, quando sirva de nos mover; ou por ver-nos em sequidaõ; ou qualquer outra enfermidade, que padece ás vezes o espirito.

Divido por horas estes exercicios, para que em cada huma aprehendamos, ou observemos as virtudes, que exercitou o Senhor, em que nos havemos de empregar por algum de cinco effeitos, ou por todos: ou para imitar a Christo; ou para nos compadecermos de seus tormẽtos, ou para admirar-nos nelle de sua Bondade; ou para nos transformarmos nelle: ou finalmente para descançar nelle o espirito suavemente. Se o imitamos, seguimos o caminho das virtudes, em que o Senhor foy exemplo, e começamos de gostar de Deos, folgando de ser affligidos. Se nos compadecemos de Christo, evitamos aquellas culpas, porque elle morrera outra vez, se acazo fora necessario, e pomos nelle o amor, que tiramos do mundo. Se nos admiramos do q̃ fez Christo por nós, naõ nos admiremos de fazer muito por elle. Se nos transformamos em Christo em uniaõ mais conforme, he certo que, morrendo a carne, fazemos ja vida do espirito. Somos ja filhos de Deos, e huma mesma cousa com elle. E se dentro nelle moramos, e aquietamos nossas Almas, chegamos áquella Bemaventurança, que póde dar-se nesta vida, morando em Deos, e andando em Deos, vendo todas as cousas nelle, e a elle em todas as creaturas; vivendo pela sua vida em virtude da sua uniaõ; querendo por sua vontade, e entendendo por seu entendimento.

Mas como nem todos tem Oraçaõ continua, nem facilmente a podem ter, e meditar todas estas horas, e talvez nem huma só até os que tem algum espirito, se observando as virtudes, que contèm cada hum dos dias, ou cada huma das horas, nos guardamos do que he contra ellas, teremos verdadeira Oraçaõ, e será muito mais util, que outras muitas meditaçoẽs. Tambem bastará para nos desculpar com Deos, quando naõ possamos orar, dizer dentro de nós, em qualquer occupaçaõ que tenhamos: *O meu Jesus está no Horto, na Columna, ou no Calvario, e eu estou jogando, comendo*

mendo, rindo, passeando, ou peccando, &c. conforme o que estiver fazendo.

Finalmente, he o Horto figura da Oraçaõ, aonde os que tem verdadeiro espirito oraõ, e se resignaõ na vontade de Deos, como Christo: os descuidados vaõ a dormir como os Apostolos: os que tem o coraçaõ nos interesses do mundo, vaõ a vender a Christo, como Judas: os que naõ entraõ na Casa de Deos, mais que a offendè-lo, vaõ a buscá-lo como a cohorte. Esta he a figura dos seculares, que quando vaõ á casa da Oraçaõ, parece que vaõ armados, e aparelhados só para fazer desacatos a Deos. Judas he figura dos máos Sacerdotes, que pondo se Deos nas suas maõs, elles com falsos oculos de paz daõ final ao demonio de que o mesmo Deos anda com elles vendido. Os Apostolos, figura dos homens espirituaes, que por descuidos, e omissoens naõ fazem de todo a vontade a Deos no mayor gráo da perfeiçaõ. E Christo verdadeiro Original dos perfeitos filhos de Deos, que a pezar das tribulaçoens, e miserias da natureza sempre estaõ promptos com o espirito para a vontade do Senhor. Quem pois quizer aproveitar-se destes exemplos, saberá, se na Oraçaõ serve ao corpo, se ao espirito, á natureza, ou á graça, ao mundo, ou a Deos.

SEGUNDA FEIRA.

MATINAS.

CUidarei que o meu coraçaõ he Horto, aonde o meu Senhor vem a orar; e chamando á minha Vontade, Memoria, e Entendimento, para que apartados dos mais sentidos, como S. Pedro, S. Diogo, e S. Joaõ dos outros Discipulos de Christo, me manda o Senhor vigiar, e ter oraçaõ, e pedindo-me que o acompanhe na agonia, e tristeza, que o affligе, e melancoliza, parecer-me ha que todo angustiado, e cheyo de lagrimas, e penas, tomando-me nos braços da Alma, me diz estas palavras brandamente: Filho, eu aqui estou só, e desamparado, e posto nesta solidaõ, sem haver quem falle comigo, nem quem me queira pôr os olhos; peço-te pelo

lo meu amor, que vires para mim o teu roſto, e o teu coraçaõ, e que pois te chamo, e te buſco, me naõ deſampares tambem, deixando-me neſta triſteza, neſta afflicçaõ, neſta agonia, com que vejo perder o mũdo por naõ querer eſtar cõmigo, fugindo da minha preſença, como da do demonio: mas como tu tambem, meu filho, te naõ atreves a aturar-me, e eſtás morrendo por fugir-me, por ventura aborrece-te de que eu te chame, e peza te de eu eſtar comtigo? Enfaſtia-te o meu amor? Enfadas-te da minha viſta? Pois ſabe de certo, que menos quero eſtar no Ceo, que no teu coraçaõ, e que me agrada muito menos a companhia dos Anjos, que ver-me em tua companhia.

Em lhe eſcutando eſtas palavras, com huma ancia muito de coraçaõ, com hum amor muito entranhavel, poſto a ſeus pés, ou nos ſeus braços, farei por gaſtar todo o tempo, que deſtinar para eſta hora, em hum vivo movimento da Alma, e em que a memoria ſe perca por ſua viſta, o entendimento ſe paſme em ſeus beneficios, e a vontade arda em ſeu amor, dando-lhe as graças de chamar-me, e pedindo-lhe que me naõ deixe, nem large da ſua maõ.

O fructo deſta hora ſerá, conhecer a vocaçaõ, com que o nhor me trouxe á ſua caſa, e eſcolha que fez de mim para andar em ſua preſença pela virtude da Oraçaõ, contra quem [mais que em outra parte] moſtrando no Horto os inimigos do Senhor, que ſe armavaõ para o tirar della, e ſaberem que eſte he o meyo mais efficaz da ſalvaçaõ, e de quem mais ſe teme o demonio: fazendo pois conta que me naõ convem deixar ſó ao meu Deos, nem deſamparar ao meu Senhor, que goſta de que eu o acompanhe, farei muito por ter grande amor ao ſilencio, e ſolidaõ, pois ſó aſſim acho ao meu Deos. E apartando-me naõ ſó dos homens, mas até dos meus proprios ſentidos, naõ dormirei [ſobre a vigia que me convem ter na Oraçaõ) por naõ arriſcar-me a que me prendaõ o mundo, o diabo, ou carne, que no Horto da Alma me cercaõ, naõ querendo por hum allivio, que os ſentidos me podem dar, pôr-me em perigo de cahir, e de que ſe queixe o meu Senhor, de que eu o deixo a olhos viſtos. E com iſto exercito a abnegaçaõ de mim proprio, que he huma das mayores virtudes, que andaõ na preſença de Deos, que he o mayor de todos os bens.

LAU-

LAUDES.

Vigilate, & orate, ut non intretis in tentationem.

CUidarei como estando dormindo os Discipulos do Senhor no Horto, elle os veyo a despertar, avisando-os que vigiassem: porque naõ entrassem em tentaçaõ; e isto naõ huma, mas muitas vezes.

Considerarei os grandes beneficios, que devo a Deos, e as graças que lhe devo dar, pois sendo tentaçaõ toda a vida, que passo sem orar a Deos, e sem me unir com o Senhor; como quem sente os meus descuidos, e lhe vai muito em minhas faltas, me desperta a todas as horas, me avisa a todos os momentos, e me acorda a cada minuto com os dictames interiores, a que eu resisto: tantas vezes com divinas inspiraçoens, de que eu lhe fujo cada instante, e com as memorias da sua Paixaõ, de que eu me esqueço cada dia.

Será o fructo desta hora o conhecer, que o ter Oraçaõ he beneficio do Senhor, que he seu sentir-me com espirito, que he meu ver-me com froxidaõ; que subir ao Horto he favor seu, que dormir nelle he obra minha: e por isso considerarei, que nem por ver-me na companhia de Deos, que he só de quem me vem o amparo, a suficiencia, e remedio; e finalmente pedir-lhe-hei, que pois hum S. Pedro, fundamento da sua Igreja, se descuidou; que pois hum S. Joaõ, emprego de seu amor, se esqueceo; que pois hum Santiago, escolha de sua vontade, se divirtio; que isto em todos foy o dormir, e todos houveraõ mister que o Senhor viesse acordá-los; que me perdoe os meus descuidos, e que esperte os meus esquecimentos, e me acorde com seus auxilios, pois parece que me desculpa ter sido o homem mais perverso, ser hoje o filho mais ingrato, e sempre o servo mais inutil.

PRIMA.

Avulsus est ab eis.

CUidarei que o Senhor logo que pôs no Horto seus Discipulos, e lhes encõmendou que orassem, se affastou delles, mettendo-se pelo mais interior do Horto.

Considerarei, que quando Deos nos traz mais comsigo, e nos sóbe a mayor Oraçaõ, ou porque fia mais de nós, ou porque de nós naõ fia muito; se affasta de nós muitas vezes, apartando a consolaçaõ, o espirito, ou a suavidade, que achamos na sua presença; e como entaõ, e só se conhece quem he seu verdadeiro discipulo, necessario

he

he que neſte tempo nos offereçamos muito mais, para q̃ com qualquer penedo rebatamos as ondas ao mar do mundo; e como tronco expoſto aos ventos, nos naõ mova o ar da vaidade, conhecendo que eſtá Deos taõ longe de nos deixar, quando ſe affaſta, que entaõ mettido mais por dentro ſe nos moſtra amigo mais intimo, porque o buſquemos no centro da Alma.

Será o fructo deſta hora a vigilancia ſobre nós com a mortificaçaõ dos ſentidos, pois podemos neſta afflicçaõ, que he prova mais que deſamparo, perder em hum fechar de olhos tanto, como podemos recear de Deos em deſabrir a maõ.

TERÇA.

Et factus in agonia prolixius orabat.

CUidarei como repreſentãdo-ſe ao Senhor tudo o que havia de padecer pelos homens, quãtos haviaõ de cõdenar-ſe ao inferno, e deſprezar a ſua Gloria, quam poucos ſeguir o ſeu exemplo, e aproveitar-ſe de ſeu amor; foy poſto em mui grande agonia, e nella com mais efficacia orava a ſeu Eterno Pay.

Conſiderarei, que nos males, e tribulaçoens, naõ ſe ha de perder o animo, ainda que ſe perca o alẽto, nem ſe ha de deſmayar o eſpirito, ainda que ſe deſmaye a Alma: antes entaõ com mayor cauſa chegar-nos para o noſſo Deos, dando-lhe por tudo muitas graças; porque ſe da ſua maõ recebemos as obras, os males porque os naõ receberemos? O Senhor dá, o Senhor tira, e por tudo deveſer bẽdito, e naõ nos faz niſto ſemrazaõ, pois elle he Senhor de tudo.

Será o fructo deſta hora buſcá-lo com grande igualdade, aſſim no mal, como no bem, pois nós naõ temos outro Pay, outro Senhor, nem outro Amigo; pois ſabemos q̃ muitas vezes nos chama pelas tribulaçoens, para que vendo noſſa miſeria o engano dos bens do mundo, naõ queiramos ter outro bem mais q̃ orar, padecer, e mais padecer, até que o orvalho do Ceo deſça a fecundar a terra, e as ſequidoẽs ſejaõ ſuavidades, conhecendo que eſte he o tempo, em que mais contentamos a Deos; porque caminhar entre flores de regálo, e naõ merecimento, mais he ir por eſpinhos, e abrolhos. Eſte he o amor, eſta a conſtancia.

SEXTA.

Non mea, ſed tua voluntas fiat.

CUidarei como o Senhor neſta afflicçaõ dizia a ſeu Eterno Pay: Meu Pay, e meu

Senhor, se naõ he possivel que se escuse este caliz de minha morte, aqui estou, faça-se a vossa vontade, e naõ a minha.

Considerarei, que se o Filho de Deos, o Morgado do Ceo, o Senhor do mundo, e o Principe da Gloria, só havia de fazer a vontade a Deos, quando padecesse no mundo, e nelle foy angustiado, crucificado, e affrontado; que fará hum bichinho da terra, que hontem foy nada, hoje he taõ pouco, ámanhaã menos, e só póde ser alguma cousa, quando pondo-se nas maõs de Deos, se resigne na sua vontade?

O fructo desta hora será a resignaçaõ, que aprenderemos do amor de Deos, sabendo que nesta virtude se adquire a perfeiçaõ de todas; pois se nella naõ declinarmos, ainda nesta vida com ella gozaremos aquella paz do espirito, e aquella Bemaventurança da Alma, com que em tudo se acha repouso, em tudo gloria, em tudo merito.

NOA.

Apparuit autem illi Angelus de Cœlo confortans eum.

CUidarei, como estando o Senhor suando gottas de sangue, naquella penosa afflicçaõ lhe appareceo hum Anjo, q̃ o confortou, dizendo-lhe o pouco q̃ lhe havia de durar a pena, o muito que havia de importar a morte, a gloria que com seus merecimentos havia de dar aos Santos do Ceo, o exemplo que lhes deixaria na terra, o amor que mostraria aos homens; e em fim, que assim executava o Decreto de Deos.

Considerarei quanto devo suar no serviço de meu Senhor, quanto deve nas lagrimas dos meus olhos ver se o suor do coraçaõ, pois o Filho do Eterno Pay, o mimo da Bemaventurança, a delicia da mesma Gloria, nas tribulaçoens do mundo, de todos seus póros fez olhos para fazer de todo seu sangue lagrimas, tendo por certo que naõ ha de faltar o Senhor com a consolaçaõ aos affligidos, ainda que goste ás vezes de os dilatar na tribulaçaõ, para lhe accrescentar a graça, e o merecimento, e que ha de vir o Anjo de Deos, se perseverarmos em seu amor. E quãdo isto naõ fora assim, ainda assim naõ foraõ dignas todas as paixoens do seculo de alcançar a gloria, que se nos promette no Ceo.

Será o fructo desta hora, a esperança nas misericordias do Senhor, com quem na presente vida naõ temeremos a hora da morte, e entre mil suores de morte nos dará gosto o fim da vida.

VES-

VESPERAS.

Amice, ad quid venisti?

CUidarei em como o Senhor, sabendo que Judas o vinha entregar, o foy esperar, e lhe chamou amigo, perguntando-lhe a q̃ vinha; para que confessando-o elle, e arrependido, ficasse logo perdoado.

Nesta consideraçaõ se nos rasgaráõ logo as entranhas com amor, e admiraçaõ de ver qual he a bondade daquelle Divinissimo Pay; e se verá com quanto amor abraçará aos que o buscarem, se busca aos que o entregaõ: e se chama amigos aos q̃ o vendem, que chamará aos que o adoraõ? pois parece que as entranhas de Judas se derramaraõ pela terra, em castigo de se naõ verterem pelos olhos em lagrimas, á vista de hum amor, que lhe mostraraõ humas entranhas de misericordia. Considerarei tambem, que o Senhor me pergunta a que vim ao mundo; a que vim á Religiaõ, aos Officios, ás dignidades, ás fortunas, aos infortunios, á graça, e á natureza.

Será o fructo desta hora, ter hum grandissimo amor a Deos, cuja bõdade incomparavel mais aborrecivel fez a nova culpa; pois até no tempo das offensas nos põem diante o seu amor, para envergonhar nossa ingratidaõ, e confundir nossa maldade. Por isto em tudo o que fizer, cuidando que vim só a amá-lo, e servî-lo, e a obedecè lo, andarei sempre dizendo. Meu Pay, meu Deos, e meu amigo, vós meu amigo, e eu fugindo de vós! vós meu amigo, e eu vendendo-vos! vós meu amigo, e eu affrontando-vos! Eu ao mundo vim a servir-vos; á Religiaõ a obedecer-vos, e em fim a adorar-vos: isto só quero, e só procuro; nem vós queirais, meu Senhor, que outra cousa queira nunca, mais que fazer vossa vontade.

COMPLETAS.

Hæc est hora vestra, & potestas tenebrarum.

CUidarei como os Soldados, que acompanhavaõ a Judas, prenderaõ ao Senhor, e elle se deixou maniatar, e arrastar até casa de Annás, com aquella mansidaõ, e humildade, de que tanto se prezou sempre.

Considerarei quantas vezes o Senhor ainda hoje se deixa atar as maõs á sua Justiça, e á sua Omnipotencia; deixando se levar na noite de nossa cegueira do poder das trevas da culpa, q̃ se oppoem á luz da Graça: quando depois de nos fazer cahir na razaõ [que isto foy o fazer cahir

por terra a cohorte] nos levantemos contra elle, naõ só tomando o Ceo com as maõs mas pondo-as sacrilegamẽte no Cordeiro do Senhor; de que se segue endurecer-se nos o coraçaõ, como a Faraó no Egypto; e naõ reparar, nem ver com esta cegueira, que a offensa, que fazemos a Deos mayor, he fazè-lo concorrer na sua mesma offensa, concorrendo como causa universal em todas nossas acçoens, aonde o levamos arrastado, maniatado, e affrontado, até que chegando ao Tribunal da Divina Justiça, nos desterra da luz eterna, pondo-nos para os sempres dos sempres nas escuras trevas dos infernos.

Será o fructo desta hora, ter hum grandissimo odio aos vicios, pedir a luz da sua Graça, para que vendo que eramos trevas em quanto estavamos na culpa pelo poder do demonio, naõ nos atrevamos contra Deos, a quem naõ devemos atar as maõs, pois ellas nos fizeraõ, e dellas esperamos que se abraõ cada dia para deitar-nos sua bençaõ, e encher-nos de misericordias, para nos ter da sua maõ, e para que pondo nos nas suas maõs, nellas se entregue o nosso espirito.

TERÇA FEIRA.

Columna.

MATINAS.

A' planta pedis usque ad verticem capitis non est in eo sanitas.

FEchadas as portas dos sentidos, metter-me hei todo dentro na Alma, aonde correndo a cortina aos segredos do meu coraçaõ, verei que elle he a Columna, em que o Senhor está atado com asperas, e duras cordas; e chegando-me mavioſamente a elle, olharei com olhos da Alma o estado, em que o puzeraõ minhas maldades; e vendo-o coberto de sangue, e feito huma chaga viva, morto de frio, e cheyo de affronta, para ver este espectaculo admiravel, e lastimoso, me assentarei mui perto delle, e lhe direi estas palavras, ou as que me ensinar o espirito.

Meu

Meu Deos, meu Pay, e meu Senhor, quem vos chegou a pôr neſte eſtado? que maõs, que Alma, ou que penedo ſe atreveo contra vós aſſim? A vós, immenſa formoſura, infinita miſericordia, bondade nunca encarecida? Que bruto, féra, ou demonio teve tamanho atrevimento, que em vós chegaſſe a pôr as maõs? Se deſſas maõs, meu Senhor, e Creador, que fizeraõ o Ceo, e a terra, qualquer que foſſe, foi feitura; ponde-me, meu Deos, os voſſos olhos, que aqui vos venho a acompanhar, e daqui me naõ quero ir em quanto me quizeres comvoſco, e em quanto vos tiver cõmigo. E ſe ouvindo-lhe eſtas palavras, me deixar o amor, ou as lagrimas eſcutar-lhe o mais que me diz, parecer-me-ha que elle mui amoroſamente me conta a grande affronta, que lhe fizeraõ os meus peccados, antes de o atar á Columna, em ſerem as peſſoas, que o deſpiraõ, e o deixaraõ nú, fazendo-lhe mil deſacatos, e zombarias.

Será o fructo deſta hora, que o commetter eu neſte mundo tantas laſcivias, deſcompoſturas, e todas as maldades, que contra a honeſtidade ſe cõmettem, nenhuma outra couſa he mais que deixar nú ao meu Senhor para eſcarnecè-lo, e açoutá-lo, e que iſto farei ſempre que aquillo faça.

LAUDES.

CUidarei, que tornando a ver o meu Senhor, e achãdo-o no meſmo eſtado, elle meſmo me vai contando como meus peccados, e maldades do meu coraçaõ de pedra endurecido na culpa fizeraõ a Columna, aonde ataraõ.

Parecer me ha que elle me diz com grande magoa, que havendo feito o meu coraçaõ para Colũna de ſua Igreja, deſejando dar lhe valor para vencer ſeus inimigos, fortaleza para reſiſtir ás tentaçoens, e guardar os ſeus Mandamentos, e para que ſobre eſta Colũna ſe ſuſtentaſſe o Templo da Oraçaõ, que he a caſa aonde elle mora, e os muros de Jeruſalem, que elle edifica nas Almas; eu o fiz columna taõ abominavel da caſa dos vicios, em que os meſmos ſentidos moraõ, que como ſinaes de naõ poder haver mais vicios, a culpa o fez non plus ultra; dizendo que naõ ha paſſar daqui.

Será o fructo deſta hora, naõ querer ſer como Faraó, que reſiſtindo ſempre a Deos, ſe lhe endurecia o coraçaõ; de que ſe ſeguio, que no meſmo mar Vermelho, aonde os bons, como Moyſés, acharaõ eſtrada para a terra de Promiſſaõ, achou Faraó ſepulchro para a morte da eternidade.

PRIMA.

CUidarei anciosamente, tornando á companhia de meu Senhor, que elle me conta como dos laços das minhas culpas, com que a Alma deo tantos nós cegos, fez cordas a minha liberdade para atar affrontosamẽte ao Senhor á colũna do meu coraçaõ, quando elle com braços abertos queria fazer-lhe com seus abraços outros mais apertados laços.

Parecer-me-ha que o meu Senho me diz a grande dor, que teve, de que sendo hum dos mayores gostos seus unir-se ao meu coraçaõ, naõ houve cousa, que mais o atormentasse, q̃ verse entaõ com elle unido, pois esta uniaõ era só para o ferir quem elle amava.

Será o fructo desta hora conhecer, que todos os embaraços, com que nos empece o mundo, com que nos prende a carne, saõ laços, com que nos arma, para q̃ delles façamos cordas, com que atemos a Deos affrontosamente, que elle com as maõs atadas por nossa culpa, nos naõ possa livrar dos laços, em que a cada ponto nos vemos.

TERÇA.

AQui tornando a Alma para junto de seu Senhor, cuidarei que elle assim atado prosegue a historia começada com muita magoa, e mansidaõ, e dizendo lhe que olhe os golpes, o sangue, as chagas, as feridas, com que está todo lastimoso, me diz que isto lhe fizeraõ meus peccados, minhas potencias, e sentidos, quando mais abraçado com o meu coraçaõ, mostrava que o seu amor o tinha prezo, muito mais que as cordas, e ferros.

Parecer-me-ha, que se naõ queixa tanto o meu Senhor do tormento dos golpes, como da dor da injuria, que lhe fiz em hũ tormento taõ vil, que só se dá ao mais vil escravo, quem de amigo se fez verdugo, e quem sendo todo o seu amor, se prezou de ser a sua affronta, fazendo de vicios taõ torpes aquelles crueis azorragues, que sem piedade o maltrataraõ; sendo tanto contra a honra de Deos, que eu assim tratasse a seu Filho, quando na casa da minha Alma foy hospede do meu coraçaõ, por querer deitar fóra della os meus mayores inimigos, a quem eu o entreguei como ingrato, e depois cego me entreguei.

Será o fructo desta hora, estimar muito a honra de Deos, e naõ querer enxovalhá-la em o menor dezar da culpa; pois cada peccado meu naõ he contra o meu Senhor hum açoute, que lhe dou, mas huma affronta, que lhe faço.

SEX-

SEXTA.

TOrnando aos pés do meu Senhor, cuidarei que com muitas lagrimas, e com mui grande sentimẽto me diz como depois de o açoutarem por detraz, para lhe fazerem o mesmo por diante, o desataraõ, e viraraõ, e em seu rosto, e por toda a parte o fizeraõ hũa chaga viva.

Parecer-me-ha que o Senhor me conta, que neste passo differa a minha Alma, e sentidos, que se até entaõ o tinhaõ offendido, que naõ era muito, pois elle lhe havia dado as costas. Aqui se póde cuidar o tempo, que elle nos tinha dado as costas, foi todo aquelle, que vivemos sem memoria de sua Paixaõ, e sem desejo efficaz de servi-lo, entregues ao mundo, e ao demonio, q̃ era o mesmo, que naõ dar-lhe auxilios efficazes. Mas que agora que se virava para elles, e que pondo lhe os olhos, ja se lhe naõ dava das culpas, pois as deitava para traz das costas, como encobrindo-as, que por seu amor o naõ aggravassem mais, e naõ quizessem ao seu rosto fazer huma tamanha maldade, como eraõ os açoutes, e affronta, que elle taõ mal lhe merecia; e que pois elle lhe perdoava os outros, que lhe perdoassem tambem isto. Mas naõ bastando esta brandura, esta piedade, e este amor, lhe fizeraõ mayor aggravo, e lhe deraõ mayor tormento.

Será o fructo desta hora abominar a ingratidaõ, com que offendemos a Deos, depois que se vira para nós com olhos de misericordia. E sobre tudo considerar a presença de Deos, que se entende na sua vista, a quem açouta, e injuria qualquer peccado nosso, por mais occulto q̃ se faça, naõ tendo menos testimunhas, que todos os Santos do Ceo, que nem sempre haõ de interceder, e que todos os demonios do inferno, que sempre nos haõ de accusar.

Atrever-se hum bichinho vil a fazer diante da cara de Deos, e de seu Senhor, e vista da Virgem Santissima, e de seus mares inimigos, o que naõ fizera diante do mais vil escravo, he a culpa mais atrevida, e a maldade mais desaforada, que commettem os peccadores, sendo certo, que ou sejamos bons, ou máos, todos andamos na presença de Deos, e diante delle se faz tudo, e de o naõ trazermos diante dos olhos, nem lembrarnos que nos está vendo, procede todo o mal.

NONA.

POndo me apar do meu Senhor, logo que tornar á Oraçaõ, cuidarei que elle me

havia contado muy amorosa, e brandamente, como acabando de acoutá-lo, começaraõ a escarnecè lo, de que se lhe seguio o tormento de naõ ousar erguer os olhos com a vergonha que tinha, nem a fallar lhes palavra com a magoa, que o atravessava.

Parecer-me-ha que o Senhor me diz os grandes males, que me fazia, e que eu zombava de offendè-lo, rindo me de havè lo affrontado, e de o deixar escarnecido; pois a troco de que eu o naõ offendesse mais, receava pôr me os olhos, que atravessaraõ huma pedra, quanto mais hum coraçaõ humano: e por se naõ arriscar a que eu fizesse delle nova zombaria, e por isso me desse mayor inferno, naõ abria aquella boca santissima, de quem o Ceo, e os Anjos pendem, e cuja voz com huma palavra fez todo o mundo, e creaturas.

Será o fructo desta hora, ter hum grande temor de Deos, pois por zombar, quãdo o offendemos, do muito a que nos arriscamos por naõ cuidar quãdo o devemos temer, (que isto vem a ser o zombar) naõ só nos ficamos na culpa, mas escandalizamos a Deos, para que em huma escassa vista de olhos, ou em huma voz ao coraçaõ, nos naõ avise, ou visite com sua misericordia, para que nos mettamos por dentro, e abracemos na nossa Alma, seguindo-se desta ousadia ter-nos o Ceo tamanho odio, e o mesmo Senhor taõ má vontade, que parece [segundo nos deixa] que ja nos tirou a falla, e ja nos naõ póde ver dos olhos.

VESPERAS,

TOrnando á Oraçaõ, e chegãdo-me ao meu Senhor, o verei estar chorando lagrimas de sangue. E perguntando lhe porque causa, me dirá com muy grande dor, que estando todos com elle todo o tempo que o acoutaraõ, naõ houve nenhum, que se fosse sem offendè-lo; porèm acabadas as offensas, naõ houve nenhum que quizesse ficar com elle, por naõ lhe ouvir as suas queixas, nem lastimarse, nem consolá-lo; todos o desampararaõ, e deixaraõ só.

Aqui me parecerá que me diz o meu Senhor: Filho, ninguem de mim se doe, a ninguem se lhe dá de mim; todos me deixaõ, todos me fogem, e eu de todos desamparado, naõ choro a minha solidaõ, choro a perdiçaõ de todos; vejo que vaõ abraçar o demonio, e que se vaõ metter no inferno, e naõ podendo ver ao seu Deos, ao seu Amigo, a seu Pay, como brutos sem entendimento se deixaõ levar de huma vida, que vai a dar na eterna

morte

morte por caminhos sempre difficeis, e por caminhos sempre asperos. Naõ sejas tu assim, meu filho, pois te mostro a via direita, chega te muito para mim, põem-te muito apar destas Chagas, para que vendo-me por ellas as entranhas, e o coraçaõ, saibas que es o meu thesouro, pois eu o ponho agora em ti: chega te, e chega-te mais, pois eu te chamo, naõ te recees, pois eu te quero, naõ me fujas, pois eu te busco.

Será o fructo desta hora, considerar, que depois de atarmos com culpas novas ao Senhor, para que nos naõ siga, o deixamos para que nos naõ veja, buscando só aquelles gostos, que delle nos apartaõ mais, por naõ ter couta que nos naõ doa, ou á vista nos possa dar pena; de que se segue, que, mettendo-nos de todo no mundo, que he o inferno, totalmente nos apartamos de Deos, sem mais nos querermos lembrar de seu amor, e Paixaõ. E aqui se póde considerar o mal que faz deixar a Oraçaõ, depois de conhecer a utilidade, que ella tem.

COMPLETAS.

TOrnando para o meu Senhor, cuidarei que o acho tremendo, agonizado, e desmayado; e vendo que entra em si, logo que eu me chego a elle, lhe direi, tomando-o nos braços: Meu Senhor da minha Alma, amor do meu coraçaõ, ancia dos meus suspiros, meu adorado, e meu bem todo, quem vos pôs em tamanha pena, quem vos causou tamanha dor, que ja me naõ fallais, meu Rey, que ja me naõ olhais, meu Deos! Que he isto, amor dos meus sentidos, vós sem alento, e eu com animo? vós taõ defunto, e eu com vida? vós desmayado, e eu com Alma? E dizendo-lhe tudo o mais que o coraçaõ quizer, farei por me unir muito com elle, por desatar-lhe as cordas dos braços, e lavar lhe as chagas com lagrimas, lavando, para parecer-lher melhor, com o seu sangue as minhas culpas.

Aqui me parecerá, que deitando me os seus braços me agradece que assim o solte, ainda que queixando-se de que, achando-se tantas vezes atado, naõ me pediffe o coraçaõ tirar-lhe aquellas prizoens; e que vendo-o morrer de frio, [q̃ isto saõ as friezas do amor de Deos] me naõ desse na vontade abrigá-lo nos meus braços, quando me parece que o seu Divino Espirito me estava dando calor para me chegar a elle, maõs para o desatar, e azas para o acolher.

Será o fructo desta hora entender que todas minhas friezas de espirito saõ o fio, que o Senhor

nhor padece, os descuidos do meu amor, as prizoens que ataõ ao meu Deos, e que logo que as friezas se acabem, e os descuidos se percaõ, se me accenderá o coraçaõ de maneira, que pondo em Deos todo o cuidado, trazendo-o sempre no sentido, que naõ será difficultoso sentir na Alma aquelles fogos do Espirito Santo, por cujos incendios suspire.

Summa.

MElhor que tudo será a toda a hora, tomando nos braços ao meu Senhor, naõ deixá-lo só nem hum instante, ou escutando-o, ou respondendo-lhe, e sempre em hum vivo movimento de seu amor estar amãdo-o, e abraçando-o; e se naõ puder dar a Deos mais que hũa hora, cuidarei o seguinte.

Considerarei, que sendo o coraçaõ fortaleza, que o Senhor havia fiado de mim, fazendo a natureza traiçaõ á Graça, a entregou aos inimigos de Deos, a quem por acharem dentro na minha Alma, ataraõ ao meu coraçaõ, cuja dureza empedernida o tinha convertido em columna de marmore com as cadèas de meus vicios, onde sendo meus peccados azorragues, e minha liberdade verdugo, foy açoutado cruelmente, tratando como vil escravo a quem era Senhor do mundo, a Magestade do Ceo, e o mimo da Bemaventurança; mas indo me mal com meus vicios, e vendo como me perdia nas mãos do mũdo, e do demonio, tomando ao meu Senhor, e tirando-o daquella pena, pedindo-lhe muitos perdoens, e chorando em fim muitas lagrimas, lhe tornei a dar o dominio de suas fortalezas, deixando fóra seus contrarios, e meus inimigos, com a força de sua ajuda. Fechando pois todas as portas, por onde possa entrar dentro, pondo em defensa tudo o mais, por onde possaõ dar-me assalto, lhe pedirei posto a seus pés, que para poder resistir, e defender-me em seu nome, me naõ falte com seus auxilios efficazes, para que em perpetua guarda da sua Ley se ponhaõ nas portas dos sentidos muitos Anjos de minha guarda; nos muros do entendimento a sentinella da Oraçaõ, na homenagem da Alma as bandeiras de sua Fé, nos armazens da memoria as municoens de seus beneficios, na artilheria da vontade a polvora de seu amor, para que com o fogo do Espirito Santo, que elle póde mandar, abrazados os inimigos, e eu accezo em Divinas chammas, naõ só mortifique a carne, mas fazendo fugir o demonio, ponha por terra todo o mundo com as cargas da penitencia,

tencia, que para o inferno ruina, para mim defensa, para o Ceo salvas se repete muitas vezes, naõ só nas trincheiras da Perseverança, mas sobre o fosso da Humildade.

QUARTA FEIRA.

Ecce Homo.

MATINAS.

REcolhido o meu coraçaõ, me parecerá, que assim como Pilatos mostrou o meu Senhor ao Povo de Jerusalem, coroada a cabeça de espinhos, com huma purpura ridicula, e com hum sceptro vaõ de canna, atadas as maõs, o corpo cheyo de feridas, o rosto affrontado, injuriado, cuspido, e desfigurado; assim o Eterno Pay mostrando dentro na minha Alma ao povo de minhas culpas, e aos Ministros, e Pontifices de minhas potencias, e sentidos, diz a todos que alli tem diante dos olhos a quem ferirãõ, e maltrataraõ meus pensamentos com espinhos, minhas lascivias com açoutes, minhas vaidades com desprezos, minha ousadia com salivas, minhas solturas com baraços, e minhas ostentaçoens com purpuras.

Parecer-me-ha depois disto que pergunta Deos a meus vicios, se querem perdoar a seu Filho, pois selhe escusará a morte, escusando elles a culpa. E todos responderaõ: Crucifica-o, crucifica-o. Com o que entristecido o Senhor, assombrado o Ceo, pasmados os Anjos, e confusamente admirados os Elemẽtos, e creaturas, ficaràõ suspensas naquella maldade minha.

Será o fructo desta hora, crucificarmos ao mundo nossos sentidos, e potencias, pois se atreveraõ impiamente a crucificar a seu Senhor. Veremos, que sem mortificaçaõ naõ andamos seguros na terra, e que he necessario trazermos na cabeça pensamentos, que nos façaõ dor, andarem as nossas maõs atadas como quem vai ao sacrificio; e vestirmo-nos de paciencia cõtra as zombarias do mundo, fazendo-nos com a paciencia hũa imitaçaõ do Corpo de Christo, que todo estará em chaga.

LAU-

LAUDES.

TOrnando a ver ao meu Senhor, me parecerá que me diz o Eterno Pay: Eis aqui tens a quem condenas, porque se faz Filho de Deos, esse he o Homem que persegues; e me repete: Esse he o homem que persegues, porque naõ outro o deixaraõ os açoutes, e feridas, que ao mesmo parece que era necessario dizer que era seu Filho, para que eu, e as minhas culpas conhecessem que era quem eu, e ellas accusavaõ.

Aqui considerarei, que se o Filho de Deos por amor de mim chegou á parecer taõ outro, que parecia peccador, pois em hum castigo taõ cruel mostrava que me he necessario tomar a sua innocencia, e parecer Filho de Deos, para que com esta troca, sendo mui outro do que fuy, nada me fique do que sou.

Será o fructo desta hora, hũa grande mudança de vida, para que com S. Paulo possa dizer, que ja naõ sou eu, mas que sou o Crucificado, e que vive dentro em mim Christo, que a minha vida toda he Christo, e o morrer he toda minha gloria.

PRIMA.

MEttendo-me no meu coraçaõ, me parecerá que acho nelle o meu Jesus, na mesma figura que antes, e que em chegando-me a elle, me diz estas palavras mui amorosamente: Filho, se depois de atravessarme a Alma com teus máos pensamentos; se depois de metter debaixo dos pés a minha Divindade com tuas vanglorias; se depois de zombar de mim com tuas vaidades; se depois de me abrir a açoutes com teus deleites, ainda me queres pôr na Cruz, e me naõ perdoas a morte, eis me aqui, faze o que quizeres; eis me aqui tens, naõ me perdoes, eis-me aqui tens, affronta-me, e crucifica-me; porque apparelhado estou para entregar-me em tuas mãos, e fazer a tua vontade.

Aqui considerarei, que todas as vezes que estou para cõmetter alguma culpa, nenhuma outra cousa faz o Senhor, que ja de meus pensamentos vem ferido, e de minhas obras magoado, mais q̃ pôr se diante de mim, e dizer me: Filho, eis-me aqui, se sobre o que te hey soffrido me queres crucificar agora; eis aqui me tens, põem-me na Cruz, q̃ isto he para mim outra culpa.

Será o fructo desta hora, ficar com hũa perpetua memoria destas palavras, que para toda a tençaõ saõ utilissimas; aprendendo tambem aquella mansidaõ, e brandura, com que parece que aos mesmos aggravos se

se entrega, e naõ se escandaliza.

TERCA.

TOrnando dentro á minha Alma, e vendo ao meu Senhor mui triste, lhe perguntarei com amor: Meu Deos, meu Amor, e meu Senhor, alegria dos meus sentidos, e sempre gloria de minha Alma, quem vos causou essa tristeza? Quem vos mudou tanto a figura, que ja naõ acho em vossos olhos a graça, com que me viaõ?

Parecer-me-ha que o Senhor me responde: Filho, menos me aggravaõ hoje os máos, que os que deviaõ ser bons; pois acho mayor piedade nos meus deixados, que nos meus favorecidos. Pilatos muitas vezes me quiz perdoar a morte, e o meu Povo mimoso naõ cessa por me tirar a vida. Vè tu, se as entranhas de hum Deos, que he todo misericordia, deixaráõ de se despedaçar, mettendo no coraçaõ estas viboras.

Será o fructo desta hora considerar que as offensas, que Deos sente, saõ mais as dos seus escolhidos; pois naõ he muito que naõ corra ao mar quem nasceo lagoa, mas que contra a ordem natural naõ corraõ a seu centro os rios, que para o mar tem o caminho, e inclinaçaõ, e a natureza; este he o mayor espanto.

SEXTA.

Regnum meum non est de hoc mundo.

ENtrarei no meu coraçaõ, e vendo o meu Senhor coroado de espinhos, com hum sceptro de canna, e com huma purpura de escarneo, lhe direi: Meu Deos, meu Rey, e meu Senhor, que insignias saõ estas taõ estranhas de vosso Imperio, e Magestade? Naõ sois vós o Senhor do mundo? Naõ sois vós o Principe da Gloria? Pois como he isto, meu Senhor, que naõ entendo esta figura, em que vos vejo taõ mudado?

Parecer-me ha que me responde: Filho, o meu Reyno naõ he como os do mundo, nem quem quizer reynar cõmigo, ha de querer os Reynos da terra; quem nella me imitar para reynar no Ceo, ha de ter coroa de martyrio, o seu sceptro ha de ser zombaria do mundo, a sua purpura desprezo; taõ pouca cousa saõ esses thronos, de que o mundo faz pertençaõ, que quem os naõ tem por mais ocos que a cana, por mais desprezi-veis que a purpura, por mais asperos que os espinhos, de Rey se fará escravo, e naõ menos que do demonio, e será atormentado no inferno por toda a eternidade.

Será

Será o fructo desta hora hum efficaz conhecimento do engano dos bens do mundo, para q̃ delle só nos fique hum vivo, e certo conhecimento, e desengano, com que zombemos da mentira, com que nos douraõ suas quimeras, e naõ entremos na farça, com que passaõ suas figuras.

NOA.

TOrnando á vista do meu Deos, me parecerá que o acho mui dolorido; e perguntando-lhe o que tem, imaginarei que me diz, que naõ sente tanto a dor, que lhe fizeraõ os espinhos, a zombaria que se lhe fez na cana, e a vergonha que lhe causou a purpura, como a que elles significaõ.

Para o saber, considerarei que os espinhos eraõ de juncos marinhos, tirados do mar, figura da Graça; a cana, a planta que deita mais raizes na terra amaldiçoada pela culpa; a Purpura tinta no sangue de hum peixe, que naõ tem memoria: e apartar-se tanto do lugar da Graça, quem offendeo a seu Senhor, deitar tantas raizes no mundo, quem havia de buscar o Ceo, e naõ ter memoria da morte, quẽ dos seus despojos faz gála; isto he o que Deos mais sente, pois por naõ haver lembrança da morte, se perde cegamente a vida figurada no sangue da purpura; por se metter pela terra dentro, se perde a vaidade dos homens, representada no sceptro de cana; e por se pôr mui longe da Graça, se culpa a maldade do mundo.

Será o fructo desta hora, ver que hum agudo pensamento da culpa nos tira de hum mar de Graça, hũ leve descuido da Paixaõ de Christo nos arrisca a vida do espirito, hũa vaã presumpçaõ do mundo nos faz perder o Ceo, mettendo-nos por dentro do inferno, aonde se prendem as raizes da vangloria, luxuria, e de toda a vaidade humana.

VESPERAS.

MAndando a todos meus sentidos que dentro na minha Alma vaõ fallar com o meu Senhor, me parecerá que o acho chorando naquella figura lastimosa, com q̃ a qualquer memoria minha diz: Eis-me-aqui; e perguntando-lhe com mais amor porque chora com tanta magoa, imaginarei q̃ me diz: Filho, tu es a causa do meu pranto, porq̃ tu es como Pilatos, que depois de naõ achar razaõ para offendermе, depois de querer que outros muitos me naõ aggravem, fazendo muito por servir-me; depois de perguntar-lhe muitas vezes que mal lhe fiz, e em que pequei, perdes quãto me obrigaste por respeito dos homens, bastando hum medo

do vil de perder os bens da terra, de faltar ás razoens de eſtado do mundo, temendo mais aos homens, que a Deos, para perderes o animo, com que puderas agradar-me de todo, e ſubir ao eſtado da perfeiçaõ, ſendo a mayor dor ver, que pelo caminho do Ceo, para quem ſó faltava hum paſſo, te precipitas ao inferno, aonde naõ ha remedio; e em fim, vens a perder tudo por huns nadas, que faltaõ, e que deixas de vencer por querer antes a Deos affrontado, e a teu Senhor em huma Cruz, que a Ceſar offendido; iſto depois de confeſſares que naõ tinha cauſa alguma.

Será o fructo deſta hora, conhecer quantas vezes pelas amizades dos homens, e pelos reſpeitos humanos perdemos o reſpeito a Deos, e a amizade do Senhor; e quantas vezes por naõ perderas dignidades da terra, perdemos o Reyno do Ceo, deixando de chegar á perfeiçaõ, por naõ chegar a dar mais hum paſſo no caminho eſpiritual. Servir-nos-ha eſta conſideraçaõ, que he utiliſſima, de eſpertar a razaõ, e a reſoluçaõ para exercitar o valor do eſpirito, com que ſem medo de noſſos inimigos devemos ſervir fielmente ao Senhor.

COMPLETAS.

REſtituindo-me ao meu Deos para acabar com elle o dia, me parecerá que o vejo com a mayor dor que nunca; e perguntando-lhe o que tem, imaginarei que me diz: Filho, ſendo tanto o que me viſte ſentir até-gora, naõ tem comparaçaõ com o que agora ſinto; pois entregar-me Pilatos aos Judeos, conhecendo que naõ tinha cauſa, máo he; mas era barbaro. Entregar-me contra ſua vontade aos Judeos, naõ he bom; mas era homem. Entregar o ſeu Deos ao demonio, peyor era, mas era idolatria. Porèm fazendo-me eſta affronta, e conhecendo eſta injuſtiça, lavar as maõs deſte feito, iſto he o que mais me aggrava, pois ſe ficou tendo por juſto. Aſſim, que tu me offendeſſes, bem que me tiveſſes por juſto, naõ era muito, ſe eras neſcio; que contra teu goſto outras vezes ſeguiſſes a razaõ do mundo, naõ to eſtranhei, porque eras homem; que idolatraſſes loucamente a minha offenſa, e teu engano, eu to ſoffri, que andavas cego; mas que pondo-me em huma Cruz, ou conſentindo-o, que he o meſmo, que confeſſando que era culpa o que ſe fez porque o quizeſte, que conhecendo a liberdade q̃ tinhas para naõ pecear, que entregando-me

do-me meus inimigos (isto he, aos vicios, e peccados) que assim me affrontaõ, e atormentaõ; fazendo isto a maõs lavadas, te imagines muito innocente, e te pareça que es hum Santo, isto me corta o coraçaõ, isto me atravessa as entranhas.

Será o fructo desta hora, ternos sempre por peccadores, e naõ por justificados, pois em huma breve complacencia, com que nos entregamos aos vicios, entregamos á Cruz a Christo, fazendo em nós o mesmo qualquer paixaõ mortificada mal, ou qualquer graça resistida a ter se por santo, e por justo quem vive na casa da culpa, que isto he o viver na terra; ja faz o mesmo que Pilatos, pois querendo servir a Deos, e desejando summamente naõ impedir o mal, lhe faz perder todo o bem, e commetter este peccado; tirarei daqui, que naõ he menos mal o bem que deixo de fazer, que o mal que faço.

Summa.

MElhor que tudo será a toda a hora tomá-lo com muitas lagrimas nos braços da Alma, fallar-lhe com o coraçaõ, e responder-lhe com as entranhas, e tirar-lhe da cabeça os espinhos, cõ lançar fóra os máos pensamentos, tirar lhe a cana da maõ, com pizar a nossa vaidade, despindo-lhe a purpura dos hõbros, com chorar muito a sua affronta, de que hum tempo fizemos gála; e desatando-lhe as maõs com desembaraçar-nos do mundo, para pôr nas suas maõs a nossa vontade, faremos por gastar todo o tempo em hum ardente fervor de espirito, em huma pasmada admiraçaõ, em hũa perpetua acçaõ de graças, com que louvando sua misericordia, dando graças a seu amor, e implorando suas piedades, depois de nos doermos cõ elle de suas Chagas, e feridas, e depois de apertar-lhas com a Alma, sendo os seus braços ataduras, e curar-lhas com o causticо de hũ vivissimo, e ardente amor, lhe peditemos, que por esta coroaçaõ, e á honra della, nos conceda que ponhamos na Alma esta insignia, como coroa de victoria, e como final de triunfo contra todas nossas tentaçoens.

Quem naõ tiver mais que hũa hora, cuidará que a nossa Alma he Corte, o coraçaõ Paço, a memoria Throno, a vontade Valido, o entendimento Conselheiro, os sentidos Ministros, e o meu Senhor o Rey, a quem todos servem, e obedecem por Ley natural. Mas rebellãdo-me contra elle, por entregar ao demonio todo o imperio da liberdade do mesmo meu coraçaõ, aonde o Senhor sempre morava, estimando-o como seu Paço, conju-

conjurando-me com todos os vicios, o prendi, atei, e affrontei, e depois de açoutá-lo á Columna para zombar do Rey Eterno, lhe dey coroa de tormento, ſceptro de zombaria, e purpura de eſcarneo; e moſtrando de dentro do meu coraçaõ a todas as culpas, e vicios, que o cercavaõ por toda a parte, lhe direi o eſtado em que o puz, e ſe querem que o crucifique. Mas tornando em ſi a razaõ, e dizendo-me o entendimento a grande traiçaõ, que fazia a hum Senhor, que me amava tanto, quam ingrato conreſpondia a quem me tratou taõ benigno, e em quanta affronta tinha poſto o Senhor dos Ceos, e da terra; mais com o pezar de offender tamanha Bondade, que com medo dos caſtigos, que merecia, eſtalando-me o coraçaõ, e fazendo-ſe-me em pedaços, cahia ſobre todos meus vicios, que enterrados neſta ruina, e affogados em hum mar de lagrimas, acabem ſubitamente, ficando eu aos pés do meu Senhor, pedindo-lhe muitos perdoens; e reſtituindo-me elle aos ſobreditos miniſterios, tornarei mais efficazmente a ſervì-lo, como a meu Pay, como a meu Deos, e meu Senhor.

QUINTA FEIRA.

Com a Cruz ás coſtas.

MATINAS.

Et bajulans ſibi Crucem, exivit in eum, qui dicitur Calvariæ, locum.

PArecer-me-ha, que acordando a minha Alma do ſomno do deſcuido aos gritos do coraçaõ, que ſendo para o Senhor rua de Amargura, o vè paſſar com a Cruz ás coſtas, vay tambem ver eſte eſpectaculo, e a poucos paſſos com que o buſca, o acha em ſi, mudada a cor, perdida a fórma, cheyo de ſangue, e feridas, com cordas nas maõs, e garganta, e na mais laſtimoſa figura, que he poſſivel imaginar-ſe; e virando-ſe para mim, cuidarei que me diz eſtas palavras, e ſeráõ a meditaçaõ deſta hora:

Filho, todos no mundo, ou me ſeguem, ou me perſeguem; ſeguem-me os que imitando-

me, naõ só tomaõ, mas abraçaõ a sua Cruz, conhecendo que sem ella se naõ póde chegar ao monte da Oraçaõ, nem ao da Gloria: perseguem-me os que tendo a Cruz por affronta, e naõ se atrevendo a soffrè-la, passaõ leve, e gostosamente por esta vida da amargura, de quem he rua todo o mundo, querendo ser na terra mais que Deos, pois querem no lugar da culpa ser Bemaventurados. Se pois eu, que sou Filho de Deos, naõ hei de entrar no Ceo sem Cruz, como tu, sendo peccador, cuidas que entrarás sem ella no Ceo? Se te prezas de meu discipulo, se queres seguir-me, e salvar-te, toma, toma tua Cruz, e vem atraz de mim, e naõ busques outro caminho, que este só he o verdadeiro. E envergonha te, peccador, de que havendo tantos, que me sigaõ com Cruzes taõ pezadas, receas tu huma taõ leve, que só pèza o que te peza de ver-te o mundo atraz de mim. Tiveste valor lá no seculo para arrastar briosamente o pezado jugo da culpa, e falta-te hoje coraçaõ para levar sobre teus hombros huma taõ leve Cruz de cana? Envergonha-te, servo inutil, de que serviste ao demonio com mais cuidado que a teu Deos, e de que haja tantos no mundo, que soffraõ mais por Satanaz, do que eu pelo teu Senhor. Segue-me, meu filho, que aqui vou diante de ti, para passar primeiro os riscos, que pódes ter nesta jornada, e naõ cuides de mim taõ pouco, que sobre tuas forças te darei Cruz, com que me sigas.

Será o fructo desta hora, conhecer que, para salvar-me, e ser servo de Deos, hey de ter Cruz com que o siga, e com que imite os seus passos, que naõ só se deraõ para meu remedio, mas para meu exemplo, e para conhecer esta Cruz, quando eu a naõ tenha nos preceitos que guardo, nos votos que fiz, ou em qualquer outra cousa; com que o Senhor ma dá claramente, poderei crer que a tenho, como S. Paulo, em toda a grande tentaçaõ que tenha; e quando estas me faltem pela misericordia de Deos, a poderei fazer na negaçaõ das vontades da natureza, pizando varonilmente todas as repugnancias da carne, que se oppõem á Graça, e ao espirito.

LAUDES.

DEsejando seguir ao meu Senhor, ainda que me seja pezado entrar em Oraçaõ, disto farei Cruz para o acompanhar; e entrando dentro em minha Alma, o verei acompanhado de dous Ladroens, que tambem levaõ suas Cruzes. Aqui me parecerá

recerá que pondo-me o Senhor aquelles seus olhos cheyos de amor, me diz: Filho, os máos tambem tem Cruz, e muitos destes mostraõ ao mundo, que me seguem, mas com muito grande differença, que estes vem cõmigo para me affrontar, e para se perder, se alguma rara contriçaõ naõ faz que se lembre delles a minha misericordia. Os bons vem para me ajudar a levar o pezo da Cruz, que eu reparto com meus amigos. Vè tu agora se te convem ser destes, se daquelles; e se havendo de ter Cruz no mundo, te convem tè-la para fazer della escada para o Ceo, ou para descer por ella para o inferno. Olha tambem naõ te enganes com a tua Cruz, porque em te sendo pezada, he final que naõ he bõa.

Será o fructo desta hora, conhecer que naõ basta ter Cruz, se a Cruz naõ he bõa: pois tambem as Cruzes dos Ladroens eraõ Cruzes, mas naõ eraõ como a de Christo; e para o saber, examinarei se ma deo o mundo, ou a culpa, ou se a tomo eu. A primeira he Cruz do demonio, a segunda de Christo; porque nisto se declaraõ as palavras, com que o Senhor quer que a levem: *Tollat, &c.* tomando cada hum Cruz, que seja sua, e naõ dada por outro; porque tambem esta leva-se por força, aquella por vontade.

PRIMA.

TOmando pois a minha Cruz, e seguindo a meu Senhor de todo o meu coraçaõ, o verei cahir muitas vezes lastimando-se magoadamente nas pedras duras do meu peito, e levantando-se logo, sem parar me diz estas palavras: Filho, se depois de teres Cruz, e de me seguires, cahires, trata de levantar-te depressa, e de ir adiante, porque se assim o naõ fizeres, tornando para traz, he certo que deixas o caminho do Ceo, e se te detiveres muito, chegarás tarde, e naõ poderás subir ao monte, aonde eu te espero nos meus braços. De nenhũa maneira desconfies, quando cahires; entende que te atrazaste muito, e que ja naõ poderás alcançar-me; porque se a tua quèda for mais fraqueza, que vontade, e mais tropeço, que advertencia, sabe que te vou esperando; porque sei, que se tu me amas, nestas quèdas has de cobrar forças, com que cobres mais que o perdido, e com que apresses mais o passo. E se vès que em mim cahe a natureza com ajudá-la a Divindade, porque cuidas que naõ cahirá em ti a Graça combatida da natureza? Os justos cahem muitas vezes, quanto mais os que saõ peccadores: e ha nisto só a dif-

ferença, que os bons cahem de inadvertencia, e os perverſos por ſua malicia. Se deſces, que muito he que te humilhes! e ſe ſobes, que muito he que cances! com tudo, o que mais te importa, he levantar-te, e ir adiante, que aqui eſtou para dar-te a maõ, e para levar-te nos meus hombros, quando naõ puderem os teus.

Será o fructo deſta hora, conhecer, ainda q̃ me veja cahir, que o que convem, he naõ parar; e chegando-me ao meu Senhor, que he certo que me eſpera com ſua miſericordia, pedir-lhe humilde, e amoroſamente que me perdoe minhas culpas, pois ſabe a minha fragilidade, e conhece qual ſempre fuy, pois o que tenho bom, he ſeu, e ſó meu, o que em minha maõ; porque de outro modo, affaſtando-me da Oraçaõ, e da converſaçaõ do Senhor, he ſem duvida que me entrego a meus inimigos, e me ponho delle taõ longe, quanto elle vai para diante, e quanto eu torno para traz.

TERÇA.

Filiæ Jeruſalem, nolite flere ſuper me, ſed ſuper vos ipſas flete, & ſuper filios veſtros.

TOrnando aos paſſos amargoſos, com que ſigo a meu Senhor, me parecerá, que virando-ſe o Senhor para todos os devotos de ſua Igreja, [que diſto he figura Jeruſalem) os começa a enſinar, e advertir, que naõ chorem ſó porque querem, ſenaõ por obrigaçaõ que era devida.

Conſiderarei que baſtaõ ás vezes duas lagrimas, e qualquer devoçaõ, com que ſigamos ao Senhor, para que vire para nós os olhos de miſericordia, e nos enſine com as palavras, aſſim como com as obras, e nos advirta o melhor modo, com que o podemos ſervir. Aqui veremos tambem como naõ falla com outros mais que com as filhas de Jeruſalem, ſendo que (como diz Caietano] outras muitas o acompanhavaõ, e lamentavaõ tambem. E a razaõ he: porque a turba, que pedio que o crucificaſſem, era indigna de fallarlhe Deos, e ás mulheres de Galilea naõ tocavaõ os ameaços, que Chriſto fez ás do ſeu Povo, que havia de ſer deſtruido pelas culpas, que commettia. Iſto finalmente vem a ſer, que choraſſem por ſeus peccados; porque parece que naõ quer o Senhor dar caſtigos, ſem enſinar os meyos de achar ſua miſericordia, como agradecido áquellas lagrimas, que para o ſeu amor ſaõ perolas, ſe do fũdo do amargoſo mar da penitencia ſe tiraõ das conchas do coraçaõ.

Será

Será o fructo desta hora, chorar interior, e exteriormente por nossas culpas, e peccados, não lagrimas, que por compaixaõ tenhaõ nos olhos juntamẽte a sua origem, e o seu fim, mas que da fraçaõ do coraçaõ as raizes amargosas da contriçaõ, e da penitencia, aonde ellas tem a melhor fonte, e o amor o seu principio; pois por ellas se perdoou a Pedro, por ellas se naõ subverteo Ninive, por ellas foy Santa a Magdalena, e as mais conversoẽs das Almas começaraõ nesta agoa mysteriosa, aonde se temperaõ as armas da Justiça Divina, e se forjaõ os rayos de seu Divino amor.

SEXTA.

ENtrando na Oraçaõ, me parecerá que vejo o Senhor na mesma figura ir-nos continuando os avisos, quando nos faz ameaços, dizendo, que se nos Tribunaes da terra se fazem estas justiças no innocente, que se fará no peccador, quando no dia do Juizo apparecer no Tribunal da Divina Justiça!

Aqui considerarei, que devo naõ ser como Caifás, a quem dizendo o Senhor que assim o veria no dia do Juizo, naõ se persuadindo que contra elle o podia haver, pelas offensas que entaõ se lhe representavaõ feitas a Deos, rasgou os vestidos, e naõ o coraçaõ, mostrando que lhe naõ passava a dor dos vestidos. Por isso se nos espedaçaraõ as entranhas, vendo a grande conta, que daráõ neste terrivel dia aquelles, que taõ pouca fazem no mundo da muita que haõ de dar em o Juizo, lançando os mais delles tantos temerarios sobre o viver dos outros homens, e tal vez mais justificados. E aqui farei porque se me represente qual será o fogo do inferno nos madeiros seccos da culpa, se na planta verde da Graça se ateou abrazadamente o fogo da maldade humana. Verei tambem como neste dia será taõ horrendo, e terrivel o rosto benigno do Senhor, que temendo mais os condenados a sua vista, que os tormentos, pediráõ aos montes que os cubraõ, e aos outeiros que os escondaõ, sem que lhes valha entaõ o medo, pois lhes naõ val agora o juizo.

Será o fructo desta hora, a cõsideraçaõ do dia do Juizo, e daquelle aspecto tremendo, com que sobre o Throno das nuvens ha de apparecer o Senhor, por cuja causa todos os culpados do mundo faremos por esconder os olhos, e naõ lançar os olhos, nem juizos temerarios, nem metter nos nas vidas dos outros, julgando-nos sempre a nós mesmos nos exames da consciencia, que devem ser a cada hora, e quando menos cada dia, e cada

hora póde chegar a derradeira; aonde o noſſo dia do Juizo he o noſſo ultimo dia, que naõ ſó poderá ſer o de ámanhaã, porèm tambem o dia de hoje, daqui a pouco, logo, ou ja, e naõ convèm que vivamos em eſtado, em que nos peze de morrer.

NOA.

TOrnando a ver o meu Senhor na amargura do meu coraçaõ, e nos paſſos da minha Alma, ſe me repreſentará aquella mulher devota, que com huma toalha branca alimpou ſeu Santiſſimo roſto; cuja figura laſtimoſa lhe ficou impreſſa na toalha.

Conſiderarei, que aſſim deve fazer a minha memoria, chegando me muito ao Senhor, e alimpando-lhe ſeu ſantiſſimo roſto com huma puriſſima intençaõ, aonde me fique o ſeu retrato; envergonhando-me muito de que na lamina de hũa Alma ſe naõ pinte taõ vivamente, e que nem ainda de morta cor pinte como quer o coraçaõ; e entendendo que á falta de pureza, que na brancura ſe declara tudo o que neſte debuxo faltar aos meus ſentidos, farei muito por lavar com lagrimas as manchas, que os affearem, eſmerando-ſe a conſciencia em toda a limpeza de eſpirito.

Será o fructo deſta hora, o conhecer quam util me he a memoria da Paixaõ de Chriſto; pois he certo, q̃ eſta ſenaõ imprime ſenaõ em Almas muito puras, aonde ja fica o ſeu retrato, quando nem por ſombras achamos em outro retrato bons pertos; e quando do roſto da culpa ſó nos parecem bem os longes.

VESPERAS.

LEvando me a memoria do meu Senhor a ver os paſſos, que dá na minha Alma, e vendo-o ir taõ magoado, os hombros feridos da Cruz, o corpo cahindo de fraco, os olhos mortos de triſteza, o cabello cheyo de ſangue, a boca toda denegrida, a feiçaõ toda demudada, a reſpiraçaõ affogando-ſe, os pés cortando-ſe, e trocando-ſe, me chegarei a elle cõ grande amor, e magoa do meu coraçaõ, e lhe direi: Meu Creador, meu Deos, meu Bem, e meu Senhor, ponde aos meus hombros eſſa Cruz, deſcançai aqui nos meus braços, que tempo tendes para os paſſos, a que meus erros vos obrigaõ; ſinta eu tambem o tormento, pois que foy minha a culpa. Reparti cõmigo eſſas dores, pois taõ benigno, e amoroſo me dais vóſſos merecimentos; naõ venha eu aqui ſó a ver-vos, venha tambem para alleviar-vos; naõ ſeja iſto ſó a olhar, ſeja tambem a ſentir; e pare-

parecer-me-ha q̃ me reſponde.

Filho, todos os meus paſſos ſaõ para teu remedio, todos os teus devem ſer para meu ſerviço; e ainda que te pareça que mo fazes em me deter, e ajudando-me, naõ te convèm em que pare em remediar-te, nem que tu pares em ſervir-me; importa que te naõ detenhas, nem no teu bem, nem no teu mal; de paſſo has de ir por huma vida, que ſe acaba a cada paſſo; e aſſim como os males do mũdo ſe naõ devem temer, porque todos ſaõ tranſitorios, aſſim os bens ſe naõ devem eſtimar, pois naõ ſaõ permanentes. Naõ tens grande amor á Cruz, ſe no meyo das amarguras queres a gloria de meus braços; as ſuavidades, e os goſtos, que aſſim deſeja o teu eſpirito, ſaõ fraquezas do coraçaõ, que naõ atura os ſeus rigores; trata agora de padecer, que he o que mais te importa, e naõ duvides tanto de ti, nem de mim, que imagines que te hey miſter, cuida que me has miſter a mim, e que eſſe amor, com que me buſcas, eſſe valor, com que te ſentes, he ſó aquillo que eu me metto por dentro do teu coraçaõ; faze por naõ desfallecer, porque ainda naõ chegaſte a ſubir o que te falta para a morte. Vem, que entaõ quero que me ajudes, e ao menos que naõ deſmayes, pois naõ ſobem a eſtar cõmigo, ſenaõ os que tem mui grande animo; huns coraçoens tamanhos, que naõ cabem em todo o mundo, que paſſem da Terra, e do Ceo, em quem ao menos caiba tudo quãto eu deſejo metter nelles, ſaõ os que eu ſómente eſtimo, para depoſitar meus theſouros, e para occupar meu amor; agora ſegue-me, conhecendo-te por inutil, louvando-me por miſericordioſo, amando-me por minha bondade, e pedindo-me o que te convèm.

Será o fructo deſta hora, conhecer que toda a vida he hum paſſo, e ſe o Senhor, ſem parar, na Incarnaçaõ os deo do Ceo á Terra; no Naſcimento, do ventre ao mundo; na Redempçaõ, do Horto á Cruz; na conſummaçaõ, da Cruz á morte, naõ devemos nós de parar, detendo nas penas ao Senhor, e detendo-nos na conſolaçaõ; antes preparar as conſolaçoens para toda a guerra do eſpirito, conhecendo em ſuas batalhas, que todas, ſe ſe vencem, nos daõ coroas, que o Senhor ſe communica ás Almas mui magnanimas.

COMPLETAS.

PArecer-me-ha, ſeguindo na Oraçaõ a meu Deos, que o vejo ſubir ao Monte Calvario, onde no ultimo paſſo naõ pára para deſcançar, ſenaõ para mais padecer; pois tirando-lhe a

Cruz para o crucificar, arrancando lhe com a tunica a carne, que se lhe pegará, naõ só com o sangue das feridas, mas com hum mar de suor de sangue, depois de a darem aos soldados, onde ao peyor cahio em sorte, o mandaraõ deitar na Cruz, para nella lhe tirar a vida. Considerarei neste passo o que succede aos perfeitos, a quem o Senhor subio a mayor gráo da Oraçaõ, pois naõ havendo mais que subir, naõ paraõ para descançar, senaõ para mais padecer, nem chegaõ á contemplaçaõ, senaõ para mais sentir; sendo o menos que fazem entaõ, despirse naõ só de tudo o q̃ levaõ do mundo, mas juntamente de si mesmos, sentindo entaõ a mayor Cruz, até se lhes acabar a vida, como se vio nos Apostolos, e o testimunhaõ outros Santos.

Será o fructo desta hora, naõ desejar chegar ao alto da Oraçaõ, e ao ultimo passo da perfeiçaõ pelo premio, que se nos promette, senaõ por imitar melhor a Christo, desejando padecer por elle, e por todos os máos do mundo, a troco de que a sua bondade tenha misericordia delles, e veja em nós que o seguimos, desejando mais a gloria de seu nome, que a nossa Bemaventurança.

Summa.

MElhor que tudo isto será em hum vivo movimento de amor de Deos ir seguindo suas pizadas, e gastar todo o tempo fallando-lhe com o coraçaõ, sem parar nas grandes amarguras, que tem os passos deste mundo, fazendo com grande fervor do espirito, porque a Alma se naõ desmaye até chegar com o Senhor ao Monte, figura do mais alto estado, a que se chega nesta vida, pedindo-lhe, que assim como pela culpa de o crucificar foy Jerusalem assolada, naõ ficando pedra sobre pedra, assim permitta, que assolando eu, com os auxilios de sua misericordia, toda a Cidade de meus vicios, e o povo de minhas culpas, naõ fiquem dellas mais que as memorias para chorar, e as ruinas, naõ para as sentir, mas para edificar sobre todas o Templo santo da Oraçaõ, onde só morrem as virtudes, e hum grande desejo de emenda.

Quem naõ tiver mais que huma hora, poderá, se quizer, ter a Oraçaõ seguinte.

CUidarei que levantando-se a minha Alma do leito da culpa, pelos passos da penitẽcia vai buscar o seu Esposo pelas ruas

ruas de ſua memoria, e por toda a parte dos ſentidos, que ſe tem feito Babylonia mais que terra de Jeruſalem; e ouvindo as lagrimas, e os ais, com que ſe lamenta o meu amor, que vai pelas minhas entranhas, ruas para elle de amargura; com a Cruz de meus peccados, voltando para ver ſe o ſigo, detendo-ſe para ver ſe olho, e cahindo para ver ſe o alcanço, deixando, ſó por ver-me, em ſuas pégadas o ſangue, em ſeus eccos os meus aviſos, e até em hum lenço o ſeu retrato, o buſco no Monte Calvario, aonde o acho pondo-o na Cruz, e aonde ainda as minhas offenſas lhe eſtaõ tirando as veſtiduras, ao meſmo paſſo em que ſe queixa, que aſſim lhe queira tirar a tunica quem lhe naõ quer tirar os eſpinhos. Aqui, vendo o banhado em ſangue, cheyo de magoas, de affrontas, e de ancias, tormentos, e afflicçoens, me parecerá que doendo-ſe a Alma do muito que o magoou a vontade do que o offendeo, e os ſentidos do que o affligio, desfazendo os olhos em lagrimas, os ſentidos em ſuſpiros, o arrebataõ aos meus braços, e livrando-o das minhas culpas, que confundidas ſe apartaõ de mim, fazendo-lhe leito do coraçaõ, o deita nelle a minha emenda entre os lançoes da caſtidade; correndo logo as cortinas ao ſegredo do meu amor, me ponho a ſeus pés com mil lagrimas, pedindo lhe muitos perdoens, e promettendo eternamente de antes perder a vida, que a Fé; de antes querer a morte, que a culpa; fazendo muito a toda a hora por ver ſe com o fogo do Eſpirito Santo ſe purificaõ minhas culpas, ou ſe com ſuas levaredas ſe accende, e arde o meu eſpirito.

SEXTA FEIRA.

Crucificado.

MATINAS.

EM acordando eſta hora, entrarei no meu coraçaõ, que me parecerá Monte Calvario, onde a minha Alma he Cruz, em que meus peccados crucificaõ a meu Senhor, pondo-lhe por prégos nas maõs toda a crueldade das más obras, e por cravos nos pés toda a detença nos máos paſſos; dando-lhe por vinho myrrhado a corrupçaõ de minhas palavras, que para o meu Senhor foraõ o peyor fel, e vinagre. Aqui conſiderarei, que em quanto o crucificaraõ, lhe paſſaraõ muitas vezes com os pés por cima do roſto, e fazendo-lhe mil affrontas, a nenhuma moſtrou ir-ſe, antes a todas ſometter ſe.

Será a minha meditaçaõ, naõ ſó a paciencia do meu Senhor em tormentos taõ inſoffriveis, mas aquella humildade admiravel, com que debaixo dos pés dos homens, e dos homens mais vis, e baixos, pois eraõ verdugos, e algozes, ſe pós o Principe dos Ceos, a Mageſtade Divina, e o Senhor univerſal do mundo. Aqui cuidarei, que olhando para mim, e fallando-me com o ſeu ſilencio, me diz ao entendimento: Filho, muito, muito á minha cuſta te enſino, mas ſe ainda naõ acabo contigo quanto quero, que muito he que faça quanto poſſo! E ainda que taõ cruelmente me ates as maõs para te naõ fazer beneficios, quando ellas eſtaõ mais prezas com eſte meu ſangue, mais ſolto a teu remedio, e teu aviſo. Olha, e adverte eſte eſpectaculo, que para os Anjos he aſſombro, para os Elementos paſmo, e para teus enganos riſo; aprende delle eſta humildade, em que vês ao Senhor do mundo, a Divindade de Deos, naõ ſó aos pés dos peccadores, mas pizada dos mais perverſos, feita deſprezo das infamias, e zombaria das injurias. E ſerá bem que, vendo iſto, te prezes de ſoberanias, altivezes te deſvaneçaõ, e honras, e applauſos te dem goſto; tu q̃ es ſómente hum pó unido, huma vivente

corrup-

corrupçaõ, e hum pouco de lodo animado? Tu, cujos antes foraõ nada, cujos agoras saõ hum ponto, cujos depois haõ de ser cinza? Tu em fim hum bichinho vil, te queres ensoberbecer, sem ver que todas as creaturas devem armar-se contra ti, por quantas vezes te atreveste contra o teu proprio Creador? Ora, filho do meu coraçaõ, tu naõ te queiras castigar, pois te procuro advertir, e menos te quero perder, pois vim ao mundo só a salvar-te. Envergonha-te de que no mundo, onde ha tantos melhores que tu, ós queiras envergonhar, e a Deos, mostrando nessa vaidade, que es melhor que eu nesta virtude; pois parece que me reprehendes de que naõ sei parecer Deos, e que queres emendar isto com ensinar-me a Divindade: esta foy a primeira culpa, e a mayor de todas as outras, que em castigo de sua vangloria fez cahir os Anjos no inferno, por querer erguer-se a mayores com a minha Cadeira no Ceo. Nesta Cruz faço hoje a Cadeira para te ensinar as virtudes, se pertendes ser meu discipulo. O A.B.C. he a humildade, e por isso he o fundamento de toda a sabedoria: se queres por mestre a Lucifer, a soberba he o non plus ultra, donde naõ poderás passar mais que á tua condenaçaõ, e aos castigos de minha ira.

Será o fructo desta hora, conhecer, que sem humildade ninguem edifica no mundo, nem funda bem para Deos a casa da Oraçaõ, e que deve ser verdadeira, e naõ de humas falsas humildades, que com rosto de reverencia daõ muitas vezes coças a Deos, e vestidas de hypocrisias, se vè que saõ refinada soberba, pois se servem de modestia em quanto as honra a cortesia, e descobrem o que saõ, logo que a contrariedade as prova.

LAÚDES.

Factus obediens usque ad mortem, mortem autem Crucis.

TOrnando a pôr os olhos da Alma no meu Senhor posto na Cruz, considerarei a mansidaõ, com que entregando-se aos algozes, obedeceo aos Decretos de seu Eterno Pay, sem que no meyo dos tormentos se lhe visse huma repugnancia, ou se lhe ouvisse hum queixume.

Será a minha Meditaçaõ neste discurso, ver que obedecer, e queixar naõ se compadecem; resignar, e naõ consentir naõ se pódem juntar: e se o Filho de Deos, á mesma innocencia, se sujeita aos castigos da culpa; se o Senhor, o Entendimento Divino, obedece á vontade de seu Eterno Pay, e ainda á vontade dos homens; nós os miseraveis

raveis, e nescios, os que nos sujeitamos á culpa, que razaõ teremos de naõ obedecer á razaõ; de nos naõ sujeitarmos aos mayores, e de nos naõ prezarmos de subditos, quando ha mesma natureza obedece o Norte a huma pedra, se sujeitaõ ao Mar os Rios, se humilhaõ ao Leaõ os brutos, se entregaõ estes ao Homem, que deve sujeitar se áquelle, em cujas maõs pôs Deos o mundo, e que em fim, sendo superiores, representaõ ao mesmo Deos?

Será o fructo desta hora, exercitar obediencia, naõ só aos nossos mayores, mas ás mais humildes creaturas, em quem está o nosso Deos, a quem servimos, se o servimos, fazendo sempre conta, que elle nos manda nellas, pois isto nos enfina Christo na Cruz, e quem pela Cruz segue a Christo, até a morte ha de obedecer no que naõ for contra a sua Alma, sujeitando se a vida á Alma, o corpo ao espirito, a graça á Natureza.

PRIMA.

REcolhendo-se os meu sentidos aos interiores de minha Alma; verei como estando o meu Senhor na Cruz, fasgadas as maõs com prégos, aberto o corpo com os açoutes, ferida a cabeça com os espinhos, atravessada a Alma com as affrontas, cortado o coraçaõ com penas, cobertos os olhos com lagrimas, as entranhas despedaçadas com magoas, desfigurada a cor do rosto, correndo o sangue das feridas, os pés, e os nervos estirados, estalando-lhe todos os ossos, doridas todas as potencias, morrendo todos os sentidos; quando mais crescião as ancias, porque se dobravaõ as injurias de Deos; e as offensas dos peccadores, levantando os olhos ao Ceo, com aquella bõdade immensa, com aquelle amor entranhavel disse a seu Eterno Pay: Meu Pay, e meu Senhor, perdoai a estes, que me offendem, porque naõ sabem o que fazem. Oh piedade inexplicavel! oh bondade incomprehensivel! se para os que vos offendem, e affligem pedis perdaõ entre os tormentos, que fareis com a penitencia a quem prostrado vos adora? Se os que obstinados vos aggravaõ, achaõ desculpa em vossa queixa, os que vos choraõ compungidos, que acharáõ na vossa misericordia? Se desprezãdo vossos beneficios sois propicio com os seus ingratos, rogando vossas benignidades, que sereis com os agradecidos? Se com humas Almas de marmore, se com huns coraçoes de pedra tendes entranhas de Cordeiro; com huma condiçaõ de cera, com huns olhos cheyos de lagrimas, que usaraõ as vossas branduras? Acabadas

estas

eſtas palavras, ou outras, que de outro modo ſe ſabe dizer melhor com o eſpirito.

Será a Meditaçaõ a ardentiſſima caridade, que o Senhor nos enſinou na Cruz, naõ ſó ſoffrendo, e amando ſeus inimigos, mas deſculpando-os com ſeu Pay, e pedindo-lhe perdaõ para elles: e ſendo eſta virtude o timbre, com que ſe coroa o edificio eſpiritual, foy a primeira que exercitou o meu Senhor na Cruz, para moſtrar-nos, que quem ſe crucifica ao mundo, e o crucifica em ſi, ha de ſer aos vicios, e naõ ás peſſoas; porque de outro modo naõ levará bem a Cruz, nem moſtrará que no ſeu coraçaõ ſe derramou o fogo do Eſpirito Santo. Eſte he o modo, com que o Senhor tinha dito que traria a ſi todo o mundo quando ſe exaltaſſe na Cruz, attrahindo, e atando a todos com a uniaõ da caridade: quem a tiver, terá a Deos, e ao contrario nada terá de Deos quem nada tiver de caridade; com eſta ſe encobrem os delictos dos Proximos, como Chriſto nos enſinou; e com eſta devemos a toda a hora, os que ſomos ſervos de Deos, andar dizendo com as obras, e exemplo de S. Paulo: Quem nos poderá apartar da caridade do Senhor?

TERÇA.

CUidarei a eſta hora, que vejo pender na Cruz ao meu Senhor taõ nù dos allivios da Alma, como dos abrigos do corpo, ſem que lhe deixaſſem ſeus inimigos nem aquelles leves reparos, com que ſe perdoa á modeſtia, e ſe cobre a honeſtidade.

Conſiderarei que o Senhor naõ ſoffreo o tormento de verſe nù, por reſtituir-nos por eſte modo, ou deſte modo ao eſtado da innocencia, que perdendo-ſe com a culpa, ſe envergonhou da deſnudez, e ſe cobrio com o veſtido; mas porque havendo de vè lo o mundo, a quem em tudo foy exemplo, viſſe a pobreza nunca viſta, com que ao porem-no na Cruz, ao levantarem-no no ar, naõ levava nada do mundo, nem queria nada da terra; para enſinar-nos, que entaõ he a Cruz para os Ceos eſcada, naõ ſó quando da terra nos tira, mas quando nos tira taõ pobres, que naõ levamos mais theſouros, que a caridade, a pobreza, e os mais adornos das virtudes, que o Senhor nos moſtrou na Cruz.

Será o fructo deſta hora, deſejar vivermos taõ pobres na imitaçaõ de Chriſto, que depois de o ſeguirmos na Cruz, e de ſahir do mundo, naõ queiramos nada

nada delle mais que a Cruz, vivendo nelle de maneira, que estando com os pés no ar para obedecer a Deos, pareça que dos braços da Cruz fazemos azas para voar com as pennas dos Serafins, que tanto serão mais leves, quanto menos for o pezo, que levamos das cousas da terra. E nós, principalmente os Filhos de meu Padre S. Francisco, devemos lembrarnos das festas da Alma, e do amor, com que encontrando elle a pobreza muito formosa, ainda que em trajes desprezivéis, lhe dizia com todo o coraçaõ, abraçando-a suavemente: Venha embora a minha senhora pobreza.

SEXTA.

CUidarei, entrando na Oraçaõ, que o meu Senhor crucificado na minha Alma, naõ só me ensina com as obras o que hei de fazer por seu amor na paciencia, e mais virtudes, porèm tãbem com as palavras.

Considerarei, que as palavras de Christo naõ só saõ de fructo que as de suas obras, antes saõ verdadeiro fructo da Arvore da Cruz, pois dellas nos faz colher a doutrina, de que nos havemos de aproveitar na tribulaçaõ, mostrando em tudo o q̃ dizemos, que perdoamos aos inimigos, que desejamos metter no Paraizo a todos, que pedimos a Deos que nos naõ desampare, nomeando por Pay só a Deos, que desejamos padecer por Deos, e que nos pomos nas suas maõs, que tomamos por Mãy a Virgem, e que ella nos queira por filhos, ou ao menos por escravos, e que cumprimos nossas palavras, consũmando-se nossas obras com abaixar a cabeça a tudo o que for sua vontade, q̃ he final mais evidente de lhe entregarmos o nosso espirito.

Será o fructo desta hora, [e será hum dos mais importantes) conhecer depois de crucificarmos ao mundo, que devem as nossas palavras dizer com as nossas vidas, e nascer das nossas obras palavras de edificaçaõ, e de espirito, mortificados sem as flores, e sem as folhas das elegancias jactanciosas, com que na pompa da eloquencia florece a discriçaõ humana, fugindo daquelles enfeites, de que fazem galla os juizos, cuja soberba, e ostentaçaõ põem no concerto, e no ruido toda a fadiga dos discursos; as palavras haõ de ser castas, o modo humilde, as vozes brandas, sahidas do coraçaõ, que se forjem dentro no peito, e se temperem na prudencia; de maneira que sem estrondo façaõ o tiro sem sentir-se, penetrando dentro nas Almas, e naõ ficando nos ouvidos; e sobre tudo palavras, que digaõ com o que se faz, para que naõ zombem de q̃ naõ frizem com o que se diz. NOA.

NOA.

AQui conſideraremos, que vendo padecer o Author da vida, o dia ſe veſtio de noites, o Sol de trevas, o ar de eſpantos, a terra de medos, e o Ceo de aſſombros; abrindo-ſe as ſepulturas, ſahiraõ os mortos a confeſſar eſtas maravilhas; quebrando-ſe as pedras, reprehenderaõ a noſſa dureza; raſgando-ſe o Véo do Templo, ſe deſcobriraõ os ſegredos da Divindade; e ſó os coraçoens humanos parece que ſe empederniraõ, pois taõ poucos houve que temeſſem a Deos, fazendo nelles taõ pouco movimento hum tamanho terremoto.

Será a Meditaçaõ deſta hora, quam pouco havemos de querer luzir no mundo, aonde ſe pôs taõ eclipſado, naõ ſó o Sol material, mas o meſmo Sol de Juſtiça, a cuja viſta devem quebrar-ſe coraçoens de pedra, pois ſe quebraraõ as pedras: o coraçaõ, moſtrando que ellas tiveraõ a razaõ, que nos faltava, e nós a dureza, que nellas ſe naõ via; a cuja morte ſe devem abrir as ſepulturas de noſſas conſciencias, para que reſuſcitando os mortos da culpa pela confiſſaõ dos peccados, naõ ſe eſconda debaixo da terra o que ha de apparecer em juizo; a cujo horror deve tremer a terra do ſer humano, e mover-ſe eſte pó unido, pois nos penedos inſenſiveis, nas ſerras, nos montes, e Elementos fez hum movimento taõ grande; a cujo exemplo raſgando-ſe o véo da modeſtia, que eſconde em nós as virtudes, ha de deſcobrir ſantidade, que viſta póde dar eſpanto, e perſuadir o meſmo exemplo.

Será o fructo deſta hora, ſentir hum grande movimento de amor de Deos, a cujos terremotos caya tudo o que edificamos no mundo, veſtindo a Alma pela morte de ſeu Senhor aquelles lutos de triſteza, com que arraſtaõ os coraçoens o ſeu pezar, e a ſua culpa, em cuja pena nos devemos envergonhar muito de que as pedras ſem ſentimento, as luzes ſem juizo, e os Elementos ſem Alma, dem mayores ſinaes de amor, e mayores moſtras de pezar, que huma Alma, que tem vontade, e hum juizo, que tem diſcurſo, e que hum ſentimento, que tem razaõ.

VESPERAS.

COnſiderarei, como eſtando o Senhor na Cruz, a cabeça cheya de eſpinhos, os olhos cheyos de affrontas, lagrimas, e ſangue, os ouvidos de blaſfémias, o roſto de ſalivas, e bofetadas, a boca de fel, e vinagre, as barbas, e cabellos ſantiſſimos

tiſſimos de deſacatos, e deſprezos, e a garganta de cordas, e baraços, os hombros pizados da Cruz, eſtirados os nervos, os oſſos deſconjuntados, as maõs abertas, e feridas com tanta crueldade nas quinas dos prégos, e no entalado dos buracos, o corpo todo raſgado com chagas, e os joelhos com quedas, os pés de parte a parte atraveſſados, as coſtas abertas de golpes, e todo em fim hum mar de ſangue, morto, affeado, e denegrido; naõ contente a maldade humana, lhe paſſou o peito com huma lança, querendo paſſar com morte álèm da morte. Porèm moſtrando o Senhor quanto eraõ mayores as ſuas miſericordias que as noſſas mayores maldades, aonde havia de ſahir hum diluvio de caſtigos, ſahio hum rio de piedades, e hum mar de Sacramentos, com cujo beneficio cobrou viſta o cego, que o tinha ferido, naõ ſó nos olhos do corpo, mas nos do eſpirito, de que ſe ſeguio, q̃ confeſſando ſua culpa, e a bondade de Deos, naõ ſó alli, mas por todo o mundo, veyo finalmente a ſer triunfo com a coroa de martyrio.

Será a Meditaçaõ deſta hora, ver quam cegos ſomos todos os que offendemos ao Senhor, pois eſtando elle morto por noſſo amor, e feito em pedaços por ſalvar-nos, ſem ver o que fazemos, ſobre as offenſas cõmettidas quaſi queremos moſtrar-lhe que haõ de ſobrevir noſſas offenſas a ſuas miſericordias, exceder noſſas maldades aos extremos da Redempçaõ. Mas o Senhor, como Pay de immenſa piedade, naõ conſentindo eſta cegueira, dando-nos nos Sacramentos viſta, deſentranha a miſericordia do meſmo lugar, em que pudera tomar a peitos a juſtiça, e vingando-ſe de nós, ou em deixar-nos mais ingratos com o exceſſo dos beneficios, ou em ver nos convencidos com a multidaõ dos favores, ſó trate de nos reduzir, para que vejamos a quem chegamos a offender, ainda que para elle ſejaõ lançadas, que nos cheguemos a elle para o ferir ſómente: por cuja cauſa podemos com o outro Santo chamar ditoſa a culpa, que adquirio tal remedio.

Será o fructo deſta hora, a frequencia do Sacramento da Euchariſtia, confeſſando a cegueira de noſſas culpas em muidoridas confiſſoens, e naõ chegando a elle para lhe ferir o coraçaõ ás cegas, mas que muito ás claras ponhamos a boca naquella fonte de agoas vivas, onde ſe lavaõ noſſas culpas, e ſe recreaõ noſſas Almas, para que com nova luz de graça, e novo eſpirito de Deos, poſſamos tambem no mundo dizer qual he o noſſo Deos, põdo a vida por ſeu amor,

amor, pedindo-lhe ultimamente, que se os cegos, se aquelles que o offendem, tiraõ do seu peito esta mina, nós, que sequiosos buscamos a fonte da Graça, naõ alcancemos menos.

COMPLETAS.

CUidarei, como Joseph, e Nicodemus tirando os espinhos, com que estava o Senhor na Cruz, o desceraõ della, e puzeraõ nos braços da Virgem, cujo coraçaõ depois de traspassado com a lançada, que deraõ ao Senhor no peito, e com a vista de tudo o que tinha padecido, foy novamente ferido com a vista daquelles cravos, que lhe tiraraõ cheyos de nervos, e de sangue, e com os golpes das martelladas, que para tirá-los lhe deraõ, renovando a dor com a memoria da que tambem lhe deraõ para o pregar na Cruz.

Considerarei, que todas as vezes que tiro de mim máos pensamentos, que deixo de fazer más obras, e de dar máos passos, tiro da Cruz o meu Senhor, e lhe tiro os cravos, e os espinhos; pondo-os nos braços da minha Alma, para onde, naõ só da Cruz, mas dos Ceos, parece que desce o Senhor por me agradecer este serviço, e toda a dor que tive de sua Paixaõ.

Será o fructo desta hora, huma grande dor de peccados, que taõ cruelmẽte trataraõ a meu Deos, entrando com grande ancia de coraçaõ por toda a ferida a ver as entranhas de seu amor, que parece que todas estas portas me abrio, para que entrasse no seu coraçaõ, dizendo por todas as bocas, com que me fallaõ suas chagas, que mais quer que nellas eu me sepulte, e me esconda de sua ira, que naõ que lhe dè sepultura no tumulo de pedra, ou em hum coraçaõ de marmore.

Summa.

MElhor será a toda a hora estar abraçando na Cruz ao meu Senhor como aMagdalena, ou assistindo-lhe como a Virgem Santissima, e como S. Joaõ com o coraçaõ de amor, mais que de discurso; sem largar jamais seus pés, salvo se for para lhe tirar os cravos, e espinhos, como acima fica dito, estando sempre em hum continuo movimento da Alma, com que o abrace o coraçaõ. E ao menos exercitem-se nestes dias as virtudes, que na Cruz se aprendem, convem a saber: a Humildade, a Obediencia, a Caridade, a Pobreza, a Modestia, o Fervor, o Desejo dos Sacramentos, e huma perpetua Contriçaõ. E quem contra isto naõ cõmetter nada neste dia, terá

verdadeira Oraçaõ, pois para o exercicio deſtas virtudes, que ſe haõ de praticar mais com as obras, que com as tençoens, ſe conſideraõ os Myſterios deſte dia.

Quem naõ tiver mais que huma hora, poderá, ſe quizer, conſiderar que a Alma he náo, que lutando com as ondas dos vicios, e com o temporal do ſeculo, naõ póde buſcar o porto da ſalvaçaõ, por haver perdido o Norte da Graça, por ter o Ceo contra ſi eſcuro, coberto o mar do mundo das ſombras de ſuas cegueiras, entre cujos baixos, e riſcos a carne he Serea, que nos attrahe, o noſſo amor proprio a Remora que nos detem, os goſtos inveja dos que nos enganaõ, e finalmente o demonio tormenta, que nos conſtraſta. Porèm parecer-me-ha, que quando as vélas da vaidade nos mettem no fundo da culpa, quando os chuveiros dos caſtigos nos ameaçaõ com diluvios, e quando os perigos do mar nos çoçobraõ com naufragios, fazendo o meu Deos Piloto, e tomando o leme da Cruz, fazendo recolher as vélas, mandando-me trabalhar nas furnas, e compaſſando toda a náo, me trocou o medo em eſperança, fazendo bonança à tormenta, o naufragio bõa viagem, a noite dia, e a ſombra luz: e pondo-me á viſta da terra, de que me fez Memento homo, me fez tomar via direita pelo Mar Vermelho de ſeu ſangue, por onde naõ ſó promette que chegue cedo a ſalvamento, mas que poſſa na ſua Caſa gozar perpetua felicidade.

SABBADO.

No Sepulchro.

MATINAS.

CUidarei como Joſeph de Arimathea, Diſcipulo occulto do Senhor, depois de pedir o ſeu Corpo a Pilatos publicamente, e depois de o tirar da Cruz, o levou para o Sepulchro, e antes que o ſepultaſſe, o ungio com preciosiſſimos unguentos, e o involveo em hum lançol limpo.

Conſiderarei, que os que occultamente tem Oraçaõ, naõ tem o fervor do eſpirito para publicamente buſcar a Deos, ſenaõ

senaõ depois de cuidar na sua Morte, e Paixaõ, aonde vendo que nos braços de sua Alma desfecem ao Senhor da Cruz, para fazer-lhe altar, ou sepulchro do coraçaõ, o trazem no seu peito, o enchem de suaves unguentos, e isto he o cheiro das virtudes, e suavidade da Oraçaõ, e o apertaõ ultimamente com lançol da castidade.

Será o fructo desta hora, naõ se nos dar do que diráõ os que naõ vierem a buscar a Deos com mayor fervor, vendo-se morto por nós, affrontado por nossa causa, por nosso amor crucificado. E em fim considerando que fomos o fim de suas obras; nos resolvemos a que todas as nossas o tenhaõ por fim, fazendo muito naõ só por trazè-lo na Alma como de passagem, mas por lhe dar muito de assento ao coraçaõ aonde repouse, pois tambem por nos dar exemplo, por nos dar o Ceo, e a si mesmo, sem querer de nós outra cousa, mostrou que naõ teve aonde reclinasse a cabeça no mundo, aonde as feras tem suas covas, aonde as aves tem seus ninhos, e aonde naõ quer mais de nós, que darmos-lhe o peito por ninho, e o coraçaõ por cova, que para elle he leyto suavissimo, quando huma grande castidade he lançol, em que se deita, pois naõ ha virtude que mais chegada ande a Deos, nem mais necessaria para quem ha de tomar corpo de seu Eterno Filho.

LAUDES.

Monumentum novum, in quo nondum quisquam positus erat.

CUidarei, como depois de ungirem ao Senhor com preciosos unguentos, e de o involverem em hum lançol puro, o puzeraõ em hum sepulchro novo, aonde ninguem se tinha enterrado.

Considerarei, que o sepulchro he Altar do Sacramento, aonde se encerra o Mysterio da Eucaristia, e mais principalmente figura de quem ha de chegar ao corpo do Senhor, para fazer-lhe altar do coraçaõ: e assim deve entender que o Senhor se naõ mette por dentro, senaõ em Almas muito novas pela penitencia; que isto significaõ os golpes, com que a pedra estava lavrada: ou aonde outro a morte naõ puzesse; que isso vem a ser a novidade do Sepulchro, que se deo a Christo, aonde outro se naõ havia posto. E isto será quem pela castidade o metter no seu coraçaõ, ou quem despindo se do homem velho, com novo espirito de Deos, para fazer huma nova vida, se lhe metta huma Alma nova.

Será o fructo desta hora, o ex-

exercicio de cõmungar a Christo em Sacramento, ou em espirito, entendendo que só então se metterá mui por dentro de nós, quando com o cheiro das virtudes, quando com a suavidade da Oraçaõ, com lançol de Castidade, ungindo-o, e amortalhando-o em nós, o recebermos com hum taõ novo espirito, que nada do mundo tenha posto em nossa vontade, mais que hum grande desprezo do mundo, hũa grande negaçaõ de nós mesmos, e huma grande resignaçaõ a quanto for vontade sua. Advertindo tambem, que naõ querendo o Senhor em vida ter aonde reclinasse a cabeça, na morte [isto he no Sacramento] quiz ter as pompas de hum sepulchro grande, naõ por se accõmodar ao mundo nas Pyramides, e Mauseolos, que celebrou a antiguidade por memoria das maravilhas humanas, mas porque sendo figura do Altar, aonde está o Corpo de Christo, e memoria das maravilhas de Deos, nestas representaçoens de morto lhe fizessemos sempre obsequios com as exequias da lembrança, pois estas eraõ as honras, que nós lhe podiamos fazer.

PRIMA.

Erat autem in loco, ubi crucifixus est Jesus, hortus, & in horto monumentum novum.

CUidarei, que naõ só o Horto foy o lugar, aonde começou a Paixaõ do Senhor, mas tambem aonde o crucificaraõ, e aonde ultimamente o sepultaraõ.

Será a Meditaçaõ desta hora, ver que a Oraçaõ figurada no Horto (como ja dissemos) he o lugar, e o caminho, por onde o Senhor, assim na vida, como na morte, nos acompanha; e por isso nós depois de começar nella á imitaçaõ de Christo, havemos de fazer muito por acabar a vida nella, e por sepultarmonos nella de maneira, que seja para Deos altar o que para nós sepulchro: e seja para o mundo exemplo o que para nós descanço; advertindo, que assim como no Horto havia flores, e fructos, mas todos só se acharaõ dentro no Horto: assim as grandes virtudes, e perfeiçoens se achaõ todas na Oraçaõ; mas com hũa particularidade, que ella he como o primeiro movel, a cujo movimento andaõ as mais esferas; ou como a roda mayor do Relogio, que ainda que haja nelle outras muitas, nenhuma se move,

move, ſem que a mayor comece. E taõ coſtumado eſtará o Senhor a nos dar eſte bom exemplo, que ſobre o coſtume da vida, até na morte, e no ſepulchro nos moſtrou, que naõ deve huma Alma de Deos ſahir nunca do bom coſtume da Oraçaõ.

Será o fructo deſta hora, goſtar de maneira da Meditaçaõ, ou fazermo-nos a ella tanto, que poſſamos dizer com David, que amamos muito ao noſſo Deos, pois todo o dia he meditaçaõ noſſa; e niſto parece que ſe obriga a Deos de maneira, que tem por Horto o que he ſepulchro, e por flores o que parecem ſombras; a cuja ſombra vivendo a Alma, deve naõ deixar paſſar os auxilios, e as Divinas inſpiraçoens, que a cada hora da Oraçaõ neſte Horto nos vem naſcendo em ſuas flores, inſpirando antes deſejar com a Eſpoſa alentar-ſe com eſtas flores, vivendo em ſua fragrancia, e fugindo do máo cheiro da culpa, correndo-nos de ſer taõ ingratos, que parece que o meſmo Deos anda chorando em noſſas Almas, de ver que ſe perca Bethzaida com o meſmo, com que ſe ſalvara Sidonia.

TERÇA.

In monumento exciſo.

CUidarei, que o Senhor foy poſto em hum tumulo de pedra, e de huma ſó pedra.

Será a Meditaçaõ deſta hora, entender, que para ſermos huma ſó couſa no mundo, quer o Senhor que ſejamos ſempre huns, e cada qual huma couſa ſó. Hũs ſempre, porque na perſeverança moſtremos, que ſempre ſomos huns, e que nada do mundo nos fez outros. Saõ inimigos da diviſaõ, que por naõ tè-la com ninguem, com todos pareçamos huns, e nós o ſejamos até nos metter em huma cova, e taõ ſós, pois nos prezamos de huns, que até de nós nos apartamos, quando a companhia de noſſas inclinaçoens nos faça naõ parecer ſós huns, fazendo muito por deſpir o veſtido do homem velho, que á ſimilhança do tempo queria andar ao coſtume do mundo; e trabalhando mais por veſtir o coraçaõ de pedra, aonde immovel ao bem, e ao mal, nem nos leve o vento da vaidade, nem nos mudem as ondas das tribulaçoens, para que eſta pedra, que ha de ſer Chriſto, ſeja de attrahir a todos os meus ſentidos, de tocar a todo o bom exemplo, de fundamento ás humildades, e de pre-

ço ao amor de Deos, de quem, como pedernal ferido, ou derrame fontes de lagrimas, com que ſe lavem minhas culpas, ou verta chammas, e faiſcas, com que me accenda em ſeu amor.

Será o fructo deſta hora hũa total deixaçaõ de mim meſmo, e huma taõ conſtante deixaçaõ, que vazando-me totalmente do mundo, me encha de Deos com tanta perſeverança, que ſem tornar a ſer outro, e prezando-me ſempre de hum, para Deos poſſa ſer altar, e para mim ſolidaõ, para o mundo deſerto; conhecendo, que ſó aſſim poderei ſer qual Deos me quer, e que me ha de tirar o ſer, quanto fugir de ver-me ſó, quanto me fizer de eſtar cõmigo, quanto mais nas companhias do mundo, pois o ſer ſó ainda dentro de mim he o que me eſtá melhor a mim, fazendo muito por naõ ter de mim nada, mais que o nada que fuy, e ſou, e que ſerei, ſe eſtiver ſem o meu Deos.

SEXTA.

CUidarei, como o meu Senhor quiz que o ſepultaſſem dentro em huma pedra, e para eſte fim moveo efficazmente a ſeu Diſcipulo Joſeph.

Será a Meditaçaõ deſta hora, que nos naõ ha de deſconfiar a dureza de coraçaõ, parecendo-nos que nas ſequidoens para Deos temos coraçaõ de pedra, pois por huma ſó hora, que na Paixaõ de Chriſto as pedras ſe quebraraõ, por hum dia que no Dezerto com a vara de Moyſés, figura da ſua Cruz, ſe enterneceraõ, deitando de ſi fontes de agoa, naõ ſó nas pedras nos deixa ſua Ley eſcrita com ſua maõ, naõ ſó fez a pedra pedra fundamental de ſua Igreja, mas fazendo-ſe pedra angular, em que todos edificamos, buſcou nas pedras ſeu abrigo, dellas lavrou o ſeu ſepulchro, e deſtas fez a ſua pedra de Ara, para que aſſim foſſem as melhores pedreiras, que achaſſem noſſas petiçoens, quando nos pareceſſe que as pedras ſe levantariaõ contra nós, para apedrejar aquella maldade, que tantas vezes as infamou, fazendo-as a noſſa culpa pedra de eſcandalo.

Será o fructo deſta hora exercitar-nos nas ſequidoens com huma grande conſtancia, conhecendo que a noſſa dureza naõ nos faz mal quando conhecida, ſenaõ quando ignorada, e que ſe robuſtamente lavrarmos com a penitencia o aſpero de noſſa dureza, e o duro de noſſa condiçaõ, polindo eſte diamante bruto com os golpes da magoa, luſtrando com perſeverança o toſco de noſſa rudeza, pondo-ſe dentro de noſſas Almas, eſcreverá ſua Ley, edificará ſua Igreja, procurará o ſepulchro,

pulchro, fará a ſua pedra de Ara, para que deſtas, e d'outras, que elle meſmo arranca da terra, faça marcos para o ſeu Reyno, eſcadas para o ſeu Paço, e padroens para os ſeus titulos; tendo por certeza infallivel, que qualquer de noſſos coraçoens, por mais de marmore que ſejaõ, ſe for pedra de tocar a Chriſto, ao menor toque de ſua graça ha de verter rios de pranto, com que ſe fecunde, e regue a terra ſecca de noſſa Alma, paſſando os torrentes da Graça até as entranhas da terra.

NOA.

Poſuit eum in monumento, & advolvit lapidem ad oſtium monumenti.

CUidarei como pondo Joſeph de Arimathea o Senhor no Sepulchro, o eſcondeo aos olhos do mundo.

Será a minha Meditaçaõ, conhecer que quanto mais ſerviços fizer a Deos, quando o ſentir dentro de mim mais, hey de fazer muito por eſconder do mundo o que tenho no coraçaõ, para que tendo poſto hũa pedra ſobre minha devoçaõ, ao parecer da gente, naõ poſſa algum ar de vaidade entrar dentro de meus ſilencios, e do ſegredo de minha Alma, fechando com eſta cautéla a porta, por onde póde a preſumpçaõ, ou a ſoberba humana entrar a roubar-me o theſouro Divino, que ſempre ſe arriſca, ſe ſe põem patente a eſtrada, e ao menos ſe ſe tira delle o coraçaõ, ſe ſe deixa aos olhos, ou ſe ſe lhe naõ guarda a boca.

Será o fructo deſta hora, ſaber pôr pedra ſobre o theſouro de meu coraçaõ, para que o naõ furte quem o vir, fazendo muito por eſconder o q̃ Deos me der a guardar com o mais que fiar de mim, pois naõ quer que a ninguem digamos os favores, que lhe devemos; e por mais movimentos que ſintamos, convem deſmentî-los no goſto, no ſocego, ſerenidade, que o mais, ſobre ſer deſaffogo da natureza, e naõ ſobegidaõ de graça, he final que vivemos dentro de nós por buſcar fóra algum applauſo, porque os bons, e de grande animo ſabem caber dentro de ſi, e guardando-ſe de ſi meſmos, naõ põem a ſua gloria na boca dos homens, mas nos ſegredos da conſciencia, mettendo debaixo da terra, e humildade tudo o que ſe nos vai pelos ares, ſe ſe levanta o pó da terra.

VESPERAS.

VEſtindo meus olhos de lagrimas, [que eſtas ſaõ o luto dos olhos] o coraçaõ de triſteza, [que eſte he o capuz do coraçaõ] os ſentidos de ſentimento, [que eſte he o nojo dos

ſentidos) hei de ir por dentro de minha alma para o Sepulchro do Senhor, e fazendo-lhe com a minha ancia o Enterro de meu allivio, a celebrar com o meu pranto as Exequias de meu amor, a repetir com a minha pena os Officios de minha ſaudade, onde aſſiſtindo interiormente a magoa de minha lembrança, verei que alli do meu Senhor me naõ fica mais que o Sepulchro, pois a Alma foy para o Limbo, o Corpo ſe eſcondeo na terra, a Tunica levaraõ os Soldados, e o Sangue lhe bebeo o odio, a vida lhe tirou a Cruz, e a Cruz nos tirou o eſcandalo.

Será a minha meditaçaõ ver que para eſtar com o meu Deos, ou para o poder ter cõmigo, he neceſſario metter-me em huma cova, fazer caſa da ſepultura, e naõ ſó enterrar-me em vida, mas ſepultar-me dẽtro em mim, como homem morto para o mundo, ſem ſe me dar de parecer hum adro ao parecer do mundo, em quem naõ deve ja pôr os olhos, quem pôs em Deos o ſeu ſentido; porque ſe elle, mettendo-ſe na terra de noſſos coraçoens, quiz aſſim eſtar no coraçaõ da terra, quem quer ſahir tanto de ſi? quem tem coraçaõ para deixá-lo, podendo-o metter no coraçaõ? quando hum bichinho vil da terra nos reprehende com a ſua vida, pois para ſepultar-ſe em vida, lavra com ella a ſepultura; e quando os Juſtos nos aviſaõ, que do ſer que tem neſta vida lhes naõ fica mais q̃ o Sepulchro.

Será o fructo deſta hora, naõ ſó o recato exterior, com que cada qual ſó convérſe com o ſeu ſilencio, e ſolidaõ, mas o recolhimento interior, com que enterrando-ſe em ſi meſmo, e ainda eſcondendo-ſe de ſi, falle ſempre com o ſeu Senhor, em qualquer parte onde ſe ache: ou conſidere pelo menos aquelles golpes, e feridas, com que lhe tiramos a vida; ſeguindo-ſe deſſe diſcurſo a dor das culpas, e peccados, pois morrer nos o coraçaõ com o que ſe doe deſtas offenſas, cobrir-ſe-nos deſta nuvem negra, com que a triſteza no lo enluta, he o dó, que ha nos coraçoens, e ſaõ os ſinaes mais ſentidos, que faz por elle noſſo amor, quando o pezar nos dobra na Alma.

COMPLETAS.

CUidarei, como a Virgem Santiſſima, depois de ſeguir o Senhor até o Sepulchro com S. Joaõ, com a Magdalena, e as outras Marias, recolhendo-ſe ao ſeu cantinho, teve aquelle admiravel traſpaſſo, em que por eſpaço de tres dias o ſeu viver foy ſentir, o ſeu dormir foy orar,

orar, o seu fallar forão suspiros, o seu silencio, e a sua bebida lagrimas.

Considerarei as grandes virtudes, que traz comsigo o jejum, quando se junta com a Oraçaõ, pois naõ só se sente o que se vive, e se vigia o que se dorme, mas suspira-se o que se falla, soluça-se o que se come, e chora-se o que se vè: acçoens que no sentido mystico incluem virtudes mysteriosas para a perfeiçaõ de huma Alma, que naõ segue estes exercicios, senaõ depois que tendo a devoçaõ, que se representa nas Marias, a penitencia, que se figura na Magdalena, o amor, que se significa em S. Joaõ, e a pureza, que se entende na Virgem, segue com todas o estado da mortificaçaõ, que se declara no corpo de Christo, quando hia para o Sepulchro.

Será o fructo desta hora a observancia do jejum, com mortificaçaõ, e Oraçaõ, e este naõ só ha de ser o jejum corporal da Temperança contra a Gula, mas da abstinencia contra os vicios no jejum espiritual; por isso jejuem os olhos, pois por elles, como portas da Alma, nos entrou a morte, e a culpa: jejuem tambem os ouvidos, pois em os dando á voz do seculo, he Serea que nos encanta; jejue tambem a discriçaõ, pois tudo o que lhe cahe em ar, se lhe levanta em vento; de que se segue vermos no mundo, que todo o mal do entendimento consiste em darlhe o ar, porque esta he a ordinaria enfermidade dos juizos: jejuem todos os sentidos, pois embebendo-se no gosto, a que os attrahe o seu engano, naõ advertem bem os sabores, com que se adoçaõ seus venenos: jejuem em fim as Potencias, a natureza, a Liberdade, pois nos banquetes da Fortuna as iguarias do appetite, e nas provas até do licito, naõ só a consciencia se arrisca, naõ só se estraga a virtude, mas ainda o vicio se bemquista.

Summa.

A Melhor Oraçaõ, que se poderá ter neste dia, he considerar a cada hora a virtude, que se nos encõmenda, exercitando-a pontualmente; convem a saber: A Matinas a Castidade, ou ter a Deos por fim de tudo o que obrarmos. Nas Laudes cõmungar ao Senhor em Sacramento, ou em espirito. Na Prima costumar o entendimento. Na Terça, dè todo a tudo. Na Sexta, ter em Deos grande confiança. Na Noa observara cautéla. Nas Vesperas o recolhimento interior. E finalmente nas Completas o jejum espiritual, e juntamente corporal: e sermos Bemaventurados, pois assim chama o Rey Profeta a quem

quem medita no Senhor, naõ só no dia, mas na noite. Esta fórma, que he a melhor, se guarde em todas as Summas, fazendo muito juntamente por fazer de nosso coraçaõ hum sepulchro, em que todo o dia arda a cera de nosso coraçaõ em obsequio de nosso Deos. Quem naõ tiver mais que huma hora, faça, se quizer, a Oraçaõ seguinte.

Cuidarei, que o coraçaõ he pedra, onde vindo o meu Senhor passar a sésta com minha Alma, a quem queria para Esposa: ou abrigar-se com o rigor do tempo, atè que as sombras se inclinassem, o acolhimento, que lhe fiz, foy tirar-lhe a vida com minhas culpas, e peccados, naõ ficando parte em seu corpo, que eu naõ desuniísse com feridas, e naõ desatara a crueldades; porém vendo enternecer com seu sangue, naõ só as piçarras toscas, mas os marmores duros de meus interiores, arrependido do que fiz, e magoado do que olho, naõ podendo apartá-lo ainda depois da morte, dentro do meu coraçaõ me parecerá que lhe ouço dizer: Filho, deste coraçaõ, que me negaste para leyto, ao menos me faze tumulo, e considera o que te quereria vivendo em ti quem morto naõ póde apartar-se. Essa crueldade tua, que para mim foy morte, naõ póde deixar de ser meu sepulchro, pois ainda he eça; faze-me estas ultimas honras, pois assim me trataste nas primeiras vistas. Acabando-lhe de ouvir isto com grandes desejos de emenda, começaraõ os golpes da penitencia a lavrar este penhasco duro, até que deixando-se cortar da magoa, e amollecer do pranto, faça a sepultura ao Senhor, aonde mettendo as minhas entranhas com grande pena de minha Alma, ella se metterá dentro com elle, desejando sepultar-se em vida, e metter os olhos comsigo, para que sepultados nesta cova, e naõ só nas covas dos olhos, façaõ chorar as suas meninas, em cujas capellas fechadas se naõ apagará o lume dos olhos, até que se naõ apague a vista, e se chegue a noite da morte, sem fazer dentro cousa alguma, mais que chorar, e magoar-me de ver qual puz a meu Deos, a meu Senhor, e a meu Esposo.

DO-

DOMINGO.

Reſurreiçaõ de Chriſto.

MATINAS.

CUidarei, como a Magdalena com outras devotas mulheres foraõ a manhaã da Reſurreiçaõ ao Sepulchro, primeiro que os Apoſtolos, levando os aromas, que tinhaõ preparado para o Senhor.

A Meditaçaõ deſta hora ſerá, naõ ſó quanto devemos madrugar para buſcar a Deos, ſummo bem noſſo, mas conhecer quem tiver mayor fragilidade, que iſto ſe figura no ſexo feminino; quem ſe vio nas tribulaçoens da culpa, ou nas adverſidades do ſeculo, que tudo iſto ſe repreſenta na noite; com mais preſſa que os outros eſcolhidos de Deos, que ſe entendem pelos Apoſtolos, o devemos buſcar, e recorrer a elle com os aromas de hum ſanto deſejo de lhe fazer algum ſerviço, naõ pondo por diante o medo do que nos póde ſucceder, cuidando que ha quem impida ao Senhor, para que ſe naõ deixe achar de nós, que iſto ſe entende pelas guardas. Conſiderando tambem, que ſe a noſſa fragilidade, figurada na primeira mulher do mundo, foy a primeira que ſe affaſtou de Deos pela culpa; agora pela luz da Graça, com que ſe vaõ desfazendo as ſombras do crepuſculo de noſſas duvidas, deve ſer a principal, e primeira, que ſe deſvele por chegar a Deos.

Será o fructo deſta hora, exercitarmo nos com grande deſvélo em buſcar pela Oraçaõ a Deos, deixando por ſeu amor os abrigos da cama, e o ſocego do ſomno, que ſempre ſuppõem pirguiça, e moſtra deſcuido em huma Alma, que ſem pregar os olhos deve andar ſonhando com o ſeu Deos, por naõ perder em hum fechar de olhos hum bem que deſapparece a olhos viſtos. Porque quem na pirguiça do leyto furta á Alma a ſatisfaçaõ, naõ furta ao corpo a malicia; e ao Senhor, que ſe queixa dos noſſos deſcuidos do Agora, Para que, Que fará, do Logo, Para depois? Em fim parece que lhe dá pouco do ſeu amor,

amor, naõ correr quem anda muito de vagar.

LAUDES.

CUidarei, como as Santas mulheres acharaõ virada a pedra do Sepulchro.

Será a Meditaçaõ deſta hora, conſiderarmos as maravilhas, que faz o Eſpirito do Senhor onde chega, pois logo ſua Alma Santiſſima ſe reveſtio ao corpo no Sepulchro: obedecendo-lhe o pezo daquelle marmore duriſſimo, mui levemente ſe moveo, e totalmente ſe virou para nos mover a nós com o exemplo de que até huma Alma de pedra com o pezo grande da culpa ſe vira de hum para outro eſtado, em lhe chegando aquelle Eſpirito; e ainda que ſem iſto pudera o Senhor ſahir do Sepulchro, parece o quiz aſſim, para moſtrar ao mundo, que onde elle eſtá, ſempre ſuccedem maravilhas, e movimentos grandes, para que por elles o louvem, e conheçaõ que ſó elle as obra. Se pois huma pedra ſe vira, logo q̃ lhe chega o Eſpirito de Deos; que razaõ tem hum coraçaõ humano, a quem tantas vezes em vaõ chegou o Eſpirito do Senhor, para naõ dar huma volta grande, obedecendo-lhe pelos ares, e publicando ſuas obras?

Será o fructo deſta hora, naõ reſiſtirmos ao Eſpirito do Senhor, e conhecermos que aos ſeus impulſos ſeremos mais duros que as pedras, ſe com elle nos naõ movermos, e de todo nos naõ virarmos, pois ainda q̃ o pezo dos peccados naõ carrega muito a conſciencia, tudo com a pena, que diſſo poderemos ter, ſe tivermos pezar para o ſentir, ficará leve como huma penna; e deſta ſe faráõ as azas, com que ſubamos em hum dia mais do que devemos em hum anno.

PRIMA.

CUidarei, que como o Sol quando entra em alguma nuvem, q̃ a deixa mais reſplandecente, aſſim entrou a Alma de Chriſto no corpo, que eſtava no Sepulchro, deixando-o naõ ſó mais reſplandecente que a neve, porèm mais claro, e formoſo que o meſmo Sol; e ſendo viſta horrenda para as guardas, que lhe tinhaõ feito, foy ſuaviſſima viſaõ para os olhos da Virgem Mãy, a quem (como affirmaõ muitos Padres) appareceo primeiro que a todos, moſtrando-lhe naõ ſó a ſua Gloria, mas a de todos, que trouxe do Limbo, e do Purgatorio. Onde he de crer, que todos os Santos lhe dariaõ as graças de ſer Medianeira da Redempçaõ, e da Gloria, que gozavaõ na viſaõ de Chriſto.

Aqui naõ ſó conſiderarei os abraços exteriores, que a Virgem

gem daria ao Senhor, e os que delle receberia; mas hei de meditar interiormente na razaõ que houve para este favor: pois parece que este se concedeo á Virgem, por haver tres dias, que em hũa continua Oraçaõ estava vencendo os tormentos, que lhe offendiaõ a memoria, aonde via a imagem de Deos offendida, a Synagoga condenada, affrontada a Misericordia, e exasperada a Justiça, alegre a culpa dos perversos, froxa a fé dos Apostolos, Jerusalem ameaçada, e o mais do mundo perdido; e no meyo de tantas ondas (qual penha immovel contra os mares) com viva fé cria a verdade do Senhor, com certa esperança esperava na sua Redempçaõ, com ardente caridade pedia perdaõ por todos, offerecendo o sacrificio de suas lagrimas, e angustias do seu jejum, dores, e magoas. Ou poderei meditar na Resurreiçaõ universal, de quem esta foy exemplo, aonde o Senhor, para confusaõ, e medo dos que se entendem pela Senhora, pela Magdalena, e Apostolos, virá na carroça das nuvens com grande gloria, e magestade a triunfar dos máos, e dar triunfo aos bons, que vencendo as contrariedades do mundo, da natureza, ou do demonio, firmes se conservaõ em seu amor, a pezar das tribulaçoens, das angustias, e dos tormentos.

Será o fructo desta hora, exercitarmo-nos na constancia, e igualdade, com que faltando-nos as consolaçoens, e cobrando nós as penas, sequidoens, e adversidades, nos naõ vençaõ o animo, ainda que nos tirem o alento; que nos naõ tirem o espirito, ainda que nos desmayem o animo: pois he certo, q̃ quem firme se sustentar contra esta guerra da natureza, naõ menos que nos braços de Deos se ha de ver ainda neste mundo; porque assim como á noite o dia, ao Inverno a Primavera, se seguem á tristeza os gostos, ás tribulaçoens as felicidades.

TERÇA.

CUidarei, como o Senhor appareceo á Magdalena, mas naõ lhe consentio que o tocasse.

Será a minha Meditaçaõ ver os termos, com que o Senhor pagou á Magdalena as magoas, e lagrimas que chorou, a magoa com que sentio sua morte, e o amor com que o buscou no Sepulchro. Mas sobre tudo cõsiderarei, que nem tudo isto he bastante, para q̃ mereçamos por isto ter em nossos braços a Deos, presumindo de nós que o podemos obrigar, e que para elle assim o fazer, o havemos nós de tocar a elle, devendo só desejar, que o Senhor nos toque a nós, pois se nos busca, he por

sua

sua misericordia, naõ por nossos merecimentos; e se muito o amamos, he por influxo de sua Graça, e naõ por acçaõ de total sufficiencia.

Será o fructo desta hora, a prudencia espiritual, com que nos havemos de ir á maõ no desejo de mais favores, contentando-nos com o q̃ Deos nos quer dar, sem querer, porque nos dá muito, governar a sua vontade, ou a sua Omnipotencia, devendo nós ao contrario ter-nos por taõ indignos de todo o auxilio, que nos dá, de toda a graça, em que nos põem, de todo o favor, em que nos ergue; que ao mesmo passo que nos vejamos subir por seus beneficios, façamos por nos abater no nosso conhecimento pois isto nos naõ tira de levantar-nos na sua Graça, antes entaõ parece que só o obrigamos, quando, se nos dá favores, os gozamos com humildade; quando, se nos dá tentaçoens, o louvamos com perseverança; e quando, se nos dá males, o bendizemos com paciencia, conformando-nos com a sua vontade em seguirmos o caminho por onde nos leva, e naõ navegar com mais vélas, que as que pedem os sopros do Espirito Santo, e pequenhez de nosso Navio, e o inchado das ondas do seculo, a quem convem atravessar com cautéla, porque o temporal nos naõ çocobre, sem querer de hum folego, ou de huma sangradura chegar á India Espiritual, naõ nos contentando sem as visoens, e apparecimentos, que haõ de ser mais que de desejos das Almas, que estaõ neste mundo, pois mais vezes nos cega o Sol do meyo dia, que o que nasce, ou o que se põem: isto he o que mais nos arrisca o estado mais alto em que subimos, que aquelle em que começamos humildes, ou acabamos mortificados.

SEXTA.

CUidarei como o Senhor se fez encontradiço com os Apostolos, que hiaõ para Emmaus, mostrando se em traje de peregrino: como fingio que hia para mais longe, para que lhe rogassem que ficasse com elles: como, comendo com elles, o conheceraõ no partir do paõ, abrindo-se-lhes os olhos da Alma: como logo lhes desappareceo: como depois lhes tornou a apparecer, dando-lhes paz.

Será a Meditaçaõ desta hora, ver como o Senhor se naõ aparta dos q̃ vè tristes por sua causa, e como vendo os tibios, e froxos, se chega a elles para os confortar. Considerarei, que esta froxidaõ he quem nos cega os olhos á razaõ; porque até o Senhor anda em nossa companhia, e o tenhamos por estrangeiro: por cuja causa fingindo as suas entra-

entranhas de misericordia, que nos quer deixar, (que estes saõ os fingimentos) nos dá a entender que se quer pôr muito longe de nós, por se mostrar taõ frio na presença comnosco, como nós entremos no espirito; sendo tanto ao contrario, que só faz isto a fim de que o roguemos, e lhe peçamos q̃ nos naõ desampare; pois he certo, que em elle querendo ir, vem sobre nós a noite das adversidades, mostrãdo qualquer demonstraçaõ de amor, para que naõ se aparte de nós, persuadindo-nos a que comamos, isto he, que nos cheguemos ao Sacramento. E buscando-o, elle abre os olhos d'Alma, e distribue entre os seus escolhidos o Paõ Sacramẽtado, com a virtude do qual se aparta de nós o impedimento, com que os olhos do espirito o desconhecem: e conhecemos, que para tudo o q̃ convem saber de Deos, só elle nos abre os olhos, e logo nos desapparece para exercitar-nos a Fé, ou mostrar-nos os dotes dos Bemaventurados na agilidade, e subtileza. E depois tornou a apparecer, dando paz a seus Discipulos, para ensinar-lhes quanto amava a paz, e que só os que fossem pacificos, seriaõ discipulos, e seraõ Bemaventurados.

Será o fructo desta hora, o grande fervor que inflamme nossas Almas, e as nossas froxidoens, para que naõ desconheçamos os favores, que Deos nos faz, arriscando-nos com elles a que o Senhor nos deixou huma continua peticaõ de que nos naõ desampare: ou huma grande fé, com que o vejamos com o espirito; pois só o vè resuscitado quem medita na sua Gloria: ou grande desejo de paz interior, que he a cousa que Deos mais ama; pois ao nascer publicou paz aos homens, em quanto vive o a deo a toda a casa, aonde entrou, e quando morreo, fez paz entre o Ceo, e a terra, fazendo-nos amigos de Deos, de quem eramos inimigos.

NOA.

Cuidarei, como o Senhor appareceo terceira vez aos Discipulos nas prayas do Mar de Tiberiades, aonde elles toda a noite naõ puderaõ tomar peixe algum; mas em fazendo elles o que o Senhor lhes ensinou, que foy lançar as redes para a maõ direita, foy tanto o peixe, que tiraraõ, que encheraõ os barcos, e as redes.

Aqui considerarei, que neste Mar se figurava o mundo, e nos peixes os homens, nas redes a Prégaçaõ, nos Discipulos os Prégadores; os quaes trabalhando, isto he, o tempo errado de sua presumpçaõ, na parte da maõ esquerda, isto he, entre os reprobos, e presçitos, ou nos erros de

tua

tua Igreja, naõ puderaõ colher nenhum fructo de suas vaãs fadigas; mas pondo os olhos em Deos, que das prayas da Eternidade os ensina com seus avisos, e os avisa com seus exemplos, mettendo as redes da Prégaçaõ, confiados em a palavra de Deos, para a maõ direita, isto he, o caminho da verdade, ou as Almas dos escolhidos, ou o exemplo com que prégaõ, naõ só encheraõ as redes, e com ellas as esperanças, mas todo o navio da Igreja de muitos, e mui grandes Santos, que trouxeraõ da Igreja para o Ceo, que isto he, do navio para a praya, aonde o Senhor os esperava, para se recrear com elles nos banquetes da Eterna Gloria.

Será o fructo desta hora, exercitar-nos na recta intenção, com q̃ devemos dirigir a Deos nossas obras, e naõ alguma nescia vaidade, com que no mar do mundo naõ colhamos mais que vento nas redes de nossas esperanças; acabando de entender, que o naõ fazermos muito fructo, nasce de naõ inclinarmos para bõa parte as nossas obras, onde, como falta Deos, tudo nos falta, porque tudo he noite que nos cega, e erro que nos engana; até que desenganados disto, logo que ponhamos os olhos em Deos, obedecendo a seus mandados, e guiando-nos por seus conselhos, conheçamos á vista de seus influxos, e por experiencia de seus beneficios, que somos servos sem proveito, que com elle fazemos tudo, e sem elle naõ obramos nada.

VESPERAS.

CUidarei, como o Senhor levando ao Monte Olivete os Discipulos, a Magdalena, e sua Mãy Santissima, depois de despedir-se de todos com suavissimos abraços, pondo os pés sobre huma pedra, onde ficaraõ impressas suas pégadas, subio aos Ceos, que abrindo-se cheyos de luz, e claridade, com admiravel triunfo, com sonóras consonancias, com suavissimas melodias o receberaõ sobre o Throno das nuvens, e sobre os Córos dos Serafins, entre exercitos de Anjos, e de Espiritos Bemaventurados, que o cerçaraõ, e levaraõ por toda a parte, enchendo o ar de alegria, o Ceo de festa, a terra de maravilha, até que sendo recebido nos braços do Eterno Padre, se sentou á sua maõ direita, onde repartindo tambem os assentos eternos pelos Santos, que levou comsigo, foraõ gloriosamente occupadas muitas daquellas cadeiras, que perderaõ por ingratos, e soberbos os espiritos condenados.

Aqui me parecerá, que achando-me com a Virgem Santissima,

sima, e com os Apostolos, estou com elles absorto, e arrebatado, contemplando a grande gloria de Deos, a grande Bemaventurança daquelles Espiritos, a formosura da Patria Celestial, a claridade, o resplandor, que nenhuma noite escurece, e que o dia eterno allumia, aonde indo-se-me pelos ares o espirito, e o coraçaõ em seguimento do meu Deos, gastarei a hora, elevando-me naquelle Oceano de glorias, naquelle pégo de delicias, naquelle mar de Bemaventuranças.

Será o fructo desta hora, exercitar-me o mais do tempo naquelle pasmo Celestial, naquella admiraçaõ suavissima, que ande como embebido na contemplaçaõ da Gloria, na superior Jerusalem, feito Cidadaõ dos Ceos pela conversaõ do espirito, que toda deve ser nos Ceos; se he que o buscamos como Patria, termos ao mundo por deserto, e a Deos por Pay, e aos Anjos por amigos; sabendo que naõ só he favor do Espirito Santo o cuidar na Gloria, mas final grande de Predestinado, principio de Contemplativo, e prova de andar na presença de Deos, e esquecido do mundo.

COMPLETAS.

CUidarei, como estando no Cenaculo os Discipulos com a Virgem Santissima, preparados ja de muitos dias na Oraçaõ, e no jejum, e taõ unidos de amor de Proximos, pois todos no mesmo lugar cabiaõ com igualdade, e sem preferencias, naõ querendo a Virgem mayor lugar, por ser Mãy de Deos, nem S. Pedro, por ser Cabeça dos Apostolos, nem o Evangelista por ser Valido do Senhor, nem Santiago, por ser seu Parente; mas antes fazendo-se todos bom lugar, com que pela uniaõ nenhum queria ter mais que o mesmo, desceo sobre elles o Espirito Santo, derramando-se em linguas de fogo sobre suas cabeças. Com cujos Divinos incendios, cheyos de celestial sciencia, e de chammas espirituaes pelo annunciar suas maravilhas, a ensinar sua Fé, e a communicar os thesouros do Ceo, desejando que por toda a terra se ateassem as Celestes chammas.

Aqui meditarei, como só no Cenaculo, figura do Altar do Sacramento, parece que recebem o Divino Espirito Santo os que com ardentes suspiros, e com Oraçaõ pura o esperaraõ; exercitando-se naõ só no amor de Deos com a elevaçaõ da

mente, mas na caridade do Proximo, e no amor da fraternidade, com que todos cabiaõ em hum lugar, e moſtravaõ ſó hũa fé, huma eſperança, e huns eſpiritos, ſem ſe lhes dar das authoridades do ſeculo, e das preferencias do mundo; aonde, por naõ perdermos a ſuperioridade, e preferirmos a todos, vimos a perder tudo o que Deos nos dá pelo deſprezo, perdendo tambem a todos a quem deſeſtimamos: pela ſoberania, por cuja cauſa parece mentira, e he engano tudo o que nos temos por ſervos de Deos, por contradizermos com as obras, o que affirmamos com as palavras, que ſaõ ar, devendo ſer fogo, que he figura do amor de Deos, por quem devemos obrar tudo, amando em Deos a todos, por Deos, e para Deos; pois ſó entaõ receberemos aquelle fogo do Divino Eſpirito, com que correndo pelo mundo a accender o genero humano, nem o Sol nos poſſa offender, nem a neve esfriar, nem os mares impedir, nem as anguſtias, nem os goſtos, nem as honras, nem as injurias, nem a morte, nem a vida, que iſto vem a ſignificar dar o Senhor o ſeu Eſpirito em linguas de fogo, e naõ pô-lo nas bocas dos Apoſtolos, ſenaõ ſobre ſuas cabeças: moſtrando que o amor de Deos naõ havia de eſtar na boca, onde ſó ha palavras, mas na cabeça, aonde o entendimento falla, a vontade obra, e a memoria conſerva.

Será o fructo deſta hora aquella chave com que ſe fecha, e guarda em duas palavras pontualmente a Ley de Deos, iſto he, o amor de Deos, e do Proximo, para quem naõ havemos de querer menos que para nós, amando a todos como a nós meſmos, e a Deos ſobre tudo; fazendo neſte modo por naõ receber em vazio o Eſpirito do Senhor, por ter entendimento na cabeça, e naõ em a lingua, pondo na cabeça ſeus beneficios, e dentro na Alma ſeu Eſpirito, com que naõ ſó ſe eſcreva ſua Ley em noſſos coraçoẽs, mas fazendo eſcrevè-la no livro de todo o Univerſo com rubricas de ſangue, com chammas de fogo, e movimento d'Alma, naquelles impulſos vehementes, com que a ſua vontade ſeja o noſſo goſto, a ſua Gloria o noſſo fim.

Summa.

O Melhor de tudo ſerá, todo o dia, ou ao menos toda a hora, conforme o exercicio de cada hum, exercitar o deſvélo com que o devemos ſervir, a conformidade com que ſem reſiſtencia nos devemos entregar nas ſuas maõs, a conſtancia com que nos havemos de

pôr

pôr a toda as tribulaçoens, na prudencia com que nos havemos de medir, com a que elle quer na Fé que devemos guardar-lhe, e na paz que devemos ter, na intençaõ com que o obrigamos, na contemplaçaõ com que ainda he Ceo, no amor do Proximo, e de Deos, que ainda em ſi he Gloria.

Se naõ tiver mais que huma hora, cuidarei, que minha Alma he Ceo, aonde a Vontade he Serafim, que ſe occupa em amar a Deos; o Entendimento Querubim, que nelle ſe eſtá admirando; a Memoria throno, que ſempre lhe eſtá aſſiſtindo; os Sentidos Anjos, que ſempre lhe eſtaõ miniſtrando; as entranhas, e o coraçaõ Santos, que ſempre o eſtaõ louvando; e conſiderando a pureza, com que os Anjos eſtaõ no Ceo, a formoſura do Ceo, a Gloria da Bemaventurança, aonde os Celeſtes Eſpiritos ſe eſtaõ revendo no meu Deos; vendo que elle me fez Ceo eſte dia, em que quiz vir eſtar cõmigo, farei por viver como ſe o fora, por ſervì-lo como ſe fora Anjo, por amá-lo como Serafim, por aſſiſtir-lhe como Throno, por louvá-lo como Querubim, andando todo o dia paſſando dentro de mim meſmo naquella altiſſima preſença, esforçando-me a toda a hora por fazer o que diz S. Paulo: Sendo a noſſa converſaçaõ toda no Ceo, em Deos, e em ſua Mãy Santiſſima, em os Anjos com os Santos entre aquelles jardins ſuaviſſimos, naquelles ſuaviſſimos, e celeſtiaes Paços, aonde o Senhor do mundo aſſiſte, aonde toda a Gloria ſe acha, e aonde dentro de nós meſmos podemos ter os Ceos abertos, ſe fechando nós para o mundo os olhos da Fé, olharmos com a vida da Alma aquella luz, e claridade incomparavel, e infinita; ſe imitando aos Ceos noſſas Almas, nam tem por dentro deſta luz nuvens de erros, que os encubraõ, manchas de culpas, que os affeem, ſombra de offenſas, que os eclipſe.

Fim da Semana.

QUEMNAM PUDER TER ORAC,AM, faça ao menos por guardar a Virtude, que a cada hora ſe encõmenda.

Segunda feira. O Senhor no Horto.

MAtinas. Conhecimẽto de noſſa vócaçaõ, ou amor da ſolidaõ.
Laudes. Memoria de noſſas culpas.
Prima. Vigilancia para naõ cahir.
Terça. Fortaleza para naõ deſmayar.
Sexta. Reſignaçaõ na vontade de Deos.
Noa. Eſperança nas tribulaçoens.
Veſperas. Amor de Deos por ſua Bondade.
Completas. Odio aos vicios por ſua maldade.

Terça feira. O Senhor atado á Columna.

Matinas. A Honeſtidade.
Laudes. Brandura de coraçaõ.
Prima. Deſengano da vaidade humana.
Terça. Cuidado da honra de Deos.
Sexta. Perpetua memoria de Deos.
Noa. Temor de Deos.
Veſperas. Amor á Oraçaõ.
Completas. Fervor na Oraçaõ.

Quarta feira. O Ecce Homo.

Matinas. A mortificaçaõ.
Laudes. Saber examinar a Cruz, ſe he bõa, ſe má.
Prima. A Perſeverança.
Terça. Lagrimas da Alma, e do corpo.
Sexta. Memoria do Juizo.
Noa. Memoria da Paixaõ.
Veſperas. Memoria da Morte.
Completas. Deſejo da perfeiçaõ.

Quinta feira. O Senhor com a Cruz ás coſtas.

Matinas. O Deſejo da Cruz.
Laudes. Mudança da vida.
Prima. Manſidaõ do eſpirito.
Terça. Agradecimento a Deos.
Sexta. Deſprezo do mundo.
Noa. Conſiderar em Deos.
Veſperas. Valor eſpiritual.
Completas. Accuſaçaõ de nós meſmos.

Sexta feira. O Senhor crucificado.

Matinas. A Humildade.
Laudes. A Obediencia.
Prima. A Caridade.
Terça. A altiſſima Pobreza.
Sexta. A modeſtia nas palavras.
Noa. Movimento de amor.
Veſperas. Deſejos dos Sacramentos.
Completas. Contriçaõ.

Sabbado. O Senhor no Sepulchro.

Matinas. A Caſtidade.
Laudes. Communhaõ real, ou em eſpirito.
Prima. Amor de Deos.
Terça. Deixaçaõ de nós meſmos.
Sexta. Confiança em Deos.
Noa. Cautéla contra o demonio.
Veſperas. Recolhimento interior.
Completas. Jejum do eſpirito, e do corpo.

Domingo. O Senhor reſuſcitado.

Matinas. O deſvélo no amor de Deos.
Laudes. Naõ reſiſtir a Deos.
Prima. Conſtancia nas adverſidades do eſpirito.
Terça. Prudencia eſpiritual.

Sexta. A paz do espirito.
Noa. A recta intenção.
Vesperas. A contemplação da Gloria.
Completas. Fogo do amor de Deos, e do Proximo.

Quem disto se não agradar, póde, se quizer, ter estoutra Meditação.

A' *Segunda feira* Meditará no Senhor como amigo, e bastará que no seu coração ande dizendo todo o dia, e toda a hora, ou em qualquer tempo: *Meu Deos, e meu amigo.* Se tiver tempo de cuidar, cuide quam amigo foy nosso, pois chegou a pôr por nós a vida: pois nos falla no coração como hum amigo a seu amigo: pois se fez humano por nós, e se pôs por nós em huma Cruz, não perdoando aos Anjos máos: pois nos convida aos Ceos, e nos veyo a livrár do inferno; e se dá a si mesmo no Sacramento: e tantas outras cousas mais, que ensinará melhor o espirito.

A' terça feira. Se meditará no Senhor, como Hospede de nossas Almas; aonde parece que quer morar mais que nos mesmos Ceos, sendo a casa, em que o recebemos, tão vil, tão pobre, humilde, e baixa, que faz pasmar-nos, na bondade com que se move a estar comnosco em huma cabana de palhinhas, e cheya de lodo, e de immundicias, indigna de sua presença. Quem não quer meditar nisto, bastará que no seu coração ande dizendo a toda a hora: *Hospede de meu coração, enriquecei-me esta casinha, pois sois Senhor de todo o mundo.* E se tiver tempo, cuide como foy nosso Hospede na Incarnação, no Presepio, no Templo, na Cruz, no Sepulchro, e no Sacramento: e o mais que ensinar o espirito.

A' quarta feira. Se meditará no Senhor como Rey; e bastará que a toda a hora se lhe repita dentro na Alma: *Meu Rey, meu Deos, e meu Senhor, fazei me mercès á minha Alma, pois sois meu Deos, e meu bem todo.* Se houver tempo de considerar, veremos como reynou na Cruz, pois o seu throno foy a Cruz, o seu Reyno a mortificação, sem a qual ninguem subirá a ver-se nos Reynos dos Ceos: peçamos lhe aqui muitas vezes, que venha a nós o seu Reyno, e que nos faça amar a Cruz, para que sempre reyne em nós, e se faça a sua vontade.

A' quinta feira. Se meditará no Senhor como Esposo; e basta-

rá

rá que a todo o tempo lhe ande dizendo o coraçaõ: *Meu Deos, Eſpoſo de minha Alma, trazei-me ſempre atraz de vós, ou mettei vos dentro de mim, e dai-me aquellas veſtiduras, com que as Eſpoſas vos recebem.* Se houver tempo de meditar, cuidará de quantos modos ſe deſpoſa o Senhor comnoſco na Natureza, e na Graça, no Eſpirito, e nos Sacramentos. Cuidar-ſe-ha quanto importa naõ ſe extinguirem as alampadas, nem ſermos como as Virgens loucas, mas ver quanto nos aproveita ſer como a Eſpoſa dos Cantares, que o buſcava por toda a parte, e lhe perguntava amoroſa, onde paſſava ao meyo dia.

A' ſexta feira. Se meditará no Senhor como Meſtre, que deſde a Cruz nos enſina, quam nús das couſas deſte mundo, e quam fóra haõ de eſtar da terra os que da Cruz fazem eſcada para ſubir ao Ceo, e aprender a ſua doutrina, e ſeguir a ſua vontade. Quem naõ puder conſiderar, baſtará que lhe diga na Alma: *Meu Deos, meu Meſtre, e meu Bem todo, ſe vós me quizerdes fazer voſſo verdadeiro diſcipulo, he certo que ſó vós podeis.* Se tiver Meditaçaõ, conſidere como ſempre foy noſſo Meſtre, e noſſo exemplo, na pobreza com que naſceo, na verdade com que enſinou, na caridade que moſtrou, nas virtudes que exercitou, e na obediencia com que morreo.

Ao Sabbado. Se meditará no Senhor como Pay; e baſtará que a toda a hora lhe ande dizendo noſſo eſpirito: *Meu Deos, meu Pay, meu Bem todo, naõ ſeja eſcravo do demonio quem vós fizeſtes voſſo filho.* Se houver tempo, meditar-ſe-ha com a memoria nos Ceos, que elle nos diz que he a noſſa herança; e fazermos por naõ perder o morgado da Gloria pelos bens falſos da terra; por naõ morar no mundo com os ſentidos, pois temos nos Ceos ao noſſo Pay, pois a noſſa Patria he o Ceo, e o noſſo deſterro eſte mundo.

Ao Domingo. Se meditará em Deos como Senhor, que podendo ſó com os Anjos, com os Santos, e Serafins ſervir-ſe ainda neſte mundo, ſe quer ſervir com peccadores taõ vis, e baixos pela culpa. Se naõ tiver tempo, ou naõ o houver para cuidar, baſtará que ſempre ſe diga: *Meu Deos, meu Bem, e meu Senhor, indigno ſou eu de ſervir vos, pois os que vos ſervem ſaõ Santos; mas ſe vós quizerdes, meu Deos, ſó vós me podeis fazer hum muito grande ſervo voſſo.* Se puder conſiderar, meditaremos a Grandeza, o Imperio, a Mageſtade, e os mais ſupremos attributos de hum Deos, que he Senhor univerſal, naõ ſó da terra, mas dos Ceos, dos Elementos, e creaturas, e de tudo o mais, que

ha no mundo; e admirando-nos ſempre nelle, eſtando ſuſpenſos, e parados, veremos que favor nos faz em ſe querer ſervir de nós.

E ſobre tudo, encõmendo muito, que em qualquer deſtes exercicios, figura, ou repreſentaçaõ, oremos pelo Padre Noſſo, pois (como enſina o meſmo Chriſto, o meu Padre S. Franciſco, Santa Thereſa, Santa Coleta, e outros muitos Santos, e Meſtres deſta Eſpiritual Sciencia) tudo ſe acha no Padre Noſſo, e tudo por elle ſe alcança; ainda que eſte ſe naõ reza na fórma, que aqui ſe eſcreve, colhaõ-ſe delle as perfeiçoens, com que ſe deve rezar; que eſte he o fim, a que ſe ordena toda eſta copia de eſcritura deſte Papel, de que o Padre Noſſo ſerá melhor, ſe ſe obrar como ſe diz.

A ADMIRAVEL ORAÇAÕ.

DO

PADRE NOSSO,

MEDITADA, E ILLUSTRADA pelo Veneravel Padre

Fr. ANTONIO DAS CHAGAS,

Da Ordem Serafica, e Miſſionario Apoſtolico.

PADRE NOSSO.

QUe antes de eu ſer, e antes dos ſeculos hũa Eternidade me amaſtes; pois naõ ſendo eu couſa alguma, mais que huma couſa a vós poſſivel, ab æterno me eſtaveis vendo, para me eſtar ſempre obrigando. Creaſtes a maquina do mũdo, o Ceo para Patria dos homens, para peregrinaçaõ a terra: aonde pondo-me de antemaõ tantos grandes Entendimentos, que me ſerviſſem para guia; para exemplo tantas virtudes; tantos bens para obrigaçaõ; e tantos males para aviſo; ſem intereſſe algum voſſo, ſem merecimento algum meu me tiraſtes dos abyſmos do nada, donde pudereis tirar outras tantas creaturas poſſiveis á voſſa Omnipotencia, que muito melhor vos ſerviraõ. Ou podendo me fazer hum tronco bruto, hum bruto, hum barbaro, hum Hereje, hum Mouro, hum Turco, ou hum demonio, me fizeſtes á voſſa imagem, me criaſtes na voſſa Igreja, regenerado no Bautiſmo, redemido com voſſo Sangue.

Apenas comecei a ter vida, quando podendo vós tirar-ma, por

por ver quam mal havia de empregá-la, ma conservastes com o Ceo, e a terra, dando-me Anjos que me guardassem, homens que me favorecessem, e elementos que me servissem. E correndo eu desde a meninice ás mais cegas profanidades, gastando o mais da mocidade em precipicios, e cegueiras; pondo [como se naõ houvera Deos, Inferno, Ceo, Juizo e Morte] a honra aos estragos do mundo, a vida aos riscos da morte, e a Alma aos perigos do inferno.

Por vossa bondade, meu Deos, meu Rey, meu Pay, e meu Senhor, tantas vezes me haveis livrado das affrontas, e dos castigos, que outros com menos razaõ experimentaõ: dos perigos, infortunios, e da morte, que outros sentem com menos causa: e dos infernos, que eternamente outros choraõ com menos culpa, e chorarãõ; naõ contente vossa piedade com tantos supremos beneficios, quando os nós cegos do deleite eraõ laços da liberdade: quando detido destas Remoras, dava á vaidade o cuidado: quando arrastado deste affecto dava aos enganos o discurso, entaõ mostrastes vós em mim, que me quereis para vós.

Oh Deos immenso, e soberano! Oh Pay amigo, e Senhor meu, que sendo eu qual sempre fuy, que he o peyor que póde ser, quizestes vós que ainda naõ mundo mostrasse que era cousa vossa! Esquecido, meu Creador, de mil offensas, que vos fiz, chegou a vossa misericordia a tocar-me de vossa graça, chamando-me á vossa casa com aquelle amor, que me tendes. Sois todo o meu amor, sois hoje toda a minha gloria. E mostrando-me sempre em tudo, que ereis todas as minhas cousas, sois hoje o Mestre que me ensina, sois a Verdade que me guia, sois o Pay que me perdoa.

Ensinou-me a vossa piedade, encheraõ me os vossos favores; e arrancando-me de dentro da Alma aquellas raizes ultimas, e tirando-me do coraçaõ aquelles ultimos retratos, fizestes com que cahissem os Idolos, que a cegueira tinha adorado; e que se rompessem os laços, que a maldade tinha tecido. Depois disto, meu Creador.

Que estás nos Ceos.

ELevando-me o entendimento em vossa grande formosura, de quem os Ceos, e as formosuras, de quem as flores, e as Estrellas saõ breves sombras, e bosquejos: de cuja immensa Omnipotencia todo este mundo he pouca copia: e em fim de cujas maravilhas naõ

ha pintura, nem retrato, me fizeſtes taõ altamente fallar-vos com o coraçaõ, ou aſſiſtir-vos com o eſpirito neſſe throno de Mageſtade, aonde os Anjos vos adoraõ, os Serafins em vós ſe abrazaõ, e os Querubins em vós ſe admiraõ: aonde com o Sol ſem eclipſe fazeis dos Ceos o dia eterno: onde ſempre preſente a todos, ſois delles Bem-aventurança, e de todo o mundo formoſura: onde na praya deleitoſa da dilatada Eternidade, aos que eſcapaõ do mar da culpa, naõ ſó ſois porto, mas abrigo, naõ ſó refugio, mas deſcanço.

Em cujos campos reveſtidos da ſempre verde amenidade, naõ tem o Inverno juriſdicçaõ, nem movimento as Primaveras: em cujas doces ſuavidades prezo o juizo, e o diſcurſo, tudo para a Alma he melodia, e para o eſpirito ſocego: onde elevados os ſentidos em humas bellezas nunca viſtas, em huma harmonia incomparavel, em huns goſtos ſempre ſoberanos, em huns cheiros naõ imaginados, em humas glorias jamais ſabidas, ſuavemente ſe arrebataõ, e quietamente ſe ſuſpendem.

Aqui parece, meu Senhor, que ao coraçaõ me eſtais dizendo: Homem cego, pois me naõ olhas; ſervo infiel, pois me naõ ſerves: ingrato filho, pois me foges; ſempre mudo, pois me naõ fallas: ſurdo ſempre, pois naõ me eſcutas: ſe eſte he o centro, e o lugar, aonde os Juſtos haõ de viver, ſe eſta a Cidade, ſe eſte o Reyno, aonde os bens me haõ de aſſiſtir, porque naõ vives com o eſpirito aonde naõ pódes com os olhos? Porque naõ vens com os ſuſpiros, aonde com a viſta naõ pódes? Se naſceſte para ſalvar-te, ſe he o teu fim a Vida Eterna, e ſe te prezas de meu filho, onde occupas o ſentido? onde perdes o deſejo? e aonde trazes o cuidado? Vas mendigando pelo mundo, tendo eſte Reyno por herança? Eſtimas titulos da terra, podendo ter de hum Ceo a poſſe? Corres aos goſtos vaõs do ſeculo, e deſprezas a eterna Gloria? Buſcas os bens da terra, e os móveis do mundo, tendo nos Ceos o teu morgado? Naõ dizem bem taes penſamentos com quem ſe quer chamar meu filho.

Divinos haõ de ſer os cuidados de quem me eſtima por ſeu Pay. Se pois ſempre te eſtou chamando, como ſempre me vas fugindo? Se te eſtou ſempre acariciando, porque me eſtás ſempre offendendo? Se ſaõ minhas inſpiraçoens muda doutrina de tua Alma, porque com eſta tua obſtinaçaõ fazes hoje emenda da porfia, para te deteres no mundo? Hum riſco torpe ha de ſer riſco para naõ vires

aos

aos meus olhos? Hum cego engano he interdicto, para naõ chegares aos meus braços? Hum gosto vaõ, e encantamento nessas baixas profanidades? Gostosamente te em baraças? Eternamente te confundes? Tu es o altivo de cuidados? Tu quem tem nobres pensamentos? E tu o de grandes espiritos? Como pois soffres, que te arrastem essas Remoras da torpeza? Como consentes, que te pizem essas escravidoens da culpa? Como naõ, se assim to digo, olhas, e naõ vès qual será a Corte de Deos, se assim te elevas nas dos homens? Se na via dos peregrinos te agrada tanto a estrada do mundo, que fará na Patria dos Anjos, e lugar do Bemaventurados? Se lá no estado do seculo julgas taes os Palacios da culpa, no circulo da Eternidade quaes seraõ os premios da Gloria? Se no que dei para morada de mil reprobos, e prescitos, achas taes gostos, e deleites, no que escolhi para Palacio de meu poder, e Magestade, quaes te parece seráõ as suavidades, e delicias?

Como pois, sendo filho meu, queres ser escravo do demonio? Como só por servi lo a elle, te poens, e tomas armas contra mim? Que mal te fiz, pois te creey? Em que te offendo, se te amo? Em que te aggravo, se te soffro? Taõ pezada he a minha Cruz, que o mesmo Christo a naõ levasse? Taõ insoffrivel o meu jugo, que outros muitos o naõ trouxessem? E taõ aspero este caminho, que muitos mil o naõ seguissem? Como has de vir ao Ceo, se naõ veyo Christo sem ella? Como sem jugo a meu rebanho, se quem o engeita, naõ he meu? E como á Gloria sem caminho, se quem o deixa vai ao inferno?

Pois converte-te, filho meu, que se chorando tua culpa me pedires misericordia, se doendo te de aggravar-me, me buscares de coraçaõ, aqui com os braços abertos acharás a minha piedade, e aqui com os olhos cerrados encontrarás o meu amor.

No desprezo dos bens do mundo terás o que elle mais estima: no cuidado, com que me busques, o repouso dos que socegaõ nos suspiros, com que me chames, as suavidades dos que me gozaõ: em fim nos males o regálo, nas repugnancias o desejo, na castidade o teu recreyo, hum thesouro na pobreza na resignaçaõ o teu gosto, e na obediencia a liberdade.

Oh meu Senhor, e meu Creador, se tanta gloria ainda no mundo tem hum amor, que vos abraça, e hum coraçaõ, que se vos prostra, levantai-me ao Ceo o entendimento, uni-me a vós esta vontade, e sendo nelle hoje,

e só

e ſó comvoſco toda a minha converſaçaõ, ſó nelle buſque a minha Patria, e em vós ſó tenha o meu bem todo: com o que vendo-ſe a minha Alma como eſtrangeira cá na terra, mui de paſſagem pelo mundo uſe dos meyos para a vida, e mui de aſſento pelo amor ponha o meu fim na voſſa Gloria.

Sãtificado ſeja o teu nome.

NA minha emenda, e minha vida, e na de todos os humanos, dando-vos todas as creaturas o louvor, para que os creaſtes, e fazendo-ſe toda a terra outro throno de Serafins; onde eſtando ſem nos mover, aonde voando ſem parar, todos ardendo em voſſo amor, vos digamos continuamente: *Altiſſimo, Santiſſimo, Eminentiſſimo, Sapientiſſimo, e Boniſſimo, Creador, Pay, e Senhor noſſo.*

Mas quem ſomos nós; meu Senhor, ſendo huns bichinhos vis da terra, hum pouco de lodo animado, e pouco mais que hum pó unido, para que a eſſa Mageſtade, a quem ſe proſtra o Ceo, e a terra, cuidemos que louvamos, e ſantificamos? Quem ſou eu, e quem ſois vós, immenſo Deos, e Senhor meu, para atrever-me a vos louvar, ſe nunca ſey mais que offender-vos? Se os Serafins, ſe os Querubins tem por baixos, e limitados os altos Hymnos, que vos cantaõ, como ha de uſar hum peccador fazer de lingua taõ perverſa inſtrumento, que vos louve; ſe do louvor, que ſe vos deve, ſaõ pouca voz todas as creaturas, e todo o mundo pouca lingua? Como eu, viliſſima creatura, vos tomarei na minha boca, que tantas vezes vos foy profana? Mas quem, meu Deos, e meu Senhor, me ha de dar a mim voz, e lingua para louvar-vos, como devo, para guardar-vos como cuido? Que Ceo, que mundo, que creatura póde ſer capaz inſtrumento, aonde caibaõ ſolemnizadas voſſas glorias, e maravilhas, ſe os Anjos de vós ſe admiraõ com hum exceſſo, a que eu naõ poſſo chegar? E ſe eſſes meſmos vos eſtaõ louvando com taõ ſuperior caridade, que vence todo o meu deſejo? Do mundo todas as creaturas com huns ſilencios eloquentes, que eu como neſcio naõ alcanço, me reprehendem na minha froxidaõ em voſſo amor? Pois que farei, meu Creador, eu que ſei que os voſſos louvores naõ ſaõ como os do mundo? Naõ fallarei, porque ſou neſcio? Naõ amarei, porque ſou tibio? Naõ cuidarei, porque ſou máo? Pois naõ ſerá aſſim, meu Deos; que aqui debaixo das hervinhas, dos argueiros, e dos ouçoens, com o coraçaõ mui proſtrado, com a

Alma,

Alma, e maõs erguidas, com os olhos postos no Ceo, e com a veneraçaõ por terra, mui humilde, e mui elevado em vossa vista, meu Senhor, vos louvarei eternamente, de qualquer modo que eu souber. Louvar-vos-ha a minha boca com a eloquencia dos silencios, para que onde eu fiz o damno, e offensa, se vos dè a satisfaçaõ. Fallar-vos-haõ minhas entranhas com a eloquencia dos suspiros; para que assim satisfaça aquelles ays, que dei ao vento. Adorar-vos-hey com a vista em hum fechar de olhos continuo; pois vo los aggravei tantas vezes por huma escassa vista de olhos. Metter-vos-hei no coraçaõ, mettendo-me muito por dentro, sempre que me metta comvosco, ou que queirais estar cõmigo. E em fim todos meus sentidos, meus espiritos, e potencias vos louvaráõ, pondo-se em vós; para que assim, meu Deos, emende aquelle engano, com que andava todo taõ fóra de meus sentidos. E meus espiritos, e potencias vos louvaráõ, pondo-se em vós; para que assim, meu Deos, renove a memoria no amar-vos, e o juizo em querer-vos. Acabe pois esta minha vida perversa com tantos generos de culpas: torne, meu Creador, ao centro, donde sahio; ao principio, donde nasceo; á origem, donde emanou. Naõ mais nas violencias de hum erro taõ cegamente idolatrado traga as cadèas, como enfeite, e ame as vaidades, como gloria. Busquem os olhos o seu lume, o sentido o seu objecto, o espirito a sua vida, o seu thesouro o coraçaõ. E pois naõ posso quanto devo, ao menos, Deos, e Senhor meu, ame-vos sempre quanto posso.

E se eu mil Almas possuira, se mil coraçoens tivera, se mil caminhos descobrira, se mil modos imaginara, se mil mundos comprehendera, todos, por todos, e com todos me empregára, e entregara em vos servir, e juntamente me desvelara em vos amar. Mas pois, meu Deos, valho taõ pouco, e taõ pouco val tudo em mim, por mim vos louve o Ceo, a terra, os elementos, as creaturas, os Anjos, os Bemaventurados, e toda a maquina do mundo; em cujas maravilhas grandes, generos, fórmas, formosuras, e perfeiçoens me estou revendo, e admirando em vossa grande, e immensa formosura, Immensidade incomprehensivel, incomparavel Magestade, Omnipotencia soberana, ineffavel sabedoria, infinita misericordia, e admiravel infinidade. Mas para que eu melhor vos louve.

Venha

Venha a nós o teu Reyno.

QUe ſem vós virdes, meu Senhor, como poderei eu buſcar-vos? Sem me enſinar o voſſo Eſpirito, que louvores ſei eu render-vos? Sem que o voſſo amor me dê azas, quem baſtará para mover-me: Sem que me chegue o voſſo auxilio, que forças podem ſegurar-me, quando a minha fragilidade cahe de ſi cada momento; e quando tantos inimigos cada inſtante me accõmettem, e me cercaõ por toda a parte? Venhaõ pois, Rey meu, venhaõ voſſas miſericordias. Permitti que ſempre a minha Alma por vós ſuſpire, por vós clame, e de vós ſe valha, e ſe ſoccorra; comvoſco ſe arme, e ſe defenda. Pois ſe ſem vós naõ ſou nada, ſe ainda comvoſco ſou taõ pouco, de que impulſos mais que dos meus eſperarei os meus eſtragos? De que imperios mais que dos voſſos alcançarei os meus ſoccorros? Debil he a praça de huma Alma, fraco o preſidio dos ſentidos, baixo o muro da natureza, leve o conſelho do juizo, cego o governo da vontade: como pois, Deos meu, e Senhor meu, ſem me ajudares nos aſſaltos, baſtarei para as defenſas? Como me haverei nas batalhas, ſem vós me dares as victorias?

Naõ ignoro eu que a vontade por vós ſe deve pôr em campo. Naõ duvido eu, que o alvedrio ha de tomar por vós as armas. Nem deſconheço, que devo tremolar voſſas bandeiras. Pois ſem que eu lide nos conflictos, naõ me dareis vós o triunfo. Mas como hei eu de fiar de mim os vencimentos deſtes vis coſtumes, e deſtes riſcos, ſe mil vezes, tendo-vos por mim, eu meſmo fuy o meu eſtrago? Venhaõ pois deſſe Santo Eſpirito aquelles rayos ſoberanos, que allumiem, e deſvaneçaõ as ſombras da minha cegueira: que rompaõ, e deſpedacem as nuvens de minha ignorancia: e que em fim raſguem, e conſumaõ as trevas de minha culpa. Accenda-ſe nas ſuas chammas, arda nas ſuas levaredas, purifique-ſe nos ſeus incendios, a viſta, a Alma, o coraçaõ, de quem ſe deſeja mais puro, para que aos votos ſeja victima, para ſer ara aos ſacrificios, para ſer templo á adoraçaõ. Pois aſſim venha eſſe voſſo Reyno, e nos Imperios deſta vida aſſim tudo vos obedeça, que ſendo Cidade de Deos eſta confuſa Babylonia, os ſentidos vos façaõ Corte, a Alma ſe vos faça Paço, e o coraçaõ vos ſeja leito, com tanto goſto de ſervir-vos, e adorar-vos por meu Rey, por meu Deos, e por meu Senhor, que ſó para iſto eſtime muito,

para

para este ministerio ser Anjo, para este amor ser Serafim, para esta Magestade ser throno. Vinde pois, vinde, meu Senhor: pois bem que pareça ousadia, querer que vós a mim venhais, porque bem sabeis que, sem vós virdes, naõ poderei ver-me comvosco. Necessario he, Sol divino, que arrebatem vossos ardores este vapor da terra humilde, e que elevem vossas efficacias o pezo grave deste espirito, sempre para vós taõ pezado. Mova o curso de vosso mobil todo o vagar destas esferas. E em fim, desatem vossos rayos os caramelos desta culpa; para que correndo me muito de naõ mover-se esta frieza, me mova muito o vosso amor, para ir correndo a servir-vos.

Seja feita a tua vontade.

E De tal sorte se faça em mim, que vencidas as repugnancias, com que se oppõem á natureza em huma perpetua negaçaõ do proprio amor, e de si mesma, em huma continua indifferença para o que for vossa vontade: tudo o que em mim foy liberdade, pareça resignaçaõ: tudo o que foy contradiçaõ, se faça em mim conformidade: taõ inseparavelmente me veja sempre unido a vosso gosto, taõ prezo sempre, e taõ atado, que sem poderem apartar-me deste suave abraço d'Alma os poderes de todo o mundo, a força, e arte do demonio, nem o amor cego de mim mesmo: firme me opponha a seus combates, como tronco, que sobre os montes resiste immovel ás tormentas, e triunfe de seus assaltos como penha, que sobre as ondas se tem constante contra os mares em huma firmeza inalteravel: em huma constancia invencivel viva taõ prompto a obedecer-vos, taõ desejoso de agradar-vos, e taõ destinado a servir-vos, que recebendo os bens, e os males com gosto igual a todo tempo, nesta melodia de espirito, e nesta doce consonancia de meu sentido, o coraçaõ goze daquella serenidade, com que a minha Alma se suspenda, e com aquella humilde elevaçaõ, com que meu amor se vos una. Faça-se em fim vossa vontade.

Assim na terra, como no Ceo.

POis se nos Ceos todos se amaõ, porque em si vos amaõ a vós; e se vos amaõ sobre tudo esses, que assim mais se amaõ, porque se ha de condenar aquillo, que faz o Ceo? Porque haõ de fugir os homens de parecer-se com os Anjos? Porventura a vossa vontade he querer que elles se condenem? Perten-

deis

tendeis vós mais que salvar-nos? Solicitais mais que attrahir-nos? Sendo gloria a resignaçaõ, sendo o gosto a conformidade; naõ morrerei por estes gostos, que ainda no seculo saõ gloria? E sendo a culpa em si tormento, matar-me-hei por aquelles gostos, que saõ inferno ainda no mundo? Que saõ sem vós os bens da terra, se os do Ceo sem vós saõ nada? Della que posso eu desejar, que vós comvosco me naõ deis? E delle que posso eu querer, que vós comvosco me naõ entregueis? E delle que posso eu appetecer, que vós sem vós me naõ concedais? Para alcançar a uniaõ, que me faz hum, meu Deos, comvosco, q̃ meyo ha mais efficaz, que fazer a vossa vontade? Por isso os Ceos saõ vossa Patria, porque nelles perfeitamente vos chegamos a obedecer. Por isso nelles os Anjos, os Serafins, e os Querubins vos contemplaõ rosto a rosto; porque naõ podem, naõ, querer mais que o que he vossa vontade. Por isso os Ceos saõ lugar, em que vos vem os escolhidos; porque o serem lá huns comvosco, lhes fez tudo Bemaventurança.

Fazei pois, meu Creador, que naõ querendo toda a terra, mais que aquillo que quer o Ceo, naõ fazendo menos os homens, que aquillo que fazem os Anjos, conheçaõ, que para serem Ceo lhes falta só a obediencia: que para ter no mundo a Gloria, lhes falta só a conformidade: e para Bemaventurados, lhes resta só andar unidos com o que for vossa vontade. E assim, meu Pay, e meu Senhor, naõ só em mim, que fuy, e sou o mais perverso dos nascidos, e o mais ingrato dos homens, se glorifique o vosso nome, e se faça vossa vontade: porèm em todas as creaturas, do mar, e da terra, e do Universo; para que havendo em todo o mundo hum só Pastor, e hum só rebanho, assim vos amem, e vos louvem, assim vos sirvaõ, e obedeçaõ, que a terra pareça Ceo, e o mesmo Ceo se ache na terra. Mas se, Deos, e Senhor meu, nossa fragilidade faz que cancemos no caminho,

O Paõ nosso de cada dia espiritual nos dá hoje.

DAi-nos a todos o sustento, naõ que sobeje para o vicio, mas que baste para a necessidade. Os olhos de todas as creaturas estaõ postos, meu Creador, nessa Bondade, e Providencia, de quem esperaõ o alimento: vossa maõ sempre liberal nos enche cada dia a todos, e nos acode cada hora. Como pois de vossa Bondade me póde faltar a Providencia, quando espero confiado, e co-

nheço agradecido? Se das entranhas da terra trazeis á mais humilde hervinha o ſucco, ou humor, de que ſe ſuſtenta? Se nos penhaſcos, e nos montes o daís aos aſpides, e ás viboras, aos baſiliſcos, e ás ſerpentes? Se os lirios da terra, que naõ lavraõ, ſe as aves do Ceo, que naõ fiaõ, ſe os peixes do mar, que naõ ſemeaõ, naõ ha dia que naõ recebaõ deſſa liberal maõ o com que vivaõ? Se vós ás feras intrataveis, ſe vós aos brutos mais terriveis, ou miniſtrais, ou conſentis que os elementos os ſuſtentem, como faltareis aos humanos, que a vós recorrem como a Pay, que vos pedem como a Senhor, e que vos rogaõ como a ſeu Deos?

Acudi pois, meu Creador, com eſte paõ, aos que naõ tem mais celleiro, que a voſſa Providencia; e dai-me o Paõ celeſtial de voſſa Graça, e voſſo amor. Daime, Rey meu, e Senhor meu, que vos commungue cada hora em o Sacramento, ou em o eſpirito; porque culpas de cada hora, e a hora pedem remedio. Seja eſta a minha porçaõ, o meu manjar, e o meu regálo; e com taes lagrimas o buſque, com tantas ancias o ſuſpire, com tanta reverencia o receba, e o coma com tanto goſto, que indoſe a Alma traz vós, ou transformando-vos cõmigo, em vós me eleve cada inſtante, comvoſco me una cada hora, e para vós morra toda a vida.

E perdoa-nos noſſas dividas.

PErdoai-nos noſſos peccados, ainda que o naõ mereçamos, pois tambem, ſem que o mereceſſemos, nos creaſtes, e remiſtes. Uſai, meu Deos miſericordioſo, de miſericordia com quem para a voſſa clemencia appella da voſſa juſtiça. Pequei, meu Pay, e meu Senhor, errei, ceguei-me, e offendi-vos; merecedor ſou, meu Jeſu, do mayor inferno, e caſtigo, que póde dar-ſe a peccadores. Mas que podia eu eſperar de mim, ſendo o peyor de todo o mundo, ſenaõ deſagradar-vos a vós? Porèm que hey de eſperar de vós, ſendo meu Pay, e meu Bem todo, ſenaõ que me perdoeis a mim? Peza-me muito de coraçaõ, naõ tanto pelo medo da pena, como pela maldade da culpa; e menos por perder o Ceo, que por aggravarvos, meu Pay. Cuja bondade incomprehenſivel poſta na cara de meus vicios me atormenta com a vergonha, muito mais que com os caſtigos. Pois vós, meu Deos, e meu Senhor, quando naõ houvera mais em vós, ſó por ella ereis digniſſimo de até no inferno ſer amado.

Eſta, meu Deos, he a dor grande,

grande, que tenho. Eſta, meu Pay, he a mayor ancia, que me atormenta pezaroſo, e me deſpedaça arrependido. Vejo-me cheyo de maldades, de delictos, e peccados, e todos parece que me attrahem aos mais profundos precipicios, fugindo da voſſa preſença, como ſe ella fora o meu damno, querendo huma falſa humildade apartar-me dos voſſos olhos, aonde he mais fea a minha culpa. Teme-me maõ o entẽdimento, a quem vós ſempre dais a maõ, gritando a razaõ dentro na Alma, que magoada ſe vos proſtra, e compungida vos procura. Porèm de quem me hei de valer, ou para onde hei de fugir? Se me eſcondo da voſſa ira, mettido no centro da terra, lá encontro voſſa preſença. Se buſco as entranhas do mar, para que me encubraõ de vós, lá me aſſombraõ voſſos caſtigos. E ſe occupo a regiaõ das nuvens, ja olho a voſſa Mageſtade. Se ſubo ao ambito dos Ceos, lá vejo a voſſa habitaçaõ. Se deſço á ſombra dos abyſmos, lá me prẽde a voſſa Juſtiça. E em fim, ſe corro todo o mundo, em todo acho voſſo Imperio.

Pois a quem, Pay, e Senhor meu, buſcarei eu, para amparar-me? A quem, meu Rey, e meu Senhor, chamarei eu, para acudir-me? Por ventura ſerá o mundo, que tratou ſempre de enganar-me? Aos homens, e ás creaturas, que intentaõ ſempre confundir-me? A' carne, o vicio, e o demonio, que comvoſco querem deſcompor-me? Ao mar, ao vento, ao fogo, e á terra, que deſejaõ ſobverter-me? Todos olho, meu Creador, e a todos vejo contra mim, depois que eſquecido de mim, e atrevendo-me contra vós, ouſei viver hum ſó momento, ſem que deitado, e proſtrado a voſſos pés, confeſſaſſe minha culpa, e pediſſe miſericordia. Quem tenho eu, meu Redemptor, que acudiſſe nunca por mim, ſenaõ ſó a voſſa Bondade? Quem fez jamais as minhas partes, para naõ ver-vos contra mim, mais que eſſe amor, eſſa piedade, que por mim ſe pôs em huma Cruz? Todos os ſeus merecimentos, que eu nunca ſoube merecer, vos ponho diante dos olhos. Se olhardes as minhas maldades, como hei de olhar-vos, meu Senhor? Como chegarei eu a vós, ſe vos virardes contra mim? Se me negardes o perdaõ, quem haverá, que poſſa dar-mo? Se me naõ olhardes benigno, que valerá o arrepender-me? Se entrardes cõmigo em juizo, quem poderá juſtificar-me?

Se pois quereis, que eu me naõ perca, ſe deſejais, que eu me converta, e ſalve, ſe medida voſſa miſericordia, parece pouco a minha culpa, naõ me

condeneis, meu Senhor, perdoai-me, Pay, e Deos meu, que aqui no Altar de vossa Cruz todo escondido nessas Chagas, venho, meu Pay, offerecer-vos o sacrificio destas lagrimas, e os holocaustos destes suspiros, com hum coraçaõ mui magoado de haver-vos a vós offendido, com huma Alma muito dorida de haver-vos a vós aggravado, com huns olhos mui aggravados de apartar de vós meus olhos. Perdoai-me pois meus peccados, e a todos os mais peccadores.

Assim como nós perdoamos aos nossos devedores.

EU perdoo, meu Creador, a todos quantos me offenderaõ, e quizera que na minha Alma se acharaõ todas as do mundo, para de todas fazer hũa, para que tudo fora hum, e para que em tudo vos amara. E naõ sómente lhes perdoo, mas quizera que todos elles se perdoaraõ huns aos outros as offensas, que fizeraõ. Perdoai-lhes vós, meu Senhor, porque naõ sabem o que fazem. Naõ lhes sirva a elles de damno o exercitar a paciencia, nem baste para os condenar, dar a outros em que merecer. E q̃ razaõ tereis, meu Deos, para naõ perdoares aos peyores, se achastes razaõ nas vossas misericordias, para perdoar-me a mim o peyor de todos? A mim o escandalo do mundo? A mim, veneno dos humanos? A mim, hum monstro de delictos? Cuja vida foy taõ de bruto, cuja Alma foy taõ de bronze, cujo coraçaõ foy taõ de pedra, que ainda hoje aos vossos rayos, e quasi sempre aos vossos olhos he fera, que naõ se amansa, he metal, que naõ se derrete, he penedo, que naõ se parte? Porque os deixareis, quando vos deixaõ? Porque os desampararеis, quando vos fogem? Porque os castigareis, quando vos aggravaõ, se me naõ castigais a mim, que quando me buscais, vos fujo, que quando me chamais, vos deixo, que quando me venceis, vos resisto?

Que achastes vós em mim, meu Deos? Que virtudes? Que perfeiçoens? Que doutrinas? Que bons exemplos? Que serviços vos tinha feito? Que amor vos havia tido? Que lagrimas, e culpas chorado? E em fim, que acçaõ, que fosse meritoria? Que obra, que naõ fosse ingratidaõ? Que erro, que naõ fosse delicto? Este foy o peyor que este, e este sou eu o peyor de todos, servo inutil, e sem proveito, filho ingrato, e com mil culpas. homem perverso, e com mil vicios; penedo, e marmore, e naõ servo: que com razaõ cuido que sou odio dos Anjos, e dos Santos, abominaçaõ dos nascidos, aborrecimento dos Ceos, e

fastio

faſtio de todo o mundo.

Se pois, meu Pay, e meu Senhor, ſendo eu peyor q̃ iſto tudo, ainda mayor que tudo foy a voſſa miſericordia, como por todos os perverſos, cõmo por todos os peyores vos naõ pedirei perdaõ? Se as voſſas entranhas, meu Deos, ſendo todas miſericordia, naõ pódem ſoffrerſe hum inſtante, que naõ acudaõ aos gemidos, q̃ huma Alma dá dentro na culpa: ſerá poſſivel, meu Senhor, que vejais vós huma ſó lagrima de hum coraçaõ arrependido, fem q̃ venhais correndo a ella, mais do que corre para vós? Soffrer-vos-ha o coraçaõ ver entre os lobos infernaes a voſſa ovelhinha perdida, ſem que ao ballido menos brando, ſem que ao clamor menos dorido a naõ defendais do ſeu damno, e a naõ ponhais aos voſſos hombros?

Naõ vieſtes vós cá ao mundo a ſalvar os peccadores? Pois naõ os ſaõs, mas os enfermos neceſſitaõ da medicina. Logo, meu Pay, e meu Senhor, razaõ tendes de perdoar, e a tenho eu de vos pedir; pois entre o mundo, e entre vós me fizeſtes ſeu medianeiro. Faça ja paz o Ceo, e a terra: obedeça-ſe á Ley da Graça, e acabe-ſe o Reyno da culpa, para eſſe coraçaõ naõ ver nas campanhas do peccado tantos cadaveres do vicio; achar nos imperios da morte tanta juriſdiçaõ nas Almas; pôr nos carceres dos infernos tantos priſioneiros do demonio; e ver nas batalhas do mundo taõ poucos troſeos da razaõ, taõ poucos triunfos da Graça.

E naõ nos deixeis cahir em tentaçaõ.

POrque ninguem, meu Creador, como vós ſabe as noſſas forças. E ſe me haveis de levantar, ſoffrendo a injuria, que vos faço, para que he deixar-me cahir, vendo a minha fragilidade, e ſabendo o pouco que preſto? Mas oh meu Deos, e quantas vezes para cahir bem na razaõ, ſendo o meu mal haver cahido, o conhecê-lo me foy util! Como me conhecêra eu, como vira bem o que ſou, ſe ſem temer o que eſtou ſendo, me naõ lembrara do que hei ſido! Como ſerei qual vós quereis, ou qual ao menos me he poſſivel, ſe me naõ lembrar que fuy nada? ſe me naõ conhecer que ſou terra? e ſe naõ vir que ſerei cinza?

Aquelles cegos precipicios, com que me puz de vós taõ longe na eſcura regiaõ do vicio, nos remotos climas da culpa, que ſaõ, ſenaõ deſpertadores, com que hoje me ponho á luta para naõ tornar a cahir, e para naõ tornar a peccar! Que ſaõ hoje, ſenaõ huns medos, que faz a razaõ á vontade com os deſterros de ſeu bem, e com os

vultos de seu mal?

Aqui parece que as memorias nos estragos do coraçaõ pintaõ as Troyas, e Carthagos, que tem as Almas dentro em si, quando em si tem seus delictos. Aqui parece que ainda fumaõ as ruinas da perdiçaõ a ser da vida desenganos, e das vaidades escarmentos. Aqui parece que ainda mostraõ aquelle engano venerado, aquella fabrica mentida do falso bem, que idolatramos, do certo mal, que em nós metemos. Sirvaõ para isso, meu Deos, e Creador, os avisos do mal, sirvaõ-me para prevenir os futuros, pois neste meu entendimento se naõ achaõ outros avisos. Preguem-me os vicios, e os enganos, em o pouco que saõ de dura, e em os castigos, que tem, pois naõ quiz ouvir a razaõ, e os desenganos, que me dava. Enfinem-me os mesmos peccados a torpeza, que tem comsigo, pois naõ escutei ás virtudes a graça, com que me attrahiaõ. Arrastem-me a ver os seus fins as vaidades, e ambiçoens, pois naõ bastou o exemplo alheyo a metter-me na Alma a razaõ. E em fim, leve-me a ver meu erro o mesmo erro, em que cahi, para que desta grande queda, a dor me sirva de lembrança, e a memoria de medicina.

Porém fazei que em vossos braços me aperte, e una de maneira, que nunca mais, meu Redemptor, perca de vista os vossos olhos, sahindo de vossa presença: nunca mais me aparte de mim, fugindo de vossa lembrança; nem com a minha perdiçaõ queira comprar a vossa injuria. Se achei graça nos vossos olhos, tornem-me a ver benignamente. E acceitando-me hum coraçaõ, que ao vosso peito restituo, naõ desprezando huma vontade, que ponho ja nas vossas maõs; antes erguendo o meu espirito, seja de ambos; meu, para vo lo offerecer, vosso, para o melhorar. Se atégora cahi em culpas, vós podeis fazer, meu Senhor, com que hoje vos caya em graça. Se atéqui me precipitei, vós podeis erguer-me daqui. E se ainda naõ estou erguido, deixai-me, meu Deos, humilhado. Dai me humildade, meu Senhor; pois naõ se segura o edificio com a pedra, que o coroa, senaõ com a que o sustenta. Menos mal me faz todo o mundo, menos a carne, e o demonio, que este amor proprio, que mil vezes he o meu mal, e o meu estrago. Vista-se este de humildade, e amortalhe-se no desprezo destas quimeras fabulosas, com que se doura o seu perigo: metta-se debaixo dos pés de todo o mundo, e creaturas, e conheça-se por peyor de tudo o mão que ha neste seculo: para que bebaixo dos pés naõ se me erga o precipicio, e sempre diante

ante dos olhos se lhe ponha a vossa vontade.

Mas livrai-nos de todo o mal. Amen.

FAzendo-nos ja conhecer, q̃ naõ ha mais mal que offender-vos, nem outro bem mais que servir-vos. Esta seja a minha ambiçaõ, a minha honra, o meu recreyo; e tudo o mais o meu desprezo, o meu odio, o meu escandalo. Huma leve venialidade, hum pensamento indifferente, e huma só palavra ociosa sejaõ horror dos meus sentidos, assombro do meu desengano, e medos do meu escarmento. Naõ faça a Alma pouco caso disto, que parece pouco, quando qualquer aggravo vosso feito por mim parece grande, e olhado em vós parece muito.

Ande a minha Alma, meu Senhor, taõ limpa na vossa presença destas manchas, e destas nodoas: viva taõ puro o coraçaõ sem estas sombras, e fealdades, que se namore em vossos olhos, senaõ da sua formosura, ao menos da sua pureza; quando naõ das suas perfeiçoens, ao menos dos seus recatos. Sede para isto meu espelho, em cujo lume, e claridade se aclare o lume dos meus olhos, e se concerte a minha vida, enfeitando as minhas acçoens com a vista do vosso exemplo, para que eu assim vos agrade.

Livrai-me pois, Pay, e Senhor meu, naõ dos males, que sente o mundo, isto saõ, as tribulaçoens, enfermidades, e fadigas, com que se affligе a natureza, com que ás vezes gosta a Graça, porque com ella se acrisola: mas daquelles males do espirito, que com apparencia de bens saõ precipicio da ignorancia, com que perdemos a humildade, e nos desvanece a ruina; porque no primeiro perigo podemos ser como soldados, a quem fez damno darem-lhe azas, pois forçando-as para voar, voaõ em fim para cahir.

Hum sonhar que temos virtudes, humas mentidas humildades hypocrisia da vangloria, hum naõ fugir ás estimaçoens, e hum naõ entrar dentro de nós, e naõ conhecer mjudamente, que tudo o que he bom, he de Deos; que tudo o que he máo, he só nosso: hum pôr o thesouro na estrada, para que o roube quem o vè; hum julgar-nos muito seguros no meyo das ondas do seculo, naõ recear o temporal, que de hum arzinho se occasiona, porque o Ceo se nos mostra claro; e antes de estar certos no porto, naõ temer as Sirtes, e os mares, naõ he sómente achaque d'Alma mas he a peste das virtudes, e o symptoma mayor do espirito: de que eu peço que me livreis, meu Pay, meu Deos, e meu Senhor.

Que tenho eu bom, que vosso naõ seja? Que acho eu em mim destas riquezas, de tantos beneficios vossos, que esteja em mim mais que em deposito, para que vós possais tirá-lo todas as vezes que vos parecer? Indigno sou, meu Creador, de que ainda assim vossos thesouros se fiem de quem taõ mal os guardou. Porèm nunca vós permittais, que eu desconheça o que em mim ha, ou me levante com o vosso. Vós me destes o entendimento, a vontade, a liberdade, a vida, a Alma, e os sentidos. Que tenho eu nelles, meu Senhor, que naõ recebesse de vós? Por ventura o pó, e cinza vangloriar-se-ha do nada, que he sómente o que tem de seu? Prezar-se-ha hum vil bichinho daquelle naõ ser, que só teve em quanto naõ quizestes que fosse? E jactar-se-ha o peccador da culpa que tem, no que pecca, sendo só isto o q̃ he seu proprio?

Oh naõ permittais, meu Senhor, que com taõ cegas confianças se offendaõ vossos beneficios! Abaixe as vélas a vaidade, abata as bandeiras o engano, metta-se por dentro a razaõ, encolha-se sempre a humildade, e naõ se louve nunca a Graça destas traiçoẽs da natureza. Tema-vos sempre muito a vós, quem se teme tanto de si; e naõ se ame a si em nada, quem vos ama a vós sobre tudo.

Fazey, meu Deos, que em tençoens bõas naõ se passe todo o tempo; pois a prova de algum's dellas póde ensinar-me no custoso, quam outro sou do que imagino. Nem vós queirais, que as suavidades, e aquelles doces sentimentos, que ás vezes tem quem vos assiste, sejaõ Sereas enganosas, que me elevem no meu perigo: antes, meu Deos, me dai a Cruz, com que puder; e conheça eu que ma dais, para que a estime como joya, para que a abrace como prenda.

Venha, meu Deos, a vossa Cruz, tenha eu entrada comvosco, subindo-me muito por ella, pois ella he a Taboa, em que me escapo dos naufragios do mar do mundo: pois he a Escada, porque subo ao vosso celestial Palacio, e he tambem a Chave dourada do vosso melhor aposento. Suba por ella até o centro, onde só acho a minha origem, e ábra com ella em vosso peito as portas desse coraçaõ, onde só tenho o meu bem todo, e onde viva o meu amor por todos os sempres.

E se, meu Pay, este desejo; se, meu Senhor, esta humildade; se, meu Deos, esta Oraçaõ he conforme á vossa vontade; para que sempre assim vos busque, para que sempre assim me prostre, para que sempre isto vos peça, digaõ os Ceos, e a terra. Amen.

ESPE-

ESPELHO DO ESPELHO,

Em que ſe deve ver, e compor a Alma, que quer chegar á uniaõ de Deos.

I. VISTA.

VEr ſe ama a Deos ſobre quanto ſe póde amar; mais que o Ceo, mais que á vida, mais que a honra, &c.

II.

Se aborrece o peccado ſobre tudo quanto ſe póde aborrecer, mais que a morte, que o inferno, e que o demonio.

III.

Se tem firme propoſito, que eſtá certo, e reſoluto, que antes ha de morrer que peccar, ainda que o offendaõ na honra.

IV.

Se ama entranhavelmente a Deos, naõ ſó como Miſericordioſo, ſenaõ como Juſto: e ſe faz taõ bom agaſalho no coraçaõ á ſua rigoroſa Juſtiça, como á ſua amoroſa Miſericordia.

V.

Se acceitara de bõa vontade eſtar antes no inferno em graça, que no Ceo em culpa.

VI.

Se eſtivera no inferno de bõa vontade, quanto Deos quizera, a troco de dar com iſto alguma gloria a Deos.

VII.

Se por ſeu amor de bõa vontade deſeja padecer de todo o coraçaõ por amor de Deos, e ama os deſprezos, e aborrece os applauſos do mundo.

VIII.

Se deſeja fervorofamente conformar a ſua vida, e transformar-ſe todo na vida, dores, e virtudes de meu Senhor Jeſu Chriſto crucificado.

IX.

Se deſpreza alguem, ou ſe ſe tem por melhor que outro, ainda

dà que tenha vida mais juſtificada; porque he ſoberba.

X.

Se ſe queixa, ou folga de deſculpar-ſe, quando o murmuraõ; porque quem tem verdadeiro amor de Deos, naõ ſe deſculpa, nem ſe queixa.

XI.

Se eſtá prompto para abraçar todas as tribulaçoens, que por amor de Deos lhe vierem, e por zelar a honra de Deos; e ſe eſtá aparelhado para todo o deſamparo do corpo, e eſpirito, e até do meſmo Deos, como naõ ſeja perder ſua amizade.

XII.

Se deſeja eſtender por todas as creaturas o amor, e louvor Divino; e ſe faz quanto póde para que aſſim ſeja.

XIII.

Se ſe entriſtece das offenſas de Deos, e da vida relaxada dos peccadores, e por elles offerece a Deos algumas penitencias.

XIV.

Se ſe alegra que haja outros muitos, que vivaõ ſantamente, e façaõ mayores couſas que elle por gloria do Senhor.

XV.

Se déra as ſuas bõas obras aos que eſtaõ em culpa, para ſe porem em graça, e ás Almas do Purgatorio, para ſe livrarem de penas; contentando-ſe com ficar ingreme na vontàde, e bondade Divina.

XVI.

Se tem Oraçaõ continua, e anda na Divina preſença por mais occupaçoens, ou lida, que tenha.

SIMI-

SIMILHANÇAS,

Que tem o verdadeiro Amor de Deos com a Morte.

Fortis eſt ut Mors Dilectio. Cant. 8.

QUem tem perfeito Amor de Deos, ha de achar no ſeu Amor eſtas ſimilhanças.

I.

He, que contra a Morte naõ ha reſiſtencia: aſſim nada reſiſte ao Amor de Deos; ſe a vontade ainda reſiſte, ſe o corpo, ſe a Alma, ſe os ſentidos, naõ ha ainda Amor perfeito.

II.

A Morte tira os ſentidos ao corpo, mas naõ tira á Alma a razaõ; antes fica mais perfeita: aſſim o amor tira os ſentidos mortificando-os, mas naõ tira a razaõ ao entendimento; antes o aperfeiçoa no conhecimento proprio de Deos.

III.

A Morte em toda a parte póde ſucceder, em todas as occaſioens tem occaſiaõ, em todo o lugar póde ſer, em toda a parte tem porta aberta, comendo, rezando, paſſeando, eſtando quedo, chorando, rindo; em caſa, na rua, na Igreja, na cama, na meſa, &c. Aſſim em toda a parte ſe póde amar a Deos, em todo o lugar, em todas as occaſioens, e acçoens, excepto nas de peccado. E ainda que naõ ſeja mais, digamos em toda a parte interiormente: *Meu Deos do meu coraçaõ, da minha Alma, da minha vida, das minhas entranhas, em vós creyo, em vós eſpero, a vós adoro, e amo ſobre todas as couſas.*

IV.

He, que todo o noſſo bem pende de huma bõa Morte: aſſim todo o noſſo bem pende de termos Amor a hum Deos infinitamente bom.

V.

He, que tudo o que naõ he bom para a hora da Morte, naõ he bom para a Alma: aſſim tambem naõ he para a Alma, o que naõ he para amar a Deos.

VI.

He, que a morte he amargoſa para os máos, e doce para os bons:

bons: aſſim o Amor de Deos he amargoſo para os appetites, e doce para a razaõ; e affectos que naõ ſaõ máos.

VII.

E muito principal he, que quem morre, ja naõ póde tratar dos bens deſta vida, ſenaõ dos eternos, ſe morre bem: aſſim quem quer bem a Deos; naõ trata dos bens deſta vida, ſó ſe lembra dos eternos.

VIII.

He, que a Morte mata ſó por matar, naõ tira intereſſe nenhum de que morraõ o Papa, o Principe, a Donzella, o Grande, o Pequeno: aſſim o Amor de Deos ha de ſer por amá-lo, ſem intereſſe deſta vida, caridade perfeita, e nu de tudo o que naõ he Deos.

IX.

He, que o homem naſce para morrer: aſſim tambem o Homem naſce para amar a Deos.

X.

He, que para haver bõa morte, he neceſſario bõa vida: aſſim para ter bom amor a Deos, he neceſſario viver bem, exercitando-ſe em todas as virtudes, que forem poſſiveis.

XI.

He, que a Morte bõa he allivio de todos os trabalhos: aſſim o Amor de Deos de todos deve ſer allivio.

XII.

He, que na Morte ſe acabaõ brevemente as penas: aſſim todas as noſſas, em havendo Amor, brevemente ſe acabaõ.

XIII.

He, que a muito ſe atreve, quem ſe atreve á Morte; por iſto ſaõ louvados os Martyres: aſſim a muito ſe atreve, quem ſe offerece ao Amor, e ſe entrega a elle, ha de romper por tudo, e as difficuldades, e impoſſiveis lhe haõ de parecer faceis.

XIV.

He, que a Morte deſcobre os enganos do mundo: aſſim o Amor de Deos deſcobre a falſidade dos enganos do ſeculo.

XV.

Muito para notar he, que diz o Eſpirito Santo, que quem ſe lembrar da Morte, naõ peccará mais: *Memorare Noviſſima tua, in æternum non peccabis.* Aſſim quem ſe lembrar do Amor de Deos, naõ ha de peccar.

XVI.

He, que a Morte muda os ſujeitos; quem antes era homem delicado, com a Morte ſe muda em cadaver; ainda que o pizem, e esbofeteem, naõ ſente o que lhe fazem: aſſim o Amor muda as creaturas de modo, que como mortas naõ ſentem o que ſentiaõ, antes quem antes de amar a Deos naõ ſe achava capaz de jejum, de penitencia, &c. em amando a Deos he outro, ja naõ ſente, ama, e ama ao máo trato, &c. por iſto a Juſtificaçaõ

ſe

ſe chama Converſaõ, que he mudar em outro.

XVII.

He, que a Morte naõ tem mais quem hum contrario, que he a vida: aſſim o Amor de Deos naõ tem mais que hum inimigo, que he o peccado, que he o ſeu deſtruidor; todos os mais inimigos, carne, mundo, e demonio, em tanto ſaõ inimigos da Alma, em quanto occaſiaõ de peccados, mas vencidos todos elles, ſeráõ para creſcer o amor.

XVIII.

De hum morto naõ ſahem mais que guſanos, que lhe roem as entranhas: aſſim de huma Alma enamorada de Deos ſahe o bicho guſano da conſciencia, que a roe com a memoria, e contriçaõ das paſſadas culpas, com a dor dos deſcuidos preſentes, que a eſtaõ ſempre mordendo, e atanazando.

XIX.

A Morte deixa huma Alma ſó acompanhada de ſuas obras, e empreſença de Deos: aſſim o Amor deixa huma Alma ſó, dizendo que naõ quer mais que a Deos, veſtindo-ſe para iſſo de ſuas obras.

XX.

He, que hum morto logo dá cheiro de ſi em quanto o naõ enterraõ: aſſim quem ama a Deos, logo cheira a ſeu Amor, e naõ o póde encobrir até ſe metter numa cova.

XXI.

He, que a Morte he ley que ſe pôs a todos, naõ ſe livra della nenhum: *Statutum eſt hominibus ſemel mori*: os Reys, os Principes, os Nobres, os Plebeos, enfermos, neſcios, e ſabios eſtaõ ſujeitos ás leys da Morte: aſſim tambem eſtaõ todos ſujeitos ás leys do Amor, e devem amar todos a meu Senhor Jeſu Chriſto.

XXII.

He, que quando chega a Morte, todos fazem grandes propoſitos de nunca mais peccar: aſſim quando chega o Amor, devemos fazer hum firme propoſito de nunca mais offender a Deos, que para ſempre ſeja louvado, ſervido, eſtimado de todos, querido, e obedecido pelos ſeculos dos ſeculos. Amen.

SI-

SINAES DO PERFEITO Amor de Deos.

I.

PRimeiro ſinal do Amor de Deos: he cuidar ſempre no que ſe ama; e quanta he a lembrança, e memoria, tanto he o Amor, como diz Santo Agoſtinho: *Menſura amoris memoria eſt.* Se naõ cuidamos muito em Deos, naõ o amamos muito, e he impoſſivel que folguemos de metter no coraçaõ, o que naõ trazemos no ſentido; ſe Deos he o noſſo Amor, elle he o noſſo cuidado; a força, com que o Amor entra por dentro da Alma, naõ permitte que eſteja ocioſa a memoria.

II.

He goſtarmos de fallar em Deos a miudo, vem-ſe o coraçaõ á boca: he o Amor como o azeite, que logo revè por fóra; por fóra ha de dar ſinaes do que eſtá dentro, como o Sol na nuvem, e na chaminè o fogo.

III.

Se folgamos de ouvir fallar de Deos; naõ ha quem naõ ſe alegre, gabando-lhe, ou fallando-lhe no que ama; hum ſuave ſobreſalto cauſa nas Almas, que tem entregue o ſeu coraçaõ a meu Senhor Jeſu Chriſto: Deos he ſetta, em ſe bulindo na ſetta, de que hum eſtá atraveſſado, logo dá ſinal de que a ſente.

IV.

Se os deſejos de Deos ſe põem por obra. A arvore que naõ dá fructo, má arvore: Náo que vem da India vazia, triſte Náo: Jardim que naõ tem huma flor, máo Jardim: Alma que deſeja fazer por Deos grandes couſas, e naõ faz nada, miſeravel Alma.

V.

Se viſita a miudo os Templos dedicados a Deos: ſe he Religioſa, veja ſe viſita muitas vezes o Santiſſimo Sacramento, ainda que ſeja com hum Padre noſſo, e huma Ave Maria, e ſe ama o Coro, e os ſantos exercicios, e ſe reza com reverencia, e devoçaõ o Officio Divino.

VI.

Se dá eſmólas aos neceſſitados por caridade, e naõ por vangloria; ſe com ſuas Oraçoẽs, diciplinas, bom exemplo, e bons conſelhos ajuda os Proximos.

VII.

VII.

Se ſe naõ agaſta com os trabalhos, e ſoffre com paciencia, e alegria as neceſſidades, doenças, affrontas, e miſerias, que Deos permitte para noſſa prova; porque ao ouro de noſſas Almas neſta fornalha ſe tire o que tem de terra, e as fezes, que impedem a uniaõ Divina.

VIII.

Se fazemos com goſto tudo o que nos manda Deos em ſua Ley, e temos de obrigaçaõ, ſegundo noſſos eſtados.

IX.

Se arrefece em nós o amor, que antes tinhamos ao mundo; porque ſe eſte naõ esfria, he ſinal que o Amor de Deos naõ ſe accende, naõ ha tal Amor, naõ ſe póde ſervir a dous Senhores, nem com huns meſmos paſſos caminhar para o Norte, e para o Sul. Quando o Amor de Deos começa, he ſinal certo, que o do mundo acaba: a alvura na parede deita fóra a negrura; ſe a negrura do amor do mundo reyna, ainda naõ ha brancura.

X.

Se honra, e eſtima os ſervos de Deos, e goſtoſamente os ouve, ſerve, conſulta, e obedece, em eſpecial aos Pays Eſpirituaes; ou ſe aborrece atar o eſpirito, ou a vontade á obediencia. Quem quizer aproveitar em breve, tenha Pay Eſpiritual, e governe-ſe por elle.

XI.

Se folga de dar-ſe ao retiro, e ao ſilencio, para que eſtando ſó retirado do mundo, converſe, e falle com Deos: quem ſe naõ retira de creaturas, de deleites, e de peccados, naõ chega á uniaõ com Deos.

XII.

Se tem Oraçaõ continua, e ſe em tudo o que faz deſeja contentar a Deos, e faz por naõ ſahir de ſua preſença, em que deve andar por amor, e por memoria continua, conſervando para iſto a pureza de intençaõ, e de conſciencia, chegangando-ſe a miudo á Sagrada Cõmunhaõ.

XIII.

Se folgamos, e nos alegramos de que todos amem, louvem, queiraõ, eſtimem, e obedeçaõ a Deos.

XIV.

Se fazemos quanto em nós he por eſtender por muitas Almas o Amor de meu Senhor Jeſu Chriſto; cançando-nos o poſſivel porque ſeja eſtimado, ſantificado, e louvado na terra: que reyne em todas as Almas; e que em quantas podemos, ſe deſtrua o reyno do peccado, e o imperio do demonio, de que devemos ſer publicos, e capitaes inimigos, por gloria, e honra de Deos, que ſeja louvado para ſempre.

EXER-

EXERCICIO

De Mortificaçaõ para toda a Semana.

A Segunda feira.

MOrtificar os ſentidos dos olhos, naõ olhando de advertencia para creatura alguma, fazendo muito porque eſta exterior compoſtura do roſto, e viſta ſeja memorial da interior modeſtia, e recolhimento da Alma na preſença Divina, andando em fé de que eſtá na preſença de Deos, ſem ſe pôr a examinar, como he Deos, que figura tem, ſe eſtá em pé, ſe aſſentado, de que cor, ou de que feiçaõ, ou onde morava antes que fizeſſe o mundo; e outras couſas como eſtas. O que he immenſo, como ſe póde medir? O que he infinito, como ſe póde alcançar? O que he incomprehenſivel, como ſe póde comprehender? Baſta conhecer-ſe a Deos debaixo da razaõ de Boniſſimo, Sapientiſſimo, Formoſiſſimo, Clementiſſimo, Liberaliſſimo, Pay, Amigo, Eſpoſo de noſſas Almas, Rey de todo o Univerſo. Só quando eſtiver em parte que poſſa olhar para o Ceo, póde erguer os olhos, porque, como dizia Santa Thereſa: Olhar ao Ceo faz recolher os ſentidos. E ſe olhamos para o Ceo, [como dizia Santo Ignacio] vil couſa nos parece a Terra. Eſte dia ſe tomará trinta e tres golpes de diciplina á honra dos trinta e tres annos de meu Senhor Jeſu Chriſto, na uniaõ do que padeceo na Columna. E examine á noite, como guardou eſte ſentido: e reze aos olhos de Chriſto hum Padre noſſo, e huma Ave Maria em ſatisfaçaõ dos defeitos que niſto teve, e em acçaõ de graças. E aſſim fará todos os dias á noite, conforme a mortificaçaõ. E viſitará o Santiſſimo Sacramento huma vez.

Terça feira.

MOrtificará os ouvidos, principalmente em fugir das converſaçoens perigoſas, deſejando ouvir interiormente as inſpiraçoens Divinas. Eſte dia, ſe tiver ſaude, traga cilicio duas horas. E ſe puder, viſitará o San-

o Santiſſimo Sacramento, ainda que naõ ſeja mais que com hum Padre noſſo, e hũa Ave Maria.

Quarta feira.

MOrtifique o ſentido do goſto, jejuando de ordinario, e fazendo alguma mortificaçaõ no ſuſtento, e totalmente pelo que for regálo ande cuidando nos goſtos do Ceo, e nas Celeſtes doçuras da Meſa Divina. Dicipline-ſe á noite por eſpaço de hum Miſerere. Viſite duas vezes o Santiſſimo Sacramento na fórma acima dita.

Quinta feira.

MOrtifique o ſentido do olfacto, fugindo de todas as couſas de cheiro, e por algum eſpaço, buſcando algum tormento deſte ſentido: quando naõ tenha em que ſe mortificar, exercite ſe eſte dia em actos de humildade, e paciencia, fazendo por naõ cheirarlhe mal nenhuma palavra, nem affronta, que lhe façaõ. Faça vinte e quatro actos de amor de Deos, dizendo: *Meu Deos da minha Alma, da minha vida, e do meu coraçaõ, antes morrer, que peccar; antes no inferno em graça, que no Ceo em culpa.*

Sexta feira.

MOrtifique o ſentido do tacto, pondo pela manhaã cilicio até o jantar, ſe tiver ſaude; á noite diciplina por eſpaço de hum Miſerere. Naõ ſe toque, nem ſe coce de advertencia. Naõ ſe veja ao eſpelho, nem parte alguma ſua. Jejue, ſe puder, a paõ, e agoa; e viſite tres vezes o Santiſſimo Sacramento, fazendo por ter dor de ſeus peccados; faça por andar cuidando eſte dia nas dores de meu Senhor JESU Chriſto crucificado.

Sabbado.

FAça por guardar ſilencio todo o dia, buſcando lugares ſós, e ſolitarios, onde eſteja ſó em preſença; ou memoria de Deos; e naõ falle de advertencia, mais que a reſponder o que ſe lhe pergunta: viſite as vezes que puder o Santiſſimo Sacramento. E tome-ſe reſidencia eſte dia, como guardou os ſentidos toda a Semana: reze huma Ave Maria, e huma Salve Rainha a N. Senhora.

Domingo.

MOrtifique a memoria de tudo o que lhe vier á ella, dizendo: *Sois vós Deos meu? pois nada mais que Deos.* E faça

que nem no entendimento, nem na vontade entre, nem se detenha cousa, que naõ seja Deos, ou cousa de Deos; empregando estes espirituaes sentidos em sua lembrança todo aquelle dia em actos de Fé, Esperança, e Caridade. Visite cinco vezes o Santissimo Sacramẽto. E se for dia de Cõmunhaõ, e se quizer trocar o exercicio deste dia com o do Sabbado, póde fazè-lo; e ao Sabbado faça o deste dia E em nenhum se deite, sem cuidar como o meterãõ na cova, e na conta, que ha de dar a Deos. E feito Acto de Contriçaõ, e de Amor, deite-se, e a primeira cousa, que differ em acordando, seja: *Louvado seja Deos.* E offereça-lhe logo á sua gloria, e honra as obras, que fizer naquelle dia, e as de toda a vida.

EXERCICIO BREVE

Para a santa Oraçaõ.

A Oraçaõ consta de cinco partes: Preparaçaõ, Liçaõ, Meditaçaõ, Petiçaõ, e Acçaõ de graças.

Posto de joelhos diante de alguma Imagem devota, ou onde quer que for, benza-se, e beije o chaõ, e faça este Acto de Contriçaõ.

Meu Senhor Jesu Christo, Deos, e homem verdadeiro, Creador, e Redemptor meu: pequey, fiz mal, cahi como peccador. Por serdes infinitamente bom, me peza de todo o coraçaõ haver vos offendido. Proponho firmemẽte com vossa Graça emendar minha vida. E espero em vossa Misericordia, que por vossa Morte, e Paixaõ me perdoeis minhas culpas. Senhor, antes morrer, que peccar. Misericordia, Misericordia, Misericordia.

Feito isto, se tiver tempo, lugar, e livro, lea alguma cousa do que ha de meditar; e se quizer entrar na devoçaõ das Chagas de meu Senhor JESU Christo, sirva para composiçaõ de lugar representar hum Deserto, no qual em cinco Penhas ingremes estaõ cinco Ermidas deshabitadas, sem haver pessoa que nellas viva, e que a Alma, tendo tençaõ de viver solitaria, [isto he, apartada das creaturas) se faz habitadora deste Deserto, e escolhe por moradas estas Ermidas, e que se deter-

determina a viver nellas, hum dia em cada huma.

Deſerto, quer dizer couſa ſó, e deſamparada: o Deſerto he meu Senhor Jeſu Chriſto, que naõ ha quem queira morar nelle, e aſſim eſtá deſamparado do mundo.

As Ermidas ſaõ ſuas Divinas Chagas: eſtaõ em penhas ingremes; porque parece couſa difficultoſa viver mettida a Alma neſtas Chagas Santiſſimas; e por iſto eſtaõ como deshabitadas. Tanto que a Alma conſiderar iſto, dirá de todo o coraçaõ: *Meu Senhor, de hoje em diante me reſolvo a viver comvoſco, apartado por voſſo amor de todas as creaturas. Eſcolho para morada de minha Alma eſte Deſerto, e por caſa voſſas Santiſſimas Chagas. Eis-me aqui, meu Deos, ſe me quereis, aqui quero eſtar toda a vida.*

Tomando iſto para Meditaçaõ, fará primeiro a Oraçaõ ſeguinte, todas as vezes que entrar a orar.

Meu Senhor Jeſu Chriſto, q̃, ſem eu o merecer, me tiraſtes do nada que antes era; e depois por voſſa Bondade immenſa me fizeſtes ſahir do pégo do mundo, do lago de minhas culpas, dos abyſmos da minha vaidade, e ſoberba, do mar ſem fundo de meus vicios, e do profundo inferno de meus peccados. Peço-ços (meu Senhor) que aſſim como, ſem o merecer, me livraſtes da perdiçaõ, e de todos eſtes males; aſſim agora, ſem que eu o mereça, me naõ deixeis cahir nelles, e fazei com que todas as minhas obras, penſamentos, e palavras ſe dirijaõ a voſſa mayor gloria, e honra puramente; porque vós ſois digno de ſer ſummamente amado, louvado, e obedecido: e porque aſſim quereis que eu o queira, e o faça, e por todos os ſempres dos ſempres.

Peita eſta Oraçaõ, feche os olhos, e repreſente-ſe neſte Deſerto, iſto he, dentro de Chriſto; e tome huma Chaga para cada dia. Nelle medite quem he aquelle Deſerto, iſto he, quem he Deos, immenſo, infinito, eterno, incomprehenſivel, que padeceo. Conſidere os tormentos, e agonias do Horto, da Colũna, ou da Coroaçaõ de eſpinhos, ou da rua da Amargura, ou do Calvario; ou principalmente a dor, q̃ padeceria naquella Chaga, em que ſe mette a Alma.

E ſe for na do Lado, conſidere o amor, com que aquelle coraçaõ Divino ſe expôs a todo o tormento, e que ainda depois da morte deo agoa, para nos lavarmos, e ſangue para nos redimir. Faça por eſtar abraçando aquelle amoroſiſſimo coraçaõ; conſidere com que paciencia, com que caridade, com que deſejo de noſſa ſalvaçaõ padeceo.

E medite principalmente por quem, por nós peccadores, e por hum de nós; pois dizem os Doutores sagrados, que se hum só houvera no mundo, viera a padecer só por elle: e conforme a tenção do Espirito Santo, gaste nisto meya hora, ou o tempo que puder.

Acabada a Meditação, pedirá a nosso Senhor o mais necessario para sua salvação, e para sua Alma; a Graça, as virtudes, a perseverança, e os bens espirituaes, ou temporaes, necessarios para a vida, ou para a salvação, e bens de seus Proximos, e pelas Almas do Purgatorio.

Ultimamente, dará graças a Deos deste superior beneficio, que delle recebeo; porque ter Oração he dom particular do Espirito Santo, e final de Predestinado. Desejará metter se em todas as Creaturas do Ceo, e da Terra, para que com todas o louve, e ame; desejando fazer hum amor do que lhe tem todas, para mais ardentemente amar, e servir a Deos. Desejará metter-se em Deos Pay, para amar com seu amor a Deos Filho; e em Deos Filho, para amar com seu amor a Deos Pay; e em Deos Espirito Santo, para se unir melhor com elle.

Feito isto, fará muito por conservar todo o dia a memoria de Deos; e naquella Chaga, em que andar, como se estivera nella mettido, alli coma, beba, durma, falle, ore, estude, e faça quanto fizer, isto he, com lembrança sua; e o que não fizera, andara, ou differa á vista de Christo, não faça, nem o falle, nem o cuide; e tudo por gloria, e honra, e amor de Deos, que seja louvado para sempre. Amen.

ORAÇAM PARA ALCANÇAR ardentemente o Amor de Deos.

MEu Deos, ou vós me quereis, ou me não quereis: se me não quereis, hei de queixar-me de vós (meu Deos) aos Ceos, e á terra, pois me creastes para me engeitar: e se me quereis, meu Deos, eisme-aqui, na vossa Casa estou, fazei de mim o que quizerdes. Quando pois, (meu Deos) quando ha de ser isto, (meu Senhor) que me queira o vosso

voſſo Amor; e que com o voſſo Amor me eſtale o coraçaõ? Quando [meu Jeſus] ha de ſer o dia? Quando (meu Deos) aquella hora, que com ardentes deſejos, e entranhaveis ſuſpiros, e com abrazados fervores ſe ha de accender a minha Alma, e abrazar a minha vontade em voſſo Divino Amor? Quando, [meu Deos] quando, Senhor, quando, meu JESUS, com abrazada ſede das eternas doçuras, e da vida Eterna, e Celeſte, haõ de andar as minhas ancias em lagrimas, e gemidos por eſſes ares, gritando ao Ceo, e fugindo á terra? Seja, meu Deos, ſeja, meu Senhor, ſeja, meu Jeſus, ſeja iſto hoje, e naõ á manhaã; ſeja agora, meu Jeſus, e naõ daqui a pouco; ſeja logo, meu Deos, e naõ ao depois; ſeja ja, meu Senhor, e naõ logo. Aqui me tendes, meu Senhor, e meu Jeſus, naõ ſeja mais tarde iſto; rompa-ſe eſte penedo em fontes de lagrimas por voſſo amor, e por minhas culpas. Deſfaçaõ-ſe meus olhos em pranto, meu coraçaõ em ſuſpiros, minhas entranhas em doridas magoas por meus peccados, e accezo todo em meu Deos, em chammas de eſpirito, e em celeſtes levaredas, acabe ja de conſumir, e abrazar eſta arvore ſem fructo, eſta terra toda eſpinhos, e eſta Alma de penhaſco para vós, meu Deos, ſempre dura, e para o mundo taõ branda; para os vicios taõ viva, e para voſſa Graça taõ morta. Oh meu Deos, e meu Senhor, ſe em mim houvera, meu Jeſus, toda aquella reverencia, com que vos ſervem, e louvaõ todos os Anjos do Ceo, e Juſtos da terra, eſſa fora, meu Deos, a minha gloria. E ſe eu ſó vos pudera ter tanto amor como os Serafins do Ceo, eſſa fora a minha delicia. E ſe vos pudera receber com outra tanta pureza como a Virgem Maria voſſa Mãy, eſſa fora a minha ventura. Se pudera eſtender-me por todas as creaturas do mundo, e amar-vos juntamente em cada huma, como todas juntas vos amaõ, eſſa fora a minha alegria. Se pudera amar-vos, meu Deos, que foſſe ao Ceo, e roubaſſe o que quizeſſe, a todos deixaria a Gloria, mas o amor naõ lho deixaria, porque todo me pareceria pouco para vos amar. E ſe todos os coraçoẽs do mundo pudera fazer hum ſó, ſó a vós, meu Deos, e Senhor, o dera. E ſe de cada area do mar, e de cada Eſtrella do Ceo, e de cada flor da terra, e de cada letra dos livros, e de cada penna das aves, e de cada pello das feras, e de cada fio das roupas, e de cada cabello das gentes pudera fazer mil mundos de Almas, mil mares de condiçoens, mil Ceos de vidas, e mil Reynos de Eſpiritos; e em cada hum

destes multiplicados outros tãtos, como eu desejo em cada hum: todos, meu Deos, vos los dera, e todos tivera por poucos, para vos louvar, e amar, e naõ parara nisto hum só ponto. Se fora Deos, como vós sois, vos adorara por meu Deos, e andara fazendo Ceos, e Almas, creando vidas, e espiritos, erguendo Templos, e levantando Altares, em que, meu Jesus, fosseis adorado, e servido. Se fora o que vós sois, deixara de o ser, porque vós o fosseis; contentando-me, meu Deos, com que alguma hora, vendo-me a vossos Divinos pés, puzesseis em mim vossos santissimos olhos com algum final de amor, e bõa vontade. Meu Deos, meu Senhor, meu Jesus, e meu Esposo, por tantas razoens digno de ser amado, querido, e desejado: Gloria minha, Delicia minha, Amor meu, e Eterno bem meu, e meu Jesus de minha Alma, ja que naõ posso fazer isto, deseje eu sempre isto, e faça-se finalmente sempre vossa Divina vontade em esta vilissima, torpissima, e indignissima creatura vossa, como for mais honra, e gloria, e mayor louvor vosso, por todos os sempres dos sempres. Amen Jesus.

DO

DO ULTIMO FIM,

E SUMMO BEM.

Em seis Discursos Moraes, a que deo nome de Luzes o Veneravel Padre

Fr. ANTONIO DAS CHAGAS.

DISCURSO I.

Ponderaõ-se os males, que comsigo trazem os discursos, e faltas de consideraçaõ do nosso ultimo fim, para que fomos creados.

TOda a perdiçaõ do mundo de duas razoens nasce, de duas fontes procede: a primeira, de desprezarmos o summo Bem, para que fomos creados: a segunda, de amarmos como ultimo fim qualquer bem caduco em culpa pertendido. Estes dous males fazem todos os que peccaõ; porque qualquer peccado mortal naõ he outra cousa, que hum apartamẽto voluntario de Deos, e da sua Ley: *Peccatum est aversio à Deo.* Eis-aqui desprezado o summo Bem. E hum determinado affecto, com que se ama a creatura: *Et conversio ad creaturam.* Eis-aqui adorado como bem o summo Bem. Oppõem-se estes dous males da culpa a dous bens, que nos inculca a graça: o primeiro, apartar do peccado, que he o verdadeiro mal: *Diverte à malo.* O segundo, fazer o que nos manda Deos, que he amá-lo como infinito Bem: *Et fac bonum: Diliges Dominum, &c.* Por isso se queixa o Senhor pelo seu Profeta destes dous males, com que o aggrava quem peccando o despreza: *Duo mala fecit populus meus.* O primeiro, deixar

Ps. 33. 15.

a fonte da Graça, onde se bebe a eterna vida: *Me dereliquerunt fontem aquæ vivæ.* O segundo, buscar com ancioſa ſede as ciſternas torpes da culpa, onde ſe bebe o veneno da morte eterna: *Et foderunt ſibi ciſternas diſſipatas, quæ continere non valent aquas.*

Jerem. 2. 13.

Sè pois os mortaes conſideraõ para que fim naſceraõ, facilmente cahiraõ na razaõ: que naõ creou Deos o homem para taõ baixos centros como ſaõ honras mundanas, riquezas terrenas, delicias caducas; e outros torpes, e imaginarios extremos, de que os peccadores fazem ſeu ultimo fim a modo de Borboletas neſcias, que, tendo por felicidade o ſeu damno, adoraõ, e galanteaõ o ſeu perigo, até que pagaõ o ſeu erro em irremediavel incendio. Se cuidaraõ na brevidade da vida, no engano, e perdiçaõ de todos os goſtos della, na vaidade do mundo, no immenſo eſpaço da Eternidade, nos caminhos da Penitencia, e da culpa, nos termos da morte, e juizo, nos fins do Ceo, e do inferno, que certo fora dar volta á vida, e tratar efficazmente da ſalvaçaõ, que hè o mayor negocio de noſſas Almas! Eſta conſideraçaõ Chriſtaã nos eſtimula ainda huma generoſidade gentilica: dizia Seneca de ſi, que era mayor, e naſcido para mayores couſas, que ſer eſcravo de ſeus ſentidos: *Maior ſum, & ad maiora natus, quàm ut mancipium ſim ſenſuum meorum.*

Senec. Epiſt.

Porèm nem a iſto ſe attende, nem naquillo ſe cuida, quanto convem que ſe cuide. Perde-ſe o mundo, como diz o Eſpirito Santo, por falta de conſideraçaõ: *Deſolatione deſolata eſt omnis terra: quia nullus eſt, qui recogitet corde.* Naõ ha quem examine o fim, para que foy creado, e o ſummo, e infinito bem, para que foy redemido; e como deſejaõ todos naturalmente ſer bemaventurados, cõſtituindo no eſquecimento de Deos bemaventuranças apocryfas em glorias quimericas, em felicidades caducas, todos erraõ o caminho, porque deſviando-ſe do ſummo Bem, e precipitando-ſe no eterno mal, no meſmo que eſcolhem por ſumma felicidade, os colhe a ſumma deſaventura; e aſſim como a terra ſem a luz do Sol fica ſepultada em ſombras, ſem que ſe vejaõ na eſcuridade os perigos: aſſim as Almas ſem a luz da conſideraçaõ ficaõ ſubmergidas em hum mar de trevas, aonde os eclipſes da conſciencia naõ deixaõ ver os males, em que nos precipita a culpa.

Jerem. 12. 11.

O inimigo do genero humano, que invejoſo de noſſos primeiros Pays lhes fez guerra no Paraiſo, a continùa ſempre no mundo:

mundo: e quando naõ póde tirar-nos a Fé, rouba-nos a consideraçaõ; porque faltando esta no mayor interesse da Alma, se perca tudo.

Daqui nasce, que esquecidos os humanos da sua origem, e do seu ultimo fim, e de que devem ser como rios, que do mar sahiraõ, e devem tornar para o mar, se se naõ querem perder, se ficaõ como charcos podres, como lagoas ingratas nas vaidades terrenas, onde, como as agoas no lodo, entranhados no seu vicio, perdem a inclinaçaõ para o seu centro, e por isso deixaõ de correr ao mar da bondade Divina, tendo por summa gloria trocar o amor de Deos em amor do mundo, os desejos do Ceo em suspiros da terra, e em sede do seculo a fome da eternidade.

Naõ olha o peccador a altura, a profundidade, a largura, e o comprimento das cousas eternas, e futuras: naõ olha para cima, naõ fita os olhos da Alma, como Aguia espiritual, nos gostos da celeste Patria: naõ olha para baixo, considerando o profundo carcere da eterna pena: naõ olha para diante, estendendo a consideraçaõ no comprido campo da vida eterna: naõ olha para traz, lembrando-se do pó da terra, de que Deos o levantou, da regiaõ do nada, donde sahio, da torpe vida, com que de Deos se esqueceo, dos auxilios, dos Sacramentos, dos beneficios, que esperdiçou, e da bondade, paciencia, e misericordia, com que o Senhor o soffreo. Naõ olha para dentro de si, por isso naõ vè a imagem, que pôs nelle, como em espelho, a Divina formosura, nem a mancha, que contrahio em peccaminosas torpezas: põem os olhos sómente nas superficies douradas desta apparencia caduca, com que a vaidade se engana: cega-se na perdiçaõ aprazivel da temporal vãgloria: vai-se-lhe o coraçaõ atraz do cego feitiço dos gostos desta vida; e daqui vem esquecer-se totalmente da eterna Beaventurança, a modo de peixe simplez, vendo no mar a sombra do Sol, da Lua, e das Estrellas, corre com grande gosto ao vaõ simulacro das sombras, e com ellas se abraça, e se contenta, sem se lhe dar do Original, que he taõ differente, quanto vai do mar ao Ceo, da verdade á mentira, da substancia á figura. Assim no mar do mundo se abraça, e contenta o peccador miseravel com qualquer bem temporal, que he huma sombra do eterno, e como anda neste mar mettido, a troco de viver como peixe na agoa, naõ estranha as amarguras da consciencia, nem solicita outra gloria, mais que estas sombras aereas, que em sombras eternas

paraõ,

paraõ, e em fogo eterno se mudaõ, se purgaõ.

Se pois o peccador alguma hora sondara bem este mar, e pezara bem o que saõ os falsos bens desta vida, facilmente vira, que os mesmos bens do mundo nos dizem, que naõ saõ verdadeiros bens. Seneca com ser Gentio disse: *Non nascitur ex bono malum, non magis quàm ex ficu olea: ad semen nata respondent: bona degenerare non possunt.* Dos bens naõ nascem males. Todos os bens do mundo se reduzem a tres generos de bens, riquezas, delicias, e honras: *Omne, quod est in mundo, concupiscentia carnis est, & concupiscentia oculorum, & superbia vitæ.* Das honras nascem perigos, das riquezas desassocegos, das delicias damno; quasi sempre nasce tambem das riquezas a cobiça, das delicias a luxuria, das honras a soberba; e quasi sempre pára a soberba em ruina, a luxuria em torpeza, a avareza em eterna desaventura. E finalmente todos os bens do mundo appetecidos saõ ancia, gozados fastio, perdidos magoa, castigados inferno. Se pois os bens desta vida produzem males, como pódem ser verdadeiros bens? Se nos fazem mal, e se convertem em mal, como pódem ser bons? E se dos espinhos se naõ colhem uvas, nem figos dos abrolhos, colhendo dos bens temporaes quasi sempre males temporaes, e muitas vezes males eternos, como nos parecem bem?

Senec. Ep. 30.

1. Joan. 2. 16.

Naõ taõ sómente nos fazem mal os bens do mundo, senaõ que nos fazem máos. Quem fez a Faraó cruel, e obstinado? O poder, e Monarchia. Quem a Nabuco blasfemo? A felicidade, e victoria. Quem aõ Rico avarento? As riquezas. Quem ao Prodigo lascivo? As abundancias. Quem a David adultero? O mimo, e demasiado regálo. Quem a Saul soberbo, e invejoso? A grandeza, a que se vio constituido. Quem a Lucifer soberbo, e altivo? A formosura, e sciencia, com que se desvaneceo. Quem a Adam desobediente? O Imperio, e a Magestade, com que Deos o exaltou. Quem a Salomaõ idolatra? As delicias, com que vivia. Quem a Sodoma abominavel, a Ninive escandalosa, a Jerusalem ingrata? Suas mesmas opulencias, de que nasceraõ horrendas culpas.

Pelo fructo se conhece a arvore, pelos effeitos conhecemos as causas, e a natureza, e essencia de cada hum pelas suas obras: *Eodem modo, quo res se habet ad essendum, se habet ad operandum. Ad semen nata respondent.* O Sol mostra, que he Sol no que allumia, [este he o seu effeito formal] o fogo mostra,

Aristot. Senec.

ſtra, que he fogo, no que aquenta, a agoa moſtra que he agoa, no que esfria, a triaga moſtra que he triaga, no que cura. Se pois a triaga nos matara, como a tiveramos por triaga? Se a agoa nos abrazara, como a tiveramos por agoa? Se o fogo nos esfriara, como o tiveramos por fogo? Se o Sol nos deixara ás eſcuras, como o tiveramos por Sol? Logo ſe naõ devemos ter por Sol o Sol, que naõ allumia, por fogo o fogo, que naõ aquenta, por agoa a agoa, que naõ esfria, por triaga a triaga, que naõ cura, como temos por verdadeiros bens, huns bens que nos fazem máos, e mal, e taõ grande mal, que nos apartaõ do ſummo Bem? Huns bens quimericos, e fallidos, que ainda que pareçaõ Sol, naõ ſaõ mais que ſombra, quando muito ſombra do Sol, e naõ Sol, ſombra do fogo, e naõ fogo, ſombra de agoa, e naõ agoa, ſombra de triaga, e naõ triaga? Parecem Sol que luſtra, e ſaõ Cometa que ameaça: parecem Eſtrella que brilha, e ſaõ exhalaçaõ que corre: parecem flor que deleita, e ſaõ eſpinho que laſtima: parecem luz que nos namora, e ſaõ relampago que nos cega: parecem diamante que dura, e ſaõ vidro que eſtala: parecem ſubſtancia que exiſte, e ſaõ ſombra que deſapparece.

Se pois naõ ſaõ mais q̃ ſombras, quem pela ſombra do Ceo quererá deixar o Ceo? Quem pelas ſombras do ouro o ouro? Quem pela ſombra da fonte, tendo ardente ſede, deixou a fonte? Quem pela ſombra das perolas, dos diamantes, das flores, e das luzes, deixou as luzes, flores, diamantes, e perolas? E que deixemos nós o ouro da Bemaventurança pela ſombra, que nos leva á ſumma deſaventura! A fonte da graça, a flor da gloria, a perola do Ceo, o diamante do ſummo Bem, a luz da eternidade, por huma ſombra traidora, que a penas ſe nos repreſenta em breve eſimera de glorias, quando ſe nos deſvanece em leve vagado de nada! Oh erro poucas vezes conhecido no mundo, mas ſempre chorado no inferno!

Ainda porèm, que foraõ verdadeiros bens do mundo, naõ ſe devia fazer caſo de huns bens, a que falta a duraçaõ. A vida paſſada (differaõ os condenados) que era como neve a: *Vita noſtra... ſicut nebula diſſolvetur*, a gloria como fumo, a idade como flor, o tempo como ſombra, os contentamentos como ſonho; e até em quanto a vida dura, morremos a cada momento para a meſma duraçaõ da vida: *Per exigua feſtinantis ævi momenta permorimur.* He hum momento tudo o que nos delei- Sap. 3.

D.Gregor. leleita : *Momentum est quod delectat.* He huma eternidade o que nos atteaça, e penaliza : *Æternum quod cruciat.* He hum ponto indivisivel o que se dura: Senec. *Punctum est, quod vivemus.* E ha quem faça cazo deste sonho, que em lagrimas se nos solta, deste ponto com que o demonio nos ata, deste momento, que a huma eternidade se arrisca, desta flor, que cada hora se murcha, deste fumo, que toda a vida nos cega, desta sombra, desta nevoa, que taõ depressa passa? Oh cegueira! oh miseria summa!

Digaõ-me os mortaes, quanto dura ao guloso o sabor, ao lascivo o deleite, ao desvanecido o applauso, ao vaõ o passatempo, ao sensual o gosto? Naõ passa num instante tudo? Fica alguma cousa mais de tudo o que se goza, que huma saudade, ou magoa que fica, e huma vaidade que passa? Naõ he certo que fica o peccado para verdugo, e se vai o gosto para o tormento? Que saõ pois as glorias da vida mais que huma hera de Joan. 6. Jonas, que em huma noite nasceo, e em huma noite acabou! Heras de Jonas saõ, promettem-se-nos por eras, e acabaõ-se-nos por horas. Naõ podemos com verdade dizer: Este gosto he; quando muito podemos dizer: Este gosto era. Saõ imperfeitos os seus tempos, porque nunca passaõ de era. Hera que como folha se vira, e como folha se murcha, e arrebata do mesmo vento da vida, cahe, e se resolve em nada.

Saõ finalmente os bens do mundo, como estatuas de Nabuco, onde toda a gloria do mundo appareceo em figura: em sonhos appareceo, e desappareceo em moinha arrebatada do vento antes que se acabasse o sonho: *Redacta quasi in favillam aestiva area, quæ rapta sunt vento.* Para que vissemos que nem por sonhos dura a gloria vaã deste mundo, e que nos desenganasse em pó, e moinha o mesmo, que nos enganou em estatua: porque a desprezasse em vento, quem a suspirou em idolo. Foy somno, e naõ acordo; figura, e naõ substancia; apparencia, e naõ realidade: para que a mesma figura da vaidade do mundo fosse despertador do nosso desengano.

Mortaes enganados, e pervertidos, aquelles que estais em culpa, amando a perigosa mentira da felicidade mundana, quem vos move? Quem vos attrahe? Quem vos enfeitiça? He por ventura mais ouro? Isso deo a terra a huma mina. He a formosura? Isso deo o campo a huma flor. He a estimaçaõ? Isso deo a gente a huma pedra, que isto he o melhor diamante. He a ostentaçaõ, e a pompa? Isso deo

deo o ar a huma nuvem. He a altura do eſtado? Iſſo deo o mundo a huma grimpa. He a valentia? Iſſo deo o monte a hũa fera. He o veſtir ſedas? Neſtas ſe amortalha hum guſano. Saõ as letras, e as ſciencias? Iſſo achareis n'um livro. He a vida, e a ſaude? Iſſo tem na ſua cova hum bruto. He o regálo do comer? Iſſo tem na podridaõ hum bicho. He a opiniaõ, e nome entre os homens? Iſſo tem Alexandre Magno no inferno.

Como pois he poſſivel que ao homem racional lhe ſirva de ſummo bem aquillo, que he cõmum á terra, e ao ar, ao papel, ás pedras, ás hervas, aos brutos, aos bichos, e aos condenados; aos quaes toda a gloria, que poſſuiraõ no mundo, ſerve agora de mayor tormento? O ouro ſome-ſe, os diamantes perdem-ſe, as flores agonizaõ, as nuvens deſapparecem, as grimpas mudaõ-ſe, os livros rompem-ſe, as feras mataõ ſe, os bichos morrem, os Alexandres condenaõ-ſe; e ſendo cada felicidade deſtas hum perigo da natureza, e huma vaidade da culpa, como ſerá razaõ que as faça o noſſo cego appetite huma injuria da graça, e huma abominaçaõ da gloria? Oh ignorancia! Oh cegueira! Oh malicia! Oh perdiçaõ! Oh extrema deſaventura!

Peccador, naõ he verdadeiro bem aquelle, que naõ dura; como dizia S. Jeronymo: *Nihil bonum, niſi perpetuum.* Nada he bom mais que ſó o Eterno. Bem que naõ nos mata a ſede, naõ he bem verdadeiro. Huma pinga de agoa naõ mata a ſede, antes faz mayor a ancia: huma gotta de orvalho accreſcenta na fornálha o incendio. Todo o mundo he huma pinga de agoa, he huma gotta de orvalho para accender, e accreſcentar a ſede, em que ſe abraza a Alma por lograr o ſeu ultimo, e verdadeiro bem. Se atégora pois deſalumbrado amaſte a gloria do mundo como fim ultimo, deixando por eſte engano com teus peccados aquelle ſummo Bem, para que foſte creado, e redemido com o ſangue de meu Senhor Jeſu Chriſto, troca o amor, e chora o aggravo, que fizeſte a Deos, que he teu ſummo Bem, e dize de coraçaõ: Div. Hier.

Meu Deos, e meu Senhor Jeſu Chriſto, ultimo fim, e ſummo bem meu, a quem como cego offendi, e como perverſo aggravei, peza-me, Senhor, muito de coraçaõ de vos haver offendido: doo-me, e magoo-me muito; e ſenaõ he quanto devo, ao menos quanto poſſo, da offenſa que vos tenho feito: naõ me peza tanto, meu Deos, pelo grande inferno, que tenho merecido, quanto pela grande injuria, com que a Voſſa Mageſtade tenho aggravado, fazendo

fazendo como ignorante, e cego da malicia meu ſummo bem, da torpeza, e dos goſtos, e bens deſta miſeravel vida a minha bemaventurança. Oh prouvèra a vós, meu Deos, que vos agradaſſe, que eu neſta hora morreſſe com dor da culpa, ja que antes de vos offender naõ morri primeiro, que eſſe fora agora o meu goſto! Proponho firmemente a emenda da minha vida com voſſa graça, eſpero alcançar perdaõ de minhas culpas pelos merecimentos de voſſa Paixaõ ſantiſſima.

DISCURSO II.

Os beneficios da creaçaõ, os conſelhos da Eſcritura, os aviſos da natureza, as ſignificaçoens da graça, e perſuaſoens da gloria nos obrigaõ a amar como ultimo fim a Deos.

NInguem obra alguma couſa, diz o Filoſofo, que naõ ſeja por algum fim: *Omne agens operatur propter finem.* Faz-ſe a caſa, para que nella ſe more, a horta para que fructifique, o jardim para que deleite, a guerra para a paz, a batalha para a victoria, a fortaleza para a defenſa, a ſementeira para a ſeara. Tudo quanto Deos fez foy por amor de ſi: *Univerſa propter ſemetipſum operatus eſt Dominus*, porque de tudo quiz ſer ultimo fim, aſſim como de tudo he principio: *Ego ſum Alpha, & Omega, principium, & finis.* O fim ultimo, para q̃ Deos creou o homem, como enſina Santo Agoſtinho, foy para conhecer, amar, e ſervir a Deos neſta vida, e para o ver, amar, e gozar eternamente na outra. Para iſſo nos tirou dos abyſmos do nada, donde a infinita Omnipotencia pudera tirar infinitas outras creaturas, que muito melhor o ſerviraõ, deixando eſtas por ſeus profundos myſterios, e independencia ſuprema, que naõ tem neceſſidade de nenhumas.

Prov. 16. 4.

Iſai. 41. 4. Apoc. 1. 8.

Creou-nos á ſua Imagem, e ſimilhança capazes de ſua gloria, e de ſua viſta: dotou-nos de potencia, e de ſentidos, dando-nos memoria, para que delle nos lembraſſemos, entendimento, para que o conheceſſemos, vontade, para que o amaſſemos, imaginaçaõ, para que o trouxeſſemos preſente, olhos, para que viſſemos ſuas obras, ouvidos para que ouviſſemos ſuas palavras, lingua para que louvaſſemos

ſuas

ſuas grandezas, e as mais faculdades da Alma, e do corpo, para que nos admiraſſemos em ſuas maravilhas, e agradeceſſemos ſuas miſericordias.

Fez o Ceo para ſerviço do homem; e neſte mandou, que naõ paraſſe o Sol, a Lua, e as Eſtrellas: o mar, o fogo, o ar, e todas as mais creaturas: fez-lhe naõ ſó communs, mas particulares beneficios: deo-lhe Anjos para ſua guarda: veyo ao mundo morrer por elle: da-lhe auxilios, com que a cada inſtante o acorda: da-lhe para alimento da Alma ſeu Corpo, e Sangue neſta vida; promette-lhe a perduravel, e eterna; e tudo iſto lhe offerece ſem dependencia ſna, nem merecimento noſſo: antes merecendo o peccador, quantas vezes pecca, que o lance nos infernos, onde deitou os Anjos do Ceo por hum ſó peccado, nos eſpera ſem que lho peçamos, nos chama quando lhe naõ reſpondemos, nos buſca, ao paſſo que lhe fugimos, e nos ſoffre tantas vezes, quantas o deſprezamos no peccado, com que quebramos ſeus Mandamentos, á troco de ver ſe alguma hora nos arrependemos: diſſimula, para que o peccador ſe arrependa, embainha a eſpada de ſua ira, para que entretanto cada qual abrace a miſericordia; e quanto obra a ſabedoria, a omnipotencia, a miſericordia, e a bondade nas ſuas creaturas; ſe encaminha a que conheça o homem quanto deve a Deos, que o ame como ſummo bem, e ſó por elle ſuſpire como ſeu ultimo fim. Põem-nos cada dia o Ceo diante dos olhos, para que erguendo-os á celeſte Patria, ſuſpiremos pela eterna vida, e deſprezemos a caduca, que periga entre dous caminhos da eternidade do Ceo, e da eternidade do inferno.

Oh quantos com eſta conſideraçaõ povoaraõ os ermos da Thebaida, e da Paleſtina, convertendo em Cidades de Deos aquellas ſolidoens, e deſertos; e fazendo caſas dos ſepulchros, e concavidades dos montes, ſe enterravaõ para a vida na flor dos annos, e viviaõ junto de hum penedo, como ſe foraõ outro penedo: taõ mortificada a carne, taõ crucificado o eſpirito, que eſquecidos da ſua natureza ja naõ ſentiaõ os rigores do Sol, e do frio, dos ventos, e das neves, as inclemencias do Ceo, e da terra; antes accreſcentando o numero aos troncos, a ſolidaõ aos penhaſcos, viviaõ em ſuave ſilencio, convertendo o mais aſpero daquellas rochas em laminas do Paraiſo! Alli ſe viaõ orar, e arrebatar os Paulos, os Hilarioens, os Jeronymos, e Antonios: alli chorar as Pelagias, e Marias Egypciacas: alli fazendo penitencias famoſas os Paco-

Pacomios, e os Macarios: alli postos em campanha contra o inferno hum sem numero de espiritos: alii desprezando o mundo, e os seus enganos, suspirado o Ceo, pertendido summamente aquelle summo bem, e totalmente aborrecido o peccado, que he das Almas o mayor mal, era Deos summamente amado, querido, e louvado.

Oh quantos ainda arrebatados deste conhecimento trocaraõ a hollanda pelo cilicio, a purpura pela mortalha, o brocado pelo burel, a téla pela estamenha, as sedas molles, e brandas pelos vestidos asperos, e grosseiros; para que ainda no exterior mostrassem que seguiaõ o pendaõ de Jerusalem, naõ o estandarte de Babylonia, naõ a pompa do demonio, senaõ a Cruz de Christo!

A este amor de Deos nos incita a Escritura, nos move a natureza, nos clama a graça, que o Senhor nos dá, nos persuade a gloria, que nos promette, nos instaõ todas as crearuras, que miudamente nos gritaõ. Quanto ao primeiro, incita-nos a Escritura em muitos lugares. Deuter. 6. *Diliges Dominum Deum tuum ex toto corde tuo.* Amarás a Deos de todo o teu coraçaõ. Eccles. 13. *Omni vita tua dilige Deum.* Amai a Deos por toda a vossa vida. S. Mattheus, S. Luças, S. Joaõ em seus Evangelhos repetem os mesmos preceitos, accrescentando S. Joaõ que amemos a Deos, porque elle primeiro nos amou a nós. E assim destes, como de outros lugares nos faz obrigaçaõ de amá-lo, como ultimo fim, para que usemos de tudo, e só nos gozemos em Deos.

Matth. 22. Luc. 10. Joan. 4. 1. Joan. 4.

Segundo, move nos a natureza, porque dentro de nós mesmos clama a obrigaçaõ natural, que temos de amar sobre tudo aquelle Senhor, a quem naõ ignoramos que devemos tudo. Se naturalmente ama o filho ao pay, a quem deve parte do seu ser, quanto mais devemos amar a Deos, que tirou do nada nosso corpo, e Alma, e nos deo como Pay superior todo este ser, que temos? *Amandus est generator*, [diz Santo Agostinho] *sed praponendus est Creator.* Mais devo a quem me creou de nada, que a quem me fez alguma cousa. Se te parece pouco crear-te, considera com S. Bernardo qual te fez quanto ao corpo, excellente creatura, em quanto á Alma superior cousa: porque he insigne imagem de Deos, participante por graça da Divina natureza, capaz com o lume da gloria da eterna Bemaventurança; tudo isto fez com artificio incomprehensivel, com sabedoria ineffavel: sem necessidade sua, porque naõ ha mister nada nosso; sem merecimento nosso,

so; sem merecimento nosso, porque se de antes naõ eramos, antes nada mereceriamos. Cada parte do nosso corpo, cada sentido nosso he hum beneficio Divino, e por qualquer que só lhe deveramos, deviamos amar a Deos com os mayores extremos.

Se hum homem perdera hum dos olhos, hum pé, huma maõ, hum braço, quanto amaria aquelle que lho restituira, e puzera no estado que dantes era? E se o que merecia lhe tirassem os olhos, lhe cortassem o braço, decepassem o pé, quanto amara a quem lhe impedira o castigo, e desviára o tormento? Naõ he menos, antes muito mais para a amar aquelle immenso Deos, que desde o principio da vida nos deo, e nos conservou os olhos, as maõs, os pés, e os braços a o mesmo passo, que empregando-os em sua offensa, mereciamos que nos qrebrassem os braços, nos decepassem os pés, nos cortassem as maõs, e nos tirassem os olhos. O que digo dos olhos, cuidai dos outros sentidos, e membros do corpo humano.

E se tanto he para amar o Creador do corpo, quanto será mais para amar quem nos creou a Alma, que infinitamente he melhor que o corpo? Se perdereis o uso da razaõ, e o entendimento, quanto amarieis a quem vo lo tornara? Quanto será pois para amar, quem desde nosso principio nos deo o entendimento, e o uso da razaõ? Naõ he menos para amar quem vos dá a capa nova, do que quem vos restitue a velha perdida. Se merecereis por hum crime a morte, que he separaçaõ da Alma do corpo, quanto amarieis áquelle, que vos perdoara a morte, e do corpo vos naõ separara a Alma? Logo quanto mais he para amar aquelle bom Deos, e Senhor, que unio a vossa Alma, e o vosso corpo, e nesta uniaõ a conserva até quando mereceis com vossos peccados a morte, e separaçaõ da Alma? Digno he, Senhor Jesus, de morrer perdendo-vos, quem recusa viver amando-vos, exclamava neste passo S. Bernardo: *Dignus planè est morte qui tibi, Domine Jesu, recusat vivere.*

Que imagem naõ amara o seu Artifice, se tivera entendimento para o conhecer, vontade para o amar? Fez-vos Deos á sua imagem, e similhança com entendimento, e vontade; quem ha, que tenha entendimento, se nelle naõ cuida? Quem ha, que tenha vontade, se o naõ ama? O filho, que he mais similhante ao pay, mais o ama, e he mais amado delle: logo esta natural similhança a amar a Deos nos inclina.

Até a figura do homem o persuade que ame a Deos. Fez Deos os animaes com a face para a terra, para que andando com os olhos nella, como prostrados, nella buscassem o pasto, nella o seu gosto. Fez o homem em figura recta com a face para o Ceo, para que no Ceo trouxesse os seus olhos: *Non habeamus faciem sursum*, [exclamava S. Bernardo] *& cor deorsum.* Naõ tenhamos pois a face no Ceo, e o coraçaõ na terra: se os olhos estaõ para cima, naõ fique o coraçaõ para baixo, siga o coraçaõ os olhos, que tantas vezes deraõ apoz de si o coraçaõ; demos pelos avisos da natureza, naõ desattendamos ás significaçoens da graça: e especialmente a graça, que nos fez na redempçaõ, com que o Senhor Jesus nos libertou, e nos comprou, dando-se a si por nós.

A graça do teu fiador, diz o Espirito Santo, naõ te esqueça nunca, pois deo por ti a sua vida: *Gratiam fidejussoris ne obliviscaris, dedit enim pro te animam suam.* E S. Paulo: Sabeis a graça de nosso Senhor Jesu Christo, que vos fez em se fazer pobre, sendo rico, para que vós na sua pobreza tiveseis a mayor riqueza? Posto que muito obrigue ao homem para amar a Deos considerar que Deos o formou, muito mais o deve obrigar, ver que Deos o reformou. Pouco aproveitara creá-lo, se faltara o redemí lo: nada valeraõ os dotes da natureza, se naõ se aperfeiçoara com os seguros da graça. Por isso inferia S. Bernardo: *Si totum me debeo pro me facto, quid addam pro me refecto, & refecto hoc modo?* Se todo me devo a Deos, porque me creou, quanto mais me deverei, porque me remio por hum taõ admiravel modo, que me obrigou de todo: *Quid retribuam Domino* [perguntava-se David a si] *pro omnibus, quæ retribuit mihi?* Que hei de dar a Deos pelo que segunda vez me deo? Como se differa: Todo me devo a Deos pela creaçaõ, nada tenho que lhe dar pela redempçaõ: na primeira obra da natureza deo-me muito, porque me deo todo a mim; na obra da graça da redempçaõ devo-lhe infinitamente mais, porque me deo todo a si, e onde se me deo a si, a mim me restituio a mim: logo dado, e restituido a mim por mim me devo, e deverei, que darei pois a Deos por si? Se mil vezes me pudera dar a este infinito Senhor, ainda assim naõ dava nada, visto que em sua comparaçaõ sou cousa nenhuma.

Ecclesi. 29. 20.

Galat. 2.

Ps. 115. 12.

Como dormes, Alma miseravel, tendo á vista este beneficio? Como naõ ouves o clamor da graça sobre os gritos da natureza?

za? Moveraõ-se as pedras na Paixaõ de Chriſto, tremeo a terra, abriraõ-se as ſepulturas, eclipſou-ſe o Sol, e a Lua, moveo-ſe o firmamento, o ar, e todas as creaturas inſenſiveis, ſem que Chriſto morreſſe por ellas; e tu, a quem ſe concedeo eſta graça, por quem ſe fez eſta fineza, naõ te moves, naõ te obrigas? Sem duvida que es mais duro que as pedras, mais inſenſivel, que os marmores, e que as creaturas todas? Sinal he de morto faltar o ſentimento, morta vive a Alma no ſepulchro vivo do corpo, ſe naõ ouve eſte clamor da graça de Jeſu Chriſto: ſe naõ ouve as blasfemias, os gritos, os clamores, as irriſoens, e eſtalos dos azorragues, com que o Senhor Jeſus foy por todos, e qualquer Chriſtaõ eſcarnecido, açoutado, morto, e crucificado, ſurdo he de eſpirito, mouco de entendimento, inſenſato de Alma, e incapaz da eterna gloria. O fogo com nenhuma couſa ſe accende melhor, que com outro fogo: ainda que foramos agoa, deviamos ferver, e arder no amor do noſſo Deos, abrazados no fogo daquelle immenſo amor, que nos moſtrou em ſua Morte, e Paixaõ.

Perſuade-nos a meſma gloria; porque ſe tanto nos leva, e enleva a mundana para encaminharmos a ella, como para fim, as acçoens da noſſa vida: que naõ devemos fazer por alcançar aquelle ultimo fim, que nos coroa por amar aquelle ultimo fim, que he principio de huma gloria eterna? Se ſaõ taõ amigos de gloria naturalmente os homens, como naõ trabalhaõ por aquella gloria ſobrenatural, que a Fé lhes enſina, o amor de Deos lhes offerece, e que ſem o entenderem tudo anelaõ noſſas Almas? Se pela gloria temporal, e caduca ſe daõ tantos paſſos, como pela eterna ſe fazem taõ poucos extremos? Deos he como Labaõ, a gloria, como Rachel: he neceſſario antes de gozá-la ſervir a Deos para merecê-la. Se muitos annos a Jacob, pelo amor que tinha a Rachel, pareciaõ poucos dias; como he poſſivel que breves horas, que gaſtamos em ſervir, e amar a Deos, nos pareçaõ muitos annos? Ora ſe nos naõ perſuade a razaõ, movaõ-nos os exemplos. Quem chamou tantos ao martyrio, ſenaõ a eſpera do eterno triunfo? Quem a tantas penitencias fez ſuave o trabalho, ſenaõ a repreſentaçaõ do premio? Quem a tantos Santos fez ambiçaõ das penas, ſenaõ a conſideraçaõ da gloria? Quem adoçou a S. Pedro a Cruz, a S. Paulo o cutello, a Santo André as aſpas, a S. Lourenço as grelhas, a Santa Catharina as rodas, ſenaõ a pro- Gen. 29.

messa daquella gloria, porque morren os escolhidos, e suspiraõ os predestinados?

Que tens feito, peccador, cheyo de beneficios por este bem supremo? Aspiras a este bem? Suspiras por este fim? Aborreces ja o mundo? Choras, e alegras-te quando te lembras do Ceo? Amas aquella celeste Patria, Reyno dos escolhidos? Folgas de cuidar na gloria dos predestinados? Louvas muito a Deos por suas misericordias? Ora arrepende-te, e pede-lhe perdaõ das tuas culpas. Senhor meu Jesu Christo, &c.

DISCURSO III.

Como as creaturas nos ensinaõ a amar a Deos em seus beneficios, e exercicios.

CLamaõ-nos todas as creaturas, que amemos como summo Bem a Deos. A todos dizem o mesmo, diz tambem Santo Agostinho, para que nenhum tenha escusa: *Cœlum, & terra, & omnia, quæ in eis sunt, ecce undique mihi dicunt ut te amem; nec cessant dicere omnibus, ut sint inexcusabiles.* De dous modos nos daõ as creaturas esta liçaõ, o primeiro mostrando-nos que he Deos dignissimo do nosso amor, o segundo mostrando que todas ellas saõ dons, e beneficios de Deos.

Augustin. Conf. lib. 10.

Quanto ao primeiro, a mesma bondade de todas as creaturas do mundo, que da Omnipotencia foraõ obra, mostraõ a superior bondade do seu Creador, e por isso de todo o amor dignissimo: a formosura do Sol, da Lua, das Estrellas, das flores, das perolas, dos diamantes, que nos dizem, mostrando a obra das maõs Divinas, senaõ que saõ humas migalhas, ou faiscas da Divina formosura, huma pègada, como lhe chama Santo Thomaz, da infinita belleza de Deos? *Vestigium Creatoris.* Todas dizem isto com aquellas palavras: O Senhor nos fez a nós, e naõ nós a nós: *Ipse fecit nos, & non ipsi nos.* Naõ te admires, peccador, em mim, olha, considera quem aqui me pós, quem assim me fez; o dedo de Deos andou por aqui: *Opera digitorum tuorum.* Se isto foy hum toque dos dedos, a maõ toda que será? Se isto he só o vestigio, que sobre o nada ficou impresso, que será a impressaõ do

D. Thom.

Psalm. 99. 3.

Psalm. 8. 4.

do seu pé formoso: Se taõ formosa he a sombra, que será a luz? Se taõ bello he o rayo, que será o Sol? Se todo este mundo he huma pinga, que será o mar daquella belleza immensa? Se este he grosseiro debuxo, que será o Original Supremo? Vedes como desta maneira nos clama o Ceo, a terra, o mar, o vento, o fogo, e em fim todas as creaturas, que amemos a formosura de Deos? Que fazes pois, peccador, que em amor te naõ desfazes?

O segundo modo, com que nos fallaõ, he, dizendo-nos mudamente, que todas saõ dons, e beneficios de Deos, com que attrahe aos homens, assim como se attrahe a ovelhinha com o ramo, o menino com o brinco, o peixe com o engodo. Para incitar huma pessoa a que lhe queira bem outra, mais efficazes saõ as dadivas, que as palavras: o presente, ou a joya, que vos mandaraõ, he a melhor palavra, que vos differaõ. Tudo quanto ha, e tudo quanto se vê no mundo, no Ceo, e na terra, creou Deos para logros do homem: o que creou dantes, e o que creou, ou aperfeiçoou depois de crear o homem, tudo lhe pôs debaixo dos pés, ja avinculando-o a seu imperio, ja propondo-o a seu merecimento por premio: para que sobre tudo amasse o homem a Deos, que lhe dera tanto. O fogo tanto arde, quanta he a lenha, que se lhe deita; se a lenha he muita, he o fogo muito, se menos a lenha, tambem o fogo he menos: *Secundùm ligna exardescet ignis.* Grande deve de ser logo nas nossas Almas o fogo do amor Divino, pois por lenha tem tantos beneficios de Deos, quantas saõ as creaturas. Eccles. 28.

Olhay, e considerai para que se move o Ceo andando continuamente numa roda viva: perguntai universalmente a todas as creaturas: Ceos, para que vos moveis? Sol, para que luzis? Lua, para que brilhais? Estrellas, para que influis? Fogo, ar, vento, nuvens, mares, ondas, campos, arvores, aves, peixes, e em fim creaturas do mundo, para que sois, que officio tendes, que fazeis? Responderá o Ceo: Eu ando numa roda viva para teu beneficio; porque sem o movimento do Ceo, e dos Astros fora infecunda a terra. Differa o Sol, a Lua, e as Estrellas: Toda a nossa luz, e movimento he para te servir com o influxo. Differa o fogo: Eu tenho por officio aquentar-te, e fazer-te de comer. Differa o ar: Eu te dou a respiraçaõ, e o fogo. Differa o mar? Eu te dou os peixes, e te trago as mercancias das terras mais remotas; se eu naõ fora, menos riqueza fora a tua. Differa a ter-

ra: Eu fuy creada de Deos para te dar o sustento, regalar com fructas, enriquecer com minas, agasalhar com casas. Differaõ as aves, as flores, os peixes, os animaes: Para teu regálo, para teu deleite, para teu uso, e para teu serviço nascemos todos, e este he o officio, que temos.

Vede como vos dizem as creaturas, sendo dadivas de Deos, que ameis este Deos, que tanto vos dá no desterro, e promette mais na celeste Patria. Eis-aqui a lenha das creaturas, com que Deos mandou que cada dia no altar de nossos coraçoens ardesse o fogo Divino do amor de Deos: *Ignis in Altari meo semper ardebit.* Este he o fogo, que Christo Senhor nosso veyo metter na terra, e que queria que ardesse sempre, e de continuo se accendesse: *Ignem veni mittere in terram, & quid volo nisi ut accendatur?*

Levit. 6.

Luc.

Aquelles, que se naõ movem a amar a Deos por tantos beneficios, como lhes participaõ as creaturas, saõ, sem duvida, peyores que as féras. Até os caens, diz Seneca, amaõ a seus bemfeitores: *Ecce etiam canes amant benefactores suos.* Conta-se de hum Leaõ, a quem livrou hum Soldado de huma serpente, com que estava brigando, que nunca mais se quiz apartar do Soldado, mostrando o seu agradecimento em lhe andar sempre ao lado. Que escusa teraõ logo aquelles, que, deixando a seu Redemptor, se unem com a serpente infernal? As gottas de agoa, que cahem continuamente sobre huma penha dura, fazem móca nella, e se deixa cavar, e abrir da ternura, e mollidaõ da agoa: que escusa pois teraõ aquelles coraçoens de pedra, que se naõ abrandaõ com a continua corrente da beneficencia Divina? Peyores saõ que as féras, que os marmores, bronzes, e penhas. Se qualquer outro homem como vós, vos dera a luz deste Sol, que vedes: a agoa que bebeis: o vestido que vestis: a vista do Ceo, do mar, dos rios, da terra, com que tanto vos recreais; que obrigaçoens, que amor tivereis, e confessarieis a este tal homem? Como he possivel pois que devendo tudo isto, e infinitas mais, e mayores obrigaçoens a Deos, de cuja liberal maõ tendes quanto tendes, deixeis de lhe pagar em amor, que tivereis a qualquer outro bemfeitor? Mas he possivel; porque ainda mal, que amamos mais a quem devemos menos; e a Deos, de quem procedem tantos beneficios, lhe pagamos em offensas como ingratos, vis, e baixos.

12. 49. Senec.

Naõ só nos clamaõ as creaturas com os beneficios, tambem nos incitaõ a amar a Deos, quã-

do

do ſervem de flagello: o Ceo veſtido de carrancas, o ar armado de bandeiras negras, o fogo eſgrimindo rayos, a terra facudindo terremotos, o mar ameaçando diluvios, o Sol eclipſado, a Lua amortecida, as Eſtrellas macillentas, os campos eſtereis, as arvores defuntas, as flores feitas cadaveres, e finalmente cheas de horror, e aſſombro todas as creaturas, que he o que nos clamaõ, que he o que nos gritaõ! Peccador, converte-te a Deos, teme a Divina juſtiça, aproveita-te da penitencia, naõ eſperdices a Divina miſericordia. Se tudo contra ti ſe arma, o Ceo, a terra, os elementos, eſtando Deos mal cõmigo, quem ſerá por ti? Que falta ja ſenaõ que a terra ſe abra, que a morte te arrebate, que o inferno te ſubverta? As fomes, as peſtes, as temporaes calamidades, as guerras, e deſaventuras, as affrontas ſaõ hum ſilencio, que grita, e huma Rhetorica muda, para que ſolicites a emenda.

Gen. 7. As agoas do diluvio por quatro dias em quanto naõ aſſolaraõ o genero humano, eraõ hum quartel para o arrependimento. As pragas de Egypto, que eraõ azorragüe para os obſtinados, eraõ deſpertador para os convictos. As ſerpentes de fogo, que no dezerto ameaçavaõ mortes, eraõ aviſo, para que olhando para a ſerpente de metal, e clamando ao Ceo, alcançaſſem melhor vida. As tranſmigraçoens, com que o povo de Deos foy deſterrado da propria terra, eraõ meyos para que puzeſſem o coraçaõ no Ceo. Servem os flagellos de aviſo, para que até os caſtigos ſejaõ eſpiritual remedio. Aquella chaga podre, a que naõ baſtaõ medicinas brandas, põem-ſe-lhe cauterios fortes. Finalmente caſtiga Deos neſta vida a quem naõ quer caſtigar na outra: *Flagellat omnem filium, quem recipit.* Caſtiga, e reprehende a quem ama como a filho: *Quos amo, arguo, & caſtigo.* Nem permitte males em huns, que quando para elles naõ ſejaõ cura, deixem de ſer para outros medicina.

Exod. 7. 8. 9. 10.

Num. 21.

2 Paral. 33. & 36.

Heb. 12. 6.

Apoc. 3. 19.

Naõ ſó os males da pena, mas ainda os da culpa nos movem a amar a Deos como ſummo Bem, dizendo-nos que ſó nelle póde aquietar o amor. Conſiderai o laſcivo no ſeu mayor deleite, vereis que o goſto ſe converteo em triſteza, o appetite em melancolia: e que diz niſto aquelle vicio, que buſcou como ſummo bem? Sem fallar palavra diz: Peccador ingrato, naõ eſtá aqui o ſummo Bem, que buſcas: porque ſe fora ſummo Bem, naõ te cauſara faſtio, nem deſaſſocego, ficaras com mayor goſto, e mais ſatisfeito: e ſe álèm diſto, onde buſcou o

o deleite achou algum damno grave, como muitas vezes succede, que lhe diz aquelle damno? Ho nem cego, buscaste hum bem, e achaste este mal: trata de buscar a Deos, que só elle he sum no Bem; porque o que he bem não faz mal.

Considerai o cobiçoso dos bens terrenos, deseja dez mil cruzados, chegou a tè-los, não descança alli, o desejo já he de vinte, chegou a tè-los, não pára o desejo, quarenta saõ os desejados, deseja mais, crescendo o desejo, e a cobiça, quanto mais lhe accresce de fazenda: *Crescit amor nummi, quantum ipsa pecunia crescit.* Que diz então este vicio? Homem miseravel, se o que põens por fim do teu appetite, se farta cada vez menos, final he que não está aqui o sũmo bem: porque onde está, o desejo pára, a vontade aquieta; busca a Deos, que só nelle, como em centro, terás socego.

Considerai o ambicioso de honras, dai-lhe quantas deseja, vereis que no mesmo ponto, que alcançou o que desejava, voa o appetite a outras, que a mesma ambiçaõ representa: hydropico de dignidades, e enfermo de sua mesma dita, quanto mais desta agoa bebe, tanto mais sede lhe fica. E que lhe diz esta sede? Sede, que não sacia naquillo que procura, e alcança, em outra parte tem o centro; e se fóra de Deos o procuras, nunca acharás o que desejas.

Considerai o mayor Principe do seculo, e com todos os Imperios da terra, que desejou no mundo, e neste ultimo ponto, que havia de ser termo do seu desejo, vè-lo-heis, como Alexandre Magno, ficar vasio, vè-lo-heis chorar a estreiteza da fortuna, com fome de Reynos, e com sede de outros mundos, e quimericas Monarchias. Tem o Imperio fim, e a Monarchia termo, só o desejo o não tem; e este he hum brado mudo, hum grito interior, com que a mesma soberba, e vaidade lhe inculca o Reyno eterno, e a gloria do summo bem. Finalmente parando a mesma soberba em angustia, a lascivia em doença, a pirguiça em ancia, a gulla em fastio, a vingança em homisio, o regalo em apoplexia, a inveja em raiva, a cobiça em miseria, e tudo o mais em extrema desaventura: parece que os mesmos peccados nos prégaõ que não amemos por bem o mal, e que fómente suspiremos pelo summo Bem. Se isto nos dizem os vicios, se isto os peccados, que nos diraõ as virtudes, a razaõ, a Fé, e a certeza, que temos da Divina bondade! Dizem-nos que só em Deos busquemos o summo Bem, porque em tudo o mais

o mais nos acharemos mal. Por isso David dizia a Deos: *Satiabor cùm apparuerit gloria tua.* Só então, Senhor, me posso satisfazer, quando na vossa gloria me vir. Ainda que nasci pastor, e me fizestes Rey, ainda que do mundo, e desta vida gozo a mayor gloria, tudo isto não he mais que hum rasto escuro daquelles bens eternos, huns despertadores de meus suspiros.

Pf. 16. 15.

DISCURSO IV.

Deos he summo Bem, e nelle como nosso centro deve parar o fim, porque obramos, a exemplo das creaturas sensiveis, e insensiveis.

HE Deos summo Bem, mayor infinitamente que todos os bens possiveis ao mesmo Deos. He huma sobredivina substancia, huma formosura infinita, magestade immensa, omnipotencia summa, eterna gloria, ineffavel sabedoria, bondade incomparaval, perfeiçaõ incomprehensivel, incessavel providencia, inescrutavel justiça, sobreimmensa misericordia, inexplicavel doçura, indisivel liberalidade, e infinita infinidade de infinidades immensas de perfeiçoens infinitas, e de infinitos álèns de immenso, de eterno, de ineffavel, de incompresivel.

Naõ ha nos encarecimentos modo, nos hyperboles extremo, nas infinidades circulo, nas eternidades espaço, nas immensidades numero, onde caiba a menor luz, a menor sombra, a menor pinga, o menor rasgo, o menor debuxo do pégo, do mar, do Oceano, do abysmo daquella essencia, bondade, perfeiçaõ, magestade, e formosura divina; em sua comparaçaõ todas as perfeiçoens, bellezas, graças, glorias, maravilhas possiveis ao mesmo Deos, saõ infinitamente menos, que a respeito do Sol hum rayo, do Ceo huma Estrella, da terra huma flor, do mar huma onda, do mundo huma cifra; a seu respeito toda a comparaçaõ parece blasfemia, toda a verdade he mentira, toda a exaggeraçaõ injuria, todos os hyperboles ponto, todas as immensidades sombra, todas as infinidades nada. Por isso diz S. Dionysio Areopagita: Nenhuma cousa explica aquelle invadeavel segredo da sobredivindade

D. Dionys. de divin. nom. c. 13. De myst. Theol. c. ult.

lade de Deos, que sobre tudo sobre essencialmente existe, e supera todo o entendimento. Rectamente dizemos que Deos naõ he vida, nem substancia, nem sabedoria, nem bondade, nem Divindade; porque he outra cousa mais sobreeminente, e sobresuperior do que dizemos. E he como se differa: Divindade he Deos, mas naõ aquella Divindade, que podemos apprehender; bondade he, mas naõ aquella bondade, que podemos considerar: sabedoria he, vida he, substancia he, infinidade, eternidade, immensidade he, mas naõ aquella, que o entendimento póde propor, entender, ou alcançar, ainda que a proponha, e proponha como incomprehensivel; porque tudo isto he hum conceito limitado, hum debuxo grosseiro, hum brutesco tosco daquelle Original sobreimmenso, álèm de sobresoberano, e mais que infinitamente sobreinfinito: he hum discurso de creatura, que dista ménos do nada, que o nada de Deos.

Esta he a razaõ, porque os Doutores sagrados, de dous caminhos, que assinaõ para conhecer a Deos, hum de affirmação de suas perfeiçoens, como he dizer: Deos he bondade, he formosura, he sabedoria; outro de negaçaõ, como agora: Deos naõ he a bondade, que dizemos, naõ he a formosura, que pintamos, nem a sabedoria, que conhecemos, senaõ outra sobre todo o entendimento, sobre toda a infinidade, sobre toda a comprehensaõ; achaõ que he mais decoroso a Deos o modo, com que se nega, do que o modo, com que se affirma.

D. Th. cum aliis DD.

Meu Padre S. Francisco naõ sabendo explicar o conceito, que tinha feito de Deos, dizia na sua oraçaõ: *Deus meus, & omnia, vellem te diligere.* Meu Deos, e todas minhas cousas, tomara amar-vos. Tertulliano parece que naõ dizia peyor, quando fallando neste abysmo de bellezas, e maravilhas, rompeo nestas palavras: *Tu omnia, tu nihil rerum: quem te apellem cùm ineffabilis sis!* Tertul. Vós, Senhor, que sois todas as cousas, e nada de todas ellas, que nome vos hei de pôr, se nada vos póde explicar, porque sois ineffavel! Este summo Bem, que supera quanto se cuida, e quanto se naõ cuida, que ainda taõ mal debuxado he gloria, que suspirado he delicia, buscado bemaventurança, quantas vezes peccador o deixas, o desprezas por hum gosto, que he torpeza immunda, por hum interesse, que he vergonha, por hum pundonor, que he ponto, por huma honrinha, que he ar, por hum capricho, que he riso, e por tudo o mais, que he nada?

Oh

Oh quanto he para sentir, e para chorar, que tantas Almas no mundo deixem este summo Bem até pelo seu mal! Grande cegueira! Summa desaventura! que sendo creado o homem para gozar de Deos, ponha seu coraçaõ na vileza dos contentamentos terrenos, e vire as costas aos Divinos! Se vireis, que hũ homem deixava o ouro por chumbo, diamantes por vidros, as perolas pelas conchas, as flores pelos espinhos, as thriagas pelos venenos, em que opiniaõ, o tivereis? Naõ differamos todos, que estava louco, e fóra de seu sentido? Que diremos pois de todos aquelles, que deixaõ a Deos pelo seu gosto, a verdade pela mentira, a realidade pela apparencia, o summo Bem pelo seu mal, senaõ que saõ insensatos, e gentes sem entendimentos?

Mas ainda que assim sejais, a mesma brutalidade, e insensibilidade suspira por aquelle cẽtro, e fim, para que foraõ creadas todas as cousas, e aquelle extremo, ou esfera, que lhe serve como de fim ultimo, he continuamente o seu mais vivo desejo, o seu natural abalo, o seu mayor movimento, o seu mais vehemente impulso; por mais que alguma contrariedade lhe ponha obstaculos, lhe opponha impedimentos, por tudo rompem, vencendo as difficuldades, sem tomar descanço, até que se vem no centro; e desta maneira, ou nos ensinaõ, ou nos reprehendem do pouco, que fazemos pelo nosso ultimo fim.

Considerai hum rayo fechado no carcere de huma nuvem, e vede com quanto impeto estala, rasgando a nuvem, ferindo o ar, atormentando o vento, estremecendo os Ceos, e atroando o mundo; quando, como vibora ardente, mal parido, se arroja aos ares, se fulmina, se vibra, e se dispara. Naõ parece impaciencia o relampago, o estrondo queixas, o trovaõ bramido? Naõ ha duvida. E se perguntais, porque assim se queixa, se affervora, se arrebata, sem aquietar na nuvem, que o mettia nas entranhas, respondo: Estou na nuvem violento, e como em outra esfera tenho o meu centro, naõ paro em quanto naõ rompo por todas as difficuldades: naõ socego até me consumir, ou chegar ao meu fim ultimo.

Considerai o fogo da polvora incluso em huma mina, vereis que em hum breve instante rebenta furiosamente, arrebatando muros, voando torres, precipitando baluartes, sem que haja na mayor fortaleza obstaculo, que lhe sirva de impedimento, ou defensa a seus impetos: e que vos diz, quando sahe vomitando chammas como de brave-

braveza? Diz com espantoso ruido, que as fumaças saõ colera de ver se prezo, que os incendios saõ festas por ver-se solto, que as ruinas, e aberturas saõ vinganças do tempo, que esteve atado, que o estalido he brado, com que por seu centro suspira, que as labaredas saõ azas, com que á sua esfera voa.

Considerai hum terremoto, que assombra o mundo com tamanha confusaõ, que parece que o mundo se vira, e a maquina do Orbe acaba; e se lhe perguntais a causa de tamanho abalo, facilmente vos responde que tudo procede de hum pouco de ar, ou vapor incluso nas concavidades da terra; e que daquella força, e impeto, que põem para sahir em quanto naõ póde romper, nasce que a terra treme, e se abala. E se segunda vez inquiris, quem deo tanta força a hum vapor, que he fraco, e a hum pouco de ar, que he taõ leve, para mover montanhas, abalar serras, abrir penhascos, derrubar edificios, affundir Cidades, e deixar com quartaãs os montes? Quem? Responde a razaõ natural: O estar fóra do seu centro, e querer tornar para o seu ultimo fim; e para restituir-se a elle o mais fraco tem forças, se quer, sobejaõ-lhe pujanças: e naõ sendo este vapor, este ar, mais que hum suspiro leve, mas suspiro por seu centro, tem este tanta efficacia, que basta para abalar o mundo.

Considerai huma fonte, que do berço de hum penedo se arrojou a hum valle, onde as margens mais apraziveis lhe offereceraõ abraços, as flores gallas, as aves musicas, as plantas mimo, os bosques leito, as sombras toldo: vereis que como ave de neve fugindo o voa, de tudo se vai rindo, a tudo engeita correndo, naõ pára despenhando-se: e se perguntais a causa de tanta furia, de tanto desapego, de tanta pressa: vereis que naõ he outra mais que ter longe o seu centro, ter no mar o seu fim ultimo; e por isso naõ socega, antes com ancia amorosa se arroja, e se precipita ao mar, e só nelle tem descanço.

Considerai huma rocha na mayor altura, posta como coroa na cupula do edificio; ainda que pareça, que descança; porque está quieta, he certo, que alli está violentada, tendo natural appetite de tornar-se á terra, posto que seja a mais baixa: e em que se prova a violencia? Em que tirando-lhe o impedimento, com que está ligada, descerá logo voando com todo o impeto a buscar o centro. De sorte que na fonte, na pedra, no ar, no fogo, e em todas as mais creaturas achareis esta fome, e sede de seu fim ultimo.

Con-

Conſiderai ainda a agulha tocada da pedra de cevar, vereis que naõ aquieta ſenaõ no Norte. Conſiderai a herva gigante, ainda que pelos pés a tenha preza a terra, com as folhas, e com tudo quanto póde vai ſeguindo o Sol. Conſiderai a palha perto do alambre, vereis que eſquecida da terra, onde naſceo, ſe arrebata em ſeu amor. De maneira, que nas hervas, nas palhas, nas pedras, nas fontes, no ar, no rayo achamos eſte movimento para o ſeu fim ultimo: e ſendo Deos o ultimo fim do homem, ſua eſfera, ſeu ſummo Bem, e ſeu centro, vemos que faz mais extremos a palha pelo alambre, a herva pelo Sol, huma pedra pela terra, huma fonte pelo mar, hum vapor pelo ar, hum rayo pelo fogo, que huma Alma, que hum coraçaõ por Deos. Oh miſeria digna de chorar-ſe com lagrimas de ſangue!

Que fazes, Alma peccadora, que naõ morres de pezar, pois ſendo Deos para ti infinitamente mayor bem, que o alambre para a palha, que o Sol para a flor, que o Norte para a agulha, que a terra para a pedra, que o mar para a fonte, que o ar para o vapor, que o fogo para o rayo: e ſendo tu infinitamente mais vil em comparaçaõ de Deos, do que he o rayo, o vapor, a fonte, pedra, agulha, flor, e palha, em comparaçaõ do fogo, do ar, do mar, da terra, do Norte, do alambre, e do Sol, naõ tens feito nada pelo teu verdadeiro bem, tendo feito muito pelo teu verdadeiro mal? Cada hum daquelles rompe por todas as difficuldades, que ſe lhe oppõem: o peccador a cada paſſo acha huma rémora: os meſmos meyos, que lhe facilitaõ o paſſo, tem por eſtorvos, na cadèa do ſeu appetite as difficuldades augmentaõ os impoſſiveis, dobraõ os encantamentos.

Na verdade, que he paſmoſa miſeria, que fuja o amor humano do amor Divino; ſendo que por qualquer parte q̃ queira, parece que naõ póde, porque ſe, peccador, o teu amor he venal, e ſe vende por algum preço, quem o póde comprar mais caro, do que Deos, que dá por elle hum Reyno inteiro, e hum Reyno eterno? Quem o póde levar a mayor cuſto, que quem deo por elle ſangue, e vida de hum homem Deos? Se eſte teu amor ſe ha de dar de graça, quem he mais digno delle, que Deos infinitamente bom, e como tal o merece? Se por força, e violencia, quem nos faz mais força, que eſte Senhor, que nos pede eſte amor com a eſpada deſembainhada, e quaſi diſparando ſetta, dizendo: Ou me has de amar, ou com morte eterna has de perecer: *Niſi conver-*

Pſ. 7. 13. *converſi fueritis, gladium ſuum vibravit, arcum ſuum tetendit, &c.*

Peccador, para ſi te creou Deos, ſe a Deos naõ queres, por força te has de perder: querè-lo, he buſcá-lo com toda a ancia, ſervì-lo com toda a diligencia, amá-lo com toda a Alma. Rio, que naõ chega ao mar, em charco ſe converte, pouco a pouco ſe corrompe, até que na terra ſe ſóme, e em fim ſe perde. Se ao amor donde ſahiſte naõ tornas, ſe a Deos naõ corres, em charco do abyſmo te mudas, corromper te-has nos vicios, ſumir-te-has no inferno. Ou ao Ceo, ou ao inferno ſem duvida has de ir, ou de Deos, ou do demonio has de ſer. Vè o que eſcolhes: na tua liberdade tens o caminho, na reſoluçaõ o perigo, ou o remedio. Que aggravo faz Deos em deitar no inferno a quem naõ quer o Ceo? Que injuria em entregar ao demonio quem deſprezou a Deos? E a Deos, e ao Ceo ſe deſpreza pelo peccado! Se neſte te ficas, em peyor eſtado ficas, do que ſe eſtiveras ſem culpa no inferno. Se te peza de haveres deſprezado eſte ſummo Bem, e adorado o ſummo mal, humilha-te a eſte Senhor, que em toda a parte te olha, e dize muito de coraçaõ.

Meu Deos, unico bem, meu ultimo, e ſoberano fim, a quem eu tanto offendi cega, e miſeravelmente, corro-me, Senhor, envergonho-me, confundo-me, e ſummamente me affliijo de que, ſendo vós quem ſois, infinitamente bom, me atreveſſe eu viliſſimo pó, e cinza, aggravar-vos, e offender-vos. Peza-me, Senhor, doo-me muito, meu Deos, de que até pela minha pena deſprezaſſe a voſſa gloria, e pela minha perdiçaõ a voſſa bemaventurança. Pequei, fiz mal, e por tudo quanto tem o mundo proponho de naõ vos offender. Eſpero que me haveis de perdoar; porque ſe me eſperaſtes, quando aggravado, ſe me chamaſtes quando queixoſo, como naõ uſareis de miſericordia cõmigo arrependido! Nunca mais de culpa, meu Deos, morrer antes, que peccar. Tende miſericordia de mim.

DIS-

DISCURSO V.

De que maneira se oppõem o peccado a este Summo Bem, e fim ultimo.

A Este summo Bem, que he o nosso ultimo fim, se oppõem hum mal infinito, que he o peccado mortal. Póde-se sondar, e medir a profundidade do mar, a redondeza da terra, a altura dos Ceos, a grandeza do Orbe, a largura, e comprimento de todas as esferas, e vadear as estancias imaginarias, que a fantasia sonha, ou o estudo medita; mas naõ haverá entendimento humano, sabedoria Angelica, capacidade creada, que possa tocar o fundo da malicia do peccado, ou declarar quanto este mal tem de immenso, por aversso, e contrario da Magestade, e bondade de Deos, a quem he opposto.

Mas ainda que seja impossivel definî-lo, e declará-lo, necessario he segundo a humana capacidade dizer delle alguma cousa para conhecè-lo, e conhecendo o fugî-lo; pois he certo que os vicios se naõ podem evitar sem primeiro se conhecer. O enfermo, que naõ conhece a sua doença, naõ trata quanto lhe importa da sua medicina; e se he maligna a enfermidade, quanto menos se conhece do humor peccante a malicia, tanto mais se lhe impossibilita a cura. O Piloto, que naõ conheceo o baixo onde a sua náo tem dado, naõ póde evitar o naufragio, nem remediar o perigo. Assim os peccados, que saõ febres malignas da Alma, como se haõ de curar, se a sua gravidade, e malicia deixar de se conhecer? Os vicios, que saõ baixos, e riscos onde tantas Almas se perdem, como se haõ de evitar, e aborrecer, se se naõ chegarem a descobrir.

Perderaõ-se os Judeos, porque naõ conheceraõ o baixo, em que tinhaõ dado, como diz Santo Agostinho: *Si cognovissent, nunquam Dominum crucifixissent.* Perdeo-se o rico Avarento, porque naõ vio o risco sobre que estava surto. Perderaõ-se os do diluvio, e Sodoma, porque naõ conheceraõ a maldade, que tinhaõ feito, antes como cegos huns, e outros fizeraõ peçonha do seu remedio, e gloria do seu delicto. Ao contrario conheceo David o seu

pecca-

peccado, e logo deteſtou o ſeu erro: *Quoniam iniquitatem meam ego cognoſco.* Conheceo a Magdalena o ſeu engano, e logo chorou o ſeu deſatino: *Ut cognovit.* Conheceo o Prodigo a ſua perdiçaõ, e logo encaminhou os paſſos para a ſalvaçaõ.

Por eſta razaõ, ainda que deſte ſummo mal do peccado naõ poſſamos dizer tudo, alguma couſa diremos. O gigante conhece-ſe pelo dedo, o leaõ pela unha, o elefante pelo dente, a noite pela ſombra. Retrataremos aqui huma ſombra, que mais naõ ſeja: hum mundo inteiro ſe deſcobre em breve mappa, em pequena carta, arguamos pelas ſombras deſte breve debuxo, qual ſerá o original do peccado.

Cinco couſas diz o noſſo Santo Antonio que deve conſiderar o peccador para conhecer a gravidade, e malicia do peccado mortal.

Primeira, a Mageſtade, que offendeo.

Segunda, a macula, que contrahio.

Terceira, a Bondade, que deſprezou.

Quarta, a gloria, que perdeo.

Quinta, a pena, que mereceo.

Quanto á primeira, havemos de entender, que o que faz mais horrendo, e grave o peccado, e o conſtitue numa malicia infinita, he ſer injuria de Deos, e affronta da Divina Mageſtade; porque como diz Santo Thomaz o peccado tem huma malicia infinita contrahida na injuria, que fez a Deos; e a injuria tanto he mais grave, quanto a peſſoa injuriada he mais digna: ſendo pois ſobre infinita a Mageſtade de Deos, e hum bicho vil da terra o peccador, que a injuria, quem duvida que he infinita, ao menos objectivamente, eſta affronta, eſta injuria, eſta offenſa? D. Th. 3. p. q. 1. à 2.

Quem es, peccador, quem es tu, que te atreveſte peccando affrontar hum Deos omnipotente? Qual ſerá a enormidade, qual a malicia da injuria, que lhe fizeſte, quando peccaſte? Sendo pois o peccado o mayor contrario de Deos, quanto Deos por ſer infinitamente bom he amavel, o peccado por ſer infinitamente máo he aborrecivel; e aſſim como he impoſſivel amar alguem tanto a Deos, que naõ mereça ſer mais amado, aſſim he tambem impoſſivel aborrecer alguem tanto o peccado, que elle naõ mereça ſer mais aborrecido. Que o peccado ſeja injuria, e deſprezo de Deos, diz elle pelo ſeu Profeta Iſaias: Criey os peccadores, como ſe foraõ meus filhos, exaltey-os com os dotes da natureza, com os bens da ventura, e com os dons da graça, e elles Iſai. 2.

deſ-

deſprezaraõ-me com ſuas culpas, e naõ fizeraõ cazo de mim amando ſuas torpezas.

Succede eſte deſprezo de Deos, quando ao peccador o tenta o demonio para algum peccado: fazei conta que ſe põem Deos de huma parte, o demonio de outra, e fica o peccador no meyo. Deos com a ſua Ley na maõ lhe diz: Homem, vè que te criei, que te fiz Chriſtaõ, que morri por ti numa Cruz, que te mando que me ſirvas, e naõ me offendas, naõ peques, porque ſe naõ peccares, ſerás dos meus amigos, e como filho muito querido terás o Reyno eterno; olha que ſe conſentes, e me deſprezas peccando, que ſerei teu capital inimigo, que te entregarei ao demonio, e te lançarei no inferno. Da outra parte eſtá o demonio com aquelle deleite, ou goſto, com que nos tenta. E que importa, diz, que Deos naõ queira, ſe a tua liberdade ſe exercita? Es ſenhor do teu livre alvedrio, e da tua eleiçaõ, faze a do que te dá goſto, que ſó aſſim ſerás o primeiro homem do mundo, a quem nada ſe pôs diante para comer do pomo vedado. Que te diz Deos? Que te criou como filho? E que muito, ſe te tinha feito? Que te fez Chriſtaõ? Iſſo fez a muitos. Que morreo por ti? Foy geral beneficio para todos. Que te manda? Que o naõ offendas, que naõ peques, e que o ſirvas? Para que te pede o que elle póde? E ſe naõ quer poder, por te conſervar a liberdade, pecca para moſtrares que es muito ſenhor da tua vontade. Que mais te diz? Que ſe naõ peccares, ſerás dos ſeus amigos, e terás o Reyno eterno? Muitos eſtaõ no ſeu Reyno: e mais que muitos tem hoje por amigos, que o offenderaõ neſta vida com muitos, e grandes peccados. Se te atreves a hum gemido, em qualquer tempo que o deres na tua vida, te porás na ſua graça, e amizade antiga. Com que te ameaça? Com o inferno? Faze teu goſto neſte mundo, fecha os olhos ao outro: que ſe aſſim naõ fizeraõ quantos peccaraõ, ja do peccado naõ houvera fumo, mais que o que ainda levanta nos brazeiros do inferno; faze-te ſurdo ao que Deos te diz, ſe queres que os mais ſentidos te deleitem, te recreem, te agradem, ſem ſuſto, ſem ço-çobro, ſem temor, e ſem limite.

Se o peccador conſente, e ſe determina ao peccado, ſabeis que faz? Naõ ſó eſtima a Deos menos que o demonio, mas faz Deos do ſeu peccado, pois entregando-ſe totalmente ao ſeu goſto, faz delle ſeu fim ultimo, o que he proprio ſómente de Deos, e ainda que com a boca naõ diga nada, pelo que obra

he o mesmo que se differa a Deos: Nada se me dá de vós, nem temo os vossos ameaços, nem faço cazo do vosso Paraizo; naõ tenho medo do vosso inferno, hey de fazer o meu gosto, ainda que vos peze: naõ quero guardar os vossos preceitos: escolho por amigo o demonio: e que me vai em vos ter por inimigo? Alèm disto, quem pecca, quanto em si he, fere, mata, mette debaixo dos pés a Deos, como diz o Apostolo: Hebr. 6. 6. *Rursum crucifigentes sibi metipsis filium Dei, & ostentui habentes.* Folgara que Deos naõ fora bom, para que Deos o naõ castigara por máo. Quizera cortar a Deos os braços da justiça, e da omnipotencia, para que naõ pudesse castigar as suas culpas. Tomara que naõ houvera Deos no mundo, para elle viver como se fora Deos. Tomara que fora Deos cego, para que naõ vira suas offensas: que fora tonto, para que naõ entendera-as suas maldades: que Deos naõ fora eterno, para que o naõ fora seu castigo; e finalmente tomara que naõ houvera Deos, e com isto quanto em si he lhe deseja destruir o ser, o poder, e mais attributos.

Isto faz, isto diz o peccador quando pecca, ainda que naõ sayba o que diz, nem o que faz, e desta maneira despreza a Deos como Legislador, naõ querendo guardar sua Ley, despreza-o como a Senhor, naõ querendo sujeitar-se ao seu dominio, despreza-o como a Rey, rebellando-se a seu imperio, despreza-o como amigo, naõ fazendo cazo de seus beneficios, despreza-o como inimigo, mostrando que naõ teme seu poder immenso, despreza-o como Creador, virando contra elle o ser, a vida, a Alma, e quanto de Deos recebeo. Despreza-o como Redemptor, naõ fazendo estimaçaõ do sangue, que por elle derramou, a morte, que por elle padeceo. Despreza-o como ultimo fim, naõ querendo aquella Bemaventurança, que perde por huma torpeza, ou por qualquer gloria caduca. Despreza-o como pay, engeitando a herança do Ceo, e o titulo de filho. Despreza-o como Juiz, naõ temendo a terrivel sentença, que o ha de lançar no inferno. Despreza-o como Deos, pois sendo o peccado unico mal, que se póde fazer a Deos, sem embargo de sabè-lo, pecca. Despreza a infinita misericordia, valendo-se da esperança, de que Deos lhe ha de perdoar, para mais soltamente offendè-lo. Despreza a immensa bondade de Deos, tomando por occasiaõ de seu máo estado a experiencia, que tem de que Deos he infinitamente bom. Despreza a sua presença, pois

na

na cara de Deos, que a tudo está presente, commette sem pejo as culpas. Despreza a sua Omnipotencia, pois naõ podendo fazer se nada sem q̃ Deos concorra, faz que concorra Deos, como Author da natureza, em todas as suas obras, para que delle se sirva na offensa do mesmo Deos. Despreza a sua Sabedoria; pois naõ se lhe dá que saiba Deos a sua torpeza, sendo de Deos affronta Despreza a sua Justiça, peccando depois de tantos exemplos da Divina vingança. Despreza a sua providencia, pervertendo a ordem, e o fim, a que ella se encaminha. Finalmente despreza todos os attributos, e perfeiçoens de Deos, pois contra todos pecca. Despreza os beneficios da natureza, os dons da graça, os bens da Gloria, o Sangue de Christo, o remedio dos Sacramentos, as inspiraçoens, os auxilios; e de tudo faz armas contra a bondade Divina: sendo tantos os modos da malicia, quantos saõ os favores da immensa misericordia, e as esperas da Divina paciencia.

E porque bem despreza isto? Por hum gosto, que he torpeza, por hum capricho, que he vaidade, por hum ponto de honra, que he ar, por hum intereſſe, que he terra, por hum appetite, que he fogo, por huma gloria, que he fumo, por huma felicidade, que he vento, por huma estimaçaõ, que he sonho, e por tudo mais, que he nada em comparaçaõ de Deos, sem se lhe dar das pensoens, com que abraça o seu peccado, que saõ ser inimigo de Deos, escravo do demonio, desherdado do Ceo, e condenado ao inferno. Eis-aqui Deos deixado pelo demonio, Christo posposto a Barrabás, o Manná do Ceo deixado pelas cebolas de Egypto, e finalmente Deos desprezado por hum vil motivo, e quanto he mais vil o motivo, tanto mayor o aggravo, quanto mais vil a pessoa, que aggravou, mayor a injuria da pessoa, que se offendeo: e sendo Deos huma Magestade infinita, eis-aqui hũ breve debuxo da infinidade da offensa.

Se desprezareis o ouro pelo cobre, os diamantes por vidros, o Sol pela sombra, a perola pela concha, as rosas pelos espinhos, e as thriagas pelos venenos, e se tivera entendimento essa thriaga, essa flor, essa perola, esse Sol, esse diamante, esse ouro, quanto se offendera deste desprezo, pois o deixaveis por huma cousa taõ vil? He certo, que quanto fora o ouro mais puro, o diamante mais fino, o Sol mais claro, a perola mais preciosa, a rosa mais fragrante, a thriaga mais excellente; mais havia de sentir o desprezo, que

se lhe fazia por hum cobre grosseiro, por hum vidro quebradiço, por huma sombra fea, por huma concha tosca, por hum espinho duro, por hum veneno damnoso, e contrario á vida.

Que será pois a offensa, que se faz a Deos, indo da creatura a Deos huma distancia infinita, e deixando pelo cobre dos bens terrenos o ouro dos thesouros Divinos? Pelo vidro quebradiço de quanto tem o seculo, o diamante eterno da gloria, que se ha de gozar no Ceo? Pela sombra fea, e vãa das felicidades da vida, o Sol immortal da mayor felicidade da Alma? Pela concha tosca de qualquer gloria terrena, a perola preciosa da Bemaventurança? Pelo espinho, ou pico pungente de qualquer belleza caduca, a flor de formosura eterna? Pelo veneno mortal de qualquer mortal peccado, a thriaga da graça, e misericordia infinita? Oh Bondade infinita, quem nunca te houvera offendido! Oh maldade minha, quem nunca te houvera entendido!

Pasmai-vos Ceos, admirai-vos Serafins, assombrai-vos Anjos, sirva de espanto aos elementos, e a todas as creaturas, o que com os homens me succedeo. E que foy, Senhor? E que cazo he esse, meu Deos, para conciliar os espantos, e persuadir os assombros? Sabeis que? Diz o Senhor pelo seu Profeta Jeremias: Deixarão me os homens a mim, sendo seu Creador, por huma vil creatura; desprezarão os peccadores a fonte da vida pelas cisternas da morte: desprezarão as agoas do Ceo pelo lodo da terra, a gloria pela culpa, o Ceo pelo mundo, a Deos pelo demonio. Oh miseria! Oh espanto! Oh perdiçaõ do mundo! *Obstupescite Cæli super hoc, & portæ ejus desolamini, dicit Dominus. Duo enim mala fecit populus meus: me dereliquerunt fontem aquæ vivæ, &c.* Jerem. 2. 12.

Pelo Profeta Isaias faz Deos os mesmos espantos, dizendo: Ouvi Ceos, ouvi terra, ouvi mar, ouvi fogo, ouvi penhascos, ouvi montes, ouvi brutos, ouvi elementos, vesti-vos de entendimento, de olhos, e de ouvidos, de admiraçoens, e de assombros, e sede testimunhas de que os homens, a quem criei como filhos, escolhi como herdeiros, redemi com meu sangue, dotei com tantos beneficios, e prometti eternos thesouros, esses saõ os que me desprezaõ, me aggravaõ, e me injuriaõ: *Audite Cæli, & auribus percipe terra, quoniam Dominus locutus est. Filios enutrivi, & exaltavi: ipsi verò spreverunt me.* Isai. 1. 2.

Os homens, que ás vezes se naõ atrevem a desprezar outros homens,

homens, eſtes me deſprezaraõ. Oh prodigio de ingratidaõ! Oh non plus ultra de malicia! Que fazeis Ceos, que naõ diſparais infernos! Que fazeis fogo, que naõ vos desfazeis em rayos? Em que vos detendes ar, que naõ fulminais coriſcos? Em que vos occupais terra, que naõ vibrais terremotos? Que fazeis mar, que naõ repetis diluvios? Mas quem vos detem a furia, quem vos ſuſpende a ira, quem vos enfrea a colera para naõ tomar vingança do peccador, pois iſto deſeja cada creatura, quando o peccador pecca: *Omnis creatura ingemiſcit, & parturit uſque adhuc*? Quem ha de ſer, Ceos, ſenaõ a bondade, e miſericordia de Deos, que a quem pudera caſtigar, e lançar no inferno logo que commetteo hũ peccado, dá tempo de penitencia, para que arrependido da culpa entre no Paraiſo? Quem, ſenaõ o Filho de Deos, que, como na Cruz, pede a ſeu Eterno Pay: Padre meu, naõ vibreis os rayos, embainhai os coriſcos; eſtes peccadores ſaõ neſcios, andaõ cegos, naõ ſabem o que fazem: derramei por elles eſte ſangue, dei por elles a vida, perdoai-lhes, e tende miſericordia delles.

Rom. 8. 22.

Luc. 23. 34.

O' peccador, ſe naõ es mais duro que os marmores, mais inſenſivel que os troncos, mais groſſeiro que os brutos, mais cruel que as féras, ouve, compunge-te, magoa-te com eſtas vozes de Deos, reſponde a cada queixa: hum ſuſpiro ſeja cada voz, a compunçaõ hum ecco, e dize de coraçaõ: Meu Senhor Jeſu Chriſto, pequei, fiz mal na cara dos Ceos, e da terra, naõ ſou digno da luz, que vejo, do Ceo, que olho, do ar, que bebo, da terra que pizo; antes ſou merecedor que o Ceo diſpare ſettas, que o fogo fulmine rayos, que o ar vibre coriſcos, que a terra ſe abra em ſepulchros, e que cada creatura voſſa ſeja huma arma contra mim: naõ devo chamar-me filho voſſo, pois voluntariamente com meu peccado me fiz da perdiçaõ eſcravo, e do demonio ſervo: ainda aſſim, meu Deos, e Senhor, quanto deſconfio de mim, tanto eſpero de voſſa bondade immenſa; porque todas as razoens, que me movem a vos amar, a eſperar em vós me movem. Porque naõ terei eu eſta eſperança em hum Deos infinitamente benigno, ſe tanto padeceſtes no mundo por fazer-me bem, e bemaventurado? Em quem confiarei com mayor razaõ, que em quem tanto me ama, que ſe entregou á morte, porque eu tiveſſe eterna vida? Em quem terei mais certo o meu remedio, que em quem por fazer-me participante de ſeus bens, ſe fez participante

de meus males? Como me negará o remedio, quando ja lhe naõ cuſta nada, quem me remio a tanto cuſto ſeu? Como fugirá de quem o buſca, quem buſcou por tantos caminhos a quem lhe fugia tanto? Se pois, meu Deos, atégora vos naõ dedignaſtes de me ſoffrer, peço-vos por voſſa Morte, e Paixaõ, que tenhais por bem o favor de me perdoar.

DISCURSO VI.

Trata-ſe do ſegundo effeito do peccado, que he a macula, que deixa na Alma.

O Segundo damno, que faz em huma Alma eſte furioſo rayo, eſta peçonha do inferno, he pôr na Alma huma mancha, e nodoa, a que os Theologos chamaõ macula do peccado: porque aſſim como qualquer couſa alva, e limpa chegando ao lodo, fica perdendo a ſua limpeza, e candura; aſſim a Alma, que pecca, pelo ajuntamento com o bem temporal, que he como lodo, fica perdendo a ſua formoſura, a alvura, e candidez da graça: fica desluſtrada, fea, e aſcoroſa. He o peccado mortal, como o rayo, mata, e chamuſca. He como podridaõ do pomo, que põem nodoa tanto que entra; e nodoa, e mancha tamanha, que naõ baſtariaõ a tirá-la todos os homens do mundo, ainda que fizeſſem hum taõ grande monte de lagrimas, que chegaſſe da terra ao Ceo Empyreo: nem o fogo, pois naõ baſta o fogo do inferno: nem a agoa, pois naõ baſtou o diluvio: ſó baſtou para a tirar o Sangue de meu Senhor Jeſu Chriſto: *Livore ejus ſanati ſumus.*

D. Th. 1.2.q. 86.

Aqui parou a penna do Veneravel Padre, naõ ſem magoa de que paraſſe: porque ſe o ſeu eſcrever he eſpalhar flores, o voſſo ler he recolher precioſidades; mas porque entre os fragmentos dos ſeus apontados achei hum principio do Memorial do Eſpirito, que conduz para o fim ultimo, com eſte principio rematarei eſte Tratado, e Diſcurſo.

Memorial do Eſpirito para Almas Religioſas.

O Fim, para que naſcemos, e para que foy creada toda a racional creatura, he para contemplar, amar, e gozar a Deos,

Deos, que he ſómente o noſſo unico, e ſummo Bem, e o noſſo ultimo fim; para quem devemos tornar com amoroſo impeto, e fervoroſo influxo, aſſim como tornaõ para o mar os rios, que do mar naſceraõ, e como ſe unem com o Sol os rayos, que do Sol para a terra ſahiraõ. Quem nos une a eſte centro, e ultimo fim, e bem noſſo, he huma ardente, pura, e nua caridade; com a qual tanto mais nos chegamos, e unimos a Deos, quanto mais nos apartamos de nós meſmos, iſto he, de noſſa propria vontade.

Eſte puro amor de Deos conſiſte eſſencialmente em guardar á riſca os Mandamentos da Ley Divina, os conſelhos de noſſo Senhor Jeſu Chriſto, as obrigaçoens do noſſo eſtado, e em huma inteira, e perfeita mortificaçaõ da vontade, e natureza. E tudo iſto ſe ha de fazer, naõ por nos livrar do inferno, ou por alcançar o Ceo, ſe naõ puramente pór contentar a Deos, e fazer ſua Divina vontade; e quanto diſto temos nos exercicios do eſpirito, tanto temos de amor de Deos, e naõ mais.

Deſte puro amor de Deos naſcem quatro filhos. O primeiro he hum grandiſſimo deſprezo, naõ ſó do mundo, e ſeus bens, mas ainda de ſi meſmo. O ſegundo he huma total negaçaõ do proprio appetite, e vontade. O terceiro huma indifferença, com que a Alma eſteja apparelhada para receber goſtoſamente todo o bem, ou mal, que lhe vier das maõs da Divina Providencia. O quarto huma conformidade taõ grande com tudo o que a Deos contenta, que do ſeu goſto, e do noſſo ſe faça huma ſó vontade, unindo-nos por amor com elle em hum ſó eſpirito.

Quanto ao primeiro, que he deſprezo de ſi meſmo, devemos entender, que ninguem póde alcançar a perfeiçaõ Chriſtãa ſem elle. Quanto ao ſegundo, que he negaçaõ de toda a propria vontade, ſummamente temos neceſſidade della para nos deſpir das paixoens, affeiçoens, inclinaçoens, e appetites naturaes, que ſaõ laços, e cadèas da liberdade do eſpirito. Eſta he huma morte eſpiritual de toda a ſenſualidade: huma victoria de nós meſmos, com que nós fazemos ſenhores de nós para poder livremente ſujeitar os appetites á razaõ, e a razaõ a Deos. Quanto ao terceiro, que he a indifferença, iſto he, huma entrega do animo ſem eſcolha alguma para quanto Deos quizer, he a melhor diſpoſiçaõ, que póde haver numa Alma para a uniaõ com Deos, porque nella ſe moſtra, que o noſſo deſejo he o Divino beneplacito, a noſſa vontade naõ ter nenhuma, o

noſſo goſto, o que contentar, e agradar em tudo a Divina Mageſtade. Quanto ao quarto, que he a conformidade com a vontade de Deos, he o derradeiro officio da caridade, que com ella ja vive unida, e transformada deſorte, que, toda ſe abſorbe, e transfunde na vontade de Deos, naõ ficando raſto na creatura de ſua propria vontade. Eſta faz com que huma creatura ja naõ viva em ſi, nem ſinta em ſi, mais que a Deos, ſentindo-ſe deſatada, e livre de toda a creatura, e de ſi meſma.

Por tres vias ſe alcança eſte perfeito amor: via Purgativa, Illuminativa, e Unitiva. Nos principiantes ſerve a via Purgativa para alimpar a Alma: e o primeiro paſſo deſta he hum grande odio aos peccados; porque naõ baſta, como diz Santo Thomaz, chorar, e doer dos peccados por algum damno temporal, ou eterno, que delles nos póde vir: he neceſſario ter-lhe tamanho odio, que claramente os cheguemos a aborrecer: e a razaõ he; porque aſſim como o verdadeiro amor na conſideraçaõ do que ama páre alegria, e deleite: aſſim o verdadeiro odio, quando cuida no que aborrece, páre enfadamento, e triſteza.

O ſegundo paſſo he aborrecimento, e faſtio do mundo, conſiderando a condiçaõ da miſeria humana, a brevidade da vida, a certeza, e incerteza da morte, as terribilidades do dia do Juizo, as penas do inferno, os deſejos da vida eterna; de que ſe ſegue o eſtado do pranto, o amor da penitencia, o propoſito da emenda, a confiſſaõ geral das culpas, a ſatisfaçaõ das obras, o pelejar com os vicios, até deſpir, e extirpar todos os máos habitos, que eſtavaõ pegados á Alma pelo máo coſtume do amor, e vontade propria.

Nos aproveitados ſerve a via Illuminativa para exercitar todas as virtudes: como quem ſemea a terra, que eſtá ja lavrada, plantando nella todas as virtudes, que deve aprender de noſſo Senhor Jeſu Chriſto, principalmente a ſanta humildade, que he alicerce, e fundamento da vida eſpiritual, ſem a qual fica como armada no ar toda a maquina das virtudes. Humildade he hum perfeito conhecimento da propria miſeria, fraqueza, e incapacidade, com a qual nada ſe attribue a ſi, ſenaõ a Deos: antes tendo-ſe em conta da mais ruim, e deſaproveitada Alma, tudo o que he máo ſe attribue a ſi, tendo-ſe por indigna dos dons, que Sua Divina Mageſtade em vaõ emprega nella; e tendo para ſi, ſem duvida, que todas as obras bõas que faz, as recebe da miſericordia de

de Deos, até o jejum, a diciplina, o silencio, o retiro, e as outras obras, que parecem filhas da sua emenda, e resolução. Cuidará de si no mal, e não no bem: dos outros todos no bem, e não no mal, e como vaso perdido, e cheyo de immundicias se porá nas mãos de Deos, para que elle o alimpe, e lave como for servido.

Bom exercicio he para esta virtude a consideração do nada, que foy quanto á natureza, do nada, que foy, e do nada, que tem de seu, em quanto está em culpa; porq̃ estando sem Deos, tudo o mais em sua comparação he nada: do nada, que tem da graça, ainda que nella viva, pois de Deos he toda: do nada, que tem da gloria, e do nada, que terá se for ás eternas penas. E desta consideração tirará para as tentaçoens este conselho: Eu por mim sou nada, e o nada nada quer, nada póde, nada merece, nada tem, nada o póde vencer, nada o póde tentar, e finalmente para mim nada mais, que Deos. He mui util esta consideração.

Desta virtude nos devemos levantar ao exercicio da caridade, e do amor do Proximo, amando a todos por amor de Deos, como se os viramos mettidos dentro do costado de Christo Senhor nosso; e entendendo, que como cousa sua os ha de salvar, pois por elles veyo a morrer: rogando por bons, e máos a Deos, e offerecendo pelos peyores a Sua Divina Magestade nossas lagrimas, penitencias, e oraçoens, quando soubermos de suas miserias: em todos, ou sejaõ parentes, ou amigos, ou inimigos, não aborrecerei mais, que os vicios, não amarei nada mais que a Deos, e o que he de Deos; isto he a graça, e virtudes.

Depois passaremos a imprimir em nós com toda a resolução a virtude da paciencia, que he a sciencia dos Santos: a santa Oração, que he a escada dos Justos, sem a qual não ha cõmunicação com Deos: a desconfiança de si junta com a confiança na Providencia Divina: a temperança, o retiro, o silencio, e a guarda estreita dos sentidos interiores, e exteriores, e todas as demais virtudes; entendendo, que o perfeito aproveitamẽto da vida não consiste tanto em cuidar altas cousas da Divindade, como em imitar, amar, e seguir a crucificada Humanidade de nosso Senhor Jesu Christo, que não só serve de espelho para nossas Almas, mas para exemplar, e molde de nossas vidas; pois daquelle santissimo Original havemos de tirar as tintas, com que nos façamos seu retrato. Para isto deve a verdadeira Religio-

ligiosa guardar seus votos com tanta perfeiçaõ, que naõ faça mais, que o que fizera Christo: naõ cuide o que este Senhor naõ cuidara, naõ diga o que este Senhor naõ dissera.

Quanto ao voto da Obediencia, naõ só com a vontade, mas com o entendimento esteja tam prompta para obedecer, e sujeitar se á vontade dos Prelados, e Padre espiritual, como a sombra ao movimento do corpo, está prompta para se mover. Seja como livro posto nas maõs de seu dono, que se o quer abrir, abre-o, se fechar, fecha-o, se dobrar, dobra-o, se pô lo a hum canto, ahi se deixa pôr. Esta virtude he o fundamento da Religiaõ: he filha do amor de Deos, e da verdadeira humildade. Quem a naõ tem, saiba que qualquer desobediencia he filha da soberba, e do amor proprio, e só de taõ ruins pays póde nascer taõ má filha.

A Religiosa, que chegasse a fazer milagres, e resuscitar mortos, se faltasse á obediencia da Ley de Deos, ou de seus Prelados, seria peyor que infiel, diz S. Francisco de Sales, porque a santidade naõ consiste em fazer milagres: o Anti-Christo ha de fazè-los: consiste na verdadeira, e cega obediencia do puro amor de Deos a seus Mandamentos, e vontade dos Prelados, como naõ seja contraria á Ley Divina, ou Regra da Religiaõ.

Melhor he por obediencia comer, que sem obediencia açoutar. A desobediencia perdeo o Paraiso, e o Ceo: e Christo Senhor nosso reformou o mundo com a obediencia. Muitos ha, que escolhem suas devoçoens, e penitencias, e fazem sua vontade, medindo-a com a de Deos; estes naõ sabem ainda o A,B,C, do espirito, pois ainda se naõ entregaraõ a Mestre, que os começasse a ensinar atando-lhes a vontade. Se ós levaõ por caminho de que naõ gostaõ, daõ tudo por perdido, tendo para si, que só vaõ errados guiando-se por entendimento alheyo: ainda naõ chegaraõ a conhecer, que a primeira cousa, de que se haõ de despir, he de sua escolha, e uso do parecer, e vontade propria. A S. Paulo, sendo hum dos mayores entendimentos, perguntando a Deos, que queria que fizesse, respondeo o Senhor: Vay, e governa-te por Ananias. Ninguem, posto que seja Medico, se cura bem da propria enfermidade, acerta entregando-se ainda a peyores Medicos. Act. 9: 7.

He engano cuidar que a penitencia, ou a Oraçaõ vos póde aperfeiçoar sem a obediencia; esta he a virtude do Esposo mais estimada, em a qual, pela qual, e para a qual quiz morrer. Muitos

tos Religioſos foraõ Santos ſem Oraçaõ mental, ſem obediencia nenhum.

Deos declara ſua vontade por meyo da Obediencia: haveis de ter hum coraçaõ de menino, a vontade de cera, o eſpirito nú de qualquer affeiçaõ, juizo, ou goſto voſſo, ainda que ſeja de eſpirito. Fiai-vos de Deos, ſe por ſeu amor fazeis, ou o que naõ quereis, ou o que naõ entendeis. A's eſcuras por baixo da terra ſe chega á mina. Com olhos fechados vio Jacob a eſcada, e caminho do Ceo.

LAUS DEO.

13

12